

SÍLVIA ESTER ORRÚ

Mulheres

EM ÁGUAS

DE PIRATAS

vozes insurgentes da América Latina, África
e Ásia em luta contra o patriarcado



DIALÉTICA
EDITORA

Mulheres

EM ÁGUAS

DE PIRATAS

CONSELHO EDITORIAL



Alexandre G. M. F. de Moraes Bahia
André Luís Vieira Elói
Antonino Manuel de Almeida Pereira
António Miguel Simões Caceiro
Bruno Camilloto Arantes
Bruno de Almeida Oliveira
Bruno Valverde Chahaira
Catarina Raposo Dias Carneiro
Christiane Costa Assis
Cíntia Borges Ferreira Leal
Eduardo Siqueira Costa Neto
Elias Rocha Gonçalves
Evandro Marcelo dos Santos
Everaldo dos Santos Mendes
Fabiani Gai Frantz
Flávia Siqueira Cambraia
Frederico Menezes Breyner
Frederico Perini Muniz
Giuliano Carlo Rainatto
Helena Maria Ferreira
Izabel Rigo Portocarrero
Jamil Alexandre Ayach Anache
Jean George Farias do Nascimento
Jorge Douglas Price
José Carlos Trinca Zanetti
Jose Luiz Quadros de Magalhaes
Josiel de Alencar Guedes
Juvenio Borges Silva
Konradin Metze
Laura Dutra de Abreu
Leonardo Avelar Guimarães
Lidiane Mauricio dos Reis
Ligia Barroso Fabri

Lívia Malacarne Pinheiro Rosalem
Luciana Molina Queiroz
Luiz Carlos de Souza Auricchio
Marcelo Campos Galuppo
Marco Aurélio Nascimento Amado
Marcos André Moura Dias
Marcos Antonio Tedeschi
Marcos Pereira dos Santos
Marcos Vinício Chein Feres
Maria Walkiria de Faro C Guedes Cabral
Marilene Gomes Durães
Mateus de Moura Ferreira
Milena de Cássia Rocha
Mortimer N. S. Sellers
Nígela Rodrigues Carvalho
Paula Ferreira Franco
Pilar Coutinho
Rafael Alem Mello Ferreira
Rafael Vieira Figueiredo Sapucaia
Rayane Araújo
Regilson Maciel Borges
Régis Willyan da Silva Andrade
Renata Furtado de Barros
Renildo Rossi Junior
Rita de Cássia Padula Alves Vieira
Robson Jorge de Araújo
Rogério Luiz Nery da Silva
Romeu Paulo Martins Silva
Ronaldo de Oliveira Batista
Sylvana Lima Teixeira
Vanessa Pelerigo
Vitor Amaral Medrado
Wagner de Jesus Pinto

SÍLVIA ESTER ORRÚ

Mulheres

EM ÁGUAS

DE PIRATAS

vozes insurgentes da América Latina, África
e Ásia em luta contra o patriarcado



DIALÉTICA
EDITORA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Copyright © 2023 by Editora Dialética Ltda.

Copyright © 2023 by Sílvia Ester Orrú.



DIALÉTICA
EDITORA

 /editoradialetica

 @editoradialetica

www.editoradialetica.com

EQUIPE EDITORIAL

Editores

Profa. Dra. Milena de Cássia de Rocha

Prof. Dr. Rafael Alem Mello Ferreira

Prof. Dr. Tiago Aroeira

Prof. Dr. Vitor Amaral Medrado

Designer Responsável

Daniela Malacco

Produtora Editorial

Yasmim Amador

Controle de Qualidade

Marina Itano

Capa

Clara Lima

Diagramação

Clara Lima

Preparação de Texto

Nathália Sôster

Revisão

Responsabilidade do autor

Assistentes Editoriais

Jean Farias

Ludmila Azevedo Pena

Rafael Herculano de Andrade

Thaynara Rezende

Estagiários

Diego Sales

Laís Silva Cordeiro

Maria Cristiny Ruiz



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O75m Orrú, Sílvia Ester.

Mulheres em águas de piratas : vozes insurgentes da América Latina, África e Ásia em luta contra o patriarcado / Sílvia Ester Orrú. – São Paulo : Editora Dialética, 2023.
728 p.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-252-7984-8

1. Mulheres. 2. Patriarcado. 3. Feminismo. I. Título.

CDD-305.42

*Com amor para
as Meninas e as Mulheres da América Latina, África e Ásia.*

GRATIDÃO



Aos 10 anos de idade, aprendi com minha mãe, Marlene Orrú, que a gratidão era algo imprescindível para o experimentar de uma vida mais feliz, mais justa, mais empática, menos egoísta e fútil. Neste estilo de vida que busco cultivar, expresso a minha mais sincera gratidão:

Aos meus pais, Marlene e Gervásio Orrú (in memoriam), que me amaram e me educaram para que eu trilhasse com autonomia e protagonismo o meu próprio caminho, oferecendo-me os mais preciosos valores de amor, equidade e justiça social, os quais levarei comigo até me despedir desse corpo;

Ao meu amor, Ricardo Leyva, meu companheiro de caminhada, por cada mimo e cuidado para comigo e com nosso filho, Jean Ricardo, meu amorzinho. Pelo apoio incondicional e imensa compreensão pelos longos períodos de ausência para que este livro pudesse ser tecido;

À Perol Souza pela preciosidade da nossa amizade. Que delícia ter você na minha vida!

Para Adriana Lopes por me acolher e se fazer presente com sua escura sensível neste percurso da minha travessia, às vezes, tão empolgante, outras, tão dolorido. Minha eterna gratidão!

Para Ana Luiza de França Sá, mais que uma amiga, uma companheira no processo de construção dessa obra. Sem sua presença nas entrevistas em língua inglesa, essas histórias não seriam narradas. Obrigada, Ana!

Minha gratidão inexprimível a cada uma das Mulheres que, generosamente, compartilhou um (re)corte de sua vida comigo, protagonizando um legado de luta, de resistência, de resiliência, de (re)existência, de (re)invenção contra o sistema patriarcal, sobretudo, construindo uma herança de amor e empoderamento feminino às meninas e às mulheres do Agora e do Amanhã.

À Vida!

Sílvia Ester Orrú

Outono/2023

SUMÁRIO



MULHERES EM ÁGUAS DE PIRATAS	13
ÁGUAS DE PIRATAS: O CENÁRIO	19
RESISTÊNCIA OPERÁRIA <i>(Luzanira Silva, Brasil)</i>	25
MERCADO DE CARNE <i>(Marcela, Espanha)</i>	55
A PRAGA <i>(Sílvia Ester Orrú, Brasil)</i>	77
SANGUMA <i>(Miriam Wrakonei, Papua Nova Guiné)</i>	93
O TAMANHO DA DESIGUALDADE <i>(Natalha Nascimento, Brasil)</i>	109
SEQUESTRO DA HUMANIDADE <i>(Joana Cruz, Moçambique)</i>	129
SILÊNCIO NÃO RESOLVE PROBLEMAS <i>(Zoya Rouhana, Líbano)</i>	143
UMA AURORA PARA ABRAÇAR <i>(Braulina Aurora, Brasil)</i>	165
E O LIXO DO SEU NATAL? <i>(Ana, Brasil)</i>	191

TESTILHA COM-PAIXÃO	201
<i>(Jojo Guan, Filipinas)</i>	
A DOR APÁTRIDA	217
<i>(Tasmida Johar, Myanmar)</i>	
MEU CORPO É VITÓRIA!	233
<i>(Fatumata Baldê, Guiné-Bissau)</i>	
EL CAFÉ QUE TE CONTÉ	269
<i>(Edith Patiño, Colômbia)</i>	
DES-LOCADAS DE CASA, REFUGIADAS NA ESPERANÇA	293
<i>(Zohre Esmaeli, Afeganistão)</i>	
NÃO TENHA MEDO DE DIZER “NÃO”	323
<i>(Zehra Doğan, Curdistão)</i>	
UMA VOZ INSURGENTE	347
<i>(Shilpa Raj, Índia)</i>	
UM SONHO DE JUSTIÇA E PAZ	371
<i>(Esperanza, Colômbia)</i>	
A VEREDA DAS ESTRELAS	399
<i>(Iraima Montilla, Venezuela)</i>	
O CUME DAS DORES	425
<i>(Bhima Rai, Nepal)</i>	
SER MULHER É LUTAR!	445
<i>(Rosária, Cabo Verde; Vera, São Tomé e Príncipe; Judite, Timor-Leste)</i>	
MORTE DIGNA	483
<i>(Ana Estrada, Peru)</i>	

A CANOA DE UBUNTU	499
<i>(Nduduzo Siba, África do Sul)</i>	
CORPOS INSURGENTES EM ÁGUAS DE PIRATAS	529
<i>(Andrea e Bárbara, El Salvador)</i>	
MULHERES EM MARCHA	563
<i>(Pascuala Ilabaca, Chile)</i>	
MASCULINIDADE ÁCIDA	589
<i>(Luisa Cortés, México)</i>	
NAKBA	613
<i>(Soraya Misleh, Palestina)</i>	
BOM VOO!	645
<i>(Marcella Uchoa, Brasil)</i>	
REFERÊNCIAS	687

MULHERES EM ÁGUAS DE PIRATAS

Vozes insurgentes da América Latina, África
e Ásia em luta contra o patriarcado

*Não é o sangue que te faz minha irmã é a compreensão do
meu coração embora você o carregue no seu corpo*

(Rupi Kaur, 2017, p. 235).

O Desejo de tecer este livro se fecundou em mim no último semestre de 2019 após a escrita da obra “A Inclusão Menor e o Paradigma da Distorção”, lançada em 2021. Eu desejava ter abordado as questões sobre os direitos das mulheres e sobre a opressão machista e patriarcal com mais ênfase naquele livro como desdobramentos do paradigma da distorção. No entanto, em razão de sua extensividade, o ponto final se fazia necessário. Assim, decidi que escreveria um outro livro dedicado às questões das meninas e das mulheres.

Águas de Piratas surge como alegoria de um lugar onde a (in) suficiência¹ de leis para a proteção e o respeito ao próximo deriva todas as formas de barbarismo e impunidade. Nestas águas de ninguém há o transbordamento de um vazio jurídico cujas correntezas carregam e submergem aqueles que ali são apanhados e tornados vítimas e reféns

1 Na dinâmica da escrita optei por destacar o prefixo “re” (designativo de repetição, do eterno retorno). Quando as palavras estiverem acolhidas por parênteses, a indicação é de mais de uma possibilidade de leitura e interpretação. Por exemplo: (re) construir, que diz respeito a construir, bem como a reconstruir no sentido de fazer de novo, de repetir a ação. No termo (in)verdade, a leitura abarca a impossibilidade de haver verdades e não-verdades absolutas; em (des)consolo, indica o consolo e o desconsoo como possibilidades de leitura e interpretação.

das mais inimagináveis cruezas des-humanas². Sob este plano simbólico, o patriarcado enquanto sistema estrutural das sociedades são como as águas sem leis e os piratas são os homens que se des-humanizaram ao longo de suas vidas de maneira a manter e perpetuar a opressão machista e a violência de gênero sobre a vida de milhares e milhares de meninas e mulheres por toda a parte.

Para dar corpo à escrita, entrevistei Mulheres de países da América Latina, da África e da Ásia. Elas são as Vozes de denúncia contra a opressão machista e patriarcal que atravessa seus corpos, bem como a vida de outras mulheres de seu povo, evidenciando que apesar de se encontrarem em territórios, culturas e classes sociais distintas, os tentáculos do patriarcado são longos o suficiente para as afligir, cada uma a sua maneira, a depender do quão incivilizado e hostil sejam os regimes e os sistemas de governança.

Este não é um livro de apologia contrária as religiões, em absoluto. Não é um manifesto de ódio contra os homens e não é uma leitura restrita às mulheres. No entanto, desventuradamente, é preciso dizer que as religiões, quando tomadas por fanáticos e energúmenos, tornam-se instrumentos tenebrosos de coisificação, silenciamento, violência, aniquilação, subalternização e até extermínio de mulheres. Nas águas de piratas, o fanatismo político-religioso é uma prancha cruel e feminicida que precisa ser quebrada e destruída.

É preciso compreender que a história foi escrita pelos homens e permanece sendo, majoritariamente, proclamada, ponderada, averiguada, controlada, dominada, legitimada e legalizada por eles. Sob este prisma, a mulher é colocada em um lugar fixo de objeto analisável, passível

2 Optei por destacar algumas palavras a partir do uso de hífen como modo de evidenciar um processo em curso, de forma que a palavra não seja abstraída pelo leitor de modo imediatista, fixo e absoluto, desconectado dos processos históricos e suas consequências. A exemplo: des-humano, onde o hífen chama a atenção para o processo gradativo de se embrutecer e, paulatinamente, perder sua humanidade, ou seja, distanciar-se dos atributos da compaixão, da generosidade, da benevolência que constituem um ser humano, tomado de humanidade para com seu semelhante. Des-abrigar, des-cortinar, dentre outras tantas palavras que a partir do hífen, tem o propósito de instigar o leitor a interpretar o acontecimento enquanto processo.

de subestimação e subserviência aos interesses patriarcais, pois tudo o que foi determinado como sacro e profano, bem como tudo o que foi nominado ou registrado para ser ensinado às gerações, foi escrito pelos homens, inclusive, o que foi lavrado sobre as mulheres e seus corpos, foi anatomizado por eles. Sem possibilidades de ascender a outros espaços e condições de destaque que por séculos foram destinadas apenas aos homens, inúmeras mulheres pagaram com a própria vida a audácia de enfrentarem a opressão machista ao longo da história da humanidade.

Por meio das Vozes das Mulheres que compõem essa obra e no cenário da pandemia de Covid19, problematizo os problemas e os acontecimentos históricos que se alinharam para o apagamento e o silenciamento das mulheres na cultura e na sociedade como protagonistas de suas próprias histórias de maneira a subalternizá-las em todos os espaços e contextos sociais.

Em muitos momentos me senti profundamente triste em mergulhar nestas águas submundas da violência machista e patriarcal, em tomar ciência de quanta atrocidade hedionda ainda tem sido realizada e validada por machos que, um dia, foram amamentados pelos seios de uma mulher, a exemplo: violências físicas, morais, psicológicas, legais e patrimoniais, abuso sexual, estupro corretivos, mutilação genital feminina, casamento precoce, exploração sexual e tráfico, restrições de acesso à educação e a uma vida digna, racismo, feminicídio, e distintas formas de *apartheid* e violência de gênero, preconceito e discriminação misógina.

(Re)visitar a história a partir do olhar e das Vozes das Mulheres é compreender que elas arrastam consigo as vozes e as histórias de outras gerações para além da perspectiva histórica, restrita ao conteúdo e ao discurso do masculino. Elas ecoam um pensamento contemporâneo e de potência transformadora da sociedade, da Humanidade.

Faz pouco tempo que as Mulheres passaram a ocupar a escrita para o (re)conto da história a partir de suas próprias lentes, a problematizar e a (re)significar tudo o que os homens disseram sobre elas e por elas. A ocupação desse espaço social discursivo não se deu de um modo

tranquilo e natural. A revés, tem sido em meio a árduos embates que as Mulheres têm construído suas representatividades e se apoderado de seus lugares de fala. A tecitura de poemas tem sido uma das formas de resistência das Mulheres contra a opressão machista, assim, com muito amor e respeito por suas dores, lutas e conquistas, acolhi em cada capítulo poesias de Mulheres contrerrâneas daquelas que entrevistei.

Ainda que hoje tenhamos um número maior de escritoras nos mais diversos gêneros literários, inclusive no acadêmico, é grande o desafio para que essa literatura feminina chegue a todos os espaços, também para que componha a bibliografia dos programas de ensino das escolas e das universidades, para que uma outra perspectiva histórica e de vida em sociedade possa ser conhecida e acolhida, bem como para que a história de caráter eurocêntrico, colonial e patriarcal, seja confrontada. Neste contexto, optei por priorizar citações e referências de Mulheres escritoras e cientistas das áreas da antropologia, educação, filosofia e sociologia como importantes interlocutoras de luta contra a violência de gênero e o machismo enquanto expressões cruéis do patriarcado, dentre elas, Djamilia Ribeiro, filósofa que deu movimento ao conceito de “lugar de fala”, indispensável para a leitura, análise e discussão desta obra.

As Mulheres que compartilharam suas histórias comigo são de países que foram massacrados pela selvageria do projeto colonizador e que ainda experienciam a brutalidade dos resíduos coloniais, da colonialidade e do patriarcado que vitimizaram, silenciaram e invisibilizaram milhares de meninas e mulheres. São Mulheres que apesar dos horrores vivenciados, empoderaram-se na virtude, na intensidade, na potência, na inteligência e na sabedoria com que (re)visitam a história com o propósito de (re)contá-la a partir de seus lugares de fala. Elas des-cortinam a deliberação corajosa com a qual arrimam a continuidade de suas lutas pelos direitos das meninas e das mulheres de seu povo. Elas sabem o que o patriarcado fez com elas e se (re)inventam em respostas sobre o que fazer com ele e contra ele.

Enquanto essas Mulheres narram suas histórias, elas também protagonizam a (re)construção de suas vidas, de seus modos de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo quem são. Elas tomam para a si a escolha da luta contra a opressão machista e patriarcal no agora, primando para que o futuro seja um lugar melhor para aquelas e aqueles que virão depois delas.

Por fim, elucidado que embora a história de cada Mulher traga questões peculiares acerca das violências coletivas desencadeadas pelo patriarcado às mulheres de seu povo, não é intuito desse livro abrigar o conceito de representação social, uma vez que é impossível que uma voz represente as realidades de muitas outras mulheres, mesmo que sejam afetadas por episódios análogos. O escopo é a luta das Mulheres com todas as suas diferenças, singularidades, pluralidades e multiplicidades contra as violências originadas pelo patriarcado, é a valorização das diferenças e das liberdades como valores humanos inegociáveis.

O propósito maior é que mulheres e homens, juntos, rompam com os ciclos históricos e culturais da manutenção da opressão machista e patriarcal de maneira que a equidade e a justiça social sejam alcançadas por todas as pessoas, independentemente de gênero, sexo, raça, etnia, cor, religião ou quaisquer diferenças, sejam elas individuais ou coletivas.

Há braços!

Sílvia Ester Orrú

ÁGUAS DE PIRATAS



O cenário

Piratas são conhecidos como sujeitos que cruzam os mares e se apossam de bens de outras pessoas por meio do uso da violência física, psicológica e da ilegalidade. São grupos bem organizados, constituídos, principalmente, por homens em busca de fortunas e liberdades. No bando, muitos são produtos de escravagismos e banimentos. A sério, levam as ordens de seu capitão. Sisar a facção é ético motivo para um pirata ser renegado.

Depredam e saqueiam navios e lugarejos à beira-mar. Na maioria das vezes, envoltos à tradição de selvageria, cingem suas existências com sangue de corpos estuprados, torturados e mutilados. Acostumados com a fúria dos mares e dos homens, des-almam-se, tornando-se seres perversos e desumanos. Na literatura e no cinema, são malfeitores fora da lei, contudo, também aguçam o imaginário dos espectadores como sendo destemidos, guias de si mesmos, anti-heróis que são, alucinadamente, apreciados por seus simpatizantes. Por excelência são sedutores negociadores. Aos brados intimidam o nauta e seus reféns.

Estrategistas muito bem articulados, comumente, organizam-se para romperem contra suas vítimas à noite, quando a visibilidade e a nitidez se mostram mais comprometidas. A tiros, aterrorizam o pessoal de bordo e, caso a nau avance, lançam mão de escadas para marinharem a embarcação. Eles se deslocam velozmente e, de súbito, salteiam a tripulação que ao se dar conta do que está prestes a ocorrer, já se encontra abatida e cativa dos corsários. Negociam por milhões de vis metais as vidas de seus sequestrados que, durante esse interstício, são preservados em seu bem-estar. Se não se efetivam as transações tal como exigem, não

mais espadas, porém projéteis atravessam a cerviz de aprisionados. Tudo é apenas uma questão de dinheiro, de negócios, nada pessoal.

Em defesa própria afirmam que o que fazem não diz respeito a uma atividade criminosa. Mas tão somente uma forma de prover pedagógicos no mar e lutar contra a mendicância, uma vez que muitos eram despreziosos pescadores antes de se entregarem à pirataria. Assim, pequenos pescadores arruinados em sua subsistência pelas ambiciosas e ilegais redes de arrastão das grandes embarcações estrangeiras, cedem aos assédios dos que pilham nos mares e se juntam ao grupo, abandonando com seus sonhos mais genuínos os seus barcos modestos, cheios de areia pelos caminhos da praia. A somatória em dinheiro remunera em cerca de 50% o financiador da ação, enquanto o resto é partilhado entre os piratas.

Piratas são bárbaros pelos séculos dos séculos.

Na contemporaneidade, as máfias piratas persistem na sedução daqueles que se encontram para lá da margem da exclusão e dos gananciosos para executarem as operações arriscadas de sua rede de distribuição. Não mais em busca de baús de tesouro, perseguem desde pequenos navios cargueiros até vultosos petroleiros que navegam os oceanos. A quadrilha da pirataria moderna é muito bem organizada e se movimenta a partir de funções muito bem definidas: rádio pirata para encontrar seus alvos como para se manter alerta contra a polícia do mar; ex-pescadores que escoltam rebocadores de navios e lanchas até o lugar de surtida; mercenários contratados para a operação de ataque; negociantes que financiam os sequestros e a posse dos resgates pagos. Tudo bem mareado a *khat* e aguardente.

No (re)inventar das formas de movimentar recursos para a provisão humana como para a exploração de mão de obra barata e enriquecimento ilegítimo, a atividade pirata do século XXI transcende aos mares de ninguém e coloniza, brutalmente, os mais diversos e distintos territórios físicos como virtuais do planeta, onde cada zona apinhada pela impunidade e des-humanização se converte em águas de piratas.

As águas domadas pelos piratas são aquelas sem dono, onde não há jurisdições criminais. Nelas se voga a “liberdade do alto-mar”, onde

todos podem navegar e sobrevoar, onde a valia deve ser pacífica. Essas águas se transbordam de um vazio jurídico e por essa insuficiência de leis que rege a Terra, piratas se lançam em assalto aterrorizador adrenalizados pela impunidade. Após o barbarismo nas águas de ninguém, buscam cais e atracadouros de seus próprios enclaves. Com estrutura arranjada, têm tudo o que precisam para sustentar os mandantes, os negociadores, as gangues, os reféns, os prestadores de serviço do sexo à internet.

Com seus negócios bem-sucedidos, os piratas mantêm seus esquemas arriscados nas águas de ninguém por onde todos querem passar. Entre negociações que podem durar meses, endurecem-se cada vez mais para que os valores exigidos em resgates, sejam pagos e assim, possam subsidiar novos atentados. À medida em que a polícia do mar procura prover maior segurança marítima às águas para além do mar territorial, mais perigosos se tornam os piratas em seus terrorismos.

Na complexa Terra do Nunca dos que se engabelam com heróis e anti-heróis, piratas até se afiguram como alternativa instigante àquilo que já se encontra posto nas estruturas de nossa sociedade, flutuamente, controladora e decretadora de códigos normativos de morte e de vida para alguns, cada um no seu quadrado social. Esse deslize dos aspirantes contemporâneos à subversão, sibila entusiasmo que piratas são sobreviventes destemidos dos sistemas de poder e governança oficiais, que são sensores nevrálgicos à divisão de águas para novas possibilidades de comando e vida em comunidade, que são gente como a gente com orgulho de serem quem são, que os lugares e postos que ocupam são conquistas meritosas que lhes acompanham em jus.

O sussurro auspicioso de que são mitos radicais e arrojados, que vão ao limite da honra pela justiça dos seus seguidores, que não se curvam a ninguém menos que a si próprios, que primam pela liberdade dos aperedados, magnetiza os fartos de cangas que se lançam ao convés em um mar de ninguém. Mas quando tudo se revelar tenebrosamente arruinado ao derredor - “salve-se quem puder!” - é a entrada léxica habitual da garganta gananciosa e egoísta que só a si mesma ecoa valor.

As rotas dos piratas não se desviam da criminalidade, da exploração individual e coletiva, da servidão, do cinismo e malandrice, da dominação pela chantagem, do abuso e controle dos corpos e, subsequente, do controle das mentes pelo terror. Colada ao retrato desse personagem que ondeia na fantasia dos indignados ora como herói, anti-herói e/ou vilão, conecta-se também com os horrores das passadas desfiladeiras nas pranchas das torturas e assassinatos às quais seus insubordinados estão fadados.

Para onde caminha a (in)dignação revolucionária dos oprimidos quando estes acenam para um capitão que violenta os direitos do mar e arrebenta a nau daqueles que se encontram remanescendo nos mares? Que insurgência pode tomar corpo quando a reivindicação de soberania se dá pela manutenção e perpetuação do esmagamento sobre os mais desvantajosos e injustiçados na história da humanidade? Que legítima pode ser a luta e os protestos dos que mais sofrem quando seu suposto libertador é um pirata des-almado cuja vontade de poder e ganância se sustenta no paradigma da distorção que aponta sempre à prancha?

Ora, são colossais o empenho e a energia à sobrevivência aos mares tempestuosos e tudo que deles emerge, mesmo os navegantes estando, aparentemente, invulnerados em um barco. Em absoluto, são muitas as correntezas e suas ciladas, bem como são diversos e distintos os tipos de embarcações e, ainda há os que se encontram empurrados às pranchas, e outros tantos só agarrados em destroços, alguns já se afogando em fadiga, fora os que já se dissiparam para atrás do sol.

Como então se torna possível que uma classe de cativos subalternos alimente o afeto, o desvelo, a obediência, a veneração e o ajuntamento coletivo ao pirata que engancha estruturas de morte em defesa de seus ufanos interesses? Como pode ser plausível uma classe de sofredores se fracionar em pontuais petições que parecem encolher seus personagens diante do gigantismo do sistema marginalizador, ao invés de se fortalecerem em luta pelas pautas denunciadoras e rechaçadoras das múltiplas faces da opressão, repressão e exploração de todas as minorias sociais? Em que

bifurcação escavada pelo paradigma da distorção, certos operários suspeitaram que o flanco do opressor é sua ilharga de bonança e prosperidade?

Se, hegemonicamente, a história dos piratas é a mesma do macho branco predador, feroz a sua própria espécie, letal com os demais que não considera gente, atroz para a ocupação de territórios que não lhe pertencem e usurpador das riquezas alheias que cobiça, não seria exagero descabido testemunhar que esses padrões estruturais de controle, ocupação, dominação, impunidade, invisibilidade, silenciamento, exclusão e extermínio são equivalentes àqueles tentáculos, dispositivos presentes no sistema do patriarcado que movimenta a barbárie do colonizador e sustenta a selvageria do capitalismo genocida em uma tríade conexão nefasta.

Considerando que nesta sistemática analógica a mulher não é gente, mas significa apenas a materialização de um objeto erótico e subserviente do macho, simplesmente por não ter nascido com pênis, há que se problematizar os problemas e os acontecimentos sociais, desengasgar-se das espadas do apagamento e silenciamento histórico-cultural brutal que têm sitiado todas nós, em diferentes lugares de fala e de escrita, em correntezas de águas violentas, barcos e pranchas cruciantes de servidão, aniquilamento e morte de nosso Ser e Tornar-se Mulher livre.

Há que se ouvir as Vozes das muitas Mulheres, cada uma de seu lugar de fala, em sua condição humana e em toda sua potência de resistir, re-existir e transformar o mundo a partir do paradigma complexo do cuidado e do acolhimento à multiplicidade e pluralidade das diferenças que habitam à Terra, nossa Casa comum.

Das turbulentas águas de piratas no ininterrupto movimento rumo à elevação dos ancoradouros das liberdades, fortaleçamos nossa coragem!

RESISTÊNCIA OPERÁRIA



Era 29 de outubro de 2019 quando meu coração pousou em Manaus. Desde a janela do lado direito do avião eu senti o abraço receptivo do Rio Negro e das belezas daquele território imenso. Lá de cima era como se fosse um tapete verde, tecido pela imensurável floresta tropical. Fiquei encantada, coisa mais linda! O Amazonas é um Brasil inteiro dentro do próprio Brasil. Aliás, nosso Brasil é textura de muitos Brasis.

Dois dias depois me encontrei com Luzanira Varela da Silva, amazonense, operária de valor para a militância de luta pelos direitos da mulher trabalhadora. Fazia mais de um mês que estávamos combinando esse encontro e eu estava sequiosa por conversar com esta companheira de um legado sem limites de generosidade. Marcamos um jantar. Finalmente havia dado certo e minha escuta era sensível a sua Voz.

Sempre fui da igreja católica, aí eu vim para Manaus. Como toda menina da época, o sonho era trabalhar no Distrito. Vim trabalhar aqui na cidade e me casei muito nova. Comecei trabalhando em casa de família por um bom tempo, depois me casei e mais tarde, fui para o Distrito trabalhar numa fábrica. Nessa época eu tinha em torno de 20 anos de idade. Eu via que na fábrica tinham coisas muito erradas e, então, comecei a brigar. E a primeira briga foi para juntar mais umas 3 mulheres por causa de um grêmio na empresa. Era descontado do nosso salário o valor de Cz\$ 0,05, só que eu percebia que as mulheres não brincavam no grêmio na hora do almoço. E aquilo me incomodava. Um dia, uma colega e eu nos sentamos à mesa de sinuca. Nessa época, eu não sabia nada sobre gênero e a exploração da mulher no trabalho. Mas achava injusto a gente pagar e não usufruir daquilo. Desde criança, havia umas coisas que me incomodavam, por exemplo, esse tipo de fala: “se você não aprender a fazer comida, você vai apanhar do marido”. Essas coisas sempre me incomodaram e eu não achava que esse tipo de coisa era normal. Comecei a questionar tudo isso ainda

criança. Naquele dia, lá na fábrica, veio a gerência da empresa e perguntou porque nós estávamos ali na mesa de sinuca. Respondemos que pagávamos aquele valor, igual os homens da empresa e que, ou eles abriam à participação daquele espaço para todas nós ou, então, que não descontassem mais aquele valor do nosso salário. Isso foi na década de 80 e as mulheres eram a maioria dentro da fábrica. O gerente levou a questão para a discussão e se estipulou que um dia da semana era para as mulheres e o outro para os homens e, na sexta-feira, era misto. Essa foi a minha primeira briga.

Viajei para o interior do Estado e fui à missa. O padre havia levado um livro do Dom Evaristo Arns cujo nome era “Fé e Política” e havia uma ilustração na capa que era os trabalhadores entrando na fábrica e as ovelhas caminhando para o matadouro. Sabe quando algo te desperta? Ali eu me despertei! Era a minha situação de operária e explorada.

O despertar! Quem não bebe do resplendor do sol da justiça, do amanhecer pelo molhar o espírito nas águas da liberdade, mesmo que seja a conta-gotas? Não, não é sobre estar, definitivamente, livre de todos os piratas endiabrados e suas táticas de violação e exploração de nós por inteiras. Mas é sobre (de)cifrar os códigos da opressão e colher nas entrelinhas todos os sentidos e significados do nascer mulher numa sociedade gerida pelo capitalismo patriarcal e re-significá-los para um eterno tornar-se mulher-livre de modos de ser, existir e pensar, capturados e domesticados. E nesse eterno tornar-se mulher-livre, a experimentação de uma liberdade nunca-pronta em territórios de opressão e marginalidade social, faz-se intensamente possível apenas quando os punhos em alto também se mobilizam como mãos estendidas que se enlaçam em coletividade pelos direitos e liberdades de todas, sem listamentos hierárquicos-viciosos de branquitude e de classe. Uma tempestade de empolgação inundava meu espírito de vontade de me inteirar mais e mais da história de Luzanira.

Nesta época havia um pessoal fazendo oposição sindical aqui no Amazonas, no sindicato dos metalúrgicos. Nisto, alguns colegas foram estudar no SENAI e conheceram a turma que era da oposição. E foi aí que

começamos a nos sindicalizar. Trabalhamos juntos o ano de 1981 todinho e, no final, tive minha terceira gravidez. Trabalhei no processo de eleição, votei, mas depois me afastei um pouco, tive o bebê em 1982. No final de 1983 a turma ganhou a eleição no sindicato e eu comecei a participar ativamente. Fazíamos as assembleias com todo o cuidado e para que não nos vissem, descíamos do ônibus 4 ou 5 paradas depois do sindicato. Chegamos a ter um grupo na EVADIN³ com 35 pessoas. Em 1984 tivemos a primeira convenção coletiva de trabalho, não havia muita coisa. Mas havia muitas coisas das mulheres que eram específicas da categoria. Por exemplo, eu mesma, para entrar na fábrica, tive que fazer o teste de gravidez que eram dois constrangimentos: para mim e para a técnica do trabalho que ficava dentro do banheiro com a gente, e nos fazia urinar para confirmar se não iríamos falsificar o exame, para conferir se a mulher não estava grávida. No começo de 1985 fomos nos prepararmos para a primeira greve. A data-base era 1º de agosto e seria o dia da reunião. Eu levava junto o meu bebê que, diariamente, ficava na creche. Saía com ele da creche para ir até à fábrica, então saía de lá em torno das 22 horas. Tinha uma professora que sempre me deixava ir com ela no carro, ela era que nos dava curso de formação. Enquanto isso, o meu casamento ia pra cucuia. Eram brigas todos os dias! Meu marido acusava que eu deveria estar com algum macho ao invés de estar no sindicato. Ele fazia essas baixarias todas. Em 1º de agosto de 1985 nós iniciamos a greve e eu surgi como uma das lideranças, eu e todos os que tinham a mesma idade. Eu estava com 25 anos e já era mãe de 3 filhos. Tive meu primeiro filho com 16 anos, logo após me casar, eu era muito jovem! Com 6 anos de idade comecei a ajudar a minha mãe a tomar conta das minhas irmãs. Não tive tempo para ser criança.

Quando estourou a greve, 90% da categoria eram mulheres e nós lideramos a greve para valer. Paramos 100% da categoria, até fábricas que não eram metalúrgicas, relojoeiros, vidros de cristais, tudo parou! Fechamos uma convenção coletiva muito boa para as mulheres. Foi naquela época que tivemos o fim do teste de gravidez admissional, conseguimos a estabilidade de salário para a gestante, que só entrou em vigor em 1988 na Constituinte

3 Evadin Indústrias Amazônia S.A.

e que está vigente até hoje. Asseguramos tudo isso para as mulheres, mas não foi em uma discussão sobre os direitos das mulheres e gênero. Era o direito da mulher trabalhadora metalúrgica, era bem específica a nossa luta. Isso abriu o caminho para as mulheres comerciais, pessoal dos vidros de cristais e outras categorias que incluíram esses direitos em suas convenções seguintes. Nisso, já havia sido fundada a CUT (Central Única dos Trabalhadores) que estabelece a Comissão Nacional sobre a Questão da Mulher Trabalhadora (1986) com os sindicatos filiados à CUT sendo obrigados a terem essa comissão. Primeiro houve o Departamento Feminino do Sindicato dos Metalúrgicos, mas não entrei nessa primeira diretoria.

Havia 5 mulheres, 2 já morreram, era a Celi Aquino, Antônia Priante, Isabel Alegria, a Francisca e a Aninha. Essas meninas sofreram tudo o que você possa imaginar de violência dentro do sindicato com os próprios diretores que, através de namoro, tentavam fazer com elas aquilo que eles queriam. Mas elas não se submeteram! A Antônia Priante teve um fim triste. Ela era enfermeira e trabalhava em um hospital. Depois que ela saiu do sindicato, o ex-marido a matou com 12 facadas. Inclusive, o nome da casa-abrigo que não está funcionando agora, tem o nome dela que nós conseguimos colocar em sua homenagem. Ela foi dirigente do sindicato dos metalúrgicos e fundadora do PT (Partido dos Trabalhadores) e da CUT. Acontece que os próprios dirigentes sindicais queriam que as mulheres fossem apenas tarefistas do sindicato enquanto os cargos da presidência, da tesouraria, da secretaria de organização, sempre ficavam para os homens. Por exemplo, a Celi Aquino (ela teve uma filha com deficiência que os médicos diziam que viveria só até os 10 anos e ela viveu até os 22 anos, depois a Celi morreu com câncer), ela teve um papel importante na tomada do sindicato pelas mulheres. Ela entrou na chapa do pelego⁴ da época. Quietinha, ela conseguiu pegar todas as informações para que o pessoal ganhasse o sindicato, pois já tinham tentado vencer por 2 vezes, mas não conseguiram.

4 Termo usado para indicar o dirigente sindical que defende as orientações do Ministério do Trabalho junto à classe trabalhadora, como um intermediário entre os sindicatos e o governo. A palavra se refere à pele de carneiro que é colocada entre a sela e o corpo do cavalo para amaciar o contato entre o cavaleiro e o animal.

ram, sequer, inscrever a chapa para a eleição. Ela era toda calminha, toda caladinha, mas era resistência pura!

Depois disso, o Departamento Feminino se transformou em Comissão sobre a Questão da Mulher Trabalhadora, e logo houve nova eleição do sindicato, e é aí que eu entro, isso foi entre 1985/1986. Eu estava ameaçada de ser demitida e nessa época, entro na quarta gravidez. Aqui em Manaus havia a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias, mas ainda não tínhamos a Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT; o sindicato dos metalúrgicos era filiado à Federação e haveria eleição em janeiro. O pessoal, com medo de eu ser demitida, colocaram-me na Federação para que eu tivesse estabilidade. Em 1986 eu já era militante de chão de fábrica e ficava direto no sindicato.

Em dezembro de 1985 me separei do meu marido, mas só fui notar que estava grávida em janeiro de 86 porque meus seios se encheram de leite. Fiquei no dilema se fazia ou não um aborto, mas acabei não fazendo e tive meu filho. Foi uma gravidez muito tumultuada porque eu já estava muito envolvida com o sindicato. Dentro do sindicato, internamente, cheguei a ir para briga física com o dirigente sindical porque eles não respeitavam a gente, não respeitavam as mulheres. Descobri que dentro do partido político e dentro do sindicato é onde mais existe o patriarcado, a violência contra a mulher e o machismo. Isso é muito dolorido e ainda acontece! Acontece hoje, dentro do partido político, apesar de termos uma presidenta nacional que é mulher, aqui no Amazonas. Mas continuei na militância sindical, filiei-me ao partido político, a nível nacional, à Comissão das Mulheres Trabalhadoras Metalúrgicas. Eu representava o Amazonas na Comissão Nacional de Mulheres e na Comissão de Mulheres do sindicato para tratar as questões de salário e de direitos da mulher.

Já tínhamos conquistado na convenção coletiva de 1986 a estabilidade da gestante. Então, aí, já não era mais de salário, mas era estabilidade de emprego e salário até 60 dias após ela voltar da licença maternidade. E vinham os maridos junto com as mulheres, de olho no dinheiro. E para pegar a conta, como forma de proteger a mulher, só poderia ser com uma

carta carimbada pelo próprio sindicato. Então, a empresa fazia a carta e o marido vinha junto com ela para a gente carimbar. Muitas vezes tínhamos que convencer a mulher que aquilo era um direito dela e que muita gente havia ido para a rua para que as mulheres pudessem ter aquele direito. Era muito difícil! E, assim, começa, então, a chegar para nós, mulheres vítimas de violência na Comissão de Mulheres. Mulheres com questão de pensão alimentícia, mulheres com violência física e que naquela época não havia nem nome, era só “o homem bateu na mulher”, e tudo isso começou a chegar para nós.

Por volta de 1985 nós fundamos, aqui em Manaus, o Comitê da Mulher Trabalhadora e havia mulheres de outras categorias querendo apoio do sindicato e nós não tínhamos como representarmos aquelas mulheres. Havia toda uma discussão a nível nacional sobre a criação de delegacias de mulheres, creches e restaurantes comunitários que eram bandeiras de lutas fortes no movimento de mulheres. No sindicato também passamos a participar dessas discussões no movimento de mulheres com ações no dia 8 de Março. Lembro-me que houve um 8 de Março que trouxemos a Marta Suplicy para dar uma palestra no sindicato e, assim, fomos nos envolvendo na temática da mulher. Mas isso, porque eu havia sentido na pele, dentro do sindicato, esse machismo, tal como há havia sentido com relação ao meu marido, ao meu pai, aos meus irmãos. E, dentro da minha casa, eu me libertei quando disse a minha mãe: “se ele quiser, ele que vá lavar a sua própria roupa; se ele quiser, que vá passar sua roupa, porque eu lavo as minhas, eu não vou ser empregada de irmão”. Tive que enfrentar isso também dentro do sindicato, tanto eu como as outras meninas. Algumas mulheres continuavam apoiando os homens, mas outras compreenderam a nossa luta nessa condição de mulheres.

Atenta àquela senhora que me brindava com sua história, eu pensava: que luta a das mulheres operárias! Resistência pura às costuras do machismo organizado e acondicionado até pelas próprias mulheres que, por anos de domesticação, obedecem a tradição da depreciação de si mesmas e de suas parcerias de lidas. Recordei-me das palavras de Heleith

Saffioti, brasileira, socióloga renomada e feminista nascida em 1934 que escancarava as violências de gênero forjadas pelo patriarcado:

O apoio às mulheres não se expressa substituindo-se sua ação, mas se traduz pela quebra da tutela e possibilidade de que, sobretudo aquelas habituadas a relações informais, aprendam a lidar com relações complexas e formais, dispondo de informações seguras sobre seus direitos e forjando estratégias para conquistá-los; habituadas ao autoritarismo das suas relações familiares, aprendam a enfrentar o autoritarismo e a omissão das instituições. [...]. É fundamental que sejam construídas formas de encontro, reflexão e gestão de solidariedade entre mulheres que vivem problemas comuns. Dada a diversidade das suas demandas e as múltiplas arenas de luta, e importante que lhes seja possibilitado acesso a informações quanto a direitos e mecanismos institucionais, como, também, espaço para pensar sua própria existência e tomar decisões, consciente de suas implicações. Esta é uma expressa recusa a reificação embutida nas relações formais e burocráticas, em que os problemas são vistos genericamente e tratados como coisas, que são classificadas e enquadradas em tal ou qual situação (SAFFIOTI, 1995, p. 186-187).

Conversar com Luzanira era (re)visitar a história das mulheres trabalhadoras do meu país. Mais do que isso, era ouvir a marcha das mulheres na linha de frente da peleja pelos direitos civis e sociais que me seriam, hoje, outorgados e confiados para que a minha geração não apenas usufrísse deles, mas os salvaguardassem para a próxima linhagem de meninas e mulheres brasileiras. Um arrepio me cismou o peito por ter no pensamento uma atualidade de mulheres não-ricas que entre um pôr de sol e outro, achegaram-se às politicagens ultradireitistas que cercam o Brasil e desmontam, paulatinamente, o que outrora fora conquistado com labuta, sangue e lágrimas. Nos anos 80, enquanto me aventurava a brincar nas ruas do Bacacheri, bairro de Curitiba, a escalar os pinheiros cheirosos daquela terra fria, pular corda, caçar vagalumes e pegar caqui-café, pitangas, mimosas e ameixas no pé, Luzanira brigava, brava e amorosamente, pelo meu futuro.

Na década de 80, quando eu chegava no sindicato, encontrava escrito na porta: “sala do fuxico, sala da fofoca”. Teve um dia que eles pegaram um absorvente com mercúrio e botaram em cima da minha mesa escrito assim: “à Comissão da Mulher Trabalhadora”. Eu pegava tudo aquilo e guardava. Um dia levei para a reunião da diretoria do sindicato e falei: “a partir de hoje, quero que coloque em ata que essas brincadeiras com a Comissão de Mulheres estão terminadas porque nós não estamos brincando. Estamos todos os dias na porta da fábrica, estamos todos os dias no Distrito, estamos enfrentando o gerente de fábrica, enfrentando o supervisor, isso porque as mulheres sofrem assédio na fábrica e há tentativas de estupro. Há propostas de trocas em que a mulher só fica empregada se sair com um cara. E nós enfrentamos tudo isso com essas mulheres não para vocês ficarem fazendo esse tipo de brincadeira. Isso é uma falta de respeito que não vou mais aceitar. E tem mais, vou denunciar à CUT nacional e vocês sabem que eu faço mesmo”. Depois disso eles pararam com as brincadeiras. Mas era assim!

Tinha a Rita e a Roselene, elas me apoiavam em 2 coisas: lá no sindicato e quando eu tinha que viajar para as reuniões. Eu morava nessa época no quintal da minha mãe e elas ficavam lá em casa com os meus filhos para eu poder viajar. Minha mãe dizia: “essas crianças já não têm pai e você fica viajando!”. E eu enfrentava tudo isso! Tivemos muitas outras lutas.... Eu levava meus filhos para o sindicato comigo. Quando eles já estavam maiorzinhos, pegávamos um ônibus e todos os dias eles me esperavam no sindicato e voltavam comigo para casa. Eu morava longe, morava na Cidade Nova, lá perto de onde se vai para o aeroporto. Assim era a luta diária dentro do sindicato.

Em 1994, resolvi minha questão com a EVADIN, eles pagaram os meus direitos trabalhistas e foi assim que comprei minha casa. Cansei de colocar mulheres na minha casa com 4 ou 5 filhos! Uma vez telefonei para um rapaz da Cáritas dizendo que eu precisava de ajuda. Estava com 4 mulheres em minha casa, numa média de 3 filhos cada uma. Naqueles dias acontecia uma campanha para cestas básicas, porque aqui estava tudo alagado por causa da chuva, e eles vieram me trazer 2 cestas. O rapaz me

perguntou sobre as mulheres e entrou pela porta da cozinha, pois precisava fotografar. Quando ele viu as mulheres na sala e no quarto da minha filha (os meus filhos dormiam no corredor), ele disse: “Meu Deus, como é que você consegue fazer tudo isso?”. Mas não era só eu que fazia isso, a Florismar, a Francis Júnia, a Antônia também fazia. Então, era assim que estávamos trabalhando para defendermos a vida das mulheres e colocando as nossas vidas também em risco. Minha casa era de madeira, já pensou se um doido daqueles resolve tacar fogo? Mas era o único jeito que víamos para salvarmos aquelas mulheres.

Não era pouca coisa o que Luzanira me contava sobre o apoio que recebia de suas companheiras de luta e de vida. Fiquei remoendo: quantos litros de lágrimas serão precisos juntar para que as mulheres não se precipitem às abissais águas de piratas? Ora, as supostas rivalidades e reservas entre as mulheres são como correntezas que nos arrastam rumo a um patriarcado ainda mais canibal: aquele que se torna aceitável, validado e reproduzido pelas próprias mulheres. O que Luzanira e suas parceiras faziam era tecer muito mais que uma rede de solidariedade entre elas, mas consubstanciar uma teia de cooperação e corresponsabilidade política de si mesmas, para si próprias, para as outras e, por resultado, para todas nós. Porque quando as mulheres se apoiam na luta por direitos civis e sociais em acontecimentos presentes, elas, na realidade, perfuram um portal cultural de opressão de maneira a expandir e dimensionar sua empatia e suas conquistas também para as outras que virão depois delas. Quem dera eu até permutasse empatia por sororidade, mas por hora, a segunda ainda me parece distante por mais que a palavra esteja em alta. Permaneci na escuta...

Em 1998, Vanessa Grazziotin, vereadora, conseguiu a aprovação da lei do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, mas nenhum prefeito implementou o Conselho e nós seguimos cobrando. Só tínhamos a Delegacia da Mulher e quase sem estrutura. Lá pelos anos 90 era a própria mulher quem levava a intimação para o marido e daí ela levava outra pisa dele. Aos poucos fomos conseguindo chegar às delegacias dos bairros

e conversávamos com os delegados. Assim, quando chegava a intimação, eles pediam para a viatura entregar a intimação para a pessoa, mas na maioria das vezes, era a própria mulher que tinha que entregar a intimação para o agressor. Durante muito tempo foi essa peleja e as mulheres sendo assassinadas enquanto a maioria dos assassinos era absolvida. Demorava até que o assassino fosse julgado e, sempre em liberdade, muitas vezes, ameaçando a família e essa, sem ter muito o que fazer. Quem conseguia alguma coisa, era porque tinha um amigo no Tribunal de Justiça ou um amigo no Juizado da Infância e da Juventude. Muitos que foram militantes, também foram sendo aprovados em concurso e por isso, hoje, nós temos alguns defensores públicos e que sempre tiveram essa sensibilidade em razão dessa militância que havia participado um dia.

Luzanira me levava a um túnel do tempo das bravas lutas das mulheres operárias. Mais uma vez fui (re)mexida pelo legado de Heleith sobre a complexidade e a incomensurabilidade das violências da cultura machista que avassalam a vidas de um sem-número de mulheres. A vergonha e o medo encabrestam um estado tal de imobilidade onde a palavra falta e o lamento é engolido.

Entendem-se as dificuldades enfrentadas por mulheres vítimas de violência conjugal para denunciar seus companheiros. Além das razões examinadas, dentre as quais cabe ressaltar a vergonha e o medo, há mais um problema gigantesco. O homem pode ser violento com sua companheira e manter relações sociais consideradas adequadas nos demais setores da vida. [...]. Nunca se conseguiu estabelecer o perfil do agressor físico e do agressor sexual, uma vez que, geralmente, eles possuem um emprego no qual se relacionam convenientemente, desempenhando a contento também outros papéis sociais visíveis. Na esfera privada, todavia, obscurecida pela invisibilidade, muitos homens comportam-se violentamente, contando com a mudez da companheira dominada e, se esta denunciá-lo, com o auxílio de sua ilibada reputação, se não houver marcas corporais, e, finalmente, com a impunidade. Desta sorte, nunca se conhecerá a magnitude da violência praticada, pois no dia em que todas as mulheres vítimas de desrespeito a seus

direitos humanos estiverem dispostas a denunciar seus agressores, terá sido destruída a falocracia (SAFFIOTI, 1994, p. 451).

Nos anos 2000 dávamos palestras nos colégios para os alunos do 8º e 9º ano sobre a prevenção à violência contra as mulheres e levávamos esses CDs que a CFEMEA disponibilizava. Sensibilizávamos os meninos e as meninas, que ainda estavam em formação, para que começassem a se despertar. Porque, muitas vezes, a violência contra a mulher começa no namoro. Muitas vezes tem um grupo de casais que se conhecem e começam a fazer as coisas estando juntos, mas depois, quando o cara é ciumento, ele passa a tirar a mulher do meio da família dela e do grupo de amigos. E, quando ele começa a bater na mulher, ela já não tem mais ninguém ao seu lado, ela está totalmente dominada por ele e já não tem mais forças para sair daquela violência. O trabalho da prevenção no combate à violência é muito importante! No ano 2000 fundamos o MUSAS (Movimento de Mulheres Solidárias do Amazonas) e participaram muitas mulheres que já eram ativistas. Ali nós trabalhamos na prevenção à violência e no acompanhamento a essas mulheres. Hoje, estamos no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher onde eu represento a Pastoral Operária. Fizemos toda uma caminhada junto com o MUSAS, com a UBM (União Brasileira de Mulheres), a AMA, a Secretaria de Mulheres do Sindicato, da entidade Maria Sem Vergonha que trabalha a autoestima, o cuidado e a questão de a mulher sair desse ciclo de violência.

A prosa com Luzanira estava longe de terminar. Eu curiosa e ela boa de conversa, cheia de histórias para (re)partir comigo. Ela havia trabalhado e militado por anos no Partido dos Trabalhadores que deveria ser o modelo de labor no arrancamento das raízes machistas de seu âmago. Mas como o machismo não é exclusividade partidária, as mulheres não des-locam sua canseira sequer no regaço da esquerda. Apoio meu queixo entre a união das mãos e cravo os ouvidos em sua Voz.

Quando o Lula se elegeu presidente do Brasil, os movimentos e entidades em nível nacional, cobraram dele a Lei Maria da Penha⁵, pois era uma reivindicação do movimento de mulheres e ele a sancionou. Participei da Caravana das Águas⁶ quando o Lula veio conhecer a realidade do caboclo da Amazônia e fez a caravana da região Norte (Pará e Amazonas) pela água e por terra, e por isso se chamou “a Caravana das Águas”. E, foi assim, com toda essa minha trajetória que eu fui mesmo conhecer como é que os homens tratavam a nós, mulheres, dentro do partido. A mulher era sempre considerada uma tarefista. Se a mulher não se policiar, ela acaba fazendo todas as tarefas. Mas na hora de dar uma entrevista à TV, ao jornal, daí quem vai são eles e a mulher fica de fora. Sofri dentro do partido: nós fazíamos a reunião e combinávamos o que iríamos fazer e o que o funcionário do partido teria que fazer. Chegava no outro dia e eu perguntava se ele havia feito, então ele dizia: “não, eu ia perguntar para o fulano se era mesmo para fazer!”. E eu dizia que quem era a presidente do partido era eu e não o fulano. Então, é esse tipo de coisa que a mulher sofre também dentro do partido como dentro do sindicato e, isso tudo, é do sistema do próprio patriarcado que é muito forte. Até mesmo no socialismo, infelizmente, há a cultura do machismo. A mulher que se envolve nos movimentos sociais e partidários é vista como mulher mal-amada, mulher que não tem ninguém e que vive na luta porque não tem homem para cuidar dela, às vezes, a própria família a vê assim. E é assim que a sociedade costuma ver a mulher, como alguém que precisa quem a tutele, assim como sempre foi: tutelada pelo pai, pelo irmão mais velho e pelo marido.

5 A Lei Maria da Penha é uma lei federal brasileira que estabelece punição adequada e reprime atos de violência doméstica contra a mulher. Foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2006. É considerada pela ONU como uma das três melhores legislações mundiais para o enfrentamento à violência contra mulheres.

6 “Caravana das Águas foi coordenada pela PMMG/12ª Cia MAT e por representantes da sociedade civil, lideranças comunitárias, terceiro setor, empresas, voluntários e órgãos públicos. Sua missão era contribuir para adoção de valores e hábitos, por meio da educação ambiental e da cultura da cooperação, buscando o desenvolvimento sustentável.

Mas o que me deixa magoada, não é a mulher que está lá dentro de casa e que não sai, só vê televisão, não lê nada a respeito e vive no quadrado. O que me deixa magoada são as mulheres do próprio partido político que ficam dizendo que são feministas de carteirinha, mas que acabam apoiando os homens. Quando chegam as eleições elas estão fazendo campanha para os homens. E eu fico me perguntando se elas realmente se libertaram e se entenderam que se as mulheres não se unirem elas vão permanecer sendo tarefistas. Parte disso é por aquela coisa do ser humano mesmo, ou seja: “ah, ela vai aparecer mais do que eu”. São coisas pequenas que acabam criando uma desunião entre as mulheres. Porque se a mulher soubesse a força que ela tem, que as mulheres unidas têm, não seriam mais os homens que estariam dominando o nosso país.

De fato, Luzanira tinha razão, as mulheres não conhecem a força que nossa união poderia emanar e, assim, libertar a nós e aos próprios homens dos grilhões de um sobreviver ferido e embrutecido por uma cultura tão danosa como a proveniente do patriarcado. Mas a des-informação, ou a (in)formação de controle massivo, são táticas muito bem articuladas para a manutenção do poder de alguns abastados. A quem serviria tamanha libertação? Por que e para que “os cabeças” se mobilizariam e se (des)gastariam em educar para transformar o mundo em um lugar de dignidade para todas as pessoas viverem? Avistamos no longínquo um horizonte crível de um outro modo possível de viver e conviver entre nós todos e a Mãe Terra. Todavia, são incontáveis as milhas a serem trilhadas em fôlego escasso por aqueles que virão depois de nós para, quem sabe, rejuvenescerem suas existências num poço de liberdades ao invés de se definharem no escoramento de um velho muro de separações por gênero, sexo, raça, etnia, cor, classe, religião, normalizações infundas. Por enquanto, o movimento por uma educação emancipatória é o que temos de mais tangível e Luzanira sabia disso.

Participo da Pastoral Operária que é Diocesana e temos um grupo de mulheres que tem 18 anos, um grupo de costura. O grupo tem a ver com economia solidária. E a importância do grupo, é pelas mulheres terem seu

próprio dinheiro. Há outras que fazem cursos e assim aprendem uma profissão para trabalharem em casa onde ela pode costurar e estar, ao mesmo tempo, cuidando de seus filhos. A economia solidária tem a ver com cuidar do meio-ambiente e o cuidado com o ser humano e, a venda do que é produzido, é para ajudar no sustento. Nesse cuidado elas precisam ter a oportunidade de voltarem a estudar, a cuidarem delas mesmas e fazerem seus exames periodicamente. Dentro das pastorais sociais, apesar da maioria ser mulher, vejo que elas ainda não romperam com o patriarcado. Por exemplo, na pastoral carcerária, ela faz o trabalho que era para o Estado fazer e, além do trabalho missionário com as detentas, elas também tiram carteirinha de visita e eu penso que isso é trabalho do Estado e não de uma pastoral. Por outro lado, há também pastorais que entenderam e que dizem: “nós aprendemos com vocês, nós dávamos 150 cestas básicas, todo o mês, mas agora nós queremos ajudá-los a conquistarem isso”. E aí, passaram a incentivar o trabalho em grupos de costura, a aprender a fazer sabão, passaram a ensinar as pessoas a empreenderem para tirarem seu próprio sustento e terem independência financeira. Ensinar as pessoas a se questionarem se não é melhor elas mesmas tirarem seu sustento e irem até o supermercado comprar o que quiserem ao invés de receber uma cesta pronta. A igreja ainda é muito assistencialista e o nosso trabalho não é o assistencialismo, mas sim de libertação. E, na Pastoral Operária, nós continuamos estudando, inclusive, sobre a reforma da previdência, a reforma trabalhista, que é uma violência contra o trabalhador.

SÍMBOLO

É porque nasci no Amazonas
que tenho a alegria das cachoeiras,
a minha voz
o ritmo das águas rolando sobre as pedras,
e os meus olhos
são dois muiiraquitãs,
com a fosforescência dos olhos das onças...

E que os meus cabelos têm o reflexo do sol
na escuridão das matas,
e o perfume agreste das orquídeas...
que as minhas mãos sugerem gaivotas
voando pelas praias,
ou lenços brancos
dizendo adeus a quem se vai...
que meus versos têm a sonoridade
do canto dos pássaros
E o meu riso a suavidade das espumas...
E é porque eu sou um poema humano
escrito com a água dos rios
e o sumo dos frutos silvestres
que a tua sensibilidade de homem do sul,
acostumado a lutar com o oceano,
encontrou em mim um motivo novo,
uma festa inédita
na luminosidade da tua vida...
(BRANCA, 2014, p. 48)⁷.

Luzanira havia percorrido muitas trincheiras em batalhas contra a violência às mulheres e pela conquista de seus direitos. Perguntei-lhe sobre a Lei Maria da Penha e acerca da ascensão das mulheres no direito de ser quem são na sociedade brasileira. Em tom ponderado ela retini a realidade:

Algumas coisas mudaram, mas ainda há muito trabalho pela frente. Ainda há escrivão tentando convencer a mulher de não registrar queixas, mesmo com esse amparo todo que se tem a partir da Lei Maria da

7 Violeta Branca Menescal de Vasconcelos é manauara, nascida no dia 15 de setembro de 1915. É reconhecida como uma das primeiras poetizas do modernismo e a primeira mulher a ingressar em uma Academia de Letras no Brasil. Seus poemas se encontram publicados nos livros: *Ritmos de Inquieta Alegria* e *Reencontro: poemas de ontem e de hoje*. Faleceu no Rio de Janeiro em 7 de outubro de 2000.

Penha. Penso que a violência não aumentou, ela sempre existiu, só que é muito mais divulgada. Aqueles que querem desqualificar a Lei Maria da Penha dizem que depois de sua implementação, a violência contra a mulher aumentou, mas não é verdade, porém, os atos de violência é que passaram a ser mais divulgados. Porque antes, era natural o homem matar a mulher e hoje não é mais assim. Não é mais natural o feminicídio⁸ porque nós conquistamos uma lei contra esse tipo de violência que é o crime de ódio contra a mulher. E essa é uma das nossas maiores brigas por aqui. Porque todo o assassinato vai para a delegacia de homicídio e eles não colocam que a causa foi o feminicídio. E, quando chega na mão do promotor, se ele não prestar atenção, vai só como assassinato. Essa é uma das barreiras que estamos enfrentando aqui no Amazonas.

O mês de agosto (2019) foi o mais violento do ano: em 1 semana cerca de 6 mulheres foram assassinadas, praticamente, cerca de 1 por dia. Infelizmente, o que move toda essa violência contra mulher é o sistema patriarcal, o machismo. E o ciúme vem com tudo isso. O homem educado se acha o dono da vida da mulher, acha que a mulher é sua propriedade: ela é minha! Esses dias eu estava vendo o meu filho dizer para um amigo dele: “eu faço as coisas em casa é porque eu moro nesta casa, eu limpo a casa não é para ajudar a minha mulher, mas é porque eu moro na casa, eu faço comida não é porque eu vou ajudar a minha mulher, mas é porque eu moro aqui também e eu vou comer também”. E, quantos homens pensam assim? Essas são coisas que a mulher precisa colocar. Se você volta no tempo, você vê que a mulher não podia estudar, mas devia só aprender a cozinhar, a bordar, a fazer prendas domésticas.

Hoje, temos um presidente da república e um Congresso, altamente machistas, machistas mesmo, que defendem o patriarcado, que defendem

8 Feminicídio é um termo que designa que um crime foi cometido por ódio baseado no gênero. Define-se como o assassinato de mulheres em contexto de violência doméstica ou em razão de aversão ao gênero da vítima (misoginia). Por ser especificamente relacionada às mulheres, difere-se do homicídio. É uma categoria sociológica claramente discutida na “Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher” (BRASIL, 1996), mais conhecida como “Convenção de Belém do Pará” e que foi adotada em 1994 pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e reconhecida pelo Brasil em 1995.

a volta da mulher só dentro de casa e a igreja vem e legitima tudo isso. Faz tempo que eles vêm dizendo que hoje tem muita violência porque os meninos estão nas drogas e é porque a mulher saiu de casa para trabalhar. É assim que eles colocam a culpa na mulher. E, agora, temos um presidente que defende o estupro, que diz que teve 3 filhos homens e que na quarta ele deu uma fraquejada e veio uma mulher, e com ele, os machões que estavam quietos resolveram sair da toca novamente. Se você for assistir o julgamento do estuprador de uma criança, perceberá que o advogado tem a cara de pau de dizer que a criança é que levou o estuprador a violentá-la, que o induziu, uma criança de 9, 10 anos de idade. E é assim que muitos homens vêem: como se a mulher fosse um material, uma coisa que eles pudessem pegar a hora que quisessem. O homem anda de bermuda curta e a mulher não vai lá beliscá-lo, mas se é a mulher que está com uma saia mais curta ou um shortinho, ele se acha no direito de ir pegar na bunda dela, e a culpa fica em cima da mulher porque ela estava com uma roupa curta.

Sentir a narrativa de Luzanira era também me (re)conhecer naquele lugar, naquele discurso. Quem de nós, mulheres jovens ou maduras, já não experienciou situações de “cantadas” explícitas ou implícitas por homens em cargos de chefia nos mais distintos setores públicos e/ou privados? Pior: quantas de nós já não fomos ironizadas até mesmo por outras mulheres acerca de supostos encontros por ascendermos locais e níveis mais elevados no trabalho? Quantas não se sentiram constrangidas em situações que nos amargaram o paladar como sendo meio enigmáticas em consultórios de médicos? E quantas de nós já não se depararam com olhares atravessados e dedos em riste nos apontando a culpa pelo pecado do macho por causa dos vestidos, shorts, calças, blusas, biquínis, assentados em nossos corpos?

Há uma santidade hipócrita imposta às mulheres pelo patriarcado: somos culpadas pelos pecados carnavais que eles cometem por seus próprios olhos que nos cobiçam como predadores e, por isso, por sermos a materialização dessa culpa, é que eles são apercebidos como vítimas e premiados com a absolvição do macho que não se aguenta diante de uma mulher notável, uma mulher sensual. E, de novo, faço-me enfática: se não

bastassem as bestas-feras em caça (porque homens genuínos respeitam meninas e mulheres), ainda há que se lidar com o machismo atracado às mulheres puritanas, por desventura, não menos vítimas dessa cultura e prática repulsivas. Tomei um fôlego para abrandar a indignação e lhe inquiri sobre as mulheres ribeirinhas neste mesmo cenário.

As pessoas ribeirinhas vivem 6 meses na água e 6 meses na terra. São chamadas de pobres da floresta pela falta de políticas públicas. Da área que sou, da Terra Nova, já morreu gente que era alérgica com ferrada de uma abelha e não deu tempo de chegar em Manaus porque lá não tinha o antialérgico necessário. De voadeira⁹, seria uns 40 minutos de viagem, se fosse de barco seriam 2 horas e meia. Isso apesar do Estado ter uma arrecadação grande por causa do Pacto Industrial de Manaus, mas não há investimento em políticas públicas. As nossas estradas são os rios e tem muitos locais que a mulher precisa vir a Manaus para fazer o preventivo, fazer mamografia, fazer o pré-natal porque não há nenhum posto médico pelo menos com enfermeira. São muitas horas de barco e, muitas vezes, nos próprios municípios- sedes não são oferecidos os exames mais complexos. Nossas políticas públicas são muito falhas e essa é a situação das nossas mulheres das águas e da floresta. Elas sofrem todo o tipo de violência e, às vezes, não há promotor na cidade e nem juiz. Essas mulheres se encontram totalmente abandonadas à própria sorte.

Nós temos municípios atípicos aqui no Amazonas: Tefé, onde eles não só matam como também mutilam as mulheres. Houve um caso de uma professora que até apareceu num programa de TV, ela teve os 2 braços mutilados, escreve com o dedo do pé, tudo aconteceu por violência doméstica. Nesse mesmo município, um homem queimou uma mulher no dia em que ela recebeu o título de mestra e foi homenageada na cidade. Ele guardou baldes de gasolina atrás da porta e quando ela entrou, jogou gasolina nela e tacom fogo - ela morreu. Ele foi julgado aqui em Manaus, embora nós quiséssemos

9 A Voadeira é uma embarcação de motor com estrutura e casco de metal, geralmente alumínio, a maioria composta com motor de popa. É comumente utilizada no transporte fluvial na Amazônia, no Cerrado e no Pantanal brasileiro.

que fosse em Tefé para que o julgamento dele servisse de exemplo para os outros homens, mas a defesa dele alegou que lá não havia segurança.

Itacoatiara também é um município muito violento à mulher e com feminicídio. A nossa luta aqui em Manaus é para que essas mulheres que são assassinadas por feminicídio, tenham colocado no processo a causa da morte como feminicídio, porque a maioria dos escrivães coloca apenas como assassinato. E é o que esse presidente eleito defende, reduzindo tudo ao assassinato. Mas é muito importante mudar isso e ter uma política pública que atente para os processos como feminicídio porque esse termo representa o crime de ódio, ou seja, ela morreu porque era mulher. E isso é muito doloroso, você morrer porque é do sexo feminino, porque você nasceu mulher, isso é muito dolorido! Perdi minha companheira do sindicato, ela já tinha se separado, feito sua vida, mas o ex-marido a esperou na parada do ônibus para bater nela e a matar. Só que ele não sabia que o vigia do depósito viu o que ele fez. Isso tem sido comum e é um crime hediondo às mulheres. E as dificuldades não terminam por aqui, se a mulher ribeirinha quiser fazer uma faculdade, ela precisa se mudar para Manaus. Alguns municípios-sede tem faculdade, mas na área ribeirinha não há cursos de graduação para fazer. A atenção à saúde, também não é fácil! Além da mulher do interior precisar viajar para a casa de algum parente onde há atendimento, ainda existe a violência obstétrica, principalmente contra a mulher pobre.

Lá se vão as grandes heroínas
vestidas de aparente resignação.
mas são o sustentáculo da família
na honrada e dura lida pelo pão.
São fortes e atrevidas essas Marias,
Marias que tecem o fio do destino.
Em meio ao rebojo das calmarias,
o suor rola pelo rosto destemido.

(CORTEZÃO, 2018, p. 115)¹⁰

10 Marta Cortezão nasceu no município de Tefé, Amazonas. É escritora, poeta, tradutora, trovadora e ativista cultural. Tem poemas e contos publicados em anto-

Embora a Lei do Acompanhante¹¹ tenha entrado em vigor no ano de 2005 e em muitas localidades o “plano de parto” já seja uma realidade para resguardar a mulher da violência obstétrica, esse é ainda um tema caro que precisa ser abordado aos muitos cantos do Brasil. A carência de informação sobre esse direito da mulher é gigantesca, mormente, nas regiões mais desprovidas de educação e atenção à saúde básica. Eu queria saber mais sobre a realidade da mulher ribeirinha, esta que sofre as violências do machismo e da invisibilidade social para o resto do país. Cresci em um lar que me ensinou que dentro dos princípios cristãos, imaginar-se no lugar do outro era quesito imperativo e foi assim que me envolvi com as pautas da educação inclusiva, dos direitos humanos. E, desde que eu ouvi Djamila Ribeiro¹² enunciar sobre o “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017), fui tomada por uma agonia que me faz questionar, mais do que nunca, sobre quais são as chances e as brechas que as gentes espalhadas por esse planeta têm para ecoar suas vozes, suas dores:

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de

logias nacionais e internacionais. É membro-fundadora da Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-Amazônicos (ABEPPA), membro correspondente da Academia de Letras do Brasil – Amazonas (ALB/AM) e da Academia Ludovicenses de Letras (ALL/MA).

- 11 A Lei do Acompanhante diz respeito à garantia às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Posteriormente, outros documentos também foram publicados para que tal garantia se estendesse, igualmente, no âmbito privado (BRASIL, 2005).
- 12 Djamila Taís Ribeiro dos Santos nascida em 1 de agosto de 1980, em Santos, São Paulo, é uma filósofa e feminista negra. É graduada e mestra em Filosofia Pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e tem sido reconhecida por sua atuação como escritora em renomados jornais, bem como por seu ativismo potente na Internet. Seu livro “Lugar de Fala”, publicado em 2017, vendeu mais de 50 mil cópias e é uma das principais referências que trago para esta obra “Águas de Piratas” para a compreensão acerca do lugar de fala das muitas mulheres que entrevistei e que enunciam a partir de sua realidade sociocultural, financeira e pessoal.

vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba. Com isso, pretende-se também refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva (RIBEIRO, 2017, p. 39).

A voz de Luzanira, sem dúvida, traz à tona a existência, a resistência, a re-existência dessas mulheres que os movimentos feministas acabam por des-cuidar. Mulheres que vivem em palafitas, muitas delas sonhando de lá ficarem sem a perturbação dos grileiros, dentre outras que almejam a vida na cidade. Vale ver o curta metragem de Jorane Castro (2011) para se aproximar de longe, desse cotidiano tão distante da maioria de nós. Mulheres silenciadas pela carência de oportunidades de ocuparem seu lugar de fala. De que direitos elas carecem? E Luzanira me conta:

Quando a mulher é pobre e está na maternidade, aqui em Manaus ou nos municípios que tem hospital, e precisa fazer uma cesárea, quando o médico resolve fazer a cesárea, às vezes a criança já está quase morta, às vezes até perde a criança. Quando a mulher pode pagar, aí logo o médico já se propõe a fazer uma cesariana. No caso das mulheres ribeirinhas, é só através das parteiras ou então, quando vai chegando o dia do parto, ela precisa viajar para um município que possa lhe fazer o atendimento para o parto. Mas na maioria desses locais também não há incubadora, caso o bebê venha a necessitar, então, ela acaba precisando vir até Manaus. Houve um caso, acho que foi em Carauari, que um médico improvisou um atendimento com oxigênio feito com garrafa pet para tentar salvar a vida de gêmeos enquanto fossem trazidos para cá. Só um sobreviveu. Há muitas dificuldades! Muitas mulheres ribeirinhas nunca fizeram um preventivo, pré-natal ou mamografia. Essa é a realidade da mulher que mora no centro da mata. O Amazonas é um outro país dentro do Brasil. Nós temos municípios aqui que tem a mesma

quantidade de voos para Manaus do que há para São Paulo, mas não há investimento em políticas que atendam a população de maneira geral.

Luzanira, e o que você me diz sobre a importância da educação diante deste panorama tão desgostoso para as mulheres?

Por experiência minha e de outras companheiras, a educação dos filhos com a sensibilidade de respeitar as meninas, é a melhor prevenção contra a violência às mulheres. Principalmente na escola, essa prevenção é muito importante, porque é o primeiro local, depois da casa, onde as meninas se deparam com a violência. Porque desde pequenas, as meninas já sofrem violências dentro de casa: a violência que precisa reparar o irmão porque ela é menina. Porque ele é menino não vai lavar louça, vai lavar louça, sim! Menino vai varrer a casa, sim! A menina quer brincar de bola, pois vai brincar de bola, sim! Por que a menina só pode brincar de boneca? Ora, ela também pode brincar de carrinho! Porque é isto que torna o homem machista: a primeira coisa que dão para um menino é uma bola e o que você faz com uma bola? Você a domina. Daí dá um joguinho de panela para a menina, já ensinando que ela vai é cuidar da casa. Na minha casa, eu penso isso com relação a fazer a comida, e digo para o meu filho: você tem o direito de não gostar de fazer a comida, mas tem o dever de aprender a fazer porque é para você mesmo. É preciso educar os meninos para respeitarem as meninas, porque as meninas não existem para ficar fazendo coisas para os meninos e sim, todos devem aprender a fazer juntos. Por que um homem não pode aprender a fazer um bolo, um creme de cupuaçu, fazer uma maionese e a mulher tem que aprender a fazer tudo? Essa é uma educação importante que deve vir de dentro de casa. Isso não é fácil porque as mulheres foram educadas, infelizmente, para serem dóceis. Agora, imagina uma mulher que é xingada e maltratada por um homem e à noite, ainda tem que transar? Para mim, isso é um estupro, um estupro sem arma. Já há mulheres que estão tendo a coragem de fazer esse tipo de denúncia. Mas muitas vezes, quando o homem chega bêbado, fedorento à bebida e a mulher diz que não quer transar, há marido que força e às vezes

força até machucar a mulher. Muitas mulheres permanecem com esse tipo de homem porque há toda uma questão social e de comodismo à situação também. No Fórum de Mulheres nós estamos acompanhando o caso de uma mulher que é independente financeiramente, mas ela está quase que como em cárcere privado, ela só sai para trabalhar e o homem fica rastreando onde ela está e é violento com ela. Ela não depende dele em termos financeiros, mas continua nessa relação.

Na minha infância eu vivi o silêncio.
Um silêncio de profundidade tamanha.
Meu silêncio tinha vozes
que procuravam respostas para as indagações
que passaria a formular mais tarde,
já na minha adolescência e, mais seguramente,
na minha fase adulta
(MELO, 2012, p. 15)¹³.

Pareio a enunciação de Luzanira com a de Heleieth em 1994. O interstício entre ambas é de 25 anos, contudo, a problemática da brutalidade do macho e da ferocidade da cultura machista persevera e se perpetua por anos a fio. Um circuito de violências árduo de se erradicar, uma vez que a própria instituição Igreja, infelizmente, tem sido um dispositivo de ratificação da mulher como objeto e do homem como aquele que tem poder sobre ela, sobre seu corpo, uma vez que (re)corta os versos bíblicos que mais lhe convém para chicotear a mulher com a sina da submissão como vontade de seu deus. E isso não acontece apenas no cristianismo, mas também no islamismo e judaísmo que, similar, são religiões abraâmicas. Assim, a mulher sofre maus-tratos, é inferiorizada, é explorada no serviço doméstico que a

13 Regina Lucia Azevedo de Melo nasceu no dia 01 de fevereiro de 1959 na cidade de Manaus. Graduou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas/IGHA, Cadeira Nº. 7. Trabalhou como jornalista em vários jornais e é autora de livros de poesias. É vasta e densa sua linda travessia pelas artes.

consome, apanha quando questiona e, tal qual vassala de seu senhor, ainda tem que o servir com sua carne, acudir seus prazeres sexuais.

A violência do macho contra a mulher, expressa de diferentes formas - ironia, espancamento, reprodução forçada, estupro, homicídio etc - é constitutiva da organização social de gênero no Brasil. Via de regra, a violação sexual só é considerada um ato violento quando praticada por estranhos ao contrato matrimonial, sendo aceita como normal quando ocorre no seio do casamento. Ou seja, uma vez casada, de jure ou de fato, a mulher constitui propriedade do homem, devendo estar, como qualquer outra mulher-objeto, sexualmente disponível para seu companheiro. Muitas mulheres já não admitem a violação sexual no interior do casamento, negando-se a cumprir o “dever conjugal” e tentando mostrar ao companheiro que a relação sexual só faz sentido quando existe convergência de vontades. O homem, ainda amplamente informado pelo poder socialmente legitimado que exerce sobre a mulher e pela experiência de impunidade quando ultra-passa os limites do tolerável, lida de forma violenta com esta nova situação (SAFFIOTI, 1994, p. 443).

Não é pouca a violência contra as mulheres dentro de suas próprias casas e por parte de seus cônjuges. Violências diversas (psicológica, física, sexual, moral, patrimonial) que são amoitadas e atenuadas pelo poder do macho que se encontra no cume piramidal da sociedade patriarcal nos mais diversos e distintos postos de comando, controle, manutenção e perpetuação da cultura machista. De ministros sacerdotais, a delegados, polícias, políticos, legisladores, escritoras, médicos, filósofos, professores, acadêmicos, jornalistas, etc., eles se fundem em ligas que avolumam a dureza do machismo sobre a vida social das mulheres para neutralizar ou diminuir, cada vez mais, sua resistência e potência de libertação dessas antigas amarras. E Luzanira, com cuidado, diz-me:

O que sempre digo em minhas palestras para outras mulheres é que, quando vocês vierem uma mulher machucada, uma mulher com o olho roxo, não lhe pergunte como ela está. Porque a resposta a gente já sabe, ela vai dizer que caiu no banheiro, que foi a porta do guarda-roupa

que lhe bateu no rosto. O que digo é: fique amiga dela! Esse é o trabalho que gente faz porque sabemos que essa mulher apanha do marido. Eu não chego fazendo perguntas, mas me aproximo dela até ganhar sua confiança e ela mesma resolver me contar o que está acontecendo. Para ajudar uma mulher vítima de violência, leva tempo porque ela, dificilmente, vai dizer que apanhou do marido. Em geral, ela se culpa por ter apanhado e sente vergonha de sua própria situação. Muitas vezes, ela também tem medo de ficar sozinha e, na maioria das vezes, não sabe que ficando sozinha ela pode ser muito mais feliz porque poderá fazer e ir onde quiser.

E, particularmente, eu acredito que aconteça mais violência doméstica contra a mulher que vive no interior, a mulher que vive nas águas e na floresta, do que aquela que vive nos municípios. Só que como ela não tem meios para denunciar e nem para quem denunciar, ela acaba ficando calada. E também ainda há aquela cultura de “ruim com ele, pior sem ele” e assim, ela fica dentro de casa. Quando nós íamos fazer as palestras nas escolas e em outros lugares, eu perguntava se elas conheciam a Lei Maria da Penha. Muitas diziam que sim, mas apontavam que não havia como aplicar a lei. Atualmente está havendo concurso para delegado nas delegacias do interior, mas antes, era apenas um policial militar que tinha apenas o ensino médio, sem falar que muitas vezes, ele era amigo do homem que era violento com a mulher. Faz um tempo que em Itacoatiara, o policial de lá expulsou sua mulher de casa sem direito a nada e os processos estavam todos engavetados. A assistente social que precisava fazer o perfil socioeconômico para dar prosseguimento à partilha de bens, era amiga do policial, então ela engavetou o processo. Nós fomos até buscar a mulher e trazer para cá.

Imaginando quantas mulheres terminam grávidas como consequência de abusos sexuais de todas as formas, dentro e fora da relação conjugal, indago Luzanira sobre a questão do aborto¹⁴, tema arenoso na

14 Cerca de 55 milhões de abortos foram realizados em todo o planeta entre 2010 a 2014. Destes, 45% foram abortos inseguros, sendo 97% concentrados na América Latina, África e Ásia. E quanto mais duras e restritivas são as leis, mais cresce o número de abortos inseguros, ou seja, eles acontecerão mesmo na clandestinidade. A mulher rica pagará para fazê-lo e encontrará mais segurança junto a profissionais da saúde. A mulher pobre arcará com o risco de o fazer onde puder. Cerca de 70 mil mulheres morrem

sociedade brasileira que se exaspera pelos que ainda não nasceram, mas pretere as centenas de nascidos que cruzam os semáforos e os corredores de abrigos para menores abandonados. Dissimulados, dizem-se defensores da vida, contudo, sobem os vidros de seus carros para não sentirem a pestilência da pobreza daqueles que não foram abortados no útero materno, mas malogrados de uma vida digna pelo ventre da sociedade. Inflamam sentenças de que a mulher não tem direito sobre seu corpo quando há outra vida em suas entranhas, mas adoçam a impostura com seus machos que espalham seus espermatozoides e fogem das inúmeras responsabilidades de ser pai (imaginem se adotassem as crianças ou as medidas preventivas para os homens de seus próprios clãs – possivelmente não teríamos mais que litigar sobre aborto). Até no dito popular mais afável, “mãe é mãe”, percebe-se a incomensurável sombra do machismo estrutural que culpa e condena a mulher pelos seus erros e a ela impõe “acertos” considerados inquestionáveis pela sociedade. No “mãe é mãe”, à mulher é expectável que se responsabilize, integralmente, pela criação de seus filhos, que seja afetuosa e que por ele dê sua vida, seja qual for a circunstância. O “mãe é mãe” basta à sociedade que minora o compromisso do homem de assumir os filhos que gera. O macho pode enjeitar sem que os pró-vida se estrebuchem, do macho só se espera que viva livremente, sem amarras, com permissão consentida para ser egoísta já que “homem é assim mesmo”. Da mulher só se aguarda resignação, custe-lhe o que custar, já que ela foi quem abriu as pernas sem-vergonhas para o macho ganhão se lambuzar. Não obstante, sem dilações, a responsabilidade do gerar filhos e de seu amparo e cuidado, deve ser de ambos, homem e mulher, macho e fêmea, equitativamente. Com pesar, Luzanira relata:

Hoje, ainda morrem muitas mulheres também pela questão do aborto. Mulheres que quando chegam na maternidade, mesmo com o aborto espontâneo, elas são muito maltratadas, discriminadas, ficam lá jogadas

todos os anos por complicações em razão da precariedade das condições de higiene e desqualificação das pessoas que o praticam. Mulheres de todas as idades, inclusive adolescentes, buscam o aborto, principalmente, quando não têm expectativas de uma rede de apoio que as acolha para a criação do filho (GANATRA, BELA; et al, 2017).

esperando para fazer um exame de sangue para saber se ela tomou ou não um remédio abortivo. Nós tivemos uma companheira do MUSAS, que estava grávida e que queria muito aquele filho, mas o perdeu. Ela estava sofrendo porque perdeu o filho e, enquanto não chegou alguém para ir lá e brigar por ela, não foi atendida. Isso é muito dolorido! E quem sempre costuma ser criminalizada pela questão do aborto, é a mulher. Eu costumo dizer que quem legalizou o aborto no Brasil foram os homens. Quantas milhões de crianças têm a certidão de nascimento sem o nome do pai? Mas a verdade é que se a mulher tiver um apoio, uma rede de apoio, ela não faz aborto. O aborto precisa ser tratado como uma questão de saúde pública, porque se a mulher, antes de decidir fazer o aborto, ela passar por uma assistência, por uma psicóloga, por uma assistente social, se ela se sentir apoiada, ela deixa de fazer o aborto que pretendia fazer.

Já eram quase 9 da noite! No outro dia eu retornaria para casa. Por fim, perguntei à Luzanira sobre seus sonhos porvir, pois acerca das dores, nenhuma lágrima havia se ausentado daquele encontro. O vocábulo sonho, declinou e cedeu à palavra-ação luta:

Estou na militância antes dos 20 anos de idade, em 2020 eu faço 60 anos. Nós ainda temos muitas lutas pela frente. A minha principal frente de luta hoje é a violência contra a mulher. E aí, engloba tudo, vem a violência no trabalho, a violência doméstica, a violência obstétrica que é uma coisa terrível. E a nossa luta é por políticas públicas para as mulheres. No Brasil nós não temos políticas públicas de Estado, nós temos apenas políticas de governo. E, os nossos problemas nos municípios, nos estados, no Brasil, só vão ser resolvidos quando nós tivermos políticas de Estado. Porque sendo uma política de Estado, o próximo governo que entrar será obrigado a seguir com aquela política que estiver dando certo. Enquanto isso não acontecer, a vítima ainda será a mulher. É a mulher quem leva a mãe, que leva o pai, que leva os filhos ao médico. É a mulher quem vai atrás de vaga para o filho ir ao colégio. A mulher é que sempre é penalizada por tudo, pela falta de políticas públicas de Estado. A caminhada ainda é muito longa para todas as mulheres desse país. Eu e outras companheiras estamos discutindo sobre como levantar

todos os dados necessários sobre violência contra a mulher no país. Porque para discutirmos com esses governos é preciso estarmos com dados nas mãos dizendo que são tantas mulheres estupradas, tantas assassinadas, tantas mulheres vítimas de violência obstétrica. É isso, Sílvia!

A memória evapora o concreto
arrasta o mais longínquo para perto.

Memória, solução de permanência
metamorfoseia falta em presença.

Memória, cofre-forte invisível
armazena tesouro imperecível.

A memória nos ressuscita os mortos
além da terra.
Além de seus corpos.
(CABRAL, 2007, p. 46)¹⁵.

Eu olhava para aquela mulher vivida e lavrada na luta e na dor e não queria parar de ouvi-la. Seu olhar embebido de força e coragem, sobretudo, de esperança no combate em coletividade, tomava-me a alma. Ah, se em cada metro quadrado desse país gigante, dessa “Nuestra America” tão sofrida, tivéssemos uma Luzanira na linha de frente contra os sugadores de vidas trajados de colarinho branco com as nádegas acomodadas em estofadas e macias cadeiras públicas! De novo Heleieth se fez presente: “qualquer mulher não-portadora de consciência dominada saberá desfrutar do prazer, assim como enfrentar os sofrimentos que a vida possa lhe impor” (SAFFIOTI, 2006, p. 32). De Luzaniras, é que precisamos!

15 Astrid Cabral Félix de Sousa nasceu em 25 de setembro de 1936 em Manaus, Amazonas, Brasil. É poetisa, contista, professora e funcionária pública brasileira. Graduiu-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em língua inglesa e literatura norte-americana pelo Teacher’s Training Course do IBEU. Sua escrita é fortemente marcada pela proximidade com a natureza.

Hoje, quando arremato esse último parágrafo, é 17 de janeiro de 2021, domingo chuvoso em Poços de Caldas, 18h35 da tarde. Quando eu colocar o ponto final, já terão se passado mais alguns minutos. No território do povo das florestas e das águas, R\$ 7,459 bilhões foram arrecadados até agosto de 2020. Em Manaus, gente que nem você e eu, morre asfixiada por falta de oxigênio nos hospitais, vítimas da epidemia do descaso, da indiferença, da des-igualdade incomensurável que dizima o Brasil. Consegue se imaginar des-vivendo, sufocada pelo aperto de mãos da incúria política? O coronavírus arruinou o baile de máscaras da hipocrisia que tirava onda nos lugares santos e profanos do país. Na terra de Luzanira, médicos e enfermeiros se revezam em ventilação manual numa tentativa sobre-humana de segurarem os espíritos nos corpos que se desfalecem sem o principal elemento para sua sobrevivência. E nos falta ar, a nós todos, para suportarmos a toxicidade da minimização dos problemas sociais e das negligências que apuram a chegada da morte, principalmente, para os mais pobres. Porque em um universo à parte, onde o dinheiro compra quase, quase, quase tudo, ainda há os que faturam no comércio de cilindros de oxigênio por 6 mil reais em cima de quem vê seu Amor agonizar à míngua e sem ar. Há também quem deixa escorrer dos bolsos, à vista, a fração ínfima de R\$ 170 mil para zarpar de Manaus em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) aéreas.

Mas também há a solidariedade que nos aleita em pequenas doses com a imunização da esperança esperançosa de que o bem há de vencer o medo, de que amanhã há de ser outro dia. Mesmo sendo afligida há pelo menos 6 anos com o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos e sendo insultada a rodo pelo governo federal brasileiro e seu rebanho, a Venezuela põe à disposição o envio de oxigênio para amenizar as dores de Manaus.

Respiro sem ponto final...

MERCADO DE CARNE



Fazia 5 meses que eu navegava à procura de uma mulher que pudesse conversar comigo sobre o macabrisimo do mercado de pessoas que assombra qualquer mãe de guria ou piá miúdo que tenha um bocado de bom senso.

Eu havia até iniciado conversa com uma mulher que sabia muito sobre o assunto. Mas o pânico da eventualidade de ser reconhecida nestas páginas, a afastou integralmente de mim e, em austera entonação me deixou um alerta: “eles estão por toda parte e se acharem que você é uma ameaça, eles te pegam e te matam”. Já estava me conformando com a obviedade de que seria muito incomum encontrar alguém com propriedade para tratar desse tema que não toma corpo em nossa fala diária. É coisa de filme, distante da gente, vez ou outra, tema de novela.

Mas em 31 de agosto de 2019 resolvi fazer uma derradeira tentativa. Escrevi à direção da APRAMP¹⁶ em Madri, Espanha. Após 23 dias de contato e cuidados, encontrei-me com Marcela que completara 37 anos de vida. Resoluta, em *brasinhol* (brasileiro mesclado com espanhol), comparte comigo sua história.

Eu vivia em São Paulo, Brasil e tinha 23 anos quando era secretária em um escritório de advocacia e estudava Direito. Esse advogado com quem eu trabalhava como sua secretária, e pelo meu desejo de estudar Direito, falava para mim que se eu me saísse bem, ele me ajudaria a pagar a metade do valor da universidade e metade do valor dos livros. Eu trabalhei com esse advogado por quase 4 anos. Em razão da crise que houve no Brasil, acabei por perder o meu trabalho, mas eu queria continuar estudando. Só que os livros são muito caros e ainda que fosse uma universidade pública,

16 A Associação para a Prevenção, Reintegração e Assistência à Mulher Prostituta (APRAMP) é uma organização espanhola criada em 1984, dedicada a apoiar as pessoas que sofrem exploração sexual, prostituição forçada e tráfico.

não conseguia terminar de completar o que precisava a partir do valor que eu recebia pelo seguro desemprego. Foi aí que eu conversei com uma amiga que me disse que conhecia uma senhora no Brasil que tinha uma agência e que ela ajudava pessoas a encontrarem trabalho na Europa. Então eu disse: “ai menina, se eu não consegui sair daqui para o Ceará, como vou conseguir ir pra Europa?”. E foi passando o tempo e eu já não conseguia mais viver só com o seguro desemprego que já estava se acabando.

Nunca tive boa relação com minha família. Minha família me desprezava muito, fui uma criança muito maltratada e eles nunca acreditaram em mim. Por isso eu queria buscar minha vida sozinha. Então, pedi para essa menina me colocar em contato com aquela senhora. Ela marcou um encontro em uma cafeteria e me fez a proposta de ir para a Europa para trabalhar como doméstica, cuidando de criança ou de idoso e que o meu salário inicial iria ser de 1200,00 Euros. Multiplicando o valor de salário em Euro pelo valor do Real na época, era uma ótima proposta e como eu ficaria trabalhando fora por um período de apenas 6 meses, eu acreditei.

Enquanto ouvia Marcela, eu me recordava que no dia 25 de abril, quase 5 meses antes, o então presidente número 1 do país havia pronunciado mais farpas abusivas, como era de sua rotina: “Não podemos ser país do mundo gay, temos famílias. Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade!” (ANSA, 2019). Parece inacreditável que um presidente da república possa ser tão tosco. Se não bastasse o tom homofóbico, seu lance também era uma apologia à exploração sexual. Um discurso nauseabundo impregnado de misoginia e de um senso distorcido sobre como o turismo deve ser abarcado no país. Sem dúvida que o Brasil está de braços abertos aos que o querem conhecer e isto é importante para nossa economia. Mas longe de vacilações, nossas meninas e mulheres não podem estar a serviço dos machos gringos.

O tráfico de pessoas é um problema socioeconômico de dimensão incomensurável e que se sustenta a partir da manutenção da pobreza, da falta de acesso à educação e à oportunidades de trabalho com salários decentes. O torvelinho dessa vala abissal de desigualdade social suga os

miseráveis para uma condição de vulnerabilidade escravizadora da qual é muito difícil se desarvorar. É daí que as ardilosas promessas de trabalhos rentáveis funcionam como armadilhas para presas raquíticas de esperanças de um futuro bom. Ao se distraírem pelas expectativas criadas, os traiçoeiros dão o bote, agenciando os invisíveis à exploração sexual, à servidão forçada, ao contrabando, a serem mulas para o tráfico de drogas e até à remoção de órgãos.

Marcela, e o que você fez?

Eu pensei e esperei. Não tomei a decisão no primeiro momento. Conversei com minha avó que era a pessoa de minha referência, a pessoa que confiava em mim e me dava apoio e ela falou: “Ah, menina, você não irá perder nada se for para lá porque serão só 6 meses! Você irá perder é se você ficar aqui”. E, então, eu pedi para conversar com aquela senhora mais uma vez. Primeiro ela fez amizade com toda a minha família, ela se introduziu dentro da minha família para se fazer de amiga e conhecer a todos, conhecer os pontos fortes e os pontos fracos para criar estratégias. Depois de 3 meses foi quando eu me decidi e falei: “agora que a gente já é amiga, eu confio em você e vou!”. Mas eu também informei que não tinha dinheiro para arrumar o passaporte ou a passagem aérea. E ela disse: “não se preocupa não porque a gente vai te dar de tudo!” E, realmente, foi assim! Ela me deu dinheiro para tirar o passaporte na Polícia Federal – ela nunca foi comigo, eu sempre fui sozinha. Ela me deu todas as instruções sobre o que eu tinha que fazer, pois eu não sabia, eu nunca havia saído do Brasil. Ela também me disse que na Europa as pessoas se vestiam diferente e me deu dinheiro para comprar roupas – umas roupas mais arrumadinhas.

Eu tentava me imaginar no lugar de Marcela. Uma jovem repleta de sonhos e com muita vontade de trabalhar e vencer, mas sem condições financeiras e nenhuma estrutura familiar. E se fosse comigo nesse mesmo cenário?

Um dia antes do embarque, a tal senhora chamou Marcela e outras 7 jovens para uma reunião na mesma cafeteria. Apesar de achar estranho, Marcela considerou justo, uma vez que semelhante a ela, tantas outras ga-

rotas precisavam de ajuda. De maneira um tanto incógnita, foram instruídas a se dispersarem e a retirarem o bilhete aéreo em um outro *cybercafé*. A primeira parada seria em Portugal. Era preciso tomar cuidado com a polícia federal, o que a posse de 500 Euros já lhes seria suficiente para se camuflarem como turistas, além de uma reserva de hotel com telefones e endereços de lusitanos que poderiam confirmar a trama.

Dia do embarque!

Não sem propósito, a rota teve múltiplos destinos: decolou de São Paulo para Paris, depois à charmosa Vigo, na Espanha, onde uma van aguardava as moças que se acomodaram uma por vez, sem atropelos que aterrorizassem suspeitas no aeroporto. Pulsando expectativas mil, pousavam os pés em um casarão luxuoso em terra portuguesa. Acolhidas pela doçura de uma senhora, confiaram seus passaportes ao cofre por precaução.

Junto à outras meninas, passearam, conversaram, sonharam! Mas ao final de uma semana de esplendor, questionavam com incômodo entre si: “mas e o trabalho?”. E em um quatinho guardado com 2 brutamontes, a doce anfitriã jogou a real:

Atenção, meninas! Vocês não estão aqui para nenhum trabalho doméstico. Vocês vieram foi para trabalhar na prostituição.

Todas ficaram chocadas. Marcela, geniosa e impulsiva, levantou-se e bradou:

Tenho um bilhete aéreo para amanhã e vou voltar para casa amanhã mesmo! Assim que encontrar um trabalho no Brasil, devolvo o valor da passagem, mas garota de programa não vou ser. Não quero e nem sei como é viver fazendo isso.

E de um dos seguranças lhe veio a primeira das muitas bofetadas que iria tomar na cara. A mulher se pôs a tomar todas as suas fotos, inclusive das sobrinhas de 4 e 6 anos que ela amava de coração. E em lágrimas, Marcela se justifica:

Sílvia, me desculpa! É que eu me emociono quando me lembro disso tudo. A mulher disse que eu iria, sim, fazer tudinho que mandasse senão ela avisaria os comparsas do Brasil que iriam sequestrar as meninas, violentá-las e depois juntariam todas as partes de seus corpos, fariam vídeos e fotos para me fazerem entender aquilo que eu havia vindo fazer na Europa.

Não consigo encontrar palavras para descrever o mal-estar em ouvir Marcela compartilhando comigo tudo o que havia passado. A tristeza embalava sua voz e deixava escapar um choro que, quando engolido, arranhava-lhe a alma. Os dias de esperança para o porvir se tornavam pesadelos tenebrosos. Cada uma já havia acumulado 580,00 Euros de dívida para serem somadas a tudo o que haviam consumido naquela semana. Subitamente, Marcela recebia em mãos um *modelito* que deveria trajar após se embelezarem no salão de beleza e se apresentarem impecáveis aos puteiros. E me aclara o vocábulo justificando:

Eu uso o termo “puteiros” porque entendo que ‘cliente’ é quando você vai numa loja ou em um supermercado às compras e não quando você consome corpos e acaba usando e abusando de uma pessoa sexualmente. Não se pode considerar como cliente uma pessoa que está abusando da minha irmã, abusando da minha mãe, abusando da minha esposa. Uma pessoa que abusa de uma mulher não pode ser um cliente, ele mesmo é um puteiro. Eu me lembro que nós descemos para o salão e como estávamos em estado de choque, nós não sabíamos o que tínhamos que fazer. As outras meninas viram o que estava se passando comigo. Ninguém quis dizer mais coisa alguma. E foi nesse momento que me senti culpada. Me senti culpada porque eu havia ido em busca de um sonho e resultava que eles haviam roubado tudo o que eu [choro], tudo o que eu havia sonhado para minha vida. Me senti culpada por colocar a vida da minha família inteira em perigo.

Marcela ficou em Portugal por 3 meses até que seus algozes começaram a ficar alarmados por conta de uma blitz da polícia que buscava imigrantes ilegais e contrabandistas de drogas. Tráfico de pessoas não era o foco. Eles a esconderam porque ela era uma recém-chegada e tinha

uma encorpada dívida a pagar e, obviamente, os cafetões não a deixariam ir tão facilmente. Ela temia, pois se a deportassem, seus *herodes* poderiam ir atrás de sua família. Rapidamente a levaram para o esconderijo de uma das mulheres. Três dias depois, ela e outras 2 infortunadas foram enfiadas em um carro rumo à Sevilha, Espanha.

Se em Portugal as coisas não estavam fáceis, na Espanha era pior, pois as dificuldades idiomáticas multiplicavam as tribulações. O clube para diversões masculinas era maior e abocanhava a vida de outras 280 mulheres, brasileiras na maioria. Com todas elas submersas em dívidas agigantadas pelos alcoviteiros, relações amistosas eram praticamente ilusórias. Na sequência, narra-me:

Uma menina me chamou num cantinho e disse: “Aqui funciona diferente de Portugal. Se você quer pagar rápido sua dívida, você também tem que usar drogas”. E era só o que faltava para mim: ser prostituta e drogadita. E ela me disse: “Não vai ter outro jeito não, você vai ter que aprender”. Eu não sabia usar cocaína porque no Brasil, eu não fazia nada dessas coisas. Mas ela me explicou: “Você pode ficar tranquila porque aqui eles te ensinam a fazer de tudo. Desde que ganhe dinheiro, eles não irão fazer nada contra você”. E me levaram para um quartinho, igual esses que você vê em filmes de TV que vem com essas bandejas cheias de cocaína. É igualzinho! Fizeram aquelas fileiras bem grandes de cocaína e me ensinaram a fazer o canudinho: “você tem que fazer assim, tem que aspirar tudo para dentro!”. Era uma fileira como de 10 centímetros. E eu tomei... O medo era tão grande, porque tudo era motivo para eles te pegarem, que eu tomei tudo. Eu tinha medo pela minha família porque medo por mim eu já até havia perdido. E, rapidinho, eu aprendi a usar cocaína e a pedir drink para os puteiros. Porque um drink que um puteiro paga para uma mulher, vale 30 Euros. Eles dizem que a metade do valor é para a mulher e metade para o clube, mas isso é mentira, é tudo só para o clube. O negócio é só fazer “passe” com homens que pedem cocaína porque eles já vêm com o vício e é, por isso, que os clubes não querem uma mulher que também não use cocaína. Os viciados são os que gastam mais. Enquanto alguns homens

ficam 20 minutos, meia-hora consumindo no clube, aqueles homens que pedem mulheres que consomem cocaína, ficam 1, 2, 3, 4 horas até o dinheiro acabar. Então, eu tinha muitos desses puteiros que vinham comigo ao clube.

Seria intuitivo demais cogitar que com tanto dinheiro feito na prostituição, Marcela não tivesse condições de pagar sua dívida e sair daquela situação quando bem entendesse. Esse é o pensamento simplista que voa na cabeça da maioria das pessoas que nem chegam perto de fantasiar o que é sobreviver nessas zonas hediondas de separação, de *apartheid* do resto da humanidade.

Todo esse dinheiro que fiz, eu não vi nenhum centavo dele porque eles ficavam com tudo dizendo que era para pagar a dívida. Paguei mais de 50 vezes! Por mais que eu falasse: “eu já paguei isso!”, eles diziam: “não, você não pagou, porque teve isso, teve aquilo, teve aquele dia que você chegou mais tarde, teve o dia que você não se levantou do banco...”. Tudo era à base de multa e tudo eles inventam que você fez ou que você não fez para te cobrarem. E aquele valor de 5.800,00 Euros vai dobrando e dobrando e nunca tem um final.

Foram uns 6 meses em Sevilha. Eu estava ficando doente dos rins. Então eles me levavam ao hospital e tive acesso ao meu passaporte. Eles diziam: “Toma cuidado com o que você irá falar! Nem tente escapar porque nós vamos te encontrar. Nós temos amigos na polícia e você não tem para onde ir, pois nem sabe falar espanhol. Se você fugir, nós iremos te buscar. E vamos te picar em pedacinhos, meter você em uma mala, jogar ali no rio Guadalquivir”. E, à parte disso, eles sempre levavam as fotos das minhas sobrinhas pregadas no para-brisa do carro para que eu nunca me esquecesse [choro], nunca me esquecesse daquilo que eu tinha que fazer. Então, eu sempre voltava para o mesmo lugar.

As lágrimas e a fala tão dolorida de Marcela me embaraçavam. Era algo distante das minhas possibilidades de compreensão dos sentidos, dos significados e de todas as sequelas e desfechos que aquele protocolo de atrocidades grifava na vida de tantas mulheres. Por vezes me

senti péssima, inútil e impotente em minha condição confortável de escutar sua história para a composição do livro. Mas meu espírito inquieto me incendiava o peito ao cismar, racionalmente, que nada se encontrava ao meu alcance para mudar essa situação tão infausta. Oferecer o espaço dessas páginas para serem ocupadas pela voz de Marcela, era a única maneira que me incluía e me plugava à existência dessas mulheres. E eu pensava: poderia ser comigo!

Foram 6 meses de sofrimento arrastado na sobrevivência de Marcela até que um mafioso galego chegou imperando: “vou te levar para Madri porque você tem que levantar um clube que está fodido e como você está aqui fazendo muito dinheiro, você vai trabalhar lá”. Fazer os machos consumirem seus corpos, bebidas e muita cocaína era trabalho duro e perigoso.

Nós nunca víamos o dinheiro. As vezes os puteiros nos levavam para suas casas. Passei uma semana inteira com um puteiro. Gerei 14 mil Euros para esta máfia. Quando voltei depois de 1 semana à base de álcool e drogas, cheguei decidida e falei: “olha, a minha relação com a senhora já acabou, então, pega a sua parte do dinheiro e me dá a minha que eu vou embora”. Ela perguntou: “você vai para onde?” E eu disse que não sabia, mas que iria. Ela me olhou com desprezo e cara de nojo e disse: “você não tem nada de dinheiro aqui!”.

Eu havia passado 1 semana com aquele homem. Então comecei a gritar e me coloquei de uma forma violenta e ela também. Ela chamou o segurança e eles me pegaram com força. Nesse dia me bateram no rosto e abriram minha cabeça. Diferente das outras vezes que batiam em lugares que não poderiam ser vistos, não se importaram onde dariam um soco ou a garrafada. Eu estava cansada de sofrer! E já havia memorizado o número de contato de socorro 24 horas da APRAMP.

Uma das mediadoras sociais já havia identificado vários indícios de que eu era uma vítima do tráfico de mulheres. Com todas as forças me agarrei numa frase que ela havia me dito e que eu nunca havia ouvido da minha família: eu poderia ser que eu quisesse ser e aquilo que me propusesse ser. Essa frase era meu bote salva-vidas! A máfia havia me tirado o

telefone, um telefone que eles usam para nos controlar o tempo todo. Mas eu havia memorizado o número da APRAMP e enquanto eles se distraíram chamando uma menina para limpar todo aquele sangue e costurar minha cabeça, eu disse a ela: “me empresta seu celular?” – e ela disse: “ah, menina, cuidado, eles vão te matar!”

Nada mais me interessava e eu nem sabia mais quem eu era [choro]. Sairia dali viva ou morta. Liguei para o número 24 horas. A APRAMP ativa um protocolo quando recebe a ligação. Perguntaram se eu queria que chamassem a polícia e eu disse que não porque colocaria a vida das outras em perigo. E porque com uma chamada eles poderiam contatar as pessoas do Brasil e matar toda minha família [choro]. Pouco tempo depois foram me buscar em um carro particular e foi quando eu consegui sair de lá. Os clubes na Espanha estão cheios de grades, câmeras de vigilância e seguranças nas portas. Fiquei bem perto da porta e quando o segurança despistou, eu saí correndo de salto alto e tudo, vestida com a roupa que nos obrigam usar. O carro estava parado, estrategicamente, bem na porta. E foi quando eu consegui sair daquele lugar de escravidão e sofrimento.

Marcela viveu um difícil processo de recuperação junto a APRAMP. Foi levada para um lugar de proteção a vítimas de tráfico de pessoas e interpôs uma denúncia à polícia. Passou por 11 psicólogas e por tratamento para desintoxicação das drogas e álcool. Finalmente, pode iniciar seu processo de formação para a reinserção social e laboral, aprendeu o espanhol.

Após 15 anos junto a APRAMP, ela segue em luta para ajudar outras mulheres que se encontram capturadas pelo pesadelo de um dia terem acreditado que seriam ajudadas a conquistar seus sonhos que a “pátria amada, salve, salve” sufocou pelos tentáculos inescrupulosos de seus representantes públicos que bebem o sangue do povo enquanto se saciam de pão e caviar, com exceção nas campanhas eleitorais em que mortadela e pastel se tornam suas estampas populistas. E adverte:

Quando olhamos as coisas pelo ângulo do Brasil, pensamos: “ah, compensa ir ganhar dinheiro na Europa!”. Mas, não! A coisa aqui na Euro-

pa não é tão fácil assim. Houve uma situação em que fomos ao consulado brasileiro para falarmos sobre a situação das brasileiras aqui na Espanha. E disseram: “Ah, já vêm vocês com os problemas das putas brasileiras! As putas brasileiras vêm para a Espanha para ganharem dinheiro”. Eles não querem nem escutar a realidade das mulheres. Para eles as brasileiras são todas putas. Tal como se passou comigo em Portugal em que os portugueses diziam: “ah, se você está aqui em Portugal, então você é puta!”. Não há respeito por nós como pessoas, não querem saber a situação de que a gente vem, se temos dívidas ou não. O que eles querem é abusar de nosso corpo e pronto! E eles acham que porque estão pagando, podem fazer aquilo que quiserem e entenderem.

Marcela, e como acontece a relação entre tráfico de pessoas e prostituição?

A relação entre o tráfico humano e a rede internacional de prostituição é muito direta. A captação começa aí no Brasil. Se as meninas vivem em um estado de vulnerabilidade, de pobreza, numa família desestruturada emocionalmente e economicamente, assim como eu estava, é onde a máfia irá atacar. O tráfico de pessoas e a prostituição andam de mãos dadas. Porque se não houvesse tráfico também não haveria prostituição. E também está muito relacionado à demanda dos homens.

A Espanha é o primeiro país europeu que mais consome e promove prostituição e é o terceiro país em nível mundial, depois de Tailândia e Porto Rico, segundo os dados da Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁷. A Espanha é um país de tráfico para destino. Os puteiros estão ligados numa coisa e outra. A prostituição existe porque há demanda. A exploração sexual existe, os cafetões existem porque tudo isso é um negócio. E é o negócio mais lucrativo do mundo, depois do tráfico de drogas. No Brasil, é preciso abrir os olhos! Porque como eles me captaram, também podem captar qualquer menina. E, agora, uma moça de 25, 26 ou 27 anos, já não serve tanto aos interesses deles. Querem meninas de 15, 14 e até de 13 anos. Mais do que isso, já é difícil fazer negócios.

17 Cf. 5.600 casos de escravidão na Espanha (DOMÍNGUEZ, I.; GÁLVEZ, 2017).

Existem mulheres mais velhas que podem ser captadas, mas, rapidamente, a máfia se desfaz delas e vendem para outra máfia. Porque querem uma mulher que dê lucro, uma mulher que esteja produzindo e isso é o esperado das mulheres mais jovens. As mulheres mais velhas, que são descartadas, tentam trabalhar de forma independente, mas elas acabam muito deterioradas. Há algumas mulheres que conseguimos ajudar. Há mulheres que pensam que ganharão 10 mil Euros hoje, quando mais jovens, e que imaginam que ganharão isso com 30 ou 35 anos, mas isso não é a realidade. Mulheres iguais a mim, que chegaram aqui aos 23 anos, sem a ajuda da APRAMP, acabam mortas. Inclusive, eu tive um infarto e perdi a metade dos órgãos do meu corpo e, então, sem ajuda, hoje mesmo, eu já não estaria mais aqui.

Importante compreender que no núcleo duro do patriarcado enquanto sistema social, o macho é o próprio poder em curso. Nesse sistema, o lado esquerdo da balança pesa menos, embora carregado de mulheres com suas crianças e com todas as minorias que elas arrastam consigo. O lado destro dos machos-brancos-héteros sopesam para mais, a partir de todas as suas normativas bio-sócio-econômico-político-religiosas que estruturam a vida e a sobrevivência em sociedade, inclusive, decidindo quem sequer ficará perto da margem periférica, mas sim, para lá de um oceano abissal tomado de invisibilidade.

No combo do patriarcado, a identificação de uma vagina na hora do nascimento ou até mesmo antes, por ocasião da ultrassonografia que revela o sexo do feto, é coeficiente para designar que a menina se tornará mulher e que diante da condição de criatura subserviente à glória do homem feito à imagem e semelhança de Deus, o sirva satisfazendo seus caprichos, vivendo para cuidar dele e da prole, disponibilizando seu sexo para seu prazer carnal e (re)produção de sua espécie. Sobreviver com submissão e respeito, é o destino da mulher sob o ponto de partida e chegada do patriarca. Nesse ciclo atroz, onde há bifurcações também para o submundo do tráfico de mulheres para exploração sexual, o pensamento dominante é: “estou pagando e você, sua puta, fará o que eu quiser e te mandar fazer!”. E Marcela (re)conta para si e para mim:

Tinha vezes que eu ficava quase louca e chegava a rasgar o dinheiro. Eu sabia que depois os seguranças me pegariam. Mas não queria aceitar que as pessoas fizessem de mim aquilo que bem entendessem. Porque, olha, eu aguentei! Eu aguentei bastante! E esses homens, eles não pedem práticas sexuais normais. Eles dizem que não podem fazer essas coisas com suas esposas, mas que pagam para fazer o que quiserem contigo. E a sociedade também tem muita culpa nisso.

Cresci no Brasil e vi meu pai ir atrás de “putas” e sempre nesse termo pejorativo e machista. Ele falava: “ah, como não tem nada para comer em casa eu vou comer na rua”. E ele ia de zona em zona. Cresci com ele fazendo essas coisas. Mas se a gente ensina as crianças, desde pequenininhas, tudo pode ser diferente. Ensinar que a mulher nasceu para ser respeitada e que a prostituição não é esse mundo de maravilha de pretty woman; que a Europa é um atrativo perigoso para as mulheres. Não é isso que se pensa: que irá ganhar muito dinheiro e voltar rica para o Brasil, comprar tudo o que quiser. Porque isso tudo é mentira! E o que você sofre? Não estou dizendo que as meninas não venham, mas elas precisam vir conhecendo os seus direitos para não serem enganadas. Porque se a menina vem com uma pessoa que diz que ela irá trabalhar como doméstica, isso é mentira porque para se trabalhar aqui na Europa, é preciso estar com a documentação regular. Às vezes parece que é muito dinheiro quando se compara a diferença entre o Real com o Euro, mas não é. A Espanha, por exemplo, está em crise e há 5 milhões de pessoas procurando emprego. A gente vem com muitos sonhos na bagagem, mas quando voltamos para o Brasil, às vezes dá até vergonha de voltar. Vergonha de voltar com uma mão na frente e outra atrás. Porque a família diz para a gente mandar 100 Euros, 200 Euros para ajudar, mas a família, na verdade, não faz ideia do que a menina está passando aqui para ganhar esse dinheiro.

Marcela não apenas (re)contava sua história, ela compartilhava suas vivências como um caminho possível para salvar a vida de um sem-número de jovens mulheres que se encantasse com as ilusões regadas ao tilintar de moedinhas douradas no final do arco-íris, como se o fenômeno

multicor estivesse logo ali para ser agarrado. O Brasil é um país de origem, trânsito e destino potencial para o tráfico de pessoas. Tanto as mulheres e as crianças brasileiras como outras mulheres sul-americanas, são presas das máfias de tráfico para exploração sexual em todo o Brasil. Incontáveis mulheres brasileiras se encontram em situações subumanas, de escravidão sexual e trabalhos forçados em países da Europa Ocidental e também na China. Mas a dimensão do tráfico é incomensurável no contexto planetário.

Cerca de 2,5 milhões de pessoas são traficadas no planeta, sendo 700 mil da América Latina. Dessas, 100 mil são mulheres e adolescentes traficadas do Brasil, Colômbia, República Dominicana, Antilhas, México, Argentina, Equador e Peru. Capturadas facilmente pelas promessas de trabalhos mais rentáveis em países como Espanha, Alemanha, Holanda, Bélgica, Israel e Japão. Em países das Américas, da Europa, Leste da Ásia e Pacífico, o tráfico de mulheres para exploração sexual se destaca com relação a outras regiões. Já na África Subsaariana e no Oriente Médio, o tráfico de mulheres se caracteriza pelo trabalho forçado e em condições deploráveis. Enquanto que na Ásia Central e no Sul da Ásia, o trabalho forçado e a exploração sexual se encontram nivelados no que se refere às demandas do tráfico de mulheres.

O contrabando de pessoas é um negócio altamente lucrativo e tem múltiplas facetas. As meninas são alvo do tráfico para casamento forçado em regiões do Sudeste Asiático, enquanto crianças da América Central e do Sul são sequestradas para fins de adoção ilegal e destinadas, principalmente, a países da Europa e para os Estados Unidos. Ainda há o tráfico para a remoção de órgãos que se acentua em países da África, da Europa Central, Sudeste e Leste. Inúmeras crianças e mulheres são vítimas do tráfico em zonas de conflitos armados. Meninas e jovens mulheres na condição de refugiadas em campos do Oriente Médio que são forçadas ao casamento para depois serem escravizadas à exploração sexual em países vizinhos (UNITED NATIONS, 2018).

A história de Marcela não é um caso isolado. Enquanto teço esse parágrafo sob uma brisa gélida que entra pela janela do meu quarto, mi-

lhares de meninas e mulheres estão sendo aliciadas e mantidas em condições inescrupulosas de cárcere privado. Aproveito para compartilhar um trecho da biografia de Nadia Murad¹⁸, mulher da etnia yazidis que foi sequestrada e traficada pelo Estado Islâmico:

Não compreendo como é possível que alguém fique a assistir, enquanto milhares de yazidis são vendidas como escravas sexuais e violadas até os seus corpos se quebrarem. Não há justificção para esse tipo de crueldade e não há bem maior que daí possa advir. [...]. Ao longo dos três últimos anos, ouvi montes de histórias sobre outras mulheres yazidis que foram capturadas e escravizadas pelo ISIS. Fomos todas vítimas da mesma violência. Fomos compradas no mercado ou dadas como presente a um novo recruta ou a um comandante de alta patente, levadas para a sua casa, onde fomos violadas e humilhadas e, na maior parte dos casos, também espancadas. Então fomos vendidas ou dadas de presente, outra vez, e novamente violadas e espancadas, depois vendidas ou dadas a outro militante, e violadas e espancadas por ele, e vendidas ou dadas, e violadas e espancadas, e sempre assim enquanto fôssemos suficientemente desejáveis. Se tentássemos fugir, seríamos severamente castigadas. [...]A violação era a pior parte. Despojava-nos da nossa humanidade e tornava qualquer pensamento de futuro — regressar à sociedade yazidi, casar, ter filhos, ser feliz — impossível. Preferíamos que nos matassem. [...]. Era melhor morrer do

18 Nadia Murad Basee Taha nasceu em 1993 na vila de Kocho situada ao sul das montanhas de Sinjar, em Nínive, no Iraque. O território é habitado pela etnia Yazidis que em agosto de 2014 sofreu um brutal genocídio cometido pelo Estado Islâmico. Nádía foi uma das milhares de jovens yazidis que foram sequestradas e vendidas pelo Estado Islâmico em mercados. Elas eram anunciadas inclusive no Facebook e vendidas até pelo preço de US\$ 20 dólares. Sua mãe foi uma das 80 mulheres idosas que foram sumariamente executadas e 6 de seus irmãos foram assassinados no mesmo dia junto com outra centena de homens. Nadia foi mantida como escrava, espancada, queimada com cigarros e estupradas por diversas vezes. Em novembro de 2014 ela conseguiu fugir em razão de uma distração de um de seus vigias e chegou ao campo de refugiados de Dohuk, ao norte do Iraque e recebeu asilo político na Alemanha. Em 2016 se tornou a primeira Embaixadora da Boa Vontade para a Dignidade dos Sobreviventes de Tráfico Humano das Nações Unidas e em 2018 recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Ela é reconhecida como uma importante ativista de direitos humanos (MURAD, 2017).

que sermos vendidas como mercadorias e violadas até os nossos corpos ficarem em pedaços (MURAD, 2017, p. 183, 190, 212).

Pergunto-me: como contarão suas histórias se não sobreviverem e se não tiverem alguma oportunidade de ocuparem seus lugares de fala? Por que as redes sociais estão infestadas de *fake news* de gente de bem e fervilhadas de sarcasmo, papagaísmo e violência política destilada por aspirantes ou empossados representantes políticos de partidos multilaterais, ao invés de tomarem para si causas que clamam por enfrentamentos de coragem e *amor mundi*? Hipócritas asquerosos!

Marcela prossegue...

É importante saber que, por exemplo, a mulher que me captou aí no Brasil também passou pela mesma situação que eu passei. Tempos depois, ia para o Brasil, captava mulheres e as trazia primeiro para Portugal e em seguida para a Espanha. E o que ela faz com isso? Se o bilhete vale 5.800 Euros, ela leva o seu bocado. Ela ganha 2000 ou 1000, 1500 Euros em cima de cada mulher. É quando ela deixa de trabalhar na forma como estava trabalhando antes e começa a ganhar dinheiro em cima das mulheres que vai aliciando. Nesse caso, ela trouxe para cá 7 mulheres, multiplica isso por 1200, 1500 Euros e é o dinheiro que ela ganhou em cima da gente. Então, não é porque ela não tem pena, mas porque quer ganhar muito mais dinheiro do que conseguia antes. Esse dinheiro são as próprias mulheres que pagam para o proxeneta (cafetão) e eles pagam a parte dela pela mediação que fez de arranjar as mulheres e pagam para que ela continue trazendo mais mulheres. É assim que funciona! Muitas mulheres que vêm para a Espanha e voltam para o Brasil ou para muitos outros países, voltam com outras mulheres.

Marcela, como pode uma mulher que sofreu tais horrores, replicar essa manobra com outras jovens tão ingênuas? Se fez um coração de pedra no lugar de um de carne?

Isso é bastante horrível, é desumano não falar a verdade, não contar para as meninas que elas precisam ter cuidado e que é melhor não irem

para a Espanha, para Portugal, para Alemanha, não irem para outros lugares nessas condições. Mas não! É a ambição! É a ambição que faz pensar assim: “tanto faz para mim você ficar fodida, o que importa é eu ganhar meu dinheiro e eu não vou dizer para você. Não vou dizer aquilo tudo que você terá que passar. É você que terá que descobrir”. Eu penso que uma pessoa desse tipo não tem coração, não é humana e não se importa com ninguém. Essa é a percepção que eu tenho, que essa pessoa não se importa com ninguém!

E as políticas públicas e legislações nacionais e internacionais sobre direitos humanos? Que peso elas de fato têm para inibir, proibir e punir os envolvidos nas máfias para o tráfico de pessoas?

É muito importante que sejam criadas leis específicas para tratar as questões do tráfico humano. O Brasil deveria criar leis mais específicas e não facilitar que uma jovem mulher venha aqui para fazer turismo sem uma fiscalização. Na APRAMP nós trabalhamos em rede com outros 50 países de origem. Nós tivemos 2 projetos com o Brasil, mas não funcionaram por falta de apoio do governo e porque a própria política no país não apoia e, na verdade, se pensa mesmo que as mulheres são todas prostitutas. Por isso não dão a força necessária para que nenhuma mulher, nenhuma menina caia nessa situação. E, no Brasil, por exemplo, chegam muitas mulheres da Colômbia, da Venezuela, de outros países em que se aproveitam da situação em que se encontram.

O tráfico é um mercado de carne. Quando fui a trabalho, em um projeto em outro país, eles disseram que não se interessavam pelo nosso trabalho e não tinham interesse em criarem leis específicas contra o tráfico porque essas mulheres movem o PIB do país. Porque o tráfico é dinheiro para todo mundo: dinheiro para as máfias, para o Estado e, como tudo se trata de dinheiro, é do interesse de todos. Se uma mulher está passando mal ou está sendo explorada sexualmente, nada disso importa, porque tudo se trata apenas de dinheiro. No entanto, nós também sabemos que no Brasil há pessoas que realmente se importam e que gostariam de colaborar para que acabasse com essa escravidão. Porque poderia ser com sua filha, ou com a filha de uma amiga sua, poderia ser com qualquer pessoa que recebe uma proposta e pensa que se reluz é ouro. Pensa que irá ganhar um dinheiro e que logo voltará ao

Brasil. Só que não volta! A lei que há não protege as mulheres. Aqui na Espanha nós estamos lutando por uma lei integral contra o tráfico de pessoas no que diz respeito à exploração sexual ou trabalho escravo.

E quais seus anseios a frente da batalha contra o tráfico de meninas e mulheres?

Eu quero viver para escutar que no Brasil se está lutando contra esse delito, contra o tráfico de mulheres. Porque é um delito. E que tomem atitudes enérgicas para que nas fronteiras dos aeroportos não se facilite a saída das mulheres muito jovens, ou seja, das meninas e dos meninos também para o estrangeiro. É preciso que se fale, que se conscientize as meninas dentro das escolas sobre esse tema. Eu tinha 23 anos e tinha estudos, mas ainda assim, acreditei em tudo aquilo que me falaram. E as mulheres brasileiras continuam sendo captadas para virem à Europa, enganadas pelo tráfico.

A educação no Brasil precisa abrir as portas para a formação de todas as pessoas. As crianças, as meninas, os meninos, os adolescentes, precisam escutar testemunhos reais de pessoas que passaram por esta situação. Porque se eles não têm a oportunidade de ouvirem e verem que uma pessoa passou por isso, eles não irão acreditar. Eles não irão acreditar apenas no cartaz que está pregado na porta da escola ou no poste. Porque eu também via anúncios na televisão sobre mulheres que eram escravizadas na Europa e eu também não acreditava. Mas a partir do momento que eles começam a escutar depoimentos sobre a realidade das mulheres jovens que passaram por tudo isso, quando eles vêem que não é ficção, não é novela, não é Pretty Woman, que isso é a realidade daquilo que pode acontecer com as pessoas que saem do Brasil buscando um sonho, então eles acreditam. E há depoimentos que são ainda piores do que o meu, histórias mais terríveis do que aquilo que eu passei.

ELA VIVE

Ela havia se esquecido de como sorrir

Ela olhou no espelho

Incitando seus músculos a se lembrarem do padrão

Seus dedos apontaram suas bochechas para cima

Traçando o contorno do que ela procurava.
Ela arranhou nas profundezas de sua alma
Dentro da escuridão que a atormentava
Ela procurou por um mármore
Uma faísca de alegria e luz.
Eles a colocaram para baixo,
Despiram-na de sua pureza
Fretaram-na como um objeto
Venderam-na ao maior lance
Sua identidade foi perdida em mais de uma vez.
Ela sobreviveu, ela escapou.
Ela reconstruiu,
Uma nova identidade, uma voz valente
Lutando pelos que não têm voz
Protegendo os inocentes
Além do ódio, raiva e pesadelos
Construindo a partir dos preciosos anos perdidos
Curando-se por dentro
Contando ao mundo sua história
Aprendendo sobre o amor e a felicidade
Caminhando em liberdade
Abraçando a vida enquanto o sol acaricia seu o rosto
Como uma semente morta que brota para a vida,
Aos poucos, passando por seu horror
Aprendendo a reencontrar o seu sorriso.
(AYIS, 2019, p. 1, tradução minha)¹⁹.

19 Debra Ayis é uma escritora e poetisa nascida na Nigéria e fundadora da revista literária *The Valiant Scribe*. Seus escritos têm sido publicados em inúmeras antologias, revistas e jornais de diversos países. Foi editora da *The Transformers Magazine* de 2006 a 2010 e presidente do conselho da *RenewToday* de 2019-2021, uma organização de impacto social que apoia iniciativas que promovam a misericórdia e a justiça em comunidades nos Estados Unidos, Uganda e outros países. Disponível em: <https://www.valiantscribe.com/about>

Marcela me deixava claro que a educação é a base para a transformação social que o Brasil necessita. Uma educação para pensar, para ir muito além da cultura machista que manda para a puta que pariu qualquer chato, inconveniente ou incivilizado, mas que não se questiona sobre quem mantém e financia a prostituição debaixo do sol e no submundo do sexo. A puta que pariu é o lugar de onde os indesejáveis bastardos são despejados no mundo. O bastardo é aquele que não leva consigo o nome do pai, mas se sabe quem é a puta que lhe deu à luz. Se a resposta nós já temos, a pergunta é: por que a sociedade em geral, as autoridades eclesiásticas, a elite educada, não descasca a realidade do patriarcado estrutural que não expõe, não insulta e não pune o macho que violenta, que estupra meninas e mulheres, que bota o sêmen para dentro das vaginas e esporram indiferença àqueles que vingarão de seu coito vândalo? Por que abrir as pernas é coisa-escolha da puta vadia enquanto enfiar o pênis no vão é coisa-macho? Por que mulheres que decidem fazer um aborto são excomungadas do corpo social, principalmente do torso dos fundamentalistas religiosos, enquanto o macho que se lançou à carnalidade é des-responsabilizado e absolvido de um pesar sócio-emocional descomunal?

As putas que eles maldizem são o revérbero da hostilidade da cultura machista que adorna o sistema patriarcal putrefato de hipocrisia, ganância e sede de controle social e poder pela subalternidade das mulheres e das minorias que sangram a Terra com seus rastros de sobrevivência por séculos e séculos. Sem dúvida, uma outra educação é necessária e Marcela trazia exemplos:

Quando são crianças pequenas e há uma prostituta na rua, os pais falam: “não olha, não olha para ela!”. Mas depois, quando já são adolescentes, o pai incentiva o filho a ir a um bordel, a sair com uma prostituta. Minha mãe e minha avó sempre falavam que não era para eu abrir a geladeira da casa de nenhuma pessoa. E quando íamos a casa de alguém que oferecia algum docinho, já olhava para minha mãe e sabia que não era para aceitar. Se ela dissesse: “vai, pega!”, então eu pegava. Estou com 37 anos e quando vou à casa dos meus amigos, eu não abro a geladeira deles. Da mesma for-

ma, temos que educar as crianças à base dos direitos humanos, dos direitos das mulheres, como responsabilidade dos homens e das mulheres para que elas cresçam com esses valores.

Nesse sentido, vem a importância da APRAMP. Porque as mulheres que se encontram nessa situação, elas perdem sua identidade, sua perspectiva de vida. O trabalho da Associação vem para (re)construir a vida de uma mulher ou de uma jovem, de dentro para fora até que ela consiga recuperar sua vida, sua dignidade, sua liberdade, sendo ela mesma a protagonista. Nós trabalhamos na rua e nos diferentes lugares onde as mulheres estão exercendo a prostituição, tais como clubes e lugares invisíveis, apartamentos em um prédio onde há um entra e sai de homens, mas nem sempre as pessoas notam que ali é um lugar de prostituição onde há mulheres escravizadas sexualmente. Pela APRAMP nós damos cursos de formação têxtil, camareira de hotel, garçonete e outras opções para que essa mulher não precise regressar ao mundo da máfia. Essa formação em cursos necessita ser sempre dentro da realidade delas, daquilo que elas querem fazer, sem ser impositivo. No meu caso, eu preferi ficar com a APRAMP como mediadora social e ajudar essas mulheres que estão na rua e desconhecem essas oportunidades e os direitos que elas têm. Então, esse é o meu trabalho hoje. E eu não me vejo fazendo um trabalho mais importante do que esse.

Quanto sofrimento! Qual era a fronteira que separava a minha vida enquanto mulher da vida daquelas mulheres de quem Marcela me falava? E se eu tivesse sido aliciada quando jovem em alguma de minhas viagens sozinha, de ônibus, para ver a família? Eu havia saído de casa aos 16 anos para estudar e trabalhar. Por quanto perigo passei nas vezes que me sentia observada ou seguida durante os derradeiros raios de sol em direção a antiga rodoviária cinzenta de Campinas, dentre tantas outras situações em lugares que a gente chora e a mãe não vê?

O que me distanciava delas era a fronteira do acontecimento hediondo de ser traficada para uma mortificação da vida pelas violências da exploração sexual. Poderia, sim, ter sido comigo ou com você, sua filha, sua irmã, sua prima, sua amiga. E me pus a pensar sobre quão desespe-

radora deveria ser a situação daquelas mulheres que engravidavam na condição de escravas sexuais das máfias.

Há meninas que chegam a usar Cytotec²⁰. Outras são levadas às clínicas clandestinas e fazem aborto forçado, pois as máfias não querem que elas tenham esses bebês porque se tiverem, deixarão de produzir dinheiro. Também é preciso dizer que são as próprias máfias que, muitas vezes, obrigam as mulheres a terem relações sexuais com os puteiros sem preservativo porque assim ganham mais dinheiro. O mundo da prostituição é bastante difícil! Muitos falam que a prostituta é mulher de vida fácil, mas, faça o que elas precisam fazer! Passa pelo que eu passei e aí você verá se é uma vida fácil ou não. O dinheiro pode ser aparentemente rápido, mas fácil não é. Até porque são as máfias, os cafetões que acumulam riquezas, as escravas não.

E quando a prostituição é legalizada, é menos prejudicial às mulheres? – perguntei.

A prostituição é o ofício mais antigo do mundo. E enquanto não é com alguém da sua família, dificilmente se acredita nessas histórias e foi isso que a minha família fez: olhou para o outro lado. E tudo isso pode acontecer com qualquer pessoa, com estudo ou sem estudo. Quando se fala: “vamos legalizar a prostituição!” – quem é que está ganhando com tudo isso? O Estado está ganhando porque elas têm que fazer sua carteira profissional. O proxeneta está ganhando, a máfia está ganhando com isso e o cafetão também está ganhando, porque no Brasil, os cafetões estão nas ruas e nos clubes, por toda parte.

Legalizar a prostituição é transformar toda essa gente em empresário! Ganha todo mundo, menos as mulheres. Da mesma forma, a solução não está em se proibir a prostituição. Porque quando você proíbe a prostituição, os proxenetes, os controladores, os cafetões irão esconder as mulheres, tal como é nos Estados Unidos. Haverá, então, uma prostituição clandestina e quando isso acontece, não há como proteger uma mulher.

20 Cytotec é o nome comercial do Misoprostol, usado para aborto legal no Brasil.

Eu sou a favor de proibir toda forma de proselitismo, toda forma de escravidão às mulheres e às meninas. Toda forma de escravidão, tudo o que vai contra os direitos humanos, eu sou a favor de que se proíba e que as leis contra esse tipo de gente, sejam efetivas. Não é a proibição da prostituição ou a legalização dela que mudará a situação das mulheres, mas sim, a existência de mais oportunidades laborais, oportunidades de trabalho. Porque nenhuma mulher nasce para ser puta. Eu sou a favor da abolição da prostituição, porque a mulher não tem que estar na rua sem condições de viver, não tem que estar servindo os homens para o prazer deles. As mulheres precisam é de melhores oportunidades de trabalho digno, de salários dignos e ser tratada dignamente.

Marcela! Uma voz dentre milhares e milhares de mulheres silenciadas pela crueldade do machismo estrutural que vela as entranhas de um mundo tenebroso onde o sexo não é fazer amor ou ter prazer com o outro, mas é consumo violento dos corpos das mulheres subordinadas e aniquiladas pelo poder do tráfico.

E ali na esquina da praça, da igreja, da câmara, da prefeitura, do senado, do shopping, do consultório médico, da agência de turismo, da sorveteria, da imobiliária, do parque, da escola e da universidade, perto da sua casa, quanto custa o silêncio sobre o mercado de carne?

A PRAGA



Nossa família é amaldiçoada! – disse minha tia-avó por parte de mãe, com a barriga aquecida junto ao fogão Dako, estilo anos 60, branco e azul que mais parecia um avião de cozinha prestes a alçar voo naquele reduto apertado de trabalho teso e contação de causos sem fim.

Enquanto mexia o venturo pé-de-moleque, ia tentando me dar uma explicação espiritual sobre porque as mulheres da família penavam tanto. Ela era a caçula das 8 filhas e de 1 recém-nascido que se afogou na bacia enquanto a parteira acudia a mãe (minha bisavó) que passava mal após parir – filhas que meu bisavô, rebento de portugueses, gerou nos rincões de Minas Gerais ainda na primeira metade do século XX.

No alto de seus sessenta e poucos anos, a tia Ortência já havia experimentado um degradê de paladares de fel que as des-ilusões da existência lhe emprataram em baixela que trinca lágrimas na mais rija janela da alma. Os cabelos brancos tinham lhe caído muito bem, logo por volta de seu quadragésimo aniversário e, vaidosa desde sempre, passava rinsagem meio lilás para desfrutar de um tom mais jovial. As mãos grandes, torneadas, com dedos longos e de belas unhas sempre muito bem-feitas, pintadas de cores intensas por ela mesma, foram tingidas pela queutura das incontáveis gotas de óleo quente que saltaram das panelas enquanto fritava salgados e esculpia doces para o sustento da família, denunciando que o tempo e a labuta árdua lhe tinham sido implacáveis. Seu rosto me lembrava a grande dama da dramaturgia e do cinema brasileiro, Fernanda Montenegro, que no brotar de seus 92 anos, floresce ainda mais contra o antidemocratismo praguento que vivemos hoje.

– *É verdade! Nossa família é amaldiçoada!* – com olhar enérgico replicava num timbre mais alto e rouco da voz escorchada pelas poeiras e mofos das centenas de livros amontoados que ela mesma limpou e catalogou do seu jeito, quando colocou para si, o encargo de tornar decente

o que se chamaria de biblioteca pública do fastio município onde morou por uma vida inteira. Quem proseava com ela não imaginava que seu tempo máximo na escola fora até o segundo ano incompleto do “grupo”, tal como se dizia naquela época sobre os primeiros anos escolares.

Depois de anos trancada em casa fazendo e vendendo guloseimas, fora convidada para trabalhar de merendeira numa escola pública da cidade. Com seu 1,50m de altura, subia num banquinho para alcançar com a colher de pau o fundo das panelas enormes em que cozinhava para a criançada, ofício que iniciara aos 8 anos na casa dos outros. Sempre com dor, dizia que seu bico-de-papagaio tinha se criado naquele fogão gigantesco do ginásio.

FIZ AS MALAS

Fiz as malas da cala
havia trocentos engasgos
todos bem re-dobrados
com vincas de silêncios turvos
viajantes no portal do tempo

Pedras de morte
se travestiam de culpa
parecidas com as que apedrejaram as Marias
aquelas subalternas dos religiosos de outrora
ancestrais de todas nós
espadas bastardas do patriarcado

Não há roupas limpas na mala
A pele está esfolada
Só há carne viva
O véu do pesar ludibria os olhos alheios
Só com o útero aberto é que se pode ver
Escutar o silêncio

Fiz as malas da cala
Deixei-a ao lado
Em um canto de ócio
Posterguei seu despejo
Ocupei-me do sacrilégio
Apedrejei-me com as pedras que lançaram nas Marias

O tempo não rompe o ciclo
Todas as Marias sangram
Mês a mês, sangram
Impuras e castas, todas são violentadas
Pelo cetro do patriarca, sentenciadas à submissão
Motivo: nasceram sem pênis.

Na minha mala não cabe mais nenhuma cala
Todos os espaços foram ocupados
Meu corpo grita
Minh'alma se fortalece
Meu espírito se enfurece

No útero, a força da vida
Na garganta, o corredor de fôlego
Na boca, a palavra
Na escrita, a denúncia.

(ORRÚ, 2022, arquivo pessoal).

Muitos anos depois, alguém comentara com o prefeito daquela época que ela era uma mulher de muita leitura e que poderia auxiliar na arrumação da biblioteca. E era mesmo! Volta e meia me narrava sobre os livros que lia na biblioteca da casa de uma família rica da cidade vizinha na qual ela crescera e trabalhara por sua adolescência e juventude como empregada doméstica e babá. Confessava que sempre dava uma fugidinha dos

afazeres para ler e sonhar acordada na biblioteca da casa de seus patrões. Décadas depois, como auxiliar na biblioteca da cidade, fazia todo o trabalho de uma bibliotecária sem nunca receber um salário compatível, uma vez que pelo nível de seus estudos, era quase uma ninguém, ainda assim, dizia que se sentia arrebatada junto a literatura de Clarice Lispector, Isabel Allende, Jorge Amado dentre outras tantas que ela se encantava.

E no gingar da colher na panela, narrava:

Meu avô engravidou uma mulher lá em Portugal e para não ser morto ou ter que se casar, ele se enfiou em um navio e veio parar no Brasil na época em que Dom Pedro II mandava construir as estradas-de-ferro.

Enquanto aguardava o ponto do doce, ligeirinha foi até a sala, ajeitou no alto do nariz os óculos grandes e arredondados feitos em acrílico rosado e se agachou acudindo com cuidado a coluna com a mão esquerda na cintura. Abriu a portinha da última prateleira da estante colonial que locava espaço para a TV, porta-retratos, livros, bibelôs, e pegou uma caixa de cor clara e encardida. Lépida, puxou uma foto amarelada pelo tempo que estava no meio de uma pilha de outras com gentes que eu nem fazia ideia de quem eram e me disse: – *Esse é meu avô e a avó! Olha como ele era um homem enorme e veja o olhar bravio dela.* Aqueles eram meus antepassados, meus tataravôs, vindos de além-mar.

Imagina o que era transar com uma mulher naquele tempo e a deixar grávida! Ele deu no pé e a mãe dele nunca mais o viu! E tem mais: uns anos depois, ele recebeu um envelope com um cacho de cabelos e uma carta dizendo que era da criança que havia nascido e por não ter pai, era bastarda. Dali veio a praga!

Pensando mil coisas, nem me atrevia interromper o (re)conto. Enquanto lambiscava o doce grudado na beirada da graúda panela de ferro, seguia escutando, ao passo que entrava pela fresta da janela, o ar frio e o cheiro da dama-da-noite, naquela noite estrelada.

Minha irmã, a Zezé, que vem antes de mim e da sua avó, sempre dizia isso quando a gente trunfava a conversar sobre tudo o que sofremos nas mãos desses maridos. Porque tirando a Badinha, a primogênita que tem uns 20 anos mais que eu, que casou com o Bastião que era um santo e teve 12 filhos, tirando ela, todas as outras 7 filhas do meu pai, comeram o pão que o diabo amassou e esqueceu lá no quinto dos infernos! A gente só sofreu!

Olha só: a Nanda, tadinha, que não tinha boca pra nada, apanhava direto daquele coisa-ruim que nem parecia ser gêmeo do Bastião, marido da Badinha, e foi assim até depois de velha e com a cabeça esquecida de tudo. A Maria, coitada, não reclamava, mas pariu os filhos quase que carpindo café. Dos 5 filhos, 2 morreram quando ainda eram bebês.

A Lola não abria a boca pra reclamar, mas sofreu, olha que ela sofreu com aquele canalha que nem se fala. Ele sumia e ela sozinha lá naquele fim de mundo no meio do mato, passando fome com os 2 filhos pequenos, até que meu pai pegou a carroça e a trouxe de volta com as crianças pra acabar de criar.

A Lila teve que se virar para dar de comer para os 3 filhos pequenos enquanto o marido dava de devoto-santo com a bíblia debaixo do braço pra lá e pra cá. A Zezé, bom, é outra que amargou com o marido que bebia e batia nela até na frente das 4 crianças. Ela quase enlouqueceu de tanto tormento. A Lena, casou com um traste que era um chucro-bruto e deu no que deu: 2 crianças enjeitadas, sem pai e sem mãe pra cuidar.

E vai entender, nenhum desses homens era sem religião! Na nossa família tem de tudo, inclusive até aborto aconteceu naquele tempo que a gente já era casada, mas é segredo. Acho que só minha mãe é que foi feliz. Meu pai tinha quase 1,90m de altura e minha mãe era pequenininha, baixinha, acho que nem 1,50m ela tinha. Ele a viu trabalhando descalça e se declarou apaixonado. Casaram-se e ele prometeu que nunca mais ela teria que botar o pezinho na terra. Mandava fazer sapatos tamanho 33, beijava-lhe os pés e lhe calçava as meias. Juntos desde os 17 anos, quando meu pai se foi aos 87, minha mãe decidiu que não iria mais falar nem comer. Morreu que nem um passarinho pouco depois de seu amor.

Num respiro profundo, dois silêncios. Mordendo o lábio rubro, ela tirava a panela do fogo e, com a destra, inclinava o pesado recipiente sobre a mesa de granito cinza, enquanto despejava o doce moscado em uma forma e o assentava com a espátula.

– *Pé de moleque se corta quente!* – Depressa peguei uma faca sem fio e cruzei o quitute em vários quadros ao pulso que degustava, devagarinho, os farelos acastanhados. Com voz embargada de doloridos sentimentos, ela des-loca a memória ao coração e àquele momento, aparentemente, pouco importante, confidenciando-me:

E eu, eu você sabe, apanhei do Pedro desde quando estava grávida do primeiro filho e até um dia desses foi assim. Você também o viu tentar dar uma de macho comigo de novo, naquele dia em que ele quis me atirar aquela muleta, só uns minutos depois de eu fazer o curativo na coxa esquerda onde o médico botou a prótese. Tem aquele dia que ele quis me dar na cara e você se apressou em tirar da minha frente a água fervendo do café que eu “ganei” arremessar nele. O Pedro só não acabou comigo porque Deus não deixou! E tudo começou bem antes do casório, quando ele morria de ciúmes de quem eu já tinha namorado e da moça que eu era e por quem ele se apaixonou de forma doentia. Era como se eu fosse posse dele.

Minha tia-avó sofrera durante toda sua vida. Quando grávida, não fora poupada de um sapataço na barriga. Bofetadas na cara eram mais que comuns. Vivera por anos sem permissão do marido para abrir a janelinha da porta da sala. Seus filhos, quando pequenos, pareciam estar em um campo de concentração onde cada palavra sobre o dia, tinha que ser metricamente pensada para que o pai não avistasse contradições e não se pusesse a espancar a mãe.

Enquanto seus doces e salgados eram fontes de sustento à família, seu corpo e seus sonhos de vida pareciam não valer nada, salvo para serem consumidos pelo ciúme paranoico de seu marido. Ela não era passiva de modo algum! Era inteligente, ativa, nada mansa. Mas os passados 1,90m de força física e brutal do marido, não lhe davam muitas chances

de escapatória, até porque, com 2 filhos pequenos na machista sociedade provinciana do interior de São Paulo em plenos anos 70, não era fácil se abrigar de julgamentos e sentenças. A culpa seria dela que não era suficientemente boa esposa para aquele homem tão trabalhador que saía de madrugada no ônibus das 5 para a fábrica e chegava no final da tarde para machucá-la e possuí-la antes de dormir.

Quando conseguiu sair para trabalhar como merendeira, depois de quase matá-lo em uma briga homérica, as coisas começaram a melhorar. Em quase 4 décadas de matrimônio, antes de cair morto no chão do banheiro por um infarto ocorrido no dia do folclore em 1992, ele dissera várias vezes que a amava, pedia-lhe perdão por tudo, depois se esquecia e, se não fosse pela perna manca e as dores da perda do filho mais novo e da esquizofrenia extenuante do primogênito, provavelmente, teria sido violento com ela inúmeras outras vezes.

Como mulher cristã, membro da conservadora igreja presbiteriana de sua cidade, ela manteve a família “unida”, longe do divórcio e do falatório dos desocupados, mas a que preço? Ao longo dos anos, aquele olhar cheio de vida foi substituído por outro amargo demais para eu descrever em palavras. Nada lhe tinha sabor, somente rancor. Aos 80 anos de idade, não tinha mais os filhos, nem a memória recente, somente as recordações nubladas e distorcidas pelo impiedoso Alzheimer.

Nos poucos e dramáticos encontros de família, comentavam que a tia Ortência era belíssima e cheia de vida quando jovem. Que tocando carroça pelos lugarejos mineiros por onde passava para vender queijo, galinha, pão, broa, banana, milho, porquinho, farinha e outras *cositas más*, sempre na companhia de sua irmã do meio, a Lola, ela encantava a todos com sua alegria peculiar, com sua feminilidade e intrépida irreverência, pouco comum às mulheres daquele entorno e em plenos Anos Dourados.

E nessa gastura em que me ponho a escrever sobre o passado das mulheres da minha linhagem, recordo que não faz muitos anos que mamãe me revelou que minha avó paterna padecia nas mãos de meu avô cujo pai viera da Sardenha para o Brasil na primeira década do século XX. Quem di-

ria? Meu querido avô de origem protestante a catava pelo pescoço e a socava na parede, mesmo ambos já tendo idade avançada. Ele se casara com ela de olho nas terras mineiras que meu bisavô de tradição católica, possuía.

Ela era a primogênita de 12 filhos. Mas seu pai queria que fosse um varão, seu filho primeiro. Ele a ignorou por toda vida. Pela falta de cuidado na infância, ficou desnutrida, raquítica. Estudou até o 8º ano do grupo, tinha uma letra linda, eu me lembro, redondinha, alguns diriam, pedagógica. Ela queria ser professora, mas o pai não consentia lhe pagar os estudos do magistério e lhe deu em casamento ao meu avô em julho de 1944. Ele, por sua vez, carpinteiro de braço forte, a maltratou esposório afora. Saía e deixava seu dinheiro em uma gaveta com cadeado para que ela não o pegasse. Em 1999, aos 83 anos, ele morreu depois de 2 AVCs (Acidente Vascular Cerebral), mas minha avó já era morta sem alma-livre há mais tempo. Era frágil fisicamente, oprimida e tinha mão boa para plantar flores em latas que eram dispostas pelo seu quintal. Acho que foi dela que meu pai herdara tanto jeito com as plantas. Faleceu aos 85 anos, lúcida, após 40 dias da morte de sua filha mais nova e de alguns poucos anos da partida de meu pai, a quem ela amava como um tesouro.

INDIZÍVEL

O dia que acolhi minha voz, escutei-me desvelar:

O indizível faz doer.

Ele grita, mas nos emudece, nos embrutece,
ele se escapa, mas nos paralisa,
amasia-se com o silêncio enquanto nos laça a garganta.

O indizível anda na mente,

atravessa o corpo,
inunda os olhos de lágrimas represadas,
arranha a pele da alma,
agoniza o coração.

O indizível se multiplica,
ocupa lugares vazios,
transborda os excessos contidos,
tranca portas e janelas de felicidade,
usurpa alegrias,
asfixia-nos de solidão.

Ele habita na mais concreta abstração,
nutre-se dos discursos que não nos pertencem,
agiganta-se à sombra de estigmas e tabus,
apequena-nos frente ao espelho da alma.

O indizível captura palavras,
as esconde em um pântano de desamparos,
projeta na alma cansada a epígrafe massacrante: “estou só!”

Faz covas profundas para enterrar a esperança, a alegria, o
otimismo, a fé...
Fixa-nos no trilho da angústia,
cola-nos no mundo alheio,
incita-nos recuar diante do insuportável.

O indizível é robusto,
não é cisco que se subestime.
É faísca que incendeia amanhã,
é aperto que tortura fôlegos,
é um tsunami de tristezas que arrasa vidas em silêncio.

O indizível te faz doer!

De repente, minha voz me olhou com ternura e me sorriu.
Um azul de aconchego me abraçou,
eu estava feliz como um girassol amarelo.

Nas areias de meu deserto,
as pegadas de nossa fala dissolviam o indizível.
As palavras brotavam vida,
o verde de meu ser florescia.
Com paciência, eu podia ver a tristeza se escoar
e meus espaços, minha terra, eu mesma, do meu jeito, podia arar.
Eu respirava sem apertos no peito, sem espinhos na garganta, sem cor-
rentes invisíveis.

Quando acolhi minha voz,
palavreei,
saí do trilho,
pulei a janela,
pisei na minha grama,
vesti-me de mim
(ORRÚ, 2022, arquivo pessoal).

...

Era outono do ano passado quando me pus a historiar os trechos antecessores a este. Para ser explícita, 30 de abril de 2020, e a frase do dia era esquisita, relacionada à pandemia que o presidente da república apelidara de “gripezinha” e sarcasteava: “e daí, quer que eu faça o que?” (VANNUCHI, 2020).

Deixei o texto des-cansando...

Agora são 19 horas, ainda o céu não se cobriu e a passarada-mãe parece encaminhar seus filhotes aos ninhos que, imagino, devem estar úmidos de tanta chuva desses dias de verão. Faltam apenas 13 noites para o mês do carnaval mais triste da história do país. Não que me agrada do festival que antecede à Quaresma, não mesmo. Mas o mês dos (re)encontros de final de ano e das férias já havia sido ressentido, tudo estava, agoniadamente, estranho, nostálgico, sem graça. No país da des-obriga-

ção política e do negacionismo contemporâneo, retumbam-se 210.299 mortos pelo vírus que não se cansa da gente (AGÊNCIA BRASIL, 2021). Ainda ontem, apontava na esquina a esperança do ano, talvez do século: a vacina do Butantan era aplicada à primeira brasileira, uma enfermeira negra de 54 anos chamada Mônica Calazans, sobrevivente das trincheiras dessa guerra. Viva o SUS (Sistema Único de Saúde) e os cientistas!

Desde meus 8 anos, sempre apreciei ouvir histórias de pessoas idosas. No meio da tarde, gostava de me sentar em frente a algumas velhinhas vindas da Alemanha, Polônia, Iugoslávia e Grécia para ouvi-las contar sobre suas aventuras e também sobre as passagens pelos horrores da Segunda Grande Guerra. Elas saíam dos quartos da casa de repouso que era cercada por roseiras vermelhas, brancas, laranjas e rodeadas por canteiros de Maria-sem-vergonha - esta última, também conhecida como Maravilha, assim como todas Marias - levavam com elas suas cadeiras dobráveis para tomarem um solzinho antes do tombar da tarde.

A maioria sempre ajeitava uma mantinha xadrez feita de lã para esquentar as pernas já fatigadas, grossas de varizes, e cobrir os pés, geralmente azulados, bem inchados. Lá nos arredores do bairro Bacacheri, à sombra da castanheira-portuguesa e daquele cipreste piramidal onde a mamãe beija-flor arquitetara sua habitação, envolvida por múltiplos ataques, eu ouvira, curiosamente, sobre bombas caindo de aviões, sobre seus jovens irmãos mortos à bala nos campos de combate, sobre tatuagens numéricas no braço dos extermináveis, sobre filas imensas para se conseguir comprar alguns pães; leite nem pensar.

Ouvira a respeito de uma mãe que cortava ao meio a única salsicha que havia para passar a semana, metade dava ao pai que trabalhava fora e a outra fatiava em 3 pedaços para cada filho, enquanto ela, ela só olhava a fome e pedia a Deus que o pesadelo da guerra acabasse. Aquelas senhoras, quando moças, vieram com seus maridos, outras sozinhas, buscar subsistência no Brasil, fugir da loucura de um dos maiores genocidas do século XX: o *Führer* que ainda atina seguidores dos preceitos da supremacia branca e do fascismo-nazista militarista.

Era bom escutá-las, eu gostava! Contudo, apesar dos presentinhos na forma de chocolates dos Alpes e dos chistosos *Goldbären* da Haribo que ainda me movimentam o cheiro do gosto da infância na minha lembrança, sei que o muro da discriminação sempre esteve entre nós, apesar de serem elas, as imigrantes em terra sul americana. É sem data o inculcamento de menosprezo do eurocentrismo para com o “Terceiro Mundo”, mesmo que sejam eles, os acolhidos sem teto em nosso solo.

Não é secundário mencionar que Madeleine Pauliac, nascida na *Villeneuve-sur-Lot* de 1912, médica, membro da Resistência Francesa, relata suas tristes experiências na Polônia pós-guerra. Escreve e denuncia acerca de um convento invadido, primeiro, pelos soldados alemães e, depois, pelos soldados russos. Ambos “libertadores” de povos, estupraram decorridas vezes as freiras que ali viviam, muitas ficaram grávidas, várias abortaram de desespero, outras doaram seus bebês de maneira voluntária ou à força - todas morriam a alma em culpa, vergonha e desgosto pelo receio de serem recusadas pelos seus pecados no reino dos céus (MAYNIAL, 2017). Como pode tanto sofrimento?

Assim como minha avó paterna e tias-avós maternas, cada uma dessas mulheres era sofrida, a maioria, profundamente maltratada pela insubmissão que não poderiam ter diante da marcha opressora dos homens do clero, dos quartéis, do núcleo familiar. Para que seios iriam elas naqueles tempos? Delas era o delito pelo pecado dos homens. Elas eram o pecado que fazia com que os homens pecassem. Elas eram o peso da tutela por não terem a escolaridade que, tradicionalmente, era de destino dos machos da época. Elas eram a materialização da incapacidade de serem o que quisessem ser por determinação histórico-cultural do patriarcado. Elas eram o saco de pancadas das frustrações daqueles protótipos de homem. Delas seria cobrado o sacrilégio do divórcio e também o adultério para o qual empurrassem seus machos. Elas seriam subjugadas se des-cuidassem dos filhos, constrangidas se des-respeitassem “o cabeça” do lar, excomungadas se arriscassem à felicidade em novo matrimônio.

Nessa escrivinhança, minha história se amálgama com a biografia de todas elas. Há um quinhão delas em mim. O espelho feminino daqueles olhos castanhos, esverdeados, azuis, acinzentados, pretos, cor de mel, traduzia-me tudo o que eu jamais desejaria para minha vida em termos de resignação às violências ratificadas pela “regra do pai” e amoitadas pela Igreja. A resistência e resiliência de cada uma era imensurável, cada qual em sua época e nos dissabores próprios do machismo que as violentava. Cada uma lutou como pôde para sobreviver e alavancar fôlego às suas filhas e filhos que dariam continuidade às suas descendências. Mas nenhuma mulher merece isso como herança vitalícia, por isso, temos de nos rebelar incessantemente.

QUANDO NADA MAIS COUBER

Quando nada de fora lhe couber mais dentro do peito
 Mire as janelas da alma para dentro de si
 Com doçura aconchegue seu coração
 Atenda-lhe o pedido
 Esvazia-o de toda dor, de toda canseira,
 Daquilo que não é teu.

Vá com calma, não te apresses
 Toda arrumação é trabalhosa.
 Respire, descanse durante o percurso
 Trilhe com paciência esta jornada
 Beba da água do acolhimento
 Hidrata-te no amor.

Quando nada de fora lhe couber mais dentro do peito
 Ouça as entranhas do teu coração
 Não ignore o que lhe magoa
 Dialoga, perdoa
 Esvazia-o mais um pouco.

Cuida-te de ti para ti
Afaga-te
Perdoa, acima de todos, a ti também
Seja generosa com teu corpo, com tua alma
Não te mesquinhes atenção.

Pega no colo a criança que há em ti
Resgata os sorrisos de teus olhos
Liberte-a das assombrações de outrora
É aurora de novo
Tudo novo se faz.

Quando nada de fora lhe couber mais dentro do peito
Escreva-te uma cartinha
Um bilhete de amor
Colha para ti uma flor colorida
Sussurra-te que tudo passa
De ti, não desistas.

Rememoriza-te o que te faz bem
Larga de vez o que não te pertence
Renova teu pensamento
Re-inventa tua paz
Esvazia-te um pouco mais.

Quando nada de fora lhe couber mais dentro do peito
Não te reprimas às lágrimas
Tão pouco saboteie tua felicidade
Aceita o que a vida te traz
Viva cada instante com teu espírito tenaz.

Quando nada de fora lhe couber mais dentro do peito
Veja que coisa boa será!
Mais cantos e encantos descobrirás
Sementes de amor próprio germinarás
Froncosa, a ti mesma dará sombras para repousar.

E quando encontrares mais de ti em teu peito
Aceita-te sem receio
Não queiras olvidar que te forjaste na fronteira
O 'agora' é tudo que tens
Abraça-te, portanto, com tudo o que és
(ORRÚ, 2022, arquivo pessoal).

Do meu tataravô para cá, sou a 5ª geração de mulheres. Meu pai não reproduziu a violência de meu avô e minha mãe não me confinou a ser “dona de casa”. Minha menina-criança não foi aniquilada, mas vive em mim saltitando de energia contra as adversidades da vida, aquelas que todo mundo tem. Com uma educação diferenciada para ser o que quisesse ser, pude fazer minhas próprias escolhas de vida, sem rendição à opressão machista de que uma mulher precisa de um homem para ser tutelada ou para ser feliz. Caminhando comigo, tenho um companheiro que, juntos e em diálogo, seguimos em frente e educamos nosso filho para ser um homem que respeite as meninas e as mulheres em suas liberdades de serem quem quiserem ser.

De todos aqueles olhos tristes e amargos cujas lembranças me pujam a alma, fica a certeza de que a única explicação espiritual que há para o calvário das mulheres ao longo da história da humanidade, é o des-amor que des-humaniza homens e mulheres. Mas em co-existência também se encontra o patriarcado como regra sociocultural que tem se perpetuado em acontecimentos históricos e se agarrado como pode em todas as esferas e quinas sociais. Se há uma maldição, esta não é familiar.

A praga é a opressão machista, a falta de respeito, a vontade de controle, o arbítrio majoritário, a soberba da depreciação, a relação abusiva, a masculinidade ácida, o prazer de coagir e possuir, o poder pela força bruta – o esconjuro é a cultura machista que naturaliza as múltiplas faces da violência contra as mulheres desde sempre.

Mulheres, uni-vos!

SANGUMA

Em linha reta do coração do Brasil até o sudoeste do Oceano Pacífico, com 13 horas à frente da capital dos candangos, encontra-se a Papua Nova Guiné, a segunda maior ilha do planeta, pregada no território da Oceania e vizinha da cultura asiática, de única fronteira terrestre a oeste com a Indonésia. Do ponto de vista geopolítico predominante, é um dos lugares mais isolados do planeta (isolados de que? Dos confins *americopeus*?).

A Oceania foi o último continente a ser “descoberto” pelos Europeus que entendiam (não sei se o verbo mais apropriado é mesmo no pretérito) que nada existia antes deles declararem existência. E dado tamanho atraso desse achado em relação ao Novo Mundo das Américas, é que essa terra de muitas ilhas do maior oceano do Planeta Azul, foi nomeada por seus colonizadores como Novíssimo Mundo. Não custa pincelar que quando os britânicos se apoderaram da Nova Zelândia em 1840, os *maoris* eram os habitantes das ilhas aos arredores. Ao longo de 25 anos de luta com os súditos da Coroa, sobreviveram pouco mais de 40 mil *maoris* dos 300 mil que ali viviam.

Voltando ao paraíso da biodiversidade que se adorna com vulcões e florestas tropicais densas e com bichos raros, a Papua Nova Guiné parece nunca ter desfrutado de sossego, tendo sofrido com apoderamentos da Espanha, Portugal, Holanda, Alemanha, Reino Unido, Austrália e Japão, além de décadas de correntes conflitos armados de origem étnica e separatista com a Indonésia. E com tanta sofrença e peleja por sua liberdade, já era de se esperar que a pobreza ofegasse os *papuasis* com altíssimos índices de mortalidade infantil e analfabetismo. Curioso é que nos discursos de chefes de estados pseudo-democratas como esse da Alvorada que se embala nas abominações do *Tio Sam*, “a maioria dos imigrantes não têm boas intenções” (ÁVILA, 2019).

Porém, o retrato do ódio, desprezo, aversão, hediondez e desumanidade tem sido pintado a sangue vivo pelos que por gana insaciável de *denarius* deixam suas nações para invadirem territórios, violarem e escravizarem outros povos que eles des-consideram como gente. E me ponho a indagar cá comigo mesma: monarcas e parlamentares, que dignas intenções repousam na lápide que vocês têm no lugar de um coração? Em nome de que deus será que toda essa carnificina tem sido levada a cabo pelos que comandam com um livro sagrado em mãos?

Com 836 línguas faladas, fora as 12 extintas, o povo rico em recursos naturais e diversidade cultural, sequer decidiu o nome de seu país, sendo muito provavelmente os lusitanos os responsáveis pela “criatividade” do nome Papua Nova Guiné. Qualquer semelhança é mera coincidência em relação à Terra de Vera Cruz e dos Papagaios que, ao final, virou Brasil.

Em Porto Moresby já eram 9 horas da manhã quando o céu estrelado de *Corpus Christi* findava nosso festejo pelo último feriado prolongado do primeiro semestre de 2020. Há dias eu estava desejosa de conversar com Miriam Wrakonei. Esta era a nossa terceira tentativa de encontro virtual e, desta vez, a conexão tempo-espaço-net não havia nos traído. Mulher de sorriso e olhar expressivos, no auge de seus 28 anos, traz consigo os contornos de um povo múltiplo e diverso da Melanésia que em grego significa “Ilha dos Negros”, gente de linda pele escura e vistosos cabelos louros. Seu pai nascera na província de Sepik Oriental na Papua Nova Guiné enquanto sua mãe é nativa das Ilhas Fiji, lugar de águas turquesas e com o recife de corais mais extenso do Pacífico Sul, é o primeiro da Terra a saudar um novo dia e onde Miriam viveria seu ser criança com suas duas irmãs e seu irmão. Na juventude regressou à sua terra natal, à Papua Nova Guiné (PNG) e atualmente é jornalista da MTV. Na reviravolta da vida que se (re)inventava e chama o novo para nos surpreender, desta vez é Miriam quem ocupa o lugar de entrevistada. O que é ser mulher em seu país? – pergunto-lhe.

Aqui em PNG grande parte de nossa cultura é composta por uma sociedade patriarcal em que as terras das vilas são passadas para os ho-

mens e suas famílias e isso se reflete no modo como os homens têm tratado as mulheres. A maioria dos homens vê as mulheres como se elas não fossem importantes, o único trabalho da mulher é o de dar à luz a uma criança e realizar as tarefas domésticas. Os homens as vêem como sendo incapazes de fazerem algo além disso por conta das nossas crenças culturais e nossa educação cultural centrada no patriarcado. É claro que nós também temos homens que não são assim e graças à maneira diferenciada que foram criados e educados, possuem uma outra forma de pensar e respeitam as mulheres. Particularmente, eu tive um pai muito bom, ele me fez acreditar que aquilo que um homem é capaz de fazer, eu também sou. Mas é verdade que algumas vezes os homens pensam que são superiores às mulheres e as vêem apenas como um objeto sexual. Meu pai é de uma região em que os homens é que estão à frente da família, das terras e tomam todas as decisões, mas ele acreditava que as mulheres deveriam ter os mesmos direitos que os homens. Ele fez questão de que minhas irmãs e eu tivéssemos um bom nível de estudos e se preocupava porque, especificamente neste país, você precisa ter estudado para ter acesso a um bom trabalho e sobreviver. Somente quando eu saía de casa, ia à escola ou para o trabalho é que eu podia perceber a diferença que existia no tratamento das mulheres se comparado aquele dado aos homens.

INTENÇÕES MORAIS

Se olhares pudessem matar
 Eu estaria em uma nuvem com St. Anne.
 Graças aos céus por essa barreira
 De imprópria instância e lugar.
 Talvez se eles tivessem o próximo par de olhos
 Eles concentrariam seu vigor
 Em mudar o equilíbrio da humanidade.
 Mas infelizmente
 Eles estão muito fascinados com o ajuste de contas.
 Eu tento tanto absolver

E apreciar.

Fútil

Talvez eu possa lhes enviar

Um pouco de luz do sol em um envelope

(AIGILO, 2005, p. 175)²¹.

E seu irmão? Como ele age diante da cultura patriarcal de seu país e da forma como seu pai educou vocês?

Por conta da educação que meu pai nos deu, meu irmão cresceu para ser um homem bom, ele tem respeito por nós, suas irmãs. Tive experiências onde os irmãos das minhas amigas as agrediam e as insultavam. Como mulheres, como irmãs, nós fazemos parte da sociedade, somos importantes, nós contribuimos para a formação de uma família, nós contribuimos para o desenvolvimento de uma nação. Sou muito abençoada e feliz pela educação do meu pai e por ele ensinar ao meu irmão a importância de uma mulher, a importância de respeitá-la.

Ouvir Miriam compartilhar suas vivências de amor e respeito com sua família, especificamente, com seu pai e irmão, trazia-me certo alento. Quando decidi conversar com uma mulher da PNG eu havia visto um documentário que o país está entre os 10 mais perigosos para as mulheres e que 70% delas já havia sofrido violência sexual (BBC NEWS, 2018). Confesso que fiquei horrorizada quando os machos, em frente à câmera, disseram que era totalmente aceitável e natural que os homens batessem nas mulheres, inclusive em suas esposas, com socos ou com

21 Melissa Aigilo nasceu na Papua Nova Guiné no ano de 1983 e é escritora e poetisa. Graduada em Letras pela Universidade de Papua Nova Guiné, é considerada uma das principais escritoras do país. Defende que a escrita é uma ferramenta política muito poderosa e que as mulheres de seu país não recebem apoio suficiente para expressarem suas vozes. Com coragem diz que muitas questões relacionadas às mulheres não são abordadas e encaradas com seriedade pelo governo e pela sociedade. Peter Aigilo, seu pai, ex-comissário de polícia e advogado, desempenhou um papel significativo por sua escolha em se ser escritora. Para Melissa, escrever é uma forma de libertação (MALUM NALU, 2008).

qualquer objeto que tivessem nas mãos para que sempre fizessem aquilo que queriam e que jamais lhes contrariassem à vontade.

Estuprar uma mulher ainda é rito de iniciação de jovens que querem fazer parte de gangues. Às vezes algumas pessoas querem justificar o injustificável dizendo: “ah, mas isso só acontece nas zonas rurais!” – como se um fato medonho desses pudesse ser melhor compreendido e tolerado por pessoas que não vivem nos centros urbanos. Acontece que o documentário fora feito em Porto Moresby, capital do país. Imagine mulheres terem suas orelhas quebradas e deformadas por socos, serem agredidas incessantemente ao longo da vida, sofrerem estupros coletivos, não terem direito à voz e tudo isso soar natural, “normal”, inclusive para a polícia.

Como homens que um dia foram amamentados pelos seios de uma mulher-mãe, podiam se portar daquela forma com outras mulheres, com as mulheres-mães de seus próprios filhos e filhas? Para mim seria uma tristeza sem tamanho se meu filho que amo tanto, que saiu de meu ventre e foi alimentado no meu peito, esbofeteasse sua companheira ou violasse qualquer mulher que fosse. Por isso nosso lugar de fala como mulheres-mães precisa ser ocupado também como mulheres-educadoras, protagonistas da história de um país que salvguarde os ideais feministas e que o respeito às diferenças e às liberdades de ser e estar no mundo, com o mundo e com os outros sejam valores humanos inegociáveis para todas as pessoas.

Miriam, você teve alguma experiência ruim com homens de seu país?

Sim, eu tive! Tive um ex-namorado muito abusivo. Ele era violento comigo. Foi uma experiência muito chocante porque eu não venho de um lar violento. Nunca vi meu pai ser agressivo com minha mãe. Isso me fez abrir os olhos e perceber que se meu pai não me tratava desta forma, por que outro homem iria me tratar assim? Se meu próprio irmão e meu pai me respeitam, como um outro homem poderia ser violento comigo? Então, eu vivi a experiência de saber como é estar em um relacionamento violento, mas também sabia que era capaz de me afastar dessas situações.

Infelizmente, por toda parte há mulheres com experiências tristes forjadas em relacionamentos abusivos. Muitas mulheres da minha

família também viveram essa situação. Miriam, quais desafios o patriarcado estrutural impõe para as meninas e mulheres de seu país?

A mulher sair desse ciclo de violência e conseguir cumprir suas metas e realizar seus sonhos é um desafio enorme. Porque a educação que você recebe em casa determina que tipo de pessoa você se tornará, constrói o caráter individual. E se você tem um pai ou está cercada de pessoas que dizem, continuamente, que você será submissa a um homem, você acaba se vendo como alguém inferior de segunda classe e isso faz você acreditar que há um certo limite para as coisas que você deseja ser ou fazer. Isso ocorre por conta do patriarcado que estrutura todas as relações entre os homens e as mulheres.

Outro desafio no meu país é que sendo uma mulher, ela depende muito daquilo que pensa sua família sobre ela e sobre o que dela deve ou não deve fazer. Depende do que os homens pensam, do que o pai dela pensa. E isso têm a ver com a sua segurança, por exemplo, sair de casa se o pai não concordar que ela saia. No momento, aqui não há representantes femininas no parlamento. Os homens sabem como ser duros e barrar as mulheres. Eles pensam assim: “Por que devo escutar ou votar em uma mulher para o parlamento?”. “Por que uma mulher deve tomar decisões para a minha sociedade?”. E é desta maneira que nossas crenças e tradições culturais afetaram e afetam o desenvolvimento de nosso país. Ter representantes femininas no parlamento, vejo como um dos novos desafios que precisamos superar, pois não temos mulheres para criarem políticas públicas e leis para as próprias mulheres. Isso impede que as meninas venham alcançar suas metas e sonhos no futuro.

Tenha o poder de controlar seu sonho
Só você pode tornar seu sonho realidade
Tenha o poder de controlar sua vida
Ninguém mais pode fazer isso por você
Escale cada montanha
Vadeie cada riacho
Siga cada arco-íris até encontrar seu sonho

Não se limite
Tantos sonhos estão esperando para serem realizados
Essas discussões são importantes demais para serem deixadas de lado
Alcance seu pico
Seu objetivo
E seu prêmio
Isso é o sucesso
(EVARI, 2022, p. 1)²².

E com relação às manchetes sobre o alto índice de violência sexual em PNG, é isso mesmo? Há alguma lei de combate a esse crime tão lesivo às mulheres? Aqui no Brasil, por exemplo, nós temos uma lei chamada “Maria da Penha” que foi sancionada durante o governo Lula em 2006 e que tem o objetivo de coibir e eliminar todas as formas de discriminação e violência contra as mulheres.

Sim, é verdade. Tristemente, isso acontece todos os dias aqui em PNG. A maioria das pessoas, inclusive, diz que, provavelmente, a culpa é da própria mulher. As notícias sobre os números de mulheres violentadas são verdadeiras. Mas a maioria das pessoas atribui a culpa à própria vítima e dizem: “você merece o que aconteceu!”. Isso é muito triste! Acredito que todos nós devíamos entender que qualquer tipo de violência, não importa a razão, não deveria acontecer porque sempre há outras formas de se resolver os problemas. A violência nunca será a resposta para qualquer tipo de problema.

A maior parte dos casos de violência sexual não é relatada. Conheço muitas mulheres que sofrem caladas, só alguns casos que são reportados e viram manchetes. Inúmeras mulheres ficam em silêncio e escolhem sofrer assim

22 Caroline Evari nasceu em Papua Nova Guiné. Formou-se em Matemática e Ciência da Computação na Universidade de Papua Nova Guiné. Trabalha com o Grupo Banco Mundial como Assistente de Equipe. Quando não está trabalhando ou cuidando de seus filhos, ela se dedica a escrever. Em 2019 publicou o livro de poesias: *Nanu Sina: My Words*. Caroline escreve histórias infantis desde 2018 e já escreveu mais de 25 histórias, sendo que diversas já foram publicadas e enviadas para crianças de seu país (WORLDBANK, 2020).

por conta de sua segurança, pois elas temem por suas vidas. É por isso que a maioria sofre calada: por medo. Isso é um grande problema aqui no meu país.

Sinceramente, não vejo o governo se importando com isso. Nós temos leis, mas elas não são executadas e não são vistas como algo sério para ser cumprido. O problema é colossal e resulta que os casos de violência sexual não são vistos como importantes e, conseqüentemente, os responsáveis não são colocados atrás das grades. No país não há nenhuma lei específica para o combate à violência contra as mulheres. Em 2016 foi promulgada uma lei para a proteção das crianças contra qualquer tipo de violência ou discriminação, mas não há nada que proteja as mulheres de serem maltratadas e violentadas.

Depois de já ter conversado com tantas mulheres, talvez eu não tivesse mais motivos para me surpreender com as maldades que dilaceravam corpos e espíritos de mulheres viventes debaixo do sol. Mas me encontrava perplexa com a narrativa de Miriam sobre a naturalidade com que os cidadãos de PNG desvelavam a violência contra as mulheres. Não parava de ruminar: e se fosse comigo? E se aqui no Brasil fosse pior do que é? E se meu companheiro que acabara de me trazer uma xícara de café quentinho, ao invés de me fazer um mimo, surraste-me por dele discordar em ideias ou atitudes?

Às 17h56, injuriando-me por tantos flagelos às mulheres, sinto mais uma vez o ar frio entrar pela minha janela. As montanhas e o céu se abraçaram, estão brancos de névoa. Chove muito lá fora. Recordo-me, de repente, que em 17 dias será véspera de natal. Respiro.

Mas havia algo em PNG que poderia tornar a vida de muitas mulheres terrivelmente pior do que já era: a caça às bruxas! Embora pareça inconcebível que isso ainda ocorra às portas da segunda década do século XXI, o costume ainda persiste em países da América Latina, África e Ásia. Não é novidade que as mulheres lutam por direitos e liberdades desde sempre, enquanto os homens ressentem qualquer encolhimento de seus privilégios.

No século V a Lei Sálica que se constituía de um código civil e penal compilado pelos sálhos, proibia que as filhas herdassem proprieda-

des. Ao se casar, deixava sua família de origem e passava a pertencer à família do marido. As mulheres eram excluídas da história e das posses de seus ancestrais. Em outras épocas, juristas apelaram a essa lei para justificarem a evicção das mulheres à sucessão da coroa e supressão do direito a bens. O fio desse machado machista promoveu o apagamento histórico das mulheres como protagonistas nas artes, literatura, ciência, revoluções, política, lideranças, ensino e ativismos diversos, inclusive, dentro dos monastérios ao longo da história da (des)humanidade. Marcando ponto, diga-se de passagem, não foi diferente no Brasil.

O Código Sábico regulava a vida em sociedade, inclusive prevendo punições severas a quem praticasse e fosse condenado por bruxaria. Nesse contexto, amaldiçoar alguém mesmo que só em palavras, já era considerado uma grave acusação. Éliane Viennot (2006), linguista e historiadora francesa, discute a interpretação do código na Idade Média e como é evidente que as mulheres foram ocupando espaços que antes eram restritos aos homens. Deixar a mulher distante dos lugares de promoção do saber e arquitetar formas de legitimar sua (in)capacidade de autonomia, autoridade, poder e saberes como caminho exclusivo aos homens, era mister patriarcal de modo que a misoginia se tornou pilar estrutural daqueles tempos de outrora e ainda o é, pelas mesmas razões, para nosso tempo presente e, veementemente, ainda será para o futuro daquelas que ainda estão por nascer.

No século XIII a Igreja Católica criou o Tribunal do Santo Ofício, popularmente conhecido como Santa Inquisição, para frear os transviados da fé cristã de se descolarem da instituição. O período se monta do século XIII ao XIV como medieval e do século XIV até o XIX como moderno. No ano de 1484, Inocêncio VIII, um pontífice que rendeu polêmicas e vergonhas à Igreja, publicou a bula papal *Summis desiderantes affectibus* que, seguida à risca pelos inquisidores dominicanos, Heinrich Kramer e James Sprenger, produziram o tratado mais cruel desse capítulo da história, intitulado *Malleus Maleficarum* (Martelo das Bruxas), publicado originalmente em 1487 e que serviria como um passe para a

busca de evidências de pactos com o demônio e o combate à heresias e à feitiçarias por meio de perseguições, torturas e mortes em fogueiras.

Silvia Federici (2017, 2019), importante filósofa feminista, aborda o tema com lucidez e competência e traz à tona como o fenômeno da caça às bruxas foi imperioso para o desdobramento do capitalismo a partir da delimitação e privatização das terras, de modo que as mulheres envolvidas nos movimentos de preservação de terras comunais fossem acusadas de bruxarias. Esse movimento que se inicia na Europa estrutura a legitimação dessa forma de violência no contexto econômico que se estende sobremaneira aos preceitos e crenças sociais, colando-se à disciplinarização do corpo das mulheres para o controle de sua sexualidade, reprodução, sociabilidade, linguagem e representação social, bem como para sua tutela e desvalorização quanto ao trabalho doméstico e reprodutivo.

Federici (2019) minucia que essa prática do passado foi validada pela religião e pela misoginia, contudo, apesar das lutas dos movimentos sociais feministas pelos direitos das mulheres, esse espírito algoz permanece entre nós, na contemporaneidade, em pleno século XXI, materializando-se por meio das ondas ininterruptas de violências às mulheres por toda parte, principalmente, em países da América Latina, da África e da Ásia. Violências que seguem e se traduzem pelas múltiplas e diversas facetas do ódio às mulheres que resistem e se rebelam às subalternidades e que, muitas vezes, concretizam-se no feminicídio. Um ódio alimentado pelas profundas raízes capitalistas que se fundem e se sustentam na amarração com o patriarcado e com o colonialismo que nunca acabou. Há que se (re)visitar o passado para compreendermos o presente e (re)inventarmos o futuro de nossas mulheres e homens:

Na figura da bruxa as autoridades puniam, ao mesmo tempo, a investida contra a propriedade privada, a insubordinação social, a propagação de crenças mágicas que pressupunham a presença de poderes que não podiam controlar, e o desvio da norma sexual que, naquele momento, colocava o comportamento sexual e a procriação sob domínio do Estado (FEDERICI, 2019, p. 53).

De volta à Papua Nova Guiné, a caça às bruxas ainda é um movimento em curso. Cerca de 200 pessoas, 95% de mulheres, são acusadas de bruxaria em PNG (UNHCR, 2009). A falta de informação e educação pautada nos direitos humanos e na ciência resulta na tentativa sobrenatural de explicar a razão pela qual alguém morreu, aparentemente, de súbito por infarto ou por uma doença silenciosa como AIDS, diabetes ou hipertensão, além de prejuízo em colheitas e acidentes. A bruxaria é o atalho para se apontar um culpado pelas desgraças, na maioria das vezes, mulheres pobres, viúvas que vivem nas terras dos falecidos e atrapalham os negócios dos homens que são os únicos herdeiros das terras. Como não têm para onde ir, acusá-las de *Sanguma*²³ é uma forma de se livrarem dessas mulheres-tropeços.

Parentes, filhos e vizinhos costumam persuadir curandeiros a imputarem os infortúnios às mulheres. E nessa trama, a cultura da aparência física de uma bruxa soa oportuna, uma vez que muitas mulheres idosas passaram a vida cozinhando em meio a fumaças e por isso seus olhos se tornaram frequentemente vermelhos em razão de irritações e conjuntivites. Mães solas, enfermas ou com deficiências, também são vítimas desse terror, algumas vezes, nem as crianças escapam do rito macabro de caça às bruxas. É assim que muitas mulheres suspeitas de bruxaria são capturadas, expostas nuas diante da comunidade, espancadas, estupradas coletivamente como forma de punição, em muitas ocasiões, têm seus dedos ou mãos mutiladas, seus corpos arrastados por carros, cravados e abertos com facões, torturadas até serem consumidas pela fogueira que dissipará seus demônios, ou mesmo, lançadas de um penhasco ou enterradas vivas.

O calvário é acompanhado por muitos que participam da monstruosidade, enquanto outros observam sem intervir. Há relatos que até mesmo a polícia se abstém, todos por consentirem o acontecimento ou por temerem por sua segurança. Sim, são acontecimentos de nosso tempo presente que se encontra plugado com fatos e escolhas feitas no passado e que se perpetuam em nossa cultura por meio de dispositivos de discriminação e exclusão que garantem a manutenção do poder e do controle

23 Palavra local que se refere à magia negra ou feitiçaria.

nas mãos daqueles que se encontram em lugares sociais de privilégios. E é preciso compreendermos que a mulher não experimenta nem de leve esse lugar de privilégio sem travar incessantes combates às estruturas de poder que nos afogam em um lamaçal profundo de subordinações que aniquilam nosso ser, nossa identidade, nossa existência como mulheres. Mas será na coletividade, no ajuntamento de vozes que se ocupam de seus lugares de fala tomando com impetuosidade seu direito a direitos, que emergiremos com os rostos cheios de barro das profundezas do patriarcado e construiremos uma comunidade mais justa, com equidade de oportunidades para todas as pessoas, inundada por um paradigma cuja linha de chegada e partida é o cuidado e o respeito consigo mesma, com as outras pessoas e com a Terra, nossa Casa Comum. Onde a diferença e as liberdades são valores humanos sem preço que devem assegurar a educação para a paz das crianças, nossa descendência.

Já imaginando a resposta, pergunto à Miriam se de alguma forma a cultura religiosa também teria contribuído para a intensificação da violência contra as mulheres em PNG. E ela acena dizendo:

Sim, tenho que dizer que sim. A maioria das pessoas em PNG são cristãs, esta é uma nação cristã. Em algumas regiões as pessoas manifestam suas próprias crenças, mas costumam ser considerados como transgressores porque aqui se reconhece que existe apenas um único deus. Assim se espera que todos frequentem a igreja e creiam em Deus. A religião predominante é o cristianismo e a maior parte das pessoas usa a bíblia em sua defesa. É comum termos mulheres casadas ou se relacionando com um homem e sofrendo com diferentes problemas, mas como a bíblia diz que a mulher deve se submeter ao seu marido e que o homem está à frente da família, então os homens fazem uso disso para se justificarem. E ao serem violentos com suas esposas eles se defendem dizendo: “foi porque ela não se submeteu a mim” ou “ela não escutou o que eu tinha para dizer, por isso fui violento, por causa disso fiz isso com ela”. Particularmente, penso que a bíblia esteja sendo mal interpretada e que não há textos que possam justificar essas atitudes. Acredito que podemos fazer uso

da religião, no entanto, eles a utilizam apenas para justificarem sua violência contra suas próprias esposas, contra as mulheres do nosso país.

Enquanto a ouvia, cismava em pensar como é possível que uma maioria de “cristãos” possa legitimar tanta selvageria. Federici (2019) já havia feito essa trilha em estudos e explicado que o neocalvinismo preciniza o emprego de estratégias entre a Igreja e os que se encontram no poder para estabelecerem seus valores religiosos à sociedade, algo similar ao que já acontecera antes na época medieval.

No Brasil em andamento, a bancada evangélica de representação pública mostrara claramente suas intenções quando alavancou a eleição do presidente-cristão mais antinômico que o país já teve. Em cordão sócio-político-econômico-religioso eles baralharam o povo mutuamente nos espaços dos altares, da família de bem, das redes sociais, da TV e prometeram um país centrado nos princípios conservadores e fundamentalistas onde a religião predominante está acima de tudo e o nacionalismo acima de todos. Nestes núcleos de juízos, (des)qualificar a mulher a sujeitando ao marido, às tarefas domésticas, a estarem caladas na igreja, à tutela de uma presença masculina, à culpa de serem abusadas sexualmente ou moralmente pelas vestes que usam ou pelo horário que saem à rua, é práxis ratificada pela tradição religiosa e política de raízes arraigadas no patriarcado.

Aliás, o líder de uma das maiores igrejas neopentecostais do país, a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), declarou em um culto que a mulher não deveria estudar mais que o marido e alegou ter feito dessa maneira com suas filhas. Justificou que se a mulher tiver um nível cultural mais elevado que o marido, ela será a “cabeça” da família e assim, não estaria servindo à vontade de Deus. E ainda completou que ali naquele culto deveria haver mulheres inteligentíssimas que não conseguem encontrar “o cabeça” (CORREIO BRASILIENSE, 2019). Do outro extremo do movimento evangélico, a conservadora Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) retrocede ainda mais ao proibir incisivamente que as mulheres que são membros de suas congregações, dirijam cultos, ensinem nas atividades da igreja ou, mesmo, distribuam a Santa Ceia, que é o sacramento do pão e do vinho

(GEBARA, 2022). As proibições sancionadas pela cúpula 100% masculina, convenientemente agarrada nas palavras do apóstolo Paulo: “Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” (BÍBLIA SABRADA, 2009, 1 Timóteo 2:12), são espelhos de uma verdadeira violência simbólica às mulheres, forjadas em uma interpretação absurdamente machista para silenciamento das mulheres e sua submissão aos homens, principalmente, aos seus maridos.

Em “Meio sol amarelo” Chimamanda esfarrapa uma cena de diálogo pouco incomum:

“E, para completar, os pais mandaram ela estudar na faculdade. Por quê? Muito estudo acaba com qualquer mulher, todo mundo sabe disso. Faz ela ficar com a cabeça inchada e aí começa a insultar o marido. Que tipo de mulher ela vai ser, me diga?” A mãe do patrão ergueu uma ponta dos panos para enxugar o suor da testa. “Essas moças que fazem faculdade vão atrás dos homens até ficar com o corpo inútil. Ninguém sabe se ainda podem ter filhos. Você por acaso sabe? Por acaso alguém sabe?” (ADICHIE, 2008, p. 119).

Emendei o desconforto e questionei Miriam sobre a importância da educação contra a violência estrutural às meninas e às mulheres.

Aqui em PNG, em razão das nossas tradições culturais de base patriarcal, a maioria das famílias, como a família do meu pai, acredita que é mais importante educar um filho do que uma filha. A filha deve crescer, se casar e viver com a família de seu marido. Pensam que a educar será um desperdício de dinheiro porque ela deverá beneficiar a família do marido. Então eles precisam se encarregar de pagar a escola do filho, pois é ele quem sustentará sua família e seu pai passará a ele suas responsabilidades. Felizmente, tive muita sorte, pois meu pai entendia ser importante que todas as crianças tivessem acesso à educação, sendo filho ou filha. Nosso governo atual tem uma política de educação gratuita que tem sido bem-sucedida. Contudo, eles não vêem como sendo importância que os dois gêneros tenham direito à educação, porém, são iniciativas que estão sendo

desenvolvidas. Em PNG temos bolsas de estudo de uma fundação tipicamente destinada às mulheres. Tem uma outra que auxilia mulheres a enviarem suas candidaturas e as que são bem-sucedidas recebem assistência nos estudos. Temos algumas instituições com iniciativas para que as jovens mulheres façam o ensino médio.

E sua mãe, ela teve acesso à educação?

Sim! Teve porque minha mãe nasceu em Fiji e lá a educação é muito diferente de PNG. Ela fez o ensino médio e depois foi estudar na Austrália.

O lugar de fala de Miriam era único, mesmo embora eu pudesse alinhavar muitos outros tecidos históricos marcados pela destra do patriarcado. Que dores e sonhos ela poderia compartilhar comigo diante de tantas adversidades vivenciadas pelas mulheres de seu povo?

Uma dor é a tristeza de saber que nossas mulheres não são vistas como sendo importantes na sociedade. Não posso dizer que a mulher pode ser igual ao homem, porque Deus nos criou de formas diferentes, e há certos papéis que o homem pode desempenhar e há certos papéis que apenas mulheres podem fazer. Me chateia ver que homens no século 21 ainda não se tocaram que as mulheres são importantes na sociedade. Eles precisam de uma mulher para estar ao seu lado, para ter uma boa família, para ter um lar. Se eles não perceberem isso agora, não sei quando serão capazes, não sei quanto tempo vai demorar para que compreendam que as mulheres são tão importantes quanto eles para o desenvolvimento do país. Nós continuamos procurando maneiras de solucionar nossos problemas na sociedade, mas muitas soluções já estão aí e, infelizmente, são ignoradas, e isso é algo que me incomoda.

Sonho que um dia nós tenhamos uma sociedade bondosa que não precise julgar os outros e que seja capaz de aceitar os outros com suas diferenças, com suas diferenças familiares, diferentes criações. Uma sociedade que compreenda que as pessoas são diferentes por conta de suas próprias condições. Não posso esperar que uma pessoa pense assim e faça o mesmo que eu, sabe? Mas eu espero que um dia possamos aceitar os outros com nossas diferenças porque são nossas diferenças que nos tornam bonitos. Se fossemos

todos iguais seria muito chato. Então, é isso! Sonho que um dia nós aceitemos uns aos outros apesar das nossas diferenças, não julguemos os outros porque ninguém é perfeito. Sonho que sejamos capazes de aceitarmos as diferenças e abraçarmos a diversidade do outro, sua cultura, suas ideias.

Despedi-me de Miriam com o coração transbordando de gratidão por ela ter compartilhado comigo e com você parte de sua história, da história tão dolorida das mulheres da Papua Nova Guiné. Mulheres repletas de cicatrizes e sonhos de liberdade que teimam não se apagar.

Toda cidade tem sua bruxa

E toda paróquia, seus trolls

Tiraremos-lhe a vida com a fogueira da alegria.

Canção de Verão dinamarquesa “Amamos nosso país” – 1885

(FEDERICI, 2019).

O TAMANHO DA DESIGUALDADE



Era só respeito o que ela queria.

Confesso que me senti atravessava em toda a minha ignorância diante da selvageria do corpo social esdrúxulo e putreficado de cismas e antepaixões no qual cresci e existi até agora, às 18h15 do dia 24, do mês que no Império Romano, tinha o nome de *Quintilis* em homenagem a um imperador de meio mundo, militar e tirano cruel; o Calígula perverso que em certa feita deu origem ao adágio: “A mulher de César não basta ser honesta, deve parecer honesta”.

Enquanto fechava as demais janelas do mundo virtual, o sininho das notificações badalava 84.440 abatidos no caos provocado pelo des-Governo ao frágil sistema imunológico dos Brasis das desigualdades sociais frente ao micro-organismo invasor do sossego da economia dos mais ricos.

O sorriso discreto de Natalha Claudinei Silva Nascimento já me des-continua o recato de um primeiro contato feito ainda ontem após o sol se pôr. Sem rodeios, seu olhar sóbrio se estende até a palavra de timbre cauto que desmantela meu entusiasmo militante habituado a ouvir vozes do gênero posposto às centúrias.

Tenho 36 anos de idade e sou a única mulher transgênero negra e favelada com licenciatura em Matemática que se tem notícia na América Latina. Isso é para você ter uma ideia do tamanho da desigualdade. Vivo na Cidade Estrutural que é periférica do Distrito Federal e que foi construída aos redores do 2º maior lixão do planeta. E até esse contraste coincidiu com minha forma de viver e de atuar dentro da minha ONG.

Eu havia estado na Estrutural algumas vezes entre 2010 e 2014. As montanhas de lixo produzido pela oitava maior economia federativa do país com valores correntes superiores a R\$ 244 bilhões acumulados como Produto Interno Bruto (PIB-DF, 2017), picavam cerca de 55 metros de

altura a parcos 20 quilômetros da Praça dos Três Poderes que, concebida pelo arquiteto Oscar Niemeyer, representa uma suposta independência e harmonia cultivadas entre o Executivo brasileiro com sua sede no Palácio do Planalto, o Judiciário pelo edifício do Supremo Tribunal Federal e o Legislativo pelo monumental Congresso Nacional. Noutras palavras, a meros 20 mil metros de distância onde os salários depuram bem mais de R\$ 30 mil reais mensais regados a privilégios de auxílio paletó (mais de R\$ 60 milhões por ano), auxílio moradia (cerca de R\$ 817 milhões por ano), verbas parlamentares (cerca de R\$ 92 mil para contratação de funcionários e de até bem mais de R\$ 30 mil para dar uma mãozinha nos gastos com alimentação, locação de carros, material de escritório, marketing das façanhas de seus mandatos), destoam da miserabilidade que estampa o caráter fétido da grande maioria desses mandatários públicos diante das pobrezaas incomensuráveis de seu povo. 20 quilômetros separam o mais importante centro político do país, protagonizado pelos parlamentares ranqueados entre os 5 mais bem pagos dos 5 continentes, do maior lixão em céu aberto da América Latina e 2º maior da Terra, atrás somente do Jacarta, na Indonésia. 200 hectares de área que se avizinha com o Parque Nacional de Brasília e que gerava renda para cerca de 2 mil pessoas recolhedoras de recicláveis. 20 km que apartam dos narizes nobres e narcisistas tóxicos o fedor de 40 milhões de toneladas de rejeitos e entulhos que vinham sendo enterrados desde a década de 50 até 2018. Só 20 km de via terrestre distanciavam urubus, vira-latas e humanos invisíveis dos intocáveis marajás eleitos para defenderem os interesses de seus compatriotas. 20 km que se traduzem em abissais 500 anos-luz de uma colonialidade escravista que cheira muito mal e dá mostras de perduro para o nojo de todos nós. A altura da divisa desse parágrafo morbígeno, a sanha se me apoderou sem paciência e me rogou uma pausa.

...

Com zelo narrativo acompanhado pelo tom de voz baixo e olhar longo, Nathalia re-memora de si para si, para mim e para nós:

Eu não consigo... Eu não consigo descrever um dia meu como sendo um homem. Eu não consigo identificar isso. Eu nunca consegui identificar isso. A sociedade sempre me pediu isso, mas eu não consigo. Assumir a identidade transgênero é um desafio. Mais ainda se nós estamos em um país onde há uma grande violência contra as mulheres cis gênero. Quando uma transgênero se insere na sociedade e assume a sua identidade, ela também corre o risco de existir. É um risco paralelo às mulheres cis gênero. Por isso que temos que cuidar com a identidade de transgênero, porque são identidades diferentes e as lutas também são diferentes. Por mais que a sociedade e que os ativistas, por mais que a imprensa tente nos inserir como uma mulher, ainda há uma problemática a ser discutida. A história nos divide entre aquela das mulheres cis gênero e aquela das mulheres transgênero. O que sempre pedi é para ser identificada como uma transgênero e apenas isso. Eu não sou mulher, mas também não sou um homem. Sou uma transgênero feminina que é o contrário de um transgênero masculino. Em respeito à luta gigante e primária das mulheres, eu não me identifico como uma mulher [prenúncio de um sorriso tímido]. E há uma exigência das ativistas femininas mulheres que querem uma luta diferente das transgênero. Elas exigem, elas embatem com isso. E é um direito delas. Então, sou uma trans. Faço parte de um grupo trans, tal como está em nossa própria história. Trans é a definição mais aceitável respeitando a exigência das ativistas mulheres cis gênero e é a qual eu me identifico. É o desejo delas que as meninas transgênero não se insiram no grupo das mulheres porque a luta é diferente e isso é uma realidade.

E ali estava eu, mais uma vez, na saia justa das classificações e engavetamentos produzidos pela cultura dominante de quem navega em viveiros de oceanários, abrigadores artificiais de grande diversidade catalogada. Seres todos capturados pelo predador major, mas que na pugna à sobrevivência, espremem-se, machucam-se, separam-se, oprimem-se em suas próprias diferenças que culminam na arte de dividir e segregar, tão apropriada às finalidades do dominador.

Sem dúvida que as pautas entre mulheres e transgêneros femininas são distintas. Mas aquela conversa de janelas da alma e tons constrictados me removia as perturbações sacudidas no andar para a prancha. O pirata era o mesmo. Quase que em segredo, ela junta os lábios, respira fundo e assevera:

Ser uma mulher no Brasil, de fato, é um risco. Porque a sociedade que é educada e ensinada na cultura machista exige que a mulher seja cuidadora, que se vista bem, que se apresente bem, que seja fiel à relação, que ela seja um exemplo diário a dar e a ser seguido. E de nós, transgêneros, a sociedade também demanda muitas coisas. Isso é sufocante! Quando uma mulher foge das regras por não aguentar, por não suportar mais tudo isso, quando ela resolve quebrar esse ensinamento social, ela sofre consequências graves na forma de riscos a sua vida e pressão psicológica. Ela não presta! É uma série de agressões que as cis gêneros passam que me possibilitam fazer uma analogia do que é exigido para mim, para as transgênero, tanto pela sociedade em geral como pela minha própria família. Palavras como: “— ah, você não é mulher? Então se comporte como uma mulher, se vista como uma mulher!”. E tem mais, tem coisas muito mais graves que eu nem devo dizer aqui para você.

Diga! É importante você fazer essa narrativa de seu lugar de fala.

Olha! Uma mulher quando é violentada sexualmente, e as transgêneros também se encaixam nessa violência do estupro, o estupro diz assim: “— Você não é mulher? Mulher nasceu para isso e para isso!”. Eu estou te falando por cima como são as coisas porque é bem pior como tudo acontece.

É claro que ela estava sendo educadamente comedida na escolha das palavras comigo. Fiquei pensando sobre meus momentos de saída para correr pela manhã, horário tranquilo. Mas me pus à lembrança de outras vezes em que havia ido correr quando os últimos raios dourados já se aprontavam para dormir. O frescor da caída da noite se fundia com aquela sensação pouco agradável de estar regressando des-acompanhada para casa no breu.

Eu já havia ouvido várias histórias de mulheres violentadas por ocasião de seu retorno após o trabalho ou depois da aula, bem como sobre a sensação de estar sendo observada ou seguida dias antes do bote do

estuprador. A hostilidade discursiva acerca da serventia das mulheres à objetivação da besta-fera em forma de macho era berrada pelas faíscas de olhos predadores que abocanhavam as almas das mulheres antes mesmo de tomarem seus corpos. Natalha desanuviava que não era diferente o ato coercivo junto às *trans*: — *Você nasceu para dar, nasceu para ser fodida!* Era isso.

Natalha, e quando você era uma criança? Que lembranças você tem desse tempo?

Esses dias eu ouvi a fala de um adulto sobre uma criança de 6 anos que fez aquilo que eu fiz há 30 anos atrás. Coisas como colocar a roupa da mãe, colocar uma camisa na cabeça simulando o cabelo, dentre outras coisas, são lembranças que me conectam comigo mesma lá no meu passado, na minha história. Era apenas uma criança! Uma criança inocente e indefesa no meio de uma cultura que poderia ter tirado a minha vida. Você compreende? Estamos falando de uma criança!

Mas quando eu parti para a adolescência, uma outra série de condições vieram porque então é realmente exigido que você se apresente como um menino diante das pessoas, como um rapaz. E você se molda. Você se molda porque é obrigado a se moldar daquela forma e o que se encontra fora desse padrão, é considerado uma doença. Olhando para mim mesma e me conectando comigo há 30, há 20, há 10 anos atrás, eu sinto que eu não mudei nada! Não houve mudança em mim. A mudança aconteceu para as pessoas e não naquilo que eu sempre fui desde criança.

A mudança em curso no desenvolvimento de Natalha havia acontecido de maneira natural em seu corpo. Os olhos são a porta de entrada para infindas informações, mensagens, sensações, percepções, significações e representações sociais. Pelos olhos nos comunicamos e somos comunicados. A aparência física depunha que ali estava um jovem. Capturavam por iniludível a essência de que aquele corpo fora sempre habitado por um espírito masculino. Ao passo que os olhos avistavam uma imagem distinta da representação social conectada ao que fora estabelecido como sendo um padrão para aquele corpo masculino, as ebulições do separatismo entre o que é sagrado e o que se revela profano

vieram à tona. Se está por determinada a convicção de que corpos com pênis são machos e deles se esperam um comportamento já decretado como único aceitável ao longo da história da humanidade e perpetuado pela cultura dominante, como “Isso” pode se negar a cumprir seu destino deífico? Em que momento essa mudança se materializou? Sacrilégio! Renegador! Espírito carnal a ser expurgado violentamente para que se assuma macho de verdade.

Ao julgarem e condenarem pela exterioridade, reduzem à metamorfose, toda uma vida constituída por dimensões biológicas, cognitivas, sociais e espirituais de altíssima complexidade. Para os outros, ele havia mudado o rumo do que deveria ser. Para ela, sempre tivera sido aquilo que permanecia sendo: um ser feminino que desafiava a linearidade das formas de ser e estar no mundo no modo binário macho ou fêmea. Classificar e etiquetar pessoas para então controlá-las e dominá-las, é mecanismo explícito de marginalização, exclusão e extermínio. Pelas diferenças se apartam as pessoas, bem como se definem todos os padrões de normalidade e anormalidade que normatizam a sociedade, sendo este um terreno acidentado e íngreme demais para quem é híbrido ou foge à medida da régua.

Aos poucos, cada vez mais, eu me apercebia da profundidade em que se encontravam as farpas do preconceito e da discriminação que haviam sido encravadas em nosso corpo social ao longo da história da humanidade e no constituir de nossa cultura. Interpelei com os ânimos um tanto alquebrados: — nessa brutalidade toda desse país de cultura machista, quais os desafios de uma *trans* feminina?

Olha, o desafio de hoje, de 2020, ainda é o mesmo de 2009, é o mesmo de sempre. Porque tanto a questão como o risco são existenciais. Corremos risco porque existimos. Hoje eu coordeno uma ONG de defesa dos direitos humanos da comunidade transgênero aqui no Distrito Federal que funciona aqui dentro da comunidade. O que eu fiz? Eu parei de esperar o Estado e parei de aguardar as instituições fazerem os trabalhos para a desconstrução da violência. E aí, eu mesma resolvi fazer. Então, para uma

trans viver no Brasil é algo muito difícil, é um desafio. Só que não é apenas algo desafiador, mas, sim, um desafio da morte e um desafio da vida.

Eu tenho amigas que se foram! Amigas que tiveram a cidadania e a dignidade roubadas. O Brasil trata isso com naturalidade. E a própria religião sempre nos tratou de forma desumana, como espíritos ruins e algo como fora de tudo que seja entendido como normal. Hoje a religião ganhou palco e espaço no poder e não há mais o que esconder. Prova disso são as frases de 1945 que foram transcritas dentro das maiores representações políticas da América Latina e nada foi escondido. Esse espaço de poder acabou se tornando um perigo para nós, para as meninas que moram na periferia e que se encontram despadronizadas desse modelo de sociedade machista, que são pobres e que são desinstruídas. Até o ano passado não havia lei de defesa. Foi quando se aprovou a lei de LGBTfobia, ou seja, foi preciso que tantas morressem de forma covarde para se aprovar uma lei de defesa à cidadania delas.

Durante muitos anos os homens trans e as mulheres trans foram esquecidas pelo Estado e marginalizados pela sociedade. Para nós não é novidade, mas para as pessoas de fora isso é uma novidade. Por que? Ora, porque elas eram invisibilizadas, elas só andavam à noite, não tinham vida diurna e nem noturna, elas se escondiam muito e por isso, pouca gente sabia quem elas eram.

Eu não queria conduzir a conversa para os labirintos privativos da religião, afinal de contas, é sempre muito tenso trazer para o espelho as doutrinas que refletem e preceituam, a princípio, as filosofias de vida. Na pátria amancebada com os *yankees*, o lema é *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*. Contradições não faltavam para uma dialética caprichada!

Enquanto se alombava e se dava a ser ferrado às brasas do imperialismo, o discurso de ódio talhava um cânion de verticalidades profundas do que, até então, tinha-se por certo não fazer parte do *believe system* dos que se crismavam seguidores do Filho de Deus. De repente, a cegueira provocada pelo fanatismo político-religioso havia embaçado e separado os sentidos e significados da veraz (re)significação da sentença *Deus acima de todos*. Porque se Ele estava acima de todos, então como o *amor mundi*,

o amor fraterno, poderia se encontrar tão retirado, tão abstraído do (con)viver daquele governo e seus apoiadores que se afirmavam professantes dos valores cristãos? Meio apreensiva, não me contive e perguntei: — Natalha, você segue alguma religião? — E seguido a dois respiros, replicou:

Na semana passada eu estava conversando com uma pessoa próxima a mim sobre questões religiosas. Não existe uma pessoa de nós, trans, que não tenha buscado uma resposta sobre tudo aquilo que já ouvimos ou que já pensamos a nosso respeito. Eu frequentei algumas religiões esperando que me dessem alguma resposta embora eu já soubesse qual era a resposta. Porém, é uma afirmação, é uma maneira de se inserir no meio de grupos sociais diferentes. Assim eu fiz e assim outras trans também fizeram. Eu sigo uma religião evangélica tradicional, absolutamente, tradicional. Mas que hoje busca caminhos para se retratar por aquilo que me falaram no passado. Ou seja, não tem demônio e não têm espíritos ruins em nós. O tempo passou e mostrou isso para a minha família. Então, o meu coração é evangélico. Apesar de ter frequentado outras religiões, eu não me adaptei porque não me construíram significados importantes e aí, a religião que eu gosto e que admiro é a evangélica, apesar de todos os desafios, tenho uma admiração impressionante por ela.

Respirei fundo e pensei, como Deus é onipresente - eu já fui presa, banida pela sociedade, venci e estou aqui para fazer um trabalho de pesquisa na recuperação de detentos pelo evangelho. Eu uma pecadora, isto só pode ser coisa de Deus. [...]. Fui prisioneira da falta de fé - e senti que ela transbordava nos olhos e corações de Alarcon e dos presos.

[...].

- É bicha.

- Mas é linda.

- Mas é louca.

- É bela e louca.

Algumas pessoas já fugiam de mim, por causa de minha exuberância, e beleza.

Fiz invejosos. Mas tive sempre que conviver com vários estigmas que acabei me acostumando.
(RUDDY, 2007, p. 206-207, 272)²⁴.

Havia um rebuliço na minha cabeça. Como assim?! Eu conhecia profundamente os princípios e valores cristãos na mesma proporção que (re)conhecia a fobia que os *crentes* tinham de tudo o que se arredasse das relações binárias macho e fêmea. Justificativas para apartar diferentes vinham desde sempre pelas Cruzadas que permanecem em expedições para libertar a Terra Santa de seus indesejáveis. Assim, em nome de algum deus que, sem incertezas, não é aquEle das Boas Novas do Evangelho, os peregrinos penitentes faziam cativos, torturavam, matavam e mandavam matar quem ameaçasse seus negócios religiosos, militares ou econômicos.

Se é escusável alguma defesa às Cruzadas em razão da força descomunal dos muçulmanos nas batalhas travadas durante a Idade Média, seria possível tão somente no (re)corte de legítima defesa, a partir do uso moderado dos meios que se fizessem necessários. No latim, *jus in bello* se refere ao direito da guerra, ou seja, as normativas e códigos de conduta que devem ser levados em conta e respeitados em vias de enfrentamentos armados. As convenções de Genebra e Haia retratam esses preceitos. No entanto, desde os primórdios da humanidade, os seres humanos se barbarizam em conflitos e, desgraçadamente, os pretextos se resumem na conquista e/ou na manutenção de territórios e riquezas. Nunca houve limites e ética para a barbarização nas guerras santas ou profanas. O furor e o rancor, ingredientes do fanatismo, alimentam os piratas, quer sejam cristãos, muçulmanos, judeus, hindus, ateus, de modo que violentar o outro em sua existência, liberdade e identidade, torna-se tão natural quanto matar uma mosca.

24 Ruddy Pinho nasceu no dia 31 de janeiro de 1944, em Sabinópolis, no interior de Minas. Aos 16 anos começou a trabalhar com as tesouras e se tornou cabeleireira. Em 1965 se mudou para o Rio de Janeiro e ali trabalhou por anos junto à diversas celebridades. Foi a primeira autora trans a ser publicada no Brasil e usou do humor para falar sobre a hipocrisia da sociedade, bem como sobre suas dores, perdas e alegrias ao longo da vida. Ao longo de sua vida publicou 10 livros. Faleceu no dia 05 de fevereiro de 2021 deixando um filho adotivo e uma neta.

Eu havia jornadeado longe com meus pensamentos sobre a capacidade humana de brutalizar o outro, principalmente, aquele que é apontado como diferente ou sacrílego. Considerava a possibilidade de estar meio exasperada ou exagerando em minhas inquietações, talvez provenientes de uma semana conturbada que tive. Entretanto, o que mais poderia cogitar depois de todos os genocídios internacionais ultranacionalistas para a extinção de migrantes, refugiados e minorais religiosas acontecidos nas últimas décadas? E, ainda, era tão bizarro o apoio das instituições religiosas e seus seguidores na eleição de líderes energúmenos que se diziam reverenciosos que, no fim das contas, eram Pilatos para todos os lados que eu entrevia de modo a recordar um verso das Escrituras Sagradas: “Então Pilatos, vendo que nada aproveitava, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo e entregou-o para ser crucificado” (BÍBLIA SAGRADA, 2009, Evangelho de Mateus 27:24).

Surpresa era pouco para me (re)contar e meus olhos me denunciavam! Inquiri: — mas Natalha, temos uma bancada evangélica formada por um tanto de líderes religiosos que têm se mostrado altamente agressivos em seus discursos e, infelizmente, são apoiados por pastores midiáticos que até esbravejam ofensas irremediáveis no que diz respeito aos direitos humanos. Eles dizem que vocês precisam ser exorcizados e curados e a maioria dos membros dessas igrejas parecem concordar. Claro que há exceções, mas não é a regra. E aí?!

Tive a oportunidade de conhecer outras religiões e elas me deram conhecimento suficiente para que eu compreendesse que o mau caráter do ser humano está nos mais diversos setores. Está também em outras religiões e não, exclusivamente, no movimento evangélico. O mau caráter, o desuso, o uso desnecessário do fato religioso para agredir, para humilhar, para satirizar, para desconstruir a dignidade de alguém, não é exclusivo dos evangélicos, mas de outras religiões também. Poder frequentar e participar dessas religiões me deu informações razoáveis para entender que o problema não é da religião, mas das pessoas, de seres humanos que usam desses espaços para ofender e se oportunizar dessas questões. Temos o caso no espiritismo

do João de Deus e de outros em que há diversas e sérias acusações contra eles. Portanto, a religião é um espaço que eles encontraram para executar o mau caratismo delas próprias se apropriando da história e do respeito que as pessoas têm por suas religiões. Elas se apropriam da linda história da religião para se inserirem nela, praticarem e executarem ações que representam a si mesmas.

A lucidez de Natalha me embaraçava. Fazia algum tempo que eu rompera com vínculos de membresia pelo sentimento ebulitivo de não-pertencimento àquelas instituições que pareciam ter arrancado só um papel de parede da cruz. Meu pai fora pastor protestante por 35 anos. Profundo conhecedor do Livro Sagrado, culto, humilde. Era conservador. Mas tão conservador acerca dos 2 bastantes mandamentos do Mestre que resumia suas palavras em “onde há o amor, o mal não entra, e Deus é amor”. Ele havia me educado, juntamente com minha mãe que o acompanhou e cuidou dele até o final sofrido de seus dias, sob a premissa que aos cristãos não cabia julgar a ninguém, muito menos maltratar, odiar ou condenar fosse pelo motivo que fosse.

Esses valores se enraizaram em mim de maneira tal que me era inconcebível avançar a fita e olvidar de tudo que mofava nas hipocrisias do atual farisaísmo fascista tão reluzente no cristianismo da Pátria Amada. Seria uma virada de pé no buraco obscurantista medieval no qual era o clero a referência de maestria e literatura, enquanto a massa massiva era apedeutada? De supetão, a doutrina do perdão de Deus por meio do comércio de indulgências havia tomado corpo, novamente, apesar de Lutero? Mas, e os princípios cristãos que se traduzem no mais simples e complexo amor pelo próximo, haviam sido entubados pelas antepaixões e intolerâncias laicistas?

Silencieii. Tomei ar e continuei: — você já sofreu violência física, sexual ou emocional por ser *trans*? — E antes das palavras ritinirem, a cabeça abalançava um *sim*.

Já! Já sofri, respondendo de forma afirmativa todas as suas variáveis. A vida de uma transgênero feminina no Brasil, ela é para a morte! — Respondeu em tom crítico. — *Para sobreviver, para chegar aos 35 anos*

como eu cheguei, carrega-se muitas cicatrizes pelo corpo... Carrega-se muitas cicatrizes!

O FUTURO É PRIMITIVO

É um tempo já antigo
Ontem vi meu filho que não tenho.
Morreu de velho, de joelhos.
Nas estatísticas que a sociedade
mesquinha lhe jogou.
Na sarjeta.
Ouça, saiba, você não é o que é.
E sim o que não é.
Você é um,
nenhum:
cem mil!
Sem nenhum.
Só mais um.
Um a menos quando nasce.
Um a mais quando morre
(AUTORIA COLETIVA, 2017, p. 18).

A inflexão cromatizada de sentimentos que eu não era capaz de cadenciar, apontavam-me a lonjura vertical em que nos encontrávamos da raia dos processos de des-humanização que pareciam ser ilimitados de crueldade

Sim, eu sofri violência, sim! [Respiro...] A violência foi e é parte da minha história. A violência psicológica é parte da minha história. E, aí, tanto as cis gênero como transgênero, ambas sofrem violência sexual. Sabe o que me surpreende? Quando eu vejo em uma página policial uma travesti afirmar que foi estuprada e ser alvo de sátiras, de piadinhas, inclusive de mulheres. E eu penso: poxa, estão satirizando uma pessoa que sofreu uma violência sexual covarde? Quer dizer que essas pessoas que estão fazendo

essas sátiras querem o direito de serem estupradas? Elas querem o direito de serem violentadas? Tudo isso porque a travesti não tem uma genitália igual? Essas pessoas estão debochando de uma travesti que teve o ânus violentado, mas não teve uma vagina violentada. Então essas pessoas estão exigindo o direito de estuprar uma vagina e exigindo o direito de ter uma vagina estuprada. É isso? Que horror!!!

O respiro agora era meu. Nunca havia trilhado este raciocínio. Fiquei perplexa ao reputar que, de fato, o que parecia distinguir a indignação daqueles contrários à violência dos que produziam atos de zombaria irônica para lá de odienta, eram apenas os órgãos genitais e a quem eles pertenciam. Se estuprar uma mulher *cis* já não era algo levado muito a sério, o estupro de uma *trans* parecia ser bem merecido. A “regra do pai” de tradição machista se materializava na deformação da natureza daqueles seres chamados à Humanidade, mas que de tanto naturalizar a iniquidade se tornavam des-humanizados, cada vez mais parecidos com bestas-feras, com os piratas sem afetos-ternura, desconexos das possibilidades de empatia e constrangimento à maldade.

Isso é nojento! É nojento! Então, eu já sofri várias violências..., infelizmente, já... Isso já aconteceu comigo. E é por isso que eu não espero mais nada do Estado. O meu trabalho de ação da ONG que eu coordeno é, absolutamente, amplo. Hoje, de todo o nosso trabalho que fizemos aqui dentro da comunidade, a invisibilidade delas [das trans] reduziu muito, reduziu bastante.

Natalha, conte-me sobre a sua ONG, por favor.

Há 5 anos eu estava na minha casa pensando: como seria possível fazer um trabalho dentro de uma comunidade machista, violenta e cheia de necessidades elementares? Foi então que se ligou o botão da inculcação. E eu comecei a fazer reuniões, encontros, comecei a participar de eventos. Enquanto Elas estavam escondidas, enquanto por algum motivo de trabalho Elas estavam na noite, eu participava de encontros, de reuniões, de eventos e de cursinhos, mesmo que não fossem de meu interesse, mas eu queria que as

peessoas se educassem se espelhando em mim, no meu comportamento, já que eles exigem tanto um comportamento, a vida delas. E pensava: “— Ah! Então é assim que Elas vivem, é assim que Elas fazem, é assim que Elas se apresentam?”. Então passei a fazer esse tipo de trabalho e a participar de espaços que antes nos eram negados, negados, onde nós não éramos bem-vindas.

Passei a participar de oficinas com policiais militares e com todo tipo de pessoas. Passei a elaborar oficinas e textos [risos] contando qual era a nossa relação na comunidade. Eu elaborava, imprimia e distribuía nos mercados, nas lojinhas, nos postos de saúde, no posto de polícia, nas escolas... Eu, sozinha, distribuía por toda parte e assim fazia os trabalhos. Eu elaborava textos falando sobre nós, sobre quem somos, sobre aquilo que as pessoas dizem sobre nós e que não é verdade, que é mentira. Textos escritos em uma única folha e que pudessem ser lidos de forma rápida.

E foi assim que houve essa desconstrução de fato. Elas têm uma vida diurna e noturna, aqui dentro da ONG, uma vida que é ativa. Aqui tem trans que é microempresária, tem casadas, tem uma trans que é casada com um rapaz, tem outra que é cabeleireira e também é casada com um rapaz, tem a mim que sou professora e ativista atuante nas escolas aqui da comunidade, e tudo isso, mesmo com o desafio junto a pessoas ligadas à religião. E há uma admiração da comunidade pelos trabalhos que eu faço e que antes eram exclusivamente das igrejas, tal como distribuição de cestas básicas. Agora mesmo, nós atendemos mais de 800 pessoas distribuindo as cestas em resposta às demandas da pandemia. Então, é de se admirar uma pessoa trans a frente de um trabalho tão importante como esse. Além de tudo isso, eu avaliando a relação delas com a comunidade que é uma relação muito boa. É isso, houve frutos nesses 5 anos! [Feliz, sorri].

Cercada pela hipocrisia que monta a sela estrutural das “gentes de bem” que agridem outras e outros em nome de um divo anunciado e enunciado às suas próprias maneiras, e em tributo à tradição sem-par do conceito de família que perpetuam sem considerar os distintos modos de ser e estar no mundo, senti-me admirada e ao mesmo tempo feliz, ao ver o sorriso aberto com que Natalha me brindou ao falar sobre os tra-

balhos de sua ONG. Empoderamento e conscientização das *trans* sobre tudo aquilo que elas poderiam ser e da comunidade derredor sobre lições de humanidade, era a síntese do fortalecimento de sua coragem de ser quem era. E repuxei a conversa indagando à professora sobre qual a valia da educação nesta linha de frente para a aceitação das diferenças

Eles não precisam aceitar nossa diferença! Não precisam! Eles precisam respeitar! [Respiro]. Só isso! Eu não quero ser aceita. Eu já sou aceita. Eu quero é respeito e ponto final.

Mas você quer menos do que eu creio que os homens, que todos nós humanos, temos que fazer, que é aceitar as pessoas como elas são? Por uns segundos fiquei meio como quem balbucia. Não esperava por este ricochete. O abismo da exclusão das *trans* era mesmo oceânico abissal.

É do abismo da ignorância que alguns políticos se aproveitam. Chamo isso de ignorância estratégica. A educação é transformadora. O compromisso da educação deve ser de transformar. Uma pessoa que se aprofunda no conhecimento sobre ele e partindo dele, do espaço onde ele vive, faz a diferença. A educação é a ferramenta mais importante no combate à violência que nós vivemos hoje e sem gerar a própria violência. Uma educação de valor humano que inclui. Vejo esta educação humana mais relevante até que a educação financeira porque esta leva o “ter” como sendo mais importante que o “ser”. Ela é importante para você se conhecer e conhecer o espaço onde você vive. Você se lembra do que eu falei? Eu produzi um texto sobre nós, depois construí um projeto sobre nossa relação com o espaço onde nós vivemos. A educação como valor humano esclarece e combate a ignorância.

E sobre as políticas de cotas, o que você pensa sobre isso?

*É importante haver políticas públicas de cotas, porque é uma forma de incluir, de incluir as *trans*. E essa importância deve ser executada pelo menos por um prazo até à margem da exclusão sumir, desaparecer. E, na atual conjuntura, nós tão temos como exigir mais do que isso, mas tudo o que vier, a gente abraça.*

Natalha, dói-me ouvir você falar dessa maneira, que não podem exigir nada, apenas acolher o que a sociedade, o governo, oferece. Isso é muito triste!

Mas é a verdade! — disse ela. — A verdade dói mesmo! Nós não temos condições de exigir nada mais nesse momento. Não dá para exigir! Por enquanto, se formos exigir algo a mais, encontraremos brigas nesse caminho. E tem uma porrada de gente que não quer de modo algum que tudo isso aconteça. Se nós exigirmos algo agora, será pior.

Nunca pensei que fosse ouvir algo assim, alguém falar que bastaria o respeito e basta a política de cotas diante de tamanha marginalização e exclusão. Dizer que por agora, ter pelo menos uma forma de acesso ao ensino superior, era o mais importante, tragava-me a longanimidade, fruto do Espírito Divino. Isso me afligia de indignação diante do que não me parecia ser nada direito e em tal grau de imoralidade regalado pelas vias legais engenhadas àqueles piratas engomados com auxílio paletó, gravata, moradia, volante, saúde e educação privadas, viagens de teco-teco e mordomias parlamentares que nos consumiam ferrenhamente por tributos indecorosos. Para quem o inferno deveria correr seu umbral, a não ser para os que odeiam de barriga cheia e com as pupilas da indiferença?

Sim — ela confirma — isso é mais importante do que o nada. Ou seja, é mais importante do que historicamente tem sido o nada. O 1 é mais importante do que o nada. Depois dElas conseguirem alcançar o ensino fundamental, subir para o ensino médio, já terá facilitado porque Elas terão saído do nada para uma conquista importante e enfrentando, resistindo a resistência de muita gente que não quer que Elas estejam em outro status. Preferem que estejam mortas, que sejam assassinadas na rua das piores formas. Quando eu falo assassinadas no Brasil, eu realmente estou falando das piores maneiras. Então, subir um degrau da vida nesse contexto, é um grande avanço. Porque mesmo que seja mais tarde, ela terá conseguido chegar lá.

PARA LAURA

em 1998 quando encontraram
o corpo gay de matthew shepard
sua cara tinha sangue por todo lado
menos duas listras
perpendiculares
que era por onde suas lágrimas
havam escorrido
naquele dia o ciclista
que o encontrou não
ligou para polícia logo que o viu
porque o corpo de matthew
estava tão deformado
que o ciclista achou ter visto
um espantalho
sábado passado em são paulo
a polícia matou laura
não sem antes
torturá-la laura
foi filmada ainda viva
por outro sujeito
que em vez de ajudá-la
postou no youtube o vídeo
d'uma laura desorientada
e quem não estaria
tendo sangue na boca e na parte
de trás do vestido
laura tem um corpo
e um nome que lhe pertencem
laura de vermont presente!
foi assassinada pela nossa indiferença

e pela polícia brasileira
tinha 18 anos
(IVÁNOVA, 2017, p. 17)²⁵.

Você me faz recordar Paulo Freire quando ele fala que a educação transforma o mundo em um lugar melhor para todas as pessoas viverem. A diferença como valor humano no qual possamos ser, possamos estar no mundo, com o mundo e com os outros, com todos, sendo quem a gente é. O direito à diferença sendo diferente! Porque nós não somos todos iguais. A bandeira que temos que levantar juntos é a que somos todos, igualmente, diferentes.

Diferentes! — salvou uma palma com sorriso e continuou — *É isso! Essa é uma palavra tão importante que no dia 24 de agosto de 2018 eu a usei dentro do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, o “Fórum Desembargador José Júlio Leal Fagundes” para 50 pessoas. Eu frisei diversas vezes sobre a importância de colocar o ser humano no centro dos questionamentos. E eu disse à Dra. Marília Sampaio que nós não somos iguais. Nós somos diferentes! Na potencialização da luta pela igualdade, foi importante até certo momento essa bandeira. Mas hoje é importante salientar que somos diferentes. Podemos ser iguais na luta por equidade de oportunidades, mas dentro da esfera da totalidade, nós somos diferentes.*

São tantas lutas-dores, não é mesmo? Que dor e que sonho você tem guardado no coração? Entre um sorriso, um levar a mão aos lábios quase comprimidos, olha-me com generosidade, respira fundo, responde:

Dor? — ela pergunta enquanto sorri e conforta os olhos d’água entre o polegar e o indicador escoltado pelos demais companheiros — *Família!* — responde e me olha firme, com ar doído, bota os óculos escu-

25 Adelaide Ivánova nasceu em Recife no ano de 1982 e hoje vive em Berlim. É jornalista e organizadora de comunidades, trabalha com poesia, fotografia, performance, tradução e educação política. Seus poemas e ensaios foram traduzidos para vários idiomas. Em 2018 ganhou o Prêmio Rio de Literatura por seu quarto livro “o martelo”. Cf em: <https://adelaideivanova.com/cv/>

ros, apoia o queixo. Silêncio que ressoa ao fundo o ladro de um cãozinho. Remexo-me na cadeira. Seria insensível de minha parte continuar? Arrisco: — Não sei se te pergunto por quê, seu eu posso te perguntar por quê... — fita-me com respiro inarredável. Mão ao peito, tira os óculos, ajeita-se...

||

Os sonhos são mais bonitos!

Então me conta os sonhos! E entre um respiro e outro acompanhado de sorriso reservado, pergunta, amavelmente, após longo hiato:

Um sonho só para mim? — como você quiser, replico. — Eu não consigo pensar só em mim. Estou investindo todas as minhas forças, tudo o que eu posso na minha ONG que se chama IPI “Incluindo Para Incluir” — é um lindo, lindo nome e super significativo, condigo. Ela sorri com os olhos.

O meu sonho é deixar a ONG como já planejei: pintadinha, bem organizada, onde eu possa fazer oficinas sem que seja necessário ir para outros espaços públicos, mas tendo o nosso próprio espaço para receber as pessoas. É uma ONG regularizada de acordo com a lei e isso é o meu sonho nesse momento.

Esse seu sonho é um legado social, não é?

É! — puxa o fôlego e balança a cabeça (co)respondendo com a certeza da esperança para qual vive. Não me contive. Senti meus braços cruzarem a fronteira simulacra na qual co-existimos no tempo e nesse espaço pouco tocável, e abraçá-la. Ela sorriu mais uma vez em sua potência fecunda de vida. Em promessa, depositamos o desejo desse abraço, pessoalmente, quando eu revisitar a Capital (des)planejada de justiça para todas as suas filhas e filhos paridos pela Mãe gentil, habituados a se (des)locarem acuradamente na tábua dos pélagos abissais dos menosprezos.

Minha gratidão era plena. Natalha conversara comigo por pauta de dor e luta por permanecer existindo, resistindo e re-existindo. E adiu com sua honra:

Sou a única transgênero negra, favelada, com licenciatura em matemática de uma universidade pública da América Latina, que se tem notícia. Sou o tamanho da desigualdade.

SEQUESTRO DA HUMANIDADE



A palavra “gene” vem do termo gênese que significa “o começo”. Há cerca de 10 trilhões de células em nosso corpo. Cada célula tem em média 25 mil genes que são partilhados em 23 pares de cromossomos. Os genes designam, dentre muitas coisas, a cor da pele, o design dos olhos, nariz, boca, a textura dos cabelos. Os genes mutam. Somos mutantes! Somos todos diferentes! Se somos todos diferentes, por que pela diferença somos capazes de causar tanto sofrimento à nossa própria espécie, às nossas irmãs e irmãos na Mãe Terra?

Foram 3 meses planejando ir a Moçambique e à Tanzânia, África. Mas em maio de 2020, o coronavírus inspirou uma quarentena e cancelou, sumariamente, minha travessia atlântica. Beirávamos 30 mil mortos no Brasil.

Joana Rosa da Cruz transborda empatia e gentileza. A moçambicana de 24 anos, psicóloga clínica com expertise em psicotraumatologia e aconselhamento psicodinâmico, vive em Maputo, capital do país, onde trabalha como voluntária no Centro de Apoio às Pessoas com Albinismo e também em uma associação de aconselhamento e testagem da saúde para pessoas com HIV (vírus da imunodeficiência humana). Dona de voz meiga e sorriso acolhedor, puxa consigo uma esperança de esperar os outros ao seu redor com sua luta pela igualdade de direitos a partir da mais extrema des-igualdade.

Na África, nascer pobre e mulher, é motivo de sobra para não cochilar diante dos gadanhos do patriarcado e do capitalismo selvagem embalados no berço da colonização. Todavia, nascer mulher negra de pele branca, pode ser uma des-obediência desafiadora às normativas e costumes histórico-sócio-culturais que se pautam na homogeneidade ao longo das gerações. Na boca das crianças e de muitos adultos, albinos são fantasmas.

O albinismo é uma condição genética que se constitui pela ausência de melanina que é o pigmento que colore os olhos, os cabelos e a

pele. 1 em cada 20 mil pessoas traz consigo uma beleza rara em seu corpo, elas têm pele e cabelos muito claros, muitas vezes são brancos e os olhos azuis ou avermelhados. Na África Subsaariana, onde se encontra Moçambique, há um número bem maior de pessoas com esta singularidade, possivelmente por consanguinidade, pois em razão da marginalização e segregação de pessoas albinas, muitas se casaram entre si, aumentando a probabilidade do nascimento com a peculiaridade. No continente irmão, as pessoas negras com albinismo podem ter cabelos loiros, ruivos, vermelhos ou de outras tonalidades claras e os olhos serem azuis ou acastanhados, além da pele ser branca.

Eram duas da tarde por lá.

Oi, Joana! Feliz por falar contigo! – e no recolher de um galo que cantava naquele instante feito um “gran tenor”, ela divide comigo as rudezas de uma des-humanidade que exila centenas de pessoas dentro de seu próprio território.

Já passamos por muita coisa, Sílvia! Os sequestros e raptos de pessoas albinas já foi algo comum por aqui. Hoje, isso diminuiu muito, embora algumas províncias ainda vivam esse terror. Aqui em Moçambique há grande preconceito tanto no contexto do albinismo como do HIV e a área da psicologia apoia as pessoas a lidarem com essas situações. Na condição que me encontro, que é ser uma mulher com albinismo, de certa maneira, é algo motivador para as outras pessoas albinas que me vêem trabalhar. Sou como um exemplo para elas porque muitas pessoas albinas não têm oportunidades de estudar e trabalhar. Eles olham para mim e dizem: “– Nossa! Ela é uma pessoa com um tom de pele diferente, igual a nossa, e está ali para nos ajudar”. E, de certo modo, elas acabam sendo motivadas para aderirem àqueles serviços de saúde. É um trabalho muito desafiador!

Sou Albino
Sou negro de raça,
Albino de cor,
Amo a minha identidade

Dizem que não tenho cor
Gritam que não tenham nacionalidade
Chamam-me de chidjana
Discriminado pelas ruas da cidade
Sou Africano
Albino em beleza
Amo a minha cor
Dizem que somos riqueza para o povo
Somos perseguidos pela cor
Agredidos violentamente
Sou Albino
Grito pela minha raça
Amo a minha nacionalidade
Matam os nossos irmãos
Somos fortuna em trabalhos espirituais
Sem amor e nem compressão
Vivemos escondidos nos becos
Com medo dos satânicos violentos
Sou negro,
Albino
Admiro a minha qualidade
Em viva voz grito pela liberdade
Chamando todos os albinos para dentro de mim
Somos albinos
Somos negros
Somos o futuro da sociedade
(SHEILA, 2015, p. 1)²⁶.

26 Celina Sheila Macome nasceu em e vive na cidade de Maputo. É licenciada pela Escola Superior de Jornalismo no curso de Publicidade e Marketing. Amante da leitura, começou a se interessar por poesia desde criança. Poetiza e declamadora, Celina se inspira em si mesma a partir das viagens que faz, de seus sonhos, da África e do amor.

Eu havia visto reportagens sobre a situação das pessoas com albinismo no Brasil. Ademais, minha mãe era vizinha de uma família que lhe contava sobre as dificuldades financeiras que a condição genética lhes trazia. A escolha de ignorar tal realidade e o descaso habitual do poder público têm perpetuado a ausência de informação pelo país que sequer inclui o albinismo no Censo Demográfico, o que, obviamente, repercute na esterilidade de políticas públicas favoráveis às pessoas com esta singularidade. Apesar dos políticos que se adornam com auxílio paletó e gravata regurgitarem algumas proposições relacionadas ao albinismo, como o fornecimento de protetores solares e óculos escuros de proteção contra os raios UVA e UVB pelo SUS (Sistema Único de Saúde), a verdade é que eles (os políticos) ainda continuam subnutrindo o SUS com a falta de investimentos necessários a atenção à saúde de todas as cidadãs e cidadãos do país.

Entretanto, a questão do albinismo em alguns países da África é algo notoriamente alarmante. Não são poucos os documentários que nos arrancam as vendas dos olhos acerca dos processos de des-humanização que temos perpetuado ao longo de nossa existência pela ojeriza às diferenças humanas. Em países como a Tanzânia, o Quênia, Malawi e a África do Sul, pessoas albinas não sabem o que é viver sem medo, sem dor, sem nó na garganta. Joana me conta:

Sobre a questão do rapto, ser uma mulher negra e com albinismo, é muito preocupante, é alarmante. Aqui em Moçambique houve muito casos assim. E saber que a qualquer momento podem chegar pessoas com a intenção de nos sequestrar ou nos mutilar, não nos dá nenhum sossego. Dá medo saber que como mulher com albinismo, sou vista como alguém que pode dar certo rendimento ou riqueza por causa da minha condição. E por mais que hoje em dia a sociedade tenha diversas informações sobre o albinismo e também sobre a questão dos raptos, ainda hoje, nós não somos aceitos.

A cada dia é um desafio, é uma grande luta para nos incluirmos nessa sociedade diante desses perigos, da discriminação e de todo o preconceito que as pessoas têm contra nós. A cada dia temos que enfrentar isso e, por mais que digamos “ok, essas pessoas são ignorantes, elas fazem isso por-

que não têm escolaridade ou têm alguma escolaridade, mas com ignorância”, de alguma forma tudo aquilo nos afeta emocionalmente e cria vários transtornos em nosso dia a dia. Quando saímos à rua, não saímos seguras, mas ficamos inseguras, em alerta, pensativas sobre o caminho pelo qual iremos passar e nos perguntamos: “– Será que tem alguém ali à espreita?”.

E aquelas pessoas atrás de riquezas nos olham e dizem “ali está a bolada” – que aqui significa negócio, dinheiro. Isso é desgastante, é horrível viver assim. Mas a cada dia fica claro que não podemos continuar nesta situação, não podemos ficar trancados em casa porque a vida não pode parar. Então, temos que sair às ruas, temos que lutar por mais que sofremos, recebamos ameaças, sejamos alvo de preconceitos, nós precisamos lutar.

Aqui em Maputo não tem havido raptos. Mas no norte do país ainda há. E segundo relatos de amigos que fazem parte de associações, a falta de proteção da própria família pode facilitar que essa pessoa esteja ainda mais vulnerável aos raptos, ao tráfico de pessoas. Isso porque se a própria família já é a primeira a discriminar, a ter preconceito junto a pessoa com albinismo, fica claro que ela não irá lhe proteger, não irá garantir sua segurança. Esse é um dos motivos que facilita a ocorrência dos raptos. O outro motivo é a questão das próprias autoridades em nível da comunidade, em nível de município ou até mesmo do país. As pessoas ainda não estão conscientizadas acerca do albinismo e dos próprios mitos que o envolvem e por isso, esses atos criminosos ainda serão frequentes ou, facilmente, os iremos vivenciar.

Enquanto ouvia Joana, a tristeza misturada com certo mal-estar me afligia. Sua voz doce, tão querida, transportava-me para um lugar não-meu: e se ela fosse minha filha, qual o tamanho de meu desespero seria ao imaginá-la em perigo, tão somente pela cor de sua pele, de seus cabelos e olhos?

Quando o preconceito e a discriminação tomam conta do espírito humano, segregar o outro já não basta. Caçar, capturar e extinguir passam a ser as demais etapas para se tornar um besta-fera. Ganância e poder, comumente, são gatilhos reveladores dessa espécie de criatura monstruosa. Nesses lugares, pessoas albinas são alvo de tráfico de órgãos, pois há a crença de que curandeiros podem trazer riquezas fazendo poções com partes

de seus corpos. Albinos não são gente, são fantasmas! E se não são gente, podem ser caçados e suas mãos vendidas por \$ 5 mil dólares, bem como seus pés, braços, suas laringes arrancadas ou mesmo suas genitálias cortadas. Crianças mutiladas para comporem poções mágicas pagas por piratas que querem vencer eleições ou garantir herdeiros apesar da esterilidade que os acompanha. Na ânsia pelos \$ 350 mil que um corpo albino possa capitalizar, raptos não são práticas de exceção. O tamanho da crueldade impele sicários a não deixarem nem os mortos em paz, removendo ossos de cadáveres para os vender no mercado de horrores.

Para os laçados pela ignorância, fantasmas sempre desaparecem, é só isso. E Joana explica:

Os relatos mostram que algumas pessoas da elite que poderiam ser políticos, dentre outros, dirigiam-se a curandeiros com o objetivo de obterem riquezas. Esses mesmos curandeiros é que diziam que para que isso acontecesse era necessário ter órgãos de uma pessoa com albinismo. Esses curandeiros, juntamente com aquelas pessoas interessadas naqueles objetivos, contratavam indivíduos para realizarem esses sequestros e não só as pessoas da elite, mas os próprios curandeiros diziam que para ganhar ainda mais poderes, era necessário que fosse sacrificada uma pessoa com albinismo. Então, as pessoas que frequentemente se interessavam por sequestrar pessoas albinas eram os próprios curandeiros como também alguns políticos para sua campanha eleitoral, pois, segundo eles, o cabelo de uma pessoa com albinismo, poderia lhe trazer sorte para poder ganhar as eleições.

Aqui em Moçambique, na maior parte dos casos, os sequestros resultavam em morte dessas pessoas com albinismo. Porque ao sequestrarem, elas as mutilavam para poderem se apossar de alguns órgãos. E essas pessoas acabavam não aguentando aquela dor que passavam e morriam. Muitos desses criminosos terminavam por matar as pessoas com albinismo. Sorte daquelas que conseguiam escapar, mas eram poucas, a maior parte dos casos foram até a morte, mesmo que apenas alguns órgãos tivessem sido retirados.

Lamentavelmente, Joana não me surpreendia com suas notas sobre políticos e curandeiros. A política e a religião têm sido fios condutores de todo tipo de descarga assoladora em países em que a pobreza predomina, pois com ela anda junto a privação de uma educação libertadora da ignorância e de todos os possíveis dispositivos de controle social massivo. E quando a família é erigida sob a coluna de uma cultura anquiladoramente excludente, os tentáculos do ódio às diferenças sufocam, sem pressa, os sementeiros que viriam a frutificar amor. E como a base de uma sociedade está fortemente ancorada no grupo familiar, é importante considerarmos que tipo de frutos pretendemos colher para permanecer nos alimentando no presente e no porvir. Será o espinho da indiferença e o veneno do ódio? Joana continua:

Nós, mulheres com albinismo, e os homens também, enfrentamos enormes dificuldades em nosso país. Nós mulheres, principalmente, quando nos relacionamos com alguém. Por mais que essa pessoa goste da gente, a influência e o preconceito por parte da família, tanto da parte do namorado ou do próprio marido, é algo difícil de se lidar e isso é muito frequente, muitas das mulheres albinas passam por isso. Eu mesma já passei por essa situação. Muitas vezes até o próprio casamento chega a ser desfeito porque a família não aceita uma mulher com albinismo. Eles argumentam que naquela família não tem nenhum branco, e dizem: “– você, nosso filho, vai trazer essa mulher branca para nossa casa? E que tipo de filhos vocês terão? Que tipo de netos nós vamos ter? Porque nesta família não há nenhum branco”. E, além disso, alegam que a pessoa albina não deveria se casar porque ela necessita de muitos cuidados e eles não têm essas condições para cuidar e ainda poderiam vir a ter filhos também com albinismo, o que gerará mais gastos. E afirmam que será uma vergonha para as outras pessoas, para os vizinhos, porque pensarão que naquela família só há albinos. Outras vezes, os homens se aproximam de nós simplesmente para se aproveitarem, eles enganam as mulheres albinas e depois se vão e as abandonam grávidas. Isso acontece muito, é frequente. São poucos os casos de mulheres

albinas que foram aceitas tanto pelo namorado como pela própria família. A maior parte das mulheres são discriminadas.

Joana tocava em uma questão nevrálgica: gênero e raça. De que lugar Joana falava? Pessoas negras com albinismo por vezes não são compreendidas como pertencentes ao coletivo das demais pessoas negras, têm sua ancestralidade questionada, ao mesmo tempo que não se percebem e não são percebidas como brancas em razão das demais características presentes em seu corpo. Ocupam um outro espaço, um lugar de cicatriz constituído pela e na lesão social, pelo corte-impacto promovido pela ultrarejeição às diferenças humanas, por um racismo violentíssimo.

A cicatriz é um outro lugar que se forja e co-existe junto ao corpo social ferido e adoecido pelas relações sociais altamente insalubres que são (re)produzidas pelas múltiplas faces do preconceito e da discriminação. Contudo, há que se (re)conhecer a diferença e a diversidade como inerentes à condição humana para além do tom da pele e do gênero. O pertencimento racial tem a ver com identidade política e isso faz toda diferença frente ao racismo estrutural quando se pretende tolher e aniquilar uma pessoa pela cor, pelo tom da pele.

Todo mundo era marrom, e depois havia eu. Sou uma negra de pele branca. É assim que navego pelo mundo. É assim que me identifico. [...]. Se estivéssemos fazendo algo tão simples como comprar sapatos, seria: “De quem é esse filho?” — Você está cuidando daquela criança? Meu irmão mais velho brincava: “Alguém deixou você na porta, tocou a campainha e foi embora”. [...]. Mesmo que alguém saiba que sou negra como eles, ainda há uma suposição de que sou branca. Ou que minha negritude não é a mesma deles com base na minha cor de pele. O que significa que eu teria acesso a um privilégio maior. O que honestamente, em alguns casos, é verdade (DEVORA, 2015, p. 1)²⁷.

27 Natalie Devora é uma escritora e ativista estadunidense. Viver como uma mulher negra com albinismo lhe deu um modo singular de perceber o mundo e navegar por ele. Seu livro de memórias, *Black Girl, White Skin: A Life in Stories*, revela os desafios que enfrentou durante os anos 60 e 70 em *East Oakland, onde cresceu*. Natalie também se dedica a viajar e documentar histórias sobre outras pessoas negras com

Chimamanda Ngozi Adichie, escritora feminista nascida na Nigéria (1977) destaca em suas obras o perigo eminente de se contar apenas um lado da história, e em “Americanah”, minucia:

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. Nem falamos com nosso namorado branco sobre as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais. E não queremos que diga: ‘Olhe como evoluímos, há apenas quarenta anos seria ilegal sermos um casal’, porque sabe o que a gente está pensando quando ele diz isso? Por que foi ilegal um dia, porra? Mas não dizemos nada disso. Deixamos que se acumule dentro da nossa cabeça, e quando vamos a jantares de gente liberal e legal como este, dizemos que a raça não importa porque é isso que se espera que digamos, para manter nossos amigos liberais e legais confortáveis. É verdade. Estou falando porque já vivi isso (ADICHIE, 2014, p. 243).

...

Era a terceira vez que a conexão da internet caíra. Eu aguardava, inquietamente, o retorno de Joana...

Juntas de novo, perguntei-lhe sobre os riscos à mulher com albinismo vivenciar contextos de violência sexual e doméstica. Eu a ouvia, também, com meus olhos.

albinismo em sua missão de informar e lutar contra o silenciamento e a ignorância a respeito do albinismo.

A violência sexual e a violência doméstica aumentam para as mulheres com albinismo. Isso acontece por causa das superstições que há no país. E acontece muito com as adolescentes. Porque a maior parte das pessoas albinas têm uma baixa autoestima por não serem aceitas pelos outros. Os homens acabam se aproveitando dessa condição de vulnerabilidade de muitas mulheres e dizem que elas são diferentes com relação às outras mulheres, quer sejam negras ou brancas, e por isso as estupram para comprovarem aquilo que escutam dizer. Inclusive mulheres casadas passam por isso por parte da família do marido. Eles têm coragem de levar outras mulheres para suas casas e alegam que aquela mulher albina não serve para nada e elas então vivenciam este tipo de violência.

Trabalhando junto às pessoas com albinismo, soube que antigamente as mulheres negras, quando davam à luz a uma criança com albinismo, ficavam preocupadas porque a família poderia pensar que aquela criança fosse de outro homem. Então, o que essas mulheres faziam? Elas matavam a criança porque não poderiam levar um albino para a família. Esses atos eram frequentes. Com o passar do tempo e com o acesso às informações que existem hoje, isso foi mudando. Mas até hoje, quando nasce uma criança com albinismo, a família tende a rejeitá-la e algumas mulheres acabam por optar pelo assassinato da criança, outras mulheres aceitam a criança, mas o marido e a família dele a rejeitam. Então, essa mulher não abandona a criança na rua, mas a criança fica apenas sob os cuidados dela. Nós não temos mais relatos que uma criança foi jogada na rua. Mas na maioria das vezes são as mulheres que cuidam das crianças sem o apoio do pai ou de seus familiares.

Não eram poucas e nem amenas as adversidades problematizadas por Joana. As muitas formas de violência, movimentadas pelo preconceito e pela discriminação, tornavam a vida das mulheres com albinismo uma agonia. E ainda havia outras questões complexas. Em razão da condição genética, é comum surgirem vários problemas que prejudicam a saúde, tais como: esotropia, alta sensibilidade à luz, problemas de visão, além de serem mais vulneráveis a lesões na pele por radiação solar.

Muitas pessoas albinas desenvolvem câncer de pele em sua forma mais grave e falecem entre os 30 e 40 anos de idade.

A pobreza extrema que é uma daninha agressiva cultivada pela nossa des-humanidade, é a grande responsável pela precocidade dessas vidas ceifadas. Se pensamos serem atroz as práticas de sequestro, mutilação e assassinato realizadas pelos malditos malfeitores, não menos importante é compreendermos que estes também se movem, paralelamente, à miséria consensual que todos nós temos consentido e (re)produzido ao longo da história humana. A privação de uma vida decente para todas as pessoas é algo que não podemos delegar apenas à responsabilidade dos descartados no poder. A penúria em que sobrevivem milhares de pessoas deveria ser um incômodo queimante e insone no espírito de todos nós para que saíssemos às ruas não apenas de punho em alto, mas de mãos estendidas e com os dedos amarrados na exigência de que nada mais faltasse a nenhuma, a nenhum irmão. Esse é o sentido e o pilar base das religiões que têm o amor como conector de vidas – a seus fiéis não poderia faltar compaixão-dinâmica para com seus semelhantes, para com a natureza, para com a Terra que é nossa Casa Comum. Porque de nada adianta haver apenas compaixão, pois é preciso o desenvolvimento hábil de dinâmicas que rompam com o circuito nefasto da selvageria capitalista em que os ricos acumulam cada vez mais riquezas enquanto que os pobres permanecem sendo cada vez mais explorados e invisibilizados em suas dores e (des)provimentos.

Onde há amor e espírito revolucionário – o *amor mundi*, como disse Hannah Arendt (ARENDR, 2010) – onde há um espírito com a capacidade de se imaginar no lugar do outro e, por isso, também se dispor a lutar ao lado desse outro-próximo, certamente não faltará qualidade de vida decente a quem quer que seja. E esse *amor mundi* conectado a um espírito revolucionário deveria ser o primeiro e principal atributo determinante para a escolha de um representante público, de um gestor, de um sacerdote, de qualquer liderança que fosse para que rompêssemos com o ciclo de piratas tiranos a frente de todos nós. Onde não há amor pelo próximo, não há respeito, não há empatia, não há solidariedade, não há

justiça, não há aceitação das diferenças, não há um viver em coletividade, não há partilha, não há amizade sincera e recíproca, não há uma indignação duradoura, não há fraternidade ou liberdade em seus sentidos plenos, não há fartura de vida em vida para todas as pessoas sem distinção. Onde não há o *amor mundi*, o amor fraterno como valor humano, não há movimentos sólidos para a criação e implementação de políticas públicas acolhedoras das demandas dos menos favorecidos – os sofredores desse mundo. Em curso, Joana me explicava,

Em razão do problema da miopia e do estrabismo que toda pessoa albina tem, é difícil ter acesso à educação. Poucas pessoas conseguem, algumas só por muita persistência. No meu caso, foi mesmo por persistência e por causa do preconceito e da discriminação que eu vivia, em muitos momentos aquilo ficava matutando em minha cabeça e eu não aceitava que as pessoas me discriminassem e por isso preferi estudar para que um dia eu pudesse ser alguém.

A dificuldade visual dificulta muito o acesso a aprendizagem, muitas crianças sofrem porque os professores não têm nenhuma formação específica para lidar com uma pessoa com albinismo. Em nosso país ainda não há a inclusão em seu verdadeiro sentido. Nos livros não há histórias que falam sobre o albinismo para que as crianças, ainda pequenas, possam aprender a conviver com as outras crianças na sociedade. Porque o preconceito não só existe com os adultos, mas as próprias crianças discriminam as outras crianças com albinismo e isso acontece porque em casa não aprendem com a família a não discriminar os outros, e na escola também não tem essa oportunidade de aprender e isso é um grande desafio que nós vivemos aqui.

Muitas famílias tem um rendimento econômico muito baixo e não têm condições para adquirir protetores solares para cuidarem de sua saúde. As pessoas com albinismo frequentam as mesmas turmas de aula dos outros alunos das escolas, mas não há equidade porque a pessoa com albinismo enfrenta muitas dificuldades por causa das questões visuais. Eu gostaria muito que algo mudasse em torno disso. Porque a deficiência visual dificulta a aprendizagem do aluno. Muitos alunos desistem da escola por causa

dessa dificuldade e porque os próprios professores não estão capacitados para trabalhar com eles. E nesse contexto, dificilmente uma pessoa albina conseguirá se formar porque ela precisa de recursos. Muitas pessoas com albinismo estão sem nenhuma escolaridade.

Joana não ofuscava seu estandarte de luta e zelo pelas pessoas albinas de seu povo. Ela trazia consigo uma certeza intrépida de que a educação é chave para metamorfosear a vida das pessoas e para transformar o mundo em um lugar melhor para todos viverem. Mas como alcançar os níveis mais elevados de ensino e de qualidade de vida se do povo até as migalhas são tiradas?

Eu sonho que no meu país haja políticas no âmbito na educação, da saúde e na criação de leis que protejam a pessoa com albinismo. O meu desejo é que todos tenham direito ao acesso a protetores solares, porque na farmácia é muito caro e a maioria não tem condições de comprar. Esse é meu sonho e minha luta.

Joana é voz potente dentre um número desconhecido de pessoas com albinismo silenciadas em países do sul epistêmico onde a pobreza se alastra apesar de aglutinarem grande parte do comércio global que multiplica as riquezas daqueles que o dinheiro, quase tudo, pode comprar - inclusive protetores solares e óculos escuros para férias estupendas em dias de sol.

A “bolada” da vez é o rapto da Humanidade em seu sentido mais pleno, é a naturalização das barbáries e a indiferença com o próximo. Que triste!

Contudo, quando a venda da ausência de informações nos é retirada, podemos escolher fazer algo para mudar a nós mesmos diante das complexas problemáticas humanas. Quando mudamos a nós mesmos, mudamos também o nosso entorno e, assim, podemos multiplicar atos que transformam o mundo. Você também pode protagonizar essas mudanças tão necessárias a partir de algumas ações elementares: pode divulgar aos seus amigos informações sobre as adversidades e demandas das pessoas com albinismo para combater a ignorância; pode fazer uma campanha para a arrecadação de filtros solares e óculos escuros para

serem doados; pode falar com seu representante público do município ou em outras esferas para que crie e implemente políticas públicas que apoiem as pessoas com albinismo.

Não permitir que nossa Humanidade seja raptada, é uma escolha de cada um de nós, juntos, em coletividade.

SILÊNCIO NÃO RESOLVE PROBLEMAS



Quando eu era criança, o tempo andejava mais devagarinho.

Recordo-me de receber cartinhas de meu avô paterno, Mário, escritas à mão com letra pesada e meio desordenada, daquele jeito que obceca-dos pelo tipo “letra pedagógica”, extenuam crianças com torturas caligráficas, como se fôssemos deixar de fazer qualquer coisa mais interessante na vida só para arredondarmos consoantes e vogais em linhas pontilhadas mega sem graças. Sim, confesso: eu odiava os cadernos de caligrafia.

Meu avô era carpinteiro dos bons! Certa feita, caiu do telhado e precisou fazer uma cirurgia para acudir seu quadril. Manquejou pelos muitos anos que viria ter pela frente. Minha avó, Lázara, desafortunada por ter nascido mulher, tinha uma escrita linda de dar cobiça a qualquer maestro dos anos iniciais de escolarização. Ela me enviava cartões de aniversário todos os anos. Uma cartinha delongava dias até me ser confiada pelo carteiro. Meus olhinhos brilhavam de alegria quando lia meu nome do lado detrás do envelope. Superativa, não me demorava a retribuir a carta, escolhia um papel de carta fofinho e historiava os meus causos infantis.

Em minha casa as visitas dos Correios eram frequentes. Não foi à toa que comecei a colecionar selos. Os amigos estrangeiros dos meus pais guardavam todos os envelopes para mim, e como me faziam feliz com esse presente. Meus favoritos procediam da URSS, lindos, coloridos, imponentes. Ainda gosto de desfrutar da companhia dos meus quase 2000 selos. Eles me trazem à memória os tempos de uma infância rica de vivências que considero extraordinárias, mesmo embora nos faltasse o dinheiro para chegarmos ao final do mês. E como uma coisa leva à outra, aqueles cunhos de tantos países sortidos me aguçavam à curiosidade sobre de onde vinham e, por isso, mergulhava na Barsa para saber onde é que se localizavam na Terra, que naqueles dias acriançados me parecia tão imensa.

Por sugestão de meu pai, comecei a escrever cartas para as embaixadas de vários países pedindo que me enviassem materiais de leitura e fotografias. Eu mesma postava as cartas na caixa amarelinha dos Correios que havia perto de casa. Muitos e muitos dias depois, alvoroçava-me de animação com os regalos para ler. Às vezes chegavam pacotes rechonchudos de revistas e fotografias que haviam viajado por todo mês pelo oceano até chegarem às minhas mãozinhas afoitas por folheá-las. Ler sempre me foi uma delícia! E aquilo tudo me era muito precioso, pois o acesso à informação não estava em um clique na palma da mão.

Naqueles tempos, o próprio tempo acabava por se espreguiçar até que a informação ou a notícia nos chegasse e nos fosse possível tomar ciência de certos acontecimentos mundiais e, inclusive, familiares. Hoje, em meio segundo, somos bombardeados de (des)informações que nos afogam em um mar de sangue regado a sensacionalismos que elevam nosso estresse a níveis indizíveis de ansiedade, tédio e banalização do mal pelas mil e umas distorções das imagens, estáticas ou em movimento, que nos são disparadas amiudadamente com ou sem áudio. Sim, as imagens distorcem e des-realizam a realidade:

A produção de imagens com denotações distorcidas do acontecimento real é uma forma de manipular e controlar a sociedade para o alcance de determinados objetivos que costumam interessar apenas à fidalguia dominante. Deste modo eles transmitem sua (in)formação às massas e esperam não ser questionados (ORRÚ, 2020, p. 57).

E foi no dia 04 de agosto do inacabável ano de 2020 que, enquanto éramos atropelados pela notícia de que o Brasil ultrapassava 96 mil mortos pelo vírus pertinaz que nocauteava 1394 pessoas por dia e – dito em sussurros para não ouvirmos - a *Pfizer* costurava a possibilidade de um acordo de 70 milhões de doses da sua vacina para ser enviada ao Brasil (acordo não selado pelo governo federal), acontecia em Beirute a maior explosão de todos os tempos, deixando quase 200 mortos, cerca de 6.500 feridos,

300 mil pessoas desabrigadas além de outras tantas desaparecidas. Uma tragédia que moeu casas, escolas, hospitais, restaurantes, edifícios diversos e estilhaçou 550 mil metros quadrados de vidros quebrados para todas as direções. Poeira e devastação arrestaram terra e corpos.

Nas redes sociais, nos canais da internet e na TV, vídeos ao vivo assustavam ouvidos com o estrondo do terror causado pelas 2.750 toneladas de nitrato de amônio, composto que costuma ser utilizado na produção de fertilizantes químicos e na fabricação de explosivos, e que haviam sido armazenadas sem medidas de segurança em um depósito do porto da capital do Líbano. Na coragem de transmitir ao vivo pelo celular, inarráveis gritos de pânico davam o tom às imagens-movimento daquele final de tarde. Que medo – imagino eu – aqueles corações devem ter sentido, quantos olhinhos eriçados, quantos deuses evocados em consonância. Sobreviver foi o inesperado. (Re)começar é ditame para os libaneses.

Em insubordinadas lágrimas, *Li Beirut* volta a acolher com um bem-querer *sui generis* o povo de sua terra. Em 1984 a canção foi interpretada por Nouhad Wadie' Haddad, mais conhecida como Fairuz, a maior cantora da história do Líbano e uma das mais reconhecidas no mundo árabe, uma voz pulsante dessa nação de tremendo valor histórico para a humanidade. Uma voz encantadora amalgamada a uma melodia magoada que procura fazer um carinho aos sofrendores da sangrenta guerra civil ocorrida no período de 1975 a 1990. Eis um trecho, mas não deixe de permitir que seus ouvidos a ouçam por inteira.

Envio uma saudação do meu coração para Beirute
 Mando um beijo para o mar e para as casas
 Para uma pedra que parece
 A cara de um velho marinheiro.
 Do meu coração, paz para Beirute
 Da alma do povo, ela é vinho
 Do seu suor, pão e jasmim
 Então, como o seu gosto se tornou

Gosto de fogo e fumaça?
Para Beirute
Uma gloria das cinzas para Beirute.

Encostado no volumoso Mar Mediterrâneo²⁸ que entrecruza suas águas cálidas com o sul da Europa, o oeste da Ásia e o norte da África, o Líbano é um país de natureza belíssima e de uma cultura incomensurável que enriquece a história da humanidade com a potência de sua música, de suas danças, de sua gastronomia, de seus conhecimentos tecidos por seu povo. Tanta diversidade étnica e religiosa se deve às pegadas seladas em seu território ao longo dos mais de 7 mil anos de história das civilizações. Em sua bandeira está o ingente cedro verde como símbolo da imortalidade, as listras vermelhas representam o sangue já derramado em defesa do país e a cor branca, para além da neve e da pureza, simboliza a paz – uma paz que as mulheres libanesas não têm.

A triste catástrofe procrastinara para o dia 25 de setembro o meu encontro com Zoya Jureidini Rouhana, mulher libanesa de 65 anos que testemunhou a guerra civil de seu país e escolheu dedicar sua vida contra a violência de gênero, tornando-se uma das fundadoras da Corte das Mulheres Árabes em 1995 como também do Conselho Libanês de Resistência à violência contra as Mulheres (1997) e da *Kafa (enough) Violence & Exploitation* (2005), uma organização da sociedade civil feminista, secular, libanesa, sem fins lucrativos e não- governamental, que busca criar uma sociedade livre de estruturas patriarcais sociais, econômicas e legais que discriminam as mulheres, a qual ela preside. Em março de 2007 recebeu da Secretaria de Estado dos Estados Unidos o Prêmio *International Women of Courage* e em dezembro de 2020, Zoya recebeu o Prêmio Internacional Franco-Alemão de Direitos Humanos e Estado de Direito pelo envolvimento da *Kafa* na luta para a eliminação de todas as formas de violência de gênero e exploração contra mulheres e crianças. Nada a

28 Em latim *Mediterraneus* significa “entre as terras”. Situa-se no Oceano Atlântico Oriental.

menos que uma mulher amorosamente incansável de tenacidade contra as brutalidades do patriarcado.

Seus olhos me pareciam cansados, mas havia um sorriso terno que acolhia minha curiosidade sobre seu trabalho e militância pelas causas das mulheres libanesas. Eu estava grata por aquela oportunidade de conversa. E Zoya me conta:

Tive uma infância comum, não muito diferente de outras garotas da minha idade. Fiz Bacharelado em Administração de Negócios pela Universidade Americana de Beirute e me envolvi no movimento das mulheres quando tinha 21 anos. Sempre vi muita discriminação quando era criança, cresci vendo que as mulheres no Líbano sofrem muita discriminação.

Em 1995, com as preparações para a Conferência de Beijing²⁹, eu trouxe a questão da violência contra a mulher para o Líbano e assim nós organizamos uma audiência de violência contra a mulher, que foi a primeira do tipo em todo o mundo Árabe. Foi assim que comecei a focar minha atenção na questão da violência e criei uma ouvidoria, um conselho, algo para mulheres. Começamos a receber casos de violência e nos organizamos para darmos suporte para essas mulheres, diferentes tipos de suporte, legal, psicológico dentre outros. E percebemos o quanto essa questão da violência de gênero ainda era desconhecida em nossa sociedade. Fizemos um trabalho de divulgação, um trabalho de suporte público para difundirmos os testemunhos de vida das mulheres e provarmos que esse problema existia na sociedade libanesa. Demos conta que também seria importante lutarmos por uma lei para proteção das mulheres contra a violência familiar, porque esse tipo de violência não era reconhecido pela legislação libanesa.

Levamos 7 anos para conseguirmos essa conquista. Agora as mulheres estão se beneficiando dessa lei, por meio de leis de proteção que estão sendo fornecidas pelas cortes. Mais e mais mulheres estão falando em voz

29 Em 1995 a IV Conferência Mundial sobre a Mulher teve como tema central “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”. A Plataforma de Ação de Pequim, China, afirma os direitos das mulheres como direitos humanos e comprometidos com ações específicas para garantir o respeito a esses direitos.

alta sobre a violência que elas antes mantinham em segredo. Hoje, mulheres estão falando alto e exigindo seus direitos muito mais do que antes.

MULHERES DO MEU PAÍS
Mulheres do meu país,
a mesma luz fortalece seus corpos,
a mesma sombra os repousa;
delicadamente elegíaco em suas metamorfoses.
O mesmo sofrimento racha seus lábios,
e seus olhos são postos por um único ourives.
Vocês,
que tranquilizam a montanha,
que fazem um homem acreditar que ele é um homem,
às cinzas que é fértil,
à paisagem que é imutável.
Mulheres do meu país,
vocês, que no caos encontram o eterno
(TUËNI, 2006, p. 24, tradução minha)³⁰.

Tradicionalmente, o Líbano é um país com acervo legislativo muito conservador, mesmo embora espelhe ser uma das sociedades mais liberais e modernas do mundo árabe. Violência patriarcal de todas as es-

30 Nadia Mohammad Ali Hamade nasceu em 08 de julho de 1935 na cidade de Beirute, capital do Líbano. Foi autora de vários livros de poesias. Trabalhou como editora literária do jornal libanês de língua francesa, *Le Jour*, e contribuiu para várias publicações em árabe e francês. Casou-se com Ghassan Tuéni com quem teve 2 filhos e 1 filha, todos faleceram tragicamente, movendo-a a compor sua coleção de poesias intitulada *Les Textes Blonds*, publicada em 1963. Em seu livro, “Líbano, em poemas de amor e guerra”, ela escreve: “Pertencço a um país que se suicida todos os dias enquanto está sendo assassinado. Na verdade, pertencço a um país que morri várias vezes. Por que eu não deveria morrer também da morte corrosiva, feia, lenta e cruel, dessa morte libanesa?” (TUËNI, 2006, p. xxxiv, tradução minha). Durante sua jornada, recebeu diversos prêmios literários. Nadia lutou por 18 anos contra o câncer vindo a falecer em 20 de junho de 1983 na cidade libanesa de Beit Meri aos 47 anos.

tampas, forra o chão onde o movimento de emancipação feminina cresce, toma corpo e rasga as costuras culturais que têm amordaçado meninas e mulheres por anos a fio. Perguntei-lhe sobre os tipos de violência que as libanesas vivenciam e fui tomada de perplexidade por sua resposta cabal:

Sofrem todo tipo de violência! Veja, o principal problema que temos no Líbano é que não dispomos de uma lei nacional civil. Temos atos religiosos, 15 atos religiosos governando as pessoas. Eu tenho que obedecer às leis e os pensamentos do ato ao qual estou submetida. Ou seja, tenho que seguir o ato que rege os cristãos, por exemplo, mas não apenas isso, também é preciso observar o que dizem as diferentes denominações dentro do cristianismo, como o que pensam os protestantes, os ortodoxos e os católicos - cada uma delas têm seus próprios pensamentos e suas próprias leis e são estas que regem a vida das pessoas. A comunidade libanesa é dividida a partir desses 15 atos religiosos e todos eles colocam a mulher em uma posição de subordinação, todos os atos explicitam que as mulheres obedeçam a seus maridos, e isso é próprio dessas leis. Esse é o principal problema que as mulheres enfrentam, além disso, tem a violência física a qual elas estão sujeitas. Há atos que consentem que as mulheres sejam dadas ao casamento aos 9 anos de idade, outros aos 14 ou 15 anos. Muitas mulheres são privadas da custódia de seus filhos meninos aos 2 anos de idade. E mesmo não sendo uma violência física, são violências terríveis que as mulheres são submetidas.

As leis diferenciam as mulheres entre si mesmas. Mas os estatutos pessoais que regem os contratos de casamento são os mesmos. Então, por exemplo, uma mulher que se encontra dentro dos atos cristãos, ela está presa em uma violência, presa no casamento, presa em sua casa. E é muito difícil que ela consiga liberdade. Em outros atos, é fácil para o homem decidir pelo divórcio sem dar nenhum motivo ou explicação à mulher. Em um desses atos, o homem pode dizer claramente que ele quer divórcio, mas a mulher não pode solicitar, independentemente da violência que ela esteja sofrendo no casamento. Na hipótese de ela pedir o divórcio, se o homem não aceitar, ela nunca conseguirá se divorciar. Então, há muitas diferenças sobre

como as leis discriminam as mulheres e irá depender de qual ato religioso ela está afiliada. No Líbano você não pode ser um cidadão sem se filiar em um desses atos religiosos. Você tem que ser filiado e seguir certos atos.

Vale elucidar que desde 1942 o Líbano possui um sistema político confessional onde cada comunidade religiosa tem sua representação de poder no Estado. Com o propósito de integrar outros muçulmanos, a moldagem se estabeleceu quando os franceses alargaram as divisas do Monte Líbano que era povoado pelos católicos maronitas, herdeiros das Cruzadas, e pelas comunidades drusas que professam uma religião próxima ao Islã e têm o árabe como idioma. Em 1943 o país se tornou independente da França que retirou suas tropas apenas em 1946. Embora seja uma república parlamentar e sem uma religião oficial, não se caracteriza como um Estado laico. O sistema político do país é agudamente acometido pela segmentação da sociedade em 18 grupos religiosos, o que impossibilita o estabelecimento de um Estado de governo central efetivo, pois os líderes acabam por tomar decisões conforme os interesses e pautas de seus grupos sectários.

Embora a Constituição do Líbano subentenda a liberdade religiosa e alegue que todos os libaneses são iguais perante a lei, habitualmente, não é bem assim que acontece, uma vez que as questões que dizem respeito ao foro pessoal da lei privada como casamento, parentalidade e heranças, são examinadas à parte, por cada uma das 18 jurisdições que representam suas comunidades religiosas legitimadas pelo Estado, sendo que 12 são cristãs, 5 são muçulmanas e 1 é judia. Cada comunidade tem suas próprias regulamentações e gerencia suas organizações e instituições educacionais. E é aqui que se encontra o “Calcanhar de Aquiles” das mulheres libanesas.

O Líbano, assim como outras nações árabes, foi marcado pelo ferro do colonialismo europeu que criou fronteiras e fendeu os povos árabes. Em nome de deuses, não é de hoje que margens são traçadas pela régua da política fanaticamente manipuladora para seus fins gananciosos e de alto poderio. Dividir os povos árabes por aclamação de uma elevação nacionalista, é estratégia também para minar a unidade muçulmana, o que convém ao Velho Continente contemporâneo. O desenho arbitrário

das zonas de separação entre os muçulmanos potencializa as forças europeias e suas metas de ocidentalização e expansão econômica.

Mas há uma coisa em que os homens se confluem para além do sectarismo: no encabrestamento das mulheres para as controlar e delas fazerem uso como objeto servil. Nos atos dos 18 grupos religiosos do Líbano, a mulher se encontra em um lugar de subalternidade. Entre as agendas cristãs, muçulmanas ou judia, as mulheres ocupam o espaço fixo e estático imputado pelas “regras do pai”, pela incultura atroz do patriarcado.

Quando Zoya enuncia que as mulheres libanesas sofrem todo tipo de violência validada pelo Estado, ela não está se excedendo. A depender da severidade dos grupos religiosos, a violência da opressão machista atravessa a vida das meninas e das mulheres em um *modus operandi* cruelíssimo onde não existe um Ser Mulher, mas, sim, uma mercadoria negociada a qualquer tempo para cumprir os propósitos do masculino. E essa maneira sistêmica de operar controla, encerra e refreia, policiadamente, qualquer possibilidade de florescimento da potência de se constituir, de se tornar uma mulher emancipada, empoderada – uma mulher livre.

Nada pertence à mulher!

Enquanto os homens passam automaticamente sua nacionalidade para suas esposas não libanesas e filhos, as mulheres libanesas não possuem o mesmo direito para com seus esposos não libaneses e filhos. Os filhos que nos seus úteros foram gerados não lhes cabem tomar conta pós divórcio. Aliás, que divórcio? Quem dera tivessem direito de pelo menos se apartarem de seus agressores. Entretanto, não há liberdade para o que não é gente, e gente, como insisto em atçar, é o macho para o qual, segundo o cânone patriarcal, todas as coisas foram criadas e estão dispostas para seu consumo.

Homens de 40, 50, 60 anos de idade tomam meninas de 6, 9, 12, 14 anos de idade para tragarem o vento da vida que nelas suscitava estanciar. Infâncias são atropeladas por casamentos precoces que aludem a uma suposta saída prática da extrema pobreza, mas que miserabiliza a plenitude da vida de cerca de 15 milhões de meninas pelo planeta. Muitas são trocadas por algumas cabras ou camelos. Correr, pular, jogar, brincar

são verbos que transitam prematuramente para um pretérito lívido, acorentado às tradições asquerosas de senhorio e posse sobre o feminino. Enquanto a pobreza sustenta todo esse sistema, o patriarcado se aproveita das vulnerabilidades para se romper ereto no corpo de uma sociedade entorpecida e enferma de violências contra meninas e mulheres. Muçulmanos, cristãos ou judeus, não importa, com suas leis, todos fomentam bestialidades contra elas, contra você, contra nós.

Eu não estava chorando mas amigos estavam se escondendo
em meus olhos como luzes de carros
Na chuva eu tropecei na sua luz Amor
eu tropecei na minha sombra
Uma criança com queimaduras nas duas bochechas
Correndo por pontes escuras
Fugindo das cinzas
Para a fumaça
Com uma lágrima do rio
Uma asa de criança correu para a asa
Uma lágrima de criança correu de um vestido
Levarei o pássaro verde na mão e irei,
talvez cresça para mim uma pequena asa
A lenda da chuva Chuva em nossas janelas
Lágrimas de crianças que partiram no céu com saudades de suas mães
(ALAYWAN, 2007, p. 43)³¹.

31 Suzanne Alaywan nasceu em Beirute no ano de 1974, ela é filha de pai libanês e mãe iraquiana. Em razão da guerra civil libanesa, passou sua adolescência entre Andaluz, Paris e Cairo. Em 1997, graduou-se na faculdade de Jornalismo e Mídia da Universidade Americana do Cairo. Suzanne é poeta e pintora. Seus poemas, de escrita predominantemente em árabe, estão publicadas na forma de coletâneas e disponíveis em seu site <http://www.suzanne-alaywan.com/> Muitas de suas poesias foram traduzidas e publicadas em revistas acadêmicas. Diversas de suas composições na forma de pintura estão acompanhadas de suas poesias para oportunizar uma interpretação ainda mais expressiva.

O casamento infantil sempre existiu na história da des-humanidade e continua sendo uma realidade, principalmente, em países da América Latina, da África e da Ásia. Dar herdeiros e prazer sexual ao homem, este tem sido o aflitivo quinhão das mulheres pelo planeta, não importando o que elas sentem, desejam, esperam, sonham ou repulsam. Penetrar a vagina e romper apressadamente o hímen em sangue que se verte nos lençóis brancos ou encardidos, essa é a glória a ser erigida por machos que ignoram qualquer possibilidade de alma no corpo de uma menina, de uma jovem mulher entregue ao matrimônio forçado com ou sem pagamento de dote.

Em muitas culturas, a virgindade é produto-capital predestinado à posse de um macho. A depender do grupo religioso, a idade para sexo com uma menina não importa, pois, sua maturidade sexual é determinada, subjetivamente, pelo julgamento daqueles que possuem sua guarda. No Iêmen, Rawan, pequenina de 8 anos de idade des-viveu de hemorragia interna na noite de núpcias com um homem de 40 anos. Há relatos de outras meninas menores de 14 anos que morreram em razão de perfuração uterina, por complicações na gravidez ou no parto. A única diferença entre elas, você (se for uma mulher) e eu, é o território político-cultural tomado pela extrema opressão machista e as condições socioeconômicas que se distinguem e determinam o porvir. O legado das religiões são leis e ordens e estas, infelizmente, têm sido martírio para um sem-número de mulheres por toda redondeza da Terra.

O amor que não faz mal ao próximo enquanto fundamento da Humanidade deveria imperar em todas as religiões, todavia, é o controle pela submissão que se exaspera em nome de todos os santos e que se faz distorção dos preceitos espirituais mais nobres. Não há como negar que entre Cristãos, Judeus e Muçulmanos, a mulher encontra sua condição fixada na submissão ao marido e é retratada como sendo mais frágil, vulnerável e instável ao mesmo tempo que é especulada como sendo astuta, ardilosa, enganadora - uma cilada para os homens. A mulher como ser inferior ao homem é uma tônica nas religiões e justificativa para que devam obediência aos maridos. A exemplo, cito alguns trechos claramente guardados por religiosos fundamentalistas, os destaques em negrito são meus.

No verso presente no Alcorão, é lícito que a mulher que desobedeça ao marido, seja castigada por ele. Imagine a situação da mulher que se levanta contra a opressão machista, que contrarie seu marido ou mesmo queira se divorciar dele. Por certo não faltarão apelos ao sagrado para justificar violências físicas.

34. Os homens são os protetores das mulheres, porque Deus dotou uns com mais (força) do que as outras, e pelo o seu sustento do seu pecúlio. **Quanto àquelas, de quem suspeitais deslealdade, admoestai-as (na primeira vez), abandonai os seus leitos (na segunda vez) e batei-as (na terceira vez); porém, se vos obedecerem, não procureis meios contra elas. Sabei que Deus é Excelso, Magnânimo** (ALCORÃO, 4:34, p. 91, grifos meus).

O apóstolo cristão, Paulo de Tarso, afirma:

³⁴ As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. ³⁵ E, se querem aprender alguma *coisa*, interroguem em casa a seus próprios maridos; **porque é indecente que as mulheres falem na igreja.** ³⁶ Porventura, saiu dentre vós a palavra de Deus? Ou veio ela somente para vós? (BÍBLIA SAGRADA, 1 Coríntios 14:34-36, grifos meus).

E ainda, durante os cultos judaicos matinais na leitura da *Birkot Ashachar*, os judeus recitam: “Bendito és Tu, Ado-nái, nosso Deus, Rei do Universo, **que não me fizeste mulher!**” – enquanto as mulheres substituem a parte grifada concluindo: “que me fez conforme Sua vontade” (MANUAL DE BÊNÇÃOS, 1998, p. 29).

Não é preciso muito esforço para se perceber o lugar de subalternidade da mulher nas religiões. Enquanto um texto sagrado autoriza o marido a bater na esposa se for contrariado, no outro, guia de bênçãos, o homem celebra o fato de não ter sido feito com uma vagina. Quando Paulo adverte que estejam caladas na igreja e que tirem suas dúvidas com seus maridos, ele arrasta todas as gerações de mulheres cristãs para uma zona de

profundo silenciamento dentro e fora de suas casas. Isto porque ao nascer uma menina, a família cristã a conduzirá para ser casta, sujeita ao marido como cabeça do lar, a lembrará que deve falar pouco e, sobretudo, preservar seu lar, evitando divórcios, mesmo que tenha que passar por cima de si mesma. Neste lugar estático em que a mulher é assentada desde a infância, dedicar-se ao bem-estar do marido e ao cuidado dos filhos se sobrepõe a sua educação, a sua ascensão profissional, de modo a corroborar para que milhares de mulheres se encontrem algemadas ao casamento, principalmente, por não terem conquistado sua independência financeira.

Que medo é esse que toma os homens cristãos, judeus e muçulmanos, fiéis das 3 principais religiões abrahamicas? Que espécie de complexo torna meninos gerados no útero de mulheres e que por seus seios foram amamentados, em seus piores opressores mundo afora? Não há lei sagrada que justifique tanto des-amor para com as meninas e as mulheres desta Terra! Há de se questionar sobre esses paradoxos em livros sagrados que proclamam amor e justiça como dádivas de um Deus amoroso, misericordioso. Há de se imaginar que não-imortais espiralaram a mensagem Excelsa e que se colocaram conforme o contexto histórico-sócio-cultural em que viviam. Blasfêmia de minha parte? Heresia é o que os machos religiosos destilam de veneno e crueldade sobre a vida das mulheres em nome do sagrado.

Importante dizer que o Brasil, apesar de não ser regido por leis religiosas que defendem o casamento precoce, ocupa em números absolutos, a quarta posição no ranking internacional de casamentos infantis e é um dos 5 países com maior incidência na América Latina e Caribe, uma realidade que assesta mais de 554 mil meninas de 10 a 17 anos, na qual mais 65 mil se casam entre 10 a 14 anos de idade no solo brasileiro e 2,6 mil se compromissaram em igreja e/ou cartório (PLAN, 2019).

Diante de tantas adversidades, perguntei: – Zoya, como é ser uma mulher no Líbano e que desafios o patriarcado impõe a elas?

Para mim há muitas contradições. Porque eu, como mulher, posso estudar e ir para a universidade, posso trabalhar, mas quando se trata das leis, eu tenho que obedecer ao que elas dizem. Infelizmente, a última

palavra diz respeito às leis. Então, ainda que as mulheres tenham um certo espaço de liberdade em algumas áreas no Líbano, e isso vai depender da comunidade a qual a mulher pertence, elas continuarão subordinadas ao que dizem as leis que são constituídas pelos atos religiosos.

No sistema do patriarcado vigora essa mentalidade que encontramos na cultura da nossa sociedade e que exige que as mulheres obedeçam a seus maridos. Eles as culpam quando reagem contra essa violência que estão sofrendo e acabam sendo acusadas de estarem destruindo suas famílias. O sistema do patriarcado pode ser encontrado em todos os aspectos sociais e as mulheres não se encontram em posições estratégicas de tomada de decisões para lutarem contra isso. De maneira geral as mulheres sofrem de violência psicológica, física e legal. Todas as mulheres têm potencial de serem vítimas por causa das leis existentes.

Não são poucos os relatos de mulheres maltratadas no Oriente Médio: constrangimentos e humilhações, violação do direito de ir e vir, abuso de autoridade, casamentos precoces e forçados, impossibilidade de se divorciar do marido quando queira, violência sexual, barbáries como ataques com ácidos, ameaças de morte e cárcere por ocasião de denúncias de violência física e estupro, além dos tradicionais crimes de honra em nome dos bons costumes.

No Iêmen, pequena nação com um PIB dos mais baixos, que ocupa a 144ª posição (última) de país com a maior desigualdade de gênero do planeta, onde o número de armas é igual a 2 por habitante, em questões levadas a tribunais, a mulher é considerada “meia pessoa”. A solicitação de divórcio por parte da mulher é extremamente conflituosa enquanto o homem nada necessita justificar. Violência física, psicológica, sexual, doméstica, moral, patrimonial, legal, mutilação genital, estupro, escravidão, casamento infantil, gravidez ainda no início da adolescência, acesso restrito à saúde, proibição para estudar, feminicídio, fazem parte da realidade de muitas meninas e mulheres desse país (WEF, 2016). Para conhecer mais sobre a realidade das meninas e das mulheres do Iêmen,

sugiro a leitura do livro em arte de quadrinhos “O mundo de Aisha – A revolução silenciosa das mulheres do Iêmen”, abaixo um trecho:

Nas ruas, as mulheres são como manchas negras, que se movem flutuando. De vez em quando um rápido murmúrio, um preço que se pergunta, depois se afastam deslizando... A partir de certa idade seus corpos se preparam para desaparecer. E sob aqueles véus negros parece não haver mais mulheres de carne e osso. Parecem pássaros negros, inamistosos, inabordáveis (BERTOTTI, 2015).

No Kuwait, 5º país mais rico do planeta e abundante em petróleo do Golfo Pérsico, 128º no ranking que mencionei anteriormente, não há leis com medidas bem estabelecidas para proteção contra violência doméstica. Em razão do conservadorismo cultural, inúmeras mulheres se calam diante do assédio ou agressão sexual que são habituais, pois a violência de gênero é um tabu.

No Iraque, país sectarista, posição 123ª no índice de desigualdade de gênero, o aumento da violência doméstica contra meninas e mulheres foi outra epidemia substancial junto com a pandemia da Covid19. Manifestantes titulam o Dia da Mulher como “dia de luto”, tal o tamanho das violências materializadas na forma de fogo ateado, estupros, sequestros, escravidão sexual, abusos de mulheres e crianças, tratamento cruel a refugiadas. Mulheres relatam que “viver no país é como estar numa grande prisão”. O cúmulo da barbárie parece não ter limites quando clérigos xiitas em Khadimiya e em Karbala atuam como se fossem cafetões e agenciam meninas de 9 anos de idade para atividades sexuais, proferindo sua bênção religiosa para que “casamentos por prazer - *nikah mut'ah*” sejam validados por curtíssimos períodos, tipo 1 hora. Doloridamente, a questão é que um sem-número de meninas e mulheres suportam o “casamento temporário” pelo desespero e fome em decorrência de extrema pobreza – pobreza esta amontoada pelas muitas guerras alimentadas pelo próprio patriarcado e sua gana de poder e riquezas. Os sacerdotes envolvidos chegam a cobrar U\$ 200 pela célere cerimônia sem nenhum tipo de

temor pelo bem-estar da criança, elas são tão somente mercadorias. Vale lembrar que uma vez “perdida” a virgindade, a garota é mirada como não casável e, possivelmente, será rejeitada ou até mesmo morta pela própria família por ter provocado o crime de honra. Eu nem sei expressar a fúria que me toma os ânimos nesse momento de cevar letras – indignada, compartilho versos da reportagem feita pelo serviço árabe da BBC:

Sayyid Raad, um clérigo de Bagdá, disse ao repórter da BBC - disfarçado - que as leis islâmicas (sharia) não limitam o tempo do casamento prazeroso: “Um homem pode se casar com quantas mulheres quiser. Você pode se casar com uma garota por meia hora e, assim que acabar, imediatamente pode se casar com outra”. Perguntado se era aceitável ter um casamento temporário com uma criança, Raad respondeu: “Apenas tome cuidado para que ela não perca a virgindade”.

“Você pode ter preliminares com ela, deitar com ela, tocar seu corpo, seus seios... Mas você não pode penetrá-la de frente. Mas o sexo anal, tudo bem”, continuou.

Questionado sobre o que aconteceria se a garota se machucasse, o clérigo respondeu encolhendo os ombros: “É entre vocês dois se ela pode suportar a dor ou não” (BBC, 2019).

Ainda no Iraque, é preciso falar sobre o sofrimento incomensurável da comunidade minoritária Yazidi, um grupo étnico contrastivo que tem sua própria religião centrada em fundamentos do cristianismo, islamismo, judaísmo e do zoroastrismo há mais de 4 mil anos. Eles vivem por perto de Sinjar, uma província de Nínive (destino que atormentou os ânimos do profeta Jonas que viveu por volta do século VIII a.C) e que não se distancia muito dos limites com a Síria. É o povo mais odiado pelo grupo extremista automeado “Estado Islâmico” e tem sido perseguido desde 2014 por serem considerados como devotos do diabo.

Enquanto os destaques da mídia se arrebetam no sensacionalismo político que gira o capital global, esse povo de carne e osso é abissalmente esquecido e massacrado por radicais que se descuidaram de fertilizar seus corações com Humanidade e se tornaram bestas-feras

intolerantes ao pensamento e modo de vida divergentes. A maior parte dos homens foi assassinada e os jovens meninos levados para serem treinados a matar não-muçulmanos em obediência ao Estado Islâmico bem como para fazerem parte de grupos combatentes jihadistas. Não são raras as ocasiões em que fingem serem muçulmanos para sobreviverem.

O flagelo das mulheres Yazidis é descomunal a ponto de o autoexterminio ser a estreita janela de alívio. A violência física e sexual são rotinas que estruturam a perversidade com que são tratadas pelos soldados extremistas. Meninas de 8 anos de idade são estupradas corriqueiramente e vendidas para serem exploradas e escravizadas no mercado do sexo ou mesmo terem seus órgãos traficados. Outras são entregues como regalos a jihadistas³².

Na história da des-humanidade o ódio contra meninas e mulheres se materializa em todas as possíveis formas de vassalagem - principalmente sexual - como *modus operandi* patriarcal de ultrajar o outro feminino. Ao penetrar as mulheres e depositar nelas seus espermatozoides, os violadores, além de as humilhar frente a seus maridos e filhos, também despejam o ensejo de miscigenar toda uma etnia em seu sentido mais amplo - de injuriar uma identidade cultural e religiosa. Os nascidos desse estupro étnico seriam a corporificação da vergonha e da impureza e, por esta razão, inúmeras meninas e mulheres, quando sobrevivem à brutal violência sexual, ainda terminam repudiadas ou mortas por suas próprias famílias, pelo seu próprio povo que não tolera sua condição de imundície.

Em 2019, O Conselho Espiritual Supremo dos curdos, formado por homens, obviamente, decidiu que as crianças nascidas de mães Yazidis estupradas por jihadistas não serão consideradas como parte da etnia curda e não farão parte da comunidade que vive no norte do Iraque. Ou seja: as sobreviventes dos estupros e que pariram crianças serão aceitas e poderão viver com suas famílias, mas seus filhos gerados dessa selvage-

32 Os jihadistas separam o planeta em “reino do islã” (dar al-Islam) que são os territórios debaixo da Lei Islâmica e o “reino da guerra” (dar al-harb) que são os territórios não-muçulmanos onde a guerra em defesa da fé pode ser justificada de acontecer. Assassinar infieis é uma causa sacrificial daqueles que querem entrar no “paraíso” como mártires, por isso, muitos se envolvem em missões suicidas.

ria, não terão acolhimento pátrio. A decisão tem sua origem na cultura iraquiana onde as crianças herdaram a nacionalidade do pai e pertencem a sua comunidade. Quando não se é possível comprovar a origem do pai, o espúrio é marcado como um apólida (HRW, 2019). E onde e como fica o coração dessa mãe? Ressoa-me aos ouvidos: as mulheres estejam caladas! – imperativo abusivo dos patriarcas e religiosos.

O estupro não somente é uma arma de guerra, mas uma tática das mais cruéis.

Sim, as mulheres sofrem farta e multiplamente o barbarismo da cultura patriarcal!

De acordo com o documentário do Observatório dos Direitos Humanos, no Líbano, que em 2016 ocupava a 135ª posição em abismos de gênero:

Mulheres e meninas, especialmente mulheres trans, profissionais do sexo, refugiadas e requerentes de asilo, sofreram violência sistêmica das autoridades libanesas, especialmente em centros de detenção. Mulheres trans descreveram serem colocadas em celas de homens, sem comida e água e coagidas a confessar. Alegações de violência sexual, incluindo estupro contra mulheres sob custódia, são comuns. Por exemplo, Loyal Al Kayaje foi presa em 21 de setembro de 2015 por “prejudicar a reputação dos militares” após alegar ter sido estuprada e torturada por dois soldados sob custódia militar em 2013 (HRW, 2020).

O Oriente Médio não é homogêneo em sua geopolítica e cultura, mas a condição da mulher em muitas de suas comunidades é aterrorizante e alarmante. Embora as mulheres lutem por direitos à igualdade de gênero e direitos que dizem respeito apenas às mulheres nas distintas esferas sociais dos 5 continentes, há lugares (de território tangível ou místico) que se manter viva é expressamente uma forma de resistir às brutalidades que lhe são impostas. Desafortunadamente, aqueles aderentes ao fundamentalismo religioso são os mais nocivos às meninas e às mulheres em todos os sentidos.

É bem verdade que o ocidentalismo, ao prezar pelos valores políticos e culturais do Ocidente, acaba por extrapolar seus equívocos ao universalizar a cultura dos povos do Oriente. Nessa esteira, trivializa e estereotipa também a conjuntura da mulher árabe. Nem todas as mulheres do mundo árabe se encontram à mercê da opressão de seus maridos ou são analfabetas ou vítimas do fanatismo religioso. Nem todas são obrigadas a usar burcas, véus ou são forçadas a se casarem com homens que nunca viram antes do dia do matrimônio. Embora a cultura patriarcal impere, várias mulheres árabes estão na linha de frente das mudanças sócio-político-culturais de seus países, incluindo Zoya Rouhana, ativista que inspira à luta pelos direitos da mulher e pelo fim da violência de gênero.

Posto esse lembrete, ressalvo que para este livro, o desenho do meu pensamento se move no acolher e abraçar a causa do empoderamento feminino das mulheres de perto e de longe de onde respiro porque parte de cada uma delas me constitui quando me concebo, quando elaboro minha existência como mulher nestes lugares de fala onde as mordanças estão sempre à mão do patriarcado tal como focinheiras para bichos. Para além do chavão: Sim, #JuntasSomosmaisFortes, e é isso que precisa ficar cintilante para todas nós! E se tornando aclarada, eduquemos os meninos e as meninas para que se recusem (in)corporar a violência da cultura machista, e corrijamos os homens para que parem de nos matar na alma e no corpo. Eduquemo-nos todas e todos no respeito às diferenças e as liberdades de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas como valores humanos inegociáveis.

Em países onde a pobreza e, conseqüentemente, a desigualdade social prospera, o acesso à educação também é restrito e as meninas e as mulheres são as mais impactadas, pois ficam circunscritas as atividades domésticas e com quase nenhuma opção para além do casamento. Para a mulher letrada, com qualificação profissional e independência financeira, adjunta a uma cultura des-prendida da religião como diretriz política que subordina o feminino, pode soar simples se encher de coragem e dar um “basta” a opressão patriarcal e repressão matrimonial. Todavia, o cerco político

co-cultural do patriarcado é desmedido e arraigado no cotidiano da sociedade e da religião e algema a vida de milhares de meninas e mulheres. Não nos cabe a crítica vã, mas, sim, todas as formas possíveis de apoio às campanhas de luta pelos direitos das meninas e das mulheres do Oriente Médio.

E Zoya des-ofusca ainda mais as questões socioeconômicas que envolvem seu país e afetam a vida das mulheres do Líbano:

Nós estamos passando por uma severa situação econômica. E temos um pequeno grupo, uma oligarquia de pessoas ricas que tem a maior parte do dinheiro no Líbano, de dinheiro e estabelecimentos. Ano passado (2019) nós observamos uma severa depreciação da moeda local. Agora, as coisas estão piorando, as dívidas no Líbano são altas. Não temos uma produção local e a economia depende da importação. É uma situação bastante difícil. Desde o ano passado as pessoas sofrem, elas se rebelam contra isso, mas é muito difícil se libertar dessa situação. A desigualdade social é um grande problema.

Antes desse ano, a taxa de educação entre meninas libanesas era bastante alta. Agora, com a deterioração da situação econômica, nós não sabemos o que vai acontecer. Se essa taxa vai se agravar ou não. Porque as pessoas não estão conseguindo pagar as escolas privadas, elas têm que mudar para o setor público que não oferece um alto nível de educação. É um grande problema que afetará todas as pessoas, não apenas as meninas. Em geral, podemos dizer que a maioria das mulheres trabalhadoras estão operando em carreiras tradicionais. Também temos muitas jovens mulheres estudadas que estão migrando para novos setores, como o setor de computação, da tecnologia, e assim por diante. Mas o principal problema que está ficando pior por agora é que a juventude está querendo sair do Líbano à procura por trabalhos fora do país em razão da crise econômica que temos.

No Líbano há muitas mulheres que sofrem a dureza da repressão religiosa que se estende à cultura e prevalece nas mais distintas esferas sociais. Contudo, há muitas mulheres libanesas que atuam em empresas, no jornalismo, na saúde, no comércio, na música, na literatura. As mulheres têm sido primordiais para a (re)construção de seu país tão sofrido por

tantas guerras e conflitos. Com a explosão ocorrida em Beirute, a atuação feminina imprime seu valor na mobilização solidária, econômica e política para as transformações emergentes que o país demanda. As mulheres, tal como o cedro de sua bandeira, não envergam e alavancam uma outra sociedade possível: um Líbano livre do patriarcalismo.

Ser mulher e escritora num país árabe significa, claro, sofrer “ble-cautes” e ser subestimada, e ser marginalizada, quer de forma sistemática, por homens e mulheres, ou por ambos.

Ser mulher e escritora num país árabe significa que você precisa ser bem esperta e escorregadia, mostrar um pouco aqui e mascarar um pouco ali.

Ser mulher e escritora num país árabe significa, para muitas – mas não para todas, felizmente – escrever em um código, de modo que, por exemplo, um amante torna-se “um bom amigo” e um pai estu-pradorseria o pai “da menina que mora ao lado”.

Ser mulher e escritora num país árabe significa enfrentar muitas vezes a desconfiança insultante de que há um homem por trás de você que escreve o que você publica com seu nome.

Ser escritora e mulher num país árabe significa impor a si mesma uma autocensura rigorosa, mil vezes pior do que qualquer censura oficial de fora.

Ser mulher e escritora num país árabe significa planejar meticulosamente e movimentar-se com astúcia nos círculos sociais certos, bem-vestida e chia de palavras doces (HADDAD, 2011, p. 63).

Somente uma educação libertadora, uma educação de meninos e meninas para a compreensão da diferença e das liberdades de ser e de estar no mundo, com o mundo e com os outros como valores humanos inegociáveis, é que pode transformar o mundo em um lugar melhor para todas e todos viverem. Apenas uma educação comprometida com o respeito às diferenças e às demandas igualitárias ou não de gênero, pode libertar milhares de meninas que ainda não nasceram, dos grilhões titânicos do patriarcalismo hostil e feroz.

“Silêncio não resolve problemas” – esta foi a frase que me moveu a procurar Zoya Rouhana para conversar. Uma mulher que inspira pes-

soas ao ativismo pelo empoderamento feminino no mundo árabe. Sua dor e seu sonho se fundem:

Uma dor que eu sinto é a de vivermos em situações desastrosas durante a última década. Nós tivemos a guerra civil, diversas agressões israelitas contra a nação libanesa, e agora estamos tendo essa situação econômica grave e de crise financeira. A explosão que aconteceu em Beirute também causou um impacto muito negativo na economia do país. Então, um sonho é a possibilidade de estabilidade do Líbano. Antes de tudo isso, o Líbano era chamado de a Suíça do Leste. Apesar de muitas dificuldades com os grupos religiosos, nós tivemos conquistas para a proteção das mulheres no país e eu estou orgulhosa de fazer parte disso porque é uma grande vitória!

Nosso próximo passo é a implementação de um estatuto pessoal que aponta para a plena cidadania das mulheres, apesar de não sabermos se seremos capazes de atingir um progresso épico ao nível das mulheres. Então, agora, o nosso propósito é o estabelecimento dessa comissão e nosso próximo passo é pressionarmos por uma legislação civil pessoal sem discriminações. E quero dizer que fiquei muito feliz por minha voz ter chegado até o Brasil.

Entre terras e águas, 10.677 km des-aproximam o Líbano do Brasil, mas os anseios por uma Casa Comum livre de violências e maus-tratos às meninas e às mulheres fazem parte de nossa Humanidade que nos une no agora e no amanhã.

Conversar com Zoya Rouhana foi um presente com a esperança amorosa de que a vida nos traga a oportunidade de um abraço para além do universo virtual.

UMA AURORA PARA ABRAÇAR



Na manhã de 16 de setembro de 2020, a poucos dias da primavera e da celebração das Árvores, uma imagem arrebenta minha utopia de que a Humanidade habitava em nós, humanos. Perplexa, um bramido irrompe pelo rio de veias e deságua no meu coração que se agita desalentado. Aquela imagem me inundava de aflição mesclada com uma fúria que me impelia a sentimentos nada bons quanto àquelas criaturas mais parecidas a bestas-feras disfarçadas de gente de bem.

Nas manchetes dos jornais dependentes e independentes do conluio podre das políticas e politicagens neoliberais que (des)consideram qualquer acontecimento/movimento vibrante dos tentáculos do livre mercado, estampavam onças com as patas queimadas, tamanduás, aranhas, capivaras, lobos-guará, macacos despelados pelas chamas ardentes de um fogo amarelo-laranja exuberante que consumia em um clarão que dava para se ver à distância - a mando do Homem - os pássaros policromáticos e com eles, seus cantos e nossa vã eventualidade de reconciliação com a divindade que, porventura, ainda quiséssemos invocar nesta geração. Diversos e distintos bichos lindos, parte de nós em nós, carbonizados. O nosso Pantanal Mato-Grossense sufocado em um luar de selvageria e corrupção criminoso que não há prece que os iliba do Criador se houver justiça na Terra, nos Céus e/ou nas profundezas do vácuo de Érebo. Triste, era pouco para se ficar. Nenhuma palavra era suficiente para traduzir tanto sofrer, tantas dores de nossa Natureza sob genocídio.

No Brasil do meu agora, o que não falta é fumaça de distorções. Nas redes sociais viralizantes de insanidade mental e encostos ruins, uma desnaturada sob o perfil “deus acima de todos”, replica um post de luto pelos animais que agonizam nas queimadas pretensiosas ao pasto: “— Não estou de luto pelos animais. Animais não valem mais que vidas humanas”. Se fosse a des-humana o desvio de uma regra, o dano poderia ser contido,

reparado. Mas uma brasa de ódio e embrutecimento contra os valores de direito à vida e à dignidade de tudo o que vive, sitiava-nos em xeque. Pró-vida era termo arrebatado de doutrina só para cercear o direito de escolha das mulheres por interrupção de gravidez em seus corpos, (des)importando seus motivos, seus contextos, suas misérias. Aos já nascidos, a luz verde era a do foda-se. No devaneio da distorção e do mito, algumas vidas importam e são aquelas que giram o capital. As demais existências não fazem falta senão para servirem aos interesses das primeiras. Já os animais, as florestas, os rios e ares, estes estão à margem das importâncias de direitos, meramente são dominados, ocupados e consumidos pelo superpredador que não se cansa de querer mais e mais a qualquer preço. Livre mercado, livre massacre – coisas de piratas.

Meia-noite e trinta e três. Com o sono em fuga, a conversa de Braulina Aurora muito me marcou sobre o lugar de fala das mulheres indígenas sustentado por um paradigma do cuidado. Ela era a caçula de 6 irmãos e a primeira na geração de sua família a ter acesso à universidade e a concluir um curso de graduação. Eu queria saber mais sobre o pouco que ouvira falar acerca dessas mulheres e a invisibilidade que as extinguiu das páginas dos livros de história do Brasil de ontem e que agora. De súbito, sofriam um ataque obscurantista e silenciador de suas Vozes protagonistas que entoavam bravos hinos de libertação contra um ecofascismo branco contemporâneo que tragava as liberdades de existir em repulsa às diferenças. Xenofóbicos brancos, levianos e temerários que nunca foram capazes de se perceberem conectados espiritualmente com a Terra, nossa Casa Comum, com todos os demais seres que nela experienciam vida, amor, generosidade e (re)nascimentos. Piratas salvacionistas de seus próprios interesses ultraliberais, racistas repelentes de peles multicores, ativistas pela manutenção de culturas movimentadas a ódio e aversão por tudo que deles diferem.

Lá na raia do remoto noroeste brasileiro que se abraça com a Colômbia e com a Venezuela como quem nunca quisera ser despegada pelas linhas cozidas no imaginário simplista do ocupador de territórios, está São Gabriel da Cachoeira. Nela, a linha do Equador singra a mata e os hemis-

féris cartográficos e epistêmicos se conectam à (re)invenção do Sul. É a cidade mais indígena do país, erigida a 852 km da capital do Amazonas, onde as águas e as florestas fazem amor na riqueza de sua biodiversidade. Por lá, muitas linguagens marcam encontros para além do português invasor e tudo chega pelo rio ou pelo ar. Tira-nos o fôlego a multiplicidade da natureza que se exhibe em praias de água doce, ilhas e montanhas majestosas como a que leva o nome de um conto de fada de origem europeia, a Bela Adormecida — em que momento será que as heroínas da floresta foram adormecidas e esquecidas de darem seus nomes as suas serras?

AO REDOR DA FOGUEIRA

Estamos aqui,
apesar dos tempos sombrios.

Aqui estamos
pelo direito de ser
diferente e viver
porque somos iguais
nas diferenças

O tempo desaba!

Mas estamos aqui
do nosso jeito,

imagine há quanto tempo!

Há séculos sobrevivemos
em meio à intromissão
de outros valores

Aqui, estamos!

E apesar da incerteza,
o nosso povo avança
no preparo da chicha
da mandioca e o beiju
no embalo da cantoria

de cigarras e pássaros
Aqui, estamos!
Apesar das injúrias,
do nosso jeito lutamos
para manter o costume
de manejar as maracas
e reconhecer no cocar
a nossa resistência
Aqui, estamos!
Apesar da exclusão,
existimos!
No meio da noite
bem ao redor da fogueira
de luta e glória
muitas histórias ouvimos
Aqui, estamos!
E apesar das perdas,
a luta continua no solo sagrado,
na caça, na pesca,
na crença, na dança
na roda de Toré,
no manejo da Terra, resistimos!
Aqui, estamos!
E apesar dessa atroz agonia
do nosso jeito, existimos
pra recuperar a Terra
e cuidar do plantio
na luta contínua
por um lugar no mundo
(GRAÚNA, 2020, p. 1)³³.

33 Maria das Graças Ferreira, conhecida pelo nome indígena Graça Graúna, nasceu em 1948 em São José do Campestre, Rio Grande do Norte. É graduada, mestre e doutora

Volto-me às origens do meu país verde, amarelo, azul e branco. Cores de uma bandeira traçada e estabelecida como símbolo nacional por gente de fora que arrasou com nossas florestas, com nossas riquezas naturais, com nossa língua-mãe. Gente de uma civilização longínqua que ao desbravar mares agitados em tormentas na busca de novas possibilidades de enriquecimento, também arrombava a cultura e as vidas que não lhes tinham importância de serem respeitadas, uma vez que não eram concebidas como gente. Machos cidadãos que rezavam o Terço enquanto fendiam bocetas³⁴ bugres esparramando seu DNA por toda terra virgem de branquitude. Passeou-me pela memória o lamento poético de Eliane Potiguara, indígena-mulher, escritora brasileira:

Bonito é vestir os trajes do Toré e senti-los como as expressões máximas das relações entre o homem, a terra e Deus. É sentir o sagrado e o universo. [...]. É preciso ouvir os velhos, o som do mar e dos ventos. É preciso a unidade entre as famílias, por isso pedimos a Tupã que nos proteja e dê um basta ao sofrimento secular de nosso povo comedor de mandioca. Pedimos à Força Superior que nossos pensamentos se elevem aos mais profundos planos sagrados da espiritualidade indígena, junto aos velhos, aos curandeiros, aos velhos pajés, muitas vezes apagados pelo poder, mas renascidos como força, pela consciência do povo (POTIGUARA, 2018, p. 88).

Quando criança, na década de 80, lá em Curitiba, ouvira na escola que os descobridores, os desbravadores, eram homens de coragem. A história contada pelo viés e pelo lugar de fala dos portugueses e espanhóis indicavam que em nossa América só tinha selvagens pagãos. Também

em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco e pós-doutora em Literatura, Educação e Direitos Indígenas pela Universidade Metodista de São Paulo. Graça é escritora, poeta e crítica literária, participa de diversas antologias no Brasil e no exterior.

34 De acordo com os dicionários de português, diz respeito a uma pequena caixa redonda, oval e alongada, fabricada com o intuito de armazenar diversos objetos e/ou coisas: uma boceta de joias. Vulgarização de vagina, vulva. Seria o pênis a joia?

rolava na sala de aula uma piadinha: “Quem descobriu o Brasil? – Fritz, preocupado, responde: – Não fui eu, professora!”.

Minha infância e adolescência se constituíram em com-vivências junto a estrangeiros, principalmente, alemães que haviam ouvido um chamado divino à pregação do evangelho das boas novas para os habilitantes pobres da terra do pau-brasil. Cresci com outras crianças que eram filhos e filhas dos missionários alemães. De muitas recordações coloridas de aventuras ao cair da noite para caçar vaga-lumes e daquela liberdade cheirosa que corria entre os altos pinheiros, verdes araucárias, ameixeiras carregadas de ouro suculento, pés de caqui-chocolate e de arará vermelha e amarelinha, há uma outra lembrança bem menos aprazente que quero re-visitar.

Nossos pais, pastores brasileiros e alemães, eram irmãos na fé de uma mesma agência missionária. Mas um desfiladeiro cultural soterrava as pontes para uma relação de afeto carismático cristão. Havia um ranço de menos valia que pairava sobre nós. Éramos os brasileiros pouco cultos que precisavam de redenção e eles eram os mensageiros do Velho Continente que traziam consigo o conhecimento, a ciência, a salvação. Parecíamos “iguais” quando brincávamos de polícia e ladrão, de esconde-esconde e de pega-pega vozeando aos brados de empolgação em língua brasileira. Era tão bom! Até que chegava mais um alemãozinho no grupo e já se somavam 2. Era o suficiente para que nossa língua ficasse menor em nosso próprio quintal, mesmo que fôssemos 3 ou 4 a mais. O alemão nos sufocava e, na sofreguidão de sermos aceitos por eles, esforçávamos para articularmos algumas palavras naquele idioma que, talvez, elevasse-nos a uma categoria um pouco mais sofisticada.

Curiosamente, o termo desbravar cunha o ato de des-bravar, de retirar a bravura, a demonstração de alguma soberania ou primado de alguém ou de algum animal. Des-bravar tem a ver com amansar, domar, aquietar, docilizar. O termo foi arrastado para sinonimizar empenho para tornar seres considerados inferiores em indivíduos educados, cultos e civilizados. Os (des)bravadores agiram des-almadamente para amansar e

quebrar a cerviz de um povo que já habitava as florestas e as águas muito antes de suas embarcações ancorarem no lado de cá do atlântico.

Sem mais delongas, vou ao encontro de Braulina Aurora que me cativa com seu olhar intrêmulos que atravessa a lente distorcida de nossa sociedade capturada pela cultura predadora do colonizador.

Em Baniwa meu nome é Ripa Baré. Cada clã tem nome próprio para mulheres e para homens. Por ser a caçula do clã do meu pai, eles me deram esse nome: “Ripa” é terra, o som da terra e isso tem a ver com cachoeira, foz e outras coisas. Nome indígena não se repete, é único, assim como as pessoas são únicas. E às vezes as pessoas ficam surpresas e tendem a nos discriminar porque não temos sobrenome e me perguntam: “— ah, vocês não têm sobrenome? Por que?” — e quando estava no ensino médio, eu dizia: — porque o sobrenome de vocês é morte! Os sobrenomes vêm, muitas vezes, de pessoas que vieram de outros lugares e não pertencem àquelas pessoas que o carregam consigo.

Para nós, esse sobrenome é uma imposição, uma violência que nos simboliza um contato violento pela escravidão, morte e doença. Porque essas pessoas nos trouxeram doenças e mataram outras pessoas. O meu avô foi muito singular e entendeu isso. A minha família é a única que não tem sobrenome de patrão. Meu avô foi muito revolucionário com relação a sobrenome! O meu nome é Braulina Aurora. Braulina era o nome de uma professora de meu irmão mais velho que o ajudou muito, que era muito atenciosa e cuidadosa com eles. Nesta época, minha mãe estava grávida de mim e quando eu nasci me deram esse nome. Aurora é o mesmo nome de minha mãe. Então eu ganhei o nome de Braulina do meu irmão mais velho, o primogênito da minha mãe, e Aurora por conta do nome de minha mãe. Eu não tenho sobrenome, mas sim, dois nomes. A minha família não tem sobrenome porque nós não repetimos o nome de uma outra pessoa que nós não conhecemos. Em Baniwa o meu nome no meu povo significa “seres que estão para nascer, os seres que nascem”.

Tenho 36 anos e sou mãe de uma menina de 14 anos e um menino de 8 anos. Não sou casada e isso foi opção minha muito embora a mulher

que escolhe de ter filhos em um contexto independente do casamento não seja bem vista e aceita pelas comunidades indígenas. Quando tive a minha primeira gravidez, eu pude me dedicar totalmente à maternidade e vivi esse momento de cuidar e ensinar. Recebi todos os cuidados possíveis dos meus tios que são pajés, do meu avô e das minhas duas avós que ainda eram vivas.

E o que você faz em Brasília? – indago.

Estou há 6 anos em Brasília, no Distrito Federal. Depois de 10 anos, eu retomei os estudos. Fiz minha primeira graduação em sistemas de informação e depois em antropologia por conta do movimento indígena. Morei sozinha aqui por 4 anos e depois eu trouxe meus filhos para viverem comigo. Estou cursando mestrado em antropologia na Universidade de Brasília, trabalhando a questão de gênero em razão de minhas muitas inquietações pessoais.

Que interessante! As inquietações nos movimentam, não é? E o que foi que lhe trepidou a quietude?

Comecei a conversar com outras mulheres sobre tudo aquilo que a gente considera violência como mulheres indígenas que somos. Aquilo que enxergamos como violência e até que ponto o é na prática cultural dos povos indígenas. E uma das coisas que eu percebi durante a minha graduação, é que líamos textos de pessoas que falavam sobre a violência que acontecia junto às mulheres negras, com mulheres de outros continentes, mas não víamos as questões das mulheres indígenas sobre as temáticas de violência. Você encontra pesquisas sobre a cerâmica, sobre partos, sobre medicina tradicional, temáticas que dialogam com a mulher indígena nas pesquisas. Mas quando você resolve olhar para esse lado das violências, a pergunta é: — o que eu entendo por violência nas comunidades indígenas?

Braulina trazia uma questão que não era para ser respondida por um pesquisador ou pesquisadora *expert* nas temáticas sobre gênero. Ela problematizava uma realidade duríssima que a fazia sondar em seu íntimo: onde se erigia o lugar de fala da mulher indígena? Será que esse

lugar existia? E, existindo, como ele estava sendo (des)ocupado? Em tempo, ressoam-me as palavras de Eliane Potiguara sobre a mulher indígena como sendo uma fonte de energias.

O papel da mulher na luta pela identidade é natural, espontâneo e indispensável. A mulher tem a função política de gerar o filho e educá-lo conforme as tradições, assim como na sociedade envolvente. [...]. Com relação à cultura indígena, a mulher é uma fonte de energias, é intuição. É a mulher selvagem não no sentido primitivo da palavra, mas selvagem como desprovida de vícios de uma sociedade dominante (POTIGUARA, 2018, p. 44-45).

Mas, e quando essa energia potente ofusca o ego patriarcal? Continuei atenta...

Sou uma mulher indígena do Rio Negro, sou Baniwa, sou uma mulher que está na universidade. Mas dentro das comunidades indígenas, antes de eu entrar para a universidade, falava-se muito sobre as oficinas da Lei Maria da Penha. A própria Fundação Nacional do Índio trabalhava com as nossas instituições indígenas para que essa informação nos fosse sensibilizada. Mas como é que se aplica essa lei nas comunidades indígenas que não têm acesso à cidade? Lá onde não há uma delegacia especializada para as mulheres. Onde minhas parentas não compreendem que o fato de se denunciar o companheiro também diz respeito a salvar sua própria vida. Elas não entendem que aquilo que acontece é uma violência física, psicológica e que existem vários tipos de violência. Como é que eu traduzo isso para as mulheres nas comunidades, lá, às margens do Rio Negro? Então, existe uma complexidade enorme sobre como trabalhar essas temáticas junto às comunidades indígenas. E é mais complexo ainda quando falamos dessa tradução da violência para as línguas indígenas. Onde a organização social e a estrutura da organização social de cada povo variam muito dentro do Brasil.

Naquele momento me senti meio desconfortável. Em segundos meu pensamento ativou a chave que me trazia reminiscências sobre a

bolha na qual nos encontramos, muitas vezes, dentro dos grupos de pesquisa das diversas áreas do conhecimento. Não era só uma recordação, uma memória que me vinha à mente. Era mais do que isto. A reminiscência era o tornar a trazer à mente, voluntariamente, as concepções que plastificavam os acontecimentos que circundavam os participantes da pesquisa que, em muitas ocasiões, nem eram concebidos como sujeitos no sentido de serem protagonistas de suas histórias, mas só como indivíduos que nos serviam para um determinado fim que viria a culminar, se tudo desse certo, na obtenção de um título acadêmico, ou mesmo nos *statualizar* como produtores de artigos científicos de qualidade conferida pelo *Qualis*³⁵, além, é claro, de produzir a ciência tão necessária para o desenvolvimento do país e como combate ao obscurantismo que volta a nos assombrar desde as eleições presidenciais de 2018.

Essa plastificação transcorre pelo invólucro teórico empregado pelo pesquisador que encerra qualificações, determinações e conclusões. Tudo é uma questão de abordagem e método científico. Do mesmo modo ocorre com os objetos de pesquisa que são observados com certa distância pelo pesquisador que após a produção de informações durante a meticulosa coleta dos dados, põe-se a análise dos mesmos a partir do referencial teórico que procede a um refinamento (para não dizermos acabamento) gráfico às temáticas pesquisadas. Entre abordagens de cunho quantitativo, qualitativo ou quanti-quali, prevalecerá sempre a película teórico-metodológica que validará todo o processo enquanto ciência, refutando ou marginalizando tudo o que não se encontre consolidado nos padrões estabelecidos como produtores de evidência científica.

Nesse contexto, a fala de Braulina mexeu comigo. Fazemos pesquisas, ouvimos indivíduos, analisamos narrativas, esquadrimos objetos e cenários de pesquisa que dizem respeito à vida de outros indivíduos. Produzimos ciência que se materializa em métodos de ensino,

35 O Qualis Capes é um sistema que faz a classificação da produção científica dos programas de pós-graduação no Brasil. Engloba todas as áreas do conhecimento no tocante aos artigos publicados em periódicos, anais e livros científicos.

em critérios para diagnóstico médico e psicológico, em medicamentos e vacinas, dentre tantas outras coisas às quais nos debruçamos por dias e noites durante anos e anos. Mas em que medida todas essas questões levantadas e todos esses produtos são traduzidos para aqueles que se encontram diretamente envolvidos nestes acontecimentos?

A esta altura de meus (des)encantos, teoria e prática na pesquisa se solviam e se fundiam numa conexão de co-existências impossíveis de serem separadas entre si pelo mais notável acadêmico e de tomarem distância daquilo que as constituíam como rigor de confiabilidade: as intensidades emergentes dos acontecimentos. De fato, qual é o lugar de fala que essas pessoas (não restritas à sentença individualista “indivíduo”) ocupam? Será que elas ocupam esse lugar de fala que fica no epicentro do caos das desigualdades sociais ou será que apenas ambulam transitoriamente nos espaços-lacunas criados para a rotatividade dos participantes das pesquisas que precisam ser estudados/ouvidos por nós, pesquisadores? O que temos e como temos traduzido os múltiplos significados e sentidos da violência no tocante às meninas e às mulheres da nossa Casa Comum? Brulina deságua...

E o que me deixou muito triste e ao mesmo tempo muito revoltada, é, por exemplo, que lá no meu município em São Gabriel da Cachoeira, as mulheres jovens morrem nas mãos de seus companheiros. Só que esses companheiros não são indígenas. As mulheres indígenas morrem por causa da violência nas cidades e nas comunidades, mas isso é pouco falado. Não se fala sobre isso! Isso porque ainda há um entendimento nessa linha do pensamento patriarcal que a mulher apanhou porque não estava dando conta de ser esposa, porque não estava preparada para aquele casamento. É um julgamento sobre a incapacidade da mulher, sem enxergar que aquilo que está acontecendo afeta diretamente a vida dessa mulher. Isso é muito singular! A violência psicológica é um tipo de violência muito silenciosa, mas ela está aí a todo tempo e se inicia primeiramente com a mulher se culpando: “— será que eu não sirvo mesmo para ser mãe, não sirvo para ser esposa?”. Essa mulher não tem nenhum apoio emocional por

parte dos pais porque a partir do momento em que ela sai de casa e parte para a casa da família do marido, ela deixa de fazer parte daquela outra família. E isso se situa bem no entendimento de uma cultura patriarcal. E, além disso, ela também não tem o direito de querer voltar. Se ela regressar, será uma vergonha. Se ela for devolvida ela não será bem vista e sua família será muito julgada. Então, a violência começa por aí de um jeito bem forte e sendo bem complexa de se compreender.

Braulina escancarava as dores silenciosamente gritantes das mulheres indígenas.

Eu matutava que quase todas as minhas tias-avós tinham histórias muito parecidas e pudores sacro-patriarcais que não lhes permitiam construir pontes e redes de apoio rumo à liberdade de viverem sem o peso do julgamento de suas famílias, vizinhos e conhecidos, em geral, demasiadamente religiosos. Aguentar a violência doméstica era provar a si mesma, à Igreja e a deus que está no céu, que a mulher santa santifica o marido. Ou seja: a mulher por sua natureza provida da costela de Adão deve submissão ao homem que tem por dever amá-la, cuidá-la e tutelá-la. Se ele não a ama e a maltrata, sua missão é ser santa e suportar sua má escolha pela incapacidade de, naquele momento, ter previsto a desgraça que seria sua vida conjugal. Abrir mão de carregar o fardo que poderá vir a honrar sua família e glorificar a deus que sabe de todas as coisas, é render-se ao divórcio que, por si mesmo, é uma tentação do demônio. Tensa, inclinei meu tronco à mesa e cruzei minhas mãos em apoio ao queixo, fitei ainda mais os ouvidos à nossa conversa.

Trabalho com a questão da colonização dos corpos das mulheres de uma forma muito dialogada com a religião. Por que hoje é tão malvista essa possibilidade de se retornar do casamento para a casa dos pais? É porque a religião impôs que as mulheres têm que casar, elas têm que manter sua família com a comunidade achando que está tudo bem, mesmo que ela esteja sofrendo até violência doméstica dentro de casa. Isso não era uma prática nossa, mas foi uma imposição das igrejas com a entrada das religiões nas comunidades indígenas. E quando se compara esta questão da violência no contexto de uma imposição da prática religiosa nas práticas sociais de cada

povo, é possível perceber que nós perdemos muito. Porque, culturalmente, nós mulheres somos preparadas para aprendermos a fazer beiju, uma fariinha, aprender como agradar a família do marido com quem você irá conviver. Mas essa preparação acontece com várias mulheres que fazem parte da geração de sua família, envolvendo tias, avós, primas, onde aprendem juntas de uma forma saudável. No entanto, depois da vinda das igrejas, é como se fosse aquela situação de imposição em que você é obrigada a ficar naquela família, sem o direito de voltar, porque se voltar, é vista como uma mulher separada. São práticas de violência silenciosa que mexem muito com o emocional da mulher. E isso também já aconteceu, inclusive, na minha família, com minha irmã mais velha. A exemplo, eu compreendo a situação dela, mas a minha mãe não. Eu quero minha irmã de volta, eu a quero dentro de casa, mas para minha mãe, ela retornar à casa não é algo bem visto. Isso porque ela estará deixando a família do marido e os filhos dela precisam ser criados naquela família que ela decidiu fazer parte.

Ouvir que essa mudança cultural nas relações sociais sob a implantação desse tipo de violência psicológica, que é um desfiladeiro aberto à violência doméstica, consolidou-se pelas vias culturais impositivas do cristianismo³⁶, causava-me um imenso desconforto. Afinal de contas, por

36 O Cristianismo é uma religião de matriz abraâmica monoteísta, fundamentada nos ensinamentos de Jesus Cristo. Tem como suas principais vertentes: o Catolicismo Romano, a Ortodoxia Oriental e o Protestantismo. O Protestantismo surgiu com a Reforma Protestante do século XVI que teve Martinho Lutero como principal líder e expoente. Os protestantes se dividem em várias denominações, mas têm como base principal de sua fé que Jesus Cristo é o Filho de Deus que se tornou homem e o Salvador da humanidade, morrendo pelos pecados do mundo. Durante o século III, após grande e brutal perseguição aos cristãos, o imperador romano Constantino, legalizou o cristianismo pelo Édito de Milão promulgado em 13 de junho de 313, proclamando o Império Romano como neutro em sua relação com as crenças religiosas e pondo um fim oficial à perseguição por motivo religioso. Importante ressaltar que, lamentavelmente, os valores e princípios de paz e amor ao próximo, apregoados por Jesus Cristo e presentes nos relatos dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, nem sempre são elevados pelo Cristianismo, sobrevalendo acima desses, os costumes, as tradições e as opressões patriarcais oriundas de séculos e séculos, evidenciadas no comportamento social de inúmeras sociedades de maioria cristã, porém, tomadas pelo ódio e violência de todas as formas. Enquanto o Mes-

décadas e décadas, ouvimos na igreja que o amor cristão acolhia os indígenas e os salvava do mal. Acontece que esse ângulo era mirado sob a lente daqueles que nunca se questionavam sobre o que os indígenas teriam a dizer sobre isso e se eles achavam que precisavam ser salvos de algo. Na verdade, eu deveria me conformar com a infeliz realidade: sequer os indígenas eram concebidos como seres protagonistas de suas vidas, de suas histórias.

No território indígena,
O silêncio é sabedoria milenar,
Aprendemos com os mais velhos
A ouvir, mais que falar.
No silêncio da minha flecha,
Resisti, não fui vencido,
Fiz do silêncio a minha arma
Pra lutar contra o inimigo.
Silenciar é preciso,
Para ouvir com o coração,
A voz da natureza,
O choro do nosso chão,
O canto da mãe d'água
Que na dança com o vento,
Pede que a respeite,
Pois é fonte de sustento.

tre dos cristãos os exorta contra a violência, a opressão e a imposição de crenças, inúmeros sacerdotes e membros (católicos e protestantes), violam os princípios do Cristo e se rendem as conveniências da tradição e ao fanatismo político-religioso, o mesmo que torturou e crucificou o Filho de Deus. Por vezes tem sido comum invocarem as palavras de outros personagens bíblicos como justificativa à opressão do que acolherem aos ensinamentos do Mestre que em nenhuma citação se contradiz quanto ao amor ao próximo como fundamento principal da Humanidade e das sociedades mais complexas. Neste sentido, denominar-se cristão tem sido mais um hábito religioso do que uma filosofia de vida, o que pode explicar a selvageria dos colonialistas e da Igreja em inúmeros acontecimentos históricos.

É preciso silenciar,
 Para pensar na solução,
 De frear o homem branco,
 Defendendo nosso lar,
 Fonte de vida e beleza,
 Para nós, para a nação!
 (KAMBEBA, 2013, p. 27)³⁷.

A cultura penetrantemente nefasta do colonialismo se fundira com o salvacionismo cristão que abominava qualquer outra possibilidade de crença que não fosse a sua. Um capítulo nevrálgico de se tropeçar pois, desde os primórdios, os primeiros cristãos e muitos tantos ainda hoje no tempo presente, também padeceram e sofreram perseguições, torturas e aniquilamentos pela sua profissão de fé. Não foram poucos os cristãos encarcerados, serrados ao meio, enterrados vivos, elevados como tochas humanas, destinados a serem joguetes para a diversão de sádicos em arenas com leões. O ódio contra os cristãos perpassa a história da humanidade quando os *ismos* se sublimam em fascismos político-religiosos.

Contudo, quando uma verdade passa a se figurar como a única possível, tudo o que vem depois é (re)negado, ou seja, primeiro é negado e, em curso, é rechaçado e retido, duplamente indeferido para que não se corra o risco de se achar existindo e faça frente com o código em regime. Noutras palavras, subjugar, dominar, controlar e aniquilar uma cultura identitária, é o modo mais eficaz de se manter, exclusivamente, uma ala da história sendo narrada e perpetuada a partir de si mesma, de seus próprios atores.

37 Márcia Wayna Kambeba é indígena, do povo Omágua/Kambeba que habitam o Alto Solimões, no Amazonas. Nasceu em 1979 na aldeia Belém do Solimões, do povo Tikuna. Graduou-se em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e realizou seu mestrado na Universidade Federal do Amazonas. Escritora, poeta, compositora, fotógrafa e ativista, Márcia percorre todo o Brasil e a América Latina com seu trabalho autoral, discutindo a importância da cultura dos povos indígenas, em uma luta descolonizadora que chama para um pensar crítico-reflexivo sobre o lugar atual dos povos originários sul-americanos. Sua poesia demonstra proximidades com a literatura de cordel e discute a violência contra os povos indígenas.

Simplificadamente, era o que havia acontecido conosco dentro dos santuários: ouvimos centenas de vezes as narrativas fixando indígenas como incivilizados, incultos, pobres, sujeitos, dominados por espíritos indesejáveis, incapazes de serem protagonistas em seus próprios povos, carentes do branco e de sua branquitude material e espiritual. Salvar o índio era mister.

Uma narrativa à destra de que o branco é o ponto de partida e chegada, na qual antes dele nada havia senão o asselvajado e, depois dele, tudo lhe estava subordinado de ser nominado e governado. O padrão macho-branco-hétero era a “regra do pai” que deveria ser obedecida inquestionavelmente pelas gentes de bem que perduravam o cetro, bem como pelos subalternos indignos à liberdade de uma outra existência possível. E lhe perguntei: — então, antes da chegada do branco com suas crenças religiosas, o que acontecia quando uma mulher indígena se desentendia com seu companheiro indígena?

Das minhas avós, minha mãe, minhas tias e outras mulheres, portanto, das mulheres do meu povo com quem tenho trabalhado, eu tenho ouvido que quando acontecia de uma mulher ser devolvida, o que não deixava de ser uma forma de violência contra ela, havia um acordo entre as famílias de que ela voltaria para a casa dos pais. Havia um encontro de conversas entre as famílias e colocavam que aquela mulher estaria livre do compromisso com a família do marido. E, a partir daquele momento, ela se encontrava livre para se casar com outra pessoa de outra família. Isso porque os casamentos eram arranjados politicamente e interterritoriais. Então se casavam homens e mulheres da Região de Lagos que se relacionava à pesca ou da Região da Terra Firme que se destinava ao cultivo.

Nesta época havia um diálogo saudável porque havia um acordo e um entendimento político de que a família tinha que se desenvolver saudável e que assim se estava criando outras famílias que seriam herdeiras dos seus conhecimentos. A preocupação era que o filho fosse um bom pescador, soubesse o necessário para o preparo à caça, ser um bom mestre de cestaria. Que a filha seja preparada para saber produzir ralos, cerâmicas e a melhor culinária possível para agradar as famílias. Então não havia essa ideia de

que se devolver a mulher, a família passaria a ser julgada por outros comentários. Isto é no entendimento das mulheres que na época da chegada das igrejas nas comunidades elas tinham em torno de 12 e 13 anos de idade. Hoje elas estão com 80 e 96 anos. Minha outra avó morreu com 108 anos e nunca se batizou e nem fez parte de nenhuma igreja. Essa é uma leitura delas com as quais eu trabalho essa temática da violência e do entendimento do que isso significa para elas quando relacionado a casamentos.

Braulina, e se a mulher não quiser se casar?

Se a mulher se negar ao casamento ela é entregue para alguém da mesma linhagem da família dela e passa a ser a tia que cuida dos sobrinhos mais novos. Ou então cuidava de alguém da família que precisasse, que estivesse viúvo ou viúva. Ou seja, ela não ficaria na casa com a mãe ou o pai, mas sim com outra família de sua mesma linhagem. Isso também se destina às mulheres lésbicas no entendimento deles, já que aos seus olhos, jovens gays ou mulheres lésbicas eram pessoas estéreis, pessoas que não podem ter filhos. E é um assunto muito delicado que eu não poderia dizer como é abordado em outras famílias. Sobre a questão da gravidez, eu me lembro da minha mãe dizendo para mim e minhas irmãs que se aparecêssemos grávidas em casa sem estarmos casadas, ela escolheria um viúvo para nos entregar.

E quando é o homem que se recusa ao casamento? — perguntei.

Os homens têm outras opções. Se ele não quer se casar com a mulher que a família escolheu, ele poderia se retirar da comunidade e se casar com qualquer mulher que quisesse e que fosse de outros povos. Ele teria toda essa liberdade. Isso não é igual para as mulheres porque eles serão entregues aos sobrinhos mais novos para serem tias. Atualmente, os casamentos estão muito precoces e quase não se vê mais essa preparação para a formação familiar. E com a chegada das igrejas outras práticas foram surgindo como ter que se casar na igreja, tem que ser com uma determinada família, não é possível mais devolver a mulher, tem que fazer todo o ritual do batismo religioso para você ter esse título de ser casado. Culturalmente, passa a ter uma outra configuração a partir das imposições pela cultura religiosa.

O cerco me apertava. Eu havia ouvido por toda minha formação cristã que o lugar da mulher é aquele da submissão e da dedicação à paz no lar, inclusive, já citei mais de uma vez neste livro o texto referente ao discurso do apóstolo Paulo, no qual esta passagem bíblica, dentre tantas outras que inferiorizam ou desqualificam manifestações de mulheres, têm sido evocadas pelos machos que ocupam lugares de privilégio em nossa sociedade paridamente machista para legitimar nosso silenciamento.

Como mulher que sou, é claro que irei para a cruz por sugerir que os textos bíblicos conotam indícios de machismo – não espero misericórdia de fundamentalistas. Mas, se a mensagem do Criador se constitui de boas novas cujo amor é pilar cabal e deve acolher a todas as pessoas sem distinção e ausente de julgamentos humanos condicionais e opressões, então não é improvável que os homens mortais que foram chamados a compartilharem seus diálogos com Deus, tenham cumprido sua missão da melhor forma que a compreenderam, contudo, também absorvidos pelas tradições de suas épocas onde escravizar alguém era direito inquestionável de alguns abastados, enquanto ser um bom e obediente escravo e um bom senhor, era dever do devoto consagrado à fé judaico-cristã. Sim, os homens sempre tiveram outras opções que eles mesmos forjaram em nome de si mesmos e de seus deuses. E estirei a dúvida em meio-tom mais grave: — E como fica atualmente a situação dessa mulher indígena quando ela sofre algum tipo de violência psicológica, física ou sexual?

Hoje, a partir do contato com o branco, nosso povo aprendeu o que é ciúme, aprendeu a flertar. Antigamente não se flertava porque você conhecia quem seria seu marido que era escolhido ainda pelos seus avós, pelos seus tios e pais. Atualmente se tem essa liberdade de escolha ao mesmo tempo em que ela chega com outras formas de violência. Tenho percebido que de 2005 para cá, quando encerrei minha pesquisa em 2018, por mais que tenhamos uma organização conhecida e um trabalho incrível feito pelas mulheres que é o “Anita Baniwa” (um trabalho que é específico das mulheres do meu povo com a produção de pimenta), a questão da violência e do

silenciamento de suas vozes, ainda são comuns acontecerem, mesmo neste espaço de fala que é delas próprias. E isso ocorre por elas serem mulheres.

Durante a nossa primeira conferência social e de organização do meu povo em 2017, essa questão foi trazida à tona. Porque temos escolas, temos professoras indígenas, temos agentes de saúde indígenas mulheres, temos um produto nosso que está aí no mercado e é trabalho das mulheres, parece que está tudo bem e assim se esquece e se negligencia essa parte sobre como elas se sentem, como elas querem falar e como elas querem trabalhar. Essa foi uma questão que me deixou muito triste porque a pergunta delas era: “— e como é que você pode nos ajudar? Você está na universidade! Mas como é que chegamos nas nossas lideranças compostas por maridos, primos, tios que estão na comunidade e dizemos que também queremos ter uma voz ativa nesses espaços de decisão política e sem interferir na forma deles nos enxergarem como suas inimigas?”.

Esse foi um questionamento que elas me fizeram. E eu fiquei sem resposta. A nossa anciã que era a nossa avó tinha acabado de falecer e tinha sido ela quem levantou a bandeira de que as mulheres Baniwa tinham que ser reconhecidas, que temos uma história, temos uma ciência e temos uma produção que fez com que surgisse a pimenta Baniwa. E nós estávamos naquele sentimento de ter tudo isso, mas sem ter uma voz ativa nos espaços de decisão. Porque nós nos reunimos muito em assembleias e o lugar das mulheres continua sendo aquele para fazer o almoço para as lideranças. Aquelas que são professoras muitas vezes não são ouvidas porque em uma reunião há 5 homens e às vezes só 2 mulheres. E quando se fala no casamento nós ainda somos muito questionadas porque eles perguntam: “— Por que vocês não querem casar e por que querem estudar tanto? O que vocês irão ganhar com isso?”.

Ainda há muito desse estranhamento sobre essa nova realidade de ver uma mulher. Há uma mulher do meu povo que está fazendo doutorado e será a primeira a ter esse título e eles querem saber a razão de nós quisermos estar nesses lugares. E nós não sentimos haver muito apoio positivo nesse sentido. Por isso eu falo que a violência psicológica é muito silenciosa

porque externamente nós somos conhecidas e inspiramos a nova geração do meu povo. Mas ao mesmo tempo, tocar nesse tema tão delicado, ainda é um assunto tabu. Eu tenho toda liberdade de falar sobre isso com minhas primas que têm essa mesma visão que a minha, mas eu sei que uma outra prima ou uma outra tia minha, sofre essa violência e não sabemos qual é a melhor forma de chegar até elas para falarmos sobre tudo isso e a ouvirmos.

E como você lida com essas questões tão delicadas no seu mestrado?

O propósito da minha pesquisa no mestrado é justamente ouvir essas mulheres que têm uma preocupação de como não sofrerem mais discriminação nesses espaços. E elas são mulheres indígenas que conseguiram enxergar isso, enxergar que só parecia que estava tudo bem. E é difícil. Porque, por exemplo, um cacique dentro de uma liderança, parece que tem toda a liberdade de fazer brincadeiras que magoam as mulheres. Mas, em contrapartida, as mulheres não têm a coragem de se impor e exigir o respeito dele enquanto liderança porque também fazem parte dessa coordenação e ocupam esse mesmo lugar. Só que isso não existe porque nós, mulheres, continuamos a sofrer esse tipo de discriminação pelo simples fato de sermos mulheres. O nosso corpo é muito visto de forma sexualizada, disponível para sexo. Assim, se tem uma mulher que não se casou e está na linha de frente de representatividade, a leitura que os caciques, que as lideranças fazem é que aquela mulher irá ser a mulher de todo mundo.

Esse é o tipo de discriminação conosco nas linhas de frente de instituições, de associações ou nas escolas – o julgamento é esse. E esse assédio acontece muito! E quando se toca nesse assunto nas reuniões de lideranças, os homens dizem: “— ah, ficou magoada porque o fulano não quis ficar com ela” — e assim sempre terá outra resposta, uma outra justificativa. E em nenhum momento essas mulheres recebem um apoio deles dizendo: “— Ah, e o que vocês acham que deveria mudar? Como é que deveríamos dialogar com vocês para que não se sintam mais assim?”. E é por esta razão que eu falo sobre a complexidade dessa violência para o seu entendimento ao mesmo tempo que ela acontece todos dias de forma silenciosa.

Na minha juventude, quando ainda trabalhava no que surgisse e enquanto focava em concluir a faculdade à noite, o fato de precisar do trabalho e de ser uma jovem solteira, também parecia aventar que meu corpo se encontrava acessível para assédios. E ao conseguir um posto menos pior, não era incomum que as próprias mulheres colegas mutassem as pupilas em pontos de interrogação sobre como eu conseguira ascender àquele mísero degrau. Perguntei: — E essa violência se estende a ponto de ultrapassar todos os limites e se chegar a um estupro? — e, acenando um positivo com a cabeça, descortina:

Sim! — cala-se por uns segundos e continua — Eu sei de alguns casos que isso chegou a acontecer. E, certa vez, comigo aconteceu o seguinte: eu trabalhava em uma instituição e já estava no final do mandato de chefias de coordenação. Eu coordenava o processo de escolha de novas lideranças. E uma das pessoas que estava nesse processo de escolha me disse: “— ainda bem que eu vou entrar nesta instituição e vamos tirar vocês, porque para nós, mulheres que não aceitam ser amantes de diretores estão fora desse lugar”.

Então, como é que você se sente quando após você trabalhar para aquela pessoa que você acreditava que iria se dedicar em prol da coletividade, da comunidade, da educação, da saúde e, de repente, você se depara com uma violência desse tipo? Como é que eu denuncio essa liderança se para os outros, ele é um indivíduo, é uma liderança apta a estar naquele lugar? Se eu denunciar, certamente não serei ouvida porque sou mulher. Então, essa prática acontece não apenas comigo, mas acontece com outras mulheres e em outros espaços também. Infelizmente, ainda é dessa forma!

Por um minuto me contive tentando não ser redundante. Mas acabei por fazer a mesma pergunta que muitos já haviam feito à Braulina durante sua graduação. — Querida, e como mudar essa realidade tão dura e lamentável às mulheres?

Diálogo! Nós mulheres sempre nos colocamos muito dispostos a conversar e a construirmos outras possibilidades juntas. Nós somos muito parti-

cipativas e ativas! Mas ainda sofremos esse tipo de discriminação e assédio de alguns homens. E estamos caminhando, mas em um passo muito lento.

A prática de estupro coletivo ainda acontece em alguns povos que dizem que isso é cultural. Consideram o casamento infantil como uma simples prática cultural enquanto nós enxergamos como uma forma cruel de violência contra as meninas e as mulheres. Mas como é que eu posso chegar em um outro povo e conversar sobre isso? Como é que eu chego em uma tia para dizer que ela merece e tem direito à liberdade, que ela pode se livrar daquela situação de opressão? Como eu digo e a convenço de que mesmo ela se separando de seu marido, ela não irá para o inferno? Porque é isso que tem sido ensinado pelas igrejas: que ela tem que aguentar esse casamento para agradecer a Deus. Como convencê-la de que seu bem-estar é muito mais importante do que ela permanecer se submetendo ao que é ensinado pela religião? [Respiro]

Isso tudo mexe muito comigo porque nós temos perdido muitas mulheres jovens para a cidade e São Gabriel da Cachoeira é um município violento para as mulheres. A exploração das mulheres no tráfico de drogas também é uma violência gigante. A questão da prostituição infantil é uma das violências mega silenciosas que ninguém fala sobre isso. E tudo isso que eu estou dizendo, diz respeito às mulheres dos povos indígenas.

Eu não esperava ouvir que essa brutalidade do universo branco também havia se aportado ao contexto indígena dessa maneira. Comportamentos sociais agudamente machistas e típicos da cultura do “Velho Mundo” abocanhavam vidas de meninas e mulheres indígenas, distorciam todas as formas de cultura e convivência que seus antepassados haviam concebido para suas famílias. Na perspectiva do colonizador, só existia o que ele dizia existir e a partir do momento que consagrava essa existência diante do “mundo”, o mundo que ele conhecia. Nesse sentido, aquilo que ele, o conquistador-dominador, nomeara como “Novo Mundo”, nunca havia existido até o momento que ele (des)cobriu essa terra. Um movimento recursivo em que ao mesmo tempo que ele atina que não está só em seu lote de chão e de costumes eurocêntricos, ele também cobre com suas práticas

culturais, religiosas e políticas tudo aquilo que já existia antes dele chegar. E este ato de cobrir era como um (re)vestir, um vestir novamente um corpo social, uma terra que ele considerava imprópria, inadequada e inexata na vaga de seus parâmetros, uma terra nua com corpos, mentes, almas e espíritos nus que precisavam ser dominados, ocupados e trajados a seu modo. Uma territorialização intransigente, tomada pelo movimento teso e inflamado de violências mil que forçavam os indígenas a se reinscreverem à existência segundo as tradições, os costumes, as crenças, às ciências desenvolvidas e aceitáveis por eles, os conquistadores espanhóis e portugueses que se alastraram pela América durante o século XV ao XVIII.

E não parava por aí. Braulina prosseguia...

A questão do suicídio nas mulheres indígenas também é muito presente, bem como a prostituição nas periferias da cidade, além do agenciamento de comerciantes e idosos com as crianças que são meninas indígenas em razão de necessidades básicas como o próprio alimento. E isso tudo é uma grande violência! E a informação não chega para as pessoas que estão nessa ponta da extremidade.

Elas não têm acesso ao conhecimento sobre seus direitos que estão assegurados pela Constituição do país e também em instituições internacionais que são reconhecidas pelo Brasil. E a Igreja, por sua vez, também não trabalha essas questões dos direitos humanos com os indígenas, mas reforça que eles precisam ser batizados, que a mulher necessita considerar que precisa se casar e ficar com aquele homem até o fim da vida e que se houver um divórcio a sua família sofrerá outros tipos de discriminação e julgamento pelas comunidades.

E fui percebendo outras coisas que não eram do nosso costume: a geração das minhas primas estava começando a ter filhos por parto cesárea. E tudo isso requer um outro tipo de cuidado diferente daqueles da nossa cultura indígena. As mulheres do nosso povo sempre tiveram muitos filhos e sempre foi de parto natural. E essa é uma violência cultural que está chegando cada vez mais em nossas comunidades. A cada vez que uma mulher indígena deixa de ter um filho por parto natural e tem por cesárea

sem que realmente precise, ela deixa de usar os conhecimentos, a ciência, as medicinas que nossas avós usavam e deixaram para nós, que as tias e mães usaram para que elas fossem geradas e viessem a nascer. Deixaram de se fazer a pergunta sobre: “— Como eu estou me alimentando? O que estou comendo? Como estou me cuidando? Como meu corpo está?”.

É verdade que nós lutamos para haver um atendimento diferenciado para os povos indígenas, mas isso tem trazido outros tipos de violência para dentro das comunidades e a violência obstétrica é uma delas. Está havendo um esquecimento das nossas medicinas que são preventivas. Passamos a valorizar mais a dipirona quando o filho está com febre e deixamos de usar todo nosso conhecimento a partir dos nossos chás, dos remédios silvestres e outros que são das nossas medicinas que sempre nos serviram e que nossas mães, nossas avós sempre nos deram. São pequenas coisas que fazem parte de uma violência silenciosa, que é a morte de um conhecimento e prática cultural. São coisas que vão aparecendo e parece que está tudo normal e a gente vai naturalizando todas essas práticas sem enxergar que isso se constitui numa complexidade de violências contra as mulheres. E essa informação, esse conhecimento não chega lá na ponta da comunidade onde estão essas pessoas.

Até aquele momento a conversa com Braulina havia sido torneada de uma constante resistência às rotas do conformismo quanto à presença dominadora de nossa cultura branco-machista junto aos povos indígenas. Ela sobressaltava o valor da mulher indígena na resistência quanto ao apagamento histórico da cultura de seus antepassados.

Seu poder é o conhecimento passado através dos séculos e que está reprimido pela história. A mulher, intuitivamente, protege os seios e o ventre contra seu dominador e busca forças nos antepassados e nos espíritos da natureza para a sobrevivência da família. Todos esses aspectos foram mais preservados do que no homem (POTIGUARA, 2018, p. 45).

Eu não queria fazer parte daquela identidade hegemônica que conluía pela branquitude e pelas valas da religião. Mas mesmo me ilibando dessa concepção generalista pelo entendimento e afinidade teórico-conceitual que as identidades não são fixas e únicas e me (des)locando para a zona de fronteira onde a diferença é atributo da espécie humana e onde as liberdades de ser e estar no mundo são valores humanos inegociáveis, mesmo experimentando algumas vivências que se aproximavam daquelas vividas pelas mulheres indígenas a partir da cultura machista em nossa sociedade, mesmo assim, eu tinha que reconhecer que não ocupávamos os mesmos lugares de fala regulados, mesmo sendo uma mulher tal como ela é. E segui meu propósito de a ouvir e memorizar pela escrita a sua Voz. Demandeí: – Braulina, uma dor...

Silêncio! Perdas! Palavras que expressam dores e que não há que se falar muito mais que isso. [Respiro].

E um desejo... – depois de vários segundos em silêncio, ela me conta de um jeito tão marcante que essas linhas não são capazes de traduzir o que se apresenta como algo tão simples e tão forte, simultaneamente, a ponto de nos possibilitar metamorfoses na alma e no espírito enquanto nos refugia:

Abraços! Porque o abraço não só acolhe, mas também... — e toma de afetos, contém as lágrimas, ilumina o espírito com ar nos pulmões, engole por um minuto a dor que sua ancestralidade não lhe permite abandonar, expira enunciando um desafogo, segreda-me com generosidade: — O abraço cura! — ela sorri a suavidade e prossegue:

Porque muitas mulheres sofrem violências no silêncio e a gente pouco fala sobre isso. É como se não quiséssemos enxergar que a violência existe, mas a partir do momento em que abraçamos uma companheira, abraçamos uma adolescente que foi violada, eu não preciso dizer que ela precisa conversar comigo. Quando você abraça, elas se sentem confortadas para falarem disso. Um abraço é muito mais valioso do que você dar um presente porque ele tem vários significados. A gente precisa abraçar mais as mulheres, abraçar mais as nossas crianças e as ensinar sobre o poder que o abraço tem e que sem a presença delas em nossas vidas, nós também iremos

sentir muita falta de recebermos esse abraço. É dizer que elas não estão sozinhas. E quando nós nos colocamos no lugar do outro, olhamos para seu problema e o abraçamos como se fosse nosso, a gente se sente abraçado também.

Meu sentimento de conversar com Braulina era único. Uma Aurora que trazia a ciência do acolhimento e do cuidado para dentro de mim, para me iluminar durante os dias que se punham sob às trevas das violências contra as meninas e as mulheres no Brasil e em tantos outros territórios marcados pelo sangue de uma cultura e opressão machista que engole tudo o que está ao seu derredor pelo silenciamento e apagamento histórico de sua existência como protagonista de sua própria história.

Abraços e Há braços!

E O LIXO DO SEU NATAL?



24 de dezembro de 2020, quase natal!

No mercado, poucas pessoas, nenhum enfeite. Enquanto pegava o leite para meu filho, sorvete, frutas e verduras para o jantar, a melancolia espremeu a miúda alegria que me vadiava o coração. Aquela música que nunca me caíra bem desde a infância parecia ter crescido para além do que meus hormônios poderiam me escorar.

Anoiteceu, o sino gemeu
A gente ficou feliz a rezar
Papai Noel, vê se você tem
A felicidade pra você me dar
Eu pensei que todo mundo
Fosse filho de Papai Noel
Bem assim felicidade
Eu pensei que fosse uma
Brincadeira de papel
Já faz tempo que eu pedi
Mas o meu Papai Noel não vem
Com certeza já morreu
Ou então felicidade
É brinquedo que não tem.

Respiro.

O poeta, José Assis Valente, já havia concluído que “felicidade é brinquedo que não tem” e que nem todo mundo é filho de Papai Noel.

Porque para ser filho do bom velhinho que entra pela chaminé trazendo regalos, antes de mais nada, é preciso ter o metal que banca todo esse mundo cor de rosa, tingido pela impostura de uma cultura capitalista, patriarcal e, redondamente colonial. Um rosa torpe que, diga-se de passagem, trivialmente imputa a fragilidade e a feminilidade como atributos inatos às meninas, às mulheres. O compositor baiano nascido em 1911, soubera bem simbolizar a morte do (des)encanto da felicidade como um bem inteiro. Aos 46 anos, decidira pelo formicida para matar seu desespero amontoado por dívidas e desamparado pela saudade de tudo.

Então, é natal, a festa cristã das famílias de bem.

Um natal dolorido em que mais de 190 mil brasileiros (des)viveram diante das complicações pelo contágio do coronavírus e, não menos importante, pelos muitos descasos dos poderes públicos, indubitavelmente, do governo federal.

Costado em avenidas, escolas, postos de saúde, hospitais, mercados, farmácias, condomínios, igrejas, o lixo produzido por nós se acumula pela falta da coleta. O microrganismo mortal é caprichoso e atira na cara do animal racional toda sua irracionalidade fétida, perversa e cruel. No dia inventado para o nascimento do Menino-Deus, a aglomeração de ódio e indiferença se junta aos outros 7 pecados capitais: gula, luxúria, avareza, ira, soberba, preguiça e inveja. Des-amor é o compêndio. Lixo humano é o saldo.

Do aterro sanitário, lugar de decomposição final dos resíduos produzidos por nós, os humanos, virá o natal de um sem-número de gente esquecida e invisibilizada, muitas delas, mulheres. Entre 2010 e 2019 a geração de resíduos sólidos no Brasil passou de 67 para 79 milhões de toneladas por ano. Cerca de 4 bilhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos são gerados no planeta e um terço dessa quantia é despejado em lixões que, por não terem destino adequado, acabam sendo queimados ao ar livre, amontoados nas ruas, nos rios e mares (ABRELPE, 2020). A questão dos lixões é como um buraco sem fundo que ameaça a vida na Terra em sua fauna, flora, solo, ar, lençóis freáticos, bem como a saúde de cerca de 4 bilhões de pessoas. O Brasil é o 4º país que mais produz lixo

no planeta, ficando somente atrás dos Estados Unidos, China e Índia. Na Pátria amada, mãe gentil, dos 800 mil trabalhadores na atividade de catadores de material reciclável, 70% são mulheres que se colocam como protagonistas no sustento de suas famílias (MNCR, 2014). Somos 70%!

[...]. Eu tinha uns 12 anos, minha irmã caçula tinha de cinco pra seis, o Adauto tinha 19 e cuidava de todos. Meu irmão tinha mania de falar: “Olha! A gente tem que ir atrás da mãe, porque senão, vocês não existem. Vocês ficam que nem indigente.” Depois de um tempo, meu irmão teve que ir atrás dela pra ver a data do nosso nascimento. Eu com 13, quase 14 anos, não tinha nenhum registro de nascimento. Primeiro emprego que ele arrumou, na Resil, foi quando tirou os documentos dos mais pequenos. Minha mãe deu uma data pro Adauto conseguir registrar a gente. Isso foi o que me marcou mais! [...]. (OLIVEIRA, 2021, p. 21)³⁸.

Peguei o carro e depois de um tempo de estrada, cheguei ao porto de mais uma entrevista. Devagar, subi o morrinho de terra esturrizada. Céu azul e sol radiante se agarravam ao verde da serra. Na passada em direção àquele território ocupado por gente que não é lembrança, ensaio ouvir com os olhos o silêncio do des-respeito aos mais básicos dos direitos humanos. Não era a primeira vez que eu sentira aquele adensado de mau cheiro tão peculiar ao local, mas seria a primeira em que puxaria conversa com mulheres que tiravam do lixo o seu sustento. Avancei por vários metros com o intuito de me aproximar de alguma trabalhadora. Minhas pisadas se afundavam no terreno fofo de resíduos. O branco das sacolinhas de lixo dava a textura do lugar sobrevoado pelos grandes pássaros que meu pai dizia se vestirem de forma apropriada ao funeral – os urubus. Quanto mais eu me aproximava, mais as montanhas de entulho cresciam. O fedor me comprimia o estômago e respirar pela boca me pa-

38 Maria Izabel da Cruz Oliveira nasceu em 9 de outubro de 1964. Mora em Diadema, São Paulo. É catadora de material reciclável há 19 anos. Em 2021 teve seu texto publicado no livro “Quarentena da resistência: na voz de 21 catadoras” (COELHO, 2021) junto a outras mulheres que trabalham nesta atividade.

recia a melhor resolução. Como pessoas poderiam viver daquele lugar? Que **** de humanidade é esta que faço parte? O que eu viera fazer ali?

Pensei em ir embora. A vergonha me tomava a cara. Não encontrava as palavras certas para iniciar uma conversa. – E se fosse comigo? – pensava. O que eu responderia para alguém que viesse me cutucar com perguntas cretinamente óbvias sobre a razão pela qual me encontrava neste lugar? Para lá e para cá, mãos reviravam coisas e sacolas em busca de materiais que pudessem ser reciclados. Menos trabalho e contato com imundices essas pessoas teriam se por ali chegassem apenas os recicláveis já pré-selecionados por coleta seletiva.

Arrisquei e me dirigi a uma senhora com a pele curtida pelo sol, vestida com um jaleco branco e chapéu, que se preparava para carregar um saco maior do que eu, repleto de materiais que ela acabara de recolher. Encabulada, sabia que iria interromper seu trabalho, tomar seu tempo valioso, ainda mais considerando que o sol das 10 horas estava cada vez mais animado a acalorar aquela superfície de restolhos. Segurei a coragem para me fazer companhia e fui direto ao ponto. Apresentei-me e disse o motivo de estar ali. Prossegui com o convite para uma entrevista e ela aceitou. Antes, pediu-me para esperar um minuto. Catou o saco que já estava cheio, virou-se de costas e o ajeitou para o segurar apoiado no ombro direito. Caminhou metros a sua frente, afastando-se da montanha de lixo. Acomodou o fardo junto a outros que já havia preparado desde o amanhecer. Olhou-me nos olhos com digna firmeza e me contou:

Meu nome é Ana e tenho 53 anos. Vim parar aqui no aterro porque preciso trabalhar e manter minha família. Meu esposo não enxerga bem por um problema de nascença que não foi cuidado. Já procuramos um jeito para ele se aposentar, mas até agora não deu certo. Meus filhos já estão casados e seguem suas vidas. Em casa somos eu e ele, também meus netos que sempre estão lá. Ah, eu tenho 11 netos! Preciso trabalhar para comprar comida, remédios, roupas. Criei meus filhos todos trabalhando aqui, minha filha mais velha tinha 8 anos naquela época e hoje ela tem 32 anos. Estou

aqui há quase 25 anos e vi o começo de todas as cooperativas que se abriram, mas, infelizmente, é difícil ir para a frente.

Sempre tem uma meia-dúzia de gente que quer morder aquilo que nós fazemos, que quer pegar do nosso suor, e aí não dá certo. É onde todo mundo escapa porque a gente já ganha pouco fazendo esse serviço que você está vendo, a gente vem cedo e fica até de tarde debaixo de sol e no fim não se tem lucro algum. Você pode perguntar para as pessoas mais velhas que estão aqui faz tempo, elas sempre foram escravizadas. Nós catamos o material e nós mesmos vendemos, então dá para ganhar um pouquinho mais. Eu cato esse material, carrego e coloco dentro dos sacos, levo lá para baixo e daí vendo para alguém que pague um pouco a mais.

Ana, quanto você tira por mês? Você acredita que a população saiba algo sobre o seu trabalho?

Com essa reciclagem que estão fazendo nas ruas, nós tiramos na base de R\$ 500,00 por mês. É muito serviço para pouco dinheiro, mas eu posso fazer o que? É o único ganho que eu tenho aqui. É o serviço que eu tenho! Hoje em dia eu não aguento fazer uma faxina, eu já fiz muito, já cuidei de casa, mas hoje eu não dou mais conta disso, a cabeça não ajuda. A maioria da população não sabe o que nós fazemos aqui. As autoridades máximas da cidade até podem saber alguma coisa, eles sabem que a gente está aqui, mas ninguém quer fazer nada por nós. Criei 5 filhos aqui dentro, ajudei a criar meu neto que está com 15 anos, ele é meu primeiro neto. Como alguém pode nos discriminar? É um dinheiro que a gente ganha, é um meio de vida. Às vezes as pessoas perguntam para a gente: “você tem vontade de sair daqui ou de fazer isso ou aquilo?”. E eu digo: tenho vontade, mas não tenho mais força para trabalhar para outras pessoas, para trabalhar na casa dos outros como antes eu fazia. Então venho para cá, mas não é porque estou aqui que vão me discriminar. Isso daqui é que me ajudou a criar a minha família, deu minha casa, tudo veio daqui. E Deus nos ajudou, preparou para nós um terreno para fazer minha casinha. Isso tudo foi por Deus e a força da gente, mas se fosse pelos outros, não teria nada.

E como é ser uma mulher trabalhadora aqui no aterro?

Ah, vou te falar... como é que eu posso te falar? [emociona-se, respira] Bom, não é fácil. Mas, olha, eu gosto desse trabalho que faço, eu amo o trabalho que faço porque ele me dá o sustento para minha família. E depois dos 50 anos de idade, a cabeça da gente funciona diferente, é mais lenta, então a gente tem que trabalhar e levar a vida para a frente, não pode parar e aqui eu consigo trabalhar. Aqui não há diferença entre homem e mulher. Eu já me acostumei com a vida como ela é. Às vezes eu falo as coisas, outras vezes fico quieta. Antes eu era muito queimadona, mas hoje sou completamente diferente. A gente vai mudando, sabe? Tem que deixar certas pessoas para lá e fazer o seu serviço.

Ana trazia de maneira, muito intensa, toda uma realidade negligenciada pelo resto da sociedade. Beirando 50 anos, intentava imaginar como seria se eu tivesse que ir ganhar a vida catando material reciclável nesta altura da vida, caso ficasse desempregada, caso nada mais me fosse possível ou permitido fazer.

Recordei-me de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, catadora de papel e favelada, nascida em 1914 na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Uma das primeiras e principais escritoras negras do Brasil. Entre julho de 1955 e janeiro de 1960 ela escreveu suas vivências na forma de um diário intitulado “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, publicado em 1960 e traduzido para 13 idiomas. Antes de ser (re)conhecida como escritora, Carolina de Jesus era uma mulher invisibilizada que vivia no anonimato das muitas vidas que respiravam na então favela de Canindé, São Paulo. No dia 09 de maio de 1955 ela enunciou: “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (JESUS, 2014, p. 35).

Carolina ocupou aquele território inclemente no cravar de sua voz pela escrita de vivências. Com ela, milhares de vozes ecoam. Sua voz possibilita a compreensão de questões sociais profundas de nossa sociedade tão economicamente díspar. Ela move as peças do debate e dos conflitos no tabuleiro misógino das desigualdades raciais e sociais. Pari toda uma complexidade de pensamentos que hoje se constituem elementos de discussão em dissertações e teses, referência nos movimentos feministas, contudo, ainda parcamente acolhida pelos programas de ensino dos cur-

sos de educação e humanidades das instituições de ensino superior, das escolas de educação básica que deveriam contar sua história às meninas e aos meninos, mulheres e homens do depois de amanhã. Carolina desagasalha a realidade quando aventa:

Eu não sei o que eles acham no meu diário. Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Fico pensando o que será *Quarto de despejo?*, umas coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as misérias que enlaçavam-me igual o cipó quando enlaça as árvores, unindo todas. [...]. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade (JESUS, 2014, p. 161, 163).

Ana, catadora de dores e esperanças, assim como Carolina, não deixa por menos. Sobre política e políticos, enquadra:

E a política no Brasil não é fácil! Alguns até nos ajudaram em algumas coisas. Mas a maioria não faz nada e ainda quer tirar a gente daqui, só que não nos oferecem nada em troca, não oferecem nenhum emprego para a gente. Só servem para nos arruinar. Aqueles que acham que a gente é ser humano, esses ajudam, mas aqueles que acham que nós não somos gente, não somos seres humanos só porque trabalhamos nesse lugar, esses fazem de tudo para arrancar a gente desse serviço, mas não nos oferecem outra coisa para fazer. Eles não dizem: “Ana, vai lá amanhã cedo, pode ir que seu emprego vai estar lá!”. Eles vêem apenas que você cata lixo e não presta para mais nada. Só que não é assim! O ser humano é a coisa mais preciosa que tem no mundo, seja qualquer um: seja catador de lixo, seja um motorista, um maquinista, um prefeito... Essa turma que está lá, esses políticos, eles só querem dinheiro, só querem encher o bolso deles e os pobres que se danem.

Esse presidente de hoje, que está lá, o Bolsonaro, ele só arranca o que é da gente. Onde já se viu você trabalhar como a gente trabalha, pegar seu dinheiro e ir fazer uma compra gastando 700, 800 contos? Comprar arroz, feijão, óleo, açúcar, pó de café e não sobrar para você comprar uma

mistura. A mistura você tem que dar um jeito, ou você faz uma hortinha como eu fiz, quando dá, e quando sobra algum dinheiro, você compra uma carne e assim vai levando. Enquanto isso, eles, prefeitos, vereadores, etc, fazem reunião com jantares que têm tudo do melhor. E esses dias, numa dessas, depois que acabou a reunião, ainda um deles fala assim sobre a comida que sobrou: “ah, isso pode jogar no lixo!”. Um desperdício, gente! Enquanto eles jogam a comida fora e fazem o que querem com o dinheiro do povo, eu sou uma guerreira e estou aqui trabalhando para sobreviver. E esse é o nosso problema no Brasil, onde governador, presidente, prefeito, não têm respeito pelo povo.

Foram apenas dois governos que nós, os pobres, tivemos alguma coisa boa: foi o governo do Lula e da Dilma. Quando eles entraram eu não tinha nem geladeira. Não é por causa da geladeira, mas é um pouco de humanidade com a gente, um pouco só. E hoje eles só querem ainda mais dinheiro e tiram o pouco que a gente tem. Eles querem cada vez mais e acham que o pobre não vale nada, eles nos descartam. E aí as pessoas ricas olham para a gente que está aqui trabalhando no lixo e acham que somos mendigos. Mas nós não somos mendigos, somos trabalhadores, somos decentes e procuramos viver a vida da melhor maneira possível e com a cabeça erguida. Se aparece uma polícia aqui ou pessoas que nem você que está agora me entrevistando, eu posso dizer que estou aqui de cabeça erguida e essa é a minha vida. Muita gente estudou, fez um monte de coisas, mas não consegue ver o ser humano em cada um. E nós aqui somos esquecidos!

O que eu poderia dizer sobre isso? A verdade é que eu não me sentia confortável naquele lugar que me bifurcava com meu lixo. Sim, o lixo da minha casa também estava por ali e com ele, todo excremento hipócrita de uma sociedade postulada como majoritariamente cristã e civilizada, da qual eu fazia parte, e não somente isso, de uma sociedade para lá de adoecida politicamente. Na realidade, tudo me incomodava naquele momento, principalmente a dissimulação de marioneteiros-piratas que batiam no peito evocando os elevados valores socialistas e libertários enquanto traíam o povo em seus cabos de guerra na disputa por

poderes, alianças liberais, acordos bilionários, conversas para boi dormir. E agora, (re)visitando a história da Ana para compartilhar com você, não basta deixar claro que este não é meu lugar de fala. Mas é em Carolina que busco guarida para o empréstimo das palavras que me oportunizam ser coadjuvante neste roteiro: “Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? (JESUS, 2014, p. 37)”. E perguntei a Ana: há algo em especial que você gostaria que eu colocasse no livro? Um sonho e uma lágrima a contar?

Tem sim. É que eu me vejo aqui como uma heroína, eu sou uma heroína. Não é porque estou catando lixo que vão me deixar de lado. Aqui a gente faz isso, mas fora daqui tenho o meu esposo, meus filhos, meus netos, sou uma guerreira! Lá atrás eu não tinha nada, mas hoje eu tenho. Deus me deu força para conseguir passar por tudo isso, sou uma heroína, sou guerreira demais! Falo para todo mundo que quiser ouvir sobre a minha força para cuidar de tudo como dona de casa. Sonho, ah... [respiro, silêncio].

Uma lágrima, ah, eu sempre choro quando eu vejo que criei meus filhos todos aqui. Ontem mesmo eu estava chorando com uma tia e ela falava assim: “nossa, você sofreu tanto hein, menina!”. E foi uma luta e tanto! E nós duas começamos a chorar. E estou batalhando até hoje, com 33 anos de casada. Eu me vejo como uma lutadora, uma vencedora e choro toda vez que falo sobre isso.

Um abraço selou nosso encontro. Despedi-me de Ana me sentindo cortada ao meio. De alguma forma, não me esqueceria dela e de suas palavras. O lixo descartado de cada dia, sempre faria metade de mim (re) tornar àquela memória.

No caminho, esbarro com Maria que por um instante se afasta de uma das pilhas de seu sustento e me diz:

Eu trabalho aqui porque estamos sem emprego e isso é o meu ganha pão. Se o prefeito, o promotor, ou seja, quem for, fechar este local, como a gente vai fazer? Eles darão emprego para nós? Vão dar o que comer? Vão

pagar nossa água, nossa luz, nosso aluguel? Não podem dar, né? Estou aqui há 2 meses e é daqui que tiro meu dinheirinho para pagar as contas, comprar o leite das crianças. Se fechar aqui, para onde nós iremos? Aqui eu tiro mais ou menos R\$ 180,00 a R\$ 200,00 por semana. Tenho uma filha de 15 anos, ela está estudando. Já tenho 51 anos e vim para cá porque a gente não encontra emprego. É isso, viu!

Fico calada. Sem palavras.

Mulheres sobrecarregadas, é o que elas são.

Sem romantizar: guerreiras por demais!

TESTILHA COM-PAIXÃO



“Se houver algum tumulto, se alguém tentar resistir, atirem para matar”.

A frase é do presidente das Filipinas, Rodrigo Duterte, durante o período de quarenta em abril de 2020³⁹. Sua política é de extermínio: “atirar para matar!”. Não fora esta a primeira e nem a última vez que o líder ultradireitista fez uso abusivo de seu poder para acuar o povo filipino de alargar suas asas de resistência.

Perseguições, ameaças, prisões, flertes com militares e homicídios em nome da defesa dos bons costumes e das “gentes de bem” acompanham a marcha de líderes populistas e autocráticos. Tendem a aspar a população menos favorecida com parâmetros econômicos neoliberais enquanto prendam e blindam os mais ricos com maiores possibilidades de explorarem, ilimitadamente, os miseráveis infelizes.

Interessante que eles vencem as eleições sempre no berro, já perceberam? E não abrem mão de se aninharem às bancadas “monásticas”. Sim, é isso mesmo que eu quero dizer: se conchegam às bancadas de políticos religiosos que, absolutamente, não têm demonstrado nenhuma aproximação aos verdadeiros preceitos que elevam uma pessoa aos atributos mais nobres da Humanidade, a saber, o amor – pioneiro de humanidade e potência des-barbarizadora.

É profano mentir amor, e é isso que fariseus de outrora e do agora, fanáticos e corruptos, fazem em nome de seus deuses, independentemente dos votos de fé que professam. “Nação acima de tudo e Deus acima de todos” parece ser a sentença que mais atíça bandos a se jogarem aos

39 Em 1 de abril de 2020, em um discurso transmitido pela televisão, o Presidente Rodrigo Duterte deu ordem explícita para que policiais, militares e oficiais locais atirassem para matar qualquer pessoa que mostrasse resistência as medidas do governo durante a quarentena em meio à pandemia Covid 19 (AMNESTY INTERNATIONAL, 2020).

pés desses “amigos do povo”. Hitler, Trump, Duterte, Bolsonaro dentre outros, vieram de um mesmo educandário de horrores. #ElesNão, brade-mos nas urnas! Pasmem com algumas frases que, por incrível que pareça, atraíram milhares de eleitores:

Quando o México manda seu povo para os EUA, não está man-dando as melhores pessoas, mas cidadãos com muitos problemas.

Eles estão trazendo drogas, crimes. São estupradores. **Alguns**, eu acho, são boas pessoas – (Donald Trump - WASHINGTON POST, 2015).

Resulta da própria natureza das coisas que no volume da menti-ra está uma razão para ela ser mais facilmente acreditada, pois a **massa popular**, nos seus mais profundos sentimentos, não sendo má, consciente e deliberadamente, é menos corrompida e, devido à simplicidade do seu caráter, **é mais frequentemente vítima de grandes mentiras do que de pequenas**. Em pequeninas coisas ela também mente, enquanto que das grandes mentiras ela se enver-gonha (Adolf HITLER, 1925, p. 127, grifos meus).

Eu estava irritado porque ela foi estuprada. **Mas ela era tão bo-nita, o prefeito deveria ter sido o primeiro**. Que desperdício! [O prefeito a quem ele se referia era ele mesmo, Rodrigo Duterte, prefeito da cidade de Davao, na ilha de Mindanau, no sul das Fili-pinas] (WASHINGTON POST, 2016, grifos meus).

Já disse que **não te estupro porque você não merece** (Bolsonaro – EL PAÍS, 2014). Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, **está superdimensionado o poder destruidor des-se vírus** (BBC, 2020, grifos meus).

No último 31 de dezembro, faltando 297 segundos para a virada do ano que até agora não chegou ao fim, meu filho de 11 anos fazia a seguinte declaração naquele típico momento cristão de agradecer a Deus pelo que se foi: “obrigado porque eu estou vivo!”. Eu me segurei para não cair no choro. No dia em que meus dedos digitam cada uma dessas palavras, o Brasil bate 250 mil mortos pelo virusinho apoucado que nos fez a primeira visita há 1 ano, hoje são 1.582 apunhaladas em 24 horas que sangram famílias enluta-das. E, se não fosse pela ousadia dos pesquisadores do Instituto Butantan

e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ainda nenhuma vacina teria nos chegado em razão da inominável negligência do governo federal brasileiro de extrema-direita que continua questionando a real necessidade do uso de máscara e isolamento social. Quanta tristeza!

Todavia, mais do que governos insensivelmente tirânicos, o que conecta as mulheres das Filipinas com as brasileiras e de tantas outras nações sofridas da América Latina, África e Ásia, é o entendimento de que o patriarcado que não se descola da selvageria do capitalismo e do colonialismo que nunca acabou, é como um fio de alta tensão sempre pujante a nos massacrar ao menor deslize.

...

Era manhã de temperatura elevada, ar seco e céu de profundo azul – alva típica do final de inverno no sudeste brasileiro. A primavera nos aguardava logo ali com um espetáculo de Ipês-amarelos que sucediam aos roxos e abriam veredas para o achemento da florada branca. Coisa mais linda! Síncrona era a noite quente daqueles dias chuvosos de setembro, tão peculiares ao arquipélago filipino, lindíssimo cercado de águas azuis-turquesa e acomodado ao sudeste onde a “Ásia sorri” por suas belezas naturais.

E foi no dia 11 que a generosidade em pessoa me presenteou com sua Voz torneada de ternura e coragem em um sorriso aberto. Desta maneira sinto Jojo – Mary Joan Guan – uma mulher que des-loca consigo outras milhares de vozes e que se aventura a se expressar em português: – *Felicidade!* – por ser uma das protagonistas dessa obra de mulheres. E com entusiasmo eu a ouço compartilhar um pedacinho de sua jornada.

Sílvia, eu completei 57 anos no ano passado (2019) e quero lhe contar o que me influenciou quando eu era ainda uma criança. Eu venho de um lugar com pelo menos 3 vulcões, um lugar famoso por suas pimentas (chillies) e suas lindas praias: a Região de Bicol. As pessoas de lá são ao mesmo tempo intensas e legais! Eu cresci em um lar aconchegante em que todos nós temos boas memórias da infância. Éramos em 6 crianças na família: 4 meninas e 2 meninos. As mulheres da nossa família são assertivas e segu-

ras, então, eu nunca experimentei discriminação em casa, ou fui lembrada de que existem papéis distintos para meninas e meninos.

Meus pais também me ensinaram a virtude da equidade, eles eram liberais e nos incentivaram a brilhar e a usarmos nossas habilidades para servirmos as pessoas. Então, meu pai em especial, acreditava que todos tínhamos um papel social a ser cumprido, não apenas para ganho pessoal, mas também para participar no desenvolvimento da sociedade. Como um homem religioso, ele dizia que ser um verdadeiro cristão significa servir e ajudar os outros, especialmente os oprimidos. Como também era um juiz, ele praticava a justiça social e a democracia, mesmo em casa, onde todos tinham direitos ao seu lado ao mesmo tempo que deveriam ser, adequadamente, punidos, quando fossem culpados de algo.

Minha experiência com a discriminação foi quando comecei a ir para a escola, levando comigo os valores que meus pais me ensinaram. Eu era uma criança bondosa e respeitosa com todos. Quando eu estava na segunda série, eu vi um dos meus colegas de classe, um menino, fazendo bullying com outro colega. Eu bati nele no rosto e ele começou a chorar, não porque eu bati forte, mas pela vergonha que sentiu por ser a primeira vez que alguém se colocou contra ele, ainda mais sendo uma garota.

Contudo, o que me surpreendeu foi a reação de uma professora. Ela me beliscou e disse que aquilo que eu fiz não era uma “coisa de menina”. Ela me puniu me fazendo ficar de pé por uma hora na frente da turma. Esse foi o momento que eu percebi que a justiça pode ser uma enganosa discriminação, pode ser extensiva e que tem um papel diferente para meninas e meninos, algo que nunca me foi ensinado em casa. Então, nós crescemos percebendo que o mundo exterior era completamente diferente da segurança que havia em minha casa.

Meus pais procuraram nos preparar para o mundo. Desde então, eu me interessei pelos direitos humanos, democracia, justiça social, igualdade, discriminação e patriotismo. Mais tarde, fui para a Universidade das Filipinas, que é uma universidade pública. Lá, os interesses sobre os problemas sociais foram aumentando e, logo, eu já estava envolvida nas questões sobre direitos humanos, lutando pelo bem-estar dos oprimidos e explorados.

Logo após a graduação, trabalhei em uma organização de direitos humanos, e desde então, trabalho com organizações não governamentais que servem as pessoas e lutam pelos direitos humanos. E nas duas últimas décadas venho trabalhando pelos direitos das mulheres e me tornei Diretora Executiva no Centro de Recursos das Mulheres⁴⁰.

POEMA PARA UMA CRIANÇA PRESTES A CRESCER
(para John, Joventino, Ian, Celeste, Lyrah e Boogie)

Você me pergunta
por que hoje eu olho para você
como se fosse a última vez
Toda a minha vida eu olhei
em tantas coisas
vi tantas mudanças
e procurei uma coisa escondida
mas algo lá é o olho
sempre erra
e mesmo enquanto eu olho para você agora
um vento terá passado entre nós
terá levado algo com ele
e o que resta
é sempre o que está aqui
sempre de repente

(SANTOS, 1985, p. 368, tradução minha)⁴¹.

40 O Center for Women's Resources (CWR) surgiu em 1982 em meio aos gritos de protesto e lamentações de mães, esposas e irmãs durante a ditadura de Ferdinand Emmanuel Edralín Marcos que foi presidente das Filipinas no período de 1965 a 1986. É uma instituição pioneira que visa empoderar mulheres de base por meio da conscientização e apoio aos seus esforços para melhorar suas condições por meio de mudanças estruturais. Cf: <https://centerforwomensresources.org/>

41 Benilda Santos nasceu em 1948 na cidade de Manila, Filipinas. É escritora, poetisa, crítica de cinema, editora e professora. O reconhecimento de sua obra lhe rendeu

As memórias de infância de Jojo me esticavam até minhas primeiras lembranças cingidas dos valores cristãos onde o amor ao próximo é alicerce de vida. E isso quer dizer que nossas escolhas devem ter como advento o não fazer mal (propositadamente) ao nosso semelhante. Entendo que o termo “semelhante” diz respeito aos demais seres humanos, mas sem receio de me equivocar, penso que a ideia abraça a tudo o que respira, a nossa Mãe Terra.

Minha mãe, sempre que tinha uma oportunidade, dizia que Jesus havia vindo ao mundo para servir ao próximo (servir no sentido de fazer o bem e não de ser escravo - esclareço). Assim como Jojo, o desejo pela justiça social precedendo à caridade também me soava sublime e valioso. De repente, a gente se depara com nossos países com mais de 80% da população professando o cristianismo, porém, as ações parecem nem sempre se mesclarem com os valores escudados. Para minha desolação, nas eleições presidenciais de 2018, milhares de cristãos gesticulavam com as mãos “arminhas” nas calçadas assim como nos púlpitos em apoio àquele que aludiam: “– prefiro votar em um cristão do que em um ateu!”. Engolidos pelo paradigma da distorção, pareciam privados de vista ao teimarem ser de Cristo o candidato que aclamava tortura, assassinato, banimento, ódio, perseguição, desprezo a todos que lhe faziam oposição ou que não passavam pelo gargalo político-religioso de crivo fundamentalista. Quanto tormento a falta de divórcio entre religião e política ainda nos trará?

Embora Jojo não se encontre na condição de mulher calcada e explorada, ela ocupa seu lugar de fala como protagonista no apoio ao empoderamento das mulheres oprimidas de seu país. E à medida que outras mulheres se sentem acolhidas e sustentadas por companheiras de luta, juntas elas constroem um grande cinturão de pertencimento desse grupo social que quebra muralhas visíveis e invisíveis de arbitrariedade contra as mulheres. E nesse processo de construção/des-construção, meninas e meninos são educados com preceitos para uma outra sociedade possível,

diversos prêmios de literatura. Como professora de literatura, atuou com primor na Universidade Ateneo de Manila.

para uma outra convivência social possível, para uma outra maneira de professar sua fé, para um outro jeito de liderar comunidades a partir do respeito às diferenças de gênero e de tudo mais que faz parte da vida humana no corpo social. Aliás, vou até me corrigir: já não é mais uma outra sociedade possível, mas uma sociedade necessária e indispensável para a des-continuidade de bestas-feras des-humanas na Terra.

No chão das 7 mil e tantas ilhas desse país abraçado pelo Oceano Pacífico que já fora colonizado pelas unhas ávidas de conquista e lucratividade da Espanha e dos Estados Unidos, até junho de 2020 mais de 3.600 casos de violência contra crianças e mulheres haviam sido relatados às autoridades desde que o governo determinou o estabelecimento obrigatório de quarentena em março do mesmo ano. As Filipinas têm muito em comum com vários outros países, inclusive com o Brasil, onde o combate à Covid19 é uma cascata de tensões e agressões às mulheres e suas crianças. Em outras palavras: o fato de estarem confinadas em casa tendo que conviver o triplo do tempo com seus “companheiros”, desencadeia uma série de assaltos à sanidade mental, à paciência e ao respeito que resultam em espancamentos, assédios sexuais, estupros e todo tipo de violência psicológica e moral que uma mulher fora dessas circunstâncias, talvez não possa imaginar ser capaz de padecer. Quando digo triplo do tempo não é um erro de cálculo em que o dia tem 24 horas sendo que de 8 a 14 são destinadas à exploração do capital e, portanto, o resto é para “descanso”. Refiro-me a triplo porque numa escala de alta tensão, pavor e aversão pelo convívio compulsório com o agressor, longe de ironias, cada minuto pode ser multiplicado por três. No país de fronteiras marítimas, 1 em cada 4 mulheres casadas ou que já selaram matrimônio, já experimentou a força e o fardo da violência doméstica.

Meu corpo contém
O sonho do meu pai
Suor do meu marido
Esperança dos meus filhos...

Mas seria possível
Está errado
Para ficar e esperar
Assim --- um monte de costelas,
Um ídolo abandonado ---
Como minhas antepassadas
Fez antes de mim
Muitas luas atrás
Na sombra das montanhas?
Poderia ser possível
Está errado?
Poderia ser
Possível?

(LANOT, 2000, p. 52-53, tradução minha)⁴².

Com o aumento da pobreza – e isto vem junto com os desastres naturais, conflitos armados e também com a Covid19 – muitos pais acabam oferecendo suas filhas em casamento. Nas Filipinas, bem mais de 700 mil meninas são submetidas ao casamento arranjado pelos pais. De maioria católica, a par com o Vaticano, ambos são os únicos países a não permitirem o divórcio em seu sistema legal, obviamente, em nome de Deus.

Entretanto, apesar do fundamentalismo político-religioso que segura as rédeas para conter a legalização do divórcio e do aborto, no arquipélago, desde 1930, são permitidas relações sexuais de adultos com crianças a partir dos 12 anos de idade. Assim, não são poucas as meninas que se tornam mães ainda na adolescência e sem nenhum conhecimento sobre seus corpos ou sobre sexo - em média, 500 gravidezes por dia. A violência sexual contra

42 Marra Patricia Lanot y Licad, mais conhecida como Marra Lanot, nasceu no dia 17 de março de 1944 na cidade de Manila, Filipinas. A poetisa, jornalista e professora escreve seus textos principalmente em inglês e tagalo, eventualmente, em espanhol. Foi professora na Universidade das Filipinas. Desde a infância se mostrou encantada pela literatura, tornando-se uma renomada escritora feminista.

meninas é estarrecedora e os estupradores batem ponto a cada hora, sendo que a cada 10 vítimas, 7 são menores de idade (UNICEF, 2016).

Com o transcurso da pandemia de Covid19, a exploração sexual infantil se derrama para além das espreitas físicas. Muitas crianças se tornam vítimas pelo alcance virtual de perversos e perversos que agitam o universo obscuro do tráfico de pessoas. A pornografia infantil (fotografias, vídeos, transmissão ao vivo) é uma grande fonte de renda em razão da desigualdade social que assola o país, muitas crianças se vêem reféns das próprias famílias em troca de algum dinheiro ou material, a maioria com cerca de 11 anos de idade, 86% são meninas. O ciberespaço amplificou as possibilidades de cobertura dos predadores sexuais (principalmente dos países desenvolvidos) de modo a configurar a mais moderna face do tráfico humano e é contra isso que todos temos que lutar. O país tem sido considerado o epicentro do abuso sexual online (WORLD HOPE INTERNATIONAL, 2020).

Desafortunadamente, o governo filipino perfaz de modo ínfimo os padrões necessários para a erradicação do tráfico humano. A república de praias paradisíacas sofre frequentemente com os ímpetus da natureza que machucam seus nativos, principalmente, os menos favorecidos. Na rota de 20 tufões por ano, os traficantes se aproveitam da vulnerabilidade de mulheres e crianças para as submeterem à exploração sexual. Para muitas, essa é a única opção possível para conseguirem suprir suas necessidades básicas, sendo a fome, uma crueldade manipulada pelos gananciosos bestas-feras. Estima-se que por ano, cerca de 300 a 400 mil pessoas, sobretudo, mulheres e crianças, são traficadas para o mercado do sexo e trabalho escravo, sendo que o recrutamento ilegal se camufla pela ferina indústria do turismo. Calcula-se que o número de pessoas vivendo sob à escravidão moderna nas Filipinas seja superior a 780 mil, ou seja, mais de 60% da população se encontra em condição de vulnerabilidade (WALKFREE, 2018).

Sobre o tema, Jojo, com tristeza me esclarece:

O governo dá muita ênfase à questão do combate à exploração sexual. Mas, infelizmente, o governo Duterte se aliou com as menores parcelas da população e não com a maioria que sofre. Os militares e a polícia se tornaram controláveis pelo governo e há uma cultura da impunidade, pois o próprio presidente lhes assegurou proteção e não importa que pobres e inocentes sejam mortos. Muitas mulheres que estão afundadas na pobreza, estão suscetíveis à exploração sexual que se encontra desenfreada no país.

Em tempos de desastre e pandemia, a situação fica ainda pior. O lockdown militarizado aumentou a vulnerabilidade das mulheres ao abuso, e sistematicamente, negou o acesso das mulheres à proteção e à reparação contra uma situação de fome, pobreza e falta de proteção social, especialmente entre mulheres pobres, sendo que elas também são, primariamente, responsáveis pelos membros de sua família e compõem a renda familiar. Elas tentam, por todos os meios possíveis, simplesmente, colocar comida na mesa. Muitas são lançadas para o mundo e usadas por oportunistas no mercado do sexo.

Então, se você quer saber como é ser uma mulher nas Filipinas, digo que é uma condição, é um desafio, sabe? É um desafio ser uma mulher vivendo em um governo cruel, draconiano e misógino. Uma mulher que afirma e defende seus direitos é facilmente taxada como terrorista por esse atual governo, em um governo onde o presidente prioriza a assinatura de leis de terrorismo ao invés de priorizar suporte médico para as pessoas em época de pandemia. As pessoas comuns não têm outra escolha senão lutar para se protegerem e darem suporte umas às outras.

As Filipinas sempre estiveram no top 10 no índice Global de Igualdade de Gênero por mais de 5 anos. A situação das mulheres é semelhante as de outros países: aquelas com menor renda são marginalizadas. Superficialmente, a igualdade entre homens e mulheres parece estar funcionando. Entretanto, as mulheres com menor poder aquisitivo experienciam a desigualdade e a discriminação, as mulheres trabalhadoras sofrem a discriminação no seu trabalho e precisam trabalhar em ambientes opressivos, principalmente aquelas que trabalham nas fábricas e zonas de processamento de exportação. Nas zonas rurais, mulheres que trabalham com suas

famílias, são ainda mais empobrecidas, devido à Lei Antiterror⁴³, assinada pelo Presidente Duterte.

Então, a violência contra as mulheres e crianças é desenfreada, mesmo antes da pandemia, sendo uma criança abusada a cada 10 minutos. A omissão do governo em proporcionar proteção econômica e social para as mulheres e crianças durante a pandemia agravou a situação de abuso e exploração sexual. E, pior ainda, pois com um lockdown militarizado, as vítimas estão mais propensas a estarem presas com seus abusadores pela imposição de horários de recolher e restrições de mobilidade às pessoas. Essa é a situação das mulheres no nosso país como um todo. Embora se diga que este é um Estado democrático e apesar de termos uma forma de governo presidencial com Congresso e Senado, na verdade, o presidente Duterte exerce uma forma draconiana e autoritária de governo, com um método de liderança tirânico sendo executado.

Um Estado democrático! Esse tem sido o sonho e o manifesto da civilização moderna como trilha para a consolidação da liberdade, igualdade, respeito e justiça social. Às vezes tenho pesadelos de olhos abertos com matadores que acossam a democracia. Esses são homicidas travestidos de políticos eleitos pelo voto do povo e acobertados pelas grandes mídias golpistas. No meu tormento bizarro, eles esburacam velas sombrias que são camufladas pelo discurso distorcido da soberania e da ordem, porém, aos milhares, soterram vivos na vala da pobreza e profunda desigualdade social. Ao lado, uma cova funda onde inumaram a ética e a justiça em nome da ganância e do poder.

A morte da democracia é conclamada por aqueles que dela usufruem. Agonizando no surreal, quero ir dormir para ver se acordo sem a

43 Em 3 de julho de 2020, o presidente das Filipinas, Rodrigo Duterte, sancionou o Projeto de Lei Antiterrorismo que amplia a definição de terrorismo e, desta maneira, cria uma guerra ideológica em torno do termo “terrorismo” para justificar abusos de poder contra aqueles que se opõem ao seu governo. Algo parecido com o Ato Institucional Número Cinco (AI-5), expedido pelo governo militar brasileiro pós golpe de estado em 1964 e que foi dispositivo para prisões, torturas e assassinatos àqueles que divergiam das imposições ditatoriais.

assombração de “gentes de bem” que vociferam por ditaduras, torturas, varreduras, coerções, negacionismo e atentam contra a laicidade. Tenebroso, é apelido na descrição do cenário de meu sonho. Maria Ressa⁴⁴, jornalista filipina e feminista, disse o seguinte:

Se você quer arrancar o coração de uma democracia, você vai atrás dos fatos. Isso é o que os autoritários modernos fazem. Você mente. O tempo todo. Então, você diz que são seus oponentes e os jornalistas que mentem. Uma mentira contada 1.000 vezes se torna verdade. Se você pode fazer as pessoas acreditarem que as mentiras são os fatos, então você pode controlá-las (RESSA, 2019).

Fico pensando: como a Democracia COM Justiça Social sobreviverá? Por certo que sem uma educação libertária e extraordinariamente humanizadora estaremos sentenciados às censuras e ao deserto de todas as formas de opressão e vassalagem. Os mais pobres, as mulheres e as crianças, continuarão sendo os maiores sofredores. Testilhando no pensamento para não me desviar da esperança esperançosa, pergunto:

Jojo, e como você vê a questão da educação para as meninas e as mulheres de seu país?

Eu acredito em uma educação transformativa que faz a pessoa se tornar sensível e apaixonada por transformações e possibilidades de trabalho. A educação deve ser idealizada para criar uma pessoa com pensamento crítico e científico. O problema da educação nas Filipinas é que ela muito comercializada e feita para atender ao mercado global de técnicos pouco qualificados. Veja, as Filipinas são um dos principais países na promoção de recursos humanos para servir o mundo. No presente momento, 2.4 mi-

44 Maria Angelita Ressa (1963) é jornalista filipina-americana, co-fundadora e diretora executiva da Rappler (<https://www.rappler.com/>) que luta pela liberdade de imprensa nas Filipinas. Maria tem sofrido perseguições políticas constantes e prisões por parte do governo Duterte. Foi forçada a pagar fiança nove vezes para permanecer em liberdade. A batalha do Rappler pela verdade e pela democracia foi o tema do documentário do Festival de Cinema de Sundance de 2020: “A Thousand Cuts”. Por sua coragem, recebeu vários prêmios internacionais.

lhões de Filipinos documentados trabalham fora do país, onde 60% são mulheres em trabalhos vulneráveis, como aqueles em serviços domésticos. E esse número não inclui as pessoas não documentadas. As novas escolas e as universidades que oferecem educação de qualidade são aquelas da área técnica ou vocacional, justamente por serem muito comercializadas. Nas Filipinas não há impedimentos para que as meninas iniciem seus estudos ou restrições à educação às mulheres, o problema é que elas não têm condições de terminar a escola por razões econômicas.

Vivemos em uma sociedade bastante desafiadora por causa dessa visão do patriarcado e da cultura do macho. A violência contra as mulheres e crianças acontece sem parar nas Filipinas. A cultura do macho adota a culpabilização das vítimas e os estigmas às mulheres abusadas. E isso contribuiu para uma cultura de silêncio entre as vítimas, onde apenas 34.6% delas relataram às autoridades. Infelizmente, essa cultura patriarcal feudal ainda é embutida na nossa sociedade, onde mulheres são consideradas “ideais” se se tornarem subservientes aos homens e às autoridades. Alguns conservadores dizem que um relacionamento problemático ainda pode ser salvo por conta da paciência e perseverança [resistência] das mulheres.

Temos enfrentado problemas para transformarmos as declarações internacionais em leis, como por exemplo, a Declaração dos Direitos Humanos ou a Declaração da Saúde Reprodutiva, também sobre o divórcio, tal como foi proposta por alguns legisladores. Em conjunto com a cultura patriarcal feudal vem a questão da castidade das mulheres filipinas, não apenas entre os católicos (cerca de 80% da população), mas também entre outros atos religiosos, inclusive, grupos influentes na política e administração.

Jojo tocava em um ponto nevrálgico que, similar, sempre ronda as discussões no Brasil. Não faltam discursos nas campanhas eleitoreiras em defesa ao ensino técnico, ou seja, à educação profissional. Por que será? E não é incomum que muitos pais e mães ralhem com sua prole: “– Para que esse negócio de filosofia e sociologia na escola? Você tem é que aprender um ofício e ir trabalhar”.

Acontece que esses discursseiros não dão ponto sem nó. Não pretendo macular essa página eternizando nomes de quem legisla em contraposição aos interesses e demandas do povo que não se abriga na burguesia ou na elite dominante. Mas copio e colo suas frases sórdidas armazenadas no acervo imperecível da internet: “Tem que cortar a universidade, tem que cortar [...] quem não tem (dinheiro), não faz”; “as universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual, que não é a mesma elite econômica”; “há uma certa tara por parte da garotada em ter um diploma”. Essas falas são flambadas nas caldas da ganância pelo dinheiro e, conseqüentemente, pelo poder e controle social de quem sabe que a educação liberta o oprimido da ignorância que o encurrala à garganta do capital predador.

Há uma relação figadal entre o ensino técnico e o capitalismo selvagem uma vez que aqueles impossibilitados de conquistarem uma formação superior, frequentemente, têm salários muito inferiores aos que concluíram a educação superior. A lógica mercantil é cruel: a precarização do trabalho e o excesso de cidadãos em busca des-esperada (que deixou de ter esperança) de um trabalho que lhes permita botar comida no prato, trança um sem-número de indivíduos com tênue qualificação profissional a se resignarem à exploração do mercado. E aqueles que governam para os ricos, escancaram-lhes as comportas do enriquecimento indecoroso por meio da oferta de um Bê-á-ba mirrado de uma educação libertária que ensina a pensar ao invés de domar à obediência e à sujeição.

Aos incautos é distribuído o farelo do serviço abusado como mais meritoso que o tempo passado na escola, que o patrão tacanho é sagaz enquanto a professora é inepta, que qualquer trabalho é melhor que carregar livros. E é assim que milhares de crianças, principalmente meninas, evadem da escola na época de colheita, são forçadas a desistirem de estudar para se casarem ainda tão jovens, têm seus sonhos escapados pelo ralo da dependência econômica de um marido, de um patrão, de um volume de políticos escarnecedores da equidade e da justiça social.

Assim como nas Filipinas, no Brasil e na maioria dos países da América Latina, África e Ásia, o povo sofre – as meninas e as mulheres padecem – a acintosa carência de uma educação libertária, inclusiva e genuinamente democrática.

BONSAI

Tudo o que eu amo
 Eu dobro uma vez E mais uma vez
 E guardo em uma caixa
 Ou uma fenda em um poste oco
 Ou no meu sapato.
 Tudo o que eu amo?
 Ora, sim, mas no momento...
 E para sempre, ambos.
 Algo que dobre e fique fácil,
 um bilhete do filho ou uma gravata vistosa do pai,
 um retrato roto de uma rainha,
 um xale azul indiano,
 até mesmo uma nota de dinheiro.
 É uma sublimação total,
 Um feito, o controle deste coração
 Momento a momento
 Para reduzir todo o amor
 Ao tamanho de uma mão em concha
 Até que as conchas do mar sejam pedaços quebrados
 Dos próprios dentes brilhantes de Deus,
 E a vida e o amor sejam reais
 Coisas que você pode correr e entregar sem fôlego
 À mais mera criança.

(TIEMPO, s.d *apud* VERIC, 2003, p. 274-275, tradução minha)⁴⁵.

45 Edith Cutaran Lopez-Tiempo nasceu em 22 de abril de 1919 em Bayombong, Nueva Vizcaya, nas Filipinas. Poetisa, escritora de ficção, professora e crítica literária, foi

Jojo, que sonho e que dor habitam seu coração?

Sonho com tranquilidade. Isso significa o sonho de ver o meu país se tornar uma sociedade onde a liberdade genuína e a justiça social predominam, onde as mulheres e crianças desenvolvem o seu potencial, onde cada filipino viva seu papel social com dignidade. E espero estar viva e bem para quando esse dia chegar!

Eu sinto a dor da crueldade e da falta de coração. Isso significa que sinto a dor da condição em que meu país se encontra. Vê-lo se afundar com um governo corrupto e solitário, que é subserviente do poder externo, que nunca dá valor à vida e aos direitos humanos e que degrada a dignidade do povo.

Sílvia, “muchas gracias”, eu queria poder dizer isso em português [risos]. Sinto-me honrada por fazer parte desse projeto que é tão importante para as mulheres. Ainda vamos nos ver e nos comunicar!

Jojo se enternece de amor à causa das meninas e mulheres de seu povo, sua com-paixão muito me tocou. Já passou da meia-noite aqui no Brasil, meu filho ressona tranquilo ao meu lado. Minha irmã filipina, imagino, deve estar pela hora do almoço, lá do outro lado do planeta. Um dia gostaria de lhe abraçar...

reconhecida como uma das principais escritoras filipinas. Suas obras são consideradas profundas e riquíssimas. Ela recebeu diversos prêmios literários ao longo de sua vida. Faleceu em 21 de agosto de 2011.

A DOR APÁTRIDA



Meu filho, às vésperas de completar 12 anos, perguntou-me: – Mamãe, qual é o sentido da vida? Respondi sem titubear: – O sentido da vida é viver a vida! Passar a existência na espera que tudo se arranje e se alinhe para então ser feliz, nunca me seduziu desígnio. Minha avó dizia: – Com o andar da carroça as abóboras se ajeitam. E, de peito aberto, carreguei em minha esperança esse otimismo de que tudo passa e que nada é para sempre.

Diante de tanta gente rica infeliz, de várias personalidades famosas que se decidiram pelo autoextermínio, a máxima “dinheiro não traz felicidade” poderia assentar logicidade. Acontece que a vida sem dinheiro ou com pouco dinheiro, é árdua! Vivemos em um planeta em que o vil metal é a base de troca para comida, água, saúde, moradia, segurança, dentre tantas outras demandas humanas que poderíamos passar a semana listando. E quanto mais selvagemmente capitalistas nos tornamos, mais apegados a matéria que a ferrugem corrói, nós ficamos.

Não sei se digo que acho engraçado ou se já descasco a imposturice das instituições religiosas que admoestam seus fiéis para que não sejam avaros e contribuam com toda sorte de dízimos e ofertas para suas igrejas, para a obra de Deus, enquanto muitos deles, principalmente os pastores midiáticos do “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, traem seu povo com o cinismo e perversidade tão próprios de sua ganância. Sacerdotes riquíssimos que são donos de canais de televisão, mansões, fazendas, aviões, carros luxuosos e que não se cansam de usurpar do pouco que tem o pobre crente de alma cansada. Muitos desses anátemas não passam de politiqueiros, caducos da mensagem que outrora abraçaram de seu Mestre Ungido:

Alguns publicanos também vieram para serem batizados. Eles perguntaram: Mestre, o que devemos fazer? Ele respondeu: Não

cobrem nada além do que lhes foi estipulado. Então alguns soldados lhe perguntaram: E nós, o que devemos fazer? Ele respondeu: Não pratiquem extorsão nem acusem ninguém falsamente; contentem-se com o seu salário (Lucas 3:12-14). Dê a quem lhe pede, e não volte as costas àquele que deseja pedir-lhe algo emprestado (Mateus 5:42). Há maior felicidade em dar do que em receber (Atos 20:35b) (BÍBLIA SAGRADA, 2009).

Esse mesmo Mestre disse para o jovem rico vender seus bens e dar aos pobres (Mateus 19:16-30). Orientou que seus seguidores alimentassem os necessitados (Lucas 14: 12-14) e doassem àqueles que pedem (Lucas 6:30). Consolidou o entendimento que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Tudo bem diferente do que temos ouvido e visto daqueles que se amoitam em bancadas religiosas no parlamento e na mídia.

A advertência também está lavrada no Alcorão do Islã e no Dhammapada de Buda como maneira de reconhecer e se sustentar nos preceitos do credo em vida:

E não serão nem as vossas riquezas, nem os vossos filhos que vos aproximarão dignamente de Nós; outrossim, serão os crentes, que praticam o bem, que receberão uma multiplicada recompensa por tudo quanto tiverem feito, e residirão, seguros, no empíreo (AL-CORÃO, 34:38).

89. Aqueles cujas mentes atingiram a excelência total nos Sete Factores de Iluminação, que, tendo renunciado à ganância se alegram no desapego – livres de obstáculos, brilhando com sabedoria, alcançam o Nibbãna nesta mesma vida. 248. Sabe, ó homem bom: as coisas más são difíceis de controlar. Não deixes que a ganância e a maldade te arrastem para uma miséria prolongada (BUDDHARAKKHITA, 2013, p. 38, 90).

O mercantilismo de bênçãos está institucionalizado no Brasil e em territórios afora de modo que sua força saca o que há de pior nas religiões: o fanatismo político-religioso que apregoa a intolerância religiosa, o sexismo, o sectarismo, a misoginia, a austeridade – nichos aniquiladores do patriarcado que coloniza corpos, almas, espíritos. Se a etimologia

de “religião” enuncia o “respeito ao sagrado”, sem dubiez, não se trata de prestígio ao des-amor, opressão, abuso, extorsão, perseguição, violação e aniquilação das mulheres. O “religare” é a sacra ligação com os preceitos do fundador de Humanidade: o Amor.

Se dinheiro traz felicidade? Com certeza, o amor ao dinheiro ao invés do amor às pessoas, tem trazido mais guerras, mais genocídios, mais estupros, mais abandonos, mais fome, mais miséria, mais desigualdade social, mais perseguições, mais exclusões, mais marginalismos, mais violências, mais desastres ambientais, mais metamorfoses de humanos em bestas-feras pela rendição à ganância e ao poder que multiplica e desvia riquezas.

Se o dinheiro traz felicidade? O dinheiro possibilita a troca e a aquisição de “coisas” importantes, desejadas e necessárias ao ser humano. Quem dera vivêssemos de outra forma, sem o dinheiro como base de câmbio e consequimento. Quem dera cultivássemos, inventássemos maneiras de viver em sociedade sem que nada faltasse a ninguém. Mas essa possibilidade está descartada! E se não bastasse tudo ter um preço, na maioria das vezes, esse custo é bem mais alto que a maioria das pessoas da América Latina, África e Ásia pode pagar. Da comida à bebida, da educação ao trabalho, da saúde reprodutiva aos cuidados no parto, da criação dos filhos à solidão, da moradia à segurança, do lamento à justiça, das cobranças sociais à independência financeira – em cada trincheira dessas há uma mina explosiva que se detona sistematicamente contra meninas e mulheres. Piratas não dão tréguas.

Hoje é domingo de páscoa.

No dia da ressurreição, o Brasil registra 331.433 mortos pela Covid19. Há 1 ano ficávamos perplexos quando a Itália irrompia 1.000 mortos por dia. Parece que nos cristalizamos diante do Coronavírus e da ignorância que castiga o país quando em plena semana santa, 3.869 pessoas expiraram em 24 horas, dessas, cerca de 75% das mortes poderiam ter sido evitadas (HALLAL, 2021). Do Oiapoque ao Chuí são incomensuráveis o calvário e a tortura praticada por um Governo Federal e Congresso Nacional que se embotam nas decisões sobre esmolar um auxílio emergencial de R\$ 150,00

a R\$ 375,00 para os miseráveis da República das Bananas enquanto se dou-ram com R\$ 37 milhões por ano de auxílio-paletó e com salários de mais de R\$ 33 mil embolsam pra lá de R\$ 1.544.000,00 de auxílio-moradia, além de reembolso de mais de R\$ 135 mil para gastos com saúde e verba de gabinete que nos afrontam na peleja cotidiana. Asco!

Em Cox's Bazar, Bangladesh, a segunda-feira eclode e o dia será tórrido. Cerca de 45 mil Rohingya vivenciam a catástrofe de verem seus cantos devastados por um incêndio que perdurou por cerca de 10 horas. Cantos e cantos talados. Cantos de frágeis barracas de lona e bambu, cantos de lágrimas embargadas na garganta. Nos mais de 3 mil hectares do campo de refugiados de Hakimpara, a densa fumaça escura só não é capaz de sufocar a aflição da minoria étnica muçulmana mais perseguida do planeta.

Os Rohingya têm um dialeto próprio, há narrativas que eles se encontram presentes em Myanmar desde o século XII (antiga Birmânia até 1989), país majoritariamente budista do sudeste asiático, mas não fazem parte dos 135 grupos étnicos reconhecidos pelo governo, sendo considerados e odiados como imigrantes oriundos de Bangladesh. Os Rohingya afirmam serem descendentes de mercadores muçulmanos que foram levados para Myanmar no século XIX por ocasião da exploração ultramarina da Inglaterra. São um povo sem Estado e com mais de 1 milhão de pessoas que sofre profundas restrições quantos aos direitos de cidadania, sem acesso à educação e saúde, sendo taxadas como apátridas, ou seja, sem qualquer nacionalidade e sem direito a voto. Por motivos étnicos e religiosos, eles têm sido brutalmente perseguidos e marginalizados. Myanmar, ex-colônia britânica, é um dos países mais pobres da Ásia que sucumbe às consequências de um século de colonização inglesa, extensa guerra civil, golpes militares e complexos conflitos identitários.

Os Rohingya são alvo de limpeza étnica em Myanmar, tiveram suas casas queimadas, muitos foram assassinados por soldados e idosos decapitados por milícias budistas que não os toleram no território, centenas de meninas e mulheres foram vítimas de estupros, cerca de 20 vilarejos inteiros massacrados e incendiados pelos ataques militares do

governo que negou o genocídio. Quase 7 mil pessoas, incluindo crianças, foram mortas ferozmente. Em 2017, cerca de 700 mil Rohingya muçulmanos fugiram em desespero para Bangladesh, país vizinho, e vivem em campos para refugiados. Outros se deslocaram para a Malásia, Índia, Nepal e Estados Unidos. Após de 3 anos, acredita-se que mais de 1,2 milhão viva em condição precária como refugiado, sendo cerca de 600 mil em Bangladesh. Com a pandemia, os resultados podem ser ainda mais catastróficos para este povo tão sofrido em razão da insuficiência de instalações sanitárias que obrigam as famílias a dividirem banheiros, além das barracas superlotadas, falta de água potável e carência de meios de conscientização sobre as medidas para a contenção da Covid19. Tristemente, mais de 135 mil crianças vivem sem acesso à educação (OXFAM, 2020).

VERMELHO

Vermelho é uma cor forte,
 Assim como o sangue
 Eu tenho fobia do sangue vermelho
 Como isso me lembra _ o campo de matança
 O oceano de sangue
 Isso foi em 2017 no meu país, Myanmar;
 Eu tive que fugir.
 O fogo também é vermelho
 Mas eu tenho fobia disso
 Isso me lembra _ o campo ardente
 E agora os campos de refugiados em chamas.
 Devo ser tão corajosa quanto o vermelho
 Para lutar pelo meu país como um soldado
 Vermelho é tão forte
 Assim sou eu

(BIBI, 2022, p. 5-6, tradução minha)⁴⁶.

46 Ishrat Bibi nasceu e cresceu em Boli Bazar (Kyein Chaung), município de Maungdaw, estado de Rakhine, Myanmar. Durante o genocídio de agosto de 2017, sua

Dinheiro não traz felicidade? Será que se essas pessoas não vissem na extrema pobreza, elas seriam tão atormentadas? Religiões não garantem amor ao próximo e deuses não têm nada a ver com nossas escolhas nefastas de viver e des-conviver com as outras pessoas. Dinheiro e poder são as molas de um paradigma da distorção que se configura como um implacável estilo de vida daqueles que não se cansam de acumular riquezas em detrimento da vida de milhares (ORRÚ, 2020).

Não foi fácil alcançar meu objetivo de conversar com uma mulher Rohingya. Foram mais de 6 meses de busca e contatos frustrados. As barreiras de comunicação com a língua Rohingya que é um idioma indo-ariano próximo ao bengali, a impossibilidade de ir pessoalmente ao campo, as dificuldades de encontrar alguém que tivesse acesso à conexão de internet, a superação do estranhamento e da desconfiança do convite enviado do outro lado do planeta, os contratempos de fuso horário e a hesitação de compartilhar dores, fazem desse encontro com Tasmida Johar algo muito especial para mim.

Já era tarde da noite quando meu coração me cutucou para que eu tentasse, uma última vez, encontrar uma mulher Rohingya para compartilhar sua história comigo. No cruzamento de palavras-chave em inglês, vi uma pequena reportagem da UNHCR/*Asia Pacific*, sobre uma jovem que se destemia à universidade. Revirei o Google até a encontrar. Enviei um e-mail e em poucas palavras, ela me deu um sim.

Irrequieta, aguardava o momento de fazer a vídeo-chamada. Ela não estava ali. Fiquei frustrada. Pouco depois, recebi uma mensagem de que uma consulta médica inesperada havia acontecido. Animei-me e reagendamos o encontro. Ávida, cliquei no link de chamada, respirei, esperei, e ela surgiu acompanhada de seu irmão que lhe daria suporte, caso as pala-

família foi forçada a fugir para Bangladesh. Sua entrevista e outros poemas estão publicados no *The Art Garden Rohingya*, que é a primeira plataforma de poesia e arte da comunidade Rohingya. Confira em: <https://www.theartgardenrohingya.com/interview-with-the-artist-ishrat-bibi/>

vras em inglês lhe escapassem. Usava um *Hijab* vermelho muito bonito que contrastava com sua pele clara. Com olhos ternos e doce voz, conta-me:

Tenho 22 anos e sou do Myanmar. Saímos de Rakhine quando eu tinha 6 anos de idade. O governo do Myanmar não gostava das pessoas Rohingya e estava sempre fazendo coisas ruins contra nós, perseguindo mulheres e crianças. Não havia educação após a décima série de modo que a maioria das meninas acaba se casando muito cedo para evitar a violência de gênero contra as mulheres.

Atualmente, muitas pessoas estão saindo de Myanmar, o governo e os militares vão nas casas e estupram mulheres e crianças, eles dizem: “– você não é desse país”. As pessoas estão deixando suas casas em fuga para Bangladesh. A todo tempo eles dizem “– você é bengali, você não é desse país, vá para outro lugar, qualquer lugar onde quiser, menos aqui”.

Meu pai era um homem de negócios em Myanmar e na nossa comunidade, nós costumávamos ter dinheiro, mas eles chegavam e tomavam tudo de nós. Meu pai ficou na cadeia por 6 meses antes de sairmos do país. Não apenas meu pai, mas muitas pessoas estão tendo que lidar com esse governo autoritário. Simplesmente vinham com o exército e tomavam todo nosso dinheiro.

Em 2002 nós fugimos de Myanmar e em 2005 nós fomos viver em Cox's Bazar com os moradores do local. Vimos muitas famílias sofrendo, era uma condição horrível. Era muito difícil viver no campo de refugiados e não tinha, sequer, banheiro separado para as mulheres.

SOU ROHINGYA

Nasci de costas cansadas, corpos exaustos,
 procurando provisões
 tão difíceis de encontrar,
 andando quilômetros carregando água
 para cabanas improvisadas,
 sem ajuda
 – água ou lama,

você tem que beber para sobreviver.
Nasci de estômagos vazios,
línguas secas e lábios ressecados,
de fome de comida e água
por meses a fio.
Nasci do sorriso torto forçado
borrado pelas lágrimas,
do lento esmorecer da resiliência.
Nasci como um dos esquecidos,
daqueles que o mundo não se lembra bem.
Mas pelo menos eu nasci,
então você pode me ouvir falando,
então você, o mundo, pode ouvir.
Isso pode levar gerações para consertar,
nossas perdas são insubstituíveis.
Sentimos o gosto do medo em cada respiração.
Não basta esperar
a generosidade de mãos que ajudam
ou vozes consoladoras,
quero os ouvidos do amor,
o coração da justiça
que acredita
que por mais que sejamos vítimas
há potencial em nossa contribuição social.
Há mais em ser Rohingya do que êxodo
(ULLAH, 2019, p. 4-5, tradução minha)⁴⁷.

47 Yasmin Ullah nasceu em 1992 no estado de Rakhine (antes chamado de Arakan), em Myanmar (antiga Birmânia). No ano de 1995, em fuga de Myanmar em razão da violência dos militares contra seu povo, sua família se foi para a Tailândia, onde se tornaram apátridas. Eles foram obrigados a viveres escondidos e com documentos falsos para que Yasmin pudesse frequentar a escola. Em 2011 eles conseguiram ser apoiados para se radicarem no Canadá. As doloridas vivências junto ao massacre de

Em Myanmar, os Rohingya não têm permissão para estudar além do que seria o ensino fundamental II. Eles também não têm acesso a empregos públicos ou privados. No exílio abissal do campo de refugiados de Bangladesh, crianças e jovens não têm permissão para frequentar escolas oficiais. Cerca de 315 mil crianças Rohingya têm acesso apenas à educação informal que têm sido promovida por atores humanitários. Elas vivem o terror de um futuro incerto e pela carência de estudos e formação para o mundo do trabalho, são mais vulneráveis às barbáries do tráfico, do casamento em idade precoce, exploração e violência sexual.

Se, igual a mim, você vive em uma residência confortável com água encanada em abundância, chuveiro quente, vaso sanitário privativo, energia elétrica, se você tem geladeira, fogão, uma cama convidativa, roupas macias, filhos em segurança, se você não vive assombrada pelo medo de ser violentada e com sua alma assaltada de ser lançada para atrás do sol, possivelmente seja intocável o pensamento acerca da sobrevivência em um assentamento para refugiados. Esgotos a céu aberto que são o cerne de poluições e surtos de enfermidades. Abrigos frágeis, feitos de bambu, onde o esforço para se dar um toque acolhedor e familiar é o retrato da coragem de se manter apegada à vida. Menos de 35% das pessoas têm acesso a água potável, milhões tomam água altamente contaminada por arsênico, milhares de outras matam a sede com água de fontes com contaminação fecal (UNICEF, 2018). Trilhar distâncias para transportar litros de água nos braços ou equilibrá-los na cabeça para depois fervê-los, lentamente, sob o apuro da insuficiência de lenha para ascender suas pequenas fogueiras ao lado de seus lares onde quase tudo falta, menos o desespero que abunda, é o cenário aberrante da invisibilidade do amor humanitário cuja chama é miúda frente à gigantesca ganância e indiferença das bestas-feras da alta-roda dominante. Na melhor das hipóteses, cozinhas comunitárias doadas com fogões a gás de duas bocas que são

seu povo levaram Yasmin a se tornar uma ativista pelos direitos humanos do povo Rohingya ao lado de outros militantes que vivem no Canadá. Yasmin é uma potente voz de alcance internacional contra a opressão ao povo Rohingya.

Cf.: <https://www.voicesinexile.me/Home/cpl63xxa86c42wc4hwpmqengy0clnr>

colocados no chão, são o respiro de centenas de mães que se revezam todos os dias no cozinhar para suas famílias enquanto se apoiam e edificam esperanças para dias melhores. Muitas dessas mulheres com seus filhos assistiram seus companheiros serem torturados e mortos. Elas encontram entraves descomunais para exercerem e terem suas vozes ouvidas. O fardo das mulheres Rohingya é colossal!

Meu coração se exprimia diante das sequelas hostis de preconceito e discriminação aturadas por aquelas mulheres. Quanta dor, esquecimento e silenciamento imponderáveis! Com diligência, perguntei-lhe: – Tasmida, onde você está vivendo neste momento?

Fugimos para Delhi em 2012. Agora, vivo na Índia. Minha família e eu estamos na Índia. Temos muitos parentes em Bangladesh e eles dizem que lá a situação é melhor do que em Myanmar.

Muitos noticiários bombavam informando que Tasmida era a primeira mulher Rohingya a adentrar à universidade na Índia. Eu estava arrebatada com essa sua conquista e desejosa de ouvi-la. Esse havia sido o principal motivo de meu êxito em lograr um encontro com ela. Curiosa, indaguei-lhe sobre seu processo de aprovação.

Estou estudando Bacharelado em Ciência Política na Universidade de Delhi, na Índia. Sou a primeira moça Rohingya a ser aprovada numa universidade deste país. São 40 mil Rohingyas vivendo na Índia e sou a primeira a ter uma voz. Ser a primeira me deixa muito feliz, mas ao mesmo me sinto muito mal por ser a única. Muitas vezes me pergunto sobre a vida daquelas pessoas que viveram antes de mim. Minha vontade era ser médica para ajudar minha comunidade, pois quase não há médicas para atender e tratar mulheres e meninas Rohingyas. Quando viemos para a Índia eu não tinha nenhum documento oficial e aqui nós precisamos fazer um exame admissional para estudarmos. Eu deveria estar matriculada em uma escola regular. Apesar do meu irmão e eu visitarmos várias escolas, por não termos documentos oficiais, nenhuma se dispôs a oferecer a admissão. Os exames eram muito rigorosos e não tínhamos todos os recursos financeiros

para eu me matricular em uma instituição privada. Assim, eu decidi estudar e me tornar uma advogada para lutar pelos direitos do meu povo.

Meu primeiro poema é sobre filha. Em nossa sociedade, as meninas são discriminadas, elas têm que enfrentar a violência doméstica, precisam de dote para se casar, não têm oportunidades iguais de acesso à educação. Trabalhando em uma ONG, encontrei mulheres e meninas discriminadas e maltratadas. Elas sempre compartilham seus sentimentos comigo. Então escrevi este meu primeiro poema:

TENDO ORGULHO DE SUA GRANDE FILHA

Neste mundo,
dar à luz a uma filha bebê deve trazer mais orgulho
do que ter o dom dos tesouros,
porque ela é mais preciosa do que eles.
Uma mãe que deu à luz a uma filha
não deve ser tratada como se tivesse cometido um crime.
E as filhas não devem ser consideradas um fardo.
Elas devem ser consideradas como a bênção de Deus
(SHAHIDIA apud ARCARO, 2019, p. 1, tradução minha)⁴⁸.

A garra de Tasmida se entranhava em seus objetivos mesmo apesar das incalculáveis dificuldades já experimentadas. A primeira grande conquista foi convencer, com a ajuda de seu irmão, que seus pais a deixassem seguir nos estudos. Ela agarrou a oportunidade possível com todas as suas

48 Shahida nasceu na Divisão Irrawaday situada em Myanmar. Em 2019 ela foi entrevistada pelo professor de sociologia, Tom Arcaro, da Elon University, Estados Unidos, e lhe contou: “Eu tenho 23 anos de idade. Em 2000, minha família foi deportada para o estado de Rakhine, onde vive a maioria dos Rohingya. Em 2012, me formei no ensino médio, mas não pude continuar meus estudos e tenho que trabalhar para sustentar minha família. Trabalhei como intérprete em MSF até 2017. Em 2017, tivemos que fugir para Bangladesh. Agora estou morando em Bangladesh, em um campo de refugiados” (ARCARO, 2019).

forças. Por meio de programas sociais, ela conseguiu ser admitida em um curso de Humanidades que ofertava educação para meninas e mulheres que não haviam conseguido concluir seus estudos. Em 2019 com o apoio da DAFI (*Albert Einstein German Academic Refugee Initiative*) do governo alemão, Tasmida foi admitida no Bacharelado em Ciências Políticas da Universidade de Delhi. Importante dizer que no planeta, apenas 3% dos jovens refugiados estão matriculados em cursos superiores (UNHCR, 2020). Você consegue compreender a importância de haver políticas públicas (como bolsa de estudos e incentivo à pesquisa) para o acesso à educação superior voltadas às mulheres refugiadas como Tasmida?

Com a pandemia no ano de 2020, Tasmida e seus colegas passaram a ter aulas remotas, o que lhe foi um grande desafio. Grande parte dos estudantes na condição de refugiados não têm computadores e por isso precisam fazer uso dos celulares para assistirem as aulas. Não diferente do Brasil, inúmeros aprendizes enfrentam problemas de conectividade precária com a internet, fora o número insuficiente de aparelhos para conseguirem acessar as aulas, tendo em vista que algumas famílias têm vários filhos. Determinada, afirma que logo após a conclusão do bacharelado, prosseguirá seus estudos para sua formação em Direito.

Fico muito triste em saber que as crianças Rohingya não recebem uma educação adequada nos campos para refugiados. É muito difícil para nós, é dolorido saber que elas não têm acesso às oportunidades que as outras crianças têm – me diz Tasmida com voz embargada.

Você é uma referência para as mulheres do seu povo. Qual a importância da educação para as pessoas Rohingya e que tipo de educação seria importante para as mulheres de seu povo?

Tanto aqui na Índia como em qualquer outro país, as pessoas Rohingya não têm acesso a muitas oportunidades. Isso acontece por uma questão financeira, porque elas não têm dinheiro suficiente para custear sua educação. Em muitas ocasiões elas se sentem inseguras e com medo de serem perseguidas. Em Myanmar elas não podem cursar o ensino superior

e dificilmente conseguem sair para outros países para estudar, uma vez que não possuem documentos e são discriminadas pelo governo. É tudo muito difícil! Mas a educação é algo muito importante porque ela pode mudar a vida das crianças Rohingya que podem se tornar adultos autossuficientes. Nossos pais sempre nos dizem que a educação é a solução para a nossa comunidade, é importante para as mulheres do meu povo porque por meio dela nós podemos vocacionar nossos direitos e podemos levantar a nossa voz.

A penosa situação do povo Rohingya deveria ser tópico de brados em todos os microfones representativos dos países que compõem a intergovernamental Organização das Nações Unidas (ONU). A segurança e a educação dessas meninas e mulheres deveriam ser uma causa feminista de todas nós. O fim dessa barbaridade genocida tinha que ser pauta de todas as lideranças religiosas do planeta que levam a sério os pilares de sua fé e da paz como direito universal.

Há milhares de meninas Rohingyas envoltas em uma sombria des-esperança que anuvia os olhos no que tange a possibilidade de um futuro bom. A tenebrosidade da limpeza étnica é um terror concreto que essa comunidade tem enfrentado há anos. As restrições à educação é um caminho bem pensado e pujante para reprimir e impedir que essas pessoas avancem em suas vidas, conseqüentemente, é *modus operandi* para o extermínio dessa identidade cultural.

Das poucas crianças que tiveram acesso à educação, a maioria nunca pode frequentar com liberdade a escola. Foram nos seminários muçulmanos denominados *madrassas* ou nos centros de educação islâmica em mesquitas, conhecidos como *maktabs*, que elas alcançaram conhecimentos da educação básica. Grande parte das famílias não tem interesse em subsidiar a educação dos filhos, principalmente das meninas, porque não vêem no horizonte qualquer expectativa que lhes seja favorável. Aliás, aqueles com mais instrução foram os maiores alvos de abduções e homicídios. Dos raros que conseguiram estudar em universidades de Myanmar, obtiveram seus Cartões de Verificação Nacional que regulam Rohingyas como estrangeiros. Melhor explicando, para abraçarem o

ensejo, elegem a negação de sua identidade Rohingya como única trilha possível para o cume da emancipação. Sem educação não há dinâmica cidadã. Sem cidadania os Rohingyas viverão na dispersão, exilados em seu próprio território, enfeitados pelos outros Estados - serão imigrantes inundados pela invisibilidade abissal.

O que o Brasil, os países que se assentam à redondeza da mesa ONU, podem fazer pela causa dos Rohingyas? Espera, vou formular de outro modo: por quais motivos a tribo ONU ainda permanece desmazelada às questões cidadãs desse povo? Quem ganha e o que ganha por tamanho tampão na vista? Por que lavar as mãos frente as truculências das expedições de homogeneização? Quanto sangue as segmentações políticas verterão por ganância e poder? Até quando as minorias serão afligidas pelas altas rodas dominantes? Por quais gargalos sufocadores, a diferença que nos habita e nos constitui ainda cruzará? Que heranças des-humanizadoras legaremos às próximas gerações? Em que cisterna funda nossa Humanidade foi abrenunciada? – com que desgosto teclo cada interrogação.

Você está feliz vivendo na Índia? Que sonhos você tem? – pergunto.

Sim, estou feliz, mas eu gostaria de voltar para o meu país. Eu quero ser uma advogada e ativista dos direitos humanos, quero trabalhar pelo direito das mulheres e crianças de meu povo. Penso que todas as comunidades internacionais deveriam fazer mais por nós. As pessoas de outros povos podem exercer sua cidadania, podem ter seu passaporte junto delas, mas nós não temos direito a nenhum documento oficial.

Na Índia, mulheres em certas condições vão para o hospital e recebem a certidão de nascimento, mas em Bangladesh, eles não fornecem esse documento. Isso será um impeditivo complicado se futuramente eles quiserem ir para a escola e serem aceitos como cidadãos. Como nós que estávamos em Myanmar, eles também não têm educação adequada. Em algumas condições, essas crianças estão crescendo e nada está sendo feito por elas. Essas crianças se encontram sem educação, sem voz, sem direitos, sem cidadania. A negação de uma certidão de nascimento tornará a vida de nossas crianças muito difícil.

Estima-se que na Índia vivam cerca de no mínimo 40 mil Rohingyas. Inúmeras famílias vivem em acampamentos dos estados de Caxemira, Haryana, Uttar Pradesh ou Déli, Tasmida viveu neste último por 7 longos anos. Um sem-número dessas pessoas vive no limbo da perversidade política governamental que justifica a deportação alegando que eles se enquadram na categoria de imigrantes ilegais por não terem dado entrada formal e terem sido aceitos oficialmente como refugiados, por não terem possibilidades de provar um estado legal. Todavia, o governo da Índia bem como dos demais países, tem ciência da condição singular desse povo cujo direito aos seus próprios documentos de identificação e de identidade lhes foram usurpados.

A fronteira é o espaço de luta, fôlego e sobrevivência desse povo tão castigado. A fronteira é a esperança. Porém, para lá da beira, a dureza do estrangeiro garra à estrangulação.

Meu coração se condói enquanto busco uma forma de inserir o ponto final nessa narrativa tão única. Faltam 3 minutos para zero horas.

Sílvia, sou grata por você ter me deixado entrar no seu país. Muito obrigada! – despediu-se de mim.

Tasmida Johar é Voz.

MEU CORPO É VITÓRIA!



8M é o Dia Internacional de Luta das Mulheres e é recordado e celebrado em todos os países que fazem parte da Organização das Nações Unidas (ONU). Marca a história de luta e o movimento das mulheres trabalhadoras do remate do século XIX e rebento do século XX contra a exploração do trabalho guiada por patrões e governos abusadores. As mulheres também pleiteavam o direito a voto. Há mitos criados pelas tradições historiográficas dos Estados Unidos (manifestação das operárias do setor têxtil de Nova Iorque) e da Espanha (incêndio de uma fábrica têxtil no qual várias operárias morreram) em torno da data de 08 de março. Em seu livro “As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres”, a historiadora espanhola, Ana Isabel Álvarez González, aprofunda-se na história e nos traz elucidaciones importantíssimas sobre tais acontecimentos e motivações, vale muito a pena conhecer.

Foi em Nova Iorque, 1909, que o Partido Socialista Americano instituiu o último domingo de fevereiro como *Women’s Day*, cuja agenda principal de reivindicação era o sufrágio feminino dentre outras questões relacionadas aos direitos das mulheres. Em 26 de agosto de 1910, o Movimento de Mulheres Socialistas realizou a II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas na cidade de Copenhague, Dinamarca. Neste dia, Clara Zetkin, alemã e comunista, juntamente com suas companheiras de luta, demandaram que as mulheres operárias de todos os países organizassem um dia internacional dedicado à luta pelos direitos das mulheres. A primeira manifestação oficial ocorreu em 19 de março de 1911. Várias reuniões e manifestações aconteceram durante este período até 23 de fevereiro de 1917 (08 de março no calendário gregoriano), quando se deflagrou uma greve de operárias russas do setor de tecelagem. Para León Trotski, a greve de caráter espontâneo, seria o ápice da Revolução Russa de 1917. Após a segunda grande guerra (1945), os países que integraliza-

vam a União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) permaneceram celebrando a data para a formulação de políticas sociais que atendessem às demandas das mulheres.

Com o passar dos anos os sentidos e o significado do 8 de Março foram sendo distorcidos de modo que os padrões passaram a presentear as trabalhadoras com uma flor ou uma lembrancinha. Após a descensão da URSS, a data foi denegada como forma de rechaço ao antigo regime, além de ser satirizada pela mídia (GONZÁLEZ, 2010). Nos países ocidentais a data também foi desmemoriada, trazida novamente aos pulmões de luta nos anos 60. Re-visitando o passado para construirmos ainda hoje o nosso futuro como mulheres conscientes das muitas opressões que nos são mascaradas na forma de roupagens romantizadas de cuidado e delicadeza, estilizadas pelo patriarcado selvagemmente capitalista que nunca dorme, ricocheteio um trecho de Ana González:

Por trás da comemoração do Dia Internacional da Mulher se escondia a oposição vivida em quase todos os países europeus entre os poderosos movimentos feministas burgueses e os não menos influentes movimentos de mulheres socialistas durante os anos anteriores à Primeira Guerra Mundial. Ambos partilhavam a reivindicação do reconhecimento dos direitos básicos para o sexo oprimido (controle sobre suas propriedades, acesso às universidades e ao exercício de todas as profissões, reforma da lei do divórcio), mas, acima de todas, se encontrava a reivindicação do direito ao voto. Não é correta a ideia segundo a qual eram somente as feministas burguesas que lutavam pelo sufrágio. Essa era também uma reivindicação primordial para as socialistas que, além disso, se viam amparadas em sua disputa pelos partidos dessa ideologia. O direito ao voto era o símbolo mais poderoso da independência e da emancipação feminina. Ao reivindicá-lo se insistia na igualdade das mulheres, na capacidade que tinham para compreender a prática política e para participar ativamente nela. No entanto, a colaboração entre os dois movimentos, que se tratavam não somente com reticências, mas inclusive com certa hostilidade, tornou-se impraticável porque o abismo social que existia entre eles era insuperável. Não esqueçamos que o movimento feminis-

ta era formado por mulheres da classe média e alta, profissionais e independentes, enquanto o movimento socialista era formado por operárias ou esposas de operários, sem estudos e com filhos para criar e educar. As burguesas nunca poderiam compreender a realidade em que viviam as operárias, mas, sobretudo, resistiam a comungar com a reivindicação que estas faziam de uma revolução que colocaria em perigo seu status social e seus interesses econômicos (GONZÁLEZ, 2010, p. 153-154).

Não há dúvidas que o incêndio que ceifou a vida de 147 costureiras na fábrica *Triangle Shirtwaist* em 25 de março de 1911 foi dolorosamente expressivo para o movimento feminista. Elas trabalhavam amontoadas e recebiam U\$ 4,00 por semana de trabalho puxado de 12 horas diárias. Viviam em extrema pobreza. Muitos de seus filhos não podiam ir à escola, pois também precisavam trabalhar para que houvesse comida à mesa. Até a ida ao banheiro era cronometrada pela chefia. O trabalho aos domingos soava como chantagem ameaçadora para que tivessem a ocupação garantida na segunda-feira. Perseguições políticas desembocavam em demissões, sumiços e mortes.

Às 4h50 da manhã, labaredas de fogo tomaram o prédio e não havia nenhuma proteção ou equipamento que pudesse combater o incêndio, sequer havia saídas de emergência. O oitavo andar foi engolido pelas chamas e, posteriormente, ossadas carbonizadas foram encontradas no nono andar que havia sido trancado para que as mulheres não pudessem sair para resfolegarem o vigor e a valentia. Muitos corpos ficaram constrictos às portas. Outras inúmeras mulheres tentaram escapar pela escada de incêndio, mas a mesma não chegava até o solo de maneira que sendo impraticável voltar atrás, elas se apinharam, a estrutura cedeu e muitas tiveram seus corpos atravessados nas pontas de ferro de um cercado. Outras pularam e morreram no poço do pequeno elevador que não funcionava. As estreitas marquises ficaram lotadas de operárias desesperadas pelas chamas gigantes, pouco podia ser feito pelos bombeiros. De braços e coragem abraçadas, várias saltaram, mas as redes dos bombeiros se romperam e seus corpos cindiram a calçada. Por um telefonema exaltado, as tecelãs que se

encontravam no décimo andar conseguiram fugir para o terraço. O sangue de crianças, mulheres e homens banhava a rua da ganância e da bestialidade des-humana. As (in)justiças sociais estavam postas à prova.

O incêndio consumidor da vida de todas essas mulheres foi noticiado pelos quatro cantos do planeta. As condições de trabalho inclemente precisavam ser discutidas e barradas pelos governos. No entanto, esse era apenas mais um incidente que, isoladamente, não partejaria o Dia Internacional da Mulher. Após a Revolução Russa de 1917, o operariado feminino cevou força revolucionária e se movimentou como protagonista à ocupação de espaços para exigências no cenário trabalhista e político. Não foram poucas as marchas e manifestações públicas que aquelas mulheres concretizaram, embora, muitas vezes, frustração e opressão foram seus lauréis. A luta das feministas socialistas daquela época chancela o empenho indizível de edificar possibilidades para uma transformação absoluta das relações sociais que até hoje nós, mulheres, buscamos conquistar: a luta pela equidade de gênero que a Esquerda ainda parece não se ocupar, genuinamente, em sua agenda de ação política efetiva.

Quem precisa do movimento feminista?

Desprendo, bem vagarosamente, o ar de meus pulmões após profunda inalação de paciência histórica-emocional quando ouço uma mulher pobre ou da iludida classe média, teimar que não precisa do movimento feminista para usufruir de direitos humanos e sociais. E me ponho a matutar se a mulher da classe alta não teve tempo para encostar o supérfluo em algum canto de seu lar aconchegante e ler pelo menos 1 livro escrito por mulheres filósofas, romancistas ou poetizas, de literatura potentemente crítica, que lhe esfoliem o orgulho encapuçado pela cultura machista para atinar, de uma vez por todas, que foi o sangue e o suor de outras mulheres que lhe outorgou o direito de galgar caminhos que, até um dia desses, era estatuído pelos homens.

Veja ou outra preciso colocar a racionalidade para negociar com meu espírito fervoroso e explicar, serenamente, à mulheres e homens, que o feminismo não é o machismo ao contrário, que este papagaísmo é um

discurso altamente machista que visa, justamente, desqualificar as incalculáveis lutas travadas por mulheres de todas as épocas. Os princípios do movimento feminista dizem respeito: à equidade de gênero; ao usufruto de direitos humanos sem restrições nas mais diversas esferas sociais; à liberdade de tomarem decisões sobre seus corpos; ao paradigma do cuidado e da solidariedade; ao direito à livre expressão espiritual dentro e fora de sistemas religiosos organizados; à construção de sociedades não-violentas e de vida digna e sustentável; à libertação da opressão machista e da violência patriarcal e capitalista que maltrata, inclusive, os próprios homens.

Não raro, depois da pacífica aclaração, estilingam-me bodegas de amostras de fêmea que enfiou um crucifixo na vagina, que vestiu a cabeça de efígie sacra com preservativo, que acha bacana se drogar, que quer acabar com a família e destruir os homens, que é contra Deus, além de ser vadia e sem hábitos de higiene. É SÉRIO ISTO?

Atitudes apelativas e isoladas de uma minoria extravagante não são escoras para explicar ou desqualificar a importância histórico-social do movimento feminista. Há que se notar que não é tradição de partidos e governos conservadores de direita e extrema direita, principalmente nos países da América Latina onde o Brasil se encontra, defenderem e construir políticas públicas sociais para o acesso e gozo dos direitos humanos, aqui em específico, dos direitos das mulheres. Mas é uma herança cultural perversa dividir o mundo em direita e esquerda e indicar que é à direita que se encontram as mulheres mais virtuosas. Engodos recheados de comoção fortemente projetados para incitarem o ódio ao feminismo e, por tabela, à Esquerda.

Enquanto o machismo discrimina, menospreza, submete, oprime, odeia, espanca, maltrata, violenta, estupra, mutila, mata meninas e mulheres pelo planeta, o movimento feminista desbrava rotas para uma outra sociedade urgentemente necessária para todas as pessoas. No tempo em que a cultura de opressão machista estipula que as mulheres sofram caladas e obedeçam aos seus maridos, pais e irmãos em nome de deuses, o movimento feminista enfrenta essas barbáries e testilha pela equidade de gênero, pelo direito de as mulheres viverem suas vidas em

paz e com suas liberdades respeitadas. Na proporção em que o patriarcaldo entorna o paradigma da distorção para a manutenção de seu controle e poder na sociedade, o movimento das mulheres duela corajosamente em águas de piratas para promover a educação de meninas emancipadas, mulheres livres e meninos civilizados que se tornem homens que saibam respeitar as mulheres, aceitar as diferenças humanas e amar a Mãe Terra.

É preciso conclamar: Parem de nos matar! Parem de nos mutilar os corpos, a alma, o espírito!

No Brasil o #8M de 2021 alvorece re-entoando a melodia do hino da Resistência Italiana na luta contra o fascismo. *Bella Ciao* acolheu uma aclimação à realidade política brasileira combustada na campanha presidencial de 2018 que culminou na eleição do primeiro presidente flertante com ditadura desde a Constituição Federal de 1988. Antes de continuar a tecer as próximas entrelinhas, deixo-me tocar o coração da minh'alma pelo unísono dorido, porém audaz, cantado por milhares de mulheres durante a Primavera Feminista de 29 de setembro do ano que avisamos que o Brasil rumava a um retrocesso político sem precedentes.

Era de arrepiar as vozes de todas nós em marcha protestante contra o fascismo que ameaçava sair do armário antidemocrático. Mulheres-mães de mãos dadas ou com suas crias na cintura, juventude feminina de olhares destemidos, mulheres maduras com a sabedoria necessária para rejeitar qualquer indício tirânico contrário à democracia, comunidade LGBTQIA+ com todas suas cores mais vivas e intensas, homens com ideais feministas – a batalha pelo (re)conhecimento e aceitação das diferenças e o levante dos direitos das mulheres, era a nossa conexão. Nos cartazes feitos à mão e faixas multicores, os brados letrados: **Mulheres contra Bolsonaro; Mulheres contra o fascismo; Pela Vida das Mulheres nenhum direito a menos; Mulheres cientistas contra o retrocesso; Não votamos no opressor; Marielle presente; Feminismo: a ideia louca que mulher é gente; Nas ruas contra o machismo, racismo, LGBTfobia; No meu corpo quem manda sou eu; Luta é substantivo feminino; Juntas Somos Mais Fortes; Com quantas fraquejadas se faz uma revolução?; #eleNão!**

Nas mãos tínhamos rosas brancas e botões vermelho-escuro, os balões lilases e brancos elevavam nossas esperanças esperançosas aos céus, tambores retumbantes e caminhões de som nos escoltavam ao tom das batidas dos nossos corações populares. Carregávamos no peito uma confiança desmedida de contermos a nau da autocracia e esta insuspeição nos impulsionava a seguirmos caminhando. Éramos centenas de milhares pelas ruas do Brasil. Entre passos e espaços, sorrisos e abraços nos encontramos com companheiras e amigas com o mesmo propósito. Explodíamos de emoção revolucionária, dançávamos. Olhávamo-nos com entusiasmo e paixão. Estávamos do lado certo da história. Éramos a Primavera!

Uma manhã, eu acordei
 E ecoava: ele não, ele não, não, não
 Uma manhã, eu acordei
 E lutei contra um opressor
 Somos mulheres, a resistência
 De um Brasil sem fascismo e sem horror
 Vamos à luta, pra derrotar
 O ódio e pregar o amor.⁴⁹

A arte como resistência é um arrepio que não se finda!

||

No Dia Internacional de Luta das Mulheres, Fatumata Baldê, mulher da Guiné-Bissau, país da costa atlântica da África, é a irmã que trago para o coração dessa escrivinha. Em 2018 eu havia entrevistado Fatumata Djau Baldê⁵⁰, sua amiga e companheira de luta contra a Mutilação

49 Letra: Simone Soares e Flavia Simão. Em ritmo de *Bella Ciao*, canção símbolo da resistência italiana ao fascismo.

50 Entrevista publicada na íntegra no livro “A Inclusão Menor e o Paradigma da Distorção”, publicado em 2020 pela Editora Vozes, mas lançado somente em 2021 em razão dos impactos da pandemia da Covid19 no país.

Genital Feminina (MGF) que compartilhara comigo seu contato. Agora seria o momento de conhecer sua história como uma Voz que se faz ouvida em meio a tantas outras silenciadas a golpes patriarcais. Eu estava muito agradecida por ter o privilégio de conversar com ela.

De maneira semelhante, tenho o mesmo nome da Fatumata, nossa guerreira, há muita coincidência entre nossos nomes e eu a admiro bastante, aliás, tornei-me muito mais forte depois de a conhecer. Tenho 43 anos. Nasci em uma comunidade não muito longe de Bissau e passei pelo ritual da MGF quando tinha 7 anos de idade. A prática era hábito naquela época. Nós vivíamos em uma cidade grande, nós quatro, e era costume ir passar as férias escolares na casa dos nossos avós que viviam nas aldeias. Então, entre meus 7 ou 8 anos, não lembro muito bem, em uma das férias, nós fomos para lá, minha prima e eu, e nós tínhamos duas avós. Ficava na região de Gabu e era uma aldeia onde a comunidade é muçulmana e quase 90% da população dali é da etnia Fula que pratica o islamismo. Portanto, ali, praticamente todas as mulheres foram mutiladas. Antes de ser criminalizada a prática da MGF, eram realizadas grandes celebrações para esse ritual. Às vezes acontecia de crianças que não são da etnia Fula, mas por causa das amigas, acabarem indo para aquelas cidades, então, 99% das mulheres que cresceram naquele lugar devem ter sido mutiladas.

Naquele dia a minha avó me acordou muito cedo e disse: – Vais para a casa da sua avó, a minha irmã, e espera lá... Fui pensando que ia dar algum recado, fazer alguma coisa para minha avó. Mas antes de ir, ela me deu um banho e disse: – Ah, tens que tomar um banho primeiro”. Tomei um banho e ela me pôs uma toalha no pescoço e disse: – Vais assim, é rápido, quando chegares lá ela vai lhe dar uma roupa. Confiei e não pensei que algo fosse me acontecer.

Cheguei e a porta estava aberta, porém isso era comum por lá, na África as portas estão sempre abertas, entrei. Achei tudo muito silencioso e pensei: por que está tão silencioso? Cheguei a desconfiar de algo porque eu sou mesmo desconfiada. Passei para o outro quarto e a minha prima estava deitada naqueles carpetes de tecelagem manual e tinha uma senhora ali

com ela. Minha prima me viu e aquela senhora tinha a mão bem próxima a sua boca. E olhando para aquela situação eu digo a minha prima: – Mas, o que que foi? E mesmo a senhora lhe tapando a boca eu consegui ouvi-la dizer: – Foge! E, exatamente assim, desato a fugir. Por fim, estavam no quarto a minha avó e aquela senhora. Elas me agarraram na porta e eu a gritar e a espernear com muito medo, eu não sabia o que estava acontecendo ali.

Elas me levaram ao banheiro que ficava ali no quintal e outras mulheres me agarraram com muita força pelo meu braço e me seguraram firme no chão. Eu notei que já havia gente por ali, mulheres a minha volta com ervas, com isto, com aquilo, com água a ferver. Elas me deitaram no chão. Mas eu tinha muita força e ainda conseguia espernear e gritar muito. Então elas colocaram um pano na minha boca e o amarraram. Cada mulher segurou de um lado dos meus braços e outra veio e sentou em cima do meu peito, enquanto seguravam as minhas pernas. E eu comecei a sentir uma dor, mas uma dor terrível, eu comecei a sentir dor terrível e eu não sabia de onde vinha a dor.

Parecia que estavam cortando meus pés, achei que estavam fazendo isso. Como eu gostava muito de andar na rua, pensei que eu estava sendo castigada por esse motivo, porque eu brincava muito na rua e a minha avó sempre falava isso, então, pensei que estavam cortando meus pés. Eu nunca poderia imaginar de onde estava vindo aquela dor. E aquilo durou uma eternidade, a dor foi horrível! Entretanto, a senhora que estava sentada segurando o meu peito, ela fazia muita pressão em cima de mim e acabei por desmaiar. Acho que deve ter passado horas até eu me acordar. Quando eu me acordei, estava deitada ao lado da minha prima. Abri os olhos e disse que queria fazer xixi. Então elas me carregaram bem devagarinho e me levaram para fazer xixi, mas não me deixaram ver nada. Mas eu vi que ainda tinha meus pés, então, pensei: mas, afinal, o que que fizeram? Onde é que cortaram?

E para fazer xixi? Uma dor excruciante! A dor era tanta que eu não conseguia fazer xixi. Sempre que tentava e saía um pingüinho de xixi, eu gritava tanto que eu pensava que poderiam até ouvir em outra cidade. E não consegui fazer xixi, nem no primeiro dia, nem no segundo dia e assim

comecei a ficar com a barriga muito inchada. E eles começaram a fazer tratamentos antigos apenas com água quente. Imagina o que é ter aquela ferida embaixo e ainda põem água quente para ferver e colocar ali. Foi horrível! Mas era assim o processo de cura com todas aquelas tradições nossas de tratamentos com ervas medicinais. Ficamos lá na casa da minha avó por mais ou menos um mês.

Até que chegou o dia, naquela época era assim, não era criminalizado e todas as meninas de nossa idade passariam por aquilo. Nós ficávamos confinadas dentro de casa, não podíamos sair à rua. Naquele dia, antes de sairmos à rua, precisávamos ir à festa onde nós iríamos ser apresentadas como mulheres já aptas para casar porque já estávamos purificadas, então já poderíamos cozinhar para nossos maridos, pois não éramos impuras. Podíamos participar das cerimônias dentro da nossa sociedade, dentro do nosso grupo étnico, porque agora já éramos aceitas. E então fizeram aquela celebração tradicional, compraram-nos roupas novas, vieram com os tambores, ganhamos muitas prendas e, pronto, fomos liberadas para voltarmos para as nossas vidas. Eu voltei para a cidade, minha mãe me trouxe, porque tudo isso foi com o consentimento de minha mãe, é claro. Minha mãe me trouxe e a minha prima também se foi para a cidade dela. E eu cresci, fui crescendo, achando que eu era normal. Eu pensava que todas as mulheres tinham que passar por aquilo, que todas as mulheres já haviam passado por isso.

Entretanto, meus pais migraram para Portugal. Primeiro foi meu pai e pouco depois a minha mãe. Minha mãe veio a Portugal para fazer um tratamento porque ela queria ter mais filhos, mas não conseguia, ela acabava tendo abortos. Ela só tinha um filho e a mim que ela havia adotado. Havia uma outra mulher que teve uma filha, que fui eu, mas ela não tinha condições de ficar comigo por causa dos custos e minha mãe decidiu ficar comigo. Nisso de fazer tratamentos médicos para tentar resolver o problema, ela veio à Lisboa acompanhar o marido e acabaram permanecendo no país. Depois eu também fui para lá e cresci em Portugal.

Nos anos 90 é que se começou a falar sobre *Mutilação Genital Feminina* (MGF), aliás, a primeira vez que eu ouvi falar sobre isso foi no

programa da Oprah Winfrey. Eu estava limpando a casa enquanto ouvia a televisão quando, naquele programa, eu me senti, imediatamente, revoltada, pensando o seguinte: por que eles faziam aquilo com nossa genitália e não podíamos falar com ninguém sobre isso?

Eu não podia falar sobre isso! Não podia falar na escola, não podia falar às pessoas que não fossem da mesma comunidade que nós éramos, que não tivessem os mesmos costumes que tínhamos. E eu fui sentindo alguns sentimentos a respeito e me perguntando: quem é essa senhora que está falando sobre as nossas coisas? Como ela sabe? – pensei eu. Mas depois que parei para pensar e me senti é que eu ouvi pela primeira vez que aquilo não era, não era nada normal, ouvi que aquilo era errado de se fazer às mulheres. E eu pensei assim: mas ela é preta, não me diga que não fizeram isso com ela, coitada! - pensei da Oprah. E aí, isso puxou a minha curiosidade.

Fui à procura de informações. Mas naquela época não se encontravam muitas informações a respeito, não se falava muito no assunto. E nesse tempo, em Portugal, também havia pessoas que realizavam a MGF.

Eu tinha 13 para 14 anos de idade nessa época, quando ouvi falar pela primeira vez sobre essa questão. Tentei buscar mais informações, mas não consegui. E um dia quando eu tinha 15, quase 16 anos de idade, consegui arrumar um trabalho durante o verão como uma ajudante de cabeleireiro, eu gostava de cabelos. E esta conversa veio à tona e nessa altura já se falava mais sobre o tema, e uma colega, uma senhora, aliás, que deveria ter uns 60 anos, ela se vira para mim e diz assim: “Oh, Fatumata, como que é na África, fizeram isso em você também?”. E eu pensava com meus botões: a minha mãe não está aqui, meu pai não está aqui, então, quem irá saber? E eu disse muito orgulhosa: Sim, fizeram! E ela horrorizada dizia: “coitada de você, coitada!”, e eu pensava: coitada por que? E ela me disse o seguinte: “coitada de você ter passado por isso” e continuou: “nossa, minha filha, você não vai conseguir sentir prazer na vida”.

“Prazer na vida?” Eu ainda não havia iniciado a minha vida sexual e fiquei constrangida e ela disse: “você nunca vai sentir prazer de estar com um homem!”. Fiquei nervosa e logo uma outra colega fez sinal para ela

se calar. Depois se fez um silêncio e o assunto morreu aí. Aquilo ficou na minha cabeça e foram passando os anos e eu cresci. Eu fui educada para casar com alguém da minha comunidade. Era totalmente proibido namorar ou casar com alguém que não fosse da minha comunidade e eu cresci com essa ideia inculcada na minha cabeça.

Entre meus 17 e 18 anos de idade meu pai já estava à procura de me casar com um certo cavalheiro. E às escondidas a gente só trocava beijinhos, eu até gostava. E me dava um prazer o beijar. Nós não passávamos dos beijinhos, nunca deixou de ser da cintura para cima, para baixo não podia, era proibido.

Por volta dos meus 17 anos meu pai já queria me dar em casamento, ele queria que eu me casasse. Então costumava me apresentar às famílias e todas as sextas-feiras vinha um ou outro se apresentar à minha família. Às vezes era alguém muito mais velho e eu dizia ao meu pai: ele é muito velho, como é que eu vou casar com alguém assim? E ele respondia: “o velho vai te tratar bem!”, e eu dizia: mas eu não posso me casar com um velho.

E foi assim até que ele se fartou e disse: “ela não quer ninguém!”. E ele quis me dar em casamento à força, eu não aceitei e fugi de casa. Fugi de casa porque não queria me casar com um senhor muito mais velho do que eu. Eu tinha 18 anos e já era considerada velha, na nossa comunidade eu já estava velha e já tinha que ter me casado há muito tempo, de modo que fugi e fiquei fora de casa por uns dias. O meu pai foi atrás de mim e me convenceu a voltar. E eu voltei e fiquei em casa por mais um tempo, mas o tratamento comigo já não era o mesmo. Eu era ignorada e eles sentiam vergonha de mim.

Eu era uma velha de 19 anos em casa. Quando as pessoas vinham em casa, quando os meus tios vinham eles perguntavam: “Ela ainda está aqui? Ainda não arrumou um marido?”. Meu pai dizia: “Ela não quer, não é por vergonha”. E eu tinha um primo muito bonito que gostava de mim. Ele sempre gostou de mim, mas como era meu primo, né, fica por isso mesmo. E ele me fez uma proposta: “Olha, eu gosto muito de você e quero me casar com você”. E eu vi a oportunidade de finalmente me ver livre daquela problemática que eu estava vivendo e resolvi falar com meu pai.

E meu pai me disse: “Eu não gosto da família dele, porque a família dele é isso, é aquilo”. E respondi: se não me deixar casar com ele, eu vou me casar com um branco porque eu não quero casar com um velho. E meu pai, então, decidiu: “Então você vai se casar com ele e o casamento vai ser daqui a 6 meses”. E foi assim, às pressas que eu me casei com este primo. Eles me despacharam e meu pai estava muito contente porque havia conseguido casar a filha mais velha de 19 anos que ficava em casa. E me casei com esse meu primo e, obviamente, que esse casamento não poderia dar certo. Nós não nos conhecíamos bem, nunca iria dar certo porque não havia amor, não havia sentimentos, éramos 2 perfeitos estranhos que, de repente, foram casados para formarem uma família, um casamento. Tivemos muitos altos e baixos, depois, mesmo que eu quisesse sair daquele casamento, não podia, e isso era um outro problema. A minha vida sexual era horrível, eu não gostava de nada e não havia nenhum propósito de ter relações com ele porque não sentia nada, absolutamente nada. Ao contrário, o que eu sentia era muita dor, senti dor durante um ano. Aquilo era um problema para mim.

Depois, com o tempo, a gente acaba por aceitar, foi complicado e eu acabei ficando grávida. Ele estava sempre viajando e eu ficava muito sozinha e até gostava porque assim eu não tinha que ter um homem na minha cama. E em uma das vezes que ele veio para casa, eu fiquei grávida do segundo filho e pensei: logo, logo ele irá embora outra vez. E foi assim, quando ele voltou, a situação piorou bastante por causa de todo trauma que eu vivi no meu primeiro parto, e eu acabei ficando muito distante. Tornei-me muito amarga, muito sofrida, havia uma dor que me consumia constantemente. Era também uma dor física que não se retirava da minha vida.

Enquanto a lâmina perfurou minha pele,

Tudo o que eu podia sentir era dor.

Olhei nos olhos da minha mãe,

E ela deu de ombros impotente em vão.

Eu era mais uma garota,

Submetida ao corte genital feminino.

Como uma mera criança de sete anos,

não contestei,
Eu nem estava ciente,
Que toda a minha dignidade, bem como os meus direitos,
Foram despidos de mim.
“Isso é feito em nome da religião”, disseram eles.
E é essa ideologia que eu temo.
É feito para refrear os desejos de uma mulher,
Para subjugar sua voz e seu fogo.
Minha avó dizia: “Tudo bem, todas as meninas devem passar por isso na vida”.
Por que a sociedade tornou as mulheres inconscientes?
A ponto de não saberem e nem se importarem.
Eles atormentam crianças inocentes,
Com cicatrizes eternas,
Mas ainda esta prática eles se recusam a parar,
Temendo dos olhos da sociedade eles vão cair.
Quando essa tradição milenar chegará ao fim?
Para que sem trauma emocional,
O resto de suas vidas as meninas podem passar.
É hora de falar sobre isso,
E conscientizar as pessoas,
É hora de mostrar que nos importamos
(KHAMBATA, 2021, p. 1, tradução minha)⁵¹.

Fatumata, querida – perguntei-lhe – como foi seu primeiro parto?

Fui maltratada porque eu não conseguia fazer força na hora do parto, eu não tinha condições de fazer força. Fui vítima de violência obstétrica durante o parto devido à ignorância da parteira que queria me obrigar a fazer forças que eu não poderia fazer por ter passado pela MGF

51 Zainab Khambata, reside na Índia e é uma jovem vítima e sobrevivente da mutilação genital feminina.

quando criança. Isso aconteceu em Portugal e não na África. Fazer força é um tanto complicado para nós. Há uma certa falta de sensibilidade ali naquela área que foi mutilada e eu não sabia se estava fazendo força ou não. E ela começa a gritar comigo e diz algo do tipo “ah, mas quando você estava a fazer..., faça força”, aquelas conversas que querem dar a entender de que na hora de fazer sexo está tudo bem e que na hora do parto a mulher reclama de dor. E junto com uma colega, ela se deitou no meu estômago, pois a mão aqui para empurrar o bebê. E mesmo naquela situação, ela me cortou, descaradamente, foi horrível!

E, graças a Deus, estando com saúde, eu a vi, olhei para ela e disse: escute, você já reparou que eu sou mutilada, sou uma mulher mutilada? Ela perguntou: “mutilada em que? Como?” E respondi: eu passei pela MGF e você como uma enfermeira, como uma médica, o que você é, deveria saber que eu não conseguiria fazer força. É demasiada força para mim, para meu corpo. Muitas mulheres nunca chegam a falar sobre o que lhes aconteceu e aquilo começa a provocar uma hemorragia e se pode chegar a morrer. Assim, ela olha para mim com um ar de surpreendida, eu ainda estava na mesa com as pernas abertas. Ela olha para mim e diz: “ai que barbaridade, ainda se fazem essas coisas?”

E já no meu segundo parto, a diferença entre um filho a outro foram 3 anos e nesse tempo já havia mais informação. E esse parto também não foi nada fácil porque eu já tinha o trauma do primeiro. Tinha o medo do quanto já havia sido dolorido e complicado o primeiro parto. Eu tive hipertensão e assim, foram 10 médicos dentro da sala de parto de tão mal que eu estava.

Doía-me ouvir o relato de Fatumata. Nenhuma mulher deveria passar por tanto sofrimento para parir seus filhos. Essa é uma realidade atroz que acomete milhares de mulheres vítimas da MGF. Diversas mulheres sobreviventes relatam vivenciarem *flashbacks*, ou seja, retornam àqueles momentos passados em que foram brutalizadas com a prática, algo que lhes é penosíssimo. Lamentavelmente, muitas vezes por condições desfavoráveis, os profissionais de saúde desconhecem técnicas e métodos para facilitarem o momento do parto das vítimas da MGF. As-

sim, no momento de expulsão do bebê a partir da dilatação completa do colo uterino, sem conhecimento teórico-prático sobre o que fazer, esses profissionais terminam por decidir cortar a região do períneo dessas mulheres (episiotomia), traumatizando mais uma vez e de forma intensa sua genitália. Em grande parte desses casos, a opção por um parto cesáreo costuma ser a mais adequada para evitar mais um calvário de dores e violências a estas mulheres. Neste sentido, indaguei se a cesariana não lhe teria sido um caminho menos tortuoso.

No meu segundo parto a cesariana teria sido uma opção muito melhor porque eu corria riscos de morrer, e foi mesmo por muito pouco. A minha filha nasceu de parto normal com quatro quilos e setenta gramas. A minha última ecografia realizada durante a gravidez, mostrava que ela tinha três quilos. Eu entrei no hospital numa segunda-feira à noite e só tive a bebê na sexta-feira à tarde. Passaram-se vários dias e quando a bebê já estava cansada, ela saiu com essa parte [com o ombro] e o pescoço mais inclinado. Um parto assim é mais complicado e eles não sabiam o que fazer e também não podiam usar o fórceps. Havia dez médicos na sala e nenhum tinha conhecimento sobre o que deveria ser feito e eu estava ali, consciente de tudo que estava acontecendo e com dor pelas contrações. E eles diziam: “nós temos que salvar um deles!”. Então chamaram uma parteira daquelas mais antigas que estava acostumada com partos mais complicados e ela conseguiu tirar a bebê, mas de uma maneira extremamente dolorosa. Ela precisou me cortar em quatro grados e enfiar a mão para puxar a bebê. Foi um processo muito difícil de recuperação. Então decidi ficar apenas com dois filhos. Eu amava ter filhos, mas em razão do trauma, eu não podia imaginar voltar a passar por isso.

E essas coisas acabam se incorporando em nossas vidas e temos que viver com aquela cicatriz profunda. Depois de tudo aquilo eu precisei procurar ajuda. Falei com uma amiga minha que era psicóloga e que havia acabado de ter um bebê. E eu fui visitá-la e perguntei como havia sido seu parto. E ela me contou que havia sido tranquilo. E quando eu contei como

havia sido o meu parto, ela disse: “Mas isso é terrível! E como ficou sua vida? Como você vive com isso?”

E de fato a minha vida não era mais a mesma. Aliás, a minha vida sexual já não era boa e depois deste último trauma ficou bem pior. E ela me disse que era possível ter ajuda, que eu precisava falar com alguém. E eu pensava: Falar com alguém? O que isso irá me curar? Como isso vai tirar esse medo físico e psicológico? Porque às vezes aquela dor física que nós sentimos não passa de algo de nossa cabeça. Eu tinha dores físicas que eu pensava que eram psicológicas e ela me convenceu a falar com alguém, com uma colega dela. E falando, falando, falando, falando, ela me ajudou a perceber que aquilo que aconteceu comigo havia sido algo errado, não era normal. Eu tinha todo direito de sentir o que eu estava sentindo e que aquela dor que eu achava ser física, era psicológica porque eu não sabia dizer onde é que doía. Aliás, doía mais depois de chorar. Logo que se tocava no assunto, eu chorava. E então, ela ia focando nos pontos principais e isso me ajudou bastante. Não vou dizer que minha vida voltou ao normal 100%, mas estamos aqui, vivendo um dia de cada vez.

Apesar da riqueza narrativa da Fatumata, eram-me inimagináveis a intensidade e a dimensão das dores e de seus espectros irradiantes em sua vida e na vida de tantas mulheres compelidas a aflições desta envergadura. Penso que ela diligenciava me traduzir em palavras o que na verdade é indizível, inexprimível. Há gemidos discursivos que o espírito e a alma não encontram corporeidade elucidativa em palavras de si para si mesmo, quanto mais de si para os outros. Eu só sei que me doía ouvi-la.

Por certo que a coragem de Fatumata a movimentava a permanecer caminhando a procura de si mesma nas pegadas profundas de seus traumas, de suas angústias, daquilo que era seu e daquilo que lhe havia sido imposto cruelmente por uma sociedade barbarizada pelo patriarcado desde o chão do povoado mais distante até o centro médico mais “civilizado” dos quarteirões europeus. Com ousadia compartilha da valia do apoio terapêutico psicológico para a tessitura de sua cura, para a elaboração de suas ponderações que a conduziriam ao seu autoconhecimento,

à suas escolhas cômicas para a acolhida de si mesma e, por fim, de tantas outras mulheres. É falando, falando, falando e falando que dialogamos conosco mesmas e com nossas lágrimas até que em chamas doridas, a fênix que habita em nós renasce e nos leva com ela para um voo de onde podemos enxergar tudo com mais clareza e amplitude.

O coração de uma mulher não deve se emudecer pela dor inefável, pelo constrangimento de uma vergonha que não lhe pertence, pelo medo de sentir mais medo, pelo silenciamento paralisante de um grito ainda aferrolhado bem no meio da garganta. Se a militância nunca dorme, já é passada a hora do despertar para a implementação de políticas públicas e ações concretas de larga escala para o atendimento psicoterapêutico gratuito para meninas, jovens e mulheres vítimas de abusos e violências patriarcais que precisam ser contidas e erradicadas. E, não somente isso, mas também a obrigatoriedade dos profissionais da saúde, principalmente médicos e enfermeiros, caírem a ficha de que a violência obstétrica é a materialização do patriarcado em toda sua forma rústica e cáustica, é a des-humanização da medicina em seu sentido e significado mais íntegro: a arte da cura. Por inteira, eu permanecia vigilante à travessia de suas enunciações...

De repente com 26 anos, eu tinha duas crianças comigo e era óbvio que meu casamento não poderia dar certo. Meu marido voltou, mas logo se foi novamente e eu fiquei em Portugal por muitos anos. Mais tarde viemos para a Inglaterra, já longe dos meus pais, e aí tive a coragem de pôr um fim ao meu casamento. E foi quando coloquei um fim no meu casamento, é que pude começar a minha vida. Então eu passei a procura da felicidade. Comecei a me inteirar muito sobre a MGF, comecei a buscar mais informações. Eu queria saber quais eram as reais consequências de ter passado pela MGF e sobre os tipos⁵² de cortes. Eu passei pelo primeiro tipo que dizem ser

52 “Tipo I: Remoção parcial ou total do clitóris e/ou do prepúcio (clitoridectomia). Tipo II: Remoção parcial ou total do clitóris e dos pequenos lábios, com ou sem excisão dos grandes lábios (excisão). Tipo III: Estreitamento do orifício vaginal através da criação de uma membrana selante, pelo corte e aposição dos pequenos lábios e/ou dos grandes lábios, com ou sem excisão do clitóris (infibulação). Tipo IV: Todas as outras intervenções nefastas sobre os órgãos genitais femininos por

o menos danoso, ou seja, cortaram-me o clitóris. Quase não há sensibilidade naquela parte e por isso o meu prazer sexual é menor, não é intenso.

Depois de uma intensa terapia para tratar e falar sobre isso, depois de experienciar uma vida sexual diferente com alguns parceiros, acabei conhecendo melhor o meu corpo e aquilo que me faz sentir prazer. Mas para tudo isso foi preciso muita coragem da minha parte, foi preciso eu ir além, filtrar toda aquela educação muçulmana que eu tive, muito restrita, muito fechada. Foi preciso muita coragem para eu me encontrar porque eu não estava feliz comigo e eu queria ser feliz, então eu fui à procura. Foi como uma viagem que me fez conhecer o meu corpo e foram muitos anos para aprender a dizer sim, a dizer não, a dizer como eu quero, o que eu quero e a aprender também a perder a vergonha, porque foram muitos anos com a vergonha de ter sido mutilada.

A vergonha está no mundo ocidental por eu ser diferente como mulher. Eu tinha muita vergonha, a minha autoestima era muito baixa e durante muito tempo eu pensava não ser capaz de fazer muitas coisas. Eu começava a fazer uma coisa e não terminava, desistia muito facilmente. Estava convencida de que o problema era comigo. Eu queria ter feito muitas coisas, eu queria ter sido uma modelo porque naquela época eu era muito bonita, era muito alta, todos me diziam isso, mas eu tinha vergonha, eu achava que se eu tirasse a minha roupa as pessoas iriam ver que eu era diferente. E, claro que ninguém iria perceber, mas dentro da minha cabeça eu pensava assim. Não foi fácil durante minha adolescência como na fase adulta, mas graças a Deus eu fui superando tudo isso. Eu pensava que estava sozinha, mas descobri pelo ativismo, ajudando outras pessoas, que não estou sozinha pois muitas mulheres falam comigo, muitas ligam e me mandam mensagens, muitas pedem minha ajuda. E quando me perguntam: “– Você sente prazer?” – eu digo: Sinto, eu sinto! Eu penso que, mesmo as mulheres que não passaram pela MGF, nem sempre elas sentem prazer na relação sexual com os homens, às vezes também falham, quanto mais uma mulher que se encontra mais limitada neste aspecto. Não digo que vai acontecer sempre, mas que insistindo, é possível conhecer o que é o orgasmo.

razões não médicas, por exemplo: punção/picar, perfuração, incisão/corte, escarificação e cauterização” (OMS, 2009, p. 6).

Importante dizer que a Organização Mundial da Saúde estima que em todo o planeta cerca de 100 a 140 milhões de meninas e mulheres tenham sido sujeitas a um dos primeiros três tipos de MGF. Em todas as sociedades em que é praticada a MGF se caracteriza como uma manifestação de desigualdade de gênero que está profundamente enraizada em estruturas de ordem social, econômica e política (OMS, 2009, p. 6-7).

Fatumata mira em um capítulo crucial da vida de muitas mulheres do Oriente e do Ocidente, das mulheres que foram vítimas ou não da MGF: o desconhecimento sobre seu próprio corpo, a pouquidade de prazer sexual ou nula experimentação do orgasmo, além de uma culpa infinda quando lhe apetece, talvez, consentir-se o direito de gozar. Esse espólio de insciências sobre o próprio corpo se deriva da atroz cultura patriarcal que oprime a mulher desde os primórdios da humanidade e, com ele, des-loca todo constrangimento e desonra a qualquer associação da mulher enquanto ser sócio-sexual que também busca seu próprio prazer em vez de, exclusivamente, ser a fêmea monogâmica que é reprodutiva e cuidadora de sua espécie.

Enquanto teço esse trecho narrativo, recordo-me de Nawal El Saadawi, médica psiquiatra e escritora feminista nascida em 1931 na vila rural pobre de *Kafr Tahla*, situada em *Qalyubia Governorate*, Egito. Indicada ao Prêmio Nobel de Literatura, ela escreveu mais de 50 livros dentre memórias, romances, ensaios, novelas, contos e teatro, vários deles foram proibidos nos países árabes e a levaram a ser perseguida, exilada e presa por líderes políticos e religiosos que ficavam alvoroçados com sua audácia de enfrentá-los, em contrapartida, recebeu muitos prêmios internacionais e é considerada uma lenda, um ícone de luta pelos direitos das mulheres. Para meu desconsolo, soube agora, no berço do outono, que no último dia 21 de março, ela nos deixou no alto de seus 89 anos. Uma mulher incrível a quem brindo a sua memória, a sua vida, a sua luta. Nawal foi mutilada aos 6 anos de idade pelas mãos de *daya*, tal como era conhecida a “mulher da navalha” (SAADAWI, 2006). A circuncisão horrenda lhe deixou cicatrizes cavadas em seu corpo, alma e espírito de mulher, um trauma que lhe feriu profundamente, mas com o qual ela

duelou enquanto viveu por meio de sua escrita potente e de seu ativismo feminista. Similar a aldeia de Fatumata, Nawal cresceu em um povoado onde meninas eram forçadas a se casarem precocemente, consequentemente, eram privadas do acesso à educação escolar. A pequena egípcia, por pouco não foi dada a um casamento arranjado aos 10 anos de idade.

“– Esperança é poder”, dizia Nawal. Aproximo-me ao seu entendimento de que quer na regionalidade, quer no planetário, respiramos a toxidade do poder triúno que domina sob a Terra: o patriarcado, o capitalismo e a religião – todos os três nos aliciam, colonizam-nos. E esse cetro trinitário produz e re-produz as desigualdades sociais que se alastram pela pobreza e, como efeito, reprimem e oprimem as meninas e as mulheres. Especificamente, quando a religião ultrapassa a fronteira do privado para ser quesito do Estado, os grilhões se cingem de modo intrincado. Sim, as religiões são aprisionadoras em seus dispositivos estatutários de controle social, principalmente para as mulheres.

Questões que sustentem a equidade e igualdade de gênero, justiça social ou direitos exclusivos das mulheres não se encontram inventariadas nas matrizes patriarcais do judaísmo, do islamismo ou do cristianismo. Nas “regras do pai” a mulher não é gente, é subserviente, é subalterna, é objeto servil aos interesses e bem-estar do macho. Fundamentalistas cristãos, marchantes na afirmativa do apóstolo Paulo, concluem que se comparado a mulher, o homem é uma imagem com menos desvios da imagem de Deus e com um diálogo mais próximo do Criador, de modo que se encontra em um grado superior à mulher que, por esta lógica, esbarra-se em um status inferior ao macho que foi criado segundo à imagem de Deus, enquanto ela foi criada para ser a glória do homem: “Porque o homem não deve ter a cabeça coberta, porque é a imagem e glória de Deus. Mas a mulher é a glória do homem (Paulo em sua 1ª carta aos Coríntios, capítulo 11, verso 7).

Na concepção da época de Paulo em uma sociedade exclusivamente machista, a mulher é uma criatura secundária, incapaz de cuidar e prover a si mesma, e servil ao homem. Mas não somente isso, pois ao longo dos

relatos históricos compilados na Bíblia que não é um livro único, porém é uma coletânea composta de 73 livros para os católicos e ortodoxos, e 66 livros para as denominações evangélicas, a mulher foi descrita e tratada como sendo pior que a própria malícia, traidora, responsável pela queda do homem, fácil de ser enganada e seduzida, fofoqueira, tagarela, não confiável. Na melhor das hipóteses, a mulher virtuosa é aquela que obedece ao seu marido e o auxilia no sustento da família, aquela que é piedosa, casta, sem vaidades e que serve sem questionamentos à vontade patriarcal.

Em outro momento voltarei a esse espinhoso tema que também compôs aos solavancos a minha identidade cristã, antes, porém, cravo o capítulo 25 do livro Eclesiástico (livro da igreja ou da assembleia), escrito por Jesus Ben Sirac cerca de 180 a.C, presente na Bíblia Cristã, versão católica Ave Maria, livro muito usado no judaísmo e mencionado, notadamente, no Talmud. Reparem a depreciação contra a mulher, a misoginia explícita e a licença para que os homens submetam “suas mulheres” a sua máxima autoridade. Em sua extensão, o livro é proverbial circunspecto à fé, à sabedoria e à lei, o que o torna excepcional aos fundamentalistas religiosos.

9. Nove coisas se apresentam ao meu espírito, as quais considero felizes, e uma décima que anunciarei aos homens:

11. aquele – feliz dele! – que vive com uma mulher sensata, e que não pecou pela língua, nem teve de servir a pessoas indignas dele.

17. A tristeza do coração é uma chaga universal, e a maldade feminina é uma malícia consumada.

18. Toda chaga, não, porém, a chaga do coração;

19. Toda malícia, não, porém, a malícia da mulher;

23. Não há cólera que vença a da mulher. É melhor viver com um leão e um dragão que morar com uma mulher maldosa.

24. A malícia de uma mulher transtorna-lhe as feições, obscurece-lhe o olhar como o de um urso, e dá-lhe uma tez com a aparência de saco.

25. Entre seus parentes, queixa-se o seu marido, e, ouvindo-os, suspira amargamente.

26. Toda malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher; que a sorte dos pecadores caia sobre ela!
27. Como uma ladeira arenosa aos pés de um ancião, assim é a mulher tagarela para um marido pacato.”
29. Grandes são a cólera de uma mulher, sua audácia, sua desordem.
30. Se a mulher tiver o mando, ela se erguerá contra o marido.
31. Coração abatido, semblante triste e chaga de coração: eis o que faz uma mulher maldosa.
32. Mãos lânguidas, joelhos que se dobram: eis o que faz uma mulher que não traz felicidade ao seu marido.
33. Foi pela mulher que começou o pecado, e é por causa dela que todos morremos.
34. Não dês à tua água a mais ligeira abertura, nem à mulher maldosa a liberdade de sair a público.
35. Se ela não andar sob a direção de tuas mãos, ela te cobrirá de vergonha na presença de teus inimigos.
36. Separa-te do seu corpo, a fim de que não abuse sempre de ti.

A interpretação é como um enigma desvendado pelo seu leitor. Compartilho da minha lente com interrogações ao invés de pausas absolutas. Quem é a mulher considerada maldosa, senão aquela que tem a audácia de questionar ou ir contra as vontades e a felicidade de seu marido? Há punições impropriedades quando o bem maior do patriarca é o silenciamento mordaz e a vassalagem irrestrita de sua serva? Que castigo merece aquela que pelo gênero, é responsabilizada pelo pecado, queda e morte de todos os homens na Terra? Sob a ameaça da pior das malícias, da descoberta do fogo carnal, da alegria de um espírito livre, por que não encabrestar, por que não mutilar pela raiz sua nascente de prazer? A quem incomoda a Voz, o grito, a audácia das Mulheres, senão aos clérigos, sacerdotes nas Igrejas e “cabeças” em suas casas?

Seguiria por muitas linhas tramando perguntas sobre as entrevistas cruzadas desse capítulo do Eclesiástico, mas já revoltam-me a ira feminina e a canseira da madrugada fria de hoje, escoltada pela asseveração

de que as religiões, principalmente as abraâmicas, perdem-se de seus propósitos de acolhimento em nome de um Deus amoroso e misericordioso quando se convertem em dispositivos de dominação e controle político-sócio-econômico por meio da opressão de muitos, copiosamente, pela aniquilação da vontade e da capacidade da menina de tornar-se Mulher empoderada, autônoma, emancipada, livre dos tentáculos anímicos do patriarcado que buscam materializar sua sujeição e morte de si, para si e para os outros. Nas palavras de Nawal, “O feminismo não é invenção do Ocidente. Em cada civilização, cultura ou país há uma história de mulheres que reagem à opressão e caminham para o retorno do que é bom para elas no convívio com os homens” (2002, p. 12). Fatumata é uma dessas mulheres da Guiné-Bissau, é uma dessas mulheres da África, é uma dessas mulheres da Terra!



Levo muitos dias trabalhando na história de Fatumata Baldê. Uma certa canseira letárgica me pregou a escrita e também a imprescindibilidade de destinar tempo para acolher, dar atenção, consolar e brincar com meu filhote que se encontra em distanciamento social de seus colegas e amigos da escola há bem mais de 1 ano. Já se vão 15 meses desde que o Coronavírus nos impôs uma nova ordem planetária.

A vida remota de aulas e reuniões de trabalho são entediantes e desgastantes, todavia, vejo-me em um lugar de privilégio em relação a milhares de brasileiras e brasileiros que necessitam se arriscar nos transportes públicos lotados para trabalhar. No Brasil de hoje se registra 473 mil vidas ceifadas pela Covid19. Se não bastasse a fúria do micro-organismo que não se cansa de nós, ainda temos que enfrentar a cepa bolsonarista que permanece gafando um sem-número de fanáticos político-religiosos cujo negacionismo e obscurantismo ultrapassa o limite da insanidade tratável. O uso da máscara se tornou um viés político, aqueles mais afetados pela cepa da ignorância, desdenham o acessório e a adesão

ao distanciamento físico. Há uma guerra declarada que anuncia que a eleição presidencial prevista para outubro de 2022 será tensa e que a campanha eleitoral já se iniciou há algumas luas.

Entre devaneios negacionistas, irresponsabilidade governamental e corrupções vinculadas à compra de vacinas e imunização da população, li agorinha a postagem de uma amiga médica:

Desabafo!

Estou no limite do limite da minha saúde mental. Viver dia a dia a dor das pessoas, para quem tem empatia, é algo que rasga o peito.

Não há de onde tirar mais energia vital.

Pra onde olho só vejo tristeza e desespero.

São múltiplos os pedidos de ajuda.

É diário o choro desesperado dos familiares.

É só vivendo pra saber.

Se você tem algum profissional da saúde na família ou amigo que atua na linha de frente, dê muito apoio a ele. Escutar o que ele lhe diz e lhe orienta fazer, já é um bom começo.

Estamos todos exauridos de energias positivas.

Saio de um plantão de 30 horas com 13 pacientes intubados, 1 moça de 26 anos e outra de 32 anos. 3 pessoas morreram enquanto aguardavam vaga na UTI.

A sensação é de enxugar gelo. Cuidem-se!

Volto minha atenção ao texto. Revivo a conversa com Fatumata que havia me contado que por conta dos anos destinados ao casamento, aos filhos, muitos deles tomados pelo medo e pelo complexo de inferioridade provocado pelos traumas da MGF, ela não havia concretizado diversos de seus sonhos, dentre eles, realizar alguns cursos. Agora ela vive em Londres e está envolvida com sua formação na área da administração da saúde pública e no ativismo contra a nefastidade da MGF. Curiosa para saber mais sobre seu engajamento nesta luta gigante que mutila a vida de

milhares de meninas, pergunto-lhe: – Como você conheceu a Fatumata Djau Baldé e como se integrou a este movimento social contra a MGF?

Na época de minha busca sobre mais informações sobre a MGF, um dia em que eu havia retornado à Guiné-Bissau, resolvi ir atrás da Fatu. Fui até o Comité Nacional para o Abandono de Práticas Tradicionais Ne-fastas à Saúde da Mulher e da Criança na Guiné-Bissau (CNAPN), ela não estava, mas eles me disseram onde ela morava, fui até lá, mas ela não se encontrava em casa, disseram-me que chegaria mais tarde. Então, depois eu voltei com o meu currículo na mão, porque eu estava interessada em uma vaga de trabalho no Comitê. Cheguei e ela estava lá. Apresentei-me e disse que queria falar com ela. Ela me convidou a entrar e me coloquei a explicar aquilo que desejava fazer, enquanto ela me ouvia atentamente.

Fatu me explicou que naquele momento, eles não tinham um trabalho a me oferecer, mas que eu poderia ficar com eles até que surgisse algo. Na mesma hora eu disse: aceito! Fiquei e fiquei, e comecei uma vida completamente nova. Eu que achava que minha história já era muito dura, pude ouvir as histórias de outras mulheres que haviam passado pela MGF tipo 2, tipo 3, pude ouvir a história da Fatu. Ela é uma mulher incrível, ela é um furacão, uma força de mulher, ela é uma sobrevivente que se faz ouvir, se faz sentir. Ela não chora, ela não lamenta, pelo contrário, pelo exemplo dela é possível de se fazer a diferença no mundo e eu quero ser como ela, então passei a ser uma discípula e fiquei ali por um bom período.

Nesta época, eu havia me divorciado aqui em Londres, e deixei aqui meus filhos, porque eu não podia levar minhas crianças comigo, eles tinham entre 8 e 5 anos, meu filho tinha 5, minha filha tinha 8. Minha irmã me ajudou com eles e eu fui para a Guiné a trabalhar, a estagiar por 2 anos. Quando voltei, depois de um tempo, a Fatu me disse: “– Olha, temos um projeto e precisamos de uma coordenadora”. Peguei minha mala [abre um sorriso lindo e se emociona] e conversei com meus filhos e eu fui pra África e fiquei lá três anos a trabalhar nesse projeto e a diferença que isso fez na vida daquelas pessoas foi enorme, enorme! Uma ação que nós levamos para cidades longínquas, onde ninguém chega, mas que o CNAPN chega e infor-

ma as pessoas sobre a MGF. Não posso dizer que a MGF não acontece mais, ela ainda acontece, ainda existe, mas já é uma porcentagem bem pequena na Guiné-Bissau. Então, a Fatu com seu feito, quase conseguiu erradicar a MGF no país. Eu me orgulho muito de fazer parte disso.

EU DESEJO

Eu desejo superar
Este vazio de medo
A incompletude da vida
A busca persistente por minha inocência
As memórias do corte doloroso
O aperto feroz e o meu tremor sob o seu olhar
A máscara do meu rosto e da minha alma
A manipulação do meu corpo
As dores nunca expressas
e as cicatrizes para sempre infligidas
Desejo superar
esse sentimento de quebrantamento,
de incompletude.

Eu desejo revelar
Essa verdade que levou anos para ser revelada,
que foi trancada e nunca contada
Esse desejo de te expor
e dizer a verdade sobre você
Os segredos guardados
no fundo do vergonhoso ato diabólico
A afiação das ferramentas.
O espancamento.
A tortura.

As consequências.
Desejo dizer ao mundo
que a contagem dos dias de corte acabou.
Que a mutilação genital feminina
é uma violência contra as meninas
e um crime contra a humanidade.
Que é desumanizante
e uma total humilhação.
No entanto, geração após geração,
as meninas são mutiladas.
Meninas sem meios para se proteger
ou ter uma palavra a dizer sobre seus corpos.
Serve para agradar a uma cultura,
para aumentar as perspectivas de casamento
e buscar altas exigências.
Desejo revelar que,
se Alá quisesse
que as meninas não nascessem com seus órgãos,
Ele não as teria criado com eles.

Eu desejo lutar.
Desejo dizer ao mundo
para parar com a fixação
sobre o que meninas e mulheres
devem fazer ou não fazer.
Quando comer,
sentar-se corretamente,
ser obediente,
ser tranquila.
Quando estão com muito medo
de encarar as sobreviventes,

eles as xingam:
ocidentalizada,
frouxa,
desobediente.
Que a MGF
é uma forma de controlar a sexualidade
de mulheres e meninas.
Este rito nocivo,
baseado em nossa cultura.
Este abuso desproporcional
contra a menina-criança.
Eles não entendem?
O futuro de nossa nação
depende de nossas meninas saudáveis.
Que sua proteção e educação
é nossa riqueza.
Alguém se preocupou
em perguntar às meninas
sobre suas experiências, suas opiniões?
A ganância serve aos interesses de poucos.
Mães,
cansadas da preocupação
de levarem a culpa
por não terem cortado suas filhas
e elas não pertencerem ao seu povo.
Desejo combater esse controle
dos corpos e mentes das meninas
e a obsessão de como elas
devem sentar, comer, falar, se comportar.

Desejo celebrar.
Os hematomas agora visíveis
no meu rosto porque eu falei.
Que agora posso falar
e estou farta de ser fraca.
Que eu sou uma chama
que queima em muitas almas quebradas.
Que eu serei o bocejo
nos rostos das sobreviventes
ao romper da aurora.
Que não vou inventar desculpas
para a mulher que me tornei.
Esta vencedora que há em mim.
A riqueza explorada
em razão dos recursos que há em mim.
Que celebro as vozes das outras sobreviventes.
Juntas, temos falado.
E vencemos o medo de perder o vínculo.
Juntas nós vamos subir acima.
Eu celebro nossa voz,
a voz da juventude da África,
que será ouvida.
Desejo celebrar
a maneira como Allah me criou,
pois Ele me aperfeiçoou
do jeito que sou
(KOSHIN, 2018, p. 1-3, tradução minha)⁵³.

53 Sahra Ahmed Koshin é a Fundadora e Diretora do Centro de Gênero da Somália. É especialista com mais de 10 anos de experiência profissional em pesquisa e desenvolvimento de políticas, gestão de programas e fortalecimento da capacidade institucional, integração de gênero e empoderamento das mulheres. É uma poeta e escritora, tendo publicado 3 livros e conquistado prêmios literários internacio-

Minha irmã guineense de belíssimos olhos amendoados, marcantes de vitalidade, atraía-me para o engajamento com esta causa que urge ser temática de alcance universal. A voz e o olhar de Fatumata se embrenhavam na minha alma de mulher. Eu sentia o pulsar daquela história em mim, como se eu fosse uma daquelas meninas libertas dessa prática cultural tão nocente a qualquer recém-nascido que não encarne com um pênis. Sentia-me grata por conhecer e saber que mesmo em coléricas águas de piratas, é tangível encontrar guerreiras tão cheias de amor e empatia como essas joias preciosas chamadas “Fatumata”.

Você, seus familiares, seus vizinhos, seus colegas, seus amigos, todos precisam saber acerca da prática cultural da MGF que ainda acontece e foi documentada em 28 países da África; em alguns países Ásia como na Indonésia e nas Maldivas; e em áreas do Oriente Médio como no Iraque e Iêmen. Sobremaneira, a MGF ainda é uma prática ativa em Burkina Faso, Djibuti, Egito, Eritreia, Guiné, Mali, Nigéria, Mauritânia, Serra Leoa, Somália e Sudão.

Nesses países a MGF arrasa com a vida de 67 a 98% das mulheres entre 15 e 49 anos. No Djibuti, na Eritreia, na Etiópia, na Somália e no Sudão a prática mais comum é o tipo III (infibulação), na qual se costura a vulva, deixando um pequeno espaço somente para a passagem da urina e da menstruação a fim de asseverarem que essas mulheres permaneçam virgens até o matrimônio quando, por ocasião da noite de núpcias, tenham a sutura retalhada para que se consuma a relação sexual. Na Somália, cerca de 80% das mulheres são mutiladas (UNICEF, 2013). Em razão do movimento migratório, a MGF também acaba por ocorrer clandestinamente em comunidades imigrantes dos Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia e Austrália, bem como em países da Europa. A MGF também é relatada de modo mais isolado na América Latina, em comunidades indígenas da Colômbia, Equador, Panamá e Peru (UNFPA, 2011).

nais. Em 2013 ela fundou a Puntland (PWA). Diversos de seus artigos podem ser encontrados no Google Scholar: <https://scholar.google.com/citations?user=1ARA-Z9cAAAAJ&hl=en>

Majoritariamente, a MGF costuma ser praticada em determinadas comunidades muçulmanas, mas também é praticada por alguns grupos religiosos cristãos, animistas e judeus-etíopes. Na Nigéria, Tanzânia e Níger a prevalência é maior entre os grupos cristãos, no Egito, a prática é predominante no grupo minoritário cristão conhecido como Coptas, enquanto na Etiópia a MGF prepondera como ritual na minoria judia conhecida como Beta Israel.

A MGF é uma conduta, uma convenção patriarcal para o controle das mulheres. Aclamada pelos rogos religiosos, é uma atrocidade compulsória que constrange a mulher a se conformar com a prática e a reproduzir nas meninas e jovens mulheres de seus povos. É uma covardia desmedida que coage em nome e pelo medo de “deus”, a mulher suportar tamanho flagelo para si própria e para aquelas que sairão de seus ventres. Manter uma jovem mulher virgem até o casamento e reter qualquer eventualidade de prazer sexual para garantir que ela seja fiel ao marido até o fim de seus dias, é o escopo dessa cruzeza.

Mutilar a genitália feminina é a maneira operativa de garantir que essa mulher não sentirá prazer sexual e, por isso, muito provavelmente, por vergonha e inconcebível dor física e psicológica, não se aproximará e não deixará que outro homem se aproxime dela para o ato sexual. Miseravelmente, há um sem-número de bestas-feras que se mostram simpatizantes da ideia de que a mulher é sua propriedade, deve-lhe fidelidade a qualquer custo. Mas essa falácia há de se dissolver, pois a mulher pertence a si mesma e a ninguém mais. Seu espírito, sua alma, seu corpo, seu prazer, pertencem-lhe!

Mais do que nunca é preciso ter clareza de que a MGF não é mencionada ou defendida nos livros sagrados do judaísmo (Torá, Talmud), Islamismo (Alcorão) tampouco nos Evangelhos que são os pilares da fé cristã. A prática é o punho de ferro da cultura machista patriarcal que se enraizou na cultura social de muitos povos para a integral sujeição da mulher ao homem muito antes do islamismo e do cristianismo. Heródoto que era geógrafo e historiador grego, escreveu que a MGF era praticada no Egito por volta de 500 a.C., semelhante, Estrabão, historiador, geógrafo e filósofo gre-

go, que esteve no país em torno de 25 a.C., relatou que os egípcios costumavam circuncidar os homens e mutilar as mulheres (EL-DAMANHOURY, 2013). Imagine há quantos milênios essa barbárie acontece, sem dúvidas, muito antes de ser descrita por ambos historiadores gregos.

Na cultura da família de Nawal, tal como a de Fatumata e de tantas outras mulheres, as tradições hegemônicas do patriarcado se sobrepõem à existência feminina. Mabrouka, mulher campesina e voluntariosa num tempo inimaginavelmente espinhoso para as mulheres, avó paterna de Nawal, evocou suas remotas lembranças de infância e lhe contou sobre o acontecimento de sua ablação feita com uma pedra afiada aos 6 anos de idade. Após ser contida pela “mulher da navalha” e outras quatro, recebeu o anúncio: “Ouça-me menina, Mabrouka, vou cortar o seu *zambour* (clitóris) para que você chegue pura e limpa à sua noite de núpcias, e seu marido não fuja enojado de você, e para que você não corra atrás dos homens” (SADAAWI, 2006, p. 85, tradução minha). Aos 10 anos de idade foi dada ao casamento antes mesmo de sua menarca. A caminho da noite de núpcias, aos prantos inarráveis, a menina foi desvirginada pelos dedos afiados da mesma mulher que havia extirpado seu clitóris. Engolida pelas trevas daquele momento, em cumprimento da tradição severa de seus ancestrais, aquele que a desposou lhe surrou com o mesmo pau usado para domesticar seus asnos. Muito tempo depois, Mabrouka, vítima e parceira do ciclo patriarcal, deu seguimento aos costumes machistas para que sua neta, Nawal, também vivesse o rito da ablação.

Não há que se julgar a conivência de inumeráveis mulheres aos rituais desabridos contra aquelas que vieram depois delas. Será que teríamos feito algo melhor ou diferente se tivéssemos em suas peles ou se calçássemos seus sapatos?

Há que se pensar, analisar, profundamente, por qual razão repetimos comportamentos e rituais que tanto já nos afogaram em mares de suplício, em águas de piratas. Quando não olhamos para dentro de nós mesmas, quando não (re)conhecemos a origem de nossas dores, quando não mergulhamos a fundo nas problemáticas que nos produzem e

reproduzem aflições, quando fugimos da escuridão íntima que nos habita, quando apomos o prazer a camuflar o desgosto que nos (des)figura a alma, quando seguimos o porvir sem dialogarmos no presente com nosso passado, quando (re)freamos os soluços na garganta e duelamos com nossas lágrimas para que não transbordem à face e nos salguem os lábios – quando nos aniquilamos em nossa história e pela cultura que nos arrocha – nós abrimos passagem aos fantasmas para que permaneçam nos assombrando de culpa enquanto nos ludibriamos com pretextos que nos empurram à repetição do que abominamos.

Em sua expansão feminista, Nawal lamenta não ter recebido o sobrenome de sua mãe que, igual a outras tantas, teve seu nome desaprendido para sempre:

Só o pai dá nome aos filhos e lhes confere legitimidade e honra. Seu nome foi enterrado com ela, perdido para sempre. Neste nosso mundo, classista e patriarcal, o nome de uma mãe não importa, uma mulher não tem valor na terra nem no céu. A um homem é prometido que, no paraíso, ele terá setenta e duas virgens para seu prazer sexual, mas a uma mulher só se promete que terá seu marido, isso supondo que ele tenha tempo para ela e não esteja muito ocupado com as virgens que o cercam (SAADAWI, 2006, p. 11, tradução minha).

No entanto, Nawal e Fatumata são mulheres que ao enfrentarem suas dores e perturbações, insurgiram desse processo vicioso de aniquilamento machista do constituir-se Mulher. Para além das feridas abertas que muito as latejaram o Ser, suas cicatrizes não se acomodaram no corpo, todavia, romperam-lhes desfiladeiros de resistência de onde suas vozes derivaram. Elas quebraram o decurso ritualístico ao decidirem acolher a si próprias e libertarem suas filhas da sina ditada pela cultura do macho adestrado no patriarcado. Pelo movimento insurgente por elas concebido, não somente suas filhas foram desligadas do rito, mas também as filhas e os filhos que elas pariram e toda uma descendência se erguerá em oposição ao obscurantismo e às práticas violentas contra

as mulheres, que educará meninas para serem mulheres emancipadas e meninos para serem homens com ideais feministas.

Meu encontro com Fatumata havia se estendido mais do que eu planejara. Eram tantas questões para eu digerir e escrever. A batalha de Fatumata e suas companheiras, é gigante! Por fim, indago-lhe: Há algo mais que você gostaria de dizer?

Eu quero dizer que meu corpo é vitória! Sou ativista e quero que minha história seja contada por toda parte para ajudar outras mulheres. E desejo que a Covid19 desapareça, que desenvolvam a vacina para que isso tudo se acabe e que possamos logo voltar a trabalhar na prevenção da MGF, contra o casamento forçado precoce e tantas outras violências porque antes da pandemia as dificuldades já não eram poucas, então, imagina agora. Haverá muito casamento infantil, muito casamento forçado, muitas famílias não conseguirão se sustentar e dando uma filha em casamento, é uma boca a menos para a alimentar. Desejo de coração que se encontre uma cura, o mais breve possível, para a Covid-19.

O dia 06 de fevereiro foi estabelecido pela ONU como o Dia de Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina. Há milhares de pessoas que nunca ouviram falar sobre a MGF e incalculáveis outras que acreditam que mutilar suas filhas é honrar sua religião. Até o ano de 2030, estima-se que cerca de 68 milhões de meninas e mulheres estarão vulneráveis a essa selvageria contra o feminino.

UM NOVO AMANHECER

O sol corta o céu da manhã.

É um novo dia contaminado com velhos costumes.

Ela fica sentada, quieta, pensativa, tentando ser corajosa.

Ela pensou que estava pronta, mas seu coração batendo a traiu.

Os cantos ficam cada vez mais altos.

Afogando seus gritos.

Mascarando seus medos.

O corte está aqui.
Mãos que antes amavam e nutriam, agora se tornam duras e frias.
Avós, tias, mães. D
ando continuidade a uma tradição que os mutilou por toda a vida.
Mas ainda assim deve ser feito, a cruz da mulher para carregar.
DOR, dor, dor.
Isso quebra sua inocência e entorpece seus sonhos.
Uma dor tão profunda que dura uma vida inteira.
Isso corta seu futuro, reduzindo-o ao tamanho.
Até que não haja nada lá, apenas memórias do que poderia ter sido.
PARAR. Retroceder. Apagar.
É um novo amanhecer.
Lâminas substituídas por livros e canetas.
Os medos se transformaram em aspirações.
Desespero para ESPERAR.
Ela não mais sofrerá em nome da religião.
Não mais a tradição violará seus direitos.
Devemos defender e proteger sua infância.
Levante-se jovem, um novo dia chegou
(SEREM-ESINAPWAKA, 2018, p. 1)⁵⁴.

O acesso ao conhecimento é ferramenta potente contra ignorâncias e bestialidades, obscurantismos e negacionismos políticos, religiosos e patriarcais. Uma educação libertadora e emancipadora para meninas e mulheres é dispositivo poderoso contra a dominação, a sujeição, o subju-
go, o controle e o aniquilamento do Ser e Tornar-se Mulher.

Engaje-se nesta luta!

54 Daisy Serem-Esinapwaka é Oficial de Comunicação da UNICEF no Quênia. Ela tem nacionalidade queniana e vive em Nairóbi com o marido e seus dois filhos.

EL CAFÉ QUE TE CONTÉ



Quando eu tinha 12 anos de idade, meu pai colocou em minhas mãos três livros que tratavam sobre o nazismo. Eles traziam muitas histórias, muitos relatos de sobreviventes daquela hedionda materialização do que seres des-humanizados podem chegar a fazer com pessoas, com seres humanos por questões balizadas pela diferença, principalmente, pelo pensamento divergente. Eu me lembro bem das capas desses livros: o vermelho escuro com a suástica preta parecia se derramar das bordas para minha alma, ainda me causa calafrios a (re)lembança. Mas também me recordo de muitos outros que cheguei a ler antes mesmo de chegar à juventude. Meu pai, que hoje, 16 de junho, estaria completando 76 anos, preocupava-se absurdamente com minha formação humana e, um de seus receios, é que discursos fascistas, muitas vezes atenuados, com certeza, equivocadamente, por aderentes à perspectiva da predestinação, sequestrassem-me a capacidade de pensar e de recusar o negacionismo.

“– As mulheres sofrem muito por culpa dos homens”, dizia meu pai. Explico que não era uma especulação da parte dele, como os anti-feministas já logram encrespar, mas, sim, sua experiência de 35 anos de pastorado e uma vida inteira de filho magoado com as brutalidades de seu pai junto a sua mãe. Não foram poucas as mulheres que choraram aos ouvidos de meu pai pedindo ajuda com seus maridos beatos que brotavam de terno e gravata com o braço esquerdo flexionado à condução da esposa ao templo santo. Muitas delas, desposadas por presbíteros e pastores, outras tantas, assediadas por eclesiásticos dentre tantos machos fanáticos, diga-se de passagem, devotos das mais sortidas denominações cristãs. Espero não ser mandada para a cruz por ousar revelar tamanha afronta contra a imagem da santa igreja cujas portas do inferno não pre-

valecerão contra ela⁵⁵. Antes que eu aperte o *backspace* do meu safo teclado em penitência ou por prudência, já folgo em absolver-me, eu mesma, nas águas assossegadas pelo Mestre, de onde os piratas se deslocam, ardem-se para correntezas desgarradas, erradias, salteadoras de vidas.

Na América Latina bem mais de 80% da população se denomina cristã, predominantemente católica com evangélicos em ascensão. O território miscigenado abriga a segunda maior população cristã no planeta, depois da Europa que o violentou em seu âmago cultural pela força do colonialismo e seus desdobramentos socioeconômicos. Por aqui Jesus foi para lá de europatizado, metamorfoseado de cútis branca, íris azuis, cabelos aloirados. Aqui na América Latina também é onde o islamismo menos cresce. Depois dos Estados Unidos, o Brasil lidera o planeta com o maior número de cristãos, seguido pelo México. Desde o início da comunidade cristã, mais ou menos no ano 30 d.C., cristãos são perseguidos, violentados, torturados e mortos por professarem suas crenças, sua fé. Respectivamente, esses tem sido os 10 países mais intolerantes à fé cristã, onde o sofrimento é ímpar: Coreia do Norte, Afeganistão, Somália, Líbia, Paquistão, Eritreia, Iêmen, Irã, Nigéria e Índia (CHRISTIANITY TODAY, 2021).

Exclusivamente, os pilares da fé cristã são: amor a Deus e amor ao próximo, quem faz mal ao seu próximo, não ama a Deus. Simples,

55 De modo baralhado muitos acreditam que sua denominação religiosa é a Igreja de Cristo na Terra e que nada nem ninguém prevalecerá ao se colocar em crítica ou em guerra contra a Igreja ou aqueles que a representam. Interpretam dessa maneira a partir das palavras de Jesus a Pedro: “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus (19)”. Acontece que o parâmetro que Jesus liga no céu e na Terra é o amor ao próximo. Onde há amor, o mal não tem passagem, e é aqui que a ligação é estabelecida em eternidade. Brutalizar a mulher ou quem quer que seja, independentemente de gênero, raça, etnia, cor, sexo, crença, ideologia, religião, pelo motivo que for, é desvio que ruma à ribanceira, nos termos do verso, para o inferno mesmo. Mais explicitamente: só o amor em ação prevalece sobre todas as coisas, reflete o verdadeiro sentido da igreja a qual Cristo se refere e transforma um besta-fera em um ser humano amoroso e buscador da paz e da justiça social.

assim, são as boas novas do evangelho. Então, como explicar o lugar mais alto do pódio para a América Latina enquanto região mais violenta do planeta? O que dizer sobre a *Nuestra América* que sangra com as maiores taxas de homicídio; com uma população carcerária gigante; onde a desigualdade social pela pobreza e extrema pobreza é altíssima; onde as bocas do narcotráfico engolem rios de jovens e crianças? Como dilucidar o embalo desse berço professo que se qualifica por ser a região mais letal do planeta para as mulheres, fora de zona de guerra, com uma média de 9 feminicídios por dia? (EL PAÍS, 2018).

A Colômbia é um país riquíssimo em sua cultura indígena, espanhola e africana, é o 4º maior país do continente Sul-Americano, lindíssimo, cuja natureza multicolor e selvagem é constituinte singular de sua arquitetura. Entre palmeiras com mais de 60 metros de altura e uma altitude elevada que acaricia as nuvens, a intensidade dos vários tons de verde faz amor com a terra e com o mar. A Mãe Natureza que amamenta a Colômbia com seu banquete de frutas coloridas de sabores volumosos, pranteia a insânia de muitos de seus filhos humanos.

O país de gente calorosa, foi talado por arrastados conflitos truculentos abarcando batalhões criminosos, monopólios de drogas e narcotráficos, violências espantosas contra os direitos humanos. O acontecimento do conflito armado colombiano tem sido objeto de estudo dos mais diversos grupos de pesquisa das Ciências Sociais, dentre outros. Não me atrevo adentrar à discussão nesta seara tão densa e complexa, tão somente, virgular que por ocasião do assassinato de Jorge Gaitán em 1948, líder político em escalada à presidência, alargaram-se os conflitos impetuosos no país. Tamanho foi o desdobramento das contendas que na década de 60, por intromissão imperialista dos Estados Unidos para conter o movimento comunista que tomava corpo, o desencadeamento da forte repressão na zona rural da Colômbia impulsionou os militantes revolucionários a se rearranjarem nas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

Dentre vários grupos guerrilheiros com diversas e distintas tendências políticas, as *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia*–

Ejército del Pueblo (FARC-EP) foi uma organização paramilitar que atuava a partir de táticas de guerrilha com o objetivo de estabelecer o socialismo na Colômbia e defender os direitos humanos dos presos colombianos. Sua origem espelha as rivalidades e pejeas entre liberais e conservadores no país.

Lavraria dezenas de páginas até me emparelhar a uma ínfima explanação sobre os complexos processos históricos de guerra e paz na Colômbia. Deixo como sugestão a leitura da tese de doutorado de Maria Eugenia Ibarra Melo (2007)⁵⁶, também autora de livros e artigos muito elucidativos sobre conflitos armados, sociais e políticos que insurgiram no país e martirizaram milhares de mulheres colombianas em diferentes posições sociais e nas mais diversas faces de violência por gênero. O quadro abaixo releva o movimento pela paz na Colômbia durante o período de 1978 a 2004:

56 Tese de doutorado: Transformaciones identitarias de las mujeres como resultado de su participación política en las guerrillas y en las acciones colectivas por la paz en Colombia (MELO, 2007).

Periodización de la movilización	Contexto político nacional	Acciones de defensa de los Derechos Humanos
1978-1985 Antecedentes de la movilización por la paz	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicación del Estatuto de seguridad (Gobierno de Turbay Ayala). Período en el que se registran los mayores índices de violación de Derechos Humanos por parte de las fuerzas del Estado. - Comisión de paz amplia y plural (Gobierno de Belisario Betancur) 	<ul style="list-style-type: none"> -Manifestaciones limitadas. -Reivindicaciones sociales: derecho a la vida, solución negociada al conflicto, respeto a las libertades democráticas: amnistía y negociación
1986-1992 Activación de la movilización por la paz	<ul style="list-style-type: none"> - Procesos de Desmovilización de los grupos armados: M19, PRT, Quintín Lame y EPL (Gobierno de Virgilio Barco). - Asamblea Nacional Constituyente (Gobierno de César Gaviria). 	<ul style="list-style-type: none"> - Comisión de Notables, Comisión de Usaqué (29 de julio de 1998 secuestro de Álvaro Gómez), Comisión de convivencia. -Lanzamiento de iniciativas por la paz, Inicio de negociaciones con el M19.
1990-1994 Real despegue de la movilización	<ul style="list-style-type: none"> - Mediación de la Iglesia católica - División sectorial de la sociedad civil - No hay completa convergencia entre organizaciones de paz y de Derechos humanos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Semana por la paz (reflexión por la ética civil) - Acciones de mujeres en diálogos regionales - Pacto social por el desarrollo y la paz en Urabá. - Gran campaña contra el terrorismo (Departamentos de la Costa Atlántica) - Medellín en paz. - Marcha por la vida en Cali - Campaña nacional Viva la Ciudadanía
1993-1999 Organización y grandes movilizaciones por la paz	<ul style="list-style-type: none"> - Declaratoria de guerra integral a las guerrillas activas: FARC y ELN (César Gaviria). - Crisis política del Gobierno de Ernesto Samper suscitada por el proceso 8000 (infiltración de dineros del narcotráfico en la campaña presidencial). - Consejos y comisiones locales y regionales de paz: Cabildos por la paz 	<ul style="list-style-type: none"> - Búsqueda de paz negociada con los actores armados: <ol style="list-style-type: none"> 1. Comité de búsqueda de la paz 2. Red Iniciativas por la paz, REDEPAZ 1993: Estatuto de paz. 3. Conferencia episcopal. Comisión de Conciliación Nacional -1996: mandato de los niños por la paz, Ruta Pacífica de las Mujeres por la paz, Empresarios por la paz, Medios para la paz y Red de universidades por la paz. -1997: Desarrollo del proceso de mandato ciudadano por la paz -1998 Asamblea Permanente de la Sociedad Civil por la paz (regiones, sectores sociales y organizaciones de paz y D.H.) -1999:Marchas del NO Más, movilizaciones. contra el secuestro (40 entre abril y septiembre)
2000-2004 Crisis de las expresiones nacionales y fortalecimiento de las locales.	<ul style="list-style-type: none"> -Fase de estancamiento de las movilizaciones por esperanzas en el proceso de negociación entre el Gobierno de Andrés Pastrana y las FARC. -Implementación de la política de seguridad democrática (Álvaro Uribe) -Negociación con las AUC -Acercamientos con el ELN 	<ul style="list-style-type: none"> -Movilización de 50.000 mujeres en contra de la guerra. Protesta por la elección de Álvaro Uribe y la implementación de su política de seguridad democrática. -Surgimiento de la alianza: Iniciativa de Mujeres Colombianas por la paz, IMP, y realización de la primera Constituyente emancipatoria de las mujeres por la paz. - Lanzamiento del movimiento de Mujeres contra la guerra: OFP, Ruta Pacífica, IMP, Mesa Nacional de concertación y Red Nacional de mujeres. -Grandes marchas de los indígenas hacia las capitales del país, asambleas y eventos por la paz. -Dinamismo en torno a la paz, el desarrollo, la autodeterminación y la resistencia civil. Formación de un SUJETO SOCIAL.

Foram vários meses escavando alguma possibilidade de contato com uma mulher colombiana na condição em que eu desejava conversar. Primeiro conversei com uma amiga do mesmo país que, por dias, foi intermediando por e-mail uma possibilidade de contato. Em continuidade, nossa mediadora nos conectou com Edith, a companheira de sonhos e ideais coletivos que eu traria em meu coração pelo abraço de sua Voz. Sim, a Voz de Edith abraça a gente! Eu queria tanto que você pudesse ouvi-la e sentir algo parecido como experimento quando ouço seu coração prosear.

Maria Edith Patiño Guerrero, 55 anos de idade, mulher forte, ex-guerrilheira das FARC, dona de um coração que acolhe toda a imensidão de seu país. Em razão dos conflitos e perseguições que persistem na Colômbia, cautela e resguardo tem sido a escolha de muitas pessoas. Outras duas pessoas já haviam desistido da entrevista, por isso procurei a tranquilizar e expliquei que sua identidade seria preservada. Mas, Edith Guerrero, cheia de vigor e coragem, quebra o silêncio e se dispõe a conversar comigo. Imagine você, o tamanho da minha gratidão! E na primeira vez que sou aconchegada por sua Voz, estas foram suas palavras para mim:

¿Silvia, cómo estás? ¿Cómo te va, compañera?

Ah, ese “*como te va, ¡compañera!*”! Como me soou impactante no espírito! E no vento da instabilidade das conexões de internet, tratamos de não perder tempo e nem a ocasião. E com o celular em riste me conta e me revela onde se encontrava.

Silvia, nesse momento estamos aqui em um grupo de mulheres ex-combatentes em um projeto chamado El café que te conté onde estamos participando, nós, todas as mulheres combatentes do partido FARC. Tanto eu como minhas companheiras, acreditamos que nestes momentos o processo de paz está tornando cada vez mais visíveis as nossas mulheres do partido FARC e todas as ex-combatentes. Então, francamente, é muito importante que pessoas como você, de outros países, levem-nos em consideração para que todos possam conhecer a realidade das nossas mulheres, a realidade do que são as “mulheres farianas”.

Existem muitas situações e, talvez, os meios de comunicação, muitas vezes, falem coisas que não dizem respeito à realidade. Entendemos também que já tivemos mulheres conosco que mudaram o seu Norte, sendo este, a luta revolucionária, e que se foram para o lado do Estado e venderam um testemunho que não é a verdade sobre nós. Mas nós tampouco as culpamos, pois sabemos que as necessidades econômicas e sociais desse país levam muitas mulheres a situações desse tipo. Porém, dizemos e continuaremos a dizer que aqui estamos nós, as verdadeiras mulheres de luta com paz, e que seguiremos aqui. É muito difícil, sim! É muito difícil aceitar que companheiras que estiveram conosco na luta revolucionária, hoje, tenham em seu pensamento algo para nos prejudicar, sabendo que somos todas mulheres e que estivemos nos campos de combate juntas onde sempre compartilhamos tudo e isso era o mais bonito de estarmos unidas e tudo compartilhámos, pois se tínhamos uma banana, uma banana compartilhávamos entre todas! É triste que nesses momentos falem mal do que fazíamos na nossa luta revolucionária. E essa é, talvez, a situação mais difícil.

Sou mãe de duas mulheres lindas e um homem. Tenho quatro netos, três mulheres e um menino – e os tenho encaminhado para a luta revolucionária, porque creio que esse é o meu Norte, e o meu legado são meus filhos e meus netos, e se a minha família não tem consciência do que é a luta, então não fiz nada durante os meus 55 anos de luta. Isso é muito importante para mim! Tenho minha casa e um parceiro que apesar de não ter estado nas campanhas, ele me apoiou e esteve comigo e ainda está ao meu lado.

Nesses momentos atuais tenho passado por situações muito difíceis, talvez por causa da pressão, da tristeza, porque te digo com todo coração, eu sinto falta do meu monte, sinto muita falta dos meus companheiros, sinto falta que não tínhamos que nos preocupar com um aluguel, que não tínhamos que nos preocupar por uma refeição – nós tínhamos de tudo. E chegar agora, depois do acordo de paz, com uma renda básica de 320 mil Pesos Colombianos para viver, para pagar aluguel, para comer, para subsistir, que nosso trabalho não vale de nada porque não nos abririam as portas nas empresas. O único fato que conta é que você é uma combatente, e não nos dão trabalho por isso. E desta maneira, sucessivamente, acontecem

muitas outras coisas. Eu estava nos dois campos, estava na cidade e estava no monte. Ou seja, eu tinha as duas características porque eu estudava e trabalhava aqui na cidade de Cali, sou administradora de empresas. A guerrilha não foi somente armada, porque eu te digo, Silvia, que nunca, nunca levantei uma arma, nunca atirei em ninguém.

Meu trabalho de luta foi mais na área social com as mulheres nas cidades, nos vilarejos e na cidade de Cali. Esse trabalho social foi apoiado pelas FARC. Juntos nós criamos restaurantes. O último trabalho realizado foi um projeto de mulheres na qual as FARC me entregou dez máquinas de costura e assim montamos uma microempresa de mulheres. Tínhamos o mesmo restaurante para as crianças, para que elas fossem estudar com o café da manhã tomado, almoçados e àquelas já que trabalhavam, nós lhes comprávamos suprimentos e tudo mais que necessitavam. No dia em que me prenderam, neste mesmo dia, eles queimaram o lugar de trabalho de todas as companheiras, e elas não eram ex-combatentes, não eram guerrilheiras, eram apenas mulheres cabeças de família que estavam sendo atendidas em um projeto liderado pelas FARC.

Então, hoje, a situação está bem difícil e estar neste momento no processo de paz é muito difícil! É muito duro porque antes eu era livre como um passarinho e andava por onde queria, agora já não, agora em um mês sofri 48 ameaças de morte. Estou ameaçada e tenho que viver com extremo cuidado, inclusive, ano passado, queriam sequestrar a minha neta. Não é uma perseguição unicamente a mim, mas a minha família. E a retaliação tem sido mais do que tudo porque me propuseram entregar o programa de Rosa Blanca, que são as companheiras que estão falando mal de nós e me propuseram que como eu era uma cabeça visível, era uma pessoa que estava liderando projetos e que havia liderado projetos, eles me ofereceram muitas coisas para eu aceitar fazer parte disso. Mas eu nunca aceitarei! Então, aquelas situações de ameaças acabaram com a minha tranquilidade, pois para sair de casa, primeiro, tenho que levar uma escolta e dar voltas pelo quarteirão. Minhas filhas já não podem sair porque elas estão sendo perseguidas. Estas circunstâncias são muito difíceis, são muito duras para

nós. No entanto, o que nos importa neste momento é buscarmos uma paz, porém, uma paz com justiça social.

MÃE REBELDE

Eu escrevo para você
mulher que forjou em suas crias
o ideal de justiça e dignidade
em cada colher de miséria
em cada barraco que você habitou
em cada letra aprendida sem escola
em cada jogo sem um brinquedo...
Para você que assistiu a tantos crepúsculos
os melhores sonhos de liberdade
quando seu filho o líder
sua filha a lutadora
dormiam exaustos, mas satisfeitos
no final de cada jornada.

A você
que você sobreviveu em um oceano de lágrimas
quando seus filhos de olhar socialista
saíram de casa
para outra de todas as pessoas.

A você
que sem saber onde nem como
seus filhos exilados vivem
aceitou com sacrifício maternal
que a luta tem sua razão.

A você
que arranhou malhas e cercas

que chutou paredes e aço
até resgatar seus filhos sequestrados
em injusto cativoiro.

A você
que se juntou a agonia
mordendo seus lábios
para içar os corpos crivados
de seus filhos sem vida
no mastro da história.

A você...
para que sua dor não se torne uma tempestade
para que sua impotência não se torne resignação
para que sua raiva se torne uma decisão fervorosa

Porque eu sei
que seus ovários são como amêndoas
carregado com terna munição
e seus magníficos mamilos são como rifles
atirando em direção ao justo horizonte.

Por isso, minha homenagem a você...

que com entranhas transformadoras

você fecundou, você deu à luz

e entregou à história

os melhores filhos do povo

(CHÁVEZ, 2007, p. 153-154, tradução minha)⁵⁷.

57 Milagros Chavéz nasceu em 1970 em Jesús María, Lima, no Peru. Ainda adolescente, ingressou no Movimento Revolucionário Túpac Amaru (MRTA). Em 1994, ela foi presa por membros da Sede Antiterrorista Arequipa. Processada por um Tribunal Militar (Juízes sem rosto), foi condenada à prisão perpétua por julgamento sumário. Onze anos depois de sua primeira sentença, em um novo processo, foi condenada a 23 anos de prisão. A maior parte de seus 12 anos de cárcere foi em condições subumanas de um regime prisional repressivo (CHÁVEZ, 2007).

A *Corporación Rosa Blanca* é uma organização que reúne mulheres e homens vítimas de violência sexual por ex-combatentes das FARC junto a líderes do Centro Nacional de Memória Histórica (CNMH) em Bogotá. Segundo Edith, o grupo desprestigia todas as pessoas firmantes do acordo de paz entre as FARC e o Governo Colombiano realizado em 2016 após dilatadas e amargas negociações. Em sua perspectiva, mulheres semelhantes a ela e suas companheiras de luta deveriam ser entrevistadas acerca do processo de reincorporação que vivenciam. Infaustamente, a Colômbia permanece atormentada pelos atos violentos contra civis, além de homicídios de líderes locais e ex-combatentes que refizeram suas vidas e até criaram o partido político FARC, atualmente, denominado *Comunes*.

O acordo de paz trouxe algum alento por pouco tempo, pois desde a ascensão à presidência em 2018 do candidato direitista e favorito da elite empresarial colombiana, Iván Duque Márquez, a violência ressurgiu em razão de seus questionamentos interventivos quanto ao acordo firmado por seu antecessor. Por ocasião da campanha eleitoral, ele prometera aniquilar a deliberação. Em 2019 e 2021 a população se mobilizou em greves nacionais e protestos estudantis e indígenas que elevaram o governo de Márquez a consideráveis 69% de insatisfação popular.

A tristeza de Edith transborda em sua Voz ao continuar me narrando sua história entrelaçada com suas muitas companheiras:

Sílvia, igual a você, muitas pessoas também me dizem que não podem imaginar o quanto tudo isso tem sido difícil para nós. Muitos de nossos companheiros foram assassinados depois da assinatura do acordo de paz. Foram barbaramente torturados. E por que? Meramente porque firmamos esse acordo, porque queremos a paz, porque queremos a restauração de direitos sociais. E estamos lutando e seguiremos lutando e apresentando projetos, seguiremos sempre em frente e todos os dias apesar das circunstâncias tão árduas. Neste momento faço parte da direção do partido, sou da direção departamental do novo partido da FARC. Faço parte da mesa municipal de mulheres de Santiago de Cali, represento as mulheres daqui de Cali. Em toda a Colômbia as secretarias e a prefeitura, cada setor social envia uma pessoa

que as represente em uma mesa para que as mulheres defendam os direitos do seu setor dentro da prefeitura, porém não é por dinheiro, essa representação não é remunerada, mas, sim, parte de um trabalho social. Estou em nome das mulheres em processo de reincorporação e estamos aqui em luta para que as mulheres do partido e as mulheres combatentes que estejam ou não dentro do partido, vivam com dignidade e tenham seus direitos restabelecidos, pois na Colômbia a mulher não tem acesso aos direitos sociais que deveria ter, muito menos, as mulheres ex-combatentes usufruem desses direitos.

O silêncio faz assobio
nas montanhas das Marginas
Não sei por onde andas
não consigo te encontrar
você morreu por lutar
contra a oligarquia assassina
sua juventude, força e beleza
ficaram no meio de um combate
contra o inimigo opressor
uma bola que não pergunta
você é um defensor do povo
você morreu com honra
no campo de batalha
você mostrou coragem
sua bravura contra este
governo traidor
Onde está essa guerrilheira?
Está em meu coração
suas ideias eram as mesmas
pelas quais Bolívar lutou

(YURANI, 2003, p. 1, tradução minha)⁵⁸.

58 Yurani foi uma guerrilheira que ficou por 6 anos na linha de frente. Ela entrou junto com sua irmã Olga, que teve que aumentar sua idade em um ano, para que a rece-

Ao longo de 50 anos de conflito, a Colômbia desagua mais de 200 mil mortos e cerca de 7 milhões de pessoas que foram coagidas a abandonarem suas casas. O tão sonhado acordo de paz foi negociado em 26 de setembro de 2016 em Havana, Cuba, com a presença de estadistas e representantes da ONU. Sinteticamente, o acordo se baseou em 4 aspectos cardeais, além da reforma rural integral e da reforma política que nunca aconteceu: interrupção definitiva da beligerância e das hostilidades bilaterais; desarmamento das FARC-EP e reintegração dos ex-combatentes à sociedade; garantia de proteção e combate às organizações criminosas executoras de chacinas e homicídios de militantes dos direitos humanos, movimentos sociais e políticos; enfrentamento contrário às ações criminosas que intimidam e atrapalham a construção dos movimentos de paz. Após o desarmamento, as FARC, por sua vez, passaria a existir como uma força política. A abdicação da violência era o ponto de encontro bilateral entre as FARC e o governo colombiano de maneira a conter e gerir a maquinaria da guerra.

Entretanto, em apenas 4 anos depois do Acordo de Paz, mais de 1.000 lideranças sociais foram assassinadas, além do extermínio de vários ex-guerrilheiros. Em 2020 foram registrados mais de 60 morticínios no país. Ciclos de guerra e paz amanhados pela burguesia, consomem o país de gente cansada de sofrer, um remonte do presente literário do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, *Cem anos de solidão* (MÁRQUEZ, 1967).

Após a ruptura dos pilares firmados durante o acordo de paz, vários grupos de ex-combatentes foram às ruas, pacificamente, protestar contra as brutalidades sofridas e exigir segurança e direitos sociais. Acostumar-se com as violências oriundas dos conflitos armados, militares ou não, é uma das mais brutais e eficientes formas de se alimentar um genocídio em nossa contemporaneidade. Lutar pela paz na Colômbia é se deliberar à guilhotina, pois é real e descomunal o enalço contra cidadãos e movimentos sociais coletivos que pelem pela efetivação plena do Acordo de Paz.

bessem, pois ela tinha apenas 14 anos. Quando contam a Yurani que sua irmã havia sido morta em combate, ela escreve esse poema. No entanto, meses depois, Yurani descobre que Olga ainda está viva e lutando em combates (YURANI, 2003).

Incomodada com a selvageria contra meninas e mulheres em contendas engatilhadas pelo planeta, perguntei-lhe: – Edith, o que você poderia me dizer sobre violência sexual como arma de guerra? Isso aconteceu entre vocês?

Comento contigo, Sílvia, que essa acusação que tem sido feita contra nós, não é verdade. Porque desde o nosso Ser Mulher, sabemos que o maior horror para nós mulheres é que nos violentem, ainda mais, sexualmente. É inadmissível que nos violem. Essa é uma ferida cuja cicatriz nunca sara, é uma cicatriz que sempre estará latente em nossa mente, em nosso coração e, por menor que seja essa pessoa, em seu âmbito de mulher, isso não é aceitável. Porque há mulheres humildes, mulheres que dizem que precisam permitir que lhes sejam feitas muitas coisas porque elas dependem de um homem. E na guerrilha não é assim! Na guerrilha havia equidade. A mulher e o homem eram como iguais. A mulher na guerrilha andava com um fuzil, eram as mulheres que ia à frente com uma M60 em marcha, lutando em combate contra o exército. Eu te pergunto: Você acredita que essa mulher iria permitir que um homem a violasse e continuaria seguindo tranquila por anos? A primeira coisa que eu faria nesta circunstância seria matá-lo! Na primeira oportunidade que me dessem de ter um fuzil nas mãos, eu o mataria. Então, as coisas não são assim como muitos dizem ter acontecido. Não podemos dizer que fomos santos, pois isso seria uma mentira, uma vez que em todas as partes onde há governos, em todos os espaços, em todas as empresas, há o assédio sexual. Entretanto, isso não era permitido ou defendido pela FARC, não era consentido pelos comandantes. E se havia comandantes que agiam assim, era pelas costas do secretariado e pelas costas do alto comando. Muitos combatentes seguiram para o conselho de guerra por terem violentado uma mulher e por terem batido nela. Mas em nenhum momento essa violência contra a mulher foi permitida.

Eu estive lá e ali tive minhas filhas. Minhas filhas estiveram lá. E elas não podem dizer que sequer um elogio lhes fora feito, porque para os homens das FARC, para os combatentes, as mulheres são de respeito e seguirão sendo de respeito. Por isso, para nós se firmou essa ideologia que

tanto o homem quanto a mulher são igualitários. Nenhuma deve ser mais, nenhuma deve ser menos. Na guerrilha sempre dizíamos que a mulher era capaz de fazer o trabalho que os homens faziam e era para que nos sentíssemos todos iguais. Para que não nos dissessem: “ela não pode ser mais que uma enfermeira, não pode fazer mais do que estar no rádio, sua função é fazer comida”. Não! As mulheres tinham os mesmos direitos. E o homem também tinha que ir e fazer a comida, tal como uma mulher. E a mulher recolhia lenha e tudo mais porque tinha os mesmos direitos e deveres que o homem. Porém, o consentimento da violação sexual dentro da guerrilha, é mentira. Como lhe disse, não podemos dizer que fatos assim não aconteceram. Sim, aconteceram. Todavia, não ocorreu de todas as mulheres que estavam dentro da guerrilha serem violentadas. Muitas tinham seus companheiros, pois isso era permitido. Não era permitido que o homem chegasse a maltratar fisicamente e psicologicamente a mulher, porque a mulher podia se queixar ao comandante e então se decidiria o que haveria de acontecer com este homem. Quando isso acontecia, o comandante chamava os dois, deixava passar um tempo para observar. E se seguia apresentando a situação entre o casal, o comandante tomava a decisão de separá-los, de mandá-los cada um para uma frente diferente para que isso não acontecesse mais. Porém a violação contra as mulheres não era permitida pelas FARC.

Inclusive, a violência contra as mulheres não era permitida como arma de guerra, isso nunca! As mulheres têm sido muito respeitadas. Por que nós, mulheres, que estamos agora em um novo partido e que defendemos nossos ideais como mulheres, seguiríamos ali? Se tivesse sido assim, a violência sexual como uma arma de guerra, creio que nenhuma de nós permaneceria ali.

Os conflitos armados têm sido devastadores na vida das mulheres e nestas circunstâncias extremas onde a sobrevivência é o tudo, não há lugar plenamente seguro, não há pessoas inteiramente confiáveis, não há verdades absolutas, há distintas realidades. As experiências de algumas pessoas se diferem muito das vivências de outras. Doidamente, a crueza da opressão machista atropela os mais nobres ideais que podem habitar em movimentos coletivos, sejam eles religiosos, políticos ou sociais. A

violência sexual como arma de guerra é um artifício hediondo, mas muito eficaz e traspassa todas as fronteiras onde há bestas-feras capazes de qualquer coisa por ganância e/ou poder.

A dinâmica da violência fortalece o controle e o domínio de seus agentes sobre as pessoas, e assim, exercem suas forças sobre os territórios. Que tipos de reações e que espécie de sentimentos são provocados em um homem, em um menino, que assiste uma mulher (sua mãe, sua esposa, sua irmã, sua namorada virgem, por exemplo) ser espancada, cuspada, selvagemmente estuprada e, muitas vezes, torturada até a morte diante de seus olhos? Qual a dimensão do terror e do ódio semeados nesses corações esmagados pela maldade humana? E qual a densidade do silêncio gritante que o assédio e a violação sexual podem conter como extorsão? O que pode sustar o rio de medos e ameaças que uma mulher traga quando é assediada ou violentada por um besta-fera ocupante de cargos e espaços de destaques? Que potência tem a palavra de denúncia de uma mulher violentada pela via moral, psíquica, legal, laboral, patrimonial ou sexual diante de toda uma estrutura patriarcal louvada por machos e amenizada por inúmeras outras mulheres?

O fato é que entre muitos homens que respeitam as mulheres, há centenas de outros que as escarneiam, que as maltratam, que as golpeiam, que as estupram em nome de qualquer coisa que decidam se estear. Há muitas mulheres que vivem e convivem com o pânico de serem violadas enquanto vão ou retornam do trabalho ou da escola, quando necessitam passar por ruas sem iluminação, por vielas ermas, quando se encontram sozinhas em casa. Meninas e mulheres intimidadas pelas advertências da exposição vergonhosa e da retaliação por parte do agressor, sendo este, muitas vezes, o chefe de uma estrutura hierárquica qualquer, aquele que deveria garantir proteção e exercer justiça.

Sim, precisamos falar sobre isso! Sobre o não julgar a mulher que se cala diante do medo horrendo de ter sua vida ceifada ou a de seus familiares em risco. Porque a realidade é que não sabemos qual seria a nossa própria reação diante de um episódio tão atroz como este. Cada pessoa, cada mulher, reage de uma maneira diante de situações extremas.

Não a julgar, mas sim, criar redes de apoio seguras para que esta mulher se aproxime e se sinta confiante para denunciar suas questões e aflições, é o primordial para combatermos a violência sexual como arma de guerra não apenas em cenários de conflitos armados, mas em nosso cotidiano cujas carabinas se encontram camufladas pelo machismo velado que nos vigia pelas fechaduras. Em numerosas circunstâncias, as mulheres não têm o direito sequer de chorar seus desesperos, de prantear seus mortos, que dirá de denunciar e exigir justiça sobre os sem-número de abusos violentadores dos direitos humanos que vivenciam ordinariamente.

Cheiro de montanha, vamos ficar sozinhas, você e eu
 Confie em mim que eu confiarei em você,
 Diga-me onde estão meus mortos
 Que te protegerei pela voz.

Entretanto, no seu doce canto de esperança,
 entre a memória cinzenta que Margarita recita,
 trazendo à memória a filha:

Embora ela não esteja mais presente,
 De dentro, eu vibro
 De dentro, brilho
 Sou humana, Sou dor
 Sou a paz do coração...

(GALEANO, 2019, p. 4, tradução minha)⁵⁹.

59 Luz Elena Galeano e Margarita Restrepo se conhecem há mais de 17 anos, quando a mesma dor as uniu. Eles moravam em uma área de Medellín conhecida como Comuna 13, um conjunto de bairros da periferia da cidade que, segundo o Centro Nacional de Memória Histórica, presenciou cerca de 20 intervenções militares entre 2002 e 2003. Naqueles anos, Luz Elena e Margarita eram jovens mães e testemunhas da tensão entre os grupos guerrilheiros e o Estado. Despachavam os maridos para o trabalho e os filhos para a escola com uma benção e um beijo na testa (GALEANO, 2019).

Enquanto os homens fazem as guerras para a manutenção de seus poderes e ganâncias na Colômbia e por todo planeta, as meninas e as mulheres sofrem as dores resultantes das tantas violências que se desdobram sobre elas. Movidas pela indignação e vontade de justiça com paz, em 25 de novembro de 1996, ergue-se, publicamente, um movimento de mulheres colombianas pelo dia do “Não à violência contra a Mulher”, sendo este o primeiro ato que inaugura a *Ruta Pacífica de las Mujeres*⁶⁰ pela paz e contra a guerra. E como a ventania em constante movimento, a multiplicidade de mulheres advindas das zonas urbana e rural, mulheres civis, ex-guerrilheiras e militantes, mulheres jovens e avós, mulheres de distintas crenças, grupos e organizações identitárias, constitui o amalgamar de alianças em prol de uma ação coletiva pela paz na Colômbia que se nomina “Movimento de Mulheres contra a guerra”, mulheres de coragem que emergem como protagonistas neste denso cenário político-social. Nas palavras de Ibarra:

O movimento vem reunindo um amplo leque de lideranças e filiações, o que antes era impossível de conceber. Hoje, cristãs, trabalhadoras, profissionais, aposentadas, deslocadas, camponesas, indígenas, afro-colombianas, jovens, estudantes, imigrantes, trabalhadoras domésticas, vendedoras ambulantes, ex-guerrilheiras, líderes de bairro, mães comunitárias, acadêmicas e artistas, entre outras, mobilizam-se contra a guerra. Uma guerra que as afeta diretamente e que muitas ainda não entendem por quê. Muitas delas toleraram durante vários anos a violência doméstica e o abuso sexual por parte de seus parceiros, seus pais ou parentes, a intimidação de atores armados e o confinamento em suas casas a que foram submetidas primeiro por alguns e depois por outros. Cansadas desses sacrifícios, muitas vezes com consciência de gênero, outras simplesmente pelo desejo de sobreviver, elas se agruparam com outras mulheres em grupos produtivos, em organizações de bairro, culturais e políticas. Isso depende, em grande medida, da sua formação acadêmica, do setor a que pertencem, dos níveis de envolvimento com a violência e, claro, das influências políticas que receberam (2007, p. 355, tradução minha).

60 Ruta Pacífica de las Mujeres: <https://rutapacifica.org.co/wp/>

Neste universo de mulheres contra a violência e a favor da paz com justiça social, vozes ecoam em rebelião contra aqueles que se alimentam da guerra e, nestas trincheiras, descobrem quem, verdadeiramente são, bem como a força coletiva que possuem. Elas decidem pela paz! Precisamos aprender um pouco mais com nossas irmãs colombianas.

Edith, e o que vocês estão fazendo juntas, nesse momento?

Nós estamos aqui! Vou subir contigo e te mostrar o espaço onde estão as mulheres ex-combatentes que desenvolvem um projeto de costura. Estão trabalhando e fazendo máscaras para vender. É uma forma de ganhar a vida. E isso foi conquistado através do trabalho e o apoio que vínhamos fazendo entre as mulheres do partido. Veja, essas são as mulheres do projeto El Café que te conté, todas nós seguimos trabalhando aqui. Trabalhamos como funcionárias, como secretárias, como contadoras. E assim também apoiamos as mulheres ex-combatentes no processo de reincorporação.

Companheiras, apresento a vocês, ela é a companheira Sílvia, do Brasil. Eu estava lhe contando sobre o projeto das mulheres combatentes. Então, olhem aqui para que possam a cumprimentar. Sílvia, olha, todas elas aqui fazendo um olá!

Até então, eu pensava estar só com Edith nesta conversação. Ela me surpreende, caminha um pouco e sobe alguns degraus. Vejo mulheres unidas carregando tábuas para uma construção que estavam fazendo. Em um salão, mesas com máquinas de costura, estantes com pastas e arquivos, notebook, filmadora, mulheres que trabalham e usam máscara para se proteger contra o contágio da Covid19 que se esparrama por toda parte. Olhos sofridos sorriem para mim. Sou alcançada por “olás” de mulheres destemidas que se defrontam contra a violência e a ausência de paz e justiça social em seu país. Cada “olá, muito prazer, Sílvia” me encheu o coração de amor por cada uma daquelas companheiras de luta pelos direitos das mulheres oprimidas e excluídas nas terras colombianas. Pensei-me no lugar delas: teria eu tamanha coragem de des-bravar essa pedregosa vereda em busca da paz de um sem-número de invisibilizados?

Incomodada pela comodidade de minha zona de conforto enquanto entreouço a Voz de Edith, indago-lhe acerca da importância da educação para as meninas e mulheres colombianas.

A educação é importantíssima porque as mulheres do partido e as mulheres em processo de reincorporação lutaram com o governo da Colômbia, com os prefeitos e com os governadores para que as mulheres ex-combatentes tivessem a oportunidade de entrar em uma universidade e de terminar um bacharelado. Contudo, isso tem sido impossível. Tem sido totalmente impossível, sendo necessário que financiem seus estudos, porém, há companheiras nossas que terminaram seu bacharelado e agora estão na universidade estudando uma carreira. Há também as mulheres do partido que não continuaram estudando porque o valor de uma renda básica não é suficiente para que ela possa estudar, pois precisam ter o suficiente para sua alimentação e muitas delas já têm seus bebês, o que torna muito difícil conseguirem manter seu próprio sustento. Mas há mulheres que foram ajudadas pelo partido e há outras que temos procurado ajudar para que possam se preparar para esse momento.

Perguntei-lhe, então, sobre uma dor e um desejo que fomentasse seu coração. Com franqueza me responde:

Uma dor? Digo-te, sinceramente, que não falo só por mim, falo por muitas companheiras. Como mulher fariana e podendo falar com todas as minhas companheiras, para elas, a dor maior que têm é terem se tornado parte de uma sociedade que não as aceita. Elas não são aceitas pela classe um [alta], dois [média], três [pobre], pelo bairro onde vivem. Não são aceitas pela sociedade, pelo governo, pelas empresas, pelas entidades de saúde. Porque uma mulher ex-combatente vai a uma EPS [Entidades Promotoras de Saúde] onde está filiada e o único feito é que a olham e dizem: “essa é combatente”, e assim a fazem esperar por quatro ou cinco horas por uma consulta médica. Outra coisa: antes elas não precisavam se preocupar em comprar seu shampoo, suas toalhas, pois tinham tudo que precisavam. Agora necessitam comprar tudo com uma miséria de 320 mil pesos. Essa

situação tem sido horrível aqui. Elas dizem: “Não nos querem aqui!”. A realidade é que não querem nos apoiar e, na verdade, afirmo a você que nós, mulheres farianas, sentimos ter muito mais apoio internacional que nacional. Recebemos mais apoio de outros países do que de nosso próprio país. Isso não tem sentido!

Percebendo a dor da indignação brotar em seu olhar, perguntei-lhe: – Querida, e como você se sente diante dessa situação? E qual seu maior desejo como mulher colombiana, mulher na condição de ex-combatente?

Eu me sinto, de certa maneira, contente. Contente porque acredito que os outros países creem nessa mudança social e no que as FARC combateu durante tantos anos. Não foi uma guerra por um nada ou apenas para beneficiar a nós mesmos. Nós combatíamos por direitos sociais para todas e todos. Porém lhe digo, sinceramente, especificamente com relação à Colômbia, sinto-me muito triste, pois acredito que esse processo para a assinatura por um acordo de paz nos deixou muito choro, muita dor, muita nostalgia, muitas decepções. Não pensávamos que no acordo de paz iríamos colocar nossos mortos. E isso foi o que aconteceu, os mortos foram colocados pelo partido. Os mortos foram parte de nós. A nós é que eles estavam matando, os líderes sociais é que eles matavam. E por que nos matam? Porque pensamos diferente, porque lutamos por uma mudança social.

Desejo que acabe o feminicídio na Colômbia! Sim, que acabe o feminicídio em nosso país. Porque estão nos matando sistematicamente. Com a pandemia muitas mulheres estão sendo mortas. E o governo não está fazendo nada por essa causa. Se uma mulher vai à delegacia denunciar que está sendo espancada ou maltratada por seu companheiro, a primeira coisa que a polícia diz é que se o marido a maltrata é porque ela lhe deu algum motivo para isso. Essa é a maioria das respostas dadas nas delegacias e na promotoria quando uma mulher decide fazer uma denúncia, além de ter que aguardar por 7, 8 horas na fila para ser atendida e, muitas vezes, essas mulheres nem são atendidas. Outras vezes dizem à mulher: “ah, leve esse documento e se seu marido lhe agredir, chame a polícia” e, se a polícia

chega a ir até o local, ela conversa com o homem e fica por isso mesmo. E a mulher segue submetida àquele homem em sua casa, sem poder sair à rua e lhe sendo uma serva. Mas sabemos que nesse país temos os mesmos direitos e que no mundo inteiro, as mulheres têm os mesmos direitos que os homens. Quando um homem nos maltrata, devemos denunciá-lo, porém, muitas vezes não o fazemos por medo. Não o fazemos porque pensamos que se denunciarmos esse homem, como vamos conseguir viver? Como sustentaremos nossos filhos? Essa é a visão da maioria das mulheres colombianas e isso não deveria ser assim. E isso é uma luta de partido, estamos dando-lhes, estamos dizendo às mulheres: denunciem! Nós mulheres somos capazes de denunciarmos um agressor, um homem violador. Temos que denunciá-los! Não podemos permitir que essa violência continue. Então, meu maior desejo é que exista uma real equidade entre homens e mulheres porque, na verdade, isso não existe.

Na Colômbia não há equidade de direitos para as mulheres. Se houvesse um direito igualitário, teríamos os mesmos salários que os homens recebem. As mulheres da Colômbia não seriam unicamente contratadas como donas de casa, ou para limpar móveis, ou para limpeza de banheiro. E que as mulheres que estão no governo, que estão na câmara, que estão no senado, estão fazendo pelas demais mulheres? Infelizmente vemos que há muitas mulheres que não cumprem seu trabalho de mulheres empoderadas da luta. Porque te falo isso? Porque as mulheres que estão no poder, nesse governo, muitas mulheres representantes na Câmara aprovam projetos que se mostram contra dos direitos das mulheres. Então, de que nos servem essas mulheres lá?

Emociono-me nas palavras: – Edith, que importante é o trabalho de vocês e que projeto mais lindo é *El café que te conté!* – e com sorriso ela me reponta:

Sim, é lindo e isso nos enche de satisfação, de alegria! Porque lhe digo uma coisa, tive muita alegria em luta. Mas uma das coisas que mais me entristece, faz um ano, diagnosticaram-me com um câncer. Estou em tratamento e tive metástase na vesícula. Tenho câncer no fígado, dois tumores cance-

rígenos, mas isso não tira a minha vitalidade. E seguirei lutando até o último momento, enquanto Deus me permitir, aqui estarei, em frente trabalhando.

De onde vem tanta força?

Acredito que a força me é dada pelas mesmas companheiras, a força de seguirmos adiante. Porque elas estão todas dentro de um barco e, algumas de nós, somos destinadas a conduzir esse barco e o fazer chegar ao seu destino, pois se desmaiamos pelo caminho, imagine como ficarão as demais companheiras que estão aqui, pendentes para terem seu trabalho garantido, terem esse apoio necessário. Precisamos estar ali! E, antes de tudo, a força vital que Deus me tem dado e o apoio que tenho de minha família, de meus filhos, de meus netos, tudo isso me enche de força para superar muitas coisas físicas e psicológicas que vêm dessa enfermidade. Eu creio que, psicologicamente, podemos superar muitas coisas se nos dedicarmos a algo. Neste momento, também estou dentro da representação do partido, junto à mesa municipal das mulheres, que representa a defesa e território das mulheres na Colômbia. Também estou presente no processo de Unidade de Busca de Pessoas Desaparecidas, fazendo a ligação para ajudar a encontrar pessoas, sejam ex-combatentes ou pessoas desaparecidas durante o conflito armado.

Em tempos de perseguição a ex-combatentes na Colômbia, ouvir a Voz de Edith e sua coragem de falar em amor às muitas mulheres silenciadas, era algo tremendo para mim, muito impactante diante do cruzar dos braços de muitos frente a tantas injustiças sociais cravadas nestes territórios de disputas de poder regado a ganâncias. Era imensa minha gratidão pela sua acolhida aos meus questionamentos, ao meu desejo de ouvir a narrativa de uma ex-guerrilheira colombiana. Valente, ela ocupa seu protagonismo e cresce:

Silvia, digo-lhe, companheira, aquilo que precisar, disponha de mim! Se precisar de mais informações ou de fotos nossas, qualquer coisa, mas conte que nós estamos aqui! Porque essas são as denúncias que precisamos fazer internacionalmente. Precisamos denunciar que estão violentando e maltratando a nós, mulheres aqui na Colômbia. E que por parte

do partido FARC, defendemos que esses que estão violentando as mulheres sejam colocados atrás das grades. Fui candidata na Câmara de Deputados e acompanhei Marco Calarcá⁶¹ no processo, estive ali. E nesse processo que tivemos, que foram as eleições da Câmara, éramos 12, sendo 9 mulheres e apenas 2 homens. Ou seja, sempre a representação da mulher foi muito importante dentro do partido FARC.

Edith, eu queria muito lhe abraçar neste momento!

Eu também! Eu também ficaria encantada em lhe abraçar. E pode ter certeza que algum dia você virá aqui, na Colômbia, e irei lhe receber com os braços abertos para que compartilhem muitas coisas bonitas! Cuídate, compañera. Y lucha adelante!

As lutas na Colômbia pela paz com justiça social, continuam...

61 Luis Alberto Albán Urbano, conhecido pelos pseudônimos Marcos Calarcá e Marco León Calarcá, é um ex-guerrilheiro colombiano das FARC-EP. Atualmente, é membro e representante da Fuerza Alternativa Revolucionaria del Común. Integrou o comitê temático durante as negociações de paz entre o governo de Andrés Pastrana e as FARC, junto com outros integrantes das FARC.

DES-LOCADAS DE CASA, REFUGIADAS NA ESPERANÇA



Sempre digo ao meu filho que a vida é belíssima, que a Mãe Terra é repleta de cores e lugares encantadores, com perfumes que só o vento brincalhão é capaz de nos mimosear. Queria poder viver por pelo menos 200 anos para que, des-cobrando a arte do des-apego com a chegada da maturidade, eu pudesse, ainda, ter tempo de fazer escolhas que me permitissem me tornar nômade e experimentar a vida nos mais diversos cantinhos desse planeta azul. Há tanta coisa linda de se viver, de se sentir na pele da alma...

Mas a dura realidade é que um sem-número de crianças como de adultos, só tem experimentado des-consolos, des-alentos, sofreguidão. Sobrevivem em paragens que se tornaram hostis, assustadoras, aparentemente, inférteis. A Mãe Terra, nossa Casa Comum, chora pelo des-cuido que temos com ela.

Não são poucas as dores e as aflições para as quais não encontramos palavras que tenham condições de expressá-las. Elas são indizíveis. E cada mágoa inexprimível que jorra do coração sofrete, tem como fontanário a maldade des-humana que nos devora, sem misericórdia, a tudo o que respira.

Domingo, 15 de agosto de 2021, o universo espia o terror que retorce o fôlego de milhares de pessoas no Afeganistão que há décadas experimentam a fúria destrutiva e consumidora de uma guerra sem fim. Enquanto as estradas se abarrotavam de carros e de gente irrompendo à dispersão, no aeroporto da capital Cabul, centenas de pessoas inundavam a pista de voo com seus prantos e espantos no ensaio de deixarem o país dentro de um avião de transporte C-17, da Força Aérea dos Estados Unidos, ou mesmo agarradas em seu trem de pouso. Embora a capacidade de transporte da aeronave fosse de 134 passageiros, a bordo se ajuntaram 823 numa fuga dramática após ser anunciada a retirada das tropas estadunidenses e o sequente domínio do Afeganistão pelo Talibã depois de 20 anos de uma

coalizão liderada pelos Estados Unidos. No colapso para além de político, o presidente afegão, Ashraf Ghani, escapa, enquanto o porta-voz do grupo fundamentalista islâmico troveja: “A guerra acabou!”. Nas montanhosas terras cobiçadas pelas maiores potências globais por conta dos minadouras de lítio, ferro, cobre e ouro, foram lavrados pelo caos, sem compaixão, os nativos e estrangeiros que ali viviam (BBC, 2021).

À medida em que o grande avião era acelerado pelo piloto que, imagino, deveria estar de pulmões sufocadamente agoniados por descer a passagem em meio a uma multidão de mulheres e homens com suas crianças indefesas, grudadas em seus pescoços ou agarradas em seus braços, sem conseguirem adentrar à nave, outras tantas se valiam da quimera de voarem abraçadas ao pássaro de alumínio que as conduziria à liberdade. Em “choque líquido” que se dissolve a cada nova desgraça noticiada no planeta, o “mundo ocidental” acompanhava pela internet a queda livre de alguns mal-afortunados. Os que lograram (re)começar a vida em outro lugar são, juntos, apenas uma gota nesse oceano abissal de des-esperados que, com medo inarrável, anseiam partir para onde os olhos do Talibã não horizontem.

Há pouco mais de um ano, às vésperas da primavera e em meio à prorrogação do período de quarentena em razão dos mais de 140 mil brasileiros mortos pela Covid19, eu me alegrava pela possibilidade de conversar com Zohre Esmaeli, uma mulher afegã. Eu havia lido algumas reportagens e assistido alguns documentários em que Zohre contava um pouco sobre sua vida e seu apoio às pessoas em contextos de conflito armado em países do Oriente Médio. De beleza singular e um sorriso gracioso, ela é a única mulher do Afeganistão que atua como *Top Model* Internacional, além de ser *design* e escritora. No fundo, eu pensava com meus botões: imagina que essa mulher tão ocupada, terá tempo para me dispensar! Tal qual uma colibri atraída pela flor, ligeiramente, enviei-lhe um e-mail. E com uma generosidade desmedida e encantadora, Zohre encontrou um momento possível em sua agenda para que pudéssemos conversar. Minha gratidão a ela é imensa e se estende também ao Peter

van Gielle Ruppe, seu assessor de cultura e gestor de projetos, que intermediou nossa conversa entre o alemão e o espanhol.

Contei à Zohre que eu estava entrevistando mulheres de países da América Latina, África e Ásia e que desejava muito ouvir a história de uma mulher afegã, uma vez que nem sempre temos notícias sobre a vida e as lutas das mulheres que vivem debaixo da opressão de grupos extremistas como o Talibã. E, assim, iniciamos uma tarde de encontro com as memórias de Zohre Esmaeli e sua jornada em busca da liberdade de ser quem é, de estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo uma mulher afegã, autônoma e emancipada.

Nasci em primeiro de julho de 1985 em Cabul, no Afeganistão. Fugi do Afeganistão para a Alemanha com minha família quando tinha 13 anos. A viagem do Afeganistão para a Alemanha levava cerca de 6 meses e tínhamos que cruzar 10 países diferentes, antigos países da União Soviética através da Ásia Central. Estávamos no ano de 1999. Sempre começo contando essa história, essa viagem, porque isso mudou muito a minha personalidade. Era muito complicado porque eu era a menina mais nova da família e minha família não estava muito preparada e informada para enfrentar aquela jornada. E, de repente, durante a viagem, tiveram que cuidar de questões referentes ao visto da família e precisaram aprender, rapidamente, outros idiomas para manterem a vaga e também se comunicarem com os coiotes que faziam a passagem para a Alemanha. Meu pai vendeu os bens que tínhamos para arrecadar o valor que deveria ser pago aos contrabandistas em promessa por uma vida melhor. Então eu tive que amadurecer muito rápido porque vieram sobre mim muitas responsabilidades e essa situação foi algo muito complexo para mim. Vou contar para você algumas das memórias que me foram muito marcantes durante a viagem.

Quando estávamos em Moscou ficamos três semanas confinados em uma Mesquita, em um cômodo apertado e escuro, com cheiro de urina e suor, sem chuveiro e com um vaso entupido. Nós não podíamos ver a luz do sol ou mesmo, termos a possibilidade de irmos atrás daquilo que precisávamos. Era inverno. Passamos pela Bielo-Rússia, Ucrânia e Hungria,

muitas vezes, caminhando a pé. Houve muitas situações humilhantes, por exemplo, quando os soldados russos forçaram todos os homens do grupo a se despirem de suas roupas enquanto eram revistados em busca de dinheiro. Era muito difícil vermos nossos próprios pais nessa situação.

Quando saímos da Rússia, novamente nos vimos em uma situação de cárcere em um lugar que era locado para receber os refugiados que viajavam pela região. E também em outras circunstâncias nós nos encontramos trancafiados, por exemplo, quando estávamos entre a fronteira da Ucrânia com a Hungria, pois estávamos escondidos em um trem e dois homens na fronteira nos capturaram e, então, novamente estávamos presos. Tivemos que regressar à fronteira e vivermos na locação dos coiotes e essa foi uma das piores situações, pois acabei por ficar muito doente. Ficamos por muito tempo nessa casa locada pelos coiotes. Juntas, viviam quatro famílias com muitas crianças em um pequeno cômodo de 12 metros quadrados e, por semanas, não havia condições estruturais de se viver naquele local, não havia chuveiros, portanto, nenhuma oportunidade de tomar banho. Havia pouquíssima comida porque eram muitas pessoas ali. Além disso, tínhamos que conviver com muitos problemas porque nessa casa locada pelos coiotes, um dos homens tinha problemas com alcoolismo e nos ameaçava dizendo que chamaria a polícia para nos levar. Vivíamos o tempo todo com muito medo. Quando conseguimos sair daquele lugar, ficamos um tempo em uma granja, aguardando uma oportunidade para cruzarmos a fronteira. Foi necessário caminharmos por outras rotas, até mesmo por campos de neve gelados, até chegarmos em Praga, na República Tcheca, porque havia, naquele momento, um conflito entre os coiotes e o coioote que havia nos conduzido havia sido morto por outro homem.

Eram muitas circunstâncias difíceis a todo tempo e, por isso, nossa família acabou sendo separada, uma parte prosseguiu com um caminhoneiro, e minha irmã seguiu com outras pessoas da família caminhando pelos vales e montanhas até chegarem ao destino proposto. Não há como descrever todos os detalhes, mas me recordo que eu estava nesse caminhão e usávamos no corpo uma roupa que estava suja. Sempre cuidávamos muito

da roupa que estava limpa, pois ao final, deveríamos trocar de roupa e nos desfazermos de todas as malas para que não parecêssemos suspeitos. Após quase 7 meses de viagem, em uma jornada de cerca de 10 mil km, chegamos a Alemanha. Ao ver a bandeira alemã tremulando à beira da estrada, eu arranquei meu lenço de cabeça e disse ao meu pai que me sentia muito feliz. Ao sair da carroceria do caminhão que havia sido nosso esconderijo por meses e adentrar em segurança no apartamento de meu primo, fui a primeira a tomar um banho. Vi a água ir se tornando preta enquanto retirava de meu corpo toda aquela sujeira.

Esses momentos vivenciados ainda com 13 anos de idade, formaram muito o meu caráter, foram muitas mudanças. Quando chegamos na Alemanha vivemos por dois anos e meio em um alojamento para refugiados perto de Frankfurt, só depois é que nos foi permitido termos nossa própria moradia. Essa é a história da nossa viagem do Afeganistão até a Alemanha.

O Emirado Islâmico do Afeganistão se localiza no Oriente Médio, na Ásia Central. A princípio, quando nos deparamos com o nome do país, a imagem refletida nos conota desolação, ruína e deserto. É quase que uma relação automática que fazemos. Porém, nossa Casa Comum é sublime e radiante e, quando resguardada da crueldade maquinada por des-humanos, ela nos sorri com a formosura e grandiosidade de sua natureza abundante de cores, cheiros, sabores, frescores, texturas mil.

No Afeganistão, a cerca de 3 mil metros de altura, está *Hindu kush*, a segunda cordilheira mais alta do planeta com seu porte deslumbrante e acolhedor do Parque Nacional *Band-e Amir*, constituído por 6 belíssimos e profundos lagos que, conforme a luz e o movimento dos minerais na água, alteram-se entre azul turquesa, safira-escuro e verde, esculpidos intensamente pela clareza do ar, pela pureza da água e por sua riqueza mineral. Cercados por falésias calcárias cor de rosa e com pouca vegetação, *Band-e Amir* é uma raridade listada como patrimônio da humanidade. Bem perto dali está o vale *Bamiyan*, muito visitado por turistas. No vale se encontravam as estátuas dos Budas Gigantes, uma com 38 e a outra com 55 metros de altura, construídas entre o século VI e VII da

era cristã, quando a região era um centro movimentado da Rota da Seda. Lastimosamente, foram destruídas em 2001 pelo repelo incontrolável dos Talibãs. Na região também há cavernas cujos tetos foram decorados com pinturas a óleo do século VII que se destacam entre as mais antigas do planeta e são reconhecidas pela Unesco como Patrimônio da Humanidade (STROCHLIC, 2021).

O país tem sua história marcada por uma constância de disputas territoriais e ocupações militares forâneas, tais como as fomentadas pelos soviéticos e estadunidenses. Nos anos 90 o grupo extremista, Talibã, apoderou-se do Afeganistão e estabeleceu uma dominação totalitária e cruel que oprimiu seu povo, principalmente as mulheres. Após os ataques de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos invadiram o país com o propósito de retirar o Talibã do poder e desmontar as estruturas da Al-Qaeda, uma organização fundamentalista islâmica internacional que opera e se move a partir de ataques terroristas contra países do ocidente com o objetivo de forçar seus governos a abandonarem territórios do Oriente Médio que são ricos em recursos minerais altamente cobiçados pelas principais potências econômicas do globo. A organização foi fundada em 1988 pelo extremista Osama Bin Laden em conjunto com outros guerrilheiros seguidores do regime de terror cujo grande objetivo é ocupar o poder geopolítico no Oriente Médio, firmando-se em territórios da Europa e da América. A adesão de jovens de várias partes do planeta tem sido significativa e motivo de grande preocupação em razão da força doutrinária que os move a colocar suas próprias vidas em alto risco em obediência aos princípios fundamentalistas que regem a organização. No princípio, a Al-Qaeda visava banir as tropas russas do Afeganistão e contou com o apoio financeiro dos Estados Unidos para a aquisição de materiais bélicos e treinamentos militares. Mas com a Guerra do Golfo em 1990 e implantação de bases militares na península arábica onde se encontram os principais templos islâmicos, Bin Laden empeçou uma cruzada em forte oposição aos Estados Unidos. Atualmente, após 20 anos da ocupação militar estadunidense no país, suas tropas são retiradas e o Talibã (re) toma o poder. De modo bem enxuto podemos afirmar que o povo afe-

gão tem sofrido muitíssimo há mais de 4 décadas com conflitos armados, desastres naturais, pobreza extrema e vulnerabilidade social gravíssima. Milhares de pessoas já morreram em razão das guerras no Afeganistão e cerca de 10 milhões se encontram na condição de refugiados, sendo os afegãos uma das maiores comunidades de refugiados do planeta, grande parte presente no Irã e no Paquistão. Outras tantas des-locadas dentro do próprio país, à procura de algum lugar mais seguro para viverem. Entre 2009 e 2018, cerca de 6,5 mil crianças morreram e aproximadamente 15 mil ficaram feridas. Com a crise política de 2021, mais de 500 mil pessoas foram deslocadas internamente e inúmeras outras, obrigadas a permanecer em fuga. Mais de 11 milhões são meninas e mulheres com menos de 25 anos de idade, elas representam cerca de 80% das pessoas que são des-locadas à força (UNHCR, 2021).

O exílio tem sido o almejo forçado de um sem-número de afegãos, ele é esperança amalgamada com dor, uma dor delicada e profunda que se enraíza nas memórias do migrante, do refugiado, daquele que andarilha em um terceiro espaço na subjetividade de sua hibridez. No exílio se encontram as expectativas de um viver em liberdade, principalmente, distante do medo e da fome. Mas no exílio também se amoitam os espinhos da discriminação, do racismo, do *apartheid* camuflado e explícito que se forja na complexidade das divergências culturais e das (in)tolerâncias des-humanas. O exílio não se configura apenas como um lugar, mas também como uma condição e espaço de constituição de identidade e modos de vida, muitas vezes, turbulentos. No exílio há oportunidades e desafios, alegrias e lamentos, acolhimentos e *apartheids*, sonhos e frustrações, liberdades e opressões, curas e mortes. No exílio, a xenofobia não é somente uma sombra agigantada, ela é um corpo que se alimenta e se movimenta pelo ódio nacionalista.

Essa dor pungente do povo afegão é pranteada por Nadia Anjuman⁶², poetiza afegã que sobreviveu aos horrores do governo Talibã,

62 Nadia Anjuman Herawi nasceu em Herat, no noroeste do Afeganistão, em 27 de dezembro de 1980, foi a sexta filha de sua família e cresceu em meio aos graves conflitos presentes no país. Nos anos 90, com o Talibã no poder, as mulheres tiveram

porém, aos 25 anos, foi espancada até a morte por seu marido em razão

suas liberdades severamente reprimidas. Nadia se mostrava uma aluna notável em seu décimo ano escolar, todavia, o terror e a brutalidade fundamentalista, ceifou seu futuro brilhante. O Talibã fechou as escolas para meninas e proibiu que recebessem aulas particulares. Em 1996, Nadia se juntou a outras mulheres para frequentar, em segredo, o círculo educacional *Golden Needle Sewing School*, organizado por elas e mentorado pelo professor Muhammad Ali Rahyab, da Universidade Herat, pai de três filhas. Elas se reuniam três vezes por semana sob a justificativa de aprenderem a costurar, atividade que era aprovada pelo governo do Talibã. No entanto, os encontros eram com professores da universidade que versavam discussões sobre literatura e apresentavam autores proibidos como Shakespeare, Tolstói e Honoré de Balzac. Arriscando suas vidas à prisão, tortura e enforcamento, dedicavam-se vividamente ao projeto enquanto seus filhos brincavam do lado de fora do prédio, movendo-se como vigias para alertarem as valentes mulheres e destemidos professores acerca da aproximação de policiais e estranhos. Neste alerta, todos escondiam seus livros e se punham, rapidamente, a bordar seus panos. Bravamente, o projeto resistiu durante todo o período do governo Talibã. Apesar de viver em uma época em que as mulheres eram proibidas de saírem de casa sozinhas, com apoio do professor Rahyab, Nadia, desenvolveu sua capacidade e talento distinto para escrever e enunciar sua Voz e foi apresentada a diversos escritores. Com a queda do governo Talibã em 2001, Nadia foi aceita, aos 21 anos, para estudar literatura na Universidade Herat. Escreveu diversos poemas e publicou livros que se tornaram conhecidos no Afeganistão, Paquistão e Irã. Tal como a maioria das jovens afegãs, seus pais queriam que ela se casasse entre seus 14 e 15 anos de idade. Com resistência conseguiu postergar um pouco mais a data do casamento, mas foi obrigada a se casar com Farid Ahmad Majid Mia (ou Nia) que era formado em literatura pela mesma universidade e trabalhava ali como escriturário. No entanto, por ela ser uma mulher, tanto seu marido como sua família concebiam Nadia e sua escrita como uma vergonha para eles e sempre se mostravam furiosos, mas ela insistiu em permanecer escrevendo. Pouco depois do nascimento de seu filho, em 04 de novembro de 2005, Nadia foi espancada por seu marido até ficar inconsciente, com ferimentos graves e um corte profundo na cabeça. O motivo da briga foi por ela insistir e protestar contra a proibição de seu marido para ir visitar sua família e amigos durante o último dia do mês sagrado do Ramadã, uma celebração muçulmana conhecida como Eid al-Fitr que marca o fim do jejum. Nadia foi morta por seu marido aos 25 anos de idade. Entre mentiras produzidas por Farid de que Nadia havia cometido suicídio e investigações realizadas, as Nações Unidas pressionaram para que fossem tomadas medidas investigativas e punitivas para Farid. Neste contexto, ele foi condenado e preso por assassinato. Contudo, o grupo de anciãos em Herat intimidaram Anjuman, o pai de Nadia a perdoar seu marido por sua morte para encurtar seu período de encarceramento para 5 anos. Ele cedeu e a causa da morte de Nadia foi oficialmente registrada como suicídio pelos tribunais afegãos e Farid foi solto um mês depois (TN, 2021; LAMB, 2005).

de seus versos, exclusivamente, por ser mulher.

Oh, exilados da montanha do esquecimento!
 Oh, joia de seus nomes, dormindo na lama do silêncio
 Oh, memórias destruídas, memórias de leve tristeza
 Na mente turva de uma onda no mar do esquecimento
 Onde está o transparente, a corrente que flui de teus pensamentos?
 Que mão ladra saqueou a estátua de ouro puro de teus sonhos?
 Nesta tempestade que origina a opressão
 Para onde foi teu barco, tua serena lua prateada do barco?
 Depois desse frio cortante que dá à luz a morte
 O mar deveria desprender a calma
 Deveria a nuvem libertar o coração nodoso de tristezas
 Deveria a donzela da lua nos brindar o amor, ofertar um sorriso
 Deveria a montanha adoçar seu coração, adornar-se de verde,
 Tornar-se frutífera
 Qual de teus nomes, na altura do topo,
 Se torna brilhante como o sol?
 O amanhecer de tuas memórias Memórias
 de leve tristeza
 Nos olhos dos peixes cansados pelas inundações e
 Temerosos da chuva da opressão,
 A esperança é refletida?
 Oh, exilados da montanha do esquecimento!
 (ANJUMAN, 2001, tradução minha).

Sobre o exílio, Spôjmaï Zariâb⁶³, nascida em 1949, escritora afegã residente na França desde 1991, elabora doloridamente:

63 Spôjmaï Raouf Zariâb é uma das primeiras escritoras afegãs da modernidade que teve suas obras escritas em persa, traduzidas e publicadas em francês. Antes da guerra civil afegã, seus trabalhos eram lidos em jornais e revistas do país. A riqueza de sua literatura foi comparada a de Franz Kafka e Thomas Bernhard. É concebida como a herdeira da poetiza medieval Rabi'a Balkhi, Contemporânea dos poetas clássicos

Você me pergunta o que é o exílio... Anos atrás, em uma esquina tranquila de Cabul, eu li a tradução persa de *O homem de Cabul*, um conto de Rabindranath Tagore. Com suas palavras mágicas, esse talentoso escritor indiano me fez descobrir a dor do exílio. [...]. Eu, que estava protegida da miséria e que conhecia a guerra apenas pelos livros, também me vi protegida do exílio... até o fim dos meus dias. Naquela época, eu não sabia que um dia, por fim, a mão injusta da história transformaria todos os afegãos no homem de Cabul de Tagore. Que a loucura da história iria dividir uma nação inteira e dispersar os afegãos pelos quatro cantos do mundo, longe de seus pais, mães, filhos, irmãs e irmãos. À minha volta, eu não conheço uma família sequer que foi poupada do tormento do exílio, e que, mesmo sem ter lido Tagore, não viveu a história do homem de Cabul e não sentiu a sua dor por dentro”. Você me pergunta o que Estou pensando ... O que eu poderia estar pensando quando vejo países em desenvolvimento, ainda lutando para se libertar das garras da miséria, serem vítimas da devastação da guerra? O que eu poderia estar pensando quando ouço falar mal de pessoas sendo condenadas por baterem em portas distantes para se salvarem? O que eu poderia estar pensando quando vejo que, ao longo dos séculos, nem religião, filosofia, literatura, arte, ciência ou tecnologia foram capazes de aplacar a fome no ventre do mundo e encontrarem um remédio para a loucura que chamamos de ‘guerra’? (ZARIÂB, 2008, p. 8-9, tradução minha).

A busca pela vida para além das fronteiras afegãs, é um anseio compartilhado por milhares de pessoas que solicitam adentrar nos territórios vizinhos, europeus e norte-americanos na condição de refugiados. No

Rūdakī e ‘Attar, a princesa que no século X (914-943) escrevia em *dari* (persa falado no Afeganistão), conhecida por ser a primeira escritora afegã. Ela morreu em razão de um amor proibido, escrevendo nas paredes do lugar onde estava, seu último poema de amor com seu próprio sangue que fluía do corte feito em seus pulsos. Zariâb sempre se mostra severa contra os horrores promovidos pelo Talibã, em uma de suas entrevistas, afirmou: “Os talibans não sabem nada sobre o Afeganistão. São aprendizes religiosos que foram treinados nas escolas corânicas no Paquistão desde meninos. Chegaram com uma raiva para destruir, destruir tudo. Todas as suas ações foram dirigidas para tornar o país completamente dependente: acabar com a agricultura, com os sistemas de irrigação, com a economia até ficar um país devastado. Com os russos foram os tanques, com os talibãs o fogo. Tivemos fanatismo político e depois fanatismo religioso. E o fanatismo de qualquer natureza leva à cegueira” (NETO, 2001).

entanto, as exigências por uma lista de documentos considerados válidos, restringe o acesso a essa forma de esperança por dias melhores e, para distanciar e isolar ainda mais o povo afegão, a maioria dos países circunvizinhos, fecharam suas fronteiras terrestres para refugiados do Afeganistão.

Grande parte das meninas e mulheres afegãs não tem passaporte ou documentos válidos de identificação. É recente a inclusão do nome da mãe na certidão de nascimento dos filhos, a emenda assinada pelo presidente Ashraf Ghani é de 17 de setembro de 2020. Até então, apenas o nome do pai era registrado no documento de identidade, pois fazer uso do nome de uma mulher em público, inclusive em documentos, era proibido por ser considerado um insulto. Não há pressa em se dar um nome quando nasce uma menina. Em cerimônias públicas, como casamentos, por exemplo, o nome da mulher não consta no convite, bem como não é citado em uma receita médica, tampouco registrado em certidões de óbito ou mesmo em lápides colocadas em túmulos. Não são poucas as mulheres que relatam terem sido agredidas pelo marido ao dizerem seus nomes em uma consulta médica (BBC, 2020).

A celebração das mulheres afegãs pela inclusão do nome da mãe nas certidões de nascimento pode parecer algo surreal para os povos de cultura ocidental, porém, é uma grande conquista para o movimento pelos direitos das mulheres neste país onde nascer sem um pênis é estar sentenciada ao desprezo, ao des-amor, às muitas formas de violência e absoluta ausência de liberdade de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo mulher. Por essa luta, dentre tantas outras, inúmeras mulheres sofreram violências, foram espancadas, chicoteadas, eletrocutadas, abusadas, amaldiçoadas, mortas. Sim, precisamos conhecer, divulgar e falar sobre o sofrimento, a ausência de direitos, as batalhas das meninas e mulheres do Afeganistão. As lutas da mulher afegã devem ser abrigadas por todos os movimentos feministas e movimentos por direitos humanos espalhados pelo planeta, se assim não for, não passamos de farsantes enraizados às zonas de conforto discursais.

Os afegãos partejam dores das guerras, da fome, da pobreza, da miséria, do desespero provocado e mantido pela ganância e gana de poder expansionista. Não há, nunca houve, intensões libertárias advindas de estrangeiros para os afegãos, apenas golpes e guerras movidas pela conveniência lucrativa, exploratória, colonizadora. Quem dera o povo afegão pudesse decidir seu caminho sem abutres forasteiros, sem fundamentalistas estranguladores – ambos emissários de morte. A fuga da família de Zohre Esmaeli, é parte do retrato da sofrida e inarrável realidade de milhares de afegãos. Acolhendo sua memória, ela me conta:

Como criança, eu tinha muitas curiosidades, queria saber de tudo, conhecer tudo e ver tudo, mas minha família estava muito assustada por conta de toda a mudança cultural que estávamos vivenciando. Começaram, então, outros problemas. Meus pais tinham o objetivo de ter uma vida melhor na Alemanha, porém, basicamente, não tinham nenhuma ideia de onde ir, como era a cultura local e tudo mais que se passava naquele novo país onde estávamos. E novos conflitos surgiram entre meus pais e eu, porque eu tinha outra maneira de me adaptar às novas condições.

Durante a viagem, quando havia momentos mais duros, eu sempre tinha um pouco dessa visão, de uma ilusão de que quando chegasse na Alemanha, iria ter muitos amigos, comida suficiente, uma vida social boa, e que poderia cozinhar para outras pessoas e todas essas coisas. Mas quando chegamos na Alemanha, esses sonhos foram um pouco destruídos porque eu tinha que estudar em uma escola que ficava no campo e ali havia muitos estrangeiros e, por isso, era muito difícil nossa integração, porque não falávamos o mesmo idioma.

Então, decidi me ocupar de aprender o novo idioma sozinha, da maneira como conseguia, pois não havia muita estrutura para novos imigrantes, tinha que aprender sozinha com um pouco da ajuda dos professores que estavam conosco. Basicamente, eu vivia em dois mundos, porque na escola eu tinha que aprender a nova cultura, eu podia aprender e estava curiosa e desejosa de me adaptar à nova cultura. Mas quando chegava em casa, eu precisava estar disponível para meus pais, ser mais adulta e respon-

sável pelas tarefas domésticas. Meu irmão também estava na escola e como ele era uma criança com deficiência intelectual, muitos faziam piadas sobre ele. Eu ficava furiosa com isso, mas não tinha como nos defender muito bem, pois eu não dominava completamente o idioma. Era muito comum as outras crianças nos tratarem mal e, por isso, eu chorava muito na escola durante essa fase da infância. Nessa escola eu tinha alguns amigos de outros países, por exemplo, da Itália e da Espanha, mas não tinha muitos amigos alemães, pois eles não eram tão amigáveis. Foram tempos muito duros!

Mas, hoje, olhando para trás e refletindo sobre todas essas coisas, também encontro um pouco de paz, pois pude me ocupar de outras coisas em minha vida que foram importantes. E, hoje, também não descarrego culpa naquelas crianças, porque, na verdade, ninguém as havia preparado ou lhes explicado sobre as pessoas na condição de refugiados, eles não tinham conhecimento sobre a existência de pessoas que viviam em outras culturas, em outros mundos diferentes. A responsabilidade pelo comportamento daquelas crianças era, na verdade, das condições da sociedade tão desigual em que vivíamos. Depois desse tempo, tivemos sorte de podermos sair do campo e irmos para uma cidade pequena, onde havia um pouco mais de imigrantes e, assim, não nos sentíamos tão sozinhos e isolados. Eu era uma menina bem ativa e já pensava muito sobre várias dessas situações que me cercavam. Por causa dessa qualidade de ser ativa, eu era capaz de construir a minha própria paz apesar de todo esse contexto e dessa situação de chegada na Alemanha. Quando eu tinha 2 anos de idade, perdi a minha mãe em um acidente de carro, penso que por isso eu também cresci e amadureci de uma forma mais dura e rápida, o que me deu condições de suportar essas circunstâncias tão difíceis pelas quais nós passamos enquanto refugiados.

Por causa de todas essas vivências que eu tive, hoje, busco ajudar outros imigrantes, procuro fazer um ativismo social e viver a minha vida conforme os valores nos quais fui formada⁶⁴. Neste momento, estou muito

64 Em 2018 Zohre fundou a *Culture Coaches* para oportunizar aos refugiados uma educação sobre a cultura alemã e assim os apoiar em seu processo de integração cultural: <http://culturecoaches.de/> Ela também criou a *The Zohre Esmaeli Foundation* com a oferta de aulas online para crianças e mulheres afegãs que vivem em

feliz porque, apesar de ainda existirem vários problemas que precisam ser tratados, a Alemanha tem se mostrado muito melhor para receber pessoas que chegam de outros países.

Aos 16 anos uma mulher chegou até mim e disse que eu poderia ser uma modelo. Fiquei surpresa, pois nunca havia me achado bonita. Ela sugeriu que eu tirasse uma fotografia e, na agência em que ela me acompanhou, disseram que eu deveria organizar um portfólio. Não foi fácil o início de minha carreira como modelo. Embora eu tivesse sido descoberta e convidada a ingressar na carreira, meu pai se opunha. E a situação era complicada porque eu era obrigada a fazer tudo em casa e a cuidar de todos, além de não ter permissão para fazer amigos e ir às festas, participar de excursões e de todas essas atividades que eram divertidas. Meu pai trazia consigo um pouco dos ideais próprios do Afeganistão para a nossa vida na Alemanha, então, para ele, uma mulher que é autônoma, que decide aquilo que faz com sua vida, é como se fosse uma prostituta, ou seja, se você quer ser bem vista, não pode se comportar dessa maneira. Se estivéssemos no Afeganistão, meu pai teria uma certa razão de se preocupar tanto, pois um comportamento deste tipo poderia ser algo muito perigoso. Ocorre que meu pai, que minha família, ainda não havia entendido muito bem como era a cultura e como as coisas funcionavam na Alemanha e, por isso, eles não estavam me permitindo participar daquilo tudo, porque estavam temerosos por se sentirem ameaçados pelos mesmos riscos que sofriam quando vivíamos no Afeganistão. Meu pai era a pessoa que eu mais amava em minha família, mas vivia com ele uma relação difícil. Uma vez, enquanto trabalhava em uma cafeteria, comprei meu próprio celular e, quando meu pai descobriu, cortou minha internet para que eu não tivesse muito contato com o mundo exterior.

E, com toda essa situação acontecendo, o meu pai e o resto da família queriam que eu me casasse bem rápido, e essa era a decisão deles. Quando minha irmã mais velha anunciou que havia encontrado um homem afegão para se casar comigo, percebi que precisava arrumar uma forma de

acampamentos de refugiados, a fim de prepará-las para a vida na Europa: <https://www.zohre.de/spenden/>

sair daquela situação. Eu não suportava a ideia de um casamento forçado e de não poder ter minha própria liberdade de fazer escolhas, então, decidi que fugiria outra vez. E, em uma certa manhã, por volta das 4 ou 5 horas da madrugada, peguei algumas coisas e saí de casa no meio do nevoeiro. Eu não via nenhum sentido em me casar e me tornar uma dona de casa, porque isso era a única coisa que eu poderia ser se estivéssemos lá no Afeganistão, mas, depois de tudo o que fizemos e por tudo que passamos nesta dura viagem para a Alemanha, eu tinha muitas outras oportunidades e queria vivê-las. Por outro lado, era também muito complicado porque eu tinha uma família grande, com 7 crianças e, para mim, a família era algo muito importante, eu os amava muito. Todavia, minhas liberdades também eram, igualmente, muito importantes para mim. Não foi fácil tomar uma decisão, mas decidi sair de casa e seguir meu próprio caminho.

No entanto, para mim, essa fuga foi muito mais difícil e muito mais dolorosa do que a primeira que fizemos para a Alemanha, era muito difícil ter que deixar minha família, causar toda essa dor ao meu pai. Eu tinha muitas responsabilidades dentro da família e as deixei todas para eles. Ainda não dominava o idioma alemão, pois estávamos no país há apenas 3 anos e, basicamente, não tinha nenhum plano ou ideia do que faria. Então, primeiramente, saí para uma casa para crianças de rua. Sempre escutava muito sobre “assassinatos de honra”, que é quando as famílias matam outros membros da própria família por uma questão de honra, por não quererem perder a sua honra em razão de comportamentos que não são tolerados. E, nesse contexto, meus próprios irmãos me ameaçaram de morte.

Eu estava há 12 dias nessa casa de crianças. Chorava todas as noites e tinha muito medo que alguém entrasse pela janela para me matar. Contudo, também tinha muito desejo de voltar para minha família e tudo isso era muito difícil. Nesse novo ambiente em que eu estava, não havia nenhum apoio para poder falar como eu me sentia e sobre o que estava acontecendo comigo. Então, fugi dessa casa e fui para Stuttgart, ao Sul da Alemanha. E ali, fui apanhada pela polícia que me perguntou se eu havia sido sequestrada ou se estava ali ilegalmente. Respondi que já tinha 17 anos e meio e como logo

faria 18 anos, queria tomar minhas próprias decisões e viver sozinha. Nesse momento, eu estava bem consciente de toda a situação, já não tinha mais nenhum sorriso e vivia um momento de depressão muito forte e profunda.

Então, pude ficar com uma família alemã que conheci. Por causa de tudo o que havia acontecido, eu estava com medo da minha família, e não tinha nenhuma confiança em qualquer pessoa que fosse do Afeganistão. Dessa forma, aprendi a me abrir mais aos alemães, nesse momento tão difícil. Por ser uma refugiada, as leis estabeleciam que eu deveria permanecer com meus documentos dentro do distrito onde fui registrada. Mas a partir do momento em que fui para a cidade do sul da Alemanha, eu violei minhas condições de refugiada. Fiquei com a minha imunidade muito baixa nesse tempo e perdi muito peso, estava sangrando, mas não podia ir ao médico, pois descobririam que saí do distrito ilegalmente. Para me ajudar, a mãe dessa família onde eu estava vivendo, foi ao médico e simulou os sintomas que eu tinha para conseguir os medicamentos que eu necessitava. Ao longo do tempo, tive muitas experiências com atos ilegais.

Nessa nova cidade em que eu estava, descobriram-me novamente como modelo, e os fotógrafos me diziam: “mas com esse rosto que você tem, não é capaz de sorrir? Assim não irá poder ser uma modelo”. Decidi fazer a foto e paguei parcelado para o fotógrafo. Fiquei surpresa ao me ver com cabelos e lábios brilhantes. Era um novo eu que surgia!

Aos 18 anos, Zohre Esmaeli foi contratada por uma agência e enviada a Milão, Roma e Londres. Sua primeira cliente reconhecida internacionalmente foi a fabricante de móveis *Bretz* que fez dela a protagonista de uma grande campanha publicitária entre os anos de 2003 e 2007. Pouco tempo depois estava vivendo em Paris e participando de editoriais de moda, posando para as grifes como a *Joop*, *Airfield* e *Breitling*. Em um clube de Nova Iorque, sentou-se à mesa ao lado de Jay-Z e Beyoncé. Zohre conta que um dia, estava na estação de trem de Stuttgart, cidade por onde havia passado como uma jovem refugiada, e viu seu primeiro anúncio junto a marca de moda *Bogner*, publicado na revista *Vogue*, uma das mais conceituadas no campo da moda e estilo de vida, ela não podia imaginar

o tamanho das surpresas que a vida lhe reservara. Em 2004, representou o Afeganistão no concurso *Queen of the World*, em Munique. Zohre participou de muitas campanhas publicitárias de moda e se eternizou como destaque em revistas como a *Elle*, *Cosmopolitan*, *Madame*, *Zink*, *Zeba*, *Lounge*, *InStyle* e *Marie Claire*. Em 2006 foi contratada pelo estilista belga, Gerald Watelet, para desfilar na *Fashion Week* em Paris e, desde então, desfila nas principais passarelas internacionais.

Em fevereiro de 2014, publicou seu livro *Meine neue Freiheit: Von Cabul über den Laufsteg zu mir selbst*, no qual narra sua história de fuga do Afeganistão e refúgio na Alemanha. No mesmo ano, foi nomeada Embaixadora da Agência Federal da Alemanha Anti-Discriminação. Criou sua própria coleção de moda que se chama *Zoraya* e a apresentou pela primeira vez no ano de 2015 em um desfile de moda realizado em Berlim para arrecadar fundos para seu projeto de apoio a refugiados (DELIMBEUF, 2017; HARDT, 2021).

Em 2017 Zohre foi o novo rosto da campanha de imagem oficial da “Alemanha – País das Ideias” (*Deutschland – Land der Ideen*), campanha criada em 2006 pelo Governo Federal Alemão, comandado por Ângela Merkel por 16 anos, e pela Federação da Indústria Alemã. Desta vez, posa envolvida na bandeira alemã, representando um país aberto à diversidade, à inovação e disposto a ajudar aqueles que ali vivem. Nesta campanha, Zohre é a quebra de paradigma: uma mulher afegã, ex-refugiada, agora com nacionalidade alemã, ocupando um lugar de fala e de imagem de uma sociedade alemã que se mostra aberta e livre para novas possibilidades de vida e oportunidades (DEUTSCHLAND – Land der Ideen, 2016).

Era muito duro sorrir. Eu tinha entre 17 e 18 anos, mas de tanto medo de ficar sozinha, muitas vezes, eu ia para a cama da mãe desta família com que eu vivia. Eu tinha medo de que alguém estivesse me observando pela janela ou estivesse me procurando. Estou resumindo os pontos mais importantes da minha história, mas, na verdade, ela é muito mais longa e detalhada. Assim, cheguei a Alemanha com 13 anos e com 17 anos e meio eu saí da casa do meu pai. E, desde esse tempo, fui me tornando autônoma,

vivenciei muitos outros problemas, mas também contei com um pouco de segurança porque a polícia foi até a minha família e lhes disse que se algo me acontecesse, eles seriam responsabilizados. De alguma maneira, isso me fazia me sentir um pouco mais segura. Tenho muita sorte em ter vindo para a Alemanha porque é um país bastante seguro para mulheres nos espaços públicos. Durante os primeiros 6 meses foi muito difícil, mas com o tempo, sempre me senti com confiança e coragem de me defender, sem medo dessas situações de vulnerabilidade porque o país é, relativamente, muito seguro.

A coragem de seguir caminhando pela sede e fome de vida e de liberdade, é uma marca protuberante que sela milhares de meninas e de mulheres pelo planeta. A vulnerabilidade social se encontra vinculada aos crimes contra às mulheres na condição de migrantes e refugiadas. Aproximadamente, 87% das mulheres afegãs já sofreram violência baseada em gênero, 62% passaram, concomitantemente, por violência psicológica, física e sexual. Cerca de 15% das mulheres com menos de 50 anos foram obrigadas a se casarem antes de completarem 15 anos e 10% das meninas entre 15 e 19 anos dão à luz todos os anos. Quase 40% das meninas afegãs são dadas ao casamento antes dos 18 anos de idade e o casamento infantil continua sendo uma realidade angustiante para as meninas que, por vezes, acabam sendo vendidas, ainda com menos de 10 anos de idade, para homens mais velhos. Recentemente, um homem vendeu suas filhas de 6 anos e outra de 1 ano e meio de idade, para que sua família não morresse de fome. Desesperado, um outro homem relatou que já havia vendido sua filha de 3 anos e que se não encontrasse uma solução contra a fome e a miséria, também teria que vender sua outra filha de 3 meses de idade. Por vezes, o pagamento cobrado pela família da menina, é comida, cabras, um terreno ou dinheiro (CONE, 2021).

Essa prática movida pela extrema pobreza e avassaladora cultura patriarcal também tem sido comum dentro dos acampamentos de refugiados. Muitas dessas meninas vendidas para pagamento de dívidas e por comida, nunca mais chegam a rever seus familiares. O sofrimento das mães que aguardam a separação de suas filhas, é inominável, bem como

das meninas sem nenhuma possibilidade de escolha sobre seus destinos. Aproximadamente 80% dos 3 mil suicídios anuais que são cometidos no país, são de mulheres afegãs que ateam fogo ao corpo e, comumente, aquelas que sobrevivem ao autoextermínio, são abandonadas pela família pelo tabu cultural com relação ao ato (MANNELL, J. et al., 2021).

Problemáticas relacionadas à migração, à saúde, à vida reprodutiva, à exploração sexual de meninas e mulheres precisam ser encaradas e discutidas por todas e todos nós. Digo por todas e todos nós porque somos responsáveis pela escolha de representantes públicos, porque somos trabalhadoras e trabalhadores, porque somos mães e pais, porque seres humanos minimamente empáticos devem se indignar e atuar com consciência na luta contra as barbáries cometidas contra seus semelhantes em sua Casa Comum.

A luta pela vida com dignidade e acesso aos direitos humanos, aos direitos das mulheres, não deve ser apenas daqueles que se encontram na linha de frente de tais batalhas, mas, sem dúvida, deve ser de todos que também se encontram nos bastidores. Apoiar à causa das meninas e das mulheres na condição de migrantes e refugiadas é um dever de cada pessoa que não se encontra silenciada em seu país para se colocar diante das redes sociais, da mídia em geral, das políticas públicas nacionais e internacionais vigentes, das autoridades eclesiais e governamentais, da vida social. Porque é falando sobre o tema, é se importando e pesquisando, ouvindo e conhecendo histórias de mulheres migrantes e refugiadas que nos abriremos para a possibilidade de fazermos algo mais a partir do toque da empatia, do respeito e do amor fraterno mundial, da responsabilidade de mudarmos a nós mesmos para então, mudarmos o mundo em um lugar melhor para todas as pessoas viverem.

Não é razoável que pessoas humanizadas e que anelam mais que tudo, viver em paz e com dignidade para si mesmas e suas famílias, renunciem o ato consciente de se importar com a vida dos que se encontram em desvantagem econômica-social. No que diz respeito às pessoas migrantes e refugiadas, há que se parar para refletir sobre esses processos que não estão fixados e restritos a um único povo. Todos nós

estamos passíveis de em um estalar de dedos, quer por desastres naturais ou por conflitos armados, tornarmo-nos peregrinos, exilados, perseguidos, desprezados, violentados, humilhados, pobres, famintos, sedentos e nus. Empareadar incivis xenofóbicos não aceitando suas desculpas nacionalistas, capitalistas e des-humanas para a manutenção de migrantes e refugiados em situação de marginalização, ilegalidade, vulnerabilidade social, exploração sexual, trabalho escravo, falta de acesso à qualificação profissional e documental, já é um bom começo. Votar em políticos xenofóbicos, nem pensar: #ElesNão!

Perguntei-lhe: Zohre, que desafios o patriarcado impõe às mulheres no Afeganistão?

Eu não posso falar em nome de todas as mulheres, mas posso contar sobre minha experiência pessoal daquilo que vi e vivi. A mulher no Afeganistão não tem nenhum valor, não vale nada e não tem acesso aos direitos humanos, não há nada que se possa considerar no país como um direito da mulher. Os homens encontram muitas restrições, são muito limitados para terem contato com uma mulher, o que há é apenas um pequeno flerte. O poder do homem basicamente se resume em ter muitos filhos, porque se ele tem muitos filhos, faz uma família forte e, por isso, produz algum tipo de poder. E quando está mais velho, também, pois existe mais respeito com os homens mais velhos. Mas a verdade é que quando se alcança esse respeito por estar mais velho, a vida também está mais próxima de seu fim. Eu me sinto como se tivesse mais idade quando penso sobre essas coisas, pois saí muito jovem do Afeganistão, mas tudo isso acontecia também dentro da minha família, uma vez que eu tinha 4 irmãos mais velhos.

Podemos dizer que tem havido algumas mudanças no Afeganistão, em alguns lugares a situação parece um pouco melhor, no entanto, tem essa situação muito difícil de acordo de paz com relação ao Talibã. Eu não tenho muita esperança de que esse acordo será algo permanente, então, há diferenças entre as regiões com mais ou menos domínio do Talibã. As mulheres no Afeganistão são bastante fortes e lutadoras. Eu não tenho dúvidas de que se fosse permitido a participação das mulheres na política do país, tudo

poderia ter sido muito diferente na condução da nação. Há várias mulheres em cooperação direta com o parlamento. Porém, é uma geração antiga, de antes de todas as mudanças, que assume essas posições em defesa aos direitos das mulheres, no entanto, elas não têm muita influência, tampouco têm uma vida muito fácil nessa atual situação. E em razão de ter passado por todos esses conflitos, eu sou quem sou hoje e, de uma certa maneira, vibro por ter conseguido quebrar todas as regras impostas no Afeganistão. E como violei muitos tabus existentes na sociedade Afegã, também foram geradas muitas antipatias comigo.

Fazer a diferença é uma escolha, é uma tomada de posição diante dos acontecimentos da vida, é um mover-se frente as adversidades. Nem sempre é fácil e tranquilo nos posicionarmos diante das dificuldades que nos são sobrepostas, mesmo quando se trata de modificarmos algo que, a médio e longo prazo, beneficiar-nos-á. É complexo construirmos um autoconhecimento sobre nós mesmos e forjarmos a coragem de nos modificarmos para nosso próprio bem-estar, imagine concentrar energias para serem investidas nas vidas e nas problemáticas que dizem respeito a outras pessoas, a gerações do porvir que ainda nem nasceram. Em um país como o Afeganistão, mulheres com esta determinação arriscam suas vidas se refugiando na esperança de que nada é para sempre e de que a semente bendita do amor e da liberdade, há de frutificar na materialização dos direitos humanos de todas as meninas e mulheres afegãs. A exemplo, Fawzia Koofi⁶⁵,

65 Fawzia Koofi nasceu em 1975 na Província de Badakhshan. Ao nascer foi rejeitada por seus pais por causa de seu gênero e deixada ao sol para morrer, mas Fawzia resistiu. Nos anos 90, durante a Guerra Civil no Afeganistão, a situação era de muito perigo, principalmente para as meninas e mulheres, mas sua mãe assegurou que tivesse acesso à educação. Ela fez bacharelado em Direito e Ciências políticas pela Universidade de Kabul e mestrado em Relações Internacionais e Direitos humanos pela Faculdade de Diplomacia e Relações Internacionais de Genebra. Posteriormente, trabalhou junto a Unicef em prol da proteção dos direitos das mulheres, das crianças e dos refugiados. Em 2001, após a queda do governo do Talibã, iniciou sua carreira política e se tornou membro da Assembleia Nacional do Afeganistão pelo seu distrito, sendo reeleita em 2010 e em 2014. Foi vítima de vários atentados contra sua vida. Em 2020, posicionou-se frente a frente com a liderança do Talibã para as negociações acerca do futuro de seu país. Em 2021 foi colocada sob prisão

Zarifa Ghafari⁶⁶ e Salima Mazari⁶⁷ estão entre as mulheres políticas que

domiciliar pelo Talibã, mas em agosto, conseguiu deixar o país em um dos últimos voos de evacuação para Catar. Cito uma de suas frases: “Se o mundo pensa que isso não é problema deles, que esta é uma guerra afegã, acredite em mim, mais cedo ou mais tarde, isso acontecerá novamente e será em suas fronteiras” (FRANCIS, 2021).

66 Zarifa Ghafari nasceu em 1992 na Província de Paktia. Formou-se em economia pela Universidade de Punjab, na Índia. Em novembro de 2019, ela se tornou a prefeita de *Maidan Shahr*, capital da província de *Wardak*, no Afeganistão. Ela é uma das únicas prefeitas na história do país e a mais jovem, nomeada aos 26 anos. Conhecida por seus esforços para promover os direitos das mulheres no Afeganistão, foi vítima de várias ameaças de morte e tentativas de assassinato. Em 2019 foi citada entre as 100 mulheres mais inspiradoras e influentes mundialmente pela BBC. No ano de 2020 foi escolhida como Mulher de Coragem Internacional pelo Secretário de Estado dos EUA. Em 2021, após a tomada do governo pelo Talibã, Zarifa fugiu com o marido, a mãe e cinco irmãs. Atualmente, reside na Alemanha que lhe concedeu asilo político (GHAFARI, 2021).

67 Salima Mazari nasceu no Irã em 1980 na condição de refugiada, pois sua família havia fugido do Afeganistão por ocasião da invasão soviética em 1979, ela pertence a minoria étnica Hazara, conhecida como descendente de Genghis Khan, fundador do império da Mongólia (HUCAL, 2016). Os Hazaras são predominantemente muçulmanos xiitas e, por isso, considerados estrangeiros em seu próprio país, sofrendo perseguições e genocídios ao longo da história. Poucos de sua étnica conseguiram alcançar os níveis mais elevados de ensino e ocupar cargos governamentais, mas, Salima além de se formar na Universidade de Teerã, uma das mais conceituadas do Oriente Médio, também trabalhou junto à Organização Internacional para as Migrações e, posteriormente, retornou ao seu país de origem. Em 2018 foi nomeada governadora do distrito de Charkint, iniciando, ativamente, sua luta contra o Talibã organizando o recrutamento e o treinamento de milícias locais e forças de seu governo. Em meio ao conflito, lançou mão de armas e se juntou aos seus companheiros de luta na linha de frente de batalha, sendo admirada e respeitada como uma leal comandante. No ano de 2020, negociou a rendição de mais de 100 soldados talibãs em sua província. Aos 39 anos ficou conhecida internacionalmente como uma destemida guerreira contra o Talibã, do qual sofreu vários atentados e fazia parte da lista de alvos a serem eliminados. Em 2021, com o retorno do Talibã ao governo do Afeganistão, Salima resistiu com coragem, mas precisou se esconder para não ser morta. A comunidade internacional duvidava que ela estaria viva, no entanto, em 25 de agosto após cuidadosos diálogos, Salima, juntamente com outros membros de sua família, foi resgatada e embarcada em um voo militar dos Estados Unidos para o Catar. Atualmente se encontra vivendo em local sigiloso nos Estados Unidos. Em entrevista para repórteres do Time, ela diz: “Eu chorei muito. Pensei em todos aqueles jovens que foram sacrificados nos últimos 20 anos pelos males da política. Pensei nas aspirações de uma geração que ca-

se movem para a proteção e ampliação desses direitos, a coragem delas me fascina.

A opressão machista e patriarcal contra as mulheres no Afeganistão é como uma escuridão densa e nimbosa, palpável de tão corpórea que é em toda sua estrutura social. Há uma violência psicológica que é silenciosa e de impacto profundamente aniquilador de uma constituição subjetiva livre e autônoma da identidade feminina. Essa violência múltipla e plural está impregnada no tipo de formação e educação que lhe será imposta, atravessando a vida da mulher desde o momento em que a família toma ciência de que o bebê parido ou ainda no útero, não tem um pênis. A ausência do pênis traça o destino, agressivamente, infesto daquela menina que um dia será uma mulher adulta. Incomodada, indaguei-lhe sobre o controle da feminilidade e da vida sexual da mulher a serviço do patriarcado.

No Afeganistão, muitas mulheres quando são crianças, não têm nenhuma ideia, nenhuma informação de como funciona a vida sexual, é um assunto que não se fala. E também não existe a consciência de que o sexo é algo que se pode desfrutar, que pode ser agradável. Em suma, a sexualidade é um conceito voltado apenas para satisfazer o homem e apenas quando o homem deseja ter esse momento. Não se pergunta ou se fala sobre o que a mulher deseja. E, muito provavelmente, nos próprios matrimônios, a esposa e seu marido não conversam sobre esse tema, não há costume de se falar sobre isso. Igualmente, não há muita informação e conscientização sobre o conceito e o uso de contraceptivos, existem poucas informações sobre como evitar uma gravidez e, por isso, na maioria das vezes as mulheres acabam por terem muitos filhos, porque lhes faltam informações sobre prevenção da gravidez. Também não há muita informação sobre a biologia das mulheres, elas não sabem muito sobre como funcionam seus próprios corpos.

Tudo isso está conectado. Não há interesse e desejo que as meninas sejam educadas como um todo, não somente na educação sexual, mas na

minha para a destruição. Sinto um nó na garganta ao pensar nas lutas, nos sacrifícios e nas mortes do meu povo e dos outros soldados. Cada vez que penso nessas coisas, sinto que estou morrendo” (HASSANI; HUANG, 2021).

educação relacionada a qualquer coisa. Não se permite e não é bem visto que meninas sejam enviadas à escola, e isso não é só culpa do Talibã, porque, na verdade, isso já acontecia há muito tempo antes, pois se trata de um sistema muito tradicional que defende que as meninas não recebam educação. Isso começou por volta dos anos 70, quando aqueles que tinham uma visão mais aberta, deixaram o país e restringiram a oferta de educação às meninas. Foi na época da guerra do Afeganistão contra a União Soviética, porque as pessoas com uma perspectiva mais progressiva e mais moderna, saíram em fuga do país, e o que houve foi uma mudança nos fundamentos de todas as estruturas de poder, sendo impostos valores muito conservadores, inclusive nas cidades grandes e em todo o sistema de educação.

No período de 1996 a 2001, o Talibã proibiu, imperativamente, quase todas as formas de educação às meninas. Após serem combatidos e contidos, a frequência escolar das meninas aumentou consideravelmente, com mais de 3,6 milhões de matrículas em 2018, destes, mais de 2,5 milhões no ensino fundamental e mais de 1 milhão no ensino médio. Em 2003 havia apenas 6% de jovens meninas matriculadas no ensino médio, saltando para 40% no ano de 2018. Ainda assim, o Afeganistão apresenta um dos maiores hiatos de gênero na educação com as meninas espelhando cerca de 60% dos 3,7 milhões de crianças afegãs que se encontram fora da escola, sem acesso à educação. No país ultrajado pelo fundamentalismo político-religioso, somente 37% das meninas adolescente sabem ler e escrever, em paralelo com 66% dos meninos sem restrições para receberem educação. Com o retorno do Talibã ao governo, as meninas não poderão frequentar a escola em conjunto com os meninos e é temido que a escolarização das meninas seja limitada à educação religiosa. No país, apenas 16% das escolas são exclusivas para meninas e não há um número suficiente de professoras formadas para ministrarem as aulas separadas por gênero, uma vez que somente um terço dos professores são mulheres, sendo este percentual ainda menor nas zonas rurais (BATHA, 2021). Subjugar e silenciar as mulheres, é obsessão do Talibã.

Não sei se poderei andar no *campus* onde vi cadáveres por toda parte, ou entrar no corredor onde vi o sangue de nossos heróis soldados que morreram nos resgatando. Não sei se consigo entrar na sala de aula onde a morte esteve tão perto de mim. Mas sei que estou determinada mais do que nunca a continuar minha educação, que será minha única arma contra o Talibã (ARIFA, 2016, p. 1, tradução minha).

Em uma entrevista à jornalista afegã, Tooba Neda Safi⁶⁸, a professora e escritora ativista, Naeema Ghani⁶⁹, expõe a lamentável e grave situação em que se encontram no tocante ao acesso à educação:

Eu ainda vou para a escola, mas só posso ensinar meus alunos mais novos que estão abaixo da sexta série. Outras meninas não têm permissão do Talibã para ir à escola. Isso me deixa triste. Não foi fácil para as mulheres afegãs chegarem até aqui. Elas tiveram que continuar lutando para ter o direito à educação para seus filhos e para si mesmas, a fim de terem uma vida melhor. Posso perder para sempre meu emprego como professora, bem como minha posição na sociedade como escritora e ativista pelos direitos das crianças e das mulheres. Dói quando penso nisso (SAFI, 2021, p. 1, tradução minha).

Com sua poesia, Naeema exprime sua dor entrelaçada com a angústia de seu povo:

Monalisa!

Meu sorriso

É mais doloroso que o seu

68 Tooba Neda Safi é uma jornalista afegã, poetisa e ativista dos direitos das mulheres que vive na Suíça depois de ser forçada a deixar seu país em 2014. Semanalmente ela compartilha histórias de mulheres afegãs que resistem às brutalidades do Talibã. Confira: <https://genevasolutions.news/profil/tooba-neda-safi>

69 Naeema Ghani é reconhecida como uma das melhores escritoras de ficção e não ficção do Afeganistão. Ela também está entre os 210 escritores, poetas e jornalistas que pertencem à Mirman Baheer (<https://proletarianpoetry.com/tag/mirman-baheer/>), a maior associação social e cultural de mulheres do Afeganistão, com filiais em nove províncias, além do Paquistão e da Alemanha.

Mas, nesta época

Não há mais

Olhos artísticos

(SAFI, 2021, p. 1, tradução minha).

Diante dessa realidade atroz, indaguei Zohre sobre a importância da educação para as meninas, para as mulheres, e que tipo de educação é bem-vinda para o empoderamento feminino.

Não se trata apenas de permitir a ida das crianças à escola, mas, sim, de mudar substancialmente todo o currículo existente. Seria necessário reforçar cada vez mais os valores democráticos e alterar todo o currículo das escolas, iniciando nas creches junto às crianças. Para ampliar o acesso aos direitos das mulheres no Afeganistão, é preciso, além de se trabalhar a questão com as mulheres, também fazer o mesmo, igualmente, com os homens e pelos homens, porque, na verdade, eles são o grande problema nessa estrutura. A ideia que se forma sobre o ser homem no Afeganistão, não é nada humanista, não é agradável. Então, um dos problemas é que muitos homens se sentem pressionados a exercerem esse papel que lhes foi imputado dentro da sociedade Afegã.

A complexidade social, econômica, política e religiosa que encapsula o Afeganistão é labiríntica e colossal. Permanecer existindo, re-arranjando maneiras de sobreviver, re-inventando táticas e linhas de fuga no enfrentamento dos abissais abusos e prepotência derivados da intolerância e cólera do Talibã, são movimentos e atos de inarrável coragem e luta pela liberdade de viver, pela vida em liberdade.

Conversar com Zohre, deveras me afetou. Enquanto mulheres da cultura ocidental, o que podemos fazer para mudar situações como esta que açoita as mulheres afegãs? É um mundo, uma realidade tão remota da nossa que nos é difícil absorver todas as suas implicações na vida das meninas e das mulheres. Muitas vezes, não conseguimos alterar nem as

circunstâncias adversas de nosso próprio bairro, então, como intervir em um cenário que nos choca de modo tão surreal?

Não obstante, inclinarmos nossos ouvidos a uma escuta sensível à histórias como a de Zohre e tantas outras afegãs, divulgar as narrativas, informar as pessoas, promover a informação e o conhecimento sobre as selvagerias da cultura patriarcal e do fundamentalismo político-religioso no Afeganistão, é se posicionar como uma apoiadora, como um apoiador do protagonismo e do empoderamento da mulher afegã. Creio que esta escuta sensível pode se iniciar pelo conhecimento e valorização da corajosa literatura de mulheres afegãs, pois a escrita é Voz⁷⁰. Ouça, sinta, acolha:

Escrever começou para mim como uma fuga da minha burca, uma fuga dos meus momentos mais dolorosos (PARI, 2018). Algumas nações têm pássaros, aviões e outras criaturas do céu. Mas os afegãos vivem com sangue voando pelas nuvens e pelo campo (ALAHA, 2018).

Ainda sinto algum tipo de medo por dentro. O Talibã atacou a universidade de maior prestígio no Afeganistão, mostrando sua oposição à educação. Mas eu sei que nós, estudantes, devemos encontrar nossa bravura (ALIA, 2016).

Todos os dias no Afeganistão, as pessoas caminham com medo e pensam que a morte os está seguindo. Quando ocorrem ataques suicidas, o coração desmorona e a respiração torna-se difícil. Todo mundo chora pela família ou amigos (ZAHRA, 2016).

Fomos esquecidas e precisamos ter o direito de falar. Se ninguém escutar o que dissermos, nada mudará (MULHERES DE CABUL IN LOGAN, 2006).

Participar das discussões em prol dos direitos humanos incondicionais das mulheres em todo o planeta e tomar ciência de que o machismo e o patriarcado são nocividades a serem combatidas por todas as mulheres, mas também e, principalmente, pelos homens, é movimento imprescindível e urgente para as gerações deste século e do porvir. Pres-

70 Conheça o projeto *Afghan Women's Writing Project* (AWWP) que apoia a narrativa de histórias de meninas e mulheres afegãs: <http://awwproject.org/>

sionar as lideranças governamentais para apoiarem políticas públicas de acolhimento decente a refugiadas e refugiados que se deslocam em esperança pelo respiro da vida, longe dos conflitos armados e da dor da fome e da miséria, é ação humanitária de amor fraterno com os nossos semelhantes. Não apoiar ou conceder poder a governantes autoritários, racistas, fundamentalistas, xenofóbicos, misóginos, é dever inegociável das pessoas humanizadas e conscientes de que o mundo pode ser um lugar terrível para muitas outras pessoas viverem, especificamente, meninas e mulheres em condições de extrema pobreza e opressão religiosa.

Embora eu quisesse continuar dialogando com Zohre, o relógio nos chamava a atenção, despedirmo-nos, era preciso. Pedi-lhe, por fim, que me compartilhasse uma dor e um sonho.

Uma dor e um sonho? A dor é essa injustiça, a injustiça mundial. Antes de ontem pela manhã, eu chorei, enquanto pensava nessa situação em geral. Eu tenho muitos sonhos! Um de meus sonhos é fazer uma mudança na sociedade, uma transformação que seja sustentável e permanente. Promover um efeito que tenha continuidade, inclusive, quando eu não estiver mais trabalhando com isso, mas que seu impacto social permaneça. Eu gostaria muito de poder ver esses frutos do ativismo de meu trabalho.

O desejo de um abraço apertado e fraterno entre nós se acolhe no cais do porvir.

Às meninas e mulheres do Afeganistão, minhas orações e manifestações solidárias por suas vidas em liberdades plenas, livres dos grilhões e tentáculos patriarcais, políticos e religiosos, que as têm oprimido.

Liberdade ao Afeganistão!

Quando você vier para mim

Traga um par de olhos

Para que eu possa ver o mundo de forma diferente

Quando você vier para mim

Traga um monte de sorrisos
Para que eu possa sentir felicidade mais uma vez
Quando você vier para mim
Traga um pedaço de esperança
Para que eu possa me agarrar à vida
E um pedaço do sol
Para iluminar meu interior
(FARIDA, 2018, p. 1, tradução minha).

NÃO TENHA MEDO DE DIZER “NÃO”



A primeira vez que busquei contato com Zehra Doğan foi em 20 de dezembro de 2020. Desde que meu coração se abrasou à escrita desse mosaico de histórias de mulheres destemidas em guerra contra o patriarcado e o totalitarismo, eu já almejava dialogar com uma mulher Curda. Com 32 anos de idade (nascida em 14 de abril de 1989), ela é jornalista e artista formada pela *Dicle University Department of Painting Teaching*, situada em Diyarbakır, sendo uma das principais e mais antigas universidades do sudeste da Anatólia, na Turquia. Também estudou na *Munzur University Fashion Design Department*, localizada em Tunceli, no centro-leste do país, onde os rios Munzur e Pülümür se encontram envoltos pelo pitoresco Vale de Munzur. Nessas águas, a sede e o cansaço de incontáveis mulheres Curdas revolucionárias, foram amainados.

Zehra é de etnia Curda da cidade muralhada de Diyarbakır, no sudeste da Turquia, às margens do Rio Tigre, conhecida como a capital do Curdistão turco, impregnada de história e cultura desde os primórdios da humanidade. As pegadas das civilizações de outrora ainda se conservam por toda parte pelas ruas, muros e templos. Suas garbosas pontes interconectaram as muitas caravanas em suas travessias pela Rota da Seda que teve sua origem por volta de 600 a.C. na China. O cenário das muralhas de Diyarbakır e dos Jardins de Heysel foi relevado pela UNESCO, em 2015, como Patrimônio da Humanidade. A riqueza cultural daquelas civilizações nos mostra o quanto podemos construir de legado às gerações vindouras ao mesmo tempo que me angustiam pelo tão pouco tempo de vida que temos debaixo do sol para amarmos e sermos amados, em paz, sem guerras.

A história de luta dos Curdos é extensa e complexa, comentarei de maneira breve para trazer um pouquinho de informações sobre esse povo que vive tão distante de nós, aqui do Brasil.

Há cerca de 35 milhões de pessoas Curdas vivendo entre as montanhas que se derramam entre a Armênia, Irã, Iraque, Síria e Turquia. Constituem o quarto maior grupo étnico do Oriente Médio, no entanto, desde o início do século XX, eles permanecem em luta para terem um território que possam chamar de “seu”. Em 1920, após a Primeira Guerra Mundial e derrota do Império Otomano, previa-se no Tratado de Sèvres a criação de um Estado Curdo. Todavia, em 1923, esse tratado foi suprimido e comutado pelo Tratado de Lausanne, firmado pelos aliados: França, Grécia, Itália, Japão, Reino Unido, Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos e, de outro lado, pela Turquia que era governada por Atatürk, do movimento nacionalista. Por meio deste acordo a República da Turquia foi reconhecida como sucessora do Império Otomano, novas fronteiras delimitavam a Turquia moderna, e o povo Curdo não foi contemplado com um território, ficando suas terras incorporadas, parte ao Iraque e à Síria, e a outra, agregada à Turquia e ao Irã. Até hoje, todas as ações dos Curdos são barbaramente ab-rogadas para impedir a criação do Estado do Curdistão e, não apenas isso, mas também têm sido desprovidos da soberania de perpetrarem de sua cidadania e cultura, sofrendo todo tipo de golpe de aniquilamento cultural.

Em 2012 durante a conturbada Guerra Civil da Síria, o controle político do país ficou nas mãos de milícias locais. No intuito de defender as áreas Curdas, conhecidas como Rojava⁷¹, grupos políticos Curdos que se movimentavam de modo clandestino, criaram as Unidades de Proteção Popular (YPG), constituídas por membros de diferentes movimentos nacionalistas de base democrática. Nesse contexto, emana uma milícia singular: a feminina. Em pouco tempo o número de mulheres combatentes aumentou e também sua capacidade estratégica de guerrilhar. Em 2013, a partir de demandas próprias de discussão e luta, descende a Unidade de Defesa das Mulheres (YPJ), constituída apenas por mulheres que, em meados de 2017, contabilizava 24 mil membras caracterizada por uma unidade

71 Região autônoma localizada entre o norte-nordeste da Síria. É organizada em três cantões autogovernados: Afrin, Cizre (Al-Jazeera), Kobani, e partes da Região de Shahba.

de proteção qualificadamente organizada e por elas dirigida. A YPJ está bem para além de um pelotão de lógica militar. Elas se forjam na autodefesa das mulheres e desobstruem as difíceis rotas na luta pelo Confederalismo Democrático para o Curdistão, tal como postula o líder Curdo, Abdullah Öcalan (ÖCALAN, 2011). Importante dizer que essas mulheres vivem em um contexto político-social-econômico extremamente hostil, driblando a vida entre eminentes ameaças de morte, sequestro, violência física e sexual advindas dos extremistas que compõe o Estado Islâmico.

O vago espelho do meu tempo
 se quebrou porque
 tornava o que era pequeno, grande e
 o que era grande, pequeno.
 Ditadores e monstros preencheram seus contornos.
 Mesmo agora, enquanto respiro,
 seus cacos perfuram as paredes do meu coração
 e em vez de suor
 eu transpiro vidro
 (KAJAL AHMAD⁷², 2016, tradução minha)

Nesta jornada revolucionária, não poderia deixar de trazer algumas palavras de Sakine Cansiz, mulher Curda nascida na Turquia em 1958. Co-fundadora do PKK e reputada como a principal representante do Movimento das Mulheres Curdas, mentora do conceito de jineologia que em curdo se remete à “Ciência das Mulheres” ou, conforme compreendido pelo ocidente, feminismo curdo. Foi presa e torturada duran-

72 Kajal Ahmad (1967) é uma poetiza, crítica social e jornalista Curda, nascida em Kirkuk no Iraque. Seus poemas atraíram a atenção por serem audaciosos, fascinantes e comoventes. Foram traduzidos do curdo para o árabe, inglês, norueguês, persa e turco. O poema que aludo como referência ao protagonismo literário de Kajal, traduzi do inglês para o português.

te o golpe militar turco de 1980, onde muitas de suas companheiras e companheiros foram mortos. Apesar de ter sofrido sistemáticas torturas, liderou o movimento de protesto dentro do presídio de Diyarbakir. Após libertada, ingressou na luta armada junto ao PKK, ao norte do Iraque e, posteriormente, deu início ao Movimento de Mulheres e o seguiu liderando para a Europa. Em janeiro de 2013 foi assassinada em Paris junto com outras duas companheiras ativistas (BBC, 2013).

O trabalho com as mulheres em Dersim, Elazığ e Bingöl já havia assumido formas concretas que davam motivos de esperança e as tomavam como exemplo. De lá, poderíamos enviar quadros compostos por mulheres a outros lugares para continuar organizando as mulheres. Minha ideia de tudo isso provavelmente foi um pouco utópica. [...]. Sem utopias, porém, eu não poderia andar. Estava convencida de que o movimento feminista se desenvolveria se realizássemos nossa tarefa com a seriedade necessária. Foi um sentimento muito positivo que me deu esperança. Naturalmente, naquela situação, ainda estava muito longe de compreender essa tarefa em todas as suas dimensões (CANSIZ, 2017, p. 387, tradução minha).

Ao longo dos anos e com muita determinação antipatriarcal, inclusive dentro do próprio Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), as Mulheres Curdas contribuíram de forma indizível para os avanços e conquistas do povo Curdo e se levantaram bravamente em combate contra o Estado Islâmico na Síria. Elas são resistência e resiliência, são a base da revolução Curda. Assim, os ideais feministas ganham força e se encorpam na luta do povo se tornando elemento primacial para sua libertação social e coletiva. As Mulheres Curdas geram e compartilham esperanças para as demais mulheres em movimento do Oriente Médio, principalmente no tocante ao lugar de fala, enunciando a multiplicidade dos ideais feministas que não se esgotam no modelo ocidental, muito menos, nos padrões eurocêntricos.

As Mulheres Curdas que se tornaram soldadas, muitas delas bem jovens, ficaram conhecidas internacionalmente durante a Guerra da Síria. Com feminilidade e bravura, enfrentaram a ferocidade do Estado

Islâmico libertando milhares de mulheres e crianças. Construíram uma vila para que elas pudessem viver e educar suas filhas e filhos, muitas delas eram viúvas de homens mortos durante as batalhas, ali elas vivem pacificamente em coletividade civil e democrática, sem a presença de nenhum homem adulto. Segundo Nesrîn Abdalla, comandante das YPJ em uma entrevista ao Sputnik News:

Nossa tarefa não é apenas lutar contra o Daesh⁷³. Nosso batalhão de defesa foi criado antes dos ataques do Daesh, já que vivemos em uma sociedade feudal, onde todos os dias os direitos das mulheres são atacados, por repressão e estupro. Então tivemos que nos organizar adequadamente a fim de lidar com o pensamento feudal. Até agora, os exércitos eram criados exclusivamente por homens com pensamento patriarcal, então eles tinham apenas duas tarefas: defender e ganhar o poder. Mas nós somos um exército de mulheres, e isso nunca aconteceu antes, não há outros assim. Nós temos isso não só para nos proteger, mas também para mudar a forma de pensar do exército, não só para ganhar o poder, mas para mudar a sociedade, para desenvolvê-la. O batalhão também tem outras mulheres árabes e elas lutam ao nosso lado, mas têm suas peculiaridades, porém seu objetivo é criar um batalhão separado no futuro; faz sentido não só se juntar a nós, mas também lutar por seus direitos. O Daesh usa a religião junto com o medo, como ferramenta de recrutamento. É um exército de mortos, os mortos-vivos. Porque eles não têm planos de viver, todo o plano deles é morrer e ir para o paraíso. É um exército de mortos (SPUTNIK, 2016, tradução minha).

Uma frase que me impactou e me emocionou profundamente foi a da líder política Curda, Nurhayat Altun: “Quando a luta é de longo prazo, as gerações se encontram” (SAULOY, 2016). Senti-me incluída, pertencente a esse encontro que se movimenta a séculos na circunferência da Terra pelos direitos das meninas e das mulheres. De repente, como mulher, mãe,

73 Daesh tem o mesmo significado que EI ou ISIS, todos se remetendo ao Estado Islâmico conforme as traduções realizadas. No entanto, o termo Daesh no mundo árabe, tem sido usado de maneira depreciativa, o que vem a causar irritação ao grupo extremista.

esposa, filha, acadêmica e escritora, senti e entendi a razão pela qual me movi a viver e a escrever esse livro. Não há direitos vitalícios para as mulheres. Primeiro lutamos com sangue para conquistá-los, depois, sem descanso, permanecemos em vigília para que não nos sejam usurpados.

Eu já acompanhava a arte extraordinária⁷⁴ e o ativismo de Zehra pelas redes sociais, mas como chegar até ela? Os entraves dispostos pela minha inabilidade com outros idiomas não eram insignificantes. Zehra fala turco e curmânji⁷⁵. Procurei encontrar no Brasil alguém que oferecesse serviços de tradutor e intérprete de turco, mas os únicos dois contatos que consegui solicitavam um pró-labore inviável para mim. Sem patrocínios ou recursos advindos do governo federal para o desenvolvimento de pesquisas na área das Ciências Humanas, eu não avistava muitas possibilidades de materializar meu desejo de que Zehra protagonizasse sua passagem por estas páginas.

Contudo, Naz Öke, nascida em Istambul (1961) e radicada na França, jornalista, fundadora da revista *Kedistan*⁷⁶, ativista política, foi a ponte belíssima que me conectou à Zehra. Foram diversos e-mails trocados de dezembro de 2020 a julho de 2021, ora Zehra estava sem acesso à internet no lado iraquiano do Curdistão, ora nossas agendas não se cruzavam e nossos idiomas nos distanciavam. Sem dúvida, o apoio de Naz Öke foi vital para que minhas indagações chegassem à Zehra Doğan. Naz, companheira, minha eterna gratidão!

E foi com agigantada generosidade que Zehra compartilhou comigo um tanto de suas vivências e de suas batalhas que, agora, no segundo mês de florada dos Ipês-amarelos, tenho a alegria de comungar com você.

74 Conheça a arte ativista de Zehra Doğan: <https://zehradoğan.net/>

75 O Curmânji ou Curdo Setentrional é o dialeto Curdo mais falado na Turquia, Síria e em partes do Irã e do Curdistão Iraquiano. Também é falado em algumas comunidades da Armênia, Geórgia, Azerbaijão, Turcomenistão, Rússia e pelos Curdos do Líbano. Constitui-se a língua da religião nacional Curda Yazidi. É o único dos dialetos Curdos que é falado nas quatro regiões do Curdistão. Cerca de 80% dos Curdos falam o idioma (ZOLA, 2019).

76 Conferir: <https://www.kedistan.net/>

Sílvia, eu levo uma vida nômade. Todos os anos, visito um país diferente. Posso viver em todos os países do mundo, exceto na Turquia. Atualmente estou em Berlim e no Curdistão, na parte Curda que fica dentro do Iraque. Passei toda a minha infância em Diyarbakir, um lugar político “quente”. Geralmente, as famílias que vivem em Diyarbakir e nas regiões Curdas são muito politizadas e envolvidas na luta. Em comparação com algumas outras famílias Curdas, a minha parecia, politicamente, um pouco menos envolvida. Todas as crianças nascidas nesta cidade são politizadas. Desde muito jovem lutei politicamente, como todas as outras crianças desta terra. Aos 17 anos fui presa por atirar pedras. Fui levada sob custódia, julgada e condenada a uma pena suspensa de 6 meses de prisão.

Essas experiências me moldaram.

Na escola primária, tive uma professora que veio da região do Mar Negro e que falava apenas turco, que nos é imposto como língua oficial. Não entendemos uma palavra do que ela disse, e ela também não nos entendeu. Ela nos considerava como idiotas. Fomos obrigados a recitar o juramento que faz com que todas as crianças em idade escolar declarem que devotam suas vidas à Turquia, devíamos, então, cantar o hino nacional e encorajar o culto à bandeira. Passei meus anos escolares aprendendo a língua turca, descobrindo a injustiça e a discriminação. Eu vendia nas ruas de Diyarbakir. Vendi água, sobremesas, salsa, maçã doce, picolé de fruta. Eu engraxei sapatos. Também vendi livros. Tudo isso me deixou feliz porque eu tinha um meio de ganhar a vida. Mas trabalhar nos campos, no Oeste, sob as ordens de turcos, raivosamente racistas, era uma verdadeira tortura. Lá você experimenta a dor insuportável do desespero até seu âmago. Por exemplo, fomos com a família à região do Mar Negro para colher avelãs. Jamais esquecerei o outdoor “casa do cachorro” no meio do campo, onde nossas tendas improvisadas estavam localizadas.

Essas são coisas que deixaram marcas em mim.

Comecei a desenhar desde muito jovem. Aos 11 anos, frequentei aulas de arte no Centro Cultural Dicle Firat. Então me formei em design de moda na Universidade de Munzur e na Universidade de Dicle como

professora de artes plásticas. Em 2012, ainda estudante, ajudei a fundar a JINHA⁷⁷, uma agência feminista em que todas as colaboradoras eram mulheres. Uma estreia mundial, a primeira agência a funcionar neste formato. Sua linha editorial, voltada para as mulheres, utilizava uma linguagem específica, diferente da tradicional empregada em mídias enraizadas nos moldes patriarcais. A JINHA foi fechada por decreto em 2016, como mais de uma centena de outros veículos de comunicação. Ela ressurgiu com um nome diferente, foi fechada novamente: ela continua a se erguer constantemente das cinzas. Meus dois trabalhos se complementam espontaneamente.

Zehra, o que a levou a ser presa e condenada?

Em 2015, 2016, o povo desejou declarar sua autonomia em Diyarbakir, Sur, Cizre, Nusaybin e em vários outros lugares como Derik, Kerboran, Hakkari.... Este foi o passo lógico decorrente do “processo de paz” de 2013 e também foi uma promessa governamental: a realização da demanda por autonomia e autogoverno nas regiões Curdas. Era uma demanda legítima e legal. Mesmo que, posteriormente, tenha sido criminalizado e declarado como terrorismo pelo Estado, foi uma demanda legal. Normalmente, em qualquer lugar do mundo, os povos têm o direito de declarar sua independência e praticar o autogoverno. Tanto as leis como a Constituição da Turquia permitem isso. Mas ao criminalizar essa demanda, o Estado passou a atacar as pessoas, incendiar e destruir suas casas. E ao matar até mesmo civis, eles desejavam emitir um aviso. Vendo isso, as pessoas montaram trincheiras para se protegerem. Mas o Estado ampliou seu poder e começou a atacar as pessoas com veículos blindados, canhões e artilharia pesada. Centenas de pessoas foram massacradas durante este período.

Eventos muito graves ocorreram no sudeste da Turquia em 2015-2016. Centenas de pessoas foram mortas diante dos meus olhos. Centenas de pessoas que eu conhecia, morreram. E centenas de milhares foram forçadas ao exílio. Eu vi isso com meus próprios olhos nas cidades por onde andei. A Turquia, portanto, modificou a demografia de uma região muito grande.

Fui condenada por um desenho e por ter transmitido uma informação.

77 Conferir: <https://jinhaagency.com/tr>

O tópico de minhas informações dizia respeito ao diário de uma criança de 10 anos. Uma menina que morava em Nusaybin, sob os bombardeios, e que relatou seu cotidiano e pediu para ser ouvida sobre os tanques que bombardeavam as casas.

Quanto ao desenho, era sobre a cidade destruída de Nusaybin. Quando fiz este desenho, morava naquela cidade, onde fiquei um ano. Para mim, não havia outra maneira de desenhar uma cidade em que eu morava e que foi puxada para baixo, sobre a minha cabeça.

O desenho foi inspirado em uma foto. A cidade permaneceu sob toque de recolher e, conseqüentemente, eu não poderia sair dela. Eu vi esta foto que foi publicada cinco meses depois, mostrando Nusaybin destruída. Grande parte da cidade, muito precisamente seis bairros, foram destruídos. Não apenas algumas ruas, mas seis bairros destruídos e incendiados. E nas ruínas, penduraram enormes bandeiras turcas. O exército cercou as ruínas com veículos blindados para a foto. Eles foram os autores da foto. Este instantâneo, comoveu-me profundamente. Porque eles cobriam as casas com bandeiras de um povoado e de um país que consideravam seu. Isso significava que eles ocupavam seu próprio país, como se fosse uma conquista. E isso significava que essa região nunca tinha sido o país deles. Isto me tocou profundamente. Naquele período, quando as palavras não bastavam para descrever o inominável, eu me expressava desenhando, o que também fiz, tendo esta foto como inspiração. Desenhei exatamente a mesma situação da foto. O juiz me disse: “Você desenhou Nusaybin destruída. Esta cidade destruída não existe. Isso não aconteceu; além disso, você adicionou bandeiras. Ao fazer isso, você incita as pessoas ao ódio”, e ele me sentenciou. Eu teria, portanto, chamado as pessoas a se rebelarem. E o fazia como artista “ultrapassando os limites da crítica”, segundo o Juiz. Então ele me condenou.

Voltando para Nusaybin..., em 2016, em julho, depois de suspenso o toque de recolher, saí da cidade e fui presa e encarcerada pela polícia. Fui colocada em prisão preventiva no presídio de Mardin. Nesse período, criei vários trabalhos. Nessa prisão tínhamos acesso ao que eles chamam de “suprimentos de lazer”. Com meus amigos co-detidos, também

criamos dois exemplares de um jornal, como apoio e homenagem a Özgür Gündem, um tradicional diário Curdo. Porque foi proibido e encerrado nesse período e seus jornalistas foram presos. Conseguimos contrabandear essas duas edições originais do manuscrito. Quando foram retransmitidos na mídia, a administração da prisão enlouqueceu de raiva.

Eu fui, então, libertada sob provisão. Meu julgamento seguiu em frente e fui condenada a 2 anos, 9 meses e 22 dias de prisão.

Antes de minha prisão, escondi-me por vários meses em uma casa em Istambul porque, assim que minha sentença foi confirmada, eles me procuraram. Lá também desenhei, pinte e escrevi intensamente sob a urgência de testemunhar. As obras desse período, que chamo de “Dias Clandestinos”, foram meus depoimentos e arquivaram à minha maneira a cobrança do Estado turco nas cidades Curdas sitiadas. Pude organizar com minha amiga Naz Öke e outros amigos na França que desejavam montar minhas primeiras exposições na Europa com rapidez. Conseguimos, assim, contrabandear cerca de cinquenta das obras feitas na época em Istambul.

Esse período clandestino foi muito difícil para mim. Além disso, minha mãe estava muito preocupada e eu queria muito vê-la. Eu não aguentava mais. Eu sabia que havia duas estradas à minha frente, uma era o exílio e a outra era a prisão. Eu tive que ir para o lado da cama da minha mãe. Então, corri o risco de voltar para a casa da minha família. Encontrei minha mãe, meus parentes. Mas, no caminho de volta, em 12 de junho de 2017, após uma simples verificação de uma patrulha rodoviária, fui presa. Ironicamente, naquele mesmo dia, meus amigos estavam recebendo meus trabalhos na França.

Minha sentença foi confirmada, fui encarcerada na prisão de Diyarbakir, “Prisão N ° 5”, também conhecida como “Prisão de Amed” (Amed é o nome Curdo para Diyarbakir).

Nesta prisão, todos os materiais artísticos e de lazer são proibidos. Procurei então soluções alternativas. Tive que ser inventiva e criar do nada. Lixo, papelão, lençóis, roupas, versos de cartas... café, chá, cúrcuma, sangue menstrual, fruta, verdura – durante meses fiz trabalhos com aquilo

que pude encontrar. Meus companheiros de prisão participaram desse processo criativo, e a maioria dos trabalhos foi realizada de forma coletiva e clandestina. Nos blocos políticos, a vida é organizada coletivamente, como em uma comuna. Compartilhamos tudo: dinheiro, roupas, livros, conhecimentos, habilidades, alegrias e dores. E, claro, no que diz respeito a arte, também se torna um esforço coletivo.

Cerca de trinta obras criadas desta maneira, foram encontradas pelos guardas, apreendidas e destruídas, mas recomecei, e isto acabou numa performance teimosa e coletiva. Consegui ter mais de 300 obras de “fuga”. Eu também queria produzir uma história em quadrinhos no verso das cartas que minha cúmplice e amiga Naz me enviou em papel de embrulho. Este livro-gráfico intitulado “Prisão N° 5” foi publicado em francês na primavera de 2021 pela Editions Delcourt⁷⁸ e em italiano por Becco Giallo⁷⁹. Outras edições virão em outros idiomas. O livro narra a história diária e sinistra da Prisão N° 5 de Diyarbakir, cheia de perseguições, torturas, mas também com grandes atos de resistência. Também segue o rastro da luta liderada por meu povo. As pranchas originais foram exibidas pela primeira vez na Bienal de Berlim em 2020 e continuam a viajar pela Europa. O livro-gráfico é verdadeiramente complementar com “Nous aurons aussi de beaux jours” (Nós também teremos bons dias) um livro de correspondência contendo minhas cartas para minha amiga Naz, que foi publicado pela Editions des Femmes⁸⁰ em francês. A tradução para o Italiano está acontecendo neste momento.

Em 2018, Banksy⁸¹, o artista de rua, dedicou-me um mural em Nova York. Uma obra gigante na qual há uma projeção do meu desenho

78 Conferir em <https://www.editions-delcourt.fr/bd/preview/prison-n-5>

79 Conferir em <https://www.beccogiallo.it/zehra-dogan-prigione-numero-5/>

80 Conferir em <https://www.desfemmes.fr/litterature/nous-aurons-aussi-de-beaux-jours/>

81 Banksy é comentarista social, crítico da sociedade de consumo e do autoritarismo. Em 2018, seu grafite materializado na forma de um mural gigante em Nova Iorque impactou o planeta em defesa à Zehra Doğan. Na parte inferior estava impresso “Free Zehra Doğan”. Conferir em <https://www.banksyprints.com/banksy-receives-letter-from-zehra-dogan/>

de Nusaybin, também em formato gigante. Para mim e para meus muitos amigos presos, foi um apoio extraordinário e uma fonte de coragem. Um artista, numa parte longínqua do mundo, podia ouvir-nos, compreender e ecoar as nossas exigências, exibindo aos olhos do mundo um desenho que descrevia, como um tapa na cara, uma realidade negada pelo Estado turco.

Também recebi apoio do artista Ai Weiwei⁸², várias associações de direitos humanos, por exemplo, PEN International⁸³, para citar uma entre muitas. Minhas exposições na Europa haviam começado trazendo à luz as causas que defendo e realidades das quais sou testemunha, e sublinhando o fato de que fui um entre os numerosos reféns políticos. Também recebi prêmios⁸⁴ por meu trabalho jornalístico e artístico. Na verdade, considero que todos esses prêmios, alguns dos quais recebi ainda na prisão, pertencem à luta do meu povo e das mulheres em particular.

Em novembro de 2018, junto com outros 20 co-detidos, fui submetida a uma transferência forçada para a prisão de Tarso. Essas transferências são frequentemente usadas como meio de perseguição aos prisioneiros, isolando-os ainda mais longe de seus entes próximos. Continuei a produzir na Prisão de Tarso, onde também nos foi negado o acesso a suprimentos. E, depois de cumprir minha pena, fui finalmente libertada em 24 de fevereiro de 2019. Não estando proibida de sair do país e ainda com um passaporte válido, aceitei a oferta do PEN britânico e fui para Londres numa “residência de talentos”.

Desde então, tenho um “estilo de vida nômade”. Dependendo da agenda de minhas exposições, workshops e outras iniciativas, viajo muito. Atualmente estou em uma residência de longa duração na Alemanha. Enquanto continuo com meu nomadismo, digamos que deixei de lado minhas malas por um tempo em Berlim e no Curdistão, do lado iraquiano.

82 Conferir em <https://www.aiweiwei.com/>

83 Conferir em <https://pen-international.org/news/zehra-dogan-released-500-days-prison>

84 Os prêmios recebidos por Zehra denotam a coragem e a perseverança da luta das mulheres de seu povo por liberdade e justiça social. Confira seus prêmios e exposições realizadas no site <https://zehradowan.net/about/>

Para encerrar, ser mulher é difícil em qualquer lugar do mundo. Mulheres, crianças e pessoas LGBTQ+ são as primeiras afetadas por todas as políticas coercitivas, pela violência e pelas guerras. A pena é dobrada quando essas mulheres pertencem a povos oprimidos, discriminados e massacrados. O que também é o caso das mulheres Curdas. Mas as mulheres não cedem e não desistem. Em todos os cantos do mundo, elas realizam lutas corajosas e movimentos convergentes de resistência. Elas sabem que são mais fortes juntas e que serão elas que construirão um mundo novo e melhor. De minha parte, estou totalmente convencida disso.

A essa flor
arrancaram as pétalas,
mas está viva.
Esse coração
em desgraça, manteve-se firme.
Essa estrela caiu,
mas com um rastro de luz no bosque
tal qual quem sabe morrer com um sorriso
quando abre as asas
ao vento das terras altas.
Eu os levo comigo
são a imagem
para não se render
(HEJAR, 2020, p. 67).

Eu ficara ainda mais impressionada com Zehra depois de a ouvir mais detalhadamente sobre sua luta, suas cicatrizes, sua arte. A cada palavra entoada por ela, eu sentia sua potência feminina, sua capacidade de se expressar impressionando o planeta com sua denúncia acerca da discriminação do povo Curdo. Um manifesto que andarilha territórios e

fronteiras para além das palavras e suas limitações de língua; uma linguagem de arte que nos toca a todas e todos pelo amor, indignação e anseio de que os direitos humanos estejam ao alcance de todas as pessoas, indiscriminada e indiscutivelmente. Uma arte que se (re)desenha na Rosa dos Ventos de nosso espírito em busca pela paz e pelas liberdades de ser, sendo quem se é, como direitos universais inegociáveis.

A arte ativista e fortemente política de Zehra Doğan é uma referência internacional em luta declarada e contrária à repressão social. Suas composições expõem peças recolhidas de cidades Curdas localizadas na Turquia, revelam e comunicam narrativas de pessoas que foram assassinadas, feridas, ultrajadas, exiladas em meio aos conflitos armados com o exército do país. Suas obras viajam pelas galerias de países diversos evidenciando a contribuição do povo Curdo para a nossa contemporaneidade. As criações de Zehra consagram a arte como poderosa potência dinâmica que ampara, discursa, testemunha, revela, promove e viabiliza a ciência, a empatia, a percepção e o entendimento do outro, e sobre os outros; também sobre o outro do outro que se encontra nas profundezas do esquecimento abissal. Ela marca e depõe os acontecimentos des-humanos de forma capital, política, social, histórica, cultural, comunicacional e midiática. Zehra desenha e matiza protestos que pelem des-silenciar o povo Curdo, sem, contudo, “pedestar-se” como procuradora da voz Curda. De minha parte, nestas páginas que grafo, embora, costumeiramente, nomeie-se povos em letra minúscula, escolho, solidariamente, gravá-lo com inicial elevada: povo Curdo.

A notícia de sua prisão após ter pintado a destruição da cidade de Nusaybin navegou por milhares de sites e jornais, além de ser temática destacada e discutida largamente por pesquisadores em artigos publicados em periódicos científicos. Eu desejava muito saber o que isso representava para Zehra e ela me respondeu com ponderação.

Sinceramente, não pensei que minhas criações artísticas fossem reconhecidas internacionalmente. Além disso, o fato de minha arte ser entendida da maneira certa me deixa feliz. Ao mesmo tempo, isso também me assus-

ta. Porque na minha opinião, os artistas que criam perante forças coercitivas ou vivem sob a opressão de regimes autoritários, produzem uma arte que é muito importante nestas condições, mas também devem ter cuidado. Porque a fronteira entre o artista, cujo trabalho é criar, e o do político ou do agitador, é muito tênue e sensível. Ao cruzar essa fronteira, o artista pode se transformar em uma figura política, ou um símbolo, uma figura, ou até mesmo se tornar um herói. E isso seria uma situação terrível. É por isso que continuo extremamente cautelosa no campo internacional onde me encontro. Muitas vezes tenho que insistir no fato de que minha produção artística não representa um povo e que eu mesma não sou um símbolo nem uma heroína. E eu, que não gosto muito de falar, há meses tenho que repetir essas coisas.

A lucidez de Zehra nos movimenta ao cuidado com as manipulações políticas e midiáticas que conduzem ao céu e ao inferno, quase que ao mesmo tempo, a fabricação de salvadores e inimigos da pátria, conforme as conveniências que aludem. Há muitas vozes a serem ouvidas em simultâneo com incontáveis que são silenciadas e, outras tantas, que nem sabem que possuem uma voz. Há diferentes circunstâncias de silenciamentos, paralelamente, há distintas maneiras de se controlar e rumar o que foi enunciado por quem se atreve usar sua voz. A distorção está para todos os lados e seu paradigma se nutre no afogamento das lutas sociais pelo cetro bárbaro do capitalismo devastador que se entrelaça ao domínio patriarcal. Ter ciência e consciência sobre os perigos que a representação social pode conceber a partir da supervalorização do heroísmo e do iconismo social, é indispensável para que possamos focar nossas bandeiras de lutas no bem-estar social coletivo de todas e todos, nas vozes que ecoam e nos pés que levantam poeiras dos mais diversos e dissemelhantes lugares de fala.

Perguntei-lhe, então, como havia sido sua experiência de ser presa por arte subversiva e sobre o tratamento que recebera no cárcere.

Comecei a vida na prisão da mesma forma que vivia fora. Com isso quero dizer: confrontando a realidade da situação. Se você conseguir

fazer isso, o tempo e o lugar não serão os mais importantes. Se é uma questão de luta, bem, ela também deve continuar nas prisões da Turquia, onde você encontra dezenas de milhares de prisioneiros políticos. Esta situação já se arrasta há anos e continuará por muitos mais. Enfrentar a situação atual não significa aceitá-la, desistir, ceder. Enfrentar, levantar, são muito importantes para mim, sua ausência indica um ser humano desesperado. É certamente por isso que nós, Curdos, conseguimos manter nossa identidade por séculos, mesmo sem uma nação ou um estado, e continuamos a lutar. Porque sabemos muito bem que esta é uma guerra contra as políticas de assimilação e de negação e sabemos que ela está em curso. A cada vez, confrontamos a realidade e seguimos em frente. Para pessoas pertencentes a um povo com tais experiências, as prisões não são lugares incomuns.

Dentro das prisões existe uma vida coletiva construída a partir do resultado das conquistas conquistadas a partir de grandes lutas. Minha prisão de quase três anos foi realizada com esse estado de espírito. Compartilhamos dinheiro, roupas, pão, livros, tudo que você possa imaginar. Havíamos construído uma vida comum. Vivemos nossa dor e nossa alegria juntos. Todos nós sabíamos que estávamos sempre lado a lado com as mãos sobre o coração, um para o outro. Lemos muito os livros de nossa biblioteca comum, e depois trocamos nossas leituras. Sobre a história dos gêneros sociais, sobre a história mundial, sobre os Estados capitalistas, sobre a geografia.... Sobre qualquer número de tópicos que você possa imaginar, nós educamos uns aos outros. Não havia hierarquia entre nós, não havia papéis definidos de quem ensinava e de quem recebia instrução. Cada uma de nós escolheu um tema de acordo com seus interesses, trabalhou nele por alguns dias e ensinou o que havia aprendido e descoberto para outras pessoas. Ou seja, o aluno de hoje era o professor de amanhã. Foi uma experiência extraordinária. Eu aprendi muito. Essas experiências compartilhadas me deram muita força. Produzimos jornais na prisão, criei centenas de obras, uma história em quadrinhos. E conseguimos retirá-los secretamente.

Assim conseguimos sair ainda mais fortes e determinados da prisão em que nos encerraram para nos calar.

A história de resistência de Zehra e de outras mulheres Curdas me afeta, temos muito o que aprender com elas. Eu havia passado o dia escrevendo e já eram mais de 23 horas quando fui me deitar. À 1 hora da manhã, confessei-me a aflições, despertei-me de vez. A insônia não me é um privilégio, queria des-cortinar a madrugada, aconchegar-me ao sol. Alvoreceu, finalmente! Enquanto (re)caminho pelas trilhas castigadas pela estiagem na Serra de São Domingos, sou acompanhada pelos cortejos dos passarinhos que me contam, esperançados, que a primavera está chegando. Reparo na afirmativa arrojada que se sublinha em grandes letras de cor lilás na camiseta que me veste: lugar de Mulher é onde ela quiser! Meu pensamento (re)voa.... Inúmeras mulheres não têm acesso ao lugar que gostariam de estar e outras inestimáveis, sequer, podem sonhar com algum lugar que não seja o de ser objeto ao proveito do patriarcado. Isso me dói as entranhas. Minimizo a importância de minhas agonias diante das adversidades dessas mulheres. Respiro. Respiro de novo. Decido não me deixar de lado e acolho com meu coração, meio-a-meio, as pelejas delas e as minhas também. Todas nós temos cicatrizes, queloides formados durante nossas guerrilhas nas profundas e sombrias águas de piratas às ordens do patriarcado, do colonialismo que nunca se findou e do capitalismo que nos explora violentamente.

Somos a flor desta montanha,
aquela que, acariciada pelo vento,
não inclina.

Somos tão fortes que mesmo se ficarmos sem água,
nós não vamos desvanecer.

Não sei se fomos criadas assim
ou se as circunstâncias nos fizeram assim.

À medida que ficamos com sede,
nossas raízes mais se encontram nas profundezas da terra.

Eles estão tentando nos arrancar do chão,

mas eles conhecem a força
de uma flor que floresce na montanha
(CICEK, 2020, p. 67).

De volta, Zehra, revela-me os desafios das mulheres na Turquia.

A Turquia é um país que construiu seu Estado com base em uma lógica nacionalista, monista e fascista. O mesmo acontecia antes da República Turca, durante a época anterior do Império Otomano. Durante milênios, desde o nascimento das cidades-estados até a época dos estados-nação, todas essas estruturas se apoiaram na existência de uma mentalidade machista. Alguns países têm administrações baseadas no sistema liberal e astutamente encobrem as coisas sob um verniz de democracia. Outros países como a Turquia nem mesmo sentem a necessidade desse tipo de truque podre e lideram com um regime totalitário. E o totalitarismo, o machismo e a virilidade não poupam as mulheres. Em um país onde centenas de mulheres são sistematicamente assassinadas a cada ano, não se pode tratar o feminicídio como notícia comum. Sob um sistema machista e religioso, o número de feminicídios aumenta dia após dia na Turquia. As mulheres estão presas em seus lares, são consideradas objetos de prazer e reprodução masculinos. Mulheres e migrantes são explorados como mão de obra barata. As que trabalham têm direitos muito limitados, especialmente depois de se tornarem mães. São arrancadas da vida ativa e social, condenadas à inatividade em casa. Não têm garantias legais contra violência e feminicídio. Como você sabe, a Turquia saiu da Convenção de Istambul. Mesmo quando a Turquia era signatária da Convenção, ela existia no papel, mas raramente era aplicada ... Apesar de tudo isso, aqueles que fecham os olhos para a realidade da vida diária e se contentam em olhar apenas para as leis, podem pensar que a Turquia é um país secular e democrático. Você pode encontrar a assinatura da Turquia em vários tratados internacionais sobre direitos humanos, mas nada disso é aplicado no mundo real.

Atualmente, a Turquia vive sob o regime do “único homem”. Tudo se move por decisão de Erdoğan⁸⁵ e seus homens. As mulheres são as que lutam mais fortemente contra este regime. Na Turquia, atualmente, as mulheres são as que conduzem a luta mais poderosa contra este regime. Esta luta é conduzida de forma comum por curdos, turcos, árabes, armênios, circassianos, siríacos e mulheres de outros povos, todos eles muito determinados. Na verdade, as mulheres são as mais discriminadas, as mais oprimidas e perseguidas. Mulheres resistentes são os inimigos mais importantes do Estado dos homens. Portanto, as mulheres também são as mais presas. Gültan Kışanak⁸⁶, Leyla Güven⁸⁷,

85 Recep Tayyip Erdoğan (1954) é o atual presidente da Turquia desde 2014. É conhecido por sua política repressiva para manter o controle do país e considerado pela ONG Repórteres sem Fronteiras como “inimigo da liberdade de imprensa” (RSF, 2021).

86 Gültan Kışanak (1961) é uma mulher Curda da cidade de Elazığ, ao leste da Anatólia. É ativista e política turca do Partido da Paz e da Democracia (BDP) na Turquia. No ano de 2014 ela se tornou a primeira mulher a ser eleita co-prefeita da província de Diyarbakır. Em 2016 foi destituída do cargo e presa. Durante seu tempo como co-prefeita, apresentou várias iniciativas políticas para as mulheres, com o objetivo de aumentar as chances de as mulheres participarem da vida social e lhes oferecer mais proteção contra a violência doméstica. Este fato representou uma revolução na cidade sunita onde o patriarcado reina. Kışanak foi condenada a 14 anos e 3 meses de prisão sob a acusação de ‘propaganda terrorista’. Por ocasião do Dia Internacional da Mulher, em 2021 foi homenageada com o Prêmio Clara Zetkin que reconhece as realizações notáveis das mulheres presentes na sociedade e na política (BIA NEWS DESK, 2021).

87 Leyla Güven (1964) ex-deputada Curda, foi destituída de seu cargo e encarcerada, condenada a 22 anos e 3 meses de prisão por “pertencer a uma organização ilegal”, ou seja, por fazer parte do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e se opor, francamente, ao governo do presidente Erdogan. Em 2018, ficou conhecida mundialmente por liderar uma greve de fome em protesto contra o confinamento em solitária do líder guerrilheiro, Abdullah Öcalan, sentenciado à prisão perpétua. Öcalan é autor do livro “Libertando a vida: a revolução das mulheres” (ÖCALAN, 2016), disponível gratuitamente na internet. Leyla Güven é um exemplo de luta contra as atrocidades de regimes fascistas.

*Selma Irmak*⁸⁸, *Nurhayat Altun*⁸⁹, *Aysel Tugluk*⁹⁰, *Sebahat Tuncel*⁹¹, *Figen*

-
- 88 Selma Irmak (1971) é uma política curda e ex-parlamentar do Partido da Paz e Democracia (BDP) e do Partido Democrático do Povo (HDP). Nos anos 90, quando se graduava na Universidade de Selçuk com o objetivo de se tornar professora, foi presa por quase 10 anos por pertencer ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Durante a primeira década dos anos 2000, foi encarcerada outras vezes sob a acusação de fazer parte de uma organização terrorista armada e fazer propaganda da mesma, por fazer reuniões ilegais e marchas de manifestação contra o governo. Em 2012, juntamente com outras presas e presos políticos, fez greve de fome em apoio a Abdullah Öcalan. Em 2016 foi presa e em 2017 condenada a 10 anos de prisão pelos mesmos motivos anteriores.
- 89 Nurhayat Altun (1964) era vice-prefeita de Dersim, atualmente conhecida como província de Tunceli, foi presa em 2016 sob a acusação de ser administradora de uma organização terrorista, sentenciada a mais de 22 anos de prisão. É acusada por 22 declarações à imprensa, participação em marchas, funerais e por sua atividade política. Dentre as acusações, está sua participação nas atividades do Dia Mundial da Mulher de 8 de março, realizadas pelo município de Dersim, sendo alegada como atividade criminosa. Durante um telefonema a sua família em novembro de 2020, denunciou que as celas das mulheres políticas presas foram invadidas em Kandira, sendo confiscado todo material escrito, incluindo suas anotações políticas, seus relatórios de defesa, obras de poesia e literatura, além de seus livros e canetas (GAZETE KARINCA, 2020).
- 90 Aysel Tugluk (1965) é uma mulher Curda, formada em Direito pela Universidade de Istambul, co-fundadora do Partido da Sociedade Democrática (DTP) na Turquia. Foi advogada de defesa de Abdullah Öcalan perante o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (CEDH). Em 2007 foi eleita deputada por Diyarbakir para o Parlamento Turco, mas em 2009 foi destituída e proibida por 5 anos de exercer atividade política. Em 2007 foi condenada a 18 meses de prisão por distribuir folhetos do partido na língua Curda, cuja lei turca proíbe. Em 2009 foi novamente condenada por ter dito, em um comício no ano de 2006, que os combatentes do PKK eram heróis para muitos. Em 2012 foi condenada a 14 anos e 7 meses de prisão por “cometer um crime em nome da organização terrorista armada PKK sem ser membro” e por “fazer propaganda em nome de uma organização terrorista.” Em 2016 foi presa e em 2018 condenada por se opor à lei que restringe comícios e manifestações. No mesmo ano, condenada a mais 10 anos de prisão por ser considerada líder de uma organização terrorista, por ter apoiado Abdullah Öcalan, ter feito declarações à imprensa próxima ao PKK e ter comparecido a funerais de pessoas consideradas terroristas (BIA NEWS DESK, 2020).
- 91 Sebahat Tuncel (1975) é uma mulher Curda, graduou-se na Universidade de Mersin, foi enfermeira e defensora dos direitos das mulheres e membro do Parlamento na Turquia. Desenvolveu trabalhos junto ao Programa das Nações Unidas para o

Yüksekdağ⁹²... Elas são tão numerosas que não tenho como citar aqui todos os nomes das milhares de mulheres presas que lotam as prisões turcas. Esta mesma lista é como um edifício que ilustra o ódio que a Turquia tem pelas mulheres.

O governo Erdoğan chegou ao poder usando argumentos religiosos. Seus predecessores tinham uma abordagem semelhante, embora parecesse diferente em primeiro plano. Quando a República Turca foi fundada, Atatürk⁹³ era entendido de forma diferente. Ele aspirava à criação de um

Desenvolvimento (PNUD) e para a Anistia Internacional (AI). Em 2006 foi presa por suposta afiliação ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Sua trajetória política é extensa e intensa. Manifestou-se em várias ocasiões para que o Parlamento Turco reconhecesse o fenômeno do genocídio armênio ocorrido entre 1915 a 1923 e, em 2014, apresentou o « Projeto de lei de reconhecimento do genocídio armênio », sugerindo que o presidente Erdogan pedisse desculpas ao povo armênio pelo genocídio. Em 2016 foi presa por acusações relacionadas com o terrorismo devido à sua filiação no partido legal DTP, além de declarações e discursos feitos, a acusação solicitou uma pena de 130 anos de prisão. Em 2019 aderiu à greve de fome em solidariedade a Abdullah Öcalan e, no mesmo ano, condenada a 15 anos de prisão por ser membro e fazer propaganda para uma organização terrorista. Em setembro de 2020 sofreu outra sentença por insulto ao presidente turco Erdoğan, ela o chamou de “inimigo das mulheres” em um discurso proferido em 2016. O motivo era por Erdoğan ter dito publicamente que “as mulheres não são iguais aos homens” e que “as mulheres que rejeitam a maternidade são deficientes e incompletas”. Em 2017 Sebahat Tuncel e outros políticos foram proibidos de exercerem atividades políticas por 5 anos. Em agosto de 2021, disse em reunião com seu advogado que os ataques racistas contra as prisioneiras aumentaram e que foram submetidas à opressão e à violência (GAZETE DUVAR, 2021; TUNCEL, 2021).

92 Figen Yüksekdağ (1971), atual co-líder do partido de esquerda turco Partido Democrático dos Povos desde 2014. Fez parte de movimentos sociais pelos direitos das mulheres e foi editora da Revista Socialist Woman. Em 2009 foi presa por sua atividade política, acusada e fazer propaganda e militância em uma organização terrorista armada. A acusação exige que ela seja condenada de 30 a 83 anos de prisão. Numa audiência realizada em fevereiro de 2021, ela proferiu: “Não temos esperanças quanto a esses detentores do poder político. As mulheres têm esperança, os povos têm esperança. A esperança pertence para aqueles que procuram existir nesta vida com o seu trabalho, honra e dignidade. Continuaremos mantendo viva esta esperança” (BIA NEWS DESK, 2021).

93 Mustafa Kemal Atatürk (1881-1938) foi um estadista revolucionário turco, fundador da República da Turquia e seu primeiro presidente, eleito em 29 de outubro de

país secular. No entanto, ele construiu este novo país - embora consistisse em diferentes povos e culturas - em torno de uma identidade, uma bandeira, uma única religião e com a ajuda de senhores tribais e líderes religiosos. Um estadista que se apoia nesse tipo de apoiador não pode criar outra coisa senão um país religioso, nacionalista e machista. Acho que os seculares que agora consideram Atatürk como seu ídolo e adotam sua visão, não são muito diferentes daqueles que vieram antes. Quando você olha os arquivos, vê claramente as assimilações e massacres que ocorreram na época. Ele criou um país monista. E todos os seus sucessores criaram um sistema machista e religioso, quer veladamente, quer de forma explícita, como nos tempos de Erbakan ou sob Erdoğan hoje em dia.

Em um país com tradições religiosas e patriarcais tão arraigadas como a Turquia, a luta das mulheres é uma necessidade absoluta. É por isso que em minha terra natal uma política de guerra suja é conduzida contra as mulheres.

Assim, como mulher, fui confrontada com discriminação, censura policial e judicial, acusações, ameaças. Agora, em minha vida enquanto artista profissional, eu gostaria de seguir em frente sem fazer concessões sobre as minhas convicções ou minhas lutas, mantendo-me para além da arte como mercadoria, ou me tornando um de seus ícones.

Não é incomum fazer política a partir de manobras perversas utilizando a religião como dispositivo de controle e de poder, haja vista, as circunstâncias políticas do Brasil de agora. E, lamentavelmente, pregada à maioria das religiões está a bocarra do patriarcado com suas presas enormes e pontiagudas que se apressam a estraçalhar o Feminino para se manter por cima, no manejo da situação, fazendo todo o tipo de barbárie a fim de suprimir qualquer vestígio de força e energia feminina que venham co-

1923. A Turquia nega os curdos e alevitas e, no período de 1937-1938, suas gentes foram des-localadas, exiladas, sufocadas em cavernas e massacradas, proibidas de falarem em seu próprio idioma – um genocídio detalhadamente planejado. As mulheres Curdas, para escaparem dos estupros ocasionados pelos soldados, atiravam-se nas águas do rio Munzur, cuja lenda diz que ficaram rubras de sangue. No documentário “Kurdistan, la guerre des filles” (2016), dirigido pela marroquina jornalista e doutora em sociologia, Mylène Sauloy, é possível conhecer um pouco sobre a luta das mulheres Curdas.

locar abaixo os regimes tiranos que amordaçam, principalmente, as mulheres e as crianças. Jogar com a religião tem sido uma constante dos partidos políticos conservadores que se emperram em sufocar a voz das mulheres, pois elas, consigo, deslocam as minorias para fronteiras, para um terceiro espaço onde uma outra modalidade de sociedade não apenas é possível, porém, urgentemente necessária, alicerçada em um paradigma libertário e do cuidado às questões humanas e da Mãe Terra, sem grilhões banhados a cifrões que sobrevalorizam o ter, em detrimento do Ser.

O vigor e a potência da Voz de Zehra me tocam tanto quanto a sua coragem de Ser me impressiona. Porque não é fácil pagar um alto preço por coisas que muitos nem acreditam mais que existam neste mundo tenebroso de ganâncias e poderios, coisas como a paz, a justiça social e as liberdades para todas as pessoas. Isto nos é caro!

Zehra, conte-me um sonho e uma dor que você carrega no coração.

Eu tenho tantos, não sei qual devo compartilhar com você. Deixe-me contar um sonho recorrente que não me deixou nos últimos anos. O sonho sempre segue o mesmo cenário: a polícia está me perseguindo e eu fujo. Prefiro chamar essa história de “sonho” a “pesadelo” porque essa sequência, que ocorre quase todas as noites, tornou-se cômica para mim, quase divertida.

Dor? Minha casa. Sinto muita falta da minha casa e não posso voltar para ela...

Por fim, já com uma vontade incomensurável de abraçar calorosamente essa jovem mulher valente e artista impetuosa (quem sabe, um dia!), ainda me surpreendo com suas palavras derradeiras de intrepidez e tenacidade:

Eu gostaria de dizer uma única coisa para aqueles que recentemente começaram a lutar por um mundo melhor, uma vida livre e ecologicamente correta, carregando igualdade e liberdade dos papéis de gênero. Quaisquer que sejam as condições em que se encontre, procure enfrentar a realidade e, aconteça o que acontecer, ao se deparar com algo que não deseja, não tenha medo de dizer “não”.

UMA VOZ INSURGENTE



A Guardiã que me acolheu em um momento complexo de des-consolos, ensinou-me a análise em meio a um reboiço de emoções que me des-assestavam na trinca corpo, alma e espírito: “... mas o que significa a escrita para você?” – Aventura! Respondi sem titubear e com o coração ligeiro. É um andarilhar com palavras e pessoas, com histórias e cicatrizes; com amor, com-paixão, indignação, raiva, perdão e esperança. São momentos – horas e dias de travessia – ora vagarosas como em terrenos íngremes e pedregosos; ora mais afoitas como nas planícies em tarde fresca; às vezes se queda pálida e me coage ao aquietamento.

Escrever a partir de histórias de mulheres da América Latina, África e Ásia, é me sentir cidadã do mundo, é as encontrar em mim e me imaginar COM elas a cada vez que as águas de piratas também se metamorfozam em terras de ninguém quanto aos direitos das meninas e das mulheres. Noutras palavras: a macheza é uma des-graça que urge ser vencida para que o exagerado orgulho masculino seja derrotado juntamente com seu pensamento dominador e equivocado de que as mulheres existem para servir aos que nascem com um pênis.

E é nessa marcha em defesa e luta para que meninas e mulheres tenham os mesmos direitos e prerrogativas que os homens e, não menos importante, tenham outros direitos que dizem respeito somente ao Feminino, que brota em mim o desejo de conversar com Shilpa Raj, escritora⁹⁴, linda e intrépida jovem mulher indiana cuja história é compartilhada no documentário da Netflix (2017), *Daughters of Destiny*. A série da cineasta norte-americana, Vanessa Roth, revela histórias de crianças e adolescentes em desvantagem econômica e social que frequentam o a escola-residência do Projeto Infantil *Shanti Bhavan*⁹⁵, em Bangalor, uma metrópole

94 Shilpa Raj é autora do livro autobiográfico *The Elephant Chaser's Daughter* (RAJ, 2017).

95 O Projeto Infantil Shanti Bhavan é uma organização sem fins lucrativos com sede em Bangalore, Índia. Opera como uma escola residencial em Baliganapalli, Tamil

do estado de Karnataka, no sul da Índia, a terceira mais populosa do país. O intenso fluxo migratório do campo de Karnataka e de outros estados indianos ocorrido nas últimas décadas, contornam o universo cosmopolita de Bangalor. Sentir a vida pulsar em *Daughters of Destiny*⁹⁶, é esperar dias em que a ganância humana seja degolada pela implementação incondicional da justiça social e da dignidade humana para todas as pessoas da Terra, sem distinção.

Como brasileira, abordar a condição da mulher na Índia, é algo perturbador e ilusório, mas eu queria muito ouvir uma voz feminina deste povo tão diverso. Não é preciosismo recordar que as representações sociais não me fsgam, pois mesmo dentro de um grupo identitário de mulheres, a diferença e a diversidade se movem, des-locam-se, extrapolam-se em suas singularidades, multiplicidades e pluralidades. Mas é zelo abrir as janelas dessas páginas para que a voz de uma mulher indiana ecoe em seu protagonismo de resistência e luta contra a violência às meninas e às mulheres da Índia. De acordo com o pensamento de Spivak, “quero mesmo insistir em que, quando compreendida só como narrativa, a desconstrução é apenas o retrato de uma impossibilidade, que não pode ajudar a nenhuma posição política. Ou talvez possa, mas só muito superficialmente” (SPIVAK, 1997, p. 280).

A história da Índia apresenta seus primeiros registros arqueológicos datados há cerca de 34 mil anos com a presença do *Homo sapiens* e se constitui como Civilização Hindu por volta de 2000 anos a.C. a partir do confronto entre os povos arianos e dravidianos. Os arianos fundaram hierarquias de base política e religiosa, escravizaram e estruturaram os dravidianos em classes sociais inferiores, sem condições de câmbio entre as classes. Com o tempo histórico e cultural submerso ao encabresta-

Nadu. Foi idealizado pelo professor e empresário indiano-americano, Abraham George, e se firma como uma escola comprometida com os direitos sociais e a educação das meninas. A maior parte dos alunos atendidos gratuitamente são conhecidos como *dalits* (intocáveis). Quando concluem seus estudos, estão prontos para ingressarem em um curso universitário. Disponível em: <https://www.shantibhavanchildren.org/>

96 *Daughters of Destiny*: disponível em <https://www.netflix.com/br/title/80092926>

mento de controle e escravidão, o dogma de separação das castas se estabeleceu como um princípio sagrado do hinduísmo. Assim, vale o pensamento de Grada Kilomba para se ensaiar um entendimento acerca das estruturas repressoras instituídas na história da humanidade, comumente esqueletadas na apologia da superioridade racial, étnica, cultural e de gênero como aspectos definidores de pureza e impureza.

Sujeira e selvageria estão ligadas, de forma muito íntima, a aspectos que a sociedade branca reprimiu – sexualidade e agressão – e consequentemente projetou nas/os “Outras/os”. Com frequência a sexualidade é combinada com agressão e experienciada como suja, caso em que os pensamentos serão duplamente negados (KILOMBA, 2019, p. 124)⁹⁷.

Com empenho, a Índia desenvolveu sua economia a partir da agricultura e pelo comércio farto e saboroso de especiarias como o açafraão, o cardamomo, a cúrcuma, o cravo-da-índia, o gengibre e a pimenta-do-reino (SINGH, 2009). Banhado pelo extenso Rio Ganges e espiado pela Cordilheira do Himalaia, o país asiático de gigantesca diversidade animal, belíssimas riquezas naturais e culturais que transmuda edificações desprezíveis em magníficas obras de arte, um lugar emblemático que dimana o budismo e desperta a busca meditativa por harmonia espiritual, é, atualmente, o segundo mais populoso e com uma das maiores economias do planeta.

Entretanto, apesar de se domiciliar em uma democracia constitucional que preceitua direitos sociais aos cidadãos, o país padece com

97 Grada Kilomba (1968), psicóloga com doutorado em filosofia, artista e teórica com raízes na Angola e em São Tomé e Príncipe, nascida em Lisboa, escreveu seu livro “Memórias da plantação” como uma compilação de episódios cotidianos de racismo, escritos sob a forma de pequenas histórias psicanalíticas. Embora sua obra diga respeito à temática de estudos de gênero e feminismo negro, trago para perto de mim suas contribuições teóricas e conceituais como referencial de discussão acerca da mulher indiana na condição de “intocável” como aquela que é não apenas o “outro do outro” com relação à masculinidade e à branquitude, mas também é a “outra da outra” com relação ao extremo das mulheres em condições raciais, étnicas, culturais, sociais, religiosas, políticas e econômicas com mais vantagem histórico-social para ocuparem seus lugares de fala e protagonizarem suas histórias na história humana.

altíssimos níveis de pobreza e desnutrição que favorecem o adoecimento das pessoas, além do analfabetismo e da violência de gênero que varrem do território indiano o respeito às diferenças e a promoção da dignidade humana para todas e todos, sem discrepâncias. Para muitas meninas e mulheres indianas, o viver é um grande sofrer.

Desejosa de conversar com Shilpa Raj, escrevi para a direção de *Shanti Bhavan* que, generosamente, ponteou nosso contato. Entre chidos e incertezas que só quem marca um encontro via internet sabe a tensão que é, ela foi logo me contando:

Eu nasci em uma aldeia no sul da Índia. Eu tenho um irmão e tive uma irmã, mas ela faleceu, tirou sua própria vida no ano passado (2019). Nós acreditamos que foi um suicídio, ela morreu sob circunstâncias misteriosas. Então, só tenho um irmão. Aqui, na minha vila, todos produzem licor (álcool). Os homens, como meu pai e meu avô, iam à noite aos povoados próximos para venderem o licor que eles produziam. E, com frequência, esses homens eram levados pela polícia para a cadeia. Então, a vida era assim, fugir dos policiais e lutar contra a pobreza e a discriminação social ao mesmo tempo. Minha família pertence à casta “intocável”, mas depois o cristianismo veio para nossa vila e isso nos ajudou a escapar da discriminação e da violência que os “intocáveis” enfrentam na comunidade hindu. Nós éramos hindus e nos convertemos ao cristianismo.

Ao longo da história, os “intocáveis” eram indivíduos considerados sem casta, concebidos como impuros. Todo aquele que mantivesse o contato físico com um “intocável”, passasse por sua sombra ou algo que tenha sido possuído por ele, era considerado sujo, impuro e deveria ser submetido a um ritual de purificação. Os “intocáveis”, mau eram/são concebidos como gente. Situam-se em um não-lugar⁹⁸, nas profundezas abissais, invisíveis, temerárias e solitárias das mais turbulentas águas de piratas.

98 O conceito de “não-lugares” foi cunhado pelo etnólogo e antropólogo francês, Marc Augé (1935): “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar” (AUGÉ, 1994, p. 73). Para o autor, no “não-lu-

O sistema de castas da Índia é um *modus operandi* milenar que classifica indivíduos ou agrupamento de pessoas tendo como base sua condição socioeconômica. Ele divide os hindus nas seguintes categorias subsequentes que derivam de uma parte do corpo de Brahma (boca, braços, coxas e pés): Brâmanes (boca - casta superior e dominante, a mais pura, guardiões da ciência e sacerdotes crentes que eram parte do cérebro de Brahma), Xátrias (braços - casta dos governantes e dos guerreiros que deveriam controlar, vigiar e punir severamente as castas inferiores), Vaixás (coxas - casta dos agricultores, pastores, comerciantes e artesãos) e Sudras (pés - casta inferior, serviçais, obrigados a trabalhar duramente para os pertencentes às outras castas superiores) e se respaldam em seu *karma* (trabalho) e *dharm*a (sentido de dever).

De condição hereditária e imutável, cerca de 240 milhões são Párias, “intocáveis”, considerados como a escória vergonhosa da sociedade, a poeira sob os pés de Brahma, e não fazem parte de nenhuma casta, devendo viver à margem dos demais. São proibidos de entrar nos templos, de tocar em alguém ou de beber a água da mesma fonte tomada pelos indivíduos das outras castas. A eles são destinados os afazeres impuros como a limpeza de excrementos e o manejo com cadáveres.

Após a independência da Índia em 1947, Bhimrao Ramji Ambedkar (1891-1956), indiano nascido como “intocável”, destacado em seus estudos e na política, reconhecido pelo seu ativismo contra as castas e todas as formas de exclusão social da época, participou da redação da nova constituição de seu país que deliberou para o fim destas violações aos direitos humanos. Todavia, apesar da lei maior, as tradições e os costumes prevalecem, principalmente, nas regiões rurais, mesmo com as campanhas do governo em prol da erradicação cultural dos princípios que movem as castas.

gar”, os indivíduos se encontram anônimos. Empréstamos o termo para expressar a invisibilidade, a solidão, praticamente, a inexistência dos “intocáveis” nos “lugares de humanos”, onde está presente a des-identidade humana imposta pela crueldade dos subjogos históricos e perpetuada pela perversidade da cultura de dominação. Não há lugar para os “intocáveis” e sua identidade é a objetal, portanto, não-humana.

Este aprisionamento cultural é legado instituído pelo Código de Manu (*Manusmriti*), originado na Índia a cerca de 1000 anos a.C, considerado o manuscrito de maior importância para os hindus, legitimador do sistema de castas como organizador e estruturador da sociedade. O original em sânscrito é denominado “Dharma de Manu” (*Manava-dharma-shastra*), reconhecido como um dos textos jurídicos mais antigos da história da humanidade e concebido como uma obra divina, compilada por Manu, que teria sido o primeiro humano criado pelo deus Brahma, o responsável pela criação. As Leis de Manu são divididas em 12 livros e ditam o padrão normativo da sociedade indiana, norteiam o sistema de castas e estabelecem condutas de base religiosa e social a partir da concepção ético-cosmológica do *dharma* (THE LAWS OF MANU, 1886).

Para os povos de cultura ocidental, não é algo simples a compreensão do sentido do *dharma*, ele escapa de nossa realidade. O sentido de *dharma* diz respeito a uma estrutura conceitual e concreta que perpassa e sustenta toda uma cultura de vida cósmica pautada na coerência, portanto, em um viver a vida de maneira cônica com a moral e a verdade. O que, evidentemente, não é elementar e tem suas distorções. *Dharma* é um vocábulo sânscrito, complexo de se definir, pois ele não é estático e nem se fixa dentro de uma lógica de discriminações ou diferenciações as quais estamos acostumados na cultura ocidental. É como um cânon regente do universo que destina uma incumbência (existencial e ética) a tudo o que existe, humano ou não, seja transcendente da condição humana ou inferior a ela.

O Código de Manu alicerça e legitima pelo *dharma* o patriarcado que se alimenta monstruosamente pelo sistema de castas. Nesse contexto, o discurso e a ação promotora e executora de subalternidades, é considerado, convenientemente, algo justo e necessário para a manutenção da ordem social. E, na fundura desse sistema que não separa valores religiosos daqueles referentes ao exercício de cidadania, a mulher se encontra contida tal como quem é cativa por uma areia movediça. Logo, eram submetidas à tutela de um homem, fosse o pai, o irmão ou o marido, subtraídas de qualquer possibilidade de (re)conhecimento de direitos sociais.

Shilpa sentira na pele o desdém por ter nascido mulher e me narra seu experimentar da violência da opressão machista.

Vive-se essa violência, especialmente, em comunidades como a minha, onde há altas taxas de pobreza. Há uns 10 anos atrás era recorrente haver o infanticídio feminino. Se uma criança nascia e era uma menina, a família se arrependeria de seu nascimento ou acabaria por matar a bebê, pois meninas são vistas como um fardo. Hoje isso acontece bem menos. Mas há 10 ou 15 anos, era muito comum. Inclusive, quando eu nasci, a primeira coisa que meu pai disse foi: “É uma menina, que desperdício!”. Mas, hoje em dia, ele está muito orgulhoso de mim, porque fui muito bem-educada e também ajudo a sustentar a família financeiramente, da minha própria maneira. Sobre a cultura machista na Índia, hoje, vejo mudanças positivas que estão acontecendo. Assim como nas demandas econômicas de uma família, atualmente, é necessário que ambos os pais trabalhem.

Dentro das prisões existe uma vida coletiva construída a partir guisseem carreiras profissionais. Essa concepção sobre as meninas é, principalmente, de natureza social e econômica, elas são vistas como fardos porque na época de seu casamento, sua família deverá pagar uma grande soma em dinheiro para a família do noivo que deverá se encarregar dela. Então, as famílias mais pobres não conseguem pagar essa quantia que nós chamamos de dote. Frequentemente, várias famílias acabam por ter 6 a 7 filhos, dentre esses, 4 ou 5 são meninas, por isso elas são vistas como um incômodo, um peso financeiro.

Enquanto olhava para o rosto meigo e corajoso de Shilpa, meu coração se apertava ao cogitar que aquele menosprezo e des-amor poderia ter sido comigo, se eu tivesse nascido naquele território oprimido pela cultura machista e sob aquele fundamentalismo político-religioso. Isso é muito dolorido para uma mulher, precisamos falar mais sobre isso entre nós, também com nossos companheiros, com outros homens, com nossos filhos e com outros meninos. É insano e incabível que nascer com um falo possa determinar a aceitação, a morte e a vida de uma pessoa. A questão que sempre me agonia e sufoca é: como homens que se formaram

e foram abrigados no útero de uma mulher, que vieram à luz em dores de parto e, depois, foram alimentados por seus seios que, possivelmente, devem ter sido machucados pelas horas exaustivas de amamentação, podem se tornar tão cruéis, tão des-almados no trato com aquelas que são semelhantes à sua mãe? Não há análise sociológica que me seja suficiente à compreensão desta barbárie.

Naquele momento, recordei-me de um poema de Rupi Kaur: “você quer esconder o sangue e o leite como se o seio e o ventre não tivessem sido seu alimento” (KAUR, 2017, p. 226). Rupi é poetiza, artista e escritora feminista nascida em 1992 na cidade de Panjabe, Índia. Sua escrita audaciosa borbulha sensações que cismam serem tocadas (leia, curiosamente, e se deixe tocar e sentir...). Sua literatura versa sobre amor, feminilidade, perdas e misoginia.

Pergunto a Shilpa, que outras violências ela sofrera por ser mulher.

Quando eu tinha 14 anos, vivenciei vários conflitos e problemas emocionais. Meus avós queriam que eu me casasse com o irmão mais novo de minha mãe. Eu pensei que não era a coisa certa a se fazer. Eu queria seguir uma carreira no campo do jornalismo, queria ser financeiramente independente, tinha sonhos de ter uma carreira. E isso é algo que esperam que uma mulher faça: que ela se case com alguém que a família deseja. A cultura machista está muito presente na Índia. Na cultura patriarcal, o homem tem demasiado poder e ele é quem toma todas as decisões pela família, enquanto a mulher é como uma subordinada sua. Não é bem aceito que uma pessoa escolha, por si mesma, casar-se com quem ela ama e, se um deles pertencer a uma casta inferior ou a uma família muito pobre, provavelmente, enfrentará muitos problemas. Espera-se que os filhos obedeçam aos pais até em questões profissionais, metas profissionais. São os pais que tomam as decisões para a vida dos filhos.

Gayatri Chakravorty Spivak, indiana, nascida no ano de 1942 na cidade de Calcutá, escritora, filósofa, professora e crítica literária, reconhecida por suas traduções do filósofo Jacques Derrida (Argélia, 1930 –

Paris, 2004), discute em seu livro, “Pode o subalterno falar?”, a situação de subalternidade em que as mulheres se encontram e destaca a hostilidade e a desigualdade da mulher no cenário da (re)produção de um colonialismo que não tem fim, laceado pelo gênero masculino que se sustenta no patriarcado e se move pelo parâmetro capitalista que rege os interesses e as relações de poder por toda parte.

No trio, patriarcado, colonialismo e capitalismo, a mulher é, costumemente, sujeitada a um lugar de inferioridade em relação aos homens. Em um cenário abissal de sujeição, onde além de inferior ou “intocável”, a mulher nem gente é, uma vez que somente existe no plano objetual, que possibilidades concretas há para que ela possa falar? Consequentemente, no tocante à mulher “não há prejuízo em admitir que **não é apenas a produção da diferença sexual** o que está sendo enquadrado aqui, mas sim a possibilidade de pensar a própria diferença” (SPIVAK, 1997, p. 289, grifo meu), e essa diferença que se diferencia em sua própria diferença nos chacoalha em nossa vil zona de conforto para que nos dispamos de um feminismo pragmático que se mostra roto e parco no acolhimento das diversas e distintas diferenças das mulheres deste planeta, singularmente, das mulheres que habitam na África, na América Latina e na Ásia.

Nessa constância sócio-brutal entre patriarcado e capitalismo, o silenciamento da mulher, principalmente daquela que é o “outro do/a outro/a” (aquela que está na extremidade do homem da elite dominante, mas também se encontra no mais remoto abismo da mulher de pele clara e/ou em posição sócio-cultural-política-econômica mais vantajosa), é tocável e corpóreo. A mulher que é esse “outro do/outro/a” díspar, avessa contradição da masculinidade e da supremacia social hegemônica, sobrevive em um não-lugar des-colado até da base hierárquica, pois se não pertence a nenhuma casta, ela nem existe como indivíduo ou parte de um coletivo – ela é só a poeira sob a pisadura dos que dominam. Tamanha invisibilidade absoluta a sentença desde o ventre e a esquece nas entranhas de um denso lamaçal de desprezo e hediondez des-humana, onde a vulnerabilidade é o precipício sem ponte para a vida digna em sociedade.

Não lhe é permitida a fala e, simultaneamente, quando a subalterna fala, muitas vezes, ela nem ouvida é, outras vezes, não a compreendem, certamente, por tantas vezes, não querem, mesmo, fazerem-se entender. Apesar das leis tonificarem políticas de inclusão e de eliminação às discriminações e incivildades sociais contra as meninas e as mulheres na Índia e em tantas outras localidades, há uma pirataria que produz a extorsão do viver com dignidade. E nesse piratear se encontram os financiadores dos sequestros, das selvagerias, das roubadas, dos desvios, das quadrilhas, das milícias e das malandragens que fendam gretas nas leis e nas diretrizes para que os estupros sociais sejam subsistidos contra aquelas e aqueles que se encontram em desvantagem social.

Nas negociações em prol do menos pior, do menos mal, os que legislam, são aspirantes a marujos subordinados à manutenção e à limpeza bruta da nau comandada por larápios e pícaros de colarinho branco. O “menos mal” é a brecha que enrica os tratantes e é o gole de fôlego que agoniza, sem pressa, os oprimidos. Nessa lógica:

O julgamento moral e a teoria moral certamente se aplicam a questões públicas, mas são notavelmente ineficazes. Quando poderosos interesses estão envolvidos, é muito difícil mudar alguma coisa por meio de argumentos, embora convincentes, que apelem para a decência, a humanidade, a compaixão e a honestidade. Essas considerações também têm de competir com os sentimentos, mais primitivos, de honra e retribuição e respeito à força. [...]. Decerto não é suficiente o tornar meridianamente evidente a injustiça de uma prática da iniquidade de políticas. As pessoas têm de estar prontas para ouvir, e isso não é determinado pela argumentação (SPIVAK, 1997, p. 296).

Compreender a sistemática da opressão sobre as mulheres pela análise dos acontecimentos históricos e das forças culturais, políticas, religiosas, sociais e econômicas que os desencadearam, é condição para des-construirmos (in)verdades, desanuviarmo-nos do paradigma das distorções, (re)inventarmos novas possibilidades e modos de vida em so-

cidade pelo princípio da equidade e da justiça social onde a misoginia não encontre morada.

Shilpa, qual a importância da educação para as meninas e mulheres de seu país? Perguntei-lhe.

Eu me formei na Shanti Bhavan, comecei a estudar lá com quatro anos de idade e me formei em 2011. Então, fui fazer meu bacharelado em psicologia, depois fiz um mestrado e, em seguida, fiz meu segundo mestrado. Agora, vou fazer meu doutorado em uma universidade dos Estados Unidos. Neste momento, estou aqui na Índia, pois em razão da Covid19, não pude viajar para os Estados Unidos. A educação é a chave! A resposta se encontra nela. Eu mesma sou um exemplo do poder da educação, eu posso fortemente afirmar o quão longe ela pode levar alguém. Fui exposta a formas diferentes de viver e me sinto muito satisfeita e confiante para alcançar meus objetivos e metas pessoais e profissionais. Eu posso me juntar a sociedade e gerar justiça como qualquer outra pessoa. Tenho uma chance na sociedade, pois a educação de qualidade que eu tive me proporcionou isso. Meu pai permitiu que eu fosse estudar em Shanti Bhavan, pois acreditava que eu teria uma vida melhor do que a condição que a nossa aldeia me oferecia, a qual era repleta de pobreza, violência doméstica, alcoolismo e opressão feminina também. Ele sentiu que em Shanti Bhavan eu teria uma vida melhor.

Quando conversei com Shilpa, estávamos em julho de 2020. O Brasil passava de 92 mil óbitos pela Covid19, um ano depois, marcamos mais de 553 mil mortos e ainda nos deparamos com negacionistas em cada esquina verde-amarela. Na Índia, daquele ano, o vírus ceifava cerca de 37 mil vidas; já no final do primeiro semestre de 2021, o Coronavírus mostrava sua potência contra a arrogância humana, consumindo mais de 414 mil vidas (G1, 2020, 2021; ANAND et al, 2021). Shilpa tinha razão: a educação é chave contra a ignorância, o negacionismo e o fundamentalismo religioso que ceva o machismo estrutural, eles são rebentos da insciência.

Por conta do obscurantismo e da incultura opressora neoliberalista que varre o Brasil, tem sido muito comum pessoas tutorarem críticas

ao Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), alegando que adolescentes e jovens abaixo de 18 anos deveriam “aprender a trabalhar” ao invés de ficarem presos à escola ou soltos em casa, justificam que há centenas de pós-universitários desempregados. Também resguardam um discurso autoritário de que filhos são bem-educados se a vara tinir no lombo. E, ainda, que a mulher para ser respeitada deve ser recatada, bela e do lar, acrescentam que é justo que ela tenha um salário menor, pois além de menstruar, ela engravida – ah, também piam que ela deve “dar” ao marido quando ele quiser, pois é sua obrigação como esposa. Discursos repletos de violência, preconceito, discriminação, exclusão, marginalização que afetam, direta e indiretamente, crianças e adolescentes, principalmente, as meninas que se tornarão mulheres oprimidas num ciclo de violências difícil de se quebrar.

Não faltam homens religiosos para adir que o lugar da mulher é o da submissão ao marido e aquilo que, culturalmente, tem sido imposto como “coisas de mulher”. Quer no hinduísmo zelado na Índia, quer no cristianismo devotado no Brasil, em nome de deuses e tradições religiosas, os que capitalizam e governam por uma política tirânica e opressora, têm espezinhado e explorado as mulheres de todas as formas inimagináveis. A exemplo, o discurso anojoso do presidente que representa a família tradicional brasileira e seus interesses econômicos:

Eu sou liberal. Defendo a propriedade privada. Se você tem um comércio que emprega 30 pessoas, eu não posso obrigá-lo a empregar 15 mulheres. A mulher luta muito por direitos iguais, legal, tudo bem. Mas eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? “Poxa, essa mulher tá com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade...” Bonito pra caralho, pra caralho! Quem que vai pagar a conta? O empregador. No final, ele abate no INSS, mas quebrou o ritmo de trabalho. Quando ela voltar, vai ter mais um mês de férias, ou seja, ela trabalhou cinco meses em um ano. [...]. Por isso que o cara paga menos para a mulher! É muito fácil eu, que sou empregado,

falar que é injusto, que tem que pagar salário igual. Só que o cara que está produzindo, com todos os encargos trabalhistas, perde produtividade. O produto dele vai ser posto mais caro na rua, ele vai ser quebrado pelo cara da esquina. Eu sou um liberal, se eu quero empregar você na minha empresa ganhando R\$ 2 mil por mês e a Dona Maria ganhando R\$ 1,5 mil, se a Dona Maria não quiser ganhar isso, que procure outro emprego! O patrão sou eu! (SAINT-CLAIR, 2018).

Essa dura realidade da disparidade de gênero desola a vida das mulheres pelo planeta, sobretudo, daquelas que enunciam dos continentes andarilhados neste livro de amor COM dor. Segundo o relatório do *World Economic Forum* (2017), as mulheres não têm salários superiores aos homens em nenhum país da Terra. As desigualdades salariais e de oportunidades são imensas. No Brasil, em média, as mulheres recebem cerca de $\frac{3}{4}$ do que os homens recebem e chegam a trabalhar, em média, 7,5 horas semanais a mais que eles em razão de sua dupla jornada entre as atividades domésticas e profissionais (IBGE, 2018).

As mulheres indianas constituem mais de 48% da população e, geralmente, não recebem uma educação suficiente que as prepare e as inclua no mundo do trabalho, por isso elas têm menos probabilidade de conseguir trabalhos com melhores remunerações. Uma alta porcentagem de mulheres trabalha em condições precárias e de grande vulnerabilidade. Cerca de 80% das mulheres empregadas trabalham em áreas rurais da agricultura e a minoria tem acesso ao mercado de trabalho remunerado. Comparativamente, o trabalho não remunerado representa apenas $\frac{1}{4}$ do tempo dos homens (WORLD ECONOMIC FORUM, 2020). Como resultado, a diferença salarial entre homens e mulheres aumenta.

A luta das mulheres indianas também se choca com as normas sociais e culturais que as colocam no lugar de cuidadoras da família, devendo permanecer em casa. Por esta concepção, o investimento em educação é mais restrito aos homens porque a mulher está circunscrita a cuidar da casa, este é o lugar delegado a ela pelo patriarcado. Agrega-se

a disparidade de oportunidades à questão de as mulheres serem vistas como mães em potencial, sem tempo para se dedicarem ao trabalho e, por isso, as que conseguem um emprego, recebem um salário injusto e são atropeladas por um status social muito inferior aos homens.

Quando Shilpa diz que a educação é a chave, ela não exagera, pois, educar as meninas, dar uma oportunidade de educação àquelas que são órfãs e que se encontram no “ermo intocável”, é esperaná-las como meninas e futuras mulheres no entendimento e no sentir que a vida é uma dádiva e que cada uma delas, é de uma importância sem igual: todas valem, cada uma, mais que o mundo inteiro! Pela oferta obrigatória, pública e gratuita de uma educação de qualidade às meninas, adolescentes e jovens, é que as mulheres se elevarão para além do patriarcado nefasto e das misérias do capitalismo feroz, protagonizando a equidade e a justiça social, bem como reduzindo as desigualdades de gênero, principalmente, no mundo do trabalho. Uma educação libertária e de excelência é uma das condições indiscutíveis para o empoderamento feminino e saimento do charco da extrema pobreza e da ignorância machista que infecta o planeta de todo tipo de toxidade.

É impressionante a falta de capacidade de análise e de sensibilidade dessas pessoas que caem no discurso obtuso de que aprender a trabalhar o mais cedo possível, é melhor e mais educativo do que ter tempo para brincar e estudar. As legislações que obrigam os familiares a matricular suas filhas e filhos na escola são necessárias, pois, quando não é assim, a infância e a adolescência são atravessadas pela ganância dos opressores e pelo desespero dos oprimidos, ambos sequestram essas etapas da vida em desenvolvimento para as submeter à exploração do trabalho infantil, no qual, na maioria das vezes, o abuso e a exploração sexual arruinam a vida das meninas e das mulheres.

Ademais, o que tem que ser questionado e enfrentado com coragem e inteligência, são os motivos concretos que promovem a miséria, a escassez de comida e água, a falta de saneamento básico e alastramento de doenças; a ausência de uma educação integral democrática, inclusiva,

pública e gratuita que ofereça múltiplas atividades de educação, ética e lazer aos aprendizes, desde a educação infantil até o final do ensino médio para que, enquanto seus familiares estejam trabalhando, eles estejam seguros, bem-educados e alegres no espaço educacional. Assim, quer na Índia, Brasil ou qualquer território, o lugar das crianças, adolescentes e jovens, é na escola! O lugar das Mulheres, é onde elas queiram estar!

Projetos como o *Shanti Bhavan* fazem a diferença no apoio à educação, à qualificação e inclusão profissional das mulheres no mundo do trabalho. Por isso indaguei qual havia sido a vivência e as impressões de Shilpa sobre a escola-residência que a recebeu.

A escola segue uma rigorosa regra a qual consiste que apenas uma criança por família pode ser aceita na escola, porque a missão de Shanti Bhavan é ajudar e chegar ao maior número de famílias pobres possível. Eles acreditam que uma criança que recebe apoio, tem a capacidade de levar a família inteira para frente e, frequentemente, é comum que a cada 4 famílias indianas, o número de filhos seja entre 6 a 7 crianças. Não é possível para Shanti Bhavan educar todas as 6 ou 7 crianças de cada família. Para mim, crescer e amadurecer foi um processo muito conflituoso, trouxe muitas brigas para dentro de minha casa, entre meus irmãos e eu. Eles reclamavam de não terem a chance de ir a uma boa escola como eu havia tido e de como não conseguiriam falar inglês fluentemente e de modo confiante como eu falava. Tivemos muitas brigas, especialmente, minha irmã e eu. E, quando adolescente, tive dificuldades de aceitar essa resolução, pois eu queria que meus irmãos tivessem essa mesma oportunidade que tive. Olhando para trás, ainda desejo que eles tivessem sido tão afortunados quanto eu, mas hoje eu entendo mais sobre as regras da escola, compreendo as restrições que vem com isso também.

Sinto que essa é a decisão certa dadas as circunstâncias sociais. Vejo também como meus amigos que estudaram em Shanti Bhavan puderam concluir seus estudos ou, então, conseguiram trabalhar em grandes empresas e como eles se tornaram bem-sucedidos. Vejo como eles, maravilhosamente, têm sido capazes de ajudar suas famílias inteiras. Alguns

dos meus ex-colegas de classe estão pagando a faculdade para seus irmãos, alguns deles cuidam de todas as contas médicas da família. Então, estou vendo como um único indivíduo tem sido capaz de levar sua família toda para frente e ser um líder para ela.

Escutando Shilpa (re)visitar sua própria história e analisar a importância das oportunidades que um bom projeto educacional e inclusivo pode fecundar na vida de crianças em desvantagem social, (re)vivi mais um poema de Rupi Kaur: “no dia em que você tiver tudo, espero que ainda tenha memória de quando não tinha” (2017, p. 222).

Seu (re)conhecimento expressa a riqueza que é ter acesso a oportunidades equitativas de base formativa, como é o caso da educação. Em países pobres, ter esse acesso e também receber incentivo e condição financeira para se manter estudando, é como aquela ponte que faltava para neutralizar o precipício e possibilitar a passagem do extremo ermo “intocável” para o território onde é possível se esperar que, embora a peleja por equidade e justiça social para as mulheres seja, ainda e, talvez, siga por muitos anos, a viabilidade de conquista por dias melhores para o fim da disparidade salarial de gênero, é palpável. Por isso, investir, também, na qualificação profissional de nível superior a partir de políticas públicas inclusivas, é um modo desejável e justo de preparar jovens mulheres para o mundo do trabalho remunerado nos mais diversos campos de atuação: ciências humanas e sociais, ciência e tecnologia, ciências da saúde e demais áreas transversais – “nosso trabalho deve preparar a próxima geração de mulheres para nos superar em todas as áreas, esse é o legado que vamos deixar” (KAUR, 2017, p. 246).

O Projeto Shanti Bhavan tem um importante reconhecimento internacional e recebe voluntários de muitos países que se dedicam a o conhecer enquanto ministram aulas e atividades extracurriculares como arte, dança, esportes, retórica, dentre tantas outras programações. O enriquecimento cultural tanto para os voluntários como para os alunos da escola, é indiscutível. O intercâmbio intercultural possibilita a apresentação de novas culturas e ideias às crianças e adolescentes indianos, na

maioria das vezes, tão restritos dessa oportunidade. Todavia, estabelecer limites e ter cuidado para não menosprezar a cultura de um povo, deve ser um esmero. Shilpa explica como isso acontece no cotidiano educacional dos estudantes indianos que ali se encontram.

A cultura de Shanti Bhavan incorpora uma mistura da cultura indiana tradicional junto com a cultura ocidental. Na verdade, Shanti Bhavan nos ensina a valorizar a cultura em si mesma, ser respeitoso, apreciar a beleza da cultura. Também nos ensina a não sermos jovens subordinadas e a agirmos para colocarmos um fim nessas expectativas de que as meninas indianas irão trabalhar como subalternas, cedendo ao poder patriarcal. Então, você pode ver as crianças de Shanti Bhavan aprendendo a dança tradicional indiana do bharatanatyam⁹⁹ clássico e cantando canções de verão. Nós valorizamos, sim, a beleza da nossa cultura ao mesmo tempo que não concordamos com essa ideia de que uma mulher é inferior ao homem, ou que ela não deveria ter a mesma liberdade que um homem tem. Inclusive, muitos visitantes que vem a Shanti Bhavan, perguntam-nos sobre isso, mas, depois de um tempo, eles percebem que a escola está oferecendo uma oportunidade às crianças de aprenderem e apreciarem o que há de melhor em ambas as culturas.

Eu tive a oportunidade de ser bem-educada em Shanti Bhavan. Entendo que recebi uma vantagem, um impulso inicial para que eu pudesse exercer minha cidadania. Sinto que me foi oferecido o empoderamento e o conhecimento para que eu tivesse condições de viver em qualquer lugar do mundo, adaptando-me às culturas, tendo uma mente aberta, apreciando as diferenças culturais e desfrutando daquilo que há de melhor em cada uma. Porém, ao mesmo tempo, aprendi que não devo seguir, cegamente, todas as suas práticas condescendentes com aquilo que pode ser conflituoso com a minha cultura.

Gayatri Spivak, em seus estudos, inflama críticas à formação dos discursos de base hegemônica, pensando com cuidado e desvelo sobre como o sujeito de países de economia subdesenvolvida ou em desenvol-

99 O *Bharatanatyam* é a mais popular e antiga forma de dança clássica da Índia. O método de seu ensino é tradicional e conhecido por sua graça, genuinidade e poses esculturais.

vimento, geralmente situados na África, América Latina e Ásia, são retratados no discurso de países de cultura ocidental. Suas contribuições são relevantes para o questionamento sobre como a contemporaneidade se faz apropriada pelos indivíduos a partir das implicações sociais e “entelamento” histórico-cultural colonial e, à vista disso, compreender a atribuição destinada à mulher na sociedade. Integrante de um grupo de pesquisadores sul-asiáticos dedicados às questões sociais pós-coloniais, ela é expoente dos “Estudos Subalternos”, coletivo que objetiva (re)visitar e tecer a história colonial da Índia sob o prisma das populações insurrectas, rompendo com a visão e interpretação hegemônica promovida pelo paradigma eurocêntrico e patriarcal.

Contudo, há que se pontuar que quem escreveu a história registrada nos livros e material documental, não foram os subalternos, muito menos as subalternas, mas aqueles que pertenciam à classe dominante, em sua maioria, constituída de uma massa de opressores avessa aos subversivos. São escassos os materiais físicos tecidos pelos subalternos. Não obstante, esse silenciamento deve ser ouvido, sobre tudo, deve-se ser avistado, notoriamente, o apagamento das mulheres da história da Índia: “aqueles que vieram antes de nós não são descartáveis” (KAUR, 2020, p. 124).

A obra de Spivak, complexa, exigente de um debruçamento teórico aplicado, diga-se de passagem, denuncia e frisa que a voz da subalterna não é ouvida ou anunciada no cenário político como força de oposição, pois na cultura de aclamação eurocêntrica, constituída majoritariamente por não-mulheres, seria necessário que sua voz fosse representada e legitimada pelos sujeitos pertencentes à cultura de dominação. Como, então, sua voz poderia ser ouvida se ela depende do outro para lhe conceder a escuta e, portanto, a fala?

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas litas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (SPIVAK, 2010, p. 126).

Em outras palavras, são as complexas condições de opressão que agrilhoam a subalterna e que produzem entraves para que sua voz não se desloque dos nós apertados do abatimento e, assim, ecoe em toda sua potência, pois isso mudaria o mundo para algo indesejável à classe dominante. A subalterna tem sua voz, mas esta é sufocada ao profundo silenciamento para que não seja ouvida, tampouco, (re)conhecida. No entanto, sua voz existe, pois tanto que busca se movimentar, a subalterna, ao escavar lugares de fala, anuncia e enuncia seu protesto, sua história, seu protagonismo. Shilpa Raj é Voz.

Shilpa, que sonhos você traz em seu coração?

Desejo me tornar uma psicóloga infantil. Nesse momento, estou me dedicando à realização de meu doutorado. Mas há uma dor... Como mencionei no início de nossa conversa, perdi minha irmã mais nova sob circunstâncias misteriosas, mas acredito, plenamente, que ela tenha cometido suicídio. E isso me traz de volta ao que presencio em minha comunidade, que é a falta de saúde mental e a falta de recursos para o cuidado da saúde mental. Notei que pessoas como meus pais, viveram toda sua vida sem perceber que existem necessidades de cuidados que eles poderiam ter tido acesso para que fossem apoiados para sanar suas questões, seus problemas referentes à saúde mental. E os problemas que os pais têm, passam a ser dos filhos também e, antes de perceberem, a família inteira está encurralada em um ciclo de falta de atenção e cuidado à saúde mental. Em comunidades como a minha, há altas taxas de suicídio e de depressão.

Eu tive a oportunidade de estudar em uma escola que dava atenção a essas questões tão problemáticas e isso me ajudou emocionalmente e psicologicamente a enfrentar os desafios da vida, ajudou-me a superar as situações difíceis e a me tornar uma pessoa forte. Então, também quero servir em comunidades como a minha, as quais estão com falta de qualidade de saúde mental. É muito importante que crianças, jovens e adultos que passam por dificuldades emocionais, tenham suporte e apoio psicológico, pois muitos deles sentem que estão sozinhos em suas lutas e problemas. E seria maravilhoso se eles tivessem acesso, principalmente a população jo-

vem, a um forte sistema de suporte psicológico para os apoiar - é isso que eu desejo! E a educação para as meninas e mulheres também deveria ser cada vez mais encorajada e apoiada. Eu me alegro por ter disfrutado desse tipo de educação, a qual Shanti Bhavan me ofereceu, e meu desejo é que toda criança no mundo, especialmente crianças que nasceram em circunstâncias difíceis, tenham uma Shanti Bhavan para ir. Seria maravilhoso se tivesse escolas Shanti Bhavan no mundo inteiro.

As dores provocadas por acontecimentos traumáticos de ordem física ou emocional são iminentemente destruidoras de vida e da própria vida. São incomensuráveis as possíveis consequências da ausência de acolhimento e atenção à saúde mental e emocional das pessoas. As lanças de sofrimento que atingem e des-alinham o equilíbrio psicológico, geram perturbações movidas a ansiedade e depressões que podem trazer sérios prejuízos ao bem-estar e à saúde da pessoa em sua totalidade. A privação de receptividade para o atendimento e tratamento da saúde emocional, abate, dolorosamente, o estado de espírito da pessoa que, na extremidade daquilo que passa a não lhe ser mais suportável suportar, decide cessar a dor, cessando a vida.

No Brasil a cultura anual do “setembro amarelo” existe para chamar a atenção para a prevenção ao suicídio que aumenta, inclusive, entre os mais jovens, sendo a quarta causa planetária de morte depois dos acidentes de trânsito, tuberculose e violência interpessoal. Nas Américas, as taxas de suicídio aumentaram 17% nos últimos 20 anos (WHO, 2021).

No entanto, a crueldade nefasta da manutenção da pobreza, das muitas violências patriarcais, do *apartheid* racial explícito e velado, da indiferença quanto ao sofrimento do outro ocasionado pela lascívia com a ganância e o poder des-humano, faz com que essas ações anuais preventivas, sejam apenas algo insubstancial, sem força transformadora e erradicadora do autoextermínio. É chover no molhado quando, na realidade, não há e, sequer os que governam se mobilizam para que exista, um comprometimento nacional e global para que as pessoas se esperancem na esperança de um planeta amado e com condições dignas para que todas as pessoas, sem distinção, vivam melhor e mais felizes. O comprometer-

-se para a eliminação do autoextermínio em nosso meio, resulta de uma generosidade e de uma amorosidade pouco vista entre nós, os humanos.

O des-apegar-se do querer ter e ter cada vez mais de maneira inescrupulosa para decidir Ser, para tornar-se cada vez mais humanizado, exige uma des-construção, uma des-colonialização de nosso ser tão colonizado e controlado pelo pensamento voraz do capitalismo abocanhador, do patriarcado aniquilador, ambos entrelaçados com a cultura colonizadora que violenta, atemoriza, escraviza, tortura, mata para se estabelecer como dominadora. A prevenção ao suicídio exige, sobretudo, não um convencer da outra pessoa para que ela não se mate, mas um convencimento de nós mesmos de que a banalidade do mal e a ânsia desmedida pelo ter, precisa ser combatida, antes de tudo, em nossa mente, alma e espírito, para que ocupando os papéis e funções sociais que desempenhamos, tenhamos a coragem de nos importar e nos comprometermos com a equidade e a justiça social para todas as pessoas, em todas as nações e povos, como se pertencêssemos a cada um deles, pois, na realidade, a Mãe Terra nos acolhe a todas e todos, e cada território e fronteira foi estabelecido por nossa irracionalidade e incapacidade de aprendermos e desejarmos viver em coletividade, longe do combate conquistador de despojos, respeitando a multiplicidade e a pluralidade das diferenças que nos constituem seres da espécie humana.

Precisamos nos curar de nosso franco processo de des-humanização e das muitas feridas e cicatrizes malcuidadas que ainda se encontram abertas e purulentas em nosso peito angustiado, muitas vezes, desesperado, desprezado, desapercibido pelos outros que convivem conosco, cada um, tracejado por suas próprias mediocridades, lutas e dis-sabores. Não hesite em buscar apoio de um profissional da saúde mental, caso necessite – sozinho é bem mais difícil do que com o suporte de alguém que se preparou profissionalmente para essa função. Na tônica de Rupi, “para se curar você há de chegar à raiz da mágoa e abraçá-la até o talo” (KAUR, 2017, p. 238).

Na coragem de nos abraçarmos a nós mesmos, de des-prendermos nossos soluços tão doídos da garganta de nossas almas, de nos banharmos com compaixão e perdão para conosco mesmos, de nos deixarmos ser vestidos e aquecidos por uma nova aliança de paz entre nosso coração e mente, de (re)conhecermos o que nos constituiu até aqui e aquilo que somos para nós mesmos, na gentileza de nos aceitarmos e nos re-inventarmos diante da beleza da vida e das adversidades da convivência social e dos imprevistos incontornáveis, é que nos curaremos. E, estando, permanentemente, abraçando-nos e vivendo processos de cura profundos, é que teremos condições de semearmos empatia, plantarmos o *amor mundi*, o amor fraterno, e transformarmos o mundo em um lugar repleto de dignidade para todas as pessoas viverem. Utopico?!

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (FERNANDO BIRRI *apud* EDUARDO GALEANO, 2001, p. 230).

Criar uma criança, não é só sobre a educação que eles recebem, mas o tipo de criação que recebem faz uma diferença muito grande. Eu fui trazida para Shanti Bhavan com muito cuidado, com orientação constante, com um sistema de suporte emocional que segurou minha mão e me guiou para a vida. Tive recursos que ajudaram a moldar meu caráter, ajudaram-me a ganhar autoconfiança e autoestima. Então, educação de qualidade coopera com a criação, a chave para o sucesso de uma criança. Eu sempre digo para as minhas amigas, as mais novas, aqui em Shanti Bhavan que elas devem acreditar nelas mesmas e nunca questionarem ou duvidarem do poder da sua própria voz, porque a voz de cada uma é muito poderosa. E se elas puderem se apoiar por meio de uma forte rede de pessoas, encontrando a pessoa certa para as orientar, apoiar seus sonhos, que estará com elas nos momentos mais sombrios, será muito bom. Seria muito benéfico a elas, pois todo mundo necessita de um grupo de pessoas

ou indivíduos que os apoiarão através da jornada da vida. Porém, o que é mais importante, é encontrar maneiras de aumentar sua autoestima e construir sua autoconfiança, porque uma pessoa confiante será capaz de superar muitos desafios. Penso que essas questões e recursos desempenham um importante papel na vida de uma pessoa.

Despedi-me de Shilpa Raj com o coração cheio de amor fraterno por ela e pela luta de toda comunidade de meninas e mulheres indianas que esquadrinham trincheiras e veredas para escreverem suas histórias como protagonistas, para (re)escreverem a história das meninas e mulheres da Índia na perspectiva insurgente, para desenharem a si mesmas e se imprimirem na história da Humanidade, simbolizando o feminino tanto no conjunto de seres humanos como na possibilidade e urgência do sentido de Humanidade que prima pelo cuidado, respeito, equidade, justiça e dignidade ao próximo.

Por ela, fui tocada!

UM SONHO DE JUSTIÇA E PAZ



Hoje é 31 de dezembro de 2021.

Aqui nas montanhas de Poços de Caldas, o céu está branco de tanta chuva que cai sem trégua, enquanto isso, no paradisíaco Sul da Bahia, multidões se encontram desabrigadas. Mais algumas horas e a ilusão de muita gente boa de que tudo será diferente quando o relógio abrir a porta para o novo ano, cairá por terra. Com dor no coração, a maturidade me obriga a admitir que na calada da noite das distrações populares, há demônios que nunca param de maquinar a maldade, de conspirar mortes, de roubar o pouco que os mais pobres têm e de destruir vidas das mais diversas maneiras. Queria que esse pensamento fosse tão somente um tropeço meu no pessimismo de um dia ruim.

Em uma olhadela pouco mais otimista para levantar os ânimos, pelo menos podemos começar a fazer uma contagem regressiva para o próximo processo eleitoral brasileiro onde, quem sabe, haveremos de ter um outro presidente da república que não seja alguém tão indiferente às minorias sociais. Faltam-nos 10 meses para irmos às urnas. O balanço é de um Brasil com um total de 619.109 óbitos por Covid19, desde o início da pandemia. Chegamos neste ano às mais altas médias de mortes, com mais de 1.000 perdas diárias durante longos seis meses (CONASS, 2021).

Desde o início da pandemia em março de 2020 até julho de 2021, foram registrados mais de 10 mil casos de coronavírus em bebês, com quase 850 mortes. Mais de 240 recém-nascidos faleceram, 30% não tiveram acesso à internação em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) (CNN, 2021). Contaminadas pelo vírus, mais de 2.500 crianças e adolescentes de zero a 19 anos, morreram no Brasil, sendo que mais de 300 no grupo de 5 a 11 anos de idade, ranqueando o país como o segundo com as maiores taxas de óbitos, atrás somente do Peru. Diante da caturrice no governo federal em se posicionar contrário à vacina de crianças menores de 12 anos, a Sociedade Brasileira

de Pediatria (SBP), em 24 de dezembro deste ano, véspera de natal, iniciou um manifesto contrário ao governo, notificando os impactos da doença no sistema sensorial, neurológico, cardiorrespiratório, bem como na saúde mental das crianças (SBP, 2021). Em janeiro próximo, inúmeros adolescentes voltarão à escola sem terem recebido a dose completa da vacina.

Na balança assimétrica da justiça brasileira, pesam também os 1.388 dias sem a resolução do caso Marielle Franco, socióloga, mestre em administração pública e política brasileira, ativista dos direitos humanos, lutadora pelas causas das mulheres negras e dos moradores das favelas e periferias, vereadora eleita no Rio de Janeiro e que foi executada em 14 de março de 2018. Sem dúvida, pagou com a vida por sua coragem de atuar na denúncia da violência policial contra os menos favorecidos.

No Brasil governado pela extrema-direita conservadora, a situação da segurança de defensores dos direitos humanos no país é alarmante. De acordo com o relatório publicizado na audiência pública da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM), no período de 2015 a 2019, 1.323 defensores foram assassinados no planeta, desses, 166 eram mulheres e, 174 eram brasileiras e brasileiros. O fato destaca o Brasil como o segundo país com maior número de assassinatos de defensores dos direitos humanos, atrás somente da Colômbia com 397 casos registrados e na frente das Filipinas com 173 assassinatos (CDHM, 2021).

Além de não garantir o investimento necessário para a proteção a defensores dos direitos humanos, o atual governo federal capricha no desmonte do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas (PPDDH) e amplia suas alianças com o poder econômico que ignora o respeito à vida, às causas dos indígenas, dos quilombolas, do enfrentamento à violência de gênero, não reconhece a presença do racismo e negligencia o cuidado ao meio ambiente. Não são raros os assassinatos de defensores de terras e do meio ambiente, uma vez que a ganância move a crise climática e humanitária, ameaçando a vida das pessoas que lutam por seus direitos, que defendem

suas terras da exploração privada, bem como suas famílias, casas e seus meios de subsistência (GLOBAL WITENESS, 2021).

A Colômbia é o país com maior número de assassinatos de defensores dos direitos humanos e líderes comunitários, de pessoas que lutam para defender seus direitos, suas famílias, suas terras, suas formas de provisão. Apesar dos esforços para legitimar o acordo de paz de 2016, mais de 1.000 líderes sociais foram executados. Mesmo embora as FARC-EP tenham entregue suas armas e se transformado no partido político da Força Alternativa Revolucionária do Comum, fundado em 2017, a violência persiste e, para agravar a situação, a pandemia castiga a vida de camponeses e indígenas. Com os bloqueios oficiais instituídos, vários defensores de seus direitos e dos direitos de seu povo, foram alvejados em suas próprias casas e as medidas de proteção do governo foram interrompidas. Ainda hoje, lideranças sociais ligadas ou não às FARC-EP, são vítimas de um massacre brutal que levanta um ponto de interrogação gigantesco: há salvação para a humanidade diante de sua feroz des-humanidade quando o assunto diz respeito à manutenção do poder e a ambição abissal?

Tirar o acordo de paz do manuscrito de 324 páginas e o imprimir na vida do povo colombiano, é um desafio ainda a ser vencido. As mulheres colombianas mães, filhas, irmãs, tias, avós... atravessadas por mais de meia década de conflitos armados explícitos e velados, resistem sem descanso a todas as formas possíveis e inimagináveis de violência. Em cada família, incontáveis dores: sequestros, prisões, fuzilamentos, mutilações, decapitações, esquartejamentos, cremação clandestina e ocultação de cadáveres. Não há palavras capazes de expressar os gemidos, os prantos, os desesperos das mulheres que tiveram seus filhos e companheiros torturados, degolados diante de seus olhos – crianças, jovens, adultos, idosos, cruelmente assassinados. Em todas as famílias, alguém não foi poupado, todos foram violentados de uma forma ou de outra. O medo é palpável!

Olhe para mim: o medo habita em mim.

Por trás desses olhos serenos, neste corpo que

ama: medo.

O medo do amanhecer porque inevitável,
o sol vai nascer e eu tenho que ver,
quando escurece porque pode não sair amanhã.
Eu fico de olho nos ruídos misteriosos nesta casa que
desmorona,
já os fantasmas, as sombras me cercam e
tenho medo.

Procuo dormir com a luz acesa
e faço o melhor que posso com lanças, armaduras, ilusões.
Mas talvez apenas uma mancha na toalha de mesa seja o suficiente
para que o terror tome posse de mim novamente.

Nada me acalma nem me sossega:
nem esta palavra inútil, nem esta paixão de amor,
nem o espelho onde você pode ver meu rosto morto.
Ouça-me bem, digo em voz alta: estou com medo.
(CARRANZA, 2004, p. 23-24, tradução minha)¹⁰⁰.

Da zona urbana à rural, o medo anunciado. Os homens – meninos e adultos, foram chamados à luta, uns como voluntários, outros tantos, recrutados e cooptados. Fartos da exploração e abusos do governo de força política liberal e conservadora, muitos se uniram na luta legítima por seus direitos sociais, por suas terras e provisões – libertar o povo,

100 María Mercedes Carranza (1945-2003) nasceu em Bogotá e se formou na Universidade dos Andes. Foi fundadora e diretora da Casa de Poesia Silva. Destacada poetiza e jornalista colombiana, dedicou-se também a discutir sobre as questões políticas de seu país. Teve seu irmão sequestrado e assassinado pelas FARC. Com coragem, liderou uma campanha pela paz e liberação de pessoas sequestradas, porém, sem êxito. Repleta de tristezas, dizia: “– Este país nos está matando!”. Em 2003, foi encontrada morta em sua casa.

era o ideal de jovens estudados, de intelectuais, de iletrados, de camponeses também. Em oposição aos trilhos liberais, formaram-se grupos de guerrilheiros que se pautavam nos ideais socialistas de matriz marxista-leninista, entre eles, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), o Exército de Libertação Nacional (ELN) e o Movimento Revolucionário de 19 de Abril (M-19).

Há que se recordar que os princípios marxistas preconizam os direitos coletivos e bem-estar social do povo trabalhador e da população mais pobre, o movimento de luta pelo direito à terra para nela cultivar e viver, a luta contrária às desigualdades sociais em decorrência da divisão social do trabalho e da propriedade privada, o fim dos privilégios dos mais abastados, a soberania popular, a consciência sobre as múltiplas faces e armadilhas do capital, a resistência anti-capitalista e anti-imperialista. Sob esta lente deveriam e devem se fundamentar as pautas políticas de grupos políticos e partidários, de movimentos sociais alinhados à esquerda¹⁰¹. Ao longo das décadas, muitos grupos políticos de esquerda se distanciaram dos verdadeiros postulados do marxismo e amarraram suas pautas às conveniências políticas que os tornaram reféns de alianças e golpes de Estado. Esta escolha tem custado caro aos movimentos sociais de luta pela universalização dos direitos humanos em sua concretude e,

101 As ideologias “esquerda” e “direita” foram constituídas durante o período das assembleias realizadas na França do século XVIII quando a burguesia buscava junto à população, principalmente com os “sans-culotte” (denominação dada pelos aristocratas aos artesãos, trabalhadores e pequenos proprietários que aderiram à Revolução Francesa), decrescer os poderes dos nobres e do clero (período de 1789 a 1799). Neste contexto, ser de esquerda dizia respeito à união pela luta dos direitos dos trabalhadores e da população mais pobre. A direita, por sua vez, representava uma perspectiva conservadora, vinculada a um comportamento tradicional, mantenedora do poder da elite e da promoção do bem-estar individual. A diferença entre as frentes é que enquanto a esquerda trabalha pela promoção da justiça social no âmbito da coletividade, a direita busca a ascensão pela liberdade individual e meritocrática. Atualmente, há diversas divisões entre as frentes de esquerda e de direita que não se constituem como identidades únicas e fixadas. No entanto, é consenso que os grupos políticos de direita se agregam em torno das pautas mais conservadoras, liberais e nacionalistas enquanto os grupos políticos de esquerda se encontram nos ideais considerados mais progressistas, sócio-democratas e de movimento ambientalista.

como desdobramentos, não são poucas e nem inofensivas, as distorções produzidas para a demonização da esquerda.

Esse conflito ideológico e adulterador de princípios e valores que são inegociáveis à liberdade humana, deixa o paladar amargo e a impressão de que nem a atual direita e esquerda dão conta das reais demandas humanas e sociais do agora, da longa travessia pelo século XXI. Re-visitando os princípios que salvaguardam as liberdades coletivas de ser e estar no mundo, com o mundo, com as outras pessoas e sendo quem se é, deve ser a direção resiliente para uma outra sociedade possível, aquela que emana das raízes de seu povo, não subserviente ao norte epistêmico, mas capaz de se re-inventar e cuidar de si e da Terra, a Casa Comum de todos nós.

...

De repente, aprender a pegar em armas e travar combates com militares traquejados. Foram duros esses anos. Com o passar do tempo que não passava em meio as brutalidades dos conflitos, distantes das famílias, marcados pelo sangue de vítimas engolidas pelas disputas e manutenção de poderes, acostumados com a naturalização de todas as formas de violência, várias lideranças se renderam à incivilidade.

Na Colômbia, a promoção do narcotráfico tem sido uma gangrena que se espalha por todo corpo social, necrosando-o e o apodrecendo de bestialidades contra o ser humano. De maneira geral, o Quarto Poder transnacional se reporta às barbáries cometidas pelo tráfico de drogas no país com certa ênfase nos grupos dissidentes das FARC, do ELN como de outros vinculados mais à esquerda cujo estandarte é a luta por melhores condições de vida e de distribuição de terras para o povo campesino.

Entretanto, sabe-se que cerca de 80% dos assassinatos foram e são promovidos por paramilitares da extrema-direita, bem como financiados pelos interesses latifundiários ligados ao narcotráfico e à oligarquia. Essa abordagem midiática tendenciosa se vale da distorção de que todo movimento popular (ações da esquerda) se vincula com o narcotráfico. É fato de que, no passado, as FARC se aproximou ao tráfico para levantar recursos financeiros com o propósito de manter seus objetivos políticos.

Contudo, não é verdade que todos os grupos de luta popular e de que todas as pessoas que estiveram envolvidas nas guerrilhas são vinculadas ao narcotráfico. Inclusive, é preciso dizer que as grandes financiadoras do narcotráfico planetário se encontram em grupos de direita e extrema-direita que defendem uma economia ultra-liberal e, selvagememente, capitalista¹⁰². Há que se dizer também que os países socialistas não têm um histórico de flerte com o narcotráfico e, isto pode ser verificado em artigos, documentários e produções cinematográficas produzidas nas últimas décadas. Abro um parêntese para dizer que o tráfico, a liberação das drogas e mesmo o item de pauta, porque nem pauta é, como é o caso da marcha da maconha¹⁰³ no Brasil, não representam os ideais e os objetivos marxistas que deveriam permanecer como propósitos genuínos da Esquerda. A liberação das drogas é pauta liberal.

Vale ressaltar que a eclosão do narcotráfico e o territorialismo paramilitar na Colômbia não afetaram as riquezas alusivas à oligarquia capitalista já estabelecida nas grandes cidades do país. No caso das cidades

102 Para maior conhecimento a respeito, sugiro o documentário “Impunity” de Juan José Lozano e Hollman Morris que denuncia que o processo de desmobilização dos grupos paramilitares foi uma saída para completa impunidade dos assassinos. O governo Uribe (2002-2006 e 2006-2010) promoveu a Lei de Justiça e Paz (https://www.fiscalia.gov.co/colombia/wp-content/uploads/2012/04/ley_975_de_2005.pdf) que desmobilizou 31.600 membros dos grupos paramilitares e à extradição para os Estados Unidos de seus 14 líderes. Somente 3.600 membros se cadastraram no Ministério Público e 600 compareceram. O primeiro julgamento só foi iniciado cinco anos depois. Diante de torturas e esquitejamentos, o exército e a polícia pressionados pela mídia em razão dos altos índices de homicídios, acabaram por aventar aos paramilitares que continuassem com suas ações, mas sem deixar corpos espalhados por toda parte. Assim construídos fornos para a cremação clandestina de milhares de camponeses assassinados (MORRIS; LOZANO, 2010). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cHMSzpaZ2II>

103 A liberação das drogas é pauta liberal. Não confundir com a liberação do uso da *cannabis* para a extração do canabidiol que é uma substância com potencial terapêutico importante para o tratamento de transtornos mentais e doenças neurodegenerativas. Em 2021 a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), aprovou o uso medicinal de alguns produtos à base de canabidiol. Uma vitória para milhares de famílias que lutam por este acesso.

medianas, o oligopólio se manteve aclimatado e se arranjando às novas conjunturas. Já nas zonas campesinas onde se encontravam as riquezas minerais do país e não havia concentração oligárquica, os narcotraficantes e diversas lideranças paramilitares se oportunizaram da situação e se tornaram perigosos oligarcas a partir de sua junção ao crime e exorbitante violência privada. Neste contexto, é que os campesinos foram massacrados pelos narcotraficantes, paramilitares e narcomilitares, destituídos de suas terras, expulsos de suas próprias casas, violentados barbaramente pelo braço de ferro do governo de Álvaro Uribe e de Ivan Duque, seu sucessor, apoiados pela maioria do parlamento. E, não se engane supondo que o narcotráfico e o governo colombiano agiram sem apoio da potência norte-americana, a qual viu grandes oportunidades de expandir seu imperialismo na Colômbia, bem como em vários países da América do Sul.

Não se inventou ainda, um modo realista o suficiente que traduza em palavras, as angústias inalcançáveis do terror vivido e sentido por aquelas pessoas; palavras que transponham os suplícios por misericórdia que sempre re-tornam como fantasmas aos gritos, na concretude de seus imorredouros pesadelos.

Esta é a história de Esperanza, mulher colombiana de 46 anos, natural de um pequeno vilarejo perto de Bogotá, mãe de um jovem de 20 anos. Graduada em Antropologia, veio para o Brasil há alguns anos para realizar seus estudos de mestrado. Traz em sua voz as angústias do Ser Mulher em seu país. Sua sinceridade e transparência me comoveram, senti-me muito pequena e insignificante diante de sua narrativa e de sua coragem de falar. Coragem, porque não é fácil elaborar o pensamento bombardeado de memórias torturantes e, depois, o expressar pela fala quando cada sílaba já prevê a construção de muitas palavras que, juntas, carregam tanta dor e sofrimento.

Eu sou apenas uma mulher, e, por isso, não posso falar pela voz das muitas mulheres do país, há muita diversidade de problemáticas, de origens, de situações, então, é muito difícil falar sobre este assunto. Inclusive, não tenho muita vontade de falar com minha própria família porque as

minhas irmãs, por exemplo, têm um pensamento muito diferente do meu. Mas posso falar que a violência sempre esteve presente em toda minha vida. E foi só quando cheguei à universidade e me aproximei dos estudos feministas, é que consegui entender algumas coisas. Depois, fiz outros percursos que me permitiram uma certa compreensão, não só do conhecimento a nível intelectual, mas também em relação a uma harmonia própria com o mundo em que vivo, por exemplo: para me relaxar, acalmar, enfim, ter uma vida diferente, uma visão sobre as questões sociais e os processos sociais, e a necessidade das mudanças, e sobre a questão da violência.

Como eu morava no meu pequeno vilarejo, houve uma mudança em minha vida pela necessidade gerada de viajar para a cidade e começar a procurar novas oportunidades para minha vida e, também, uma vaga nas universidades públicas; e foi aí que me deparei com muitas violências, mesmo no que diz respeito à vida cotidiana. No início eu sentia existir uma violência contra mim, por ser quem eu era, e isso acontecia porque eu já era um pouco diferente na minha família. Saí de casa já pensando um pouco disso, que eu era a responsável por essa violência, porque já me via como sendo um pouco estranha. Mas não, não era isso! Na verdade, todas as mulheres, minhas amigas, primas, irmãs, todas passaram pelas mesmas violências que eu. Violências vividas, principalmente, como uma moça jovem que chega na cidade e, no transporte público, é perseguida, é tocada, o tempo todo. Foi uma luta constante tentar me proteger disso tudo. Eu fugindo, olhando os horários em que poderia sair com mais segurança. Se saía sozinha, que horário poderia ser melhor. Isso chegou a tal ponto que me pus a questionar de que alguma coisa deveria estar errada e que eu precisava compreender essa situação como um todo, pois já não conseguia mais lidar com aquilo. E aí a violência também acabava sendo exercida por outras mulheres, por exemplo, quando eu tentava denunciar o que me acontecia às famílias mais próximas. Em minha própria família, a questão da violência contra as mulheres está naturalizada, ou seja, as mulheres mais velhas, acabam contribuindo para a perpetuação dessa violência. Para mim era um processo muito complexo de ser compreendido e foi na universidade que

consegui me aproximar de outras pessoas que faziam essas discussões a partir de estudos feministas. Aqueles acontecimentos se deram quando eu estava grávida e esse foi o momento de grande interrogação e reflexão para mim.

Foi um ponto importante de mudança em minha vida, pois eu não me encontrava mais comigo mesma, estava com medo de tudo, medo de ter um filho nesse mundo tão violento, medo do parto, com um desconforto com meu próprio corpo. Eram questões emocionais muito fortes e eu não conseguia me abrir com outra pessoa. Eu me sentia muito dividida com relação às minhas emoções, meu corpo e meu lugar. Então, foi aí que comecei esse processo de leitura e de assistir filmes para me compreender, compreender o que estava acontecendo comigo. Processo que continua até agora.

Eu já era introvertida e isso foi se estendendo no tempo em relação a essa violência sistemática que acontecia em minha vida. Eu sentia medo de fazer perguntas ao mesmo tempo que não sabia onde procurar um conselho, onde encontrar respostas. Sentia medo o tempo todo. Quando chegou o momento do parto e de precisar ir para o hospital, sofri pelo medo de acontecer alguma coisa com o bebe. E havia ali uma incompreensão total para comigo por parte dos que estavam me atendendo. Eu não consegui ter um parto normal e foi preciso fazer uma cesariana.

Quando decidiram que era necessário fazer a cirurgia, uma médica veio me comunicar que era uma gravidez de risco e que teriam que fazer daquela forma. O medo foi muito mais forte nesse momento, pois a mulher, de modo geral, tem muita sensibilidade, tem medo por si mesma, tem medo pelo filho, tem medo pelo futuro desse filho, ou seja, são tantas coisas e ninguém realmente se importa com o que esta mulher está vivenciando. Eu me encontrava um pouco afastada da minha família e o relacionamento com o pai do meu filho estava um pouco complicado. Enfim, a gente tentou se levantar diante dessa situação, mas foi um processo difícil e que mesmo depois de anos, ainda não havia se resolvido. Entrei em processos depressivos que não compreendia, posteriormente, precisei de várias terapias para entender aquilo que naquele momento não podia ser tratado. Eu não conseguia verbalizar aquilo tudo e, verbalizar, é uma parte muito importante

nesse processo de compreensão da violência vivida, seja ela qual for. Verbalizar nos permite tomar uma distância diante dessa violência. Desse modo, a pessoa já não fica presa a este lugar de vítima, pois consegue tomar um pouco mais de distância para analisar melhor a situação.

Esperanza enuncia a realidade de milhares de mulheres deste mundo. Muitas dores rodeiam suas vidas, a maioria delas, estruturadas por uma construção social machista e patriarcal. Essa íngreme escadaria de repressão altamente masculina em detrimento do feminino, esgota as mulheres em suas relações consigo mesmas e com outras mulheres, não obstante, re-produz a toxidade dessas relações na educação das meninas e dos meninos. Essa insalubridade se espalha e afeta diretamente a construção da identidade feminina, aflige sua autoestima, abala a constituição de sua emancipação, cerceia sua liberdade, molda sua cala e sua fala. A multiplicidade dinâmica da identidade feminina é massacrada.

Perguntei-lhe, então, se diante dessas violências experimentadas, ela desejara que seu bebê não fosse uma menina.

Na verdade, nunca pensei em ser mãe porque eu já me sentia muito diferente das minhas irmãs. Tudo ficou muito confuso quando me vi grávida, ou seja, eu mesma me sentia muito dividida por eu ser mulher. Eu não me concebia como uma pessoa que fosse conseguir cumprir aquele papel de mãe, foi tudo muito estranho para mim. Eu sentia medo com relação a ter um filho, mas a questão de ter um menino ou uma menina, não era tão importante. Apenas me preocupava sobre como seria meu relacionamento com meu filho porque eu me sentia distante e estranha, não sabia o que iria fazer nessa circunstância e estava cheia de medos. Aquele novo ser estava no meu corpo, mas eu ainda não havia conseguido me aproximar dele. Posso dizer que o relacionamento com um filho homem facilitou muito os processos na minha vida. Ou seja, eu aproveitei essa situação da natureza de ter um filho homem para compreender o masculino, para me aproximar do mundo masculino, compreender o olhar deles. Procurei educá-lo para que ele fosse um homem diferente dos outros que eu havia conhecido.

Apesar de todos os problemas de relacionamentos com namorados, irmãs e com o pai dele, busquei sempre manter esse objetivo de apresentar para meu filho um olhar distinto diante da vida e oferecer a oportunidade para que ele também conseguisse se aproximar do mundo feminino de um jeito diferente, que a experiência da feminilidade fosse boa para ele, e que a experiência da masculinidade pudesse ser muito melhor para ele do que tem sido para meu pai, meu irmão, meu ex-namorado.

Esperanza toca em um ponto nevrálgico para muitas mulheres: o fato de não ter sonhado e desejado ser mãe. O estigma, a falta de respeito e de empatia para com as mulheres que optam por não terem filhos ou expressam esse não-desejo, chega a ser cruel. É esperado que a mulher procrie, seja mãe, dê filhos ao homem, perpetue o sobrenome da família, cumpra seu papel social determinado em nome de alguma divindade. A dificuldade da sociedade contemporânea em aceitar que SIM, há mulheres que não têm o desejo de se tornarem mães, é uma temática que carece e merece ser discutida por todas e todos nós.

Encontrar explicações e justificativas aceitáveis têm sido um desconforto para essas mulheres, enquanto, na realidade, a manifestação de seu não-desejo deveria ser, simplesmente, respeitada. A mulher contemporânea tem construído cada vez mais, outras e novas oportunidades para si. Seu caminho de felicidade não se limita à maternidade e não se restringe mais a se casar com um homem para se sentir amada, desejada, sexualmente realizada, protegida, segura e sustentada financeiramente, salvo em territórios de absoluta estrutura patriarcal onde a mulher não tem direito a nada, no qual seu destino implacável é a submissão ao macho.

Apesar de estarmos rumo à terceira década do século XXI, enfiados no mundo das relações virtuais e com acesso à riqueza das comunicações e informações, ainda encontramos pessoas que folgam em julgar e repudiar aquelas e aqueles que fazem outras escolhas para seguirem suas vidas. Em defesa da tradição e daquilo que elegeram como bons costumes próprios à gente de bem, discriminam, alegam ser moralmente errado e dizem sentir raiva e repulsa às mulheres que não querem ter filhos

(ASHBURN-NARDO, 2017). Essas pessoas acreditam que a paternidade quanto a maternidade é um imperativo moral, por isso, sentem-se ofendidas quando alguém ousa quebrar tal paradigma. Elas acreditam que uma mulher com um útero saudável tem a obrigação de gerar filhos e que se negar a isso, é ultrajante com relação àquelas que, por algum motivo, não podem gerar filhos biológicos. A rejeição explícita pela mulher que assume não querer ter filhos, não querer ser mãe, não querer se casar, embora mantenha ativa sua vida sexual, é uma realidade que precisa ser mudada.

A cada mulher se deve a escolha sobre o que deseja e o que não deseja para sua vida. À sociedade cabe aceitar que as mulheres são diferentes entre si, são múltiplas e plurais, são singulares e devem ser livres para fazerem suas próprias escolhas, e que a manifestação de seu desejo ou não-desejo, já deve ser o bastante para serem respeitadas. Grande responsabilidade há para os que querem filhos: concentrarem-se em suas próprias escolhas e sobre como os educarão para serem pessoas que transformem o mundo em um lugar melhor para todas e todos viverem, já é trabalho suficiente.

Esperanza continua...

Nesse caso, na minha experiência, foi um pouco diferente no sentido de que eu mesma me estava negando para ser uma mulher que não cumpria com esse padrão social. Claramente, estava negando a possibilidade de que eu poderia ser uma mulher diferente, mesmo com os meus gostos, apesar das coisas que eu desejava, pois eu sempre queria pesquisar, sempre tive essa inquietação pela pesquisa, por sair, estar junto à natureza, estar no campo, conhecer os vilarejos. Eu me sentia muito introvertida. Estava frustrada em relação a todos e também acerca de todas as minhas inquietações na minha família sobre o que era ser mulher, depois ser mãe e ter um filho. Foi difícil para todos assimilarem, então, já não era mais importante se eu respondia às expectativas deles, mas, sim, saber e ter condições de responder as minhas próprias expectativas sobre a minha vida. Eu não pensava em ser mãe, porém, já estando nessa situação, importava pensar sobre o que eu iria fazer com isso. E foi uma coisa muito linda porque foi a oportunidade de me redescobrir, de me refazer como pessoa, de me relacionar de um jeito

diferente, porque o problema não são os indivíduos, mas seus relacionamentos que influenciam para que as pessoas sejam de um jeito ou de outro jeito. E o objetivo com meu filho foi o de permitir que ele não fosse educado naquele formato, dentro de papéis sociais tão rudes, e foi permitir a mim mesma a libertação do cumprimento daqueles papéis sociais que me foram impostos. E como eu não cumpria esses papéis, acabava ficando isolada.

Então, foi um processo um pouco diferente. Eu não pensava tanto no fora, mas, sim, no meu interior, na possibilidade de conseguir, eu mesma, aceitar-me, encontrar aquilo que chamam de amor próprio. Isso foi o mais importante. Já as outras coisas, não faziam mais muito sentido, eu não me importava se falavam ou não mal de mim. Não me importava se diziam que eu cumpria ou não cumpria com o que esperavam de mim. Nunca cumpri! Tratei de aceitar isso e pronto! Agora estou livre. E, neste momento estou aqui no Brasil, também procurando fugir de outras questões culturais que são mais complexas em meu país, e buscando me aproximar mais de um jeito diferente de ser mulher.

Durante nossa conversa, percebi que Esperanza invocara o termo ‘diferença’ com certo afinco. Há anos venho trabalhando com o conceito e acolhimento dos sentidos da diferença na perspectiva inclusiva, no contexto educacional escolar e universitário. A diferença é própria da espécie humana, somos todos, igualmente, diferentes e os seres humanos nunca se repetem (ORRÚ, 2017; 2020). Interessada, pedi que me falasse um pouco mais sobre o que o termo significava para ela.

Eu pertencço a uma cultura que está muito presente na região central do país, no Altiplano Cundiboyacense¹⁰⁴, e que foi muito influenciada pela cultura judaico-cristã que nos chegou a partir da colonização. O que acontece é que a minha família, assim como com a maioria das famílias desta região, tende a ser muito fechada, são famílias muito conservadoras.

104 O Planalto Cundiboyacense é um território de terras altas e planas que se encontra na Cordilheira Oriental dos Andes Colombianos, cercado de muitas montanhas e abarca três regiões planas bem diferenciadas: a savana de Bogotá, os vales de Ubaté e Chiquinquirá e os vales de Tunja, Duitama e Sogamoso.

Hoje eu compreendo dessa maneira, mas durante o tempo em que esses processos aconteciam em minha vida, eu não compreendia assim, apenas enxergava a vida da maneira que minhas irmãs e minhas tias viam. Agora, é diferente, pois entendo que é um processo complexo que se alonga por muitas gerações, para além das próprias famílias e das gerações atuais. Então, essa questão da diferença me levou a tudo o que tenho feito em minha vida. À busca desse lugar, o lugar do exercício dessa diferença que de alguma maneira, por circunstâncias distintas, essas diferenças chegaram já semeadas em mim e são fruto, grande parte, das decisões que tomei durante a minha vida.

Ter a oportunidade de estudar Antropologia me proporcionou algumas ferramentas conceituais para abordar essas diferenças: a diferença étnica, a diferença de gênero, a diferença de classes, enfim, muitas e muitas matrizes e âmbitos nos quais essa diferença pode ser expressada. Assim, creio que cheguei em um ponto em que já me sentia um pouco, apenas um pouco mais confortável para dar lugar a essa diferença, consciente de que é um contexto de aceitação relativo, aparente, porque ele termina reproduzindo o mesmo e anterior esquema de hierarquia de classes sociais, e de papéis de gênero, porém, levados ao terreno do intelectual e, particularmente, à violência já estabelecida nesse âmbito. É muito trabalhosa essa compreensão por toda sua complexidade, pois não diz respeito somente às minhas questões pessoais, mas também pelas questões próprias advindas do meu trabalho, pois eu trabalho com mulheres, com mulheres que foram violentadas por grupos armados no contexto do conflito armado, com mulheres indígenas, com mulheres camponesas afro-colombianas, e eu precisava ter mais clareza sobre esse tipo de violência que o mundo acadêmico não consegue captar por completo.

Quando Esperanza emerge a questão da violência de gênero nos mais diversos espaços, inclusive, no meio acadêmico, sinto-me incomodada. Não há como negar: a violência de gênero, a violência sexual, é uma realidade na academia e tem sido gravemente silenciada pela própria co-

munidade acadêmica. Pareada, recorro a um pequeno trecho da novela *Misiá Señora*, escrita por Albalucía Ángel¹⁰⁵:

Você quer dividir essa ausência, dobrada em dois, de cócoras, como as índias deram à luz a seus filhos. Você quer deixar o medo para trás. Projetar-se para si mesma. Você quer se desfrutar de si, amamentar-se. Ser e não ser, finalmente abandonar aquele fantasma, você quer dizer aos gritos “eu não quero!” Mas sua voz não é sua (ÁNGEL, 1982, p. 118, tradução minha).

Há um emudecimento sobre esse crime em nossa sociedade. Abusos sexuais e estupros acontecem não raramente durante festas realizadas pelos estudantes, inclusive, estupros coletivos. Tais violências também são relatadas de acontecerem dentro das dependências das instituições universitárias, públicas e privadas. Assédio sexual às mulheres jovens por parte de seus professores, inclusive por parte de orientadores de mestrado e doutorado, não é um acontecimento incomum pelos contornos da Terra. Contudo, o medo e a dificuldade de se provar a denúncia, são armas utilizadas para sujeitar essas mulheres ao silêncio e, assim, perpetuarem tamanhas violências. “– Que roupa você estava usando?” e “– O que você acha que fez para ele ter agido assim?”, já são as primeiras perguntas que colocam a vítima no lugar de culpada pelo comportamento do abusador.

105 Albalucía Ángel Marulanda nasceu em 1939 na cidade de Pereira, região centro-ocidente da Colômbia. Formou-se na Faculdade de Letras e História da Arte da Universidade dos Andes em Bogotá. Em 1964 viajou para a Europa, morou em Paris, Roma, Barcelona e Londres. Prosseguiu seus estudos na Sorbonne e na Universidade de Roma. Em 1972, após ser duramente atacada em Madrid, sua grave condição física a fez retornar para a Colômbia. Padecendo com muitas dores e lutando para não perder a vida, escreveu sua terceira novela “*Estaba la pájara pinta sentada en el verde limón*”, publicada em Bogotá no ano de 1975. Também conhecida como Albalú, fez sua carreira literária escrevendo principalmente novelas, além de contos, ensaios, poesias e obras teatrais. É considerada por alguns críticos literários como uma das pioneiras do pós-modernismo latino-americano, no entanto, sua obra não foi acolhida pelo movimento do *boom latino-americano* como merecia. O *boom* refletindo a estrutura patriarcal latino-americana, silenciou Albalú, assim como outras escritoras da América Latina. Seu estilo é único e sua obra não pode ser delimitada por nenhuma das atuais tendências literárias.

A produção do machismo dentro da academia chega a ser inescrupulosa para o silenciamento da mulher e isso não diz respeito somente às estudantes, mas comumente em meio às relações entre docentes nos espaços dos colegiados e instâncias gestoras. O machismo no meio intelectual é uma violência des-gastante e consumidora das energias das mulheres que mesmo estando em um mesmo nível de qualificação e titulação acadêmica que seus colegas homens, não têm acesso ao mesmo respeito e reconhecimento profissional. Em grande parte dos cargos de confiança em reitorias, ainda os homens é que são os mais convidados a ocuparem esses espaços. Em mesas de debates, conferências e eventos científicos, é comum a prevalência de homens e, muitas vezes, completa ausência de mulheres docentes e pesquisadoras.

A invisibilidade da mulher como pensadora, filósofa, pesquisadora, autora de publicações nos muitos domínios do conhecimento, materializa-se em seu esquecimento, na completa ausência de indicação para compor o repertório de obras citadas nos programas de ensino de cursos de graduação, mestrado e doutorado. Essas questões dentre muitas outras que poderiam ser levantadas aqui, revelam o tamanho da disparidade e dos entraves impostos às mulheres que se movimentam para ocupar esses espaços que, nitidamente, são de poder. Faz anos que um dia, o reitor de uma das universidades em que trabalhei me chamou para uma conversa e me disse: “– Sílvia, por tudo que você já fez nesse cargo durante todos esses anos, sem dúvida que você é quem deveria assumir esta pró-reitoria, mas nós decidimos que o fulano, mesmo não sendo muito ativo, é que deverá assumir. Mas muito obrigado, viu!”. O feminino tem sido contido e ignorado pela academia.

Freqüentemente, se um professor se exalta um pouco mais para defender seu ponto de vista nas reuniões colegiais, se ele usa argumentos duros para convencer os demais a se posicionarem com ele, sai aplaudido e é concebido como firme, enérgico, confiante. Se uma mulher, acadêmica, com um currículo exemplar, tem o mesmo comportamento que o colega homem, principalmente na defesa dos direitos humanos e direitos das mulheres dentro da academia, ela é criticada como sendo radical,

‘macha’, agressiva, além de nos bastidores ser caçada com frases do tipo: “deve estar de TPM”, “essa é mulher-macho, mesmo”, “nossa, ela mostrou quem tem o pau maior”, “ela é uma grossa que quer se mostrar”. Na perspectiva oposta, se essa mulher acadêmica se mantém na discussão em tom calmo, tranquilo, procura argumentar e evidenciar a necessidade de uma transformação mais acolhedora dentro do espaço acadêmico, se ela busca convencer seus colegas sobre a importância da empatia, ela também acaba sendo taxada de sensível demais e fraca diante dos problemas institucionais. No poscênio, retrucam: “mulher é assim mesmo...”, “ela só quer passar a mão na cabeça dos outros em vez de ser firme”, “ela não é dura o suficiente”, “na teoria ela é ótima, mas na prática ela é fraquinha”, “com esse jeitinho não serve para ser chefe”. Apesar da alta qualificação profissional dos intelectuais, o machismo no meio acadêmico é uma violência tocável e que precisa ser discutida, tratada e extirpada. Uma outra academia é possível e necessária.

Neste contexto, Esperanza tem razão. Como a academia poderia captar toda a complexidade das violências de gênero e toxidade machista, se ela mesma está submersa nessas águas de piratas?

Por causa do meu trabalho, durante muitos anos em comunidades presentes em várias regiões da Colômbia e, particularmente, na área dos direitos humanos, especificamente trabalhando para questões judiciais que seriam emitidas pelos Tribunais Superiores do meu país, eu trabalhava em diferentes áreas desses diagnósticos que, conseqüentemente, deram-me a oportunidade de conversar com muitas pessoas. Ouvir os testemunhos de mulheres que foram violadas sexualmente foi muito difícil, pois não se fala sobre isso, essas questões não são tratadas. Em alguns casos, como nas comunidades indígenas, há padrões culturais que, claramente, estão mesclados, estão no que eles chamam de a Lei de Origem¹⁰⁶, encontram-se nessa mistura que eles não conseguem identificar como resultado da influência colonizadora.

106 “A Lei de Origem é entendida como o princípio organizador da ação coletiva dos quatro povos indígenas da Serra Nevada de Santa Marta. É nesse mandato inicial que se estabelece o cuidado e o dever dos povos indígenas de cuidar das terras que

Todas essas mulheres sofreram a influência do religioso, do católico e das influências dos grupos armados, e com os discursos que legitimam esse tipo de violência porque se faz prioritário o discurso pela liberação dos povos. Então, são discursos de esquerda, a maior parte das vezes com influência marxista, porém, esse discurso é totalmente distorcido e adaptado a um contexto no qual seguem operando esses fatores de violência e de silenciamento dessa violência. Todas as mulheres que eu conheci experimentaram essa ingerência, inclusive, essa realidade também se encontra presente em trabalhos específicos de assessoramento de mulheres e acompanhamento de processos jurídicos de mulheres que foram violadas por paramilitares. Essa é uma informação delicada, é uma questão de muita gravidade. O que posso te contar a partir do meu trabalho e que me chamou muito a atenção, é que todas essas mulheres eram líderes em alguma esfera, na área comunicação, ou eram líderes camponesas, ou eram indígenas, ou eram mulheres pobres que trabalhavam na rua, porém, tinham uma iniciativa pelo coletivo, algumas eram mães outras não, algumas que entrevistei eram mulheres que se tornaram mães como resultado dessas violações. E isso acontecia em contextos de municípios totalmente controlados por esses grupos paramilitares. Completamente controlados, esses municípios sofreram com o massacre de várias pessoas, de até trinta pessoas em plena luz do dia. As pessoas eram decapitadas, eram violadas, cortadas em pedaços, todas as coisas mais aterrorizadoras, eu vivenciei em meu país nas últimas décadas. Então, as mulheres, os homens, as crianças e os mais velhos, já estavam acostumados com essa realidade, de modo que violentar mulheres era o óbvio a acontecer, uma vez que havia fortes componentes misóginos

habitam. É por isso que restaurar um pensamento maior também significa restaurar a ordem natural inscrita na Lei de Origem. Para isso, é imprescindível a recuperação e defesa dos 54 pontos sagrados que compõem a chamada linha negra, sendo esta a delimitação do mapa sagrado que os quatro povos indígenas fazem sobre o que constitui seu território, e abrindo a possibilidade de uso à referida delimitação como instrumento político concreto de defesa da propriedade do território. Para os povos da Serra Nevada, a afirmação e reafirmação da sua identidade com respeito ao território constitui a recuperação dos seus antigos saberes amparados pela Lei de Origem e a possibilidade de encontrar justiça” (ESCOBAR, 2013, p. 27, tradução minha).

nessas sociedades. Em alguns desses contextos locais já estava implantada uma relação negativa com o feminino, de modo que as práticas de violação estavam presentes antes mesmo de chegarem esses reforços armados, porque isso já vinha acontecendo.

A guerra na Colômbia já acontece há mais de seis décadas, logo, as pessoas que entrevistei eram filhas de mulheres que haviam sido violentadas, bem como netas que vivem nesta violência. Nós não temos uma referência distinta em que seja possível dizer que uma mulher anciã esteve totalmente livre de conviver com esse tipo de violência, pois todas passaram por esse tipo de situação durante o conflito. Observei que, previamente, já havia uma visão negativa do feminino que se justificou violentar as mulheres, discursos do tipo: “ela é que buscou por isso”, “ela saiu sozinha tarde da noite”, “ela era uma...”. E me parece que isso piorou com a chegada dos grupos, pois eles chegavam com o propósito de alcançar legitimidade nos municípios. O propósito era de apontar aqueles que dentro de um município já eram considerados como pessoas que não obedeciam, que não se ajustavam a um determinado padrão ou modelo social. Então, eles faziam dessa pessoa um bode expiatório, de modo que os grupos armados chegavam, violentavam, matavam, justamente, essas pessoas para alcançar legitimidade de controle nos municípios – isso tudo me impactou muito forte. O que também me espantou foi a crueldade da guerra e a atitude da família de algumas das mulheres que foram violadas e tiveram filhos dessas violações. Ninguém se perguntava: o que se passava com essas mulheres que foram violentadas? Essas mulheres acabavam deslocadas, abandonadas, buscando assistência social estatal com pequenos subsídios, por fim, encontram-se hoje destruídas, não tendo para onde ir, vivendo em uma condição de esmola. Porém, quando essas mulheres vão receber esses pequenos benefícios e apoios do Estado, aparecem as famílias para se beneficiarem desses recursos. Essas famílias não deixam de recordar o feito vitimizante sobre essas mulheres, porém, ao mesmo tempo, permanecem as culpando, bem como a seus filhos e os chamam assim: “lá vem o paramilitarzinho!”. Essa reação me parece tenebrosa porque é uma forma de endossar o estuprador. Isso é forte demais!

No país que é a terceira economia sul-americana, nação das belíssimas praias de águas transparentes e densas florestas tropicais, marcada por uma cultura ímpar e valiosa à humanidade, o sofrimento vivido pelas mulheres tem sido pungente. Desde o início do conflito, mais de 4 milhões e 200 mil mulheres foram impactadas de alguma maneira. Destas, 3.881.297 sofreram des-locamento, 475.117 foram vítimas de homicídio, 218.994 ameaçadas, 82.244 vítimas de desaparecimento forçado e 27.724 sofreram crimes contra a liberdade e integridade sexual no contexto do conflito armado. Entre as mais afetadas pela violência sexual estão as mulheres indígenas, as afrodescendentes e as camponesas (UARIV, 2019). São elas que vivem os horrores da guerra que não começaram, que nunca desejaram viver. São elas que assistem seus companheiros, seus pais, seus filhos, seus amigos serem recrutados, cooptados, torturados e mortos pelos que fazem do conflito armado e do narcotráfico a sua forma macabra de enriquecimento. São elas que se agarram no fio da esperança de que seus homens, quem sabe, voltem vivos para casa. Desde que o Acordo de Paz foi firmado em 2016, o período de janeiro a novembro de 2021 se registrou como o ano com o maior número de pessoas forçadas a se deslocarem dentro do país como para fora dele, em um total de 82.846 vítimas, ou seja, 169% a mais do que em 2020. Entre os des-locados, 37.664 são afrodescendentes e 18.979 são indígenas, evidenciando o grande impacto sofrido pelos grupos étnicos (CODHES, 2021).

Esperanza também é uma mulher que se sentiu forçada a se deslocar de seu país para oportunizar a si mesma e ao seu filho, uma vida distante dessas violências todas que maltrataram tanto sua alma, seu espírito. Perguntei-lhe como se sentia vivendo em solo brasileiro.

Eu me sinto bastante tranquila aqui, por ter conseguido tomar distância dessa violência que assola o meu país, consegui me desprender dos contextos acadêmicos que vivia em meu país, e do campo de trabalho onde também experimentei o assédio laboral. Eu me encontrei em relacionamentos bem diferentes aqui no Brasil e, particularmente, em Brasília, onde me relacionei com muita gente, conheci pessoas de muitos países, onde é possí-

vel se encontrar uma grande diferença entre a forma de ser e a forma como se constroem as relações com as brasileiras e os brasileiros e também com as pessoas de outros países, o que é muito diferente da forma como acontece com os colombianos. No plano pessoal tem sido muito boa a minha experiência. Eu sei que o Brasil tem muitos conflitos e que está passando por uma situação muito difícil e delicada em razão da pandemia. No entanto, nesses últimos anos, consegui recuperar um pouco da tranquilidade que antes eu não tinha. Dada a complexidade de tudo que havia vivido, eu mesma tinha dificuldade de compreender muitos acontecimentos da minha vida e, quando eu tentava conversar sobre essas questões com brasileiros, eles também não me compreendiam muito bem, pois é uma realidade muito diferente. Todavia, mesmo que não cheguem a me entender, os brasileiros me aceitam, acolhem-me e me abraçam, não estão presos a esses preconceitos, não estão com esses medos, o que torna a relação mais livre, mais amena, mais acolhedora, de modo que eu, com essas 3 ou 4 grandes amizades que tenho, e outros tantos amigos que conheci, pude encontrar mais tranquilidade para mim e para meu filho.

Vivendo na Colômbia eu sentia que não tinha condições de estar tranquila, pois me era insuportável viver naquela circunstância. Eu fiz tudo que pude, participei em todos os âmbitos, participei em trabalhos sociais, organização de movimentos, militei em várias coisas e terminei muito frustrada, esperando e esperando.... Eu nem sequer sabia que o que estava esperando. Era como encontrar uma relação de coisas e sempre repetia aquilo que já fazia. Quando a violência é diagnosticada, é possível se defender com os direitos humanos, sendo importante para que tanto no discurso quanto na prática, isso venha a se concretizar. Com o Estado tem sido impossível, mas, também, junto aos meus colegas, isso tem sido muito difícil de acontecer porque não existe o distanciamento que se permita sair de sua própria cultura, e atuar, dar outro referencial para ter condições de confrontar suas próprias referências, e confrontar todas essas coisas que estruturam o ser humano, o emocional, o psíquico e até as relações com o próprio corpo. Chegar ao Brasil quase que foi um ruir disso tudo para mim. Foi importante para eu me ver de outra maneira, ter uma vida diferente e poder oferecer para meu filho outras

condições de vida, diferentes daquelas que não eram boas para ele, e que não me faziam me sentir confortável, pois me forçavam a me manter competitiva, a ser “macho”, muitas coisas que eu também não queria que meu filho vivenciasse. Aqui no Brasil, realmente tem sido muito diferente para ele quanto para mim, pois estamos livres, podemos falar mais livremente e nos sentirmos mais tranquilos e seguros. Aqui é possível dizer o que se pensa.

Novamente, Esperanza levantava outra problemática importante: a lonjura que o discurso se encontra da prática. Não faltam argumentos, referenciais teóricos e promessas na estruturação dos discursos políticos, das instituições religiosas e educacionais espalhadas em *Nuestra America*. Entretanto, no dia a dia, na vida cotidiana dos menos favorecidos, da classe trabalhadora, essa concretude nos parece longínqua, cada vez mais difícil de se materializar. Como mudar o mundo se o discurso e a práxis promovidas pelas instituições de ensino, estiverem des-encontradas, estremecidas em seus valores e modos de compartilhar saberes? Qual educação se traduz em liberdade, justiça e paz?

A educação é um ponto muito importante a ser pensado. No contexto colombiano, com relação à questão do conflito armado, nesse cenário, está presente a contradição entre o discurso e a prática em todo o tempo de modo a condicionar a vida das pessoas. Pouco ou quase nada se consegue fazer contra isso, pois o próprio estabelecimento educacional acaba por promover e manter essas contradições. Existe muita negligência institucional, vários funcionários estão roubando, saqueando e vivendo dos mortos, dos massacres. Eu trabalho com direitos humanos e não é porque os funcionários não trabalhavam contra isso ou não eram diligentes com os horrores para evitar os massacres. Na verdade, eles estavam vivendo dessa crise humanitária. Por isso a crise se mantém, porque é lucrativa. Há espaços de poder não ocupados nos quais se supõe que o Estado deveria ocupar a favor do povo. No entanto, há uma dinâmica social e cultural muito complexa que não permite que isso aconteça, pois é um ambiente muito tóxico no geral. A princípio, esses estabelecimentos precisam receber as pessoas que chegam deslocadas às cidades e os profissionais da saúde e os educadores deveriam

estar preparados para recebê-las. No entanto, nessas cidades, um professor da escola pública não está preparado para entender tudo isso que eu estou te falando, tudo isso que vi nos territórios conversando com muita gente. Os professores nas cidades não estão preparados para assumir, o que implica, receber estudantes que passaram por toda essa violência, que viram como seus pais foram assassinados, estudantes que foram violentados. Tudo isso que estou lhe contando, todas essas situações presentes na vida das crianças e dos adolescentes da Colômbia, são extremamente complexas e não são atendidas adequadamente e satisfatoriamente.

Sem dúvida, a educação é extremamente importante, contudo, é claro que esta concepção não existe por aqueles lugares, de maneira que eu celebro muito as iniciativas de organizações comunitárias por toda Colômbia, pois muitas pessoas sofreram por estas causas e, em meio a esse sofrimento, não imaginavam que o Estado não fosse fazer absolutamente nada. A Colômbia não tem a mesma estrutura de assistência social que tem o Brasil, lá isso não existe. Então, nós já tínhamos que ter autonomia suficiente para resolvermos as nossas próprias coisas e, nesse processo, foi que surgiram iniciativas maravilhosas e lindas. É possível desenvolver um trabalho de educação, porém, também incorporando todas essas questões culturais como a dança, a música, o canto, o teatro, para daí sanar tantas lacunas. O que tem sido visto como menos importante, é a formação acadêmica, porque em primeiro lugar está o desafio de resolver a falta de investimento para as necessidades básicas das famílias, ter o que comer, atender e tratar essas pessoas que são vítimas de todos os traumas possíveis. Porque a nível psicológico, elas necessitam disso, desse acolhimento, tanto homens como mulheres. Todavia, a resiliência ainda se dá muito mais a partir da vida das mulheres, porque elas têm essa formação, uma vocação comunitária de família, e buscam tecer essas redes de apoio e sustentar os homens, e pela maternagem, fazem o mesmo por seus filhos e toda essa condição resiliente lhes permite transcender a preocupação com seu próprio corpo, com sua própria vida, para pensarem no outro, e isso é o que chamamos de amor incondicional. Nesse sentido, o benefício, o bem-estar

do outro, também é o meu benefício, é o meu bem-estar. As mulheres dão vida e amor, fazem um amor inclusivo. Então, essas experiências me maravilham muito e creio que se a educação pudesse institucionalizar, se a educação contasse com essas pessoas e com aquilo que essas pessoas estão plantando, realmente seria uma coisa muito construtiva. Dessa forma, já não apenas repetiriam discursos e conteúdos que não têm nada a ver com a realidade colombiana, que não captam a atenção dos jovens, uma vez que existem coisas muito importantes acontecendo fora da escola e, neste distanciamento da realidade, a educação acaba sendo muito tóxica para eles. Nesse contexto distante de suas realidades, as instituições não lhes oferecem ferramentas para construírem um amor próprio e a crença de que é possível sair disso, de que é possível ter uma esperança de vida. A taxa de suicídio entre povos indígenas, por exemplo, é altíssima. Esses povos sofrem com o extermínio, e o suicídio se apresenta quando os meninos são levados para estudar em municípios, isso ocorre em algumas zonas da Amazônia. De alguma maneira, nesses municípios se supõe que os meninos estarão mais protegidos frente ao possível recrutamento por grupos armados. Nesse sentido, a educação é o que teriam como meio de ascensão social. No entanto, eles se encontram sozinhos, estão fora de seu território, estão longe dos sábios, longe das mulheres, das avós, estão fora da comunidade e esse é o contexto social que leva esses meninos ao suicídio. Esse tipo de educação é o que me parece mais preocupante. Dar essas ferramentas e esperança de vida a essas crianças e adolescentes, deve ser a missão da educação. Eu trabalhei e estive próxima a essa realidade, também tenho irmãs que são educadoras nas cidades e, algumas delas recebiam essas pessoas deslocadas, no entanto, não tinham preparo e recursos para compreenderem a condição de vida desses meninos e os ajudar.

Como imaginar o tamanho das dores das meninas e dos meninos da Colômbia? Como conceber a dilaceração das almas que experimentaram o fel do ódio alimentado pela ganância e pela vontade de poder? Como encontrar caminhos para a cura do que está tão ferido, tão machucado?

AS CICATRIZES

Não há cicatriz, por mais brutal que possa parecer,
que não contenha beleza.
Uma história específica é contada nela,
Alguma dor. Mas também seu fim.
As cicatrizes, então, são as costuras
da memória,
um arremate imperfeito que nos cura
nos causando dano. A forma
que o tempo encontra
que nunca esqueçamos as feridas
(BONNETT, 2018, p. 64, tradução minha) ¹⁰⁷.

A poesia de Piedad Bonnett me toca sobremaneira. Entre a ferida e a cicatriz, há um longo processo de dor a ser experimentado, não desprezado, tratado, curado. Mas que tempo essas mulheres, que tempo esse povo tem usufruído para olhar e dialogar com suas dores? Feridas abertas sangram, infeccionam, necrosam, precisam de cuidado. Corações rasgados demoram a cicatrizar.

Peço à Esperanza que compartilhe comigo uma dor e um desejo seu.

É a dor por causa da injustiça em todos os níveis que há na Colômbia. Estou no Brasil há 3 anos e não tenho conseguido deixar de pensar e de sentir as dores do meu país, do povo colombiano. A minha motivação

107 Piedad Bonnett Vélez nasceu no ano de 1951 em Amalfi, uma cidade localizada na Cordilheira Central dos Andes, na Antioquia. Formou-se em Filosofia e Letras na Universidade dos Andes e trabalhou como professora. Destacou-se como poeta, romancista e dramaturga e, em 1994, recebeu o Prêmio Nacional e Internacional de Poesia do Instituto Colombiano de Cultura. Sua obra potente e belíssima acolhe em palavras a dor de seu país como as suas também, tendo sofrido profundamente com o suicídio de seu filho. Suas composições também abordam temáticas relacionadas à violência e a delinquência, sempre de maneira muito comovente.

*para buscar meu lugar aqui, aventurar-me, ver o que conseguiria fazer, tem a ver com tudo isso, pois eu não estava sentindo plenitude. Decidi que seria livre, de maneira que não poderia continuar trabalhando em meio a tanto sofrimento humano. Cheguei a um limite como de alguém que passou por estresse pós-traumático e precisei fazer terapia porque tinha pesadelos, por exemplo, quando ouvia essas mulheres, quando fazia essas entrevistas e entrava nesses momentos difíceis, onde tiveram combates e tantas outras coisas, e eu já não podia mais suportar tudo isso. Eu precisava me anestesi-
sitar para continuar trabalhando e não tinha sentido viver assim. Não podia mais. Assim, decidi sair, viajar e ainda tenho muito o que conhecer sobre a dor, a dor do meu país, dor de mulheres, de mãe, de irmã, de amiga, dor de deixar as mães espirituais que tenho na Colômbia e que são mulheres com as quais eu havia trabalhado e se tornaram o meu referencial mais importante na compreensão mais ampla e no assumir mais harmônico frente ao feminino e ao masculino. Essas são as minhas dores.*

Meu desejo é que a Colômbia se cure de todas essas misérias, eu me importo muito com esse país, mas não sei se poderei voltar para ele. Não é algo bom sair de seu próprio país nessas condições tão difíceis, vivendo para poder sobreviver. Eu pude sair do país, no entanto, muitas pessoas estão padecendo pelo conflito e agora pela pandemia, e essas coisas não se resolvem. Então, esse é o meu sonho: poder regressar e ter condições de vida diferentes para todos nós, que o conflito armado acabe de uma vez por todas ao invés de piorar ainda mais a vida das pessoas. Sonho em me reencontrar com tanta gente querida que me ensinou tanto e tem me dado força para poder estar aqui. E, Sílvia, muito obrigada, foi muito lindo compartilhar tudo isso com você, senti você muito próxima, então, eu agradeço pela possibilidade de compartilhar essas coisas que ainda não tinha falado para ninguém.

Despeço-me de Esperanza com a esperança de um futuro bem próximo onde o discurso e a prática se enlacem por políticas públicas acolhedoras para o povo colombiano. Fica em minha memória um afeto de amor e respeito pelas mulheres colombianas que seguem na resistência e na re-existência pela paz e justiça para si e para todos de seu país.

A VEREDA DAS ESTRELAS



Hoje é dia 17 de janeiro de 2022. Primeiro dia em que o sol nos visita com todo seu calor e resplendor após várias semanas de chuvas intensas por toda região de Minas Gerais. Confesso que sentia saudade de ver o azul do céu, de caminhar descalça no parque e sentir o cheiro dos eucaliptos, de apanhar algumas frutinhas no pé, de beber água das fontes que me refrescam pelo caminho. O pôr do sol, agora a pouco, estava maravilhoso! As nuvens coradas de vermelho e dourado me sussurraram que a esperança caminha com aqueles que amam a justiça e a paz como um direito universal.

Há pessoas com as quais temos um encontro de almas, uma afinidade diferenciada, um carinho singular, mesmo que não saibamos a razão pela qual isso nos acontece. Esta afeição tão terna foi o que senti por Iraima quando me encontrei com seu olhar e abracei sua voz. Vi-me envolvida por uma sinceridade, generosidade e coragem incomensuráveis. Fui tocada por um sentimento fraterno que transcende fronteiras. Faz um ano e meio que ela aceitou compartilhar sua história comigo e com você.

Sou Iraima Andreina Lugo Montilla, tenho 37 anos de idade. Tenho um irmão mais velho e um mais novo que eu. Nasci em Baruta, no Estado Miranda, região metropolitana de Caracas, na Venezuela. Todavia, todos os valores e costumes que me foram passados durante a infância, estão vinculados à região andina do país, especificamente ao povoado chamado Carache, no Estado Trujillo, mais de 500 quilômetros distante da capital do país. Meus pais são originários dessa região, nasceram e se criaram lá. Eles conseguiram sair do povoado para estudar e, posteriormente, trabalhar em Caracas, cidade vizinha de Baruta, como tantas outras pessoas da sua geração (hoje, meus pais têm 74 anos). Minha infância e adolescência transcorreram na cidade de Barquisimeto; pois meu pai decidiu na época (1983), que Caracas já não estava sendo uma boa cidade para criar a mim e meus irmãos.

Em 1999, voltei à Caracas para fazer graduação em Sociologia na Universidade Central da Venezuela, eu tinha dezesseis anos e tive que ir morar com meus tios porque meus pais não permitiam que eu morasse sozinha. Nesse momento em que narro e repenso sobre esse fato, pergunto a mim mesma se eu também não teria medo de ir morar sozinha. Dois anos depois, mudei-me por causa de uma briga com o meu tio. Eu estava decidida a não aceitar mais que nenhum gritasse comigo, fosse quem fosse.

Minha escolha pela sociologia foi mesmo uma questão de vocação e minhas outras opções de formação seriam psicologia ou direito. Durante o transcurso dos meus estudos no ensino médio, meus olhares se voltavam para a área de humanidades. Por muito que meus pais tivessem me incentivado a estudar no campo das engenharias, dadas as oportunidades existentes em Barquisimeto, eles não conseguiram me convencer a mudar de ideia. Mas, depois, apoiaram minha decisão de estudar sociologia. Logo no início precisei enfrentar questões de oposição à minha escolha, pois tanto a minha família nuclear como minha família ampliada, não compreendiam a razão da minha decisão, e me confrontavam com argumentos de que uma profissão como a de socióloga, não geraria renda suficiente: “con eso no ganarás dinero”, diziam.

Até hoje, não me arrependo da minha escolha profissional. Tenho conseguido me desenvolver no que me apaixonou, mesmo com os altos e baixos de uma profissão complexa. Tenho aproximadamente quinze anos de experiência profissional, ainda que a presença da síndrome do impostor às vezes não me permita me reconhecer nessa experiência.

A Venezuela é nossa nação irmã da América do Sul, estamos unidas pelo Monte Roraima. Deslumbrante com suas belíssimas ilhas de água transparente, também é mãe das Cataratas Ángel, a mais alta do planeta com seus 965 metros de altura e que fica pertinho da fronteira Brasil-Guiana. País rico em sua biodiversidade, acolhedor dos encantos dos Andes e das maiores reservas de petróleo que se tem conhecimento na Terra. Aliás, há um ano, o país enviava cerca de 130 mil litros de oxigênio para abastecer os hospitais de Manaus, além de uma brigada de médicos para apoiar o maior estado brasileiro no combate à pandemia. Um gesto

fraternalmente bolivariano, mesmo apesar dos insultos correntes lançados pelo governo federal da extrema-direita contra a Venezuela.

Embora seja um país de grande riqueza natural, a Venezuela vem sofrendo há muitas décadas com crises econômicas, políticas e sociais que, hoje, intensificadas com o embargo econômico imposto em 2014 pelos Estados Unidos, levam a população à dores no corpo e na alma que poderiam ser francamente evitadas. Sobre o bloqueio econômico perpetrado pelo país mais cristão do planeta (71% da população estadunidense se considera cristã, em um total de 230 milhões de praticantes com predominância do protestantismo), todas as empresas estadunidenses ou estrangeiras que tenham negócios nos Estados Unidos estão proibidas e fazer transações ou negociações com a Venezuela.

Em razão da longa, complexa e devastadora crise econômica e política do país, milhares de cidadãos venezuelanos têm migrado para outros territórios, atualmente, cerca de 260 mil refugiados e migrantes vivem no Brasil. Embora não seja ínfimo o sofrimento de deixar a pátria, a família e os amigos para trás, a fome, o medo e a miséria gritam mais alto, de maneira que algum sonho possível de sobrevivência desponta somente para além do horizonte das fronteiras territoriais.

A estratégia de interiorização criada em 2018 pelo governo federal brasileiro, apoiada pela Agência da ONU para refugiados, foi uma resposta humanitária ao fluxo migratório de venezuelanos. Para favorecer a inclusão socioeconômica daqueles que atravessaram a fronteira, é oferecida a oportunidade de se re-locarem em outros municípios e capitais brasileiras, aliviando o trânsito migratório em Manaus e nas cidades de Roraima. No entanto, para terem acesso à estratégia, é preciso que estejam regularizados no Brasil, tanto por meio de solicitação de refúgio como por visto de residência temporária, portando documentos nacionais como Carteira de Trabalho ou Cadastro de Pessoa Física, e tendo em mãos a carteira de vacinas atualizada. Em meados de 2021, mais de 50 mil pessoas foram re-locadas para outros municípios do Brasil. Dos beneficiados, 47% são mulheres e meninas, 37% são menores de 18 anos (meninos e meninas), 88% dos ve-

nezelanos interiorizados viajaram em grupos familiares, enquanto outros 12% viajaram sozinhos (ACNUR, 2021).

Não diferente de outros povos e nações, a mulher é a que mais sofre nas crises políticas, econômicas e sociais produzidas pelos homens que governam, majoritariamente, debaixo do sol. Na Venezuela, inúmeras mulheres se vêem acuadas pela vulnerabilidade econômica a usarem o sexo como dispositivo de sobrevivência para si e seus filhos. Enquanto a moral machista esmaga a mulher que se encontra em circunstâncias que a forçam à prostituição, a fome de corpos na indústria do sexo é alimentada pelos próprios machos consumidores das mulheres. Uma hipocrisia nociva que desvia o olhar para os 239 casos de feminicídios no ano de 2021, média de 1 caso a cada 36 horas; que ignora a brutalidade da violência obstétrica e finge demência diante da demanda de descriminalização do aborto na Venezuela (ZAMBRANO, 2022). Em águas de piratas, não há governos de direita, de centro ou de esquerda que se importem com a garantia e a implementação de políticas públicas para os direitos das meninas e das mulheres, volto-me à interrogação provocativa da inesquecível Argelia Laya¹⁰⁸: “Por que as organizações socialistas freiam as lutas das mulheres, se somos metade dos explorados e as mais oprimidas desta sociedade?” (DAGNINO, 2019, p. 25, tradução minha). Em todos esses nichos políticos, o consumo de mulheres, em toda dimensão que esse sentido e significado possa ter, é violento e abusivo.

108 Argelia Mercedes Laya López nasceu em 10 de julho de 1926, na cidade de Río Chico, no estado de Miranda, Venezuela. Foi mãe, professora, filósofa e ativista política, considerada uma das mulheres mais importantes da história de seu país. Quando jovem foi estuprada, sofreu violência racial e misógina. Lutadora incansável, esteve à frente dos movimentos sociais pelos direitos das mulheres e do sindicato de professores na década de 50. Participou da guerrilha na Venezuela e ajudou a fundar o Movimento pelo Socialismo (MAS), partido pelo qual se tornou parlamentar, dentre tantas outras atividades que realizou em prol dos direitos das mulheres. No campo dos direitos sexuais e reprodutivos, Argelia defendeu o direito das mulheres a uma gravidez segura, a fim de evitar mais mortes por interrupções clandestinas de gestações. Faleceu em 27 de novembro de 1997, marcando profundamente o coração de tantas gerações.

Quando uma mulher nasce e cresce em um lar pobre, ela já está condenada a ser a mais oprimida e explorada, porque entre os que se encontram mais abaixo, as mulheres do povo são as que carregam o peso mais brutal. Devido à divisão do trabalho, os homens têm os ofícios, profissões e atividades mais importantes e, além disso, têm tempo para viver, praticar esportes, participar da política. As mulheres têm os trabalhos mais mal pagos e são as únicas que realizam os afazeres domésticos, os chamados ofícios de mulher (LAYA, 2014, p. 40, tradução minha).

Havemos de recorrer às palavras de Argelia Laya: “Nunca me permiti ser humilhada, nem como mulher, nem como negra! Graças aos valores que minha mãe e meu pai me ensinaram” (GARCÍA, 2016, p. 30) – uma determinação que precisa ser constituída e empossada pelo coletivo de mulheres, onde o lugar de fala de uma é o lugar de apoio de inúmeras outras, onde o protagonismo de luta de uma mulher é o protagonismo de luta coletiva de todas as outras porque embora tenhamos variáveis de raça, etnia, classe social, o machismo em si não muda, sua barbárie atravessa o feminino, atravessa a todas nós, por uma via ou por outra.

Nesse contexto falocrata, Iraima me conta sobre a realidade de ser mulher em seu país e os desafios frente ao patriarcado.

Só o fato de pensar no “ser mulher” já é um desafio, tal como é para todas nós mulheres dentro do sistema patriarcal. No particular, seguindo minha própria trajetória de vida, marcada por uma cultura bem conservadora, uma família nuclear e ampliada, fortemente definida por os valores do catolicismo, onde se reconhece e respeita a mulher, sempre que não decida ir muito além daqueles estereótipos típicos, ser mulher significa se encaixar na reprodução do modelo patriarcal, significa se liberar completamente ou nadar contracorrente. Decidi pela última opção, ainda com as minhas próprias contradições, por amor aos meus pais, mas principalmente, pela necessidade de me converter no suporte da minha mãe. Na contramão do exigido e esperado sobre mim, tenho decidido não me casar (em termos estritamente legais-religiosos), antepor meus projetos profissionais ante os

sonhos que a minha família tinha para mim, postergar a maternidade, confrontar aos homens da minha família sempre que perceber vieses nos nossos relacionamentos, começando pelos da minha família nuclear.

Os estereótipos da mulher-esposa, mulher-mãe e mulher-cuidadora, são bem marcados na re-produção da vida cotidiana. Sobrepõem-se aos da mulher guerreira (mulher-maravilha, quem tudo pode) e, particularmente, o da mulher-miss (quem deve seguir padrões de beleza considerados esteticamente corretos). No mundo do trabalho, embora com avanços, a mulher-trabalhadora/operária/cientista/engenheira, continua disputando sua participação. Nos últimos vinte anos, a Venezuela testemunhou avanços dentro das estruturas institucionais da sociedade respeito às questões de gênero, motivado entre outras coisas as atuações dos movimentos feministas e dos movimentos LGBT¹⁰⁹, obtendo, por exemplo, uma Ley Orgánica sobre el Derecho de las Mujeres a una Vida Libre de Violencia¹¹⁰. No entanto, no imaginário da sociedade, prevalece a ideia da mulher como produtora / re-produtora da vida e não como sujeito social autônomo; a lei “per se”, como qualquer lei, não garante na prática o seu ideário. Ter voz em algumas instancias das estruturas do Estado, não se traduz diretamente em votos e poder de decisão. A violência nos discursos, nas interações cotidianas, no acesso ao trabalho prevalece, e os direitos às condições de vida dignas continuam sendo condicionados ou vulnerados, todas questões também mediadas pela classe e raça¹¹¹.

A composição das estruturas das famílias venezuelanas, heterogênea, com pais ausentes em muitos casos, também incide na transferência da responsabilidade dos cuidados do lar na mulher. A mulher é cobrada como suporte afetivo, psicológico, moral, formativo, logístico, e cada vez mais econômico dos lares. Os discursos jogam um papel importante naque-

109 La Araña: rede de coletivos e individualidades feministas socialistas revolucionárias. Conferir em <https://encuentrofeminista.weebly.com/nuestra-red.html>

110 Ley orgánica sobre el derecho de las mujeres a una vida libre de violencia. Conferir em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2008/6604.pdf>

111 Recomendo a leitura de “Mujeres en Tiempos de Cambio” (ARENAS, 2010).

le “*ser mulher*” questionado acima e nas imposições do *patrarcado estrutural*. Ouvimos permanentemente: “*Detrás de um grande líder (homem), esconde-se uma grande mulher*”, “*as mulheres são boas na cozinha*”, “*... ela buscou essa situação por andar vestida assim*”, “*a mulher venezuelana é capaz de resolver tudo, e o melhor é que depois de um dia esgotante, seu rosto sempre ainda estará adornado com um belo sorriso*”.

Contudo, é muito importante dizer que, nas tentativas dos processos de transformação alavancados desde o começo do século, reconhecendo as contradições históricas vinculadas aos fenômenos dessa natureza, as ações dos movimentos feministas, LGBT, e outros reivindicativos das questões de gênero, têm visibilizado as violências e obstáculos ocultos nos discursos e práticas da sociedade como um todo, e ativado as consciências e resistências das mulheres nas comunidades populares, nas universidades, mesmo dentro das próprias estruturas estatais.

Por alguns minutos, fico pensativa com a fala de Iraima. O discurso e a cultura de que a mulher dá conta de tudo e ainda não decepciona o macho e sua prole sem um sorriso no rosto, não é algo atípico. Cai em mim que até em minha própria casa, acompanhada do homem que me ama e me respeita, é esperado o mesmo. De repente, mesmo que de modo muito sutil, percebi que reconhecer meus momentos de exaustão, não era uma opção confortável para mim. E isto, não porque meu companheiro seja um insensível egoísta que não me dá espaço para respirar e ser quem sou, mas porque a opressão machista e a cultura patriarcal fizeram com que eu acreditasse que ser uma fortaleza a todo tempo e ocultar meus sentimentos de tristeza ou cansaço, era a característica mais importante da mulher forte.

Em nossa cultura, o homem que trabalha fora, o dia todo, e que em casa realiza atividades domésticas e de cuidado com os filhos, é louvado como aquele que ajuda sua companheira. Já a mulher que trabalha o dia todo fora e em casa continua a jornada de trabalho doméstico, não faz mais que sua obrigação, uma vez que ela existe mesmo para isso: para ser esposa e mãe. Em uma perspectiva não-machista, tanto a mulher

como o homem, trabalhando ou não em atividades remuneradas, têm a mesma responsabilidade com os cuidados com o lar onde vivem e com a educação das filhas e filhos. Não se trata de uma 'ajuda' à companheira, mas, sim, de se assumir como protagonista responsável pelo cuidado e manutenção do lugar onde vive, alimenta-se, banha-se, repousa, de fazer parte do cuidado e da educação de sua prole.

De tanto repetirmos (conscientes ou não) esse comportamento social violento conosco mesmas e com os homens, naturalizamos tamanha discriminação e violência na sociedade e perpetuamos a lógica machista estrutural por gerações mil.

Queremos salientar, no entanto, que estamos cientes de que o dualismo que implicou a redução do gênero apenas às mulheres, favoreceu a exclusão social, enquanto o essencialismo feminino teve efeitos semelhantes. No entanto, a exclusão das mulheres tem sido maior, e isso tem sido possível graças à hegemonia de um sistema de significados sentido por todas e todos, que teve efeitos profundos sobre a discriminação e desigualdade das mulheres, que tem se manifestado em todas as esferas da vida, seja cultural, produtiva, política, reprodutiva; seja expresso no pessoal ou no coletivo. Por tudo isso, acreditamos ser necessário compreender as condições sociais em que se desenvolve a vida das mulheres, que se tornam significativas ao objetivar como gênero a existência de uma desigualdade específica entre homens e mulheres (ARENAS, 2010, p. 14-15, tradução minha).

Mulheres e homens têm sido explorados, humilhados, escravizados, esquecidos pela ganância dos que querem mais capital e poder. Mulheres e homens têm seus limites, suas dores, seus horrores, seus cansaços. Mulheres e homens também choram e outra vez sorriem. A compreensão, o respeito e o acolhimento de nós mesmas/mesmos para nós mesmas/mesmos, é o que nos faz mais fortemente humanizados.

Re-visitarmos a história das mulheres, re-visitarmos nossa própria história, a história de nossas ancestrais, é condição *sine qua non* para combatermos o patriarcado e educarmos as meninas e os meninos para

uma outra sociedade urgentemente necessária onde o feminino e o masculino encontrem as condições vitais para a construção generosa dos direitos sociais emanados da multiplicidade e pluralidade de suas diferenças, pois no âmago dos muitos gêneros, há uma flutuação que não pode ser ignorada, nem contida, nem super ou subvalorizada. Ao encontro da poesia de Sonia Chocrón¹¹², há uma tradição, há uma ordem de opressão e dominação social que precisa ser quebrada.

Há que colocar ordem na casa
 Lavar a louça, arrumar a cama
 Há que colocar ordem na casa
 plantar flores de abóbora
 apagar o rastro do melão
 buscar a música das coisas
 fazendo ordem, fazendo casa
 com as palavras para formá-las
 colocar a ordem
 formar a casa
 com um exército de palavras, que ninguém saiba, que ninguém veja
 que os mirantes estão caindo;
 que há que se colocar ordem na casa
 para que a ave da tristeza
 vá ao parque ou a avenida,

112 Sonia Chocrón nasceu em Caracas em 17 de março de 1961. É uma destacada escritora venezuelana de origem sefardita. Formou-se em Comunicação Social pela Universidade Católica Andrés Bello. Sua poesia é singular, fortemente influenciada pela história, cultura e tradição sefarditas, ou seja, dos descendentes dos judeus que viveram na Península Ibérica até 1942. Seu conjunto literário e seus guiões para cinema e televisão têm sido reconhecidos e premiados em concursos nacionais e internacionais. Suas composições estão presentes em ensaios e antologias publicadas por toda a América Latina, Europa e Estados Unidos.

colocar ordem dentro da casa
e não deixar a angústia cega crescer
que cresce nela quando é dia,
banhar de açúcar e sangue ímpio
toda rachadura das esquinas
que Deus a ampare e a favoreça
da traidora melancolia
do mal olhado e da vilania;
há que se colocar ordem
remover a traça, varrer o pó
todos os dias
limpar a casa, colocar em ordem
que se ela nos derrota, nos venceria
a morte eterna, a mágoa em vida
matar a ordem, cegar a ferida

(CHOCRÓN, 2008, p. 221-222, tradução minha).

A terna firmeza da voz e do olhar de Iraima me convidaram a lhe perguntar se, quando criança, ela havia sofrido algum tipo de violência por ser mulher. Segura, respondeu-me:

Na minha infância, entre 8 e 10 anos aproximadamente, meu primo tinha relações sexuais comigo, quando percebi que isso era errado, aos 19 anos, quando queria ter relações sexuais com meu namorado (me questionando por não ser “virgem”), busquei apoio com um psicólogo que me falou que eu havia sofrido um estupro. Teve que lidar com a violência do meu primo e do próprio psicólogo (homem) que não soube entender meu conflito interno. Lembro que aos 14 anos, meu irmão mais velho, tirou com violência um batom que eu havia colocado antes de sair para uma festa de uma amiga do colégio. Acredito que o relacionamento dos meus pais, ca-

raterizado por violência simbólica do meu pai para com minha mãe, principalmente por causa do álcool, sobretudo durante a minha infância, também me afetou psicologicamente. Em geral, vivemos violência intrafamiliar. Na minha vida adulta, vivenciei assédio sexual na rua, quando um homem me pediu “ajuda” e ao me virar, ele estava se masturbando. Já precisei lidar com um ex-marido que não soube enfrentar suas próprias inseguranças e tentou as transferir para mim.

A coragem de Iraima em compartilhar comigo algo tão íntimo me surpreendeu. Uma coragem que se traduz em um acolhimento generoso para que outras mulheres também rompam com o silêncio estarecedor da violência sexual exercida dentro do próprio círculo familiar. As crianças são as maiores vítimas desse fenômeno sociocultural que impacta no plano físico, psicossocial, cognitivo e espiritual. Na Venezuela, atualmente, o primeiro tipo de violência contra crianças e adolescentes é o abuso sexual (30,2%), seguido de outras denúncias relacionadas ao abuso infantil (18,2%). Crianças entre 7 e 12 anos são as vítimas mais propensas de sofrerem abuso sexual com 42,6% dos casos registrados. Mais de 60% dos casos de abusos sexuais acontecem dentro da própria casa onde vive a criança e em cerca de 20% dos casos, os abusos ocorrem na casa do agressor (CECODAP, 2021). Entre os acusados de abusar das vítimas, 45,45% eram padrastos, 27,27% eram os pais biológicos, 13,64% eram tios, 9,09% eram os avós e 4,55% eram primos. Das crianças e adolescentes vitimados, 85,71% eram do gênero feminino e 14,29% do masculino, o que nos alerta que os meninos também se encontram em grande risco de violência sexual (FUNDACIÓN HABLA, 2019). Entre janeiro e setembro de 2021, foram registrados 20 infanticídios na Venezuela, sendo que 90% foram cometidos pelos próprios familiares. Neste mesmo ano, foram registrados 284 homicídios de mulheres, dos quais o maior percentual se qualifica como feminicídio (CECODAP, 2022). Já no Brasil, a prevalência de violência sexual contra crianças é maior nas regiões norte e sul com maior frequência de abusos contra meninas (82,7%), entre 10

e 14 anos de idade (49%) e tendo os próprios pais (13,8%) e os padrastos (12,9%) como principais agressores (COSTA et al, 2021).

Apesar dos números que citei, é importante termos ciência que esses se tratam de casos com denúncias registradas. É preciso se levar em conta que a grande maioria dos casos de violência sexual de crianças e adolescentes não é registrada. Muitas das vítimas sequer têm consciência da gravidade do ato que as viola, outras sofrem ameaças que as inibem e as impedem de reagir e denunciar. Inúmeras crianças ficam confusas diante do que está acontecendo e não compreendem que são vítimas de um crime bárbaro contra o seu corpo, uma vez que o violador costuma ser alguém da sua convivência e confiança. Tragicamente, há meninas menores de 14 anos, vítimas de violência sexual, que engravidam, sofrendo sérios riscos durante a gestação, parto e pós-parto. Muitos países não permitem a prática do aborto nem nesses casos. Nos casos de permissão da interrupção da gravidez, essas meninas e seus familiares ainda costumam sofrer com a ignorância de religiosos fanáticos que se manifestam com brutalidade em julgamento e condenação moral da própria vítima, tal como foi o caso da menina brasileira que desde os 6 anos de idade era estuprada pelo tio no estado do Espírito Santo e que ficou grávida aos 10 anos. Após o Tribunal de Justiça do Espírito Santo conceder autorização para o aborto considerado legal, a vítima ainda passou por vários constrangimentos na porta do hospital e se tornou um joguete político de conservadores de extrema-direita.

Sem dúvida, educar as meninas em casa e na escola para que conheçam a biologia de seus corpos e não permitam ser tocadas nas partes íntimas, para que tenham segurança em dialogar e buscar ajuda com pessoas de sua confiança, é fundamental. Mas também é imprescindível educar os meninos para que sejam rapazes e homens respeitosos com os corpos das meninas e das mulheres, que compreendam que “não” significa não e que entendam que a violência sexual é abominável e diz respeito às bestas-feras.

Iraima também traz a questão da virgindade. Esse tema ainda se encontra no topo piramidal do machismo. A mulher é tão objetificada e subjugada às tradições patriarcais que nem sua virgindade lhe pertence,

sua vagina e seu hímen não lhe pertencem. Tradicionalmente, sua virgindade deve pertencer a um único homem, aquele escolhido pela família ou legitimado pela instituição religiosa no dia das núpcias, se não neste caso, deve ser reservada ao divino. O Código Civil brasileiro de 1916 em seu extenso artigo 178 (BRASIL, 1916) estabelecia que “o defloramento da mulher, ignorado pelo marido”, era um motivo legítimo para que o homem tivesse o direito de se separar da esposa. E, não apenas isso, o fato de a mulher não ser mais virgem antes do matrimônio, previa a anulação do casamento e ressarcimento de perdas e danos. Nesta época, ainda não havia a lei do divórcio que veio a existir somente em 1977. Apenas no ano de 2003 é que o obsoleto Código Civil foi revogado e que a virgindade passou a não ser mais um fator para a anulação de casamentos.

Da mulher digna, portanto, espera-se a virgindade, a devoção, a obediência, ser recatada, ser dona de casa, ser mãe, ser cuidadora de todos, ser resignada. Uma violência de destino invocada sob o nome de deuses, demônios e juízes. Da mulher de respeito se espera que dê prazer ao marido quando ele quiser e como quiser, nem seu corpo e sua vontade lhe pertencem. Antes do casamento, ainda na juventude, a hipocrisia machista as controla, ao mesmo tempo que as devora, uma vez que muitos dos violadores são os mesmos que lhes vigiam, assediam e violentam. Depois do casamento, a hostilidade machista continua violentando a muitas, quer pelas humilhações pela mulher não ter se casado virgem, quer pela indiferença quanto ao seu prazer sexual, quer por a tratar como uma escrava de sua vontade e, muitas vezes, como a esposa constantemente traída. Todas nós precisamos vozear mais sobre essas violências que se perpetuam durante gerações.

SOMA DA VOZ SOLITÁRIA

No ar amplo e perfumado minha voz saiu sozinha
 Procurei ansiosamente em vão
 Todas as vozes haviam se ido.

Fiz uma concha com minhas mãos e lancei minha voz.
Saí para recolhê-la. Eu mesma.
Que dor desolada, coros de vozes,
a de não ter uma voz companheira.
No campo ensolarado e cego,
na zona sem vozes,
sobre a grama rebelde,
estive presente em caminhos que não me ouviam
(LARRIVA, 1976, p. 76, tradução minha)¹¹³.

Falar sobre virgindade também é falar sobre violação feminina. Não há tradições religiosas ou culturais que possam permanecer justificando e reafirmando o pensamento patriarcal de séculos passados que permite ao homem, quer este seja pai, irmão, tio, noivo ou marido, proclamar-se proprietário da virgindade feminina. A virgindade não define a honra de uma mulher, e isto precisa ficar bem claro à sociedade machista. A virgindade não é parâmetro, não é um troféu para a hegemonia masculina. A virgindade não pode continuar sendo uma moeda de troca como ainda acontece em tantas sociedades altamente patriarcais. A virgindade não é uma certificação de validade de uma mulher ou da reputação de uma família, de um sobrenome, não é um documento de identidade. A virgindade não pode continuar a ser entendida para a mulher como uma defloração sexual que altera, que cria uma cicatriz em sua vagina e a marca socialmente como tendo sido pertencente a um macho, enquanto para o homem é apenas uma iniciação que não muda em nada o seu pênis. A virgindade não deve

113 Enriqueta Arvelo Larriva nasceu em 22 de março de 1886 na cidade de Barinitas, no colo da Cordilheira de Mérida na Venezuela, também conhecida como *La Cuna de los Poetas* (O berço dos poetas). Subestimada em seu talento, simplesmente por ser mulher, perseverou em sua escrita. Sua obra retrata sua própria luta pela liberdade de se expressar por meio da escrita poética que floresceu com inteireza singular. Partiu deste mundo em 10 de dezembro de 1962, aos 76 anos de idade, deixando-nos um lindo e sólido legado de uma literatura viva, criativa e feminista.

ser utilizada covardemente como uma elevação moral impetrada pelas religiões contra as mulheres e a favor dos homens. A virgindade não é o fruto proibido, tampouco a pureza ou impureza da mulher, ela não é uma graça, uma bênção ou uma virtude, não é sinônimo de castidade, ingenuidade, inocência ou candura. A virgindade não representa o estado mais perfeito de uma mulher. A virgindade não expressa ausência de atividade ou prazer sexual. A virgindade não se perde, não se dá.

A virgindade é uma construção social. A virgindade retrata simplesmente o estado de uma pessoa que não teve uma experiência sexual na qual o hímen, membrana delicada que se localiza na entrada do canal vaginal, costuma ser rompido, resultando, na maioria das vezes, em um pequeno sangramento. Não custa nada lembrar que há mulheres que nascem sem essa membrana e que há aquelas que não sangram em sua primeira experiência sexual, há outras cujo hímen se rompeu por outras circunstâncias antes mesmo de um ato sexual com outra pessoa.

A virgindade não pode continuar sendo um parâmetro de submissão de uma mulher a um ato sexual decidido por quem quer que seja, além dela mesma. Somente a própria mulher é quem deve decidir quando e com quem terá sua primeira experiência sexual compartilhada. Se antes ou depois de firmar uma união estável, é uma escolha da mulher e de ninguém mais. Seu corpo lhe pertence, as decisões sobre ele também, tal como seu sexo, sua sexualidade, seu gozo, seus prazeres.

Me sinto linda como nenhuma outra!

Com alento de primavera

Sobre os lábios,

sobre os seios

mal escondidos

sob o manto.

Que beleza!

Que frescura tem meu corpo!

quando a aurora chega e me toma
seminua
sobre a grama!

(CALCAÑO, 1993, p. 100, tradução minha)¹¹⁴.

Em 2021 foram registrados 284 homicídios de mulheres venezuelanas, dos quais o maior percentual se qualifica como feminicídio (CECODAP, 2022). Iraima se pronuncia quanto a violência às mulheres e a importância de uma educação libertadora.

Desde minha chegada ao Brasil, ao ver nos noticiários as informações sobre violência sexual, pude perceber que é um problema mais profundo e complexo do que ainda conseguimos enxergar. Não compreendo como, ainda com a quantidade de informações a respeito, não é um tema de agenda que consiga transversalizar as ações da sociedade. Pergunto-me, como é por vezes justificado, como não conseguimos nos indignar, como se pode seguir amparando um Estado misógino. Não só no Brasil, mas no mundo todo, como é que não conseguimos acabar com problemas estruturais e estruturantes, com dívidas históricas, com círculos viciosos: racismos, exclusões, desigualdades econômicas, misoginia.... Também duvido das intenções dessas grandes mídias que transmitem essas informações, porque detrás das formas e métodos da comunicação, na realidade, não existe uma mensagem crítica que questione o pano de fundo dessa violência.

114 María José Francisca del Carmen Calcaño Ortega, mais conhecida como María Calcaño, nasceu na cidade de Maracaibo em de 1906. Foi entregue por seus pais ao casamento aos 14 anos de idade e antes de cumprir 27 anos, já era mãe de 6 filhos. Sua potência poética se encontra no erotismo subversivo como linha de enfrentamento ao moralismo de sua época, não abrindo mão da liberdade de se expressar, apesar das muitas dificuldades impostas pela tradição e cultura local. Sua obra envolvente evoca o desafio de ser mulher, de ser quem se é e do desejo como fonte de vida e prazer. Pioneira a romper com a poesia barroca em sua região, tornou-se a primeira mulher venezuelana a optar pelo erotismo como cerce de sua escrita, o que lhe trouxe difíceis percalços por sua literatura ser considerada um escândalo para seu tempo. O reconhecimento de seu talento demorou a chegar, mas sua obra ficou conhecida para além das fronteiras. Expirou em 23 de dezembro de 1956, aos 50 anos de idade, em razão de um câncer pulmonar.

No caso das mulheres refugiadas e migrantes penso que a vulnerabilidade é ainda maior por não contar com Estados com políticas migratórias inclusivas, nem com a consciência do resguardo do direito à vida da própria mulher. Adicionalmente, fora dos seus países de origem, as mulheres refugiadas e migrantes não contam com uma rede de apoio íntima/direta, amigas de confiança, familiares diretos, entre outros; e desconheço a atuação das ONG's na matéria.

A educação para as meninas contra o machismo cultural é de total importância. É preciso que se incentive uma ação abrangente, que desconstrua os estereótipos inoculados nas crianças por meio da televisão, da internet, e que está presente nos brinquedos e brincadeiras, nas derivações cristianismo, no lar e na escola.

Nas sociedades patriarcais, em nenhuma época, a existência, o viver, foram fáceis para uma mulher. O papel e a função da educação no combate à violência contra meninas e mulheres, são medulares. Uma educação não machista, uma educação des-patriarcalizada, uma educação libertária dos grilhões que acorrentam a integridade do ser quem se é, uma educação que têm como pedra fundamental as liberdades e as diferenças como valores humanos inegociáveis, deve ser a base, o sustento da constituição das sociedades contemporâneas. Re-visitando a história da literatura, re-visitando os livros sagrados, re-visitando a história da humanidade com criticidade, sensibilidade, escuta sensível e afetividade empática, é se disponibilizar para uma outra leitura possível, para uma re-leitura e interpretação contextual dinâmica que permita identificar os abusos e violências sexuais sofridas por incontáveis mulheres em prol do asseguramento da masculinidade do homem nos mais diversos contextos, sentidos e significados presentes no corpo social.

Suscintamente, podemos citar a história do rei Davi que manda que Betsabá¹¹⁵, esposa do guerreiro Urias, fosse-lhe trazida, pois a desejou quando a viu pela janela se banhando. Embora a atitude do rei seja criticada

115 Bíblia Sagrada (2009), história de Davi e Betsabá é narrada no segundo livro de Samuel capítulo 11.

por líderes religiosos, essa desaprovação costuma se estancar em sua conduta quanto a traição que ele faz ao soldado que o venera como monarca, uma vez que Davi envia Urias para a linha de frente da batalha com a intenção de que ele morra e não seja um obstáculo para seu romance proibido. Em outra ponta, as críticas também se atêm à questão do adultério de ambos, ato desaprovado por Deus e pela Lei de Moisés. No entanto, há outros elementos a serem destacados nesta história. Naquele tempo, quem ousava não atender o pedido de um rei, era passivo de encarceramento e/ou morte. Betsabá ousaria contrariar o chamado do rei? Davi se deita com ela, mas em nenhum momento é descrito que ela desejava ter uniões sexuais com o rei, o texto não deixa isso claro. De forma branda, sem uma leitura atenta, o fato se naturaliza como uma relação consensual entre o rei e a mulher que ele decidiu que queria possuir. É pertinente ponderar que o rei possa ter violado sexualmente aquela mulher.

Em defesa de Davi, sairão mil fiéis tentando, de uma forma ou outra, amenizar a situação e transferir a responsabilidade para Betsabá, isto, na realidade, não é o foco desta questão até porque jamais saberemos de fato o que aconteceu e, além do mais, o passado não é mutável. Mas, até os dias de hoje, não é exatamente isso que acontece com a menina, com a mulher que é abusada e violentada sexualmente? No final das contas, o machismo se apodera do julgamento dos acontecimentos e transfere sempre à vítima a culpa pelo abuso, quer por ser bonita, quer por seu corpo sensual, quer pelas roupas que vestia ou não vestia, quer por sua nudez, quer por estar naquele lugar e naquela hora, quer por seu “não” não ter sido o suficiente para ser respeitada. O macho sempre acaba por ser aliviado de suas violências quer seja em nome de deuses ou de seus pares sociais.

O contexto histórico do rei Davi não é um caso isolado, é uma constante do patriarcado e do machismo. Amnom, filho do rei Davi, apaixonou-se por Tamar, sua meia-irmã que era virgem. Sem saber como se aproximar dela, trocou ideia com seu amigo Jonadabe que sugeriu que ele fingisse estar doente e, quando seu pai o fosse visitar, pedisse permis-

são para que sua irmã lhe preparasse algo para comer. Amnom assim o fez e seu plano teve êxito.

Quando Tamar se aproximou para o servir, ele a agarrou e disse: “deite-se comigo, minha irmã”. Tamar suplicou: “Não, meu irmão! Não me faça essa violência. Não se faz uma coisa dessas em Israel! Não cometa essa loucura. O que seria de mim? Como eu poderia livrar-me da minha desonra? E o que seria de você? Você cairia em desgraça em Israel. Fale com o rei; ele deixará que eu me case com você”. Mas Amnom não quis ouvi-la e, sendo mais forte que ela, violentou-a. Logo depois Amnom sentiu uma forte aversão por ela, mais forte que a paixão que sentira. E lhe disse: “Levante-se e saia!” Mas ela lhe disse: “Não, meu irmão, mandar-me embora seria pior do que o mal que você já me fez”. Ele, porém, não quis ouvi-la e, chamando seu servo, disse-lhe: “Ponha esta mulher para fora daqui e tranque a porta”. Então o servo a pôs para fora e trancou a porta. Ela estava vestindo uma túnica longa^[a], pois esse era o tipo de roupa que as filhas virgens do rei usavam desde a puberdade. Tamar pôs cinza na cabeça, rasgou a túnica longa que estava usando e se pôs a caminho, com as mãos sobre a cabeça e chorando em alta voz (BÍBLIA SAGRADA, 2009, 2 Samuel 13: 1-19).

O contexto de desonra e de vergonha de uma mulher violentada era muito mais perturbador do que o próprio estupro em si. Isto porque a mulher e sua virgindade se encontravam como objeto de posse do homem, fosse ele seu pai, seu irmão, seu tio, seu noivo ou seu marido. A violência era do homem, mas a culpa e a materialização de toda impureza que o ato sexual ilícito representava, era da própria mulher. Já no livro de Juízes é narrado como os benjaminitas sequestraram 400 mulheres virgens para que forçadamente se casassem com eles:

“Israel perdeu uma parte de si mesmo”, diziam. “Perdemos toda uma tribo do nosso povo. E agora como vamos arranjar mulheres para os poucos que restaram, visto que jurámos, na presença do SENHOR, que não lhes daríamos as nossas filhas?”

E tornaram a refletir com respeito àquele juramento que tinham feito, de matar os que se tivessem recusado apresentar-se em Mizpá, acabando por constatar que ninguém de Jabes-Gileade viera. Mandaram então 12 000 dos seus melhores soldados para destruir o povo daquela localidade; mataram os homens todos, as mulheres casadas e ainda as crianças. Contudo, pouparam as virgens em idade de casar; destas, contaram-se 400, que foram trazidas ao campo de Silo (BÍBLIA SAGRADA, 2009, Juízes 21: 6-12).

O machismo estrutural pelo patriarcado está presente em nossos dias como está profundamente marcado nos textos concebidos como sagrados, independentemente da religião seguida. Quando os livros sacros são analisados unicamente pelo prisma espiritual, deixa-se de olhar com atenção os cenários sociais em que os eventos aconteceram. O feminino tem sido refletido pelas instituições religiosas como secundário, misterioso, arduo, duvidoso ao mesmo tempo que é deslocado para servir aos seus próprios interesses vinculados às questões de classe social, abraçando-se nos tentáculos do capital. Isso revela as conveniências para a manutenção do subjugado da mulher ao patriarcado. Como dispositivo de controle e poder, utiliza-se do que é pactuado como sagrado para legitimar o que está posto e desconsiderar que o tratamento dado às mulheres é, de fato, uma perversão machista. Em suma, bota-se nas costas dos deuses que essa é sua vontade para com as mulheres: a subserviência ao homem, enquanto para o homem é dada total liberdade para se apropriar e dominar tudo o que há na Terra.

A história de Ester¹¹⁶ cujo nome em hebraico é estrela, também diz respeito às barbáries cometidas às mulheres daquele tempo, não se resumindo em um plano divino extraordinariamente maravilhoso para os cristãos e judeus alimentarem suas ilusões quanto ao lugar de abnegação de uma “mulher de deus”. Após o extravagante rei Assuero, que estava bêba-

116 Há pelo menos três versões diferentes sobre a história de Ester, com adições de capítulos e informações que se distinguem: uma versão hebraica (texto Massorético), e duas versões gregas: versão LXX (septuaginta) e o Texto Alfa, sendo esta última a que mais se diferencia da história narrada nas outras duas versões (BUSTAMANTE, 2019). A história de Ester, a qual me refiro e cujo autor é desconhecido, encontra-se narrada no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada (2009), baseada na versão hebraica.

do, enfurecer-se contra a recusa da rainha Vasti em atender seu pedido de comparecer a um banquete e mostrar sua beleza (talvez, mostrar-se nua ou seminua) a todos os convidados (que também deveriam estar embriagados pelos muitos dias de festa), ela foi destituída da realeza e banida.

Fico imaginando o tamanho da dignidade e da audácia de Vasti, mulher de linhagem antiga e nobre da Pérsia, uma vez que seu comportamento seria uma afronta não apenas ao seu marido, mas a todos os homens e reis daquele tempo, uma vez que outras mulheres poderiam se inspirar em sua rebeldia. Vasti simboliza a luta da mulher por sua sobrevivência diante do absolutismo patriarcal e da hostilidade dos conflitos políticos e ideológicos.

Passado um tempo, o rei déspota decidiu, por sugestão de seus conselheiros, que teria outra esposa e, assim, para seu harém eram levadas moças virgens e belas que ficariam à sua disposição. Ester era mais uma dessas moças sem a opção de decidir seu próprio destino. Órfã de pai e mãe, criada por Mardoqueu, Ester também foi capturada e levada para o harém do rei e, por ter sido do agrado de Assuero, foi coroada rainha. No final, Ester se torna protagonista pela providência de Deus em relação a liberdade do povo hebreu e é reconhecida pela sua coragem, lealdade ao seu povo e confiança em Deus.

Contudo, o que chamo atenção, mais uma vez, é para a objetificação da mulher e servilismo ao patriarcado, ao culto ao machismo. De praxe, os religiosos celebram a humildade e a sabedoria de Ester como instrumento nas mãos de Deus para a salvação de seu povo, por outro lado, negligenciam uma análise contundente sobre o naturalismo da violência e abuso sexual contra as mulheres, tão escancarada nos textos sagrados.

É preciso compreender que aquelas jovens e belas mulheres virgens, provavelmente adolescentes, incluindo Ester, tinham como destino servir ao rei que se apossava de seus corpos e fazia deles sua fonte de prazer, elas consentindo ou não, não importando se tinham outros planos e sonhos para si mesmas. Ester não se voluntariou a se entregar ao rei, Ester foi levada à noite aos aposentos do rei e estuprada por ele, tal como todas as demais jovens que se tornaram suas escravas sexuais, sem status

de esposa, sendo proibidas de se casarem. Certamente, sabendo que não poderia fugir deste desígnio, usou de inteligência para saber quais eram as preferências e gostos do rei, ouvindo os conselhos que lhe dava Hegai, o eunuco que guardava as virgens, de modo a garantir ao máximo que pudesse ser escolhida como rainha, não sucumbindo ao lugar de mais uma concubina. Ester foi coroada rainha porque o rei se deleitou em a possuir após ter violentado todas as demais que a antecederam.

Dentre as versões diferentes da história de Ester, alguns estudiosos supõem que ela deveria ter cerca de 14 anos de idade quando ascendeu ao trono. Se fosse mais velha, provavelmente Mardoqueu teria se casado com ela ou arranjado algum homem que a desposasse. Como Assuero desfrutou de seu reinado por mais 14 anos, presume-se que Ester tenha morrido em torno dos seus 28 anos de idade, embora outras versões da história sugiram que ela tenha vivido ainda muitos anos.

Poderia escrever muitas e muitas linhas apontando a crueza e o menosprezo com as mulheres nos textos sagrados. Abraão¹¹⁷, por exemplo, admirado como pai da fé, mentiu que Sara era sua irmã, vendendo por um bom dote sua própria esposa como escrava sexual ao faraó do Egito em uma atitude covarde por medo de perder sua vida. Em outra oportunidade, repetiu sua estratégia e a vendeu, novamente, como objeto sexual, desta vez, a um homem chamado Abimeleque. Ainda no livro de Gênesis, Dina, filha de Jacó e Lia, foi estuprada por Siquém e, a ele, dada em casamento, uma história repleta de horrores e injustiças. Em outra passagem, Absalão¹¹⁸, revoltado com seu pai, Davi, estupra suas 10 concubinas como forma de evidenciar sua força militar. E o que comentar sobre a decisão de Esdras¹¹⁹ de expulsar todas as mulheres estrangeiras com seus filhos, casa-

117 Abraão vende sua esposa Sara. Bíblia Sagrada (2009), livro de Gênesis, capítulos 12 e 20. Estupro de Dina, Gênesis, capítulo 34.

118 Absalão estupra as concubinas de seu pai, Davi. Bíblia Sagrada (2009), livro de 2 Samuel, capítulos 15 e 16.

119 Expulsão das mulheres estrangeiras. Bíblia Sagrada (2009), livro de Esdras, capítulos 9 e 10.

das ou não, como forma de purificar o povo (homens, na verdade, porque as mulheres nem contavam como sendo gente) diante de Deus? E a cultura da objetificação e culpabilização da mulher prossegue no Novo Testamento quando os “homens da lei” trazem até Jesus uma mulher¹²⁰ a qual acusam de adultério e se alvoroçam na intenção de apedrejá-la invocando a lei para puni-la, enquanto buscam se safar de qualquer autoria de violação contra as mulheres. Jesus, de maneira ímpar, naquele tempo de ferocidade misógina, os constrange e salva a vida daquela mulher.

O descrito nas passagens bíblicas reforça o que acontece na vida das meninas e das mulheres desde sempre: como os jogos de poder e de dominação por parte dos homens se sustentam na exploração e violência sexual. É nítida a forma como eles, os homens, das diferentes classes sociais e em diferentes tempos históricos, apoiam-se na naturalização, manutenção e perpetuação da condição de subalternidade da mulher, e como, orgulhosamente, coisificam e violentam seus corpos, alma e espírito.

Talvez, mais lamentável do que isto, seja o fato de muitas mulheres, já com sua capacidade de pensar estando cristalizada e cativa da cultura machista, serem também esteio da culpabilização de outras mulheres, bem como tomarem lugar na conservação de tradições absolutamente machistas que transpassam a vida das meninas, futuras mulheres, por meio de uma educação aprisionadora, restritiva e aniquiladora do espírito livre da mulher emancipada. Essa ferocidade bestial não pode ser da vontade de um deus ou de deuses compassivos, mas, sim, de um implacável processo de des-humanização e selvageria que nossas civilizações têm nutrido ajoelhados na cultuação do patriarcado.

É preciso se des-patriarcalizar para compreender que jamais deveria ter sido considerado natural que meninas e mulheres fossem prometidas ou oferecidas como reserva de valor para o estabelecimento de alianças políticas entre reinados ou linhagens inimigas. Historicamente, não faltam acontecimentos desse porte registrados nos próprios livros sagrados e que,

120 Exposição e culpabilização da mulher apanhada em adultério. Bíblia Sagrada (2009), livro de João, capítulo 8: 1-11.

até hoje, são exaltados em instituições religiosas como algo aceitável e vinculados à graça divina, ou então, não são abordados e tratados severamente como atitudes deploravelmente machistas. Muitas vezes, com o propósito de não questionar o comportamento bestial e covarde de homens considerados como exemplos de fé, citados nos livros sagrados, pula-se o dever de análise sobre as violentas ações por eles exercidas e sobre a conveniência da manutenção das mesmas pelo patriarcado, por vezes, explicitamente, ou mesmo, nos modos mais velados de se perpetuar a mulher em um lugar de subalternidade ao homem e sua masculinidade, variando em sua gravidade de acordo com o desenvolvimento civilizatório e seu processo de (des)prendimento das raízes da cultura patriarcal.

Quando esta menina, esta mulher se revela, ela se torna um incômodo, uma indesejável em diversos espaços sociais, principalmente aqueles onde a tradição conservadora é predominante. Educar as meninas para que sejam protagonistas de suas próprias histórias é tão necessário e importante quanto educar os meninos para que não pautem suas vidas pelo machismo que atravessa nefastamente toda uma sociedade.

Neste sentido, tratar e difundir dados estatísticos sobre a violência sexual infantil, não é o bastante, é preciso nos afetarmos com as dores dessas crianças violentadas por um sistema podre de combate à exploração sexual. E Iraima arremata me afetando:

Eu tenho uma dor! É que ainda exista muitas crianças, meninas e meninos, sendo violentados sexualmente e isso atrelado às desigualdades e injustiças sociais, por vezes, sendo estas as próprias causas e consequências da violência. Meu sonho é a utopia, e ser capaz de derrubar meus próprios medos para nunca deixar de lutar por ela.

A conversa com Iraima foi longa, foi companheira, foi profunda. Passeamos por muitos temas, fomos empáticas conosco mesmas, inclusive, acerca dos impactos machistas na academia e da colonização de nossa pesquisa e escrita que, rapidamente, vai sendo moldada para o distancia-

mento de uma escrita afetiva, pois esta evidenciaria um des-método. A arte há de nos abraçar!

In-concluo olhando a noite pela janela do meu quarto. A lua está tão linda e tão solitária. Muitas de nós nos encontramos como a lua, mas, juntas, podemos nos tornar um caminho de estrelas que se apoiam e que ilumina as veredas de inúmeras outras em momentos de dor e escuridão.

Os cantos de pilão eram música de mulheres. Eram compostos por elas em seus silêncios de mães e viúvas, na demora de quem nada espera, porque nada tem.

Ayer yo te vi pasá rascándote la cabeza,
 io, io,
 le dije a mi compañera allá va esa sinvergüenza,
 io, io.
 No me llames sinvergüenza,
 io, io,
 porque yo soy muy honrá,
 io, io,
 y tú no tienes reparo pa' venirme a insultá,
 io, io.
 Puta tú y puta mai,
 io, io.
 Puta tu abuela y tu tía,
 io, io.
 Cómo no ibas a ser puta si eres de la mesma cría,
 io, io.
 La zoqueta se cree, io, io, que todo se lo merece,
 io, io,

y vive en un peazo e rancho que el viento se lo estremece,

io, io.

(BORGO, 2019, p. 115-116)¹²¹.

121 Karina Sainz Borgo nasceu em Caracas no ano de 1982. É jornalista e autora de livros. Vive na Espanha desde 2006. Em 2019 publicou o livro *La hija de la española* (traduzido para o português com o título de “Noite em Caracas”), sua primeira novela que narra a história de uma moça venezuelana que, após a morte de sua mãe, busca fugir de seu país que está em ruínas. A obra foi incluída pela *Time*, revista estadunidense, como um dos 100 livros mais notáveis de 2019.

O CUME DAS DORES



Quando comecei a sonhar com este livro, eu estava escrevendo as conclusões do anterior a este, “A Inclusão Menor e o Paradigma da Distorção” (ORRÚ, 2020). Isso foi em meados de março de 2019. Após revisão editorial, ele deveria ser lançado no primeiro trimestre de 2020. Então, veio a pandemia da Covid19, as atividades comerciais foram interrompidas pela quarentena, e o “paradigma da distorção” somente chegou ao público no início de 2021.

Eu não havia dado trégua a mim mesma, nenhum descanso. Estava em meio a problemas complexos com as instituições nas quais trabalho, que afetavam meu sono, minha saúde, minha vida familiar. Incluso, a nova realidade de enclausuramento pandêmico, também havia abatido em cheio a alegria de meu filho que sentia a falta dos colegas da escola. Eu vinha de um ritmo acelerado de escrivinhança, lançando um livro autoral, coletâneas e artigos em um espaço curto de tempo. Eu estava exausta!

Com o desejo pelo novo livro, veio também a decisão de entrevistar mulheres da América Latina, África e Ásia. Entrei em uma pulsação acelerada demais para o momento em que me encontrava. Desde criança, conhecer o Nepal, coração das gigantescas montanhas do Himalaia, também é um desejo. Após 3 meses em busca de alguma mulher nepalesa que falasse inglês e que estivesse disponível para conversar comigo, encontrei Bhima, em maio de 2020.

Narro este trecho de mim porque hoje é 07 de fevereiro de 2022, segunda-feira chuvosa aqui em Poços de Caldas, quase 2 anos após o encontro com Bhima. Aquele esgotamento por minha falta de limites com meu próprio corpo e com as demandas pessoais/profissionais que eu estava enfrentando, frearam-me bruscamente, como um carro em alta velocidade, e fui parada. Concluir a escrita desse novo desejo não se daria no tempo que eu havia planejado. A minh'alma já não passeava mais em

meus dedos. A fadiga se instalara de maneira ferrenha em meu ser. Dar um intervalo na maternagem ou tirar uma longa licença do trabalho, não eram opções possíveis. Só de pensar na labuta que teria para provar à perícia médica que eu não estava bem, já me deixava ainda mais estafada, uma vez que esse órgão serve aos interesses institucionais e estatais, e não ao acolhimento das demandas humanas.

A escrita me deixou e eu me sentia muito triste por isso. De cara, bati de frente com as palavras da Clarice¹²²: “Eu acho que, quando não escrevo estou morta. [...]. Bom, agora eu morri. Mas vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta. Estou falando do meu túmulo” (LISPECTOR, 1977).

Percebi que precisava me cuidar. Busquei apoio junto à Guardiã dos meus segredos. Aumentei o tempo de minha caminhada descalça na grama. Deixei o sol me acolher e me aquecer. Chorei um bocado abeirada aos troncos de sábias árvores. Resolvi cozinhar para mim mesma o que me dava prazer de comer. Assisti desenhos animados com meu filhote. Li, diariamente, poesias esculpidas por mulheres fascinantes. Experimentei o voo livre, dei-me asas para voar. Aos poucos fui me curando, encontrando em mim mesma uma nova cadência de escrita.

||

Bhim Maya Rai é do município de Illam, junto à bela Cordilheira de Mahabharata ao leste do Nepal, cerca de 600 km distante da capital Katmandu. Suas terras virgens e férteis se estendem até onde os olhos não podem alcançar. Na língua do povo Limbu, o termo Illam tece o sentido

122 Clarice Lispector foi uma escritora e jornalista brasileira nascida na Ucrânia. Criou romances, contos e ensaios extraordinários. É considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX e a maior escritora judia desde o autor Franz Kafka. Sua obra recebeu mais de 200 traduções para mais de 10 idiomas, um legado lindo e colossal, repleto e arte poética a partir dos acontecimentos comuns da vida cotidiana. A Estrela nasceu em 10 de dezembro de 1920 e nos deixou no dia 09 de dezembro de dezembro de 1977, às vésperas de completar 57 anos em decorrência de um câncer de ovário.

de uma estrada torcida e retrata a graciosidade da topografia deste lugar ímpar onde vários caminhos sinuosos se entrecruzam – como eu gostaria de caminhar por ali! A região se releva como a maior produtora de chá do país e encanta seus visitantes e peregrinos com suas paisagens naturais e elevações bem acima dos 1.500 metros ao longo do cume. Ali habitam pássaros raros e o panda vermelho, seres curiosos que atraem a atenção de vários pesquisadores. As belezas naturais e a riqueza cultural do Nepal acolhem milhares de viajantes em busca de aventuras por suas trilhas e montanhas, bem como à procura de encontros espirituais consigo mesmos. O país asiático privilegiado pela Mãe Natureza com florestas repletas de animais selvagens, abundância em rios, geleiras exuberantes e o Monte Everest com seus 8. 848,86 metros acima do nível do mar, também abriga inúmeros templos de adoração budista e, majoritariamente, hinduísta.

No topo do mundo, o Nepal é um sonho de consumo de milhares de excursionistas. Todavia, ocupa o 2º lugar de país mais pobre da Ásia e 41º no ranking planetário com PIB *per capita* de US\$ 718,00 (GFM, 2021). A ausência de uma política estável e justa para com a população, a falta de investimento para que o país produza e exporte seus produtos, a dependência da atividade agrícola, e a devastação em decorrência do terremoto de abril de 2015, colocam os nepaleses, povo gentil e sorridente, numa triste condição de miséria. As meninas e as mulheres, por sua vez, sofrem para além da extrema pobreza, a brutalidade de uma sociedade impregnada de um machismo que se alimenta da ignorância e do fanatismo religioso. Ouvir Bhima, é um modo de não me esquecer que a mais de 15 mil quilômetros de distância do Brasil, mulheres parecidas comigo, sonham, choram e lutam para que o amanhã seja mais promissor do que o hoje para suas filhas e filhos.

Tenho 40 anos de idade e sou da cidade de Illam. O idioma de meu povo é o nepalês, mas aprendi o inglês na universidade. Tal como 80% da população, minha família também vive da agricultura, temos um jardim de chá. Quando eu era criança, precisava ir para a escola a pé, ela ficava a uma hora de distância da minha casa. Depois nos mudamos para a cidade,

onde fiz o ensino secundário. Quando jovem, fui para Katmandu, fiz a graduação e, então, o mestrado em Serviço Social. Em 2014 fui para a Dinamarca e em 2016 vim para Portugal, hoje vivo em Lisboa com meu marido e tenho uma filha que vive com os avós no Nepal. No meu país eu trabalhava com saúde mental em um centro de saúde, mas aqui em Portugal, por causa do coronavírus, eu não estou trabalhando, tenho ficado em casa.

As mulheres são uma verdadeira fortaleza em meu país. Elas precisam trabalhar muito mais que os homens. O domínio masculino no país acentua fortemente o patriarcado de modo que nem dentro de sua própria casa a mulher tem liberdade de decisão, ela sempre precisa perguntar ao homem aquilo que pode ou não fazer. As mulheres nepalesas não são independentes dos homens economicamente, e isso é um fato em todos os setores da sociedade. Sempre é preciso consultar o homem para se ter autorização para fazer qualquer tipo de trabalho. Mesmo embora tenhamos algumas pessoas que tiveram acesso à educação no país, ainda assim as mulheres necessitam seguir as decisões dos homens porque essa é a prática cultural que está presente em nossa sociedade e na tradição advinda da própria religião, pois tal como na Índia, no Nepal a religião predominante é o hinduísmo.

Então, as mulheres têm muitos desafios e não há qualquer mínima relação de igualdade entre homens e mulheres, e esta relação altamente patriarcal acontece em todos os espaços, inclusive nas escolas. Há uma grande diferença entre a escola mantida pelo governo e a escola privada. Na escola particular os alunos estudam inglês e têm mais opções. Na escola pública não há outras opções de aprendizagem. Pela falta de educação e pela cultura patriarcal, as mulheres sempre se encontram suprimidas pelos homens, elas não têm poder de decisão, não têm liberdade e independência. Mesmo se tiverem uma formação com educação superior, ainda assim, as mulheres são assujeitadas aos homens. O que a mulher tem no Nepal é apenas a atividade doméstica, e é isso que a maioria das mulheres faz, elas cuidam de suas famílias, da comida de seus filhos. E ainda, nós, mulheres do Nepal, não podemos sair à noite, não temos esse direito e a liberdade de sair à noite. Os homens podem sair a qualquer hora que quiserem e para

qualquer lugar. Mas as mulheres não podem ir sequer a frente de sua casa, nem de dia, nem de noite. Por que eles podem a qualquer lugar e nós não temos nenhuma escolha? Antes do casamento as mulheres até têm alguma possibilidade escolha, mas depois do casamento, não há mais nenhuma liberdade, são inúmeros os desafios depois do matrimônio.

No Nepal, 68% das pessoas maiores de 15 anos de idade estão alfabetizadas. Destes, 79% são homens e 60% são mulheres e como cerca de 25% da população vive com menos de US\$ 1,25 por dia, a educação se torna artigo de luxo. No país, mais de 1 milhão de crianças precisam trabalhar para ajudar suas famílias. Como consequência da pobreza e do machismo, as famílias com alguma condição financeira preferem investir seu dinheiro na educação dos meninos, restando às meninas um destino raso e sem muitas alternativas, fadadas ao casamento e às tarefas domésticas. A grande maioria das mulheres vive na informalidade e ganham cerca de 30% a menos do que os homens, pouco mais de 19% têm suas próprias casas (UNESCO, 2021; OHCHR, 2021). As meninas e as mulheres das zonas rurais são as que mais sofrem.

Tragicamente, mais de 70% das meninas abandonam a escola por volta dos 16 anos, sendo que 2 em cada 5 adolescentes são forçadas a se casarem por volta dos 14 anos, 37% se casam até os 18 anos. Antes dos 20 anos de idade, muitas adolescentes já são mães de 3 filhos, mesmo sem terem condições físicas e emocionais para tamanha responsabilidade, diversas perdem a vida por complicações que se tornam fatais no parto ou em sua saúde reprodutiva. Grande parte delas está envolvida em trabalho físico pesado, com pouco ou nenhum descanso na gravidez ou durante o pós-parto, de maneira que essa violência sobre-humana atravessa seus corpos e o prolapso uterino chega a afetar muitas das jovens mulheres com menos de 30 anos de idade, sendo que nos países desenvolvidos, a ocorrência costuma se dar após a menopausa. No país, 1 em cada 10 mulheres (cerca de 1 milhão) sofre com as consequências do prolapso uterino, cerca de 20% recebe tratamento gratuito do governo, no entanto, por não poderem descansar e mudar seu estilo de vida, inúmeras permanecem em grande sofrimento (SINGH, R. et al., 2021).

Essas mulheres vivenciam um cotidiano difícil, precisam caminhar por longas horas em terrenos íngremes, enquanto carregam nas costas as pesadas cargas de água e vegetais. Esse peso transportado, somado às repercussões próprias de um casamento precoce, às diversas gravidezes mal acolhidas e cuidadas, aos partos pouco espaçados ainda na adolescência e início da juventude, afetam a musculatura do assoalho pélvico da mulher que se enfraquece, de maneira que o útero se põe a deslizar de seu lugar e descer pela vagina. Em casos graves em que nenhuma intervenção médica é realizada, o útero acaba por se projetar para a fora do canal vaginal. Em razão do constrangimento que vivem, a maioria dessas mulheres oculta suas dores, sangramentos e a violência doméstica que sofrem, entre suas falas, esta síntese me doeu profundamente: perderam a esperança na vida e esconderam seus problemas dentro de si mesmas.

NOS BRAÇOS DA MORTE (MRITYUKA ANGALAMA)

À meia-noite o luar entra por uma janela,
derrete-se por toda a colcha da minha cama;

Já estou envolta em minha mortalha,
minha cama é meu túmulo.

Algo dentro de mim está tentando desaparecer,
alguém dentro de mim está tentando sair,
mas estes não são meus restos mortais,
noite após noite estou vivendo e morrendo;
coloquei meu próprio cadáver diante de mim.

Eu deito de costas e choro,
Eu lamento no meu próprio rito fúnebre,
Eu sou meu próprio fantasma imortal,
Eu perambulei por meio cemitério,

cada noite eu volto da viagem sem sentido,
pés encharcados por águas estíguas¹²³.

Mas a morte não fala assim
nas páginas dos Upanishads¹²⁴,
lá, a Morte é uma mãe bem-vinda
para uma criança que volta do jogo.

O fim não é intervalo,
deixe-me deixá-lo de uma vez por todas,
Eu vou jogar por muito tempo antes de voltar,
Estarei tão cansada quando colocar minha carga no chão,
venha, não consideremos este mundo
tão sombriamente, apenas por um momento.

Eu aguentei esta vida em silêncio,
sofrendo como um animal mudo.

Quão ansiosa esta flor está para cair,
como deseja abreviar o dia de inverno,
passar uma noite meio inconsciente.

A morte regressa, derrotada,
das mãos da Vida—
infelizmente, o Homem não morre.

Estamos no século XX,
A morte não é fácil ou difícil,

123 Estige, o Rio dos Infernos na mitologia grega.

124 Em síntese, os Upanishads derivam do mais antigo texto hindu, os Vedas, que constituem a base de toda a filosofia do hinduísmo. Eles reúnem importantes ensinamentos considerados como essência do pensamento hindu. É uma das literaturas mais importantes da história das religiões e da cultura indiana, registrando uma vasta variedade de rituais, encarnações e conhecimentos esotéricos.

e por isso meus olhos estão ansiosos
para abrir na luz pálida da manhã,
para rastejar através do dia apático da vida,
um dia onde nenhuma esperança tem seu lar.

A nova era se perde em seu caminho.
O tempo vem, mas torna todas as novidades um vazio
antes que possa alcançar minha porta,
então o Tempo passa por mim como antes,
entristece todos os que estão felizes,
anima todos os que estão tristes,
mas a minha indiferença é um ponto final
aos desejos da vida:
atinge todas as mudanças idiotas.

É engraçado:
como se regidos por regras regulares,
lagartos continuam a correr para lá e para cá
com regimentos de formigas
nas quatro paredes desse quarto;
cada tábuia do chão está se perguntando por quê
esse fardo sobre ele nunca se levanta ou vai,
vive, mas não tem vida,
mal se move;
esta irritação deve ser jogada fora.

Um caracol pode se alimentar sem atingir seu objetivo,
mas eu não posso;
então quando eu me for,

não pense que algo grande está perdido:
o calor do pequeno espaço que preenchi
simplesmente esfriará à medida que eu esfriar.

Uma parte do meu cobertor, a ponta da minha colcha,
saberá que uma existência leve,
que uma impotência viva, fugiram.
Vou chegar ao meu fim antes de morrer,
tantos morreram, mas não se acabaram,
mas não desejo nenhuma preservação.
Embora o Himal¹²⁵ nunca derreta em Gangotri¹²⁶,
e nunca deixa de existir,
devo morrer, e ver-me acabada.

Que reivindicação posso fazer para ser humana?
Um punhado de carne exausta,
um pequeno punhado de ossos cansados:
isso é tudo, e daí?

(PARIJAT, 1991, p. 117-119, tradução minha)¹²⁷.

125 Mardi Himal é um pico de 5.587 metros na região de Annapurna, no Nepal.

126 Gangotri é a fonte do sagrado rio Ganges (Ganga) nas montanhas do Himalaia na Índia.

127 Bishnu Kumari Waiba, pseudônimo, Parijat, nasceu em 1937 na estação montanhosa de Darjeeling, na Índia, um lugar conhecido por seus jardins de chá. Foi uma grande escritora feminista existencialista. Ela foi a primeira mulher a ecoar as vozes das mulheres nepalesas para além do Himalaia. Foi profundamente afetada pela literatura nepalesa durante sua infância, pois Darjeeling era o mais importante centro da língua, cultura e literatura nepalesa. Sua dedicação e acevo foram extremamente significativos para o fortalecimento da literatura nepalesa. Escreveu muitos poemas, contos e romances. Seu romance “*Siris ko Phool*” (a Mimosa Azul) se tornou uma obra-prima da literatura nepalesa. Parijat recebeu diversos prêmios de literatura. Desde cedo, teve que lidar com doenças físicas, sofrendo com uma paralisia aos 26 anos que a deixaria dependente dos cuidados de sua irmã por grande parte de sua vida. Embora se mostrasse frágil em seu corpo, notável era sua força

O casamento precoce e todas as suas úlceras é o infortúnio gerado pela pobreza e pela ignorância, pela falta de acesso pleno à educação. Como consequência da marginalização e extrema desigualdade social, 30% das meninas estão vulneráveis à exploração do trabalho infantil e vivem o risco diário de serem absorvidas pelo tráfico de pessoas para trabalho escravo e mercado do sexo (LSF, 2020). E neste bojo, ainda há povos do Nepal que perpetuam a cultura da discriminação social baseada em casta e etnia, apartando de modo abissal aquelas pessoas consideradas como intocáveis (*dalits*) de qualquer forma de vida humana digna.

Diante desse contexto de maus-tratos às mulheres, pedi a Bhima que me falasse sobre a violência doméstica em seu país.

As mulheres nepalesas sofrem muito com a violência doméstica. Nas áreas mais remotas do país, a violência é muito maior porque se soma aos problemas com alcoolismo. Temos a cultura de fazermos bebidas alcohólicas em casa, isto faz parte de rituais religiosos e da tradição de alguns povos. Muitas mulheres e crianças sofrem violência doméstica com o abuso de álcool em vários povoados, há lugares que em quase todas as famílias há um homem alcoólatra em casa.

Além da violência doméstica, no Nepal, muitas mulheres, casadas ou não, também são vítimas de tráfico humano. Elas são sequestradas e vendidas dentro do próprio país como para a Índia. A mulher nepalesa também sofre todas as formas de violência de gênero, muitas vezes, quando se sabe que a gestante terá uma menina, o aborto é realizado logo nos três primeiros meses. Dentre tantos problemas complexos, o Nepal também abriga inúmeros refugiados e muitas mulheres sofrem nesta condição. A falta de educação também é uma das causas para que as mulheres sofram com vários problemas relacionados à saúde reprodutiva.

interior. Permaneceu solteira e se dedicou totalmente ao fortalecimento da literatura nepalesa com temas que destacavam as muitas injustiças sociais sofridas pelas mulheres, mas também composições sobre o amor e a sociedade. Parijat nos deixou em 1993, aos 56 anos de idade.

No Nepal a problemática sobre o tráfico humano é seríssima e desenha um sinuoso caminho de dor, traumas e destruição de uma juventude perdida para o mercado do sexo e trabalho escravo. A fronteira entre o Nepal e a Índia é conhecida como uma das mais movimentadas do planeta para o tráfico humano. Em razão da crise econômica e do crescimento da pobreza após o terremoto de 2015, milhares de nepaleses foram traficados, a maioria, desaparece para sempre.

Desesperadas pela falta de suprimentos básicos e moradia, muitas crianças, adolescentes e jovens mulheres se esperançam nas ofertas de um trabalho remunerado na Índia ou em países do Golfo (como a Arábia Saudita e Emirados Árabes, por exemplo) para serem empregadas domésticas ou babás, mas enganadas, acabam vendidas para serem estupradas e prostituídas em bordéis pelo mundo afora. Outras meninas e mulheres, simplesmente são capturadas e aprisionadas para serem traficadas para o mercado do sexo na Índia, outras nepalesas e nepaleses simplesmente são traficados para a extração ilegal de órgãos humanos.

Estatísticas apontam que cerca de 12 mil crianças são traficadas anualmente para a Índia por vizinhos, familiares e estranhos para a exploração sexual, trabalho forçado e tráfico de órgãos. Mas o perigo não se encontra apenas para lá da fronteira vizinha, muitas meninas e mulheres são arrancadas de seus povoados ou ludibriadas para trabalharem com remuneração em bares, restaurantes e casas de massagem na capital Katmandu, lugares estes que funcionam de fachadas para bordéis clandestinos. Outras são aprisionadas em casas de famílias onde são exploradas com trabalho forçado e estupradas, diariamente, pelos homens da família e seus convidados durante suas festas. O tráfico de pessoas é um negócio rentável que move cerca de US\$ 150 bilhões por ano em todo o planeta. As meninas e mulheres representam 71% desse tipo de escravidão moderna, cerca de 54 delas são traficadas para a Índia diariamente (MOURA, 2020). Um comércio horrendo e muito difícil de ser extinto, uma vez que é movimentado por máfias poderosas, mantido e acobertado por políticos e empresários riquíssimos, consumido por homens de todas as

classes sociais em todos os continentes da Terra. Felizmente, há no país ONGs que se dedicam a um trabalho de prevenção e, quando possível, resgate de pessoas que caíram nas garras do tráfico. Muitas dessas mulheres libertadas, tornaram-se líderes no combate ao tráfico de pessoas e no apoio aos sobreviventes.

Por alguns minutos fechei meus olhos. Em pensamento me reporte até aquelas serras clivosas tão distantes de mim. Intentei de leve me projetar naquela condição de menosprezo, de solidão, de miséria, de fome, de sedenta, de exausta, de doente, de iletrada, de abusada, de estuprada, de sequestrada, de traficada, de vendida, de espancada, de escravizada, de des-amparada, de esquecida, de invisibilizada e des-esperançada. Na realidade, descobri que nem de leve posso tentar imaginar como aquelas meninas e mulheres se sentem. O cume das dores das nepalesas, é inalcançável. Colho as palavras de Banira Giri¹²⁸ e as ofereço a você.

MULHER (AIMAI)

Despida, irrestrita,
indubitável, sem hesitação,
uma mulher está na encruzilhada
em sua pura forma primordial.

Uma multidão de homens cegos está ansiosa
para descobrir a natureza da mulher.

128 Banira Giri nasceu em 11 de abril de 1946 em Kurseong, uma cidade do estado indiano na Bengala Ocidental. Considerada uma aclamada poetiza nepalesa, tornou-se a primeira a realizar um doutorado na Universidade de Tribhuvan em Katmandu, Nepal. Foi a primeira mulher a receber o Prêmio Sajha de Literatura por sua obra de ficção poética “Shabdatit Shantanu”. Ela é uma das poucas mulheres nepalesas a se consolidar como escritora para além das fronteiras de seu país. Sua obra é singular, forte, profunda, vasculhadora das dores humanas, e um espelho da cultura e da sociedade patriarcal em que vivia. Após testar positivo para COVID19, em 24 de maio de 2021, aos 75 anos de idade, Banira sofreu uma parada cardíaca e faleceu em Katmandu.

O primeiro acaricia seus cabelos lisos e soltos
e murmura: “A mulher é uma cachoeira, ela é o Ganga¹²⁹,
fluindo para baixo da cabeça de Shiva”¹³⁰.

Um segundo sente seu braço, seus dedos,
e alegremente declara:
“A mulher é a flor de lótus da mão de Saraswati”¹³¹.

Um terceiro agarra sua coxa bem torneada e tagarela:
“A mulher é o bambu macio do pavilhão matrimonial.”

Um quarto sente seus lábios,
que cantarolam a doce canção da Criação:
“A mulher é uma framboesa madura”.

Um quinto acaricia seus seios,
dádiva imortal da maternidade:
“Mulher é um pote cheio de presentes de Lakshmi¹³²”.

129 Ganga, tal como é chamado na Índia, é um rio que corre as fronteiras da Ásia atravessando o país citado e Bangladesh, onde é chamado de Padma. Vários de seus afluentes nascidos no Himalaia, aligeiram-se à margem esquerda do Nepal. Em inglês é conhecido como o Rio Ganges.

130 Shiva (Xiva ou Mahadeva) é um dos deuses supremos do hinduísmo, conhecido como “o destruidor ou transformador” da energia vital. Também significa o “benevolente, o amável”, aquele que faz o bem.

131 Sarasvati é a esposa de Brahma. Ela é a deusa hindu da sabedoria, do conhecimento, das artes, da fala, do aprendizado. Protetora dos artesãos, pintores, músicos, atores, escritores e artistas em geral. Protetora dos que buscam conhecimento. É representada com quatro braços que seguram um livro, um rosário, um pote de água e um instrumento musical chamado Veena. Cada um desses itens tem significado simbólico no hinduísmo.

132 Lakshmi é uma deusa hindu considerada a personificação da riqueza e da fortuna. Está associada a riqueza material, à beleza, à abundância e à generosidade, além da sorte, saúde, riqueza mental, fertilidade e riqueza interior.

O sexto descobre o semi-segredo
do inacessível lugar da Criação,
ele dá um pulo e grita:

“Mulher é apenas um buraco desprezível!”

Seus olhos ficam molhados na revelação do homem cego.

Um sétimo sente seus olhos cheios de lágrimas:

“Seus tolos malvados! Mulher não é apenas um buraco!

Ela também é Gosainkunda¹³³,

Ela também é Manasarovar¹³⁴!”

(GIRI, 1991, p. 139-140, tradução minha).

Bhima, então, conclui:

A educação é um recurso muito importante e que poderia mudar a vida de muitas nepalesas. O próprio casamento infantil é uma questão de falta de acesso à educação e combate à ignorância. Eu me vejo como privilegiada e grata porque na minha casa não houve discriminação por gênero. Eu pude estudar e, mesmo tendo me casado logo após o secundário, eu tive a oportunidade e o apoio de ir para a universidade. Isso não acontece com a maioria das mulheres no Nepal, elas são restritas a se casarem e, muitas vezes, ainda bem jovens, já têm 5 filhos. Morando em lugares mais remotos, elas não têm acesso à escola e precisam viver da agricultura. Meu país tem uma diversidade muito grande de grupos étnicos, cada qual com diferentes culturas, línguas, costumes e religiões. Embora as mulheres sofram com a violência de gênero, entre as diferentes religiões não há brigas, budistas e hindus se toleram bem. Eu mesma sou casada com meu marido que tem

133 Gosaikunda é um lago alpino de água doce do Parque Nacional Langtang no Nepal, localizado a uma altitude de 4.380 metros (14.370 pés), no distrito de Rasuwa, com uma superfície de 34 acres.

134 Manasarovar é um lago de água doce da região do Tibete, parte norte do Himalaia. É considerado como um lugar sagrado pelo Tibete e pela Índia.

uma religião e costumes diferentes e vivemos bem com isso. Aqui em Portugal eu também tenho a possibilidade de conhecer cultura, costumes e religiões diferentes, aqui a maioria segue o cristianismo, no Nepal nós não vivemos essa religião, temos nossa própria cultura, tradições e crenças. Meu sonho neste momento é continuar estudando, talvez fazer um doutorado aqui ou em outro país da Europa. Não sei como será o amanhã, mas nesse momento estou pensando nisso.

Sem devaneios, a educação é fundamentalmente importante para a organização de uma outra sociedade possível às nepalesas. A educação é a chave que abre muitas portas de passagem para a libertação de incivildades, obscurantismos, negacionismos e aprisionamentos de toda espécie. A educação é uma oportunidade de partida do lugar de subalternidade patriarcal e da pobreza extrema. Encanto-me e me comovo com o poema de Deepa Nepali, escrito quando ela era ainda uma adolescente. Nele ela denuncia a tradição do Chhaupadi em que meninas e mulheres, desde seu primeiro ciclo menstrual, são exiladas de suas famílias, mensalmente, por um período de 5 a 7 dias em uma pequena cabana abandonada e sem janelas. O rito se perpetua por superstições fundadas em crenças religiosas em que se acredita que a mulher se torna impura no período menstrual e, por isso, é proibida de realizar suas atividades diárias. Se houver a quebra do costume, os deuses hindus poderiam se irritar e amaldiçoar a família.

Neste exílio, meninas e mulheres experimentam o frio, o medo de serem violentadas, a fome, o desconforto, o abandono e a humilhação. Elas não têm permissão, sequer, para olhar em direção de suas próprias casas ou conversar com qualquer pessoa, principalmente, com os homens. Costumam ser proibidas de comerem frutas consideradas sagradas ou mesmo de tocarem em uma árvore, pois esta seria maldita e apodreceria. Igualmente, não podem tomar leite, uma vez que a vaca simboliza uma deusa. Não devem tocar em uma fonte de água ou em outro ser humano, tampouco, podem cozinhar. Somente ao término do período, após se purificarem, é que estão autorizadas a voltar para suas casas.

Por conta deste tabu, milhares de meninas do Nepal e de outros povos, acabam abandonando a escola, uma vez que devem se ausentar da escola enquanto estiverem menstruadas, isto sem falar no incômodo da grande maioria não ter acesso à compra de absorventes higiênicos e fazerem uso de panos, muitas vezes, sujos. Aliás, como o período menstrual é concebido como sendo sujo, há o entendimento que é um desperdício de dinheiro comprar absorventes ou, mesmo, panos limpos que serão descartados. Por estigma e vergonha, as mulheres também são constrangidas a lavar e secar o pano em local escondido, o que acaba ocorrendo em condições insalubres e que as expõem ao risco iminente de infecções vaginais, uterinas e graves problemas relacionados à saúde reprodutiva.

Há que se compreender que em nossa cultura ocidental, o período menstrual também é abordado (mesmo que de modo subliminar), principalmente pela mídia, como sendo desconfortante, constrangedor e sujo, por isso o alto marketing, por exemplo, à compra de absorventes com perfume refrescante. Todavia, este período é uma ocorrência natural no corpo da mulher, ele não é algo sujo, impuro, pecaminoso ou decorrente de uma maldição. Aqui, mais uma vez, a educação se apresenta como alicerce para a disseminação do conhecimento e eliminação da ignorância que violenta meninas e mulheres por um fenômeno natural que é cíclico, não se configurando como motivo para vergonha, discriminação, marginalização, segregação, exílio e sofrimentos intensos – menstruar é natural, oferecer absorventes higiênicos a todas as meninas e mulheres sem condições econômicas de os comprar, é um dever governamental para a promoção de políticas públicas para a proteção da saúde da mulher.

ELA É A PRIMEIRA

Eu sou uma garota.

Uma garota no Nepal, nas belas montanhas.

O sol está no horizonte.

Estou envelhecendo e com o passar do tempo
começo a sentir que o mundo está contra mim.

Eu sou uma garota na beira de um rio quebrando pedras.
De manhã até o anoitecer, lavando pratos e roupas.
Trabalhando, ganhando na casa de outra pessoa,
no campo, num hotel da cidade.
Dormindo entre os grandes prédios,
debaixo de um pedaço de plástico, ou numa casa de barro.
De alguma forma, sinto que estou falhando.

Eu sou uma garota.
Começo a sonhar.
Eu quero ser médica, engenheira, piloto, professora.
Disseram-me que sou uma garota que não pode ter educação,
conhecimento e oportunidades.
Vou ter que me casar e ir para a casa do meu marido.
Gastar com minha educação seria um desperdício de dinheiro.
Então eu trabalho,
na cozinha e nos campos
como todas as mulheres que vieram antes de mim.

Eu sou uma garota.
Durmo no estábulo, lá fora no chão,

no frio, num monte de feno com os animais.
Eu não posso tocar em nada
ou fazer certas coisas por 5 dias do mês,
porque estou sofrendo de algo que não posso controlar
quando estou menstruada.

Eu sou uma menina,
transformando-se em uma jovem mulher.

Tenho sentimentos que nunca tive antes.
Todo mundo diz que é hora de eu me casar.
Existem regras de acordo com minha casta,
minha idade, minha família, minha riqueza.

Mas, e eu?

Por que ninguém me perguntou se eu estava pronta?

Eu me sinto muito jovem.

Eu não me sinto madura.

Isso é para a sociedade decidir?

Eu cavo meus sentimentos
profundamente nas profundezas do meu coração.

Querida mãe, não consigo respirar,
nesta tradição em algum lugar entre ricos e pobres,
em algum lugar entre castas superiores e inferiores,
em algum lugar entre discriminação,

sou eu,

uma garota.

Deixe tudo isso passar.

Vamos trazer uma mudança
e fazer deste um novo Nepal, um novo mundo.

Vamos fazer de nossos fracassos
o início do caminho para o sucesso.

Eu sou uma garota
e não posso reprimir meus sentimentos.

Eu não vou estragar minha vida.

Não vou ignorar minhas oportunidades
esperando à minha frente como um novo dia.

Eu vou derrotar isso.

O sol está no horizonte e estou sonhando,
mas estou acordada.

Eu sou uma garota, mas não sou um fracasso.

Não mais.

Eu sou uma garota
e sou melhor do que você pensa,
mais forte do que pareço,
mais inteligente do que você imagina,
mais corajosa do que demonstro
e mais forte do que você acredita.

Eu sou uma garota.

Eu serei a primeira para ir à escola,
para ter educação, para ter chances,
para amar e expressar meu amor.

A terra não será destruída
por eu tomar minhas próprias decisões.

Posso ser como Miss Maggie Doyme,
ou Florence Nightingale,
ou Madre Teresa ou Ghandi
ou o que eu quiser.

Não vou tropeçar.

Vou sacudir o mundo pelos cantos
e iluminar o céu com minha risada.

E em vez de quebrar rochas,
vou balançar o mundo.

Lavarei velhas tradições
enquanto lavo pratos e roupas,
e quando plantar nos campos,
plantarei um novo futuro,
um novo caminho.
Um de igualdade.
Eu serei a primeira.

O sol está no horizonte
e o dia chegou.
Acordei percebendo que o mundo estava atrás de mim.
Lutando por mim.
Torcendo por mim.
Configurado para eu prosperar e ter sucesso.
Este é um lugar onde deixarei minha marca.
E quando eu tiver feito tudo o que precisava fazer,
eles dirão:
Ela foi a primeira.
(NEPALI, 2016, tradução minha).

Despeço-me de Bhima cheia de gratidão!

Olhando da janela para as montanhas a minha frente, coroadas por densas e lindas nuvens do ocaso de mais um dia que termina, penso naquelas meninas e mulheres nepalesas que caminham com tanta coragem pelos desfiladeiros e vilarejos do topo da Terra. No meu coração, o desejo enorme que o país se estabilize econômica e politicamente, que construam muitas escolas públicas com educação gratuita pelos povoados e dezenas de poços que levem água àquelas mulheres, para que não mais precisem carregar em suas costas tamanho fardo até suas casas.

SER MULHER É LUTAR!



Na segunda semana de fevereiro deste ano de 2022, não me contive em uma aula junto aos alunos da graduação. Estávamos falando sobre os desdobramentos nefastos das colonizações movidas pela ganância e pelo poder dos países colonizadores. Um aluno pediu a palavra e deu empolgação ao seu discurso raso e oligárquico que a colonização pelos portugueses foi mais comedida e o desenvolvimento socioeconômico e tecnológico dos povos colonizados é devido aos colonizadores. Comparou a colonização espanhola com a portuguesa e defendeu a asserção de que a comandada por Portugal foi mais branda, como se horrores pudessem ser comensuráveis. Esse tipo de comparação é legitimadora da barricada do mal menor. É aquele indulto ao que se mostra menos mal em cotejo com pior. É o modo mais cru de se manter e perpetuar crimes hediondos e injustiças sociais contra os menos favorecidos, é o encosto das impunidades. Em sua arrogância coberta de tolice, respaldou o capitalismo como o único sistema que trouxe a paz global em que vivemos hoje. De que paz será que o moço está falando?

Atrás do jovem orador conservantista, outros pegaram carona e advogaram a favor do ressalvo a migrantes e refugiados, pois acreditam que estes atrapalham a economia dos países mais ricos que, meritocraticamente, conquistaram o pódio das grandes potências mundiais. Nenhum desses alunos era rico. Acostumados com as recentes políticas públicas das últimas 2 décadas, favorecedoras de algum direito aos não abastados, parecem não se dar conta de que há pouco tempo, improvavelmente, estariam estudando em uma universidade pública brasileira. Fatalistas, emocional e materialmente dependentes do opressor, filhos da cultura do silêncio contra quem os massacra, admiradores da força de seus dominadores e sonhadores em ocupar, um dia, o lugar do prepotente, aqueles estudantes não possuíam a lucidez do oprimido consciente de qual é a sua luta e quem são

seus companheiros de subversão. Eles são a continuidade da colonização secular que ainda se sustém entre nós e em nós.

Parece-me também que erramos, nós, mães e pais, professores da educação básica e do ensino superior. Suspeito que não soubemos educar as crianças e os jovens para que jamais desejassem defender governos e políticas ruinosas aos menos favorecidos. Pecamos contra o povo em nos distrair com o cochilo dos governos totalitários no país. A pedagogia domesticadora se sobreveleu à educação libertadora no cotidiano escolar e acadêmico. Não abraçamos a *Nuestra America*. Perduramos o apaixonamento imitador do poderoso senhor da Casa Grande. Paulo Freire disse: “Ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujas formas e contornos não discerne” (1979, p. 22).

São muitas as correntes teóricas e são inúmeras as diferenças histórico-culturais de cada território ocupado e colonizado. As discussões são inesgotantes em razão da grande complexidade temática. Por essas páginas, apenas pincelo algumas questões que fazem parte do violento embate contra os direitos das mulheres de povos colonizados.

O colonialismo foi um acontecimento originado pela expansão europeia cuja a exploração exerceu dominação política, cultural e religiosa sobre vários povos em seus territórios. O domínio e controle dos povos ocorria à força, tanto relacionada à política como à violência enquanto *modus operandi* brutal de exploração de suas riquezas naturais, de seus próprios bens, de sua mão de obra e de seus corpos. O colonizador, correspondente da civilização europeia, impunha aos colonizados os seus princípios e suas convicções estribadas na primazia dos brancos, da fé cristã e do patriarcado como estrutura de poder social centrada no homem. Conseqüentemente, os colonizados eram concebidos e tratados como espécie inferior, reféns dos mandamentos do império (BONNICI, 2005).

Os processos de colonização derivados do expansionismo territorial sublinhado pelas navegações e conhecimento da existência de outros continentes, engendraram-se das formas mais cruéis de opressão para dominação de países sobre outros povos em uma relação de subjugo e supe-

rioridade. A partir do estabelecimento colonial, esse processo se ampliou na dominação e supremacia das metrópoles sobre as colônias de maneira que os colonizadores ocuparam e controlaram todo o movimento da colônia, assenhorando-se ferozmente da mão de obra e da matéria prima, explorando e amontando riquezas para o enriquecimento dos países colonizadores, ou seja, dos europeus. Assim, às colônias foi imposto um modelo de sobrevivência frisado pela dominação e exploração, de modo que suas culturas, tradições, suas crenças, suas comidas, sua medicina, seus saberes e fazeres foram abocanhados e desprezados pelo colonizador que introduziu e deliberou por sua própria cultura em sobreposição à cultura local.

O colonialismo escancarou as portas para o estabelecimento do projeto de expansão capitalista que se originou no continente europeu e assinalou a gênese da Modernidade que, por sua vez, está marcada por processos abruptos de dominação, poder, controle, marginalização e segregação de classes sociais, de indivíduos, povos e nações. Aqui, a lógica binária da exclusão e inclusão se materializa e arrasta consigo milhares de pessoas à pobreza, à escravidão, à separação, e uma outra parte, ao enriquecimento e acúmulo de capital pelo controle, exploração e domínio dos que se encontram em profundas e abissais desvantagens econômicas e sociais. Tal lógica também se estabelece como ordem que declara o que é aceito como padrão e o que não é; quem domina e quem deve ser dominado; quem governa e quem deve ser governado; quem deve servir e quem deve ser servido; o que é língua e o que não é; o que é pagão e o que não é; o que é pecado e o que não é; o que é ciência e o que não é; o que é normal e o que não é; o que é de direito e o que não é; quem tem direitos e quem não tem; quem pode aprender e quem não deve ser ensinado; e assim por diante.

Neste percurso dominante, inúmeros conflitos se sobressaltaram entre aquilo que é e deve ser acatado como padrão social e aquilo que se posta com resiliência e salvaguarda da liberdade e da diferença que resiste à subordinação, à inferioridade e à extinção. Como resultado desses conflitos em nome da ordem e do progresso, multiplicaram-se as guerras e, como forma de garantir vitória, conquista e expansionismo, o armamen-

tismo se proliferou, bem como o debruçamento para o desenvolvimento de novas tecnologias de guerra.

O projeto de colonização muda de roupa e de máscara sempre que se vê desgastado e, conseqüentemente, ingere-se em nossos modos de perceber, sentir e pensar o mundo. De tempos em tempos o ciclo da banalização do mal sofre oscilações que se aproximam sorrateiramente de cada um de nós pelos mais diversos e distintos caminhos, a comunicação de massa, pela mídia tradicional ou virtual, tem sido o principal recurso. A naturalização da coisificação do humano se imprime em nosso cotidiano, em nosso corpo e mente de maneira cristalizada. Acostumamo-nos com as barbáries que nunca cessam e nos abtemos de pensar sobre as razões pelas quais as desigualdades sociais se ampliam, a quem elas servem, por que e para que servem.

Pensar a complexidade das relações e das pendências pretéritas do período colonial vinculadas ao nosso presente, nimbosas de um porvir liberto e livre de amarras dominadoras, é um desafio colossal para o qual ainda temos pouco fôlego e oxigênio. Não são poucos os que relevam o bárbaro projeto de colonização e escravatura a partir do discurso raso e apelativo pautado na economia e nos ideais civilizatórios de ocupação de territórios habitados ou não. Os processos de colonização se sustentam na exploração ilimitada de riquezas naturais e na exploração e escravidão de seres humanos, não menos importante, no descaso aos animais, aos rios, aos mares, à flora, às lindezas da Mãe Natureza – tudo é tragado pelo macho-branco. Nenhum país colonizador foi bonzinho, nenhum processo de colonização foi amável. O paradigma da distorção é pérfido e robusto quanto ao abrandamento dessa marcha cruenta.

A violência do patriarcado histórico-colonial em países da América Latina, África e Ásia não ficou no passado. Há pendências de outrora que precisam ser re-visitadas no presente para que sejamos potencialmente capazes de construirmos um outro porvir às próximas gerações. Um futuro com meninas e meninos, com mulheres e homens que abriguem em si os princípios e os valores humanos da diferença e das liber-

dades de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo diferente, sendo quem são, como preceitos inegociáveis. Isso quer dizer que esse cânon não deve ser ignorado ou (des)respeitado conforme a governança que se encontra posta no país. Um povo ou nação pode e deve transitar na liberdade de escolha de seus líderes políticos, porém, jamais, deve ser tolerado que projetos de governos restrinjam, desrespeitem e ataquem as premissas vinculadas aos direitos humanos, aos direitos das meninas e das mulheres.

Existe uma matriz estruturante do elo colonial e patriarcal cuja medula sustenta o controle, silenciamento, subjugo e aniquilação da mulher como ser autônomo, emancipado, livre das “regras do pai” que alimentam, conservam, repetem, transportam, patrocina, encorajam, elevam e escoram o patriarcado enquanto sistema tentacular. Existe uma colonialidade¹³⁵ que permanece exalando, reverberando o pensamento colonial por todos os corredores sociais, ordenando, controlando e dominando relações de poder, de saber e de ser. Sem hesitação, racismo e gênero estruturam a selvageria das relações de poder e dominação pelo planeta. Nesta maquinaria, o machismo tem a função de manter e perpetuar os privilégios do homem, marginalizando, inferiorizando e subalternizando as mulheres por meio de um esquema rijo de dominação e exploração que as delimita e as exclui dos processos civilizatórios sócio-históricos.

O machismo como parte da sistemática patriarcal oprime meninas e mulheres tanto de forma velada como explícita, elevando a supremacia masculina em detrimento do feminino. O ódio, a repulsa e o desprezo pelas

135 Os estudos sobre colonização, colonialidade e decolonialidade são, deveras, complexos. Esses processos se configuram e fluem de modos diferentes, uma vez que há substanciais diferenças relacionadas ao tempo, espaço e subjetividade de cada povo em sua maneira de vivenciar, reagir, elaborar e re-significar cada processo em busca de suas próprias respostas a eles. Como introdução à complexidade desses processos, o texto de Luciana Ballestrin pode ser elucidativo (BALLESTRIN, 2013). O que há em comum entre os povos colonizados acerca dos processos de colonização e colonialidade, é a violência a qual foram submetidos nos mais diversos sentidos. Especificamente sobre meninas e mulheres de tais povos, as violências atravessam seus corpos e mentes pelo machismo presente nas sociedades de base patriarcal.

meninas e mulheres não é algo incomum, a misoginia com toda sua agressividade circunda a vida de inúmeras mulheres, sendo a negação e o descrédito quanto ao seu potencial, uma atitude muito comum no meio masculino. Lamentavelmente, quando esse ódio e aversão abrolham em total falta de respeito, selvageria e indiferença quanto à vida da mulher, qualquer acontecimento se torna motivo para seu extermínio. O assassinato de mulheres relacionado diretamente às questões de gênero é chamado de feminicídio.

Em nível global, cerca de 81 mil mulheres e meninas foram assassinadas no ano de 2020. Destas, 58% foram mortas por seus próprios companheiros ou por membros da família, sendo 81% dos homicidas do sexo masculino. Isso significa que a cada 11 minutos uma mulher ou uma menina foi assassinada em sua própria casa. A Ásia é a região com o maior número absoluto de vítimas, quase 19 mil. As taxas de feminicídio se diferenciam conforme o país, mas dos países com as 25 maiores taxas de feminicídio, 50% estão na América Latina. A África é o continente com índices mais altos (69%), é onde as mulheres correm mais riscos de serem assassinadas por seu companheiro ou um membro de sua família: 1 em cada 4 mulheres afirma ter sido espancada por ter discutido com seu companheiro ou ter se recusado a fazer sexo com ele (UNODC, 2021).

Por sua existência hegemônica em muitas sociedades ainda estruturadas na tríade colonialismo, capitalismo e patriarcado, a mulher é vítima de violências mil, dentre elas, a naturalização do próprio machismo e sua reprodução. Essa naturalização que se estabelece pela perpetuação da cultura arraigada na opressão machista se reproduz quando as próprias mulheres justificam e legitimam as violências contra elas mesmas ou contra outras meninas e mulheres. Infortunadamente, as tradições religiosas ocupam um importante espaço na manutenção e legitimação do machismo. No caso do cristianismo, religião majoritária em países de colonização portuguesa, a frase “mulheres devem ser submissas aos seus maridos”, baseada, principalmente, nas palavras do apóstolo Paulo, tal como já citei em outros capítulos (BIBLIA SAGRADA, Efésios 5: 22-23), é a justificativa sentencial para os abusos e determinismos quanto a vida

das mulheres. Convenientemente os religiosos se esquecem da segunda parte do verso, quando é ordenado que os maridos devem amar suas esposas e amar, diz respeito a respeitar, a tratar com amor, com gentileza, com cuidado, sem menosprezo, sem subestimação, sem subalternidade. Em nenhum momento, é ordenado e justificado na fé cristã que se fundamenta nos 4 Evangelhos de Cristo, que o marido pode ou deve maltratar, espancar, humilhar, coisificar, escravizar, desrespeitar, aprisionar, violentar sexualmente, matar sua companheira, sua esposa. Em plena segunda década do século XXI, ainda vemos mulheres sendo maltratadas e abusadas em nome de deus, ainda vemos mulheres acreditando que são culpadas, que são as causadoras da violência que sofrem por parte dos homens.

Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste são países que foram ocupados, colonizados e explorados por Portugal. Os dois primeiros são países insulares africanos que se encontram em arquipélagos paradisíacos do Oceano Atlântico enquanto o último se localiza na parte oriental da ilha de Timor, no Sudeste Asiático. Com histórias e culturas distintas, os 3 países têm em comum a língua portuguesa e a religião cristã, especificamente, o catolicismo como preponderante. Pobreza e patriarcado estruturaram as violências tirânicas contra as mulheres dessas nações tão sofridas.

Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, regiões de origem vulcânica na África, bem como Timor-Leste, na Ásia, foram impactadas fortemente por 500 anos de domínio colonial português, alcançando sua independência política no ano de 1975. As colônias eram fontes de renda para Portugal e o desenvolvimento econômico e social foi pautado na opressão por meio do trabalho forçado, da escravidão e cobrança de impostos. Timor-Leste, logo após a independência de Portugal, ainda vivenciou uma duríssima invasão e ocupação pela Indonésia até 1999. São Tomé e Príncipe era o centro mercantil para o comércio dos escravizados enquanto Cabo Verde era o território tático para o tráfico de pessoas escravizadas entre a África, Portugal e o Brasil. As 3 colônias eram territórios de exploração agrícola para o benefício do colonizador.

Os 3 países, na verdade, depois de altamente abusados por Portugal, amargaram um abandono atroz pelo país europeu e, até os dias de hoje, milhares sobrevivem na extrema pobreza por conta de uma economia incipiente. Os portugueses violentaram seus recursos naturais, sua cultura, suas línguas, suas crenças, suas mulheres. O catolicismo foi impregnado em suas vidas, mas o amor cristão parece nunca ter sido, de fato, apresentado a esses povos tão sofridos.

Conversei com 3 potentes mulheres que enunciam os agravos da tríade colonialismo, capitalismo e patriarcado para a vida das meninas e das mulheres de seus países: Rosária Almeida Vieira (Cabo Verde), Vera Cravid (São Tomé e Príncipe) e Judite Dias Ximenes (Timor-Leste). Elas expressam, cada uma em seu lugar de fala, a violência machista e colonizadora que assalta a vida das mulheres, sem data para se findar.

Rosária, 39 anos, é mãe de 3 filhos e vive na Ilha de Santiago, no município de São Domingos. Em Cuba, fez licenciatura e mestrado em Educação Especial, trabalhou em salas de recursos no apoio às crianças com deficiência, em horários opostos às aulas. Em seu país, atuou em várias associações para crianças com deficiência, e é presidente de uma associação de profissionais de educação especial. Rosária também trabalha no Ministério da Família e na direção geral de Inclusão Social de Cabo Verde, é responsável pelo programa do Plano Nacional de Cuidados às pessoas idosas, às pessoas com deficiências e às crianças de zero a três anos. Dinâmica, acrescenta que participa da política do país para estar junto com outras pessoas que acreditam que podem fazer a diferença na educação de seu povo na luta por direitos sociais que alcancem todas as pessoas.

Perguntei à Rosária sobre como foi se tornar mãe ainda tão jovem e permanecer estudando. Em um suspiro profundo e em tom firme, respondeu-me:

Não foi uma experiência fácil. Eu fiquei grávida aos dezessete anos de idade. Sou de uma família muito tradicionalista e foi muito difícil lidar com meus pais, meu pai deixou de falar comigo por essa razão. Eu era

muito boa aluna e quando apareceu a gravidez, ele achou que eu não iria conseguir, pensou que eu iria desistir. Nós somos em 8 filhos da minha mãe, eu tenho duas irmãs mais velhas e elas não foram para a escola. Não porque não desejavam ir, mas porque, antigamente, não podíamos ir à escola. Os avós e os pais achavam que se fôssemos à escola, iríamos aprender a escrever as cartas para os namorados. A minha avó dizia que a mulher tinha que aprender a limpar a casa, a cozinhar, a passar a roupa, a organizar a família. Dizia que a mulher não podia estudar, não devia saber mais que o homem. Sílvia, quando você falou comigo sobre esse tema de seu livro, eu viajei até essa idade, porque eu tinha uma perturbação sobre isso, eu era uma boa menina, mas por detrás daquela boa menina havia a incerteza por causa dessa cultura: – ah, não podes saber mais, não podes ir para escola! Era muita coisa, era muito barulho mexendo com meu psicológico, mas precisei enfrentar. Enfrentei minha família. Desafiei meu pai para continuar a estudar e naquela altura eu não tinha o desejo de ser uma grande profissional, meu único desejo era estudar e mostrar para o meu pai que gravidez não era algo contagioso, e que eu iria continuar aprendendo. Eu quase não dormia de tanto pensar, porque meu pai me diminuía muito, mas eu era uma boa aluna e ganhava prêmios. As professoras chamavam meus pais para conversar, mas eles não queriam me deixar ir à escola por causa da gravidez. Ele disse que eu iria aprender a não me oferecer para os homens. Ele estava preso àquela ideia muito antiga que as mulheres não podiam fazer determinadas coisas, e olha que eu ainda sou nova. Então, desafiei meu pai e continuei a estudar. Fui para a escola estando grávida, só parei na hora que o bebê nasceu. Depois, continuei, continuei, continuei e continuei, e espero continuar a estudar, mas este foi um momento muito difícil, uma etapa muito marcante em minha vida. Eu tinha aquele desejo de mostrar a ele que eu queria e seguiria em frente, e eu dizia a mim mesma: – eu não quero favor dele. Ele dizia que eu já tinha um diploma, que era o meu bebê, e que então, já não precisava estudar, porque de nada serviria um outro diploma para mim. Mas eu era muito forte e continuei a estudar.

Não era fácil estar naquela situação aos 17 anos. Enquanto a barriga ainda não aparecia as coisas estavam mais tranquilas, mas depois com o tempo foram se complicando. Eu não tive problemas com os professores, no entanto, estávamos no ano 2000 e aqui em Cabo Verde, começaram a discutir sobre uma lei de que expulsaria adolescentes grávidas da escola a partir de 2001. Foi difícil para mim, mas recebi carinho dos professores e de algumas colegas que me apoiaram. Não havia uma educação voltada à sexualidade das meninas. No meu caso, minha só me dizia que deveria tomar cuidado porque que o homem faz isso, faz aquilo, mas nunca falou de maneira clara comigo que eu teria um período menstrual e que em certo intervalo pode vir acontecer de ficar grávida. Eu não tive essa educação sobre sexualidade na minha família, não se falava no assunto, não se tocava com os filhos nesse tema.

Eu precisava continuar e precisava fazer alguma coisa para ajudar em casa. Como minha mãe vendia biscoitos, eu ia com ela e vendia em outras cidades. Naquele tempo era muito difícil que um jovem de família pobre conseguisse chegar à universidade, para as meninas ainda era bem mais complicado do que para os rapazes. Enquanto ajudava minha mãe eu dizia para ela guardar o dinheiro para que eu pudesse estudar. Todavia, algo muito bom aconteceu! Eu consegui uma bolsa estudos para estudar em Cuba. Eu não precisei gastar o dinheiro dos meus pais para estudar. Eu havia ficado magoada com a forma que eles me trataram naquela época. Por isso me pus firme com o objetivo de mostrar até onde eu era capaz de chegar. Fui à Cuba estudar e deixei minha filha de 3 anos com minha mãe. Quando retornei ela já tinha 10 anos e não tivemos vínculo, pois naquele tempo era muito difícil manter uma comunicação de Cuba a Cabo Verde.

Eu segui e quando cheguei em Cuba, aos 22 anos, foi um choque para mim! Porque em Cuba tudo era diferente. Eu estudava com meninas de 16 e 17 anos que haviam terminado o secundário e elas eram muito mais expertas em relação aos temas sobre namoro e maternidade. Ali os pais falavam sem tabu com as filhas e faziam suas festas de 15 anos. Aos poucos fui me equilibrando entre as diferenças culturais entre os dois países.

A narrativa de Rosária me chama a atenção para uma realidade muito dura para milhares de adolescentes: a proibição dos estudos às meninas grávidas. O continente africano registra as maiores taxas de gravidez na adolescência e, como desdobramento, inúmeras meninas precisam se retirar da escola, além de serem marginalizadas e julgadas como imorais. A maioria dos casos de gravidez na adolescência está ligado à pobreza que acaba por levar jovens adolescentes ao sexo transacional, também a falta de acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva, e, principalmente, pela falta de acesso à informação e educação sexual.

Tanto Cabo Verde como São Tomé e Príncipe fazem parte da África Subsaariana, berço da raça humana, região geopolítica constituída pelos países que se localizam na região sul do deserto do Saara, sendo uma das mais pobres do planeta com altos índices de mortalidade infantil, analfabetismo e baixa expectativa de vida. Em razão da colonização europeia, há países que falam o português, o francês e o inglês, além da maioria da população se nomear cristã (62%), seguida de uma grande parcela de muçulmanos (31%). No entanto, o sincretismo religioso prevalece mesclando as crenças das religiões abraâmicas com as práticas de suas culturas ancestrais. Mais de 80% da população diz que a religião é algo muito importante em suas vidas (VISUAL CAPITALIST, 2022).

Na África Subsaariana, mais de 40 milhões de meninas não vão à escola em razão do casamento precoce e gravidez na adolescência. Com a pandemia Covid19, mais de 1 milhão de meninas precisou abandonar a escola em razão do fechamento obrigatório das escolas. Consequentemente, ficaram ainda mais vulneráveis às violências sexuais e de gênero, mutilação genital feminina, casamento forçado, bem como à gravidez precoce e não planejada. Lamentavelmente, o fechamento de escolas na África Subsaariana é fator de aumento das desigualdades sociais e de aprendizagem já existentes na região (IBRAHIM FOUNDATION, 2021).

Em 2015 a liderança da União Africana lançou as metas da Agenda 2063 para o desenvolvimento econômico do continente a partir de 14 iniciativas na área da infraestrutura, educação, tecnologia, cultura e

manutenção da paz com o lema, “A África que queremos” (AUC, 2015). Apesar da maioria dos países ter se comprometido a garantir o ensino fundamental e médio obrigatório para crianças e adolescentes, muitos ainda continuam excluindo ou expulsando das escolas as meninas grávidas ou jovens mães. Por causa do preconceito e discriminação, muitas garotas têm vergonha de regressarem grávidas à escola ou depois de se tornarem mães. Há países que proíbem formalmente que elas permaneçam na escola. A partir da Agenda 2063, vários países começaram a fazer algumas mudanças em suas leis e políticas para que as meninas possam dar continuidade a sua educação durante a gravidez e pós-parto.

Na Tanzânia, por exemplo, o ex-presidente misógino que espancava mulheres, o qual me recuso a citar e registrar seu nome, obrigou as escolas a expulsar estudantes grávidas por “ofensas contra a moralidade e o casamento”. Ele disse também: “Depois de engravidar, você acabou! Não podemos permitir que esse comportamento imoral permeie nossas escolas primárias e secundárias. Eu dou dinheiro para uma aluna estudar de graça. E aí ela engravidada, dá à luz e depois volta para a escola. Não, não sob meu mandato”. Após sua morte, o governo de Samia Suluhu Hassan, primeira mulher presidente do país, reverteu essa política nefasta, permitindo que as meninas continuem seus estudos (MCKAY, 2021).

Desde 2019, São Tomé e Príncipe, dentre outros países da África Subsaariana, revogou políticas que eram restritivas às estudantes grávidas e mães, porém, ainda apresenta uma ausência de políticas totalmente eliminatórias das desigualdades de gênero. Em 2012, 86% das adolescentes grávidas abandonaram a escola primária e secundária. Em março de 2020, o país revogou um decreto que obrigava as estudantes grávidas a estudarem em escolas noturnas depois do terceiro mês de gravidez. Cabo Verde deu um salto com políticas e estratégias para que as adolescentes continuem seus estudos após a gravidez. Cerca de 30 países da União Africana implementaram leis, políticas ou estratégias de proteção ao direito à educação de estudantes grávidas e mães adolescentes (MWANGI, 2021). Não obstante, ainda há muito, muito o que se fazer.

Rosária, por meio de seu relato, estampa a misoginia e a hipocrisia das sociedades machistas onde o corpo da mulher é ridicularizado e sentenciado como impuro. Frequentar a escola estando grávida é concebido como uma má influência. Rosária não representa a maioria das mulheres de seu povo, pois em razão da ausência de formação escolar, acadêmica e profissional, inúmeras são enjeitadas do mercado de trabalho e, sem muitas alternativas para sustentarem a si mesmas e aos seus filhos, acabam sendo empurradas para o mercado do sexo cujos consumidores são os próprios homens, os mesmos que criam as leis e as violências contra as meninas e as mulheres. Esse ciclo machista de hipocrisia e violência necessita ser rompido e extirpado do planeta. Rosária complementa:

Ser mulher em Cabo Verde é lutar. A mulher tem que estar em constante luta porque caso contrário, não conseguirá fazer nada, uma vez que o poder está nas mãos do homem tanto a nível cultural como econômico e social. A mulher ainda é concebida como a responsável para organizar a família, aquela que fica em casa, que cuida da casa e dos filhos. Como o poder econômico está nas mãos dos homens, as violências também são grandes e muitas mulheres se cansam e são levadas pelo suicídio, pois se desesperam em meio a relacionamentos difíceis onde são ameaçadas e até escravizadas. Ainda temos poucas mulheres com decisão política, mas aqui em Cabo Verde nós temos o projeto de inclusão de mulheres na política de onde partem várias ações formativas de sensibilização para apoiar as mulheres, para as encorajar a participarem da vida política e esse é nosso grande desafio. Já temos a lei de paridade para termos mais mulheres no parlamento ou na estrutura do governo. É desafiador, é complexo, mas é possível.

Ser Mulher é lutar!

Sentia-se cansada. A barriga, as pernas a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima.

Esperava que qualquer momento o coração lhe perfurasse o peito, lhe rasgasse a blusa.

Como seria o coração?

– Teria mesmo aquela forma bonita dos postais coloridos?

– Seriam todos os corações do mesmo formato?

... será que as dores deformam os corações?

Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se no líquido, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe roubavam as forças. Imaginou os filhos que aguardavam e já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava!

Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero descaído. Bom seria se caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente.

Não. Não voltaria para casa.

O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final.

Conhecia aquele tipo de sorriso e não tinha boas recordações dos tempos que vinham depois. Mas um dia havia de o eternizar. E se fosse agora, no instante que madrugava? A lata e ela, para sempre, juntas no sorriso do barranco.

Gostava da sua lata de carregar água. Tratava-a bem. Às vezes, em momentos de raiva ou simplesmente indefinidos, areava-a uma, dez, mil vezes, até que ficava a luzir e a cólera, ou a indefinição se perdiam no brilho prateado. Com fundo de madeira que tivera que lhe mandar colocar, quando começou a espirrar água e já não suportava uma torcida de farrapo, ficou mais pesada, mas não eram daí os seus tormentos.

Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder.

Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou a saber o que aquilo era.

À borda do barranco, com lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos no peito.

O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhora!

Apressou-se a ir ao encontro deles. O mais novito devia estar a chamar por ela.

Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás.

Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço da sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais (SALÚSTIO, 2002, p. 5-6)¹³⁶.

Pela tela do celular eu via que o dia estava ensolarado e que o jardim estava florido no quintal de Judite. Enquanto minhas pálpebras já pestanejavam de sono aqui no Brasil, Judite parecia estar bem animada com o caminhar do dia no Timor-Leste, e 12 horas de diferença entre nosso fuso horário não nos separavam das lutas femininas.

Judite, nascida em 11 de setembro de 1968, atua na política de seu país. Em 1997 estudou na Universidade Udayana em Bali, Indonésia. Realizou outros cursos na Universidade Nacional Timor Lorosaê (UNTL) e no período de 2009 a 2012 fez seu mestrado na área de ciências sociais na Universidade de Brasília, Brasil. Fez parte da Frente Revolucionária por um Timor-Leste Independente (FRETILIN), um dos mais importantes partidos na luta pela independência do Timor e na política atual. Ela também foi membro da Assembleia Constituinte de Timor-Leste no período de 2001 a 2007. Atualmente é Diretora Associada do Centro de Estudos de Género da UNTL e representa a Organização Popular da Mulher Timor (OPMT) na Rede Feto (Rede das Mulheres) de Timor-Leste, onde atua como presidente. Para ela, homens e mulheres têm os mesmos direitos, inclusive, para a organização e fundação de um partido político.

136 Dina Salústio é o pseudônimo de Bernardina Oliveira, nascida em 1941 na ilha Santo Antão, Cabo Verde. Trabalhou como professora, assistente social e jornalista em seu país como também em Portugal e Angola. Foi produtora e coordenadora de um programa de rádio dedicado a temas educativos. É uma conceituada escritora de seu país e encanta a todos com suas poesias e novelas infantis. Fez parte da fundação da Associação dos Escritores Cabo-verdianos e de diversas edições literárias. Sua obra marca também sua vida como mulher e negra em um país colonizado. Recebeu importantes prêmios literários.

O país do tamanho do estado brasileiro do Sergipe, terra de encontros do Pacífico com o Índico, tem o português e o tétum como idiomas oficiais, além de outras 30 línguas faladas pelo território. Timor sofreu muito com as ocupações estrangeiras e teve seu desenvolvimento afetado no âmbito econômico, cultural e social. As mulheres timorenses enfrentam diversos desafios nesta nação ainda tão jovem em sua independência. E Judite me conta:

Eu faço parte da família da resistência para a libertação do Timor-Leste e acompanhei todo o processo de luta desde criança. Dos 7 aos 9 anos eu estive na mata junto aos guerrilheiros como base de apoio antes da ocupação pela Indonésia. Aos 8 anos fui professora porque não havia professores naquele momento para ensinar os outros e, estando no 2º ano, eu já ensinava o básico da alfabetização e da matemática. Quando nos mudamos para a cidade, minha família permaneceu na resistência e o meu irmão mais velho participou fortemente das ações e chegou a ser preso várias vezes. Quando fui estudar em Bali também participei de ações em prol da libertação e independência de Timor e, posteriormente, quando regressei ao país, trabalhei na Cáritas que apoiava o movimento de resistência contra os crimes do exército indonésio e, por ser uma organização religiosa internacional, a Indonésia não mexia com eles. Depois do referendo organizado pelas Nações Unidas para a independência do país (1999), eu permaneci trabalhando junto à resistência, fazendo parte do partido FRETILIN que, por tradição familiar, minha mãe já fazia parte. Em 2001 fui eleita para fazer parte da Assembleia Constituinte que, posteriormente, tornou-se o parlamento nacional, ali fiquei até 2007. Atualmente, eu presido a UNTL que é uma organização que agrega todas as organizações femininas do Timor-Leste, somos em 44 membros.

A mulher quando ainda está na barriga da mãe, é aquela que será filha, depois será esposa, depois mãe, então será avó. Grande parte das mulheres que vive na zona rural, sobrevive da agricultura de subsistência para o consumo familiar. E uma das causas da violência doméstica diz respeito às dificuldades na economia familiar e, claro, à cultura patriarcal. Na

cultura do meu país os casamentos arranjados ainda acontecem quando o bebê ainda nem nasceu. Aqui há a cultura tradicional do casamento Barlaque, onde há a troca de bens. A família do noivo se denomina fetosan e da noiva umane. O dote para o casamento é pedido à família da futura esposa por parte da família daquele que será o marido. A família que tem um filho homem busca conhecer muitas meninas e mulheres até decidir sobre o casamento. E o casamento, neste sentido, é familiar, não diz respeito ao desejo da mulher e do homem. Aqui há tribos, então o casamento também acontece entre tribos. De certa maneira, em nossa cultura, às vezes esse tipo de casamento é algo importante porque as mulheres também são concebidas como instrumentos da paz. No passado, em meio às guerras, as meninas eram oferecidas em casamento à família do rei para estabelecer a tranquilidade nas relações entre os povos. Esse tipo de casamento é visto como algo digno para a mulher, além de manter os laços entre as famílias, evitar separações conjugais. Infelizmente, também se origina muita violência doméstica.

Nós fizemos congressos para discutirmos sobre essa questão dos casamentos arranjados e forçados. E recomendamos por meio de documentos que o Estado implemente leis para que não haja mais casamentos obrigatórios ou arranjados para as meninas menores de idade e também para as mulheres. Nós temos nos esforçado para fazermos um novo paradigma para que esta situação cultural seja quebrada e que a sociedade se organize de outra maneira. Mas ainda temos muito o que fazer!

A violência doméstica acontece por todo o planeta, mas em Timor, ela é bem séria. Por ocasião dos contratos de casamento, há a troca de bens e quem se casa com a mulher é aquele que ofereceu mais, por exemplo, mais búfalos, mais vacas, mais espadas, mais terras, mais dinheiro. Então, a mulher é vítima desse processo e, após o casamento, ela continua sofrendo muitas violências. E o marido diz assim: – Eu não bato em você, mas eu bato os meus búfalos, minhas espadas... E quando há alguém querendo fazer alguma intervenção por causa de violências contra a mulher, irão dizer que essa é uma questão familiar, é um problema privado. Ninguém quer ter problemas com ninguém. Em 2010 o Parlamento Nacional publicou a

Lei Contra a Violência Doméstica que é resultado do esboço feito pela Rede Feto, uma lei que criminaliza publicamente a violência contra a mulher e incentiva a denúncia pela população. Temos também a Lei de Proteção às Testemunhas, mas como ela não foi bem implementada pelo Estado, as pessoas acabam ficando com medo de denunciar.

Embora exista a lei do divórcio, a mulher não consegue sair do casamento pelo divórcio porque a sociedade desqualifica e desconsidera seu pedido e irão dizer que ela não tem juízo, não tem noção familiar. Por isso muitas mulheres não se atrevem a pedir o divórcio, para não serem totalmente isoladas da sociedade. Porém, às vezes acontecem os divórcios. Mesmo que aconteçam coisas que a aborreçam ou que o homem arranje outras mulheres, a esposa prefere continuar fazendo parte da família de seu marido por causa da cultura que se tem no país. Entre as mulheres de famílias cristãs, se comparadas às outras mulheres de casamentos Barlaques, as cristãs costumam sofrer menos violência, ou seja, no casamento realizado pelas igrejas, as mulheres são mais consideradas.

Neste momento temos mulheres com nível alto de educação que chegaram a ser ministras e deputadas, mas, normalmente, grande parte das meninas têm seus estudos interrompidos pelos pais porque eles preferem pagar os estudos dos meninos. E isto é um grande problema patriarcal aqui em Timor porque a família da menina entende que depois dela se casar irá pertencer à família de seu marido, então não há porque investir nela. Assim preferem não a enviar à escola e a deixar em casa fazendo serviços domésticos.

Aqui em Timor, uma mulher casada não tem direito a nada da família de seu pai. Se ele tiver búfalos, vacas, casas, propriedades, dinheiro, tudo irá para os irmãos (homens) porque a mulher pertence à família do marido, ela não tem direito a nada. Essa é uma clara discriminação de gênero contra as mulheres. Mas como a mulher já cresce nesta cultura, ela aceita que pertence ao marido e à família dele, porque quando ela se casa, ela não pertence mais à família de seu pai. O que pertence à mulher são coisas como suas roupas, brincos e joias, mas os bens imóveis e coisas de grande valor como vacas e cavalos, isso sempre pertence aos homens.

Sinto meu coração revolto a partir da fala de Judite. No Timor-Leste, cerca de 59% das meninas e das mulheres já sofreram violência doméstica (ONU, 2020). Enquanto bradamos aqui no Brasil e em outros países que o lugar da mulher é onde ela quiser, lá no pequeno país da Ásia, além da mulher não ter direito a nada, ela também é concebida como mais uma propriedade do homem. A mulher não tem nenhum direito à posse, a revés, ela é possuída, é propriedade. Embora a cultura local assinale que a mulher é um instrumento de paz, a bem da realidade, ela é apenas como uma moeda de troca em casamentos que funcionam como um negócio de compra e venda entre homens. Nas sociedades patriarcais o homem considera a mulher como sua propriedade e entende que pode fazer com ela e dela aquilo que quiser. Nesta pretensão, o pai, o tio, o irmão, o marido, exercem poder e controle sobre a mulher que é a garantia da manutenção e perpetuação fecunda da produção e acumulação de riquezas.

Por isso a luta das mulheres e os ideais feministas que estão para muito além da universalidade dos direitos humanos, costumam ser tão combatidos pelas sociedades e grupos machistas, pois o paradigma feminista rescinde com qualquer possibilidade da mulher permanecer sobre a tutela ou subjugo do homem, seja pelo motivo que for, inclusive e, principalmente, resile com os pretextos imperativos de matriz religiosa.

O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato. Alguns homens se sentem ameaçados pela ideia de feminismo. Acredito que essa ameaça tenha origem na insegurança que eles sentem. Como foram criados de um determinado modo, quando

não estiverem “naturalmente” dominando, como homens, a situação, sentirão a autoestima diminuída (ADICHIE, 2015, p. 50-51).

O fato é a existência do entrelaçamento de códigos de base moral-religiosa com leis estatais que ainda subalternam o lugar e o papel da mulher na sociedade moderna e isto impacta diretamente nos modos de vida, uma vez que o homem religioso é o que se encontra majoritariamente em posições de poder e lugares de decisões políticas. Em resumo, os homens produzem as normativas para alimentar o patriarcado e perpetuar o machismo na contemporaneidade.

A manutenção do sistema patriarcal persiste em meio à sociedade contemporânea. Mesmo com a ampliação de leis e políticas nacionais e internacionais para a proteção às meninas e às mulheres, a questão da violência de gênero permanece e os índices de violência doméstica continuam altos. Em muitos povos e nações, existe, claramente, uma negação do reconhecimento da mulher enquanto ser humano, avultando sua condição de subalterna e preterida exilada ao conjunto das coisas, onde ela não é indivíduo, sujeita ou protagonista, mas objeto patrimonial do macho.

Judite com suas companheiras de luta dão vida a importantes discussões e redações legislativas sobre violência de gênero às meninas e mulheres do Timor-Leste. Não foram poucos os documentos que elas têm pensado e esboçado para o governo timorense. 500 anos de colonialismo português, uma catastrófica invasão japonesa durante a Segunda Guerra Mundial (1942) que resultou em cerca de 80 mil mortos e na escravatura sexual de milhares de mulheres timorenses, além de 24 anos de ocupação pela Indonésia com cerca de 200 mil mortos marcam as profundas desigualdades sociais com violentas cicatrizes patriarcais que ainda precisam de muito cuidado para serem curadas no seio da nação. Durante a Guerra Fria, em oposição aos ideais comunistas, tanto os Estados Unidos como a Grã-Bretanha apoiaram a Indonésia na ocupação genocida do Timor-Leste, e com certeza, tal como tem sido o costume imperialista, em razão da estratégica localização geopolítica da Ilha no território sudeste asiático.

Neste período, as mulheres do Timor sofreram abusos sexuais, estupros, torturas, intimidações, casamentos forçados, procedimentos de esterilização, execuções extrajudiciais e encarceramento por parte dos militares indonésios. Em diversas ocasiões, foram criminalizadas e violentadas por se posicionarem como ativistas pela liberdade e independência de seu país, muitas foram baleadas e tiveram seus corpos jogados em valas. Há documentos que registram a fibra e o envolvimento das mulheres timorenses pela emancipação de seu povo, mas muitos fragmentos históricos permanecem invisíveis no contexto sociopolítico, principalmente aqueles originados da história oral, de outra parte, a falta de reconhecimento dos líderes políticos sobre a contribuição e o valor das mulheres no processo revolucionário, é imperdoável.

No hospital dorme, nas igrejas, nas escolas,
no chão, na terra, todas as noites.

Deus é grande!

Como vamos levar colchão?

Sáíamos de casa 10 horas da noite,
mas sempre pessoas nos espreitam.

Roubam as nossas coisas.

Os vizinhos.

Agora estão a trabalhar como polícia,
como isto, como aquilo.

Ah, naquela altura, como têm medo dos javaneses...
eles não meteram naquela organização.

Só meu marido e eu tivemos aquela coragem...

(SOARES in AMARANTE, 2010, p. 239)¹³⁷.

137 Filomena Soares Guterrez é timorense. Casada e mãe de 5 filhos, participou da resistência contra a ocupação do Timor-Leste pela Indonésia. Atuou como jornalista, produtora, locutora e diretora da RTTL – Rádio e Televisão de Timor-Leste. Ela foi entrevistada por Maria Inês Amarante, professora da Universidade Federal da Inte-

A mulher timorense não se resume a ser a esposa de um guerrilheiro morto em combate, ela também é parte da guerrilha, lutou bravamente para recolher informações sobre o inimigo, cuidou dos feridos, foi resistência e muitas morreram pela liberdade de seu país. Nas palavras de Teresa Cunha: “a recitação sobre a guerra continua a ser feita sobretudo pelos homens e sobre os homens e o sofrimento das mulheres é somente ilustração, do bem maior que foi a independência do povo” (CUNHA, 2019, p. 2).

VÓS QUE OCUPAIS A NOSSA TERRA

É preciso não perder
de vista as crianças que brincam:
a cobra preta passeia fardada
à porta das nossas casas.
Derrubam as árvores fruta-pão
para que passemos fome
e vigiam as estradas
receando a fuga do cacau.
A tragédia já a conhecemos:
a cubata incendiada,
o telhado de andala flamejando
e o cheiro do fumo misturando-se
ao cheiro do andu
e ao cheiro da morte.
Nós nos conhecemos e sabemos,
tomamos chá do gabão,
arrancamos a casca do cajueiro.

gração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH), como uma das protagonistas de sua tese de doutorado intitulada *Guerrilheiras da Palavra: Rádio, oralidade e mulheres em resistência no Timor-Leste*” (AMARANTE, 2010).

E vós, apenas desbotadas
 máscaras do homem,
 apenas esvaziados fantasmas do homem?
 Vós que ocupais a nossa terra?
 (MARGARIDO, 1963, p. 341)¹³⁸.

O poema de Maria Manuela Margarido, nascida em 1925 em um dos mais pequeninos Estados do planeta, São Tomé e Príncipe, traduz as vozes inquietas dos povos colonizados: “vós que ocupais a nossa Terra... A tragédia já a conhecemos: a cubata incendiada, o telhado de andala flamejando e o cheiro do fumo misturando-se ao cheiro do andu e ao cheiro da morte”.

Em São Tomé e Príncipe, o dia 3 de fevereiro de 1953 lavrou a barbárie do colonialismo quando as tropas portuguesas chacinaram inúmeros santomenses na intenção de forçar os nativos a trabalharem nas roças como serviçais para o aumento da produção de cacau e café. Em conduta reativa à resistência da população em acatar os mandos imperiais, tortura e assassinato vestiram de sangue as mãos portuguesas: vilarejos foram destruídos, nativos foram caçados, mulheres e crianças violentadas, funcionários públicos negros foram destituídos, muitos foram ameaçados, encarcerados, deportados, detentos em uma espécie de campo de concentração onde eram acorrentados e chicoteados enquanto operavam trabalhos forçados, os que sucumbiam, eram lançados ao mar. O cárcere era de crueza abissal com uma ração feita de “peixe salgado

138 Maria Manuela Conceição Carvalho Margarido nasceu em roça Olímpia, Ilha do Príncipe em 11 de setembro de 1925. Escritora potente, defendeu a causa do combate anti-colonialista para a independência de seu povo. Em 1953, denunciou a repressão colonial portuguesa que por tortura elétrica e afogamento, matou inúmeros santomenses no chamado Massacre de Batepá. Sua poesia protesta contra a miséria e a violência colonial em que vivia seu povo nas roças de café e cacau. Nos anos em que esteve exilada em Paris, estudou sociologia, religião, etnologia e cinema na Sorbonne. Dada a riqueza crítica de sua obra, foi embaixadora em Bruxelas e atuou em diversas organizações internacionais. Faleceu em 10 de março de 2007, aos 82 anos de idade e coragem.

cru, olhos e tripas de vaca e fubá (farinha de milho ou de arroz) com bichos, a água era a usada para lavar centenas de tinas de alimentos” (ARAÚJO, 2019, p. 6). As condições insalubres adoeceram severamente as vítimas que chegaram a perder a audição e a visão. Muitos precisaram ser mutilados como a única opção entre vida e morte. O número de órfãos abundou. As sequelas psicológicas permanecem caminhando no território Santomense. Na fala do governador-geral a serviço de Portugal, os nativos organizaram um movimento comunista para o qual se justificava uma operação de limpeza aos rebeldes, esses que se mostravam ingratos às boas intenções do colonizador. Este dia ficou conhecido como o Massacre de Batepá, suas vítimas, incontáveis, já que o número de mortos registrados não condiz com a amplitude da violência praticada. Nos dias de hoje, 3 de fevereiro é feriado no país em memória aos Mártires da Liberdade que permanecem vivos no espírito daqueles que continuam a lutar pela plena soberania de seu povo (ARAÚJO, 2019).

Os processos sócio-históricos coloniais investiram no silenciamento do inferior servil e da mulher. No caso da mulher nesta condição histórica, ela se encontra laçada por ambas as categorias. E não são poucas as manábulas tentaculares que se forcejam em amordaçar as mulheres: o homem, a religião, a sociedade e até outras mulheres, confluem nas sutilezas e nas truculências patriarcais. Contudo, as Mulheres têm Voz!

Vera Cravid, 50 anos, nascida em São Tomé e Príncipe, é procuradora da república e trabalha há mais de 15 anos com o ministério público, na vara da família em processos de reconciliação familiar, nas questões relacionadas à cobrança de alimentos para subsistência e violência doméstica. Faz parte Associação Santomense de Mulheres Juristas (ASMJ) que promove diversas atividades em defesa aos direitos das mulheres de seu país, além de ser professora universitária sobre direito da família. Vera é uma dessas mulheres que tem a consciência da importância da disseminação do conhecimento e do incentivo para que outras mulheres, principalmente aquelas que são estudantes, construam sua própria perspectiva sobre a política e participem da vida política ocupando esse espaço que, majorita-

riamente, é povoado pelo masculino. A relevância de seu trabalho na magistratura e professorado também abarca a coordenação, revisão e redação da reforma da Lei da Família e do Estatuto da Criança de São Tomé, algo muito complexo e que quase ninguém gosta de fazer. Percebo que Vera tem prazer naquilo que faz e quando pergunto a razão do pouco envolvimento de outros profissionais neste trabalho, ela me conta:

Porque dá muito trabalho e quase ninguém tem paciência de saber sobre o problema dos outros, paciência de ouvir os outros. Porque as questões familiares demandam ter muita paciência, é preciso ouvir o outro para que ele possa se exprimir, dizer tudo aquilo que é necessário, principalmente na nossa sociedade, onde a mulher não tem ainda um papel muito relevante.

Apesar de nós, em São Tomé, já termos tido mulheres que foram ministras, serem políticas, fazerem parte do governo atuando na área da educação, no plano social, na polícia e em todas as áreas, mesmo embora sejam mulheres muito dinâmicas e muito inteligentes, há uma outra parte da população de mulheres que não tem ou que não conseguiu seguir os estudos para ter melhor qualificação profissional. Então, permanece a questão da reivindicação de seus direitos e isso tudo demanda muita paciência, pois resolver um conflito familiar leva horas e ninguém tem horas para desperdiçar por conta dos outros. Por exemplo, uma senhora quando aparece para falar comigo, só no ato, eu tenho certeza de que ela veio para o meu gabinete cheia de problemas. Se ela for para casa sem conseguir falar comigo ou sem ninguém para dar uma orientação ou mesmo sem marcar um outro dia para que ela retorne, ela voltará para sua casa repleta de problemas e ainda terá outras complicações por causa disso.

Muitas pessoas ficam irritadas em gastar tempo ouvindo essa mulher e não investem um tempo para dar uma orientação simples do tipo, faça isso ou faça aquilo, busque ajuda com a polícia, algo que possa a ajudar a seguir com o curso normal da vida, um modo de resolver seu problema. Não há muitas pessoas disponíveis para fazer esse tipo de trabalho porque é preciso ter amor ao próximo e muita paciência. Então, é basicamente isso que eu faço.

O trabalho de Vera como Procuradora da República e sua participação junto a ASMJ, ampliava consideravelmente sua perspectiva acerca da condição das mulheres de seu país e da nefastidade do sistema estrutural do patriarcado. O que me encanta, sobretudo, é o privilégio de ouvir de uma pessoa em uma alta posição da carreira jurídica da administração pública dizer: “– É preciso ter amor ao próximo e muita paciência”. Realço a frase porque não é incomum que pessoas que trabalham com o público em situações de pressão ou de luta infundável contra injustiças sociais, aos poucos, sejam tomadas pela cansaça e desânimo que se desdobram na naturalização do mal e da dor social, no conformismo e no fatalismo cujos juízos se fincam nas estruturas sociopolíticas e corroboram à própria dominação e controle social favorecedores das classes dominantes.

Esse fatalismo tão presente em nossas sociedades abusadas pelas violências coloniais, patriarcais e do capital, embrutece as pessoas, aniquila identidades coletivas e culturais, dociliza corpos e comportamentos, fomenta a subalternidade e a escravidão diante das disposições que a vida traz.

É bastante complicada a vida de muitas mulheres por falta de instrução, ou seja, por elas não terem informação ou escolaridade mínima obrigatória, não terem condições de continuar seus estudos. O acesso ao ensino básico era obrigatório para meninas e meninos até o 6º ano em 2019, mas agora passou a ser obrigatório até o 9º ano. Todavia, a partir do 9º ano, cada um tem que saber dar conta de si, pois o Estado já não garante a refeição, já não garante o apoio escolar, já não garante quase nada, e são as famílias que precisam arcar com os estudos. A depender da situação, várias famílias apostam mais na possibilidade de os rapazes continuarem seus estudos. No caso das meninas, muitas acabam grávidas a partir do 9º ano pela falta de informação e por inexperiências, outras se casam cedo. Anteriormente, era permitido o casamento de menores de 14 anos, depois foi permitido o casamento a partir dos 14 anos para as moças e 16 para os rapazes. Com a reforma da lei, isso foi revogado e agora a permissão é a partir dos 18 anos. No entanto, ainda acontecem circunstâncias fora da lei em se vivem juntos sem serem casados. Muitas dessas situações se dão

em razão dos pais não terem condições de manterem seus filhos e filhas, no caso da população agrícola, muitos têm dificuldade de permanecerem pagando seus estudos. Nas populações ribeirinhas que se dedicam à pesca, há dificuldades de dar continuidade aos estudos e muitos dizem que estudar não presta para nada, que saber ler e escrever o próprio nome, já é o suficiente. Assim, muitos jovens abandonam cedo a escola.

E nesse contexto, nós temos a situação de submissão, ou seja, quem tem o dinheiro lá na casa é o marido, a mulher não tem dinheiro e, por isso, acaba por se sujeitar à várias situações de violência, porque muitas vezes não tem alguém que possa lhe apoiar. A família já não tem estrutura para acolher essa jovem de volta que, por sua vez, também já têm filhos e quer os levar junto com ela. Ela não consegue sobreviver sozinha e trabalhando sem apoio para com os filhos. A conjuntura do patriarcado, da estrutura social, da obediência ao marido, ao pai ou ao avô, onde a mulher tem que respeitar o homem, tem que viver de acordo com o que ele quer, muitas vezes, ela se torna refém da violência física, psicológica, econômica e sexual. E a medida em que as denúncias vão surgindo, vamos procurando compreender melhor as questões que elas trazem, buscando a melhor forma possível de as apoiar e as orientar para que consigam acesso ao apoio do Estado e das associações que trabalham com este objetivo.

A ausência de acesso à educação, aos níveis mais elevados de ensino, à qualificação profissional, arrasta milhares de mulheres à dependência e à sujeição aos homens em todas as esferas de nossa sociedade, principalmente, no núcleo familiar, no matrimônio. Isso gera uma profunda baixa autoestima e falta de confiança em si mesma, como se não fossem capazes de atuar em qualquer área, em qualquer lugar. Desde a tenra idade as meninas são tratadas como frágeis, que precisam ser tuteladas por um homem, protegidas e guardadas para serem dadas em casamento e, assim, perpetuarem o ciclo da dependência e obediência aos homens. Esse circuito ancorado no patriarcado coaduna com a aniquilação de uma identidade feminina autônoma e emancipada.

Tanto nas relações verticais de poder, onde há um superior e um subordinado que são, em sua maioria, reguladas pelos homens, como nas relações horizontais, onde existe um nível semelhável de relação laboral, igualmente, composto em seus vários contextos, por um maior número de pessoas do sexo masculino, a lógica do patriarcado sobeja. Neste sentido, grande parte das decisões tomadas, das políticas propostas e implementadas, do acervo legislativo traçado, mantém os privilégios de interesse masculino, enquanto as demandas femininas precisam ser esforçadamente provadas e justificadas como imprescindíveis para o acesso aos direitos humanos básicos, aos direitos peculiares à vida das meninas e das mulheres.

Não obstante, muitas mulheres des-valorizam seus processos de conquistas, suas capacidades, seus potenciais diante do agigantamento da soberba patriarcal que as oprime desde criança. Consequentemente, várias mulheres abrem mão da ocupação de espaços representativos, auto se excluem dos mesmos, vivem imersas a um tóxico ciclo de auto sabotagem, muitas vezes, imperceptível, inconsciente. Sem dúvida, ser Mulher é lutar, é se movimentar contra a maré da cultura de opressão machista que está posta na sociedade, é compreender a importância do mútuo apoio entre as mulheres, é repudiar a competitividade no feminino e abraçar a colaboratividade que abre novas possibilidades de existência e resistência contrária às estruturas patriarcais que se sustentam dos despojos coloniais.

Pergunto à Vera sobre como foi seu processo de chegada à Magistratura, à Procuradoria da República. Surpreendo-me com sua história.

Minha situação foi diferente da maioria das mulheres de meu país. Vivi na cidade de São Tomé, meus pais (minha mãe tem 75 anos e meu pai tem 74, vivem juntos há mais de 50 anos), principalmente a minha mãe, dizia-me sempre: “– Estudem, não fiquem como eu. Eu não sei ler, não é culpa minha, mas estudem!”. Minha mãe sempre trabalhou. Trabalhou em serviços informais de lavar roupa, fazer pequenos docinhos, pão com manteiga, com peixe, açucarinha e sair para vender com o objetivo de termos o que comer e dar uma boa educação para mim e meus irmãos. Eu nasci no meio de 2 rapazes que eram os meus irmãos, cresci assim, sem ter medo,

sempre seguir em frente e batalhar por aquilo que eu queria. Quando jovem até os 17 anos, trabalhei como aprendiz de jornalismo, dos 17 aos 20 me tornei jornalista por ocasião do estágio que fiz. Eu queria fazer muitas coisas, não gostava de ficar em casa sem fazer nada, muitas vezes estava mergulhada nos livros. Em 1991 fui trabalhar para o Ministério Público como ajudante do escrivão, também como aprendiz, porque eu estava na dúvida se fazia direito ou jornalismo. Em 1995 é que fui estudar em Portugal e decidi fazer Direito, fiz minha formação jurídica na Universidade de Coimbra. Quando concluí o curso, regressei ao meu país e participei do concurso público para ser magistrada. Fiquei encantada! Mas como mulher fui descobrindo que não basta ser boa naquilo que faz, também é preciso fazer e fazer muitas coisas, demonstrar que você tem conhecimento e que você sabe como colocar em prática.

Comento que no Brasil, apesar de termos políticas públicas e leis como a “Lei Maria da Penha”¹³⁹ (BRASIL, 2006), em várias ocasiões, as mesmas não são bem implementadas. A exemplo, em 2020, apenas 7% dos municípios brasileiros tinham Delegacias Especializadas em Atendimento a crimes contra a Mulher (DEAM), ou seja, dos 5,5 mil municípios, apenas 427 tinham unidades prestadoras de apoio às mulheres vítimas de crimes sexuais e violência doméstica, e somente 15% das delegacias especializadas funcionavam 24 horas. A primeira DEAM foi criada em São Paulo no ano de 1985 a partir dos protestos e manifestações de feministas paulistas (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2021).

Nestas circunstâncias, mulheres são atendidas por policiais, escrivães e delegados do sexo masculino e, por vezes, a mulher é re-vitimizada pelos homens em suas funções dentro das delegacias comuns que lhe replicam: – o que você fez para sofrer a violência? Semelhante, não

139 A Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340/2006), foi sancionada em 7 de agosto de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ela cria mecanismos para reprimir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Fundamenta-se na Constituição Federal (art. 226, § 8º) e nos tratados internacionais ratificados pelo Estado brasileiro: Convenção de Belém do Pará, Pacto de San José da Costa Rica, Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher.

são raros os casos em que o policial militar não tem condição, humanização e capacitação mínima para lidar com episódios de violência doméstica. Em outras, o delegado solicita à própria mulher que entregue notificações e intimações ao seu agressor, sendo este o seu cônjuge. Em suma, os padrões culturais de comportamentos machistas se extrapolam dentro das delegacias comuns a partir da culpabilização da mulher pela violência baseada no gênero que sofreu. Vera compartilha comigo que isto também acontece em seu país.

Aqui também isso acontece. Muitas vezes eles dizem que é mais fácil as próprias mulheres falarem com ele, o agressor, do que enviar um policial para ir notificá-lo. Eu tenho lutado contra isso, porque ao fazer esse ato de levar a notificação para o marido ou a pessoa que convive com ela no mesmo espaço, ele ainda acaba por a agredir outra vez e, depois, recusa-se a receber a notificação da mão dela, e diz que não irá se apresentar. Quando fui diretora da polícia judiciária, eu sempre disse aos inspetores que eram proibidos de entregarem às senhoras a notificação. Existe um oficial de diligência que tem a incumbência de fazer essa notificação à outra parte, não é responsabilidade das senhoras que foram agredidas. Essa mulher já se encontra em uma situação de fragilidade e se ainda tiverem que fazer esse tipo de trabalho, ficarão ainda mais vulneráveis. Há situações em que as vezes aparece o casal, nós fazemos a notificação, o homem então vem e logo começa a intimidar a mulher e lhe dizer: – olha, se você falar alguma coisa, eu vou até aí e vou te bater. A mulher já fica em uma situação de intimidação, portanto, este ato de levar a notificação para o agressor ou mesmo para a outra parte não deve acontecer, a mulher não deve ser submetida a essa situação. Aqui em São Tomé, tal como no Brasil, a maior parte das decisões relacionadas às políticas públicas são tomadas pelos homens e as mulheres nem sempre são chamadas e ouvidas para darem suas considerações. E se depois as mulheres reclamam de algo, dizem: – ah, vocês estiveram lá e não falaram nada porque não quiseram, tiveram oportunidade e não disseram nada. Em outras ocasiões as mulheres se posicionam, mas suas colocações não são levadas em consideração. Ou seja, as questões são discutidas pelos homens,

mas as considerações das mulheres não foram levadas em conta. Por isso a importância de as mulheres ocuparem esses espaços representativos.

E em várias ocasiões, ao invés de nos ajudarmos umas às outras, estamos tão desunidas que até pioramos as situações de violência contra as mulheres. Muitas acabam até incentivando o homem a bater na mulher dizendo que ela é que tem culpa por irritar o homem, e isso nós vemos acontecer, inclusive nos comentários das postagens do Facebook, mulheres que dizem absurdos sobre as outras mulheres, dando razão para o homem agredir. Aqui em São Tomé as vítimas de violência doméstica quando decidem fazer uma queixa contra o agressor, precisam ir diretamente ao centro de aconselhamento, porque se forem à casa de seus familiares, eles impedem essa mulher de denunciar o homem em razão de agressão como também de cobrança de alimentos. Hoje nós ainda vemos alguns pais que desejam até ficar com seus filhos, mas antes não era assim, o pai mal pegava o bebê antes de 1 ou 2 anos de idade, nem chegava perto da criança. A mãe é quem tinha que fazer tudo, mesmo se o pai estivesse por perto. Então, sobre a questão da cobrança de alimentos, às vezes são as próprias mulheres que dizem: – aquela mulher tem braço para trabalhar e perna para andar, para trabalhar e dar alimento aos filhos, ela não tem que esperar o dinheiro do homem. Ou seja, as próprias mulheres condenam aquelas que tomam a decisão de buscar a cobrança de alimentos para seus filhos no Ministério Público. Houve uma situação em que o pai da criança aceitou pagar os alimentos do filho sem objeção no valor de 50 Euros e pediu que eu fizesse a cobrança diretamente de seu salário. Fiz o ofício para que ele não tivesse problemas e não precisasse fazer contato com a mãe da criança. Dois dias depois a mulher com que ele vivia veio falar comigo e dizer que não aceitava que ele pagasse pelos alimentos porque o filho não é dele. E disse que eu teria que reduzir o valor se fosse para ele pagar. Nesse caso, o problema não foi o pai da criança, pois ele que teve a iniciativa para aquela pensão.

Vera traz uma questão que vejo como muito dolorida e abusiva que é a aceitação e legitimação da violência contra as mulheres pelas próprias mulheres. Para ser bem sincera, é triste demais que sejamos tão

desunidas e desapegadas das lutas contra as barbáries provocadas pelo machismo e pelo patriarcado. “Metade do mundo são mulheres, a outra, os filhos delas” (EFU NYAKI, 2016)¹⁴⁰, foram amamentados pelos seios de uma mulher, foram acolhidos em um útero, não é cabível que meninos e homens sejam ensinados e incentivados a maltratarem as mulheres por parte de suas próprias mães, tias ou avós.

Nós, mães, tias, avós, precisamos educar os meninos para serem homens, seres humanos humanizados, e não para serem selvagens, violentos e abusadores des-humanos. Precisamos os educar para a busca incessante pela paz e pela vida colaborativa em sociedade, em equidade entre mulheres e homens, e não para permanecerem fabricando guerras em uma competitividade infinita que arrasa com as possibilidades de vida pacífica na Terra, nossa Casa Comum. O paradigma matriarcal é do cuidado e da colaboração coletiva; não da violência, inferioridade e rivalidade por controle e poder tal como se dá no patriarcado.

A legitimação da violência contra mulheres por parte das próprias mulheres alimenta ainda mais a petulância dos homens machistas em agredir, abusar e maltratar aquelas a quem consideram ser suas subordinadas. Veja onde isso pode chegar:

Um dia eu estava em Lisboa e me encontrei na rua com uma senhora que eu não via há muito tempo, ela estava sozinha e começamos a conversar. Ela me contou que estava indo embora porque seu marido, mesmo ela com aquela idade, desligava a máquina de lavar, mesmo estando no inverno, para que ela lavasse as roupas na mão para economizar porque a água e a luz em Lisboa estavam muito caras. De repente, a gente olha para aquela senhora já idosa que vive há mais de 40 anos com o marido e nunca imagina uma coisa dessas. Então ela o deixou porque já não aturava mais

140 Eupharasia Joseph Nyaki (Efu), nasceu em 18 de novembro de 1960 em Moahi, Moahi-Kilimanjaro, Tanzânia. Foi professora e depois, ingressou na *Maryknoll Sisters of St. Dominic*, um movimento missionário católico sem fins lucrativos. Sua primeira missão no exterior foi no Brasil no ano de 1993. Junto com outras mulheres, estabeleceu o centro de saúde holística AFYA, que significa ‘saúde’ em suaíli, a língua falada na Tanzânia e em outros países da África Oriental.

*passar por isso. Há muitas histórias que mostram como há mulheres sofri-
das pela violência e com maus-tratos físicos e psicológicos, muitas vezes,
sexuais que nós nem imaginamos. Inclusive, há mães que defendem que
seus filhos tenham quantas mulheres quiserem e dizem isto às suas noras
para que aceitem tudo o que os filhos delas fazem. Isso tudo faz com que
os homens se achem na liberdade de bater, maltratar, desdenhar, violentar
psicologicamente e sexualmente, a mulher.*

*E com relação ao próprio abuso sexual, apesar de agora termos
mais acesso à informação pela internet e pela TV, isso ainda é um grande
problema. As pessoas percebem mais as situações de abuso e violência se-
xual, elas estão fazendo mais denúncias, mas isso não significa que tenha
havido a diminuição dos abusos sexuais.*

*Atualmente, aqui em São Tomé, a pena para crimes sexuais é bas-
tante grave, por exemplo: se houver ato sexual sem penetração, a pena vai de
2 a 8 anos, se houver violência sexual com penetração a pena vai de 3 a 10
anos, ou seja, há a uma agravação da pena, e também depende se o agressor
for pessoa próxima da família, há uma agravação pelo fato de ser parente.*

*Nós também temos feito campanhas com a Associação dos Juristas
e também com a Unicef, com a SOS mulheres e muitas outras associações de
mulheres de São Tomé para informar as pessoas e dizer que não aceitem a
situação de abusos sexuais, que façam denúncias e que desta maneira pro-
tegerão suas famílias. As campanhas orientam como as moças e os rapazes
podem identificar as situações de abuso, que não devem sair com estranhos,
etc. Nós temos procurado atuar de forma ativa junto ao Estado, e tanto
no Ministério Público como também no tribunal e junto às polícias, nós
temos dado um tratamento sério a essas pessoas para que possam fazer as
denúncias com segurança, quer seja na polícia ou dentro do hospital onde
a vítima prestou seu depoimento e que permaneçam com o processo aberto,
sem desistirem dele por se sentirem ameaçadas de alguma maneira, princi-
palmente, quando se trata do abuso de menores.*

*Também nos preocupamos com o tratamento posterior à vítima,
porque tratamos das questões do agressor, da pessoa que praticou o ato, mas*

não podemos nos esquecer da vítima. Muitas vezes nos esquecemos que a vítima já tem vários problemas, esquecemos que ela foi abusada, esquecemos qual foi o trauma psicológico que teve, esquecemos que ela passou por uma situação de grande sofrimento, esquecemos de tudo isso. Tratamos de condenar o agressor, puni-lo, faze-lo pagar indenizações e pronto. Agora, a vítima em si, que acompanhamento ela tem? Em muitas ocasiões a vítima continua vivendo no mesmo espaço do agressor. A exemplo, eu recebi uma carta de uma mãe que me pedia para arranjar um lugar, um centro, um lar de acolhimento de criança para sua filha porque ela iria ter que viver com o marido, que foi o agressor da filha. Ele foi julgado, foi condenado e quando saiu da cadeia, voltou para casa. E como ela poderia ficar na mesma casa com o marido e com a filha?

Então, estamos trabalhando em como resolver essas situações. Em determinadas situações, é como se essas mulheres não tivessem amor próprio a si mesmas e amor à própria criança, pensando que aquilo que aconteceu e sua atitude de preferir ficar com o homem, não é algo errado, considerando que, provavelmente, ela também foi vítima disso, e que é uma situação perfeitamente normal, pois a filha está viva, não sofreu danos maiores e que não deve ser de grande problema resolver a situação dessa maneira. Outras vezes consideram que a criança não tinha nada que denunciar, e como ela quer estar com o marido com o qual vive em uma comunidade agrícola com terras para produzir e ter como viver, prefere punir a criança que deveria ter ficado quieta e calada ao invés de arranjar problemas para ela, pois o marido a coloca na situação de ter que escolher entre ficar com ele e a criança. Então, para ter onde ficar e não mandar a criança para a rua, ela busca arranjar um lugar para colocar a criança. Por vezes a mulher não percebe a gravidade da situação em ceder ao homem, às vezes por circunstâncias financeiras, porque ela ainda corre o risco de, se ela ter uma filha menor, essa filha voltar a ser abusada pelo mesmo homem, pelo mesmo agressor.

Enquanto Vera me narrava a complexidade das discriminações de gênero na sociedade santomense e todo seu empenho na magistratura para

apoiar as transformações sociais tão necessárias em seu país, eu me comovia com a grandeza do tamanho de seu coração. No desejo de fazer algo mais, ela encontrava algum tempo também para receber os casais em seu gabinete e os ouvir. Seu apoio vai além de uma orientação jurídica, ela acolhe com amor essas pessoas tão sofridas e as oferece uma escuta sensível. Por fim, sempre aconselha os casais a procurarem ajuda com profissionais da psicologia para compreenderem e superarem seus conflitos. Ela me diz:

Eu adoro aquilo que faço! Enquanto muitos não têm paciência de ouvir o que essas pessoas têm a dizer, têm pressa em fazer esse atendimento, eu entro em meu gabinete e faço o que gosto. Vou ouvi-los de verdade e ajudar na medida do possível, sempre que posso. E penso que a educação tem que ser igualitária dentro e fora do lar, e isso é fundamental para que as pessoas possam mudar esse padrão discriminatório, porque se não houver essa transformação social, o homem vai continuar tendo liberdade de fazer aquilo que ele quiser, enquanto a mulher permanecerá nesta estrutura de obediência ao marido.

Por dias fiquei refletindo sobre as pareências dos conflitos e desafios das mulheres de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, povos colonizados por Portugal. O processo de colonização violenta, usurpa e subordina muito mais que o patrimônio material de um povo, ele também des-valoriza sua cultura e des-preza toda a sua realidade, colocando-o em um lugar de humilhação e inferioridade cultural e social, de maneira a embrutecer e aniquilar sua identidade, imprimindo cicatrizes profundas na subjetividade do povo, provocando danosas consequências incomensuráveis acerca de sua autoimagem, autoconfiança e autoaceitação.

Após 500 anos de colonialismo, o fenômeno histórico-cultural da colonialidade se condiciona na contemporaneidade e dentre os comportamentos reprisados pelos colonizados, está a consagração da dignidade do homem e a reparação moral, “mas eles [os povos] ainda não tiveram tempo de elaborar uma sociedade, de construir e afirmar valores” (FANON, 2005, p. 63). Ainda há muito trabalho, há muitas travessias, há

muitas pelegas, há muitas trincheiras a serem atravessadas na construção de uma outra sociedade possível e urgentemente necessária.

Neste contexto de heranças hostis, as mulheres sofrem, mas também re-existem e resistem aos pelotões patriarcais, acentuados pelo liame colonialista. Elas aprenderam a construir maneiras de expressar suas dores, mas também de reivindicar seus direitos.

Rosária: – As mulheres ainda carregam muito peso, eu as vejo ainda muito tristes, e isso me dá dor, principalmente com relação às mulheres com filhos com deficiência, isso me deixa muito triste, porque as vejo sofrer muito. Ainda vejo mulher sem horizonte, vejo mulher sem sonho por depender de homens, isso é uma dor grande que eu tenho. Mas sonho em trabalhar e juntar todas as mulheres e criarmos uma rede, uma corrente forte, onde as mulheres se valorizem, conheçam-se e se autovalorizem-se, e assim, juntas, transformarmos a sociedade em que estamos. Porque eu acredito que isso é possível!

Vera: – Minha dor é ver jovens moças, a partir dos 14 anos estando grávidas, sofrendo, sem informação, sem ter acesso aos métodos contraceptivos, sem acompanhamento médico, sem diálogo sobre sexualidade dentro das famílias, aprendendo tudo na rua. Adolescentes grávidas sem apoio que as mantenha na escola, precisando abandonar os estudos, depois, vivendo da informalidade para poder cuidar de seus filhos. Essa é a minha maior dor! Meu sonho é que haja mais oportunidade para as mulheres, que as mulheres tenham mais oportunidade de assumir as responsabilidades e que sejam tratadas por igual em tudo, com empregos e salários iguais, com oportunidades para que consigam conduzir suas vidas da forma que bem entenderem, sem discriminações.

Judite: – Minha dor foi pela luta pela libertação da minha pátria, uma grande dor durante a ocupação do Timor-Leste pela Indonésia. O meu esforço pela independência do meu país foi uma experiência muito dura. Mas hoje, eu ainda quero a libertação do meu povo, a libertação da ignorância e do obscurantismo. O meu sonho é a libertação do meu povo.

As mulheres interagem e conversam com tudo em derredor e, inclusive, com seu próprio corpo, tomando posse da liberdade de ser quem são, de serem mulheres cidadãs, de serem protagonistas de suas próprias histórias e das transformações em curso de seus países e do mundo. Rosária, Vera e Judite fazem parte de um coletivo imenso de mulheres que re-visita a história de seus povos e se põe a escrever a história com suas PRÓPRIAS VOZES, essas que foram silenciadas, portanto, invisibilizadas, marginalizadas, subalternizadas, excluídas e esquecidas pelos homens que tinham a pena e o tinteiro em suas mãos.

Ouvir a história pelas VOZES DAS MULHERES é compreender que elas arrastam consigo as vozes e as histórias de outras gerações para além da perspectiva histórica, restrita ao conteúdo e ao discurso do masculino. Elas ecoam um pensamento contemporâneo e de potência transformadora da sociedade, da Humanidade.

As narrativas de Rosária, Vera e Judite não fogem da brutalidade dos resíduos coloniais, da colonialidade e do patriarcado que ainda assolam seus países e que vitimizaram, silenciaram e invisibilizaram milhares de meninas e mulheres. Esta negação não se materializa em suas falas. Com elas percebo, acima de tudo, a virtude, a intensidade, a potência e a sabedoria feminina com que (re)visitam a história com o propósito de a (re)contar a partir de seus lugares de fala enquanto mulheres e a deliberação corajosa com a qual arrimam a continuidade de suas lutas pelos direitos das meninas e das mulheres de suas nações.

Desde criança meus pais me ensinaram a respeitar as pessoas e suas culturas. Cada cultura tem sua riqueza e seu valor. Contudo, é preciso olhar com espírito crítico para as profundezas abissais da marginalização, aniquilação e exclusão das mulheres provocadas pelo sistema patriarcal arraigado nas culturas dos povos e nações. Nenhuma justificativa cultural pode ser autossuficiente para oprimir e subalternizar meninas e mulheres. O falo masculino não pode permanecer sendo a defesa do macho para inumeráveis maus-tratos às meninas e às mulheres. Por incrível

que possa parecer, ainda é necessário lembrar que nós, mulheres, não somos propriedades dos homens.

Nós, mulheres, somos seres humanos, somos singulares, múltiplas e plurais, ao mesmo tempo. Somos protagonistas da história e da política. Somos luta e acolhimento. Somos gigantes em nosso Ser e sentir a vida. Somos energia potente, nascente, o presente e o futuro. Nosso lugar é onde decidirmos estar.

MORTE DIGNA



No domingo ensolarado de 21 de março de 2021, conversei com Ana Estrada, nascida na cidade de Lima, Peru, no dia 20 de novembro de 1976. Uma mulher impactante, caçadora de sua liberdade de escolha, do direito de decidir por si mesma o momento de des-continuar seu sofrimento e des-habitar seu corpo com uma morte digna.

Faz exatamente 1 ano que me encontrei com Ana. Faz 1 ano que sempre penso nela. Parece que foi ontem que conversamos. E, neste momento, enquanto sinto seu poema, aproveito para lhe enviar uma mensagem dizendo que não me esqueço dela e de sua luta.

CONFINAMENTO

O caminho de volta foi uma dança
De repente não soube outra forma de pulsar
que meu ritual de renúncias
me fiz de giros em duelo
Meu peito invadido adivinhava lar
a trama de minhas veias eram palavras
Agora tenho este presente zenital
Já não sou a colecionadora de memória de cadências
Confinada a este corpo des-habito
o enredo de minhas pegadas.
(ESTRADA, 2020, tradução minha).

Sou psicóloga e psicoterapeuta psicanalista. Com o apoio de minha família e muito esforço, consegui estudar e me formar. Trabalhei até o ano de 2015, então, precisei parar. Desde os 12 anos de idade convivo com

uma enfermidade chamada polimiosite que vai deteriorando meu corpo gradativamente e, desde 2015, tem a afetado meus músculos respiratórios de modo que precisei fazer uma traqueostomia e permanecer conectada a um respirador. Estive em cuidados médicos intensivos por 6 meses e, desde esse período, não pude mais trabalhar e nem ser independente. Aqui se inicia meu caminho em busca do direito a uma morte digna.

A Polimiosite é uma doença autoimune, crônica, degenerativa e sistêmica que afeta de 5 a 22 pessoas por 100.000 habitantes com incidência de aproximadamente 1,2 a 19 milhões de pessoas em risco por ano e com predomínio 2 vezes maior para o sexo feminino. A patologia é ainda mais rara em crianças, sendo mais comum em pessoas entre 50 a 60 anos de idade. Ela afeta gravemente a capacidade funcional da pessoa que vai tendo cada vez mais dificuldade de se movimentar em razão de inflamações musculares na região do tronco que podem vir a comprometer, por exemplo, a sustentação do pescoço, o quadril, os membros inferiores e superiores. Os quadros mais graves da doença costumam afetar e dificultar a respiração, a deglutição e a nutrição, demandando o uso de recursos que auxiliem no processo respiratório e de nutrição (CHEETI et al, 2021).

Embora Ana estivesse em uma condição de intensa fragilidade física, confinada em sua casa, deitada em sua cama e conectada a um ventilador mecânico, o que eu via era uma mulher forte, de espírito vivaz, destemida em guerrear com tribunais, instituições religiosas, políticos intragáveis e quem quer que fosse, por sua liberdade de escolha. E a escolha de Ana não era pela morte, mas pela vida cheia de vida!

Confesso que me sinto meio perdida e um tanto consternada na escrita da narrativa de Ana. Pego-me indo e voltando em cada parágrafo em uma tentativa acurada de traduzir pensamentos, sentimentos e sensações que me passam pelo coração enquanto (re)visito sua história. Acontece que esse pensar e sentir pertencem ao lugar do que é indizível, do inarrável e inefável. Talvez seja porque a história de Ana se entronque com a de meu pai e eu me sinta, de novo, meio sem ar para assistir a morosidade do passo da morte circundando, sem pressa, o corpo e a alma

dolorida de um espírito tão nobre. No caso de meu pai, foi a Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) que lhe causou a degeneração devastadora dos neurônios motores e lhe tirou a capacidade de andar, de pegar as coisas, depois lhe subtraiu a capacidade de permanecer sentado, de sustentar o pescoço, de engolir, de falar e, por último, de respirar. Mexida, sigo atenta à conversa com Ana que assevera:

Apesar do Peru ser um país laico, a Igreja tem muito poder, sempre teve. Quando as autoridades juram, elas o fazem por diante da cruz. A igreja católica tem muito poder aqui e age sempre tendo em vista as crenças do cristianismo. Teremos em breve as eleições presidenciais e há muitos candidatos que são ultraconservadores e buscam apoio da Igreja para se elegerem. Assim, bispos, políticos conservadores e cristãos fanáticos da sociedade civil, obviamente, estão contra o meu caso e tenho recebido muitos ataques nas redes sociais e nos programas de TV. Há um candidato específico que tem sido muito violento comigo, ele disse: “– A Senhora Ana está louca, ela está louca! Se quer morrer que suba no telhado e se jogue lá de cima, mas não venha colocar o Estado no meio disso”. Eu tinha consciência de que esse tipo de coisa contra mim poderia acontecer quando decidi pleitear pelo direito à morte digna. No entanto, penso no perigo que uma pessoa desse tipo pode ser na presidência do Peru. Bom, vocês com o Bolsonaro aí no Brasil, sabem como é! Então, esse candidato é como um Bolsonaro. Ele é terrível, é uma coisa terrível! Ele é fascista, homofóbico, totalmente conservador e quanto mais ofensivas sejam suas expressões, mais visibilidade ele tem, ou seja, mais os meios de comunicação repercutem seu discurso. Então, mais conhecido ainda esse tipo de candidato se torna e muitos apoiam políticos com esse perfil. Isso é um perigo para as mulheres, para as crianças, para todos os direitos humanos que estamos conquistando aqui no Peru.

E esses ataques realmente me doem porque me dá medo que alguém assim entre no poder. Além disso, não só ele, mas todos os que estão com ele. Existem usuários que chamamos de “trolls” que se envolvem nas redes sociais e que atacam e atacam com o propósito de desestabilizar uma discussão e provocar ódio nas pessoas. Elas me ofendem dizendo: “já te

disseram que você pode se matar”, “se mate, queremos ver”, “não queria morrer, quando vai ser?”. Eles só me atacam e vinculam suas falas ao meu caso que está sendo veiculado na mídia a partir da sentença do tribunal que foi favorável ao meu processo. Então, essas pessoas acabam crendo que eu lutei para morrer. Mas eu não lutei por isso, eu lutei pelo meu direito à minha liberdade de escolha, e essa sempre foi a minha defesa. O que eles fazem, na verdade, é o controle social do tempo, eles desejam controlar o tempo dizendo o que devemos fazer, quando e como devemos fazer, e aquilo que querem ver acontecer mais além. Eles querem um show completo com todo o sensacionalismo que se pode ter, e o ser humano se encarna nesses ataques. Obviamente, eu acabo tendo que bloquear muita gente. Já não entro tanto no Twitter porque lá essa fúria é mais forte, porém está mais tranquilo neste momento. Mas quando saiu a decisão do tribunal, no dia 25 de fevereiro, a violência deles foi mais forte.

Antes de decidir convidar Ana para ser uma das protagonistas desse livro, eu li muitas notícias sobre seu caso. Visitei suas redes sociais e naveguei por seu blog¹⁴¹. Eu não tinha certeza se deveria trazer o tema da eutanásia à baila, mesmo embora, eu me posiciono favorável há muitos anos. Levei dias sentindo seus poemas, escutando sua escrita, pareando minha empatia inquieta com os relatos de seu experienciar da mais profunda e erma sofreguidão. Ana é valente e tenaz. Em seu blog, a sensualidade de seu corpo de mulher desafia a mordação decrépita do machismo que não tem êxito em lhe silenciar. Notei que ambas apreciamos tatuagens coloridas e temos belos e audaciosos beija-flores voando em nossos braços, respiramos a Mãe Natureza em nossa pele delineada por flores e desejos. Em seu diário, sua dor:

Bem, repito, não quero morrer. Mais do que nunca amo a vida e acima de tudo neste mundo, amo a liberdade de escolher. Essa busca pela morte tornou-se, paradoxalmente, uma motivação para viver. [...]. É a primeira noite na UTI. Tenho um tubo na boca e não consigo falar. Não sei que horas são, mas apenas me mudaram

141 Blog de Ana Estrada: <https://anabuscalamuertedigna.wordpress.com/>

para outro espaço porque eu estava muito “inquieta”. Agora estou separada do resto dos pacientes. Tudo nesta sala está escuro e, de repente, ouço as vozes de minha mãe, irmão e amigos. São frases curtas de eco que se sobrepõem e não me fazem sentido. Estou tendo um ataque de pânico. Também ouço uma estação de rádio e a música é repetida várias vezes. Involuntariamente, mordo o tubo como se o empurrasse para fora. Um alarme soa. – *Ana, não morda o tubo* – diz uma enfermeira que se aproxima e silencia a máquina. Eu me concentro e não o mordo. Tenho medo do aviso da enfermeira. Mais uma vez as vozes e o rádio me enlouquecem. [...]. As vozes e o som da música repetida ficam mais altos e eu fico distraída e assustada. Estou apavorada. Não sei se meus olhos estão fechados ou abertos. Eu só choro. Estou babando porque não consigo engolir minha saliva, pois o tubo me impede. Estou em um filme de terror (ESTRADA, 2019).

Pedi-lhe que me falasse sobre os dilemas das pessoas com enfermidades crônicas e terminais, e segura, revela:

Creio que cada caso é único. Cada história é única. Há pessoas que estão em condições semelhantes à minha, ou com alguma enfermidade severa, mas que têm um pensamento diferente do meu e que não estão de acordo com minha escolha, com minha luta. Então, no meu caso, eu sei que o que quero para mim, quero ter a liberdade de escolha. Quando já não possa seguir lidando com essa enfermidade em razão de seu avanço degenerativo, quero ter a escolha de morrer. Por exemplo, agora, neste momento, é muito difícil para eu conseguir falar com você. Precisei fazer vários procedimentos e todo um esforço para cobrir a traqueia por causa da traqueostomia, depois precisei descansar e, então, desligar o ventilador. Então, quando eu não puder mais fazer essas coisas, quando tiver que passar todo o tempo conectada a um ventilador, aí creio que não conseguirei mais resistir. Por isso que lutei com tempo para poder ter o direito de escolha e a liberdade a uma morte digna.

A vontade de viver de Ana, é imensa, tão intensa que a faz lutar, com amor-próprio, pela liberdade de não ser aprisionada pelas indestrutíveis algemas da doença degenerativa e batalhar por sua liberdade de

escolha, resistindo ao controle e a sujeição de seu corpo e de sua vida ao Estado: “Eu amo tanto a vida que uma vida sem liberdade não é vida” (ESTRADA, 2021)¹⁴².

Ana revelou publicamente que cogitou solicitar ajuda clandestina para alcançar seu objetivo, no entanto, não sendo este seu modo de se mover na vida, decidiu se sujeitar à legalidade do processo. Os direitos existem para aqueles que deles necessitam, de maneira que o acesso ao direito fundamental a uma vida digna, está enlaçado com o direito a morrer com dignidade.

A eutanásia é uma forma de tratamento oferecida à pessoas com doenças incuráveis ou muito dolorosas e é realizada por um médico/médica a partir de uma solicitação imperativa e consciente da pessoa que deseja cessar seu sofrimento. Ela é decidida, solicitada e consentida, exclusivamente, pela própria pessoa. A eutanásia é um pedido de misericórdia para a viabilização de uma morte digna, humanizada e indolor e sua intervenção acontece de modo deliberativo a partir da administração de fármacos. Já a ortotanásia se define como a interrupção do tratamento que mantém o doente em sobrevida, velando pela chegada da morte natural, contudo, realizando os procedimentos médicos que garantam o máximo de conforto para a pessoa doente, evitando seu sofrimento. Vale dizer que a eutanásia não é equivalente à morte assistida onde a equipe médica assiste e orienta a pessoa sobre qual fármaco utilizar para morrer. Ambos os métodos estão legalizados apenas em alguns países. Dentre as razões mais comuns para o pedido da eutanásia estão a dor intensa e insuportável, a redução incessante da qualidade de vida por condições físicas como a paralisia, problemas respiratórios graves, limitações para engolir e se alimentar, além da perda do controle do próprio corpo, da dignidade e da independência pessoal (VARALLI, 2017).

Muitas são as controversas acerca da eutanásia. Moral e religião são os argumentos mais triviais daqueles que se posicionam contrários.

142 Neste vídeo Ana Estrada compartilha sobre momentos de sua vida e de sua luta por uma morte digna frente os examinadores de seu caso em audiência: <https://www.youtube.com/watch?v=gEiKkvZRpUU&t=6s>

Alguns simplesmente consideram a decisão pelo tratamento como imoral, como um assassinato. Outros se atêm as suas próprias crenças religiosas. O tema é engolido pelo silenciamento da “ordem do sagrado”, o qual costuma ser concebido por organizações religiosas como incontestável. Não obstante, crenças e valores religiosos não devem ser colocados acima do direito da escolha individual da pessoa consciente em abreviar seu sofrimento, pois estes preceitos sacros não são universais e não cabe ao Estado e às instituições religiosas intervirem de modo contrário a esta liberdade individual de morrer com dignidade, desejo tão legítimo para a preservação da vida digna como direito fundamental.

Com outra perspectiva sobre o significado e valor da vida humana estão aqueles que entendem que as pessoas têm o direito de fazer escolhas e tomar decisões acerca de seus corpos, incluindo quando e como querem morrer no caso de intenso sofrimento, onde não há possibilidades de reversão da doença e permanente piora da qualidade de vida. O direito à morte digna como decorrência do princípio da dignidade humana está presente no espaço das discussões jurídicas e acadêmicas.

Da aceitação do direito à vida digna decorre o direito à morte digna, uma vez que esta é desdobramento daquela, um verdadeiro direito fundamental. Não se trata, neste caso, de colidência de direitos, mas do desdobramento de um direito. [...]. O Estado tem o dever de garantir a vida digna e sadia, o que representa a concretização do princípio da dignidade humana. Neste aspecto, o direito à vida gera para o Estado a dupla tarefa de proteger a vida com ações positivas (como segurança pública e saúde), se abster e não permitir a intervenção de terceiros em aspectos particulares da vida do sujeito, exceto se tal ato se justificar para garantir a vida em sociedade. Este não é o caso envolvendo questões de morte digna, que em nada justifica a intervenção do Estado. Há uma esfera individual e privada que deve estar blindada e protegida, que não pode sofrer interferência do Estado ou de terceiros. O papel do Estado e do Direito é o de proteger a escolha individual nas situações em que o paciente, informado de sua condição médica, das consequências e da existência de cuidados paliativos, resolva abreviar o tempo da sua própria vida. Se a morte é inevitável, o

sujeito adulto e consciente, que esteja sofrendo de dores insuportáveis (segundo sua própria avaliação) e seja portador de doença incurável, deveria ter à disposição os meios legais para encerrar este sofrimento. Respeitar o desejo de não mais sofrer é respeitar a dignidade, direito fundamental e direito humano. É possível discutir se os direitos humanos são ou não universais. Fato é que a maioria dos países consente quanto à dignidade ser um direito universal (VARALLI, 2017, p. 157-158).

O debate do direito à morte digna está extremamente atrelado ao direito à existência digna (UNESCO, 1948). Tabus regados à sacralidade não resolvem as problemáticas humanas, muito menos louvam com sua hipocrisia o que é Divino. Comparar a eutanásia à prática do homicídio por parte do profissional da saúde é, no mínimo, uma covardia daqueles que prezam pelo livre-arbítrio quando lhes convém. Milhares e milhares de pessoas, incluindo crianças e idosos, são condenadas à morte, todos os santos e malditos dias por fome, sede, doenças evitáveis, falta de tratamento médico e medicamentoso adequados, extrema pobreza, falta de saneamento básico, corrupção desmedida, conflitos armados banhados a ganância, incomensurável indiferença social de governos, governantes, organizações religiosas, sistema de (in)justiça falho, religiosos fanáticos e alienados. Por que essa lista de atos homicidas não está vinculada ao dolo e ao imoral? Aliás, deveria ser duplamente qualificada como tentativa intencional de matar, uma vez que há consciência dos culpados acerca da ausência de existência digna à pessoa humana, tanto quanto estão indiferentes à preservação de suas vidas, condenando-as à morte, na maioria das vezes, à míngua, tanto de suas almas como de seus corpos.

Diante disso, o que faz com que essas mesmas criaturas que ocupam espaços decisórios de controle e poder, sejam tão preciosistas acerca da escolha e da decisão de uma pessoa sobre sua própria vida e morte? Ora, aquilo que poderiam fazer para sanar o sofrimento na Terra, provocado pela miséria de incontáveis que são explorados e esquecidos pelos abastados, não o fazem. Por que, então, julgam cruelmente as pessoas que justificam com legitimidade seu desejo e escolha de morrer e são intolerantes

com os profissionais que as auxiliam nesse processo onde a existência já se esbarrou com a dor insuportável que fere sua dignidade humana? Por que criminalizar ou demonizar quem clama por alento e aquele que se põe ao lado do leito de dor? Qual o tamanho dessa hipocrisia?

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado. Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida (EPICURO, 2002. p. 15).

O direito à vida com dignidade se alinha com o direito a desfrutar de qualidade de vida sadia no contexto físico e mental. Logo, a morte enquanto fase natural da vida, também deve acontecer de maneira digna, respeitável e mais branda possível, minimizando ao máximo o sofrimento humano. Felizmente, há movimentos sociais que defendem e lutam para que o ser humano tenha cada vez mais autonomia para fazer escolhas e tomar decisões sobre sua vida e sua morte, acolhendo o processo de morrer de maneira mais humanizada segundo seus próprios valores e crenças individuais. Essa conduta não se traduz como uma afronta a fé cristã, tampouco a qualquer pilar religioso, exclusivamente, é súplica que se des-apega ao que é terreno para se acolher e ser acolhido na paz além-dor.

Ana tem um pensamento claro e brilhante, ele voa! Seu corpo, todavia, está cativo em sua cama. O esforço para conversar comigo é evidente, as pausas sujeitam sua respiração. Trago à memória o rosto triste de meu pai, depois de meses acamado. Nesse momento, olho o anoitecer pela janela de meu quarto, ainda há algumas entrelinhas que o sol rabis-cou, anestesiou a minh'alma para continuar a tecer essa escrita. Ele também tinha um pensamento claro e brilhante, era magro, alto, caminhava depressa com suas pernas compridas, preparava vários canteiros para o plantio de verduras, legumes, ervas, chás, pés de poucã, apreciava muito um vinho tinto, uma comidinha trivial feita por minha mãe. No púlpito, era eloquente, no coral, era tenor, em casa estava sempre assoviando. Amava os livros e a todos nós.

Meu pai estava feliz porque havia sido aceito para fazer uma disciplina do segundo doutorado que pretendia fazer, desta vez, na área da linguística, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ele andava se queixando de alguma canseira, foi dormir mais cedo, acordou-se de madrugada para pegar o ônibus que nas próximas 5 horas o levaria à faculdade. O transporte chegou, parou próximo à calçada, ao tentar subir, foi ao chão em queda. O ônibus partiu e meu pai ficou ali no chão por vários minutos sem conseguir se levantar. Ninguém o ajudava imaginando que deveria ser algum bêbado e, dificilmente, há misericórdia para ébrios. Finalmente, um conhecido o reconheceu e disse: Pastor, o que aconteceu? Vou levar o senhor para casa.

O calvário havia começado. Consultas médicas em vão pelo pouco conhecimento da doença no comecinho dos anos 2000. Entre os passinhos com a bengala até a cadeira de rodas foram poucos meses. Amorosos, os presbíteros de sua igreja o carregavam no colo de casa para o carro, do carro para o púlpito e o inverso, semanalmente, e assim se sucedeu por longos 2 anos e meio. Por sua teimosia insistente em não abandonar sua igreja, caiu diversas vezes, deixando minha mãe e aqueles que o acompanhavam com amor, numa altíssima linha de tensão. Depois de idas e vindas, muitos exames doloridos, em uma consulta no Hospital das Clínicas,

veio o diagnóstico: – O senhor tem Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), não há cura e não podemos fazer nada a respeito, o senhor não vai mais andar, terá dificuldade para se alimentar, viverá no máximo 5 anos.

Os detalhes do processo de adoecimento de meu pai são muitos para serem descritos aqui, são tristes demais para mim. Minha mãe cuidou dele sozinha, até hoje, não sei como ela aguentou, onde seu corpo delicado arrumou forças físicas para o banhar e o vestir, o carregar para lá e para cá enquanto era possível. Cozinhou de tudo para o agradar, mas a comida não descia mais. Lavar-lhe os cabelos se tornou uma atividade demasiadamente arriscada, pois meu pai já não conseguia mais controlar os músculos do pescoço para sustentar sua cabeça. Suas mãos já não podiam segurar um livro para ler ou o telefone para falar com minha avó. Nem suas próprias lágrimas ele era capaz de enxugar ou mesmo de tocar um mosquito para que não se assentasse em seu nariz.

Recordo-me que em 08 de agosto de 2004, eu estava com ele no quintal, com meu companheiro ajudando a o manter sentado na cadeira de rodas para tomar um pouco de sol. Eu segurava um prato com um pouquinho de arroz bem molhadinho e amassado com um caldo de frango que mamãe havia feito. Com uma colher, o máximo que eu conseguia era que ele umedecesse seus lábios e meu maior medo era que se engasgasse ali comigo. Nesse domingo de céu azul, alguns jovens da igreja vieram visitar meu pai, nesta altura, ele já não tinha mais nenhuma condição de estar no lugar onde estive por toda uma vida. Sua voz estava tão baixinha que eu tinha que colocar meus ouvidos bem pertinho de sua boca para o ouvir. Esse foi o último dia dos pais que passei ao seu lado, a primeira vez em anos que não lhe presenteei com uma garrafa de *Bolla* tinto seco. Na manhã do dia 21 de agosto, 13 dias depois, meu pai se foi aos 59 anos de idade. Estávamos só nós dois naquele quarto de hospital quando senti seu pulso ficar cada vez mais fraquinho enquanto seu espírito se libertava daquele pesar.

Há algo mais que quero dizer sobre o processo de morrer de meu pai. Ao retornar da consulta médica com o diagnóstico definido, decidi não fazer mais aquela viagem cansativa até o Hospital das Clínicas. O úni-

co medicamento que tivemos acesso na época, ele também resolveu não tomar mais, pois via que não surgia efeito e para engolir era angustiante. O médico da cidade em que vivia indicou a traqueostomia e isto foi motivo de inúmeras discussões e conflitos em casa, porque minha mãe queria muito que ele fizesse e que utilizasse um BIPAP (*BI-level positive airway pressure*). Meu pai rejeitou terminantemente o procedimento. Em seus últimos dias, já muito fraco, negou-se a ser hospitalizado. Na noite anterior a sua morte, já com a pele embaixo das unhas com cor azulada em razão da insuficiência circulatória e com os rins comprometidos, lúcido, resolveu atender a súplica da minha mãe e do médico para ir até o hospital. Passei aquela noite com ele, escovei devagarzinho os seus dentes, tal como percebi que desejava, pois em razão de uma hipóxia, ele havia convulsionado, ficando inconsciente e, quando acordou, não conseguia falar. De madrugada as suas últimas palavras sussurradas foram algo sobre o doce nome de Jesus. Infelizmente, não consegui compreender muito bem o que ele queria me dizer. Ele dormiu, entrou em coma e não mais acordou.

A qual janela me aproximo para cantar para ele;

Não digo nada a ele, não posso dizer nada a ele:

apenas olho para ele. [...]

E não posso perguntar-lhe sobre o tédio que o retém:

não lhe digo nada,

Não posso dizer nada a ele, apenas olho para ele.

Destino, sombra após sombra, nostalgia, folhagem adormecida. [...]

E vemos a vida passar sombra após sombra, seu silêncio e meu silêncio,

uma dança chorosa.

Quando o tempo se foi e ele com o tempo.

Vou deixá-lo comigo, nas duas margens do rio, sozinho e comigo, como

uma testemunha perdida.

A qual janela me aproximo para cantar para ele;

Não digo nada a ele, não posso dizer nada a ele:

apenas olho para ele.
(GRANDA, 1977)¹⁴³.

Hoje, 17 anos após sua morte, minha mãe diz: – Seu pai fez tudo do jeito que ele quis. Muitos criticaram a atitude de minha mãe por ter respeitado todas as vontades de meu pai. Eles acreditavam que ela deveria o sujeitar ao tratamento, aos procedimentos médicos, à hospitalização. Para eles, a atitude do meu pai era de antecipar sua morte. Correntes de orações se fizeram em muitas igrejas, alguns alegaram que a cura não veio por falta de fé. Minha mãe sofreu muito com tudo isso, ela tentou o convencer de todas as formas. Meu pai queria viver, mas viver de verdade! Por fim, resistiu prolongar seu sofrimento com paliativos, ele realmente se negou a continuar sobrevivendo daquela maneira. Sepultado vivo, era como dizia se sentir. Embora de maneiras diferentes, vejo no meu pai e em Ana, a mesma vontade de viver quanto de morrer, a mesma coragem de decidir cessar o sofrimento, cada um ao seu modo, em seus contextos e com os seus recursos possíveis.

Pela narrativa de Ana, entendo que sua luta desponta uma arrojada relação entre o direito de escolha por uma morte digna e o duelo pela liberdade e empoderamento das mulheres contra o patriarcado. Quando lhe pergunto sobre isto, ela diz:

Sílvia, eu me dei conta que tem muito em comum entre essas lutas. Quando digo “eu quero ser dona de minhas próprias decisões, sobre a minha vida, sobre meu corpo”, estou dizendo, na verdade, também aquilo que tem sido uma luta das mulheres pelo mundo. Porque durante toda

143 Chabuca Granda (María Isabel Granda y Larco), nasceu em 03 de setembro de 1920 em Cotabambas, uma cidade próxima a Abancay, na região de Apurímac. No Peru. É considerada como a mais importante cantora e compositora da música folclórica peruana. Começou a cantar aos 12 anos, mas sua carreira se desenvolveu após seu divórcio com o pai de seus 3 filhos que não aceitava sua dedicação à música. Na época, o fato foi considerado um escândalo pela sociedade peruana. Sua música era apreciada na Argentina, México e Espanha, todavia, seu país demorou a reconhecê-la. Chabuca faleceu em 08 de março de 1983 aos 62 anos.

nossa vida a sociedade tem nos dito aquilo que temos que fazer com nosso próprio corpo, o que temos que fazer com nossa vida, com nossas escolhas, com nossos propósitos, e com tudo que diz respeito às mulheres. Eu queria reconquistar tudo isso que eu havia perdido. Quando eu estava em cadeira de rodas, eu me sentia dona de mim, eu me sentia autônoma, sentia-me dona das minhas decisões, porém, nessa condição que estou hoje, já não me sinto autônoma e dona de mim, porque tem um Estado que me diz se eu posso ou não morrer, que interfere nas minhas decisões. Quando eu me dei conta que o Estado era dono da minha vida e das minhas decisões, aí me dei conta de que isso era a razão pela qual eu queria lutar. Queria reconquistar esse direito, queria que me devolvessem meu direito de decidir sobre a minha vida, e que reconheçam que eu tenho esse direito de escolha. Logo depois da sentença dada pelo juiz, eu senti que não tinha mais medo e que a liberdade para mim era isso, não ter medo de seguir em frente.

De modo geral, as mulheres sentem medo diante de tantas violências que nos acontecem. Mas o que importa é que façamos a nossa vida e sigamos em frente mesmo quando estejamos com medo, e essa é a mensagem que eu quero deixar. Nós, mulheres, temos o poder para fazermos a nossa própria história, mesmo quando estamos com medo, mesmo diante de ameaças, nós podemos fazer o que quisermos e seguirmos em frente.

Não é você.

Sempre eu.

Casa, árvore, dor,

janela, pão, dança, medo.

Sempre eu.

Sempre saindo do meu caminho.

(VARELA, 2021, p. 10)¹⁴⁴.

144 Blanca Leonor Varela Gonzáles nasceu em 10 de agosto de 1926, na cidade de Lima, Peru. Ainda jovem, ingressou na Universidad de San Marcos para estudar Letras e Educação. Suas obras se integram no Movimento Surrealista e na Geração 50 da poesia peruana. É considerada uma das vozes mais potentes da lírica hispano-americana

Já era o momento de encerrar nossa conversa. Ana concluiu me dizendo:

Ontem uma jornalista na Argentina escreveu um artigo muito interessante sobre mim. Ela leu todo o meu blog, revisou toda a minha história, e fez um artigo a partir de perguntas: “Quando realmente começou a história de Ana Estrada? Quando tinha 12 anos a diagnosticaram..., quando seus pais buscaram um xamã para a curar..., quando perdeu seu primeiro amor na adolescência...”. Então, creio que agora minha luta é pelo direito a uma morte digna. Quando decidimos empreender algo em nossa vida, não é por acaso, mas sim por um conjunto de episódios de nossa história que nos levam a esse caminho. Creio que na realidade a minha luta sempre esteve presente em minha vida, com certeza, desde os 12 anos, de repente, até mesmo antes dessa idade, ainda sendo criança. Pela mesma razão de ser mulher, talvez ali, em meu nascimento, já tenha iniciado a minha luta. Lutar por minha liberdade e pelos meus direitos sempre foi algo presente em minha vida.

Essa luta é também a minha lágrima! Mas eu também tenho um sonho: neste momento com a pandemia e tudo mais acontecendo, meu sonho é voltar a ver todos os que amo, sonho que meus pais voltem a ver seu neto, meu sobrinho, e que voltem a se abraçar, que voltem a estar juntos... Esse é o meu sonho!

Eu estava muito grata por Ana conversar comigo sobre sua vida e sobre esse tema tão sensível que lhe atravessa. Para mim ela é um ícone potente para que nossa sociedade deixe a ignorância e o medo do inferno de lado e considere pensar e apoiar a luta pelo direito à morte digna como um ato de amor e misericórdia para quem ultrapassou as fronteiras da dor e do sofrimento por doenças tão agonizantes.

do século XX. Em 2001 recebeu o Premio Octavio Paz de Poesía y Ensayo e em 2006 o Premio Ciudad de Granada, em 2007 os prêmios García Lorca e Reina Sofía de Poesía Iberoamericana. Faleceu no dia 12 de março de 2009, aos 82 anos de idade.

A CANOA DE UBUNTU



Já estamos no outono de 2022! Com que rapidez os dias nascem e vão dormir.

Meu filhinho chegou aos 13 anos de idade – parece que foi ontem que o bejei pela primeira vez, o amamentei com dores e lágrimas de um sofrido puerpério, e tive a certeza de que ele era meu coração batendo fora do peito. Para hoje e amanhã, o que tenho é um imenso desafio de o educar para que escolha ser uma pessoa generosa e com ideais feministas, justo e solidário com as incomensuráveis batalhas em prol dos direitos humanos para todas as pessoas da nossa Casa Comum, inclusive, para aquelas que se encontram no cárcere.

Uma em cada três pessoas encarceradas no planeta subsiste sem julgamento, ou seja, elas estão presas sem terem sido consideradas culpadas por um tribunal de justiça. No final de 2019 a população carcerária mundial era de 11,7 milhões de pessoas, cerca de 152 prisioneiros para cada 100 mil habitantes, comparável ao número aproximado de habitantes de países como a Bolívia ou a Bélgica, por exemplo. Dos países com dados disponíveis sobre seus sistemas prisionais, quase metade opera com 100% acima de sua capacidade de lotação. Durante a pandemia, em maio de 2021, cerca de 550 mil presos de 122 países foram infectados com a Covid19, sendo registradas em torno de 4.000 mil mortes nos presídios de 47 países. Preventivamente, desde março de 2020, pelo menos 700 mil pessoas na condição de prisão preventiva ou condenação por crimes não violentos, foram liberadas a partir de mecanismos de soltura de emergência praticados por 119 Estados-membros. Em julho de 2020 o inominável presidente brasileiro vetou a obrigatoriedade do uso de máscaras nos presídios, lembrando que mais de 1.400 presídios sequer têm consultórios médicos ou salas equipadas para o tratamento de pessoas infectadas com o coronavírus (UNODC, 2021a; PRI, 2021).

O Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking de maior população carcerária mundial com mais de 800 mil prisioneiros, ficando atrás apenas dos Estados Unidos com mais de 2 milhões de presos e da China com quase 1,7 milhões de encarcerados. O Brasil também possui um dos maiores índices de presos na condição provisória, ou seja, 34,7% da população carcerária nacional está presa sem ter sido condenada por um processo justo, julgado em um tribunal de justiça. Desde o ano 2000 a população carcerária total da América do Sul triplicou com um aumento de 200% e duplicou em 116% no sudeste da Ásia e em 82% na Oceania. No mesmo período, em toda América, esta população aumentou em 138% (FAIR; WALMSLEY, 2021).

Em todos os continentes é possível perceber o aumento da população de mulheres em cárcere, atualmente, mais de 740 mil mulheres se encontram em prisões pelo mundo. A alta de 17% em relação a 2010 se deve, principalmente, às políticas de encarceramento que criminalizam a posse de pequenas quantidades de drogas, além de países que condenam severamente mulheres que transgridem normativas em contextos de violência de gênero, discriminação e pobreza extrema (PRI, 2021). Essa desigualdade de gênero aponta a dispar desvantagem das mulheres para serem liberadas ou absolvidas independentemente do risco que ofereçam ou não à sociedade.

O Brasil é o quarto país do planeta com a maior população carcerária feminina, depois dos Estados Unidos, China e Rússia. Entre o período de 2000 a 2016, a taxa de aprisionamento de mulheres subiu 455% no Brasil. Em 2019 a população feminina privada de liberdade era de 37,2 mil, destas, 12.821 eram mães de crianças de até 12 anos de idade, e 434 possuíam idade igual ou superior a 60 anos, além daquelas em condições de gestante e puerpério, 62% eram negras ou pardas e 66% não haviam concluído o ensino médio. Deste número total de mulheres encarceradas, 45% ainda não havia sido julgada ou condenada por um tribunal de justiça. Mais de 60% das presidiárias cometeram crimes relacionados ao tráfico de drogas e, deste percentual, 77% afirma que entraram no mundo do crime por influência ou indução do marido, namo-

rado ou companheiro. O Estado de São Paulo concentra mais de 31% da população prisional feminina, seguido de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em junho de 2017, o Brasil registrou 35,52 mulheres presas para cada 100 mil mulheres. Dos estabelecimentos prisionais no país, apenas 6,97% foram construídos exclusivamente para detenção de mulheres e apenas 14,2% das unidades prisionais que recebem mulheres possuem um espaço reservado para gestantes e lactantes. Nas prisões brasileiras também estão presentes mulheres estrangeiras, a maioria natural do continente americano, seguido do continente africano e de mulheres de países asiáticos (PRI, 2021; DEPEN, 2019).

Em maio de 2020, enquanto o planeta se espantava com o furor do coronavírus atravessando os mares e com a ferocidade do policial branco estadunidense que asfixiou George Floyd, um homem negro, com o joelho em seu pescoço por 9 minutos mortais, eu buscava uma música que me trouxesse uma doçura vital para energizar a minh'álma. De súbito, uma voz meiga ao mesmo tempo que potente, invade com presença audiovisual o espaço em que me encontro rascunhando meus pensamentos sobre a possibilidade de haver alguma esperança para o des-emburtecimento humano. Nesse dia, eu estava cansada de cansar. E aquela voz naquele corpo dançante me enterneceu, era Nduduzo celebrando a vida.

Nduduzo Godensia Dlamini, nasceu no dia 11 de maio de 1988 em Durban, uma cidade costeira de KwaZulu-Natal, província litorânea da África do Sul criada em 1994, conhecida pela beleza de suas praias, montanhas e pela savana movimentada por animais selvagens que nos encantam desde a tenra idade em filmes de aventura e desenhos infantis. Constituída por uma reserva marinha e vida cosmopolita ímpar, sem dúvida, a província é um Patrimônio da Humanidade.

KwaZulu-Natal também é a terra dos Zulus, o maior grupo étnico sul-africano que acumula muitas histórias de luta e resistência contra a dominação e subalternização de seu povo pelos colonizadores. Entre o período de 1830 a 1840, a parte norte da província foi estabelecida como o Reino Zulu, enquanto a parte sul se tornou a República de Natalia que,

pouco tempo depois, passou a ser a Colônia Britânica de Natal em 1843. Entre muitos combates, o Reino Zulu permaneceu independente até 1879. Ao longo da história, são muitas as pendências do passado para com o presente dos descendentes do povo zulu em razão de uma infinidade de *apartheids*¹⁴⁵ que ainda hoje motiva violências diversas estruturadas no racismo.

Nduduzo é uma mulher sul-africana, filha do povo zulu. Em 2013, trabalhava como comissária de bordo em uma companhia aérea. Vivendo um momento difícil de sua vida, decidiu viajar ao Brasil e ter um tempo consigo mesma. Em 23 de setembro, por ocasião de seu regresso a África do Sul, foi abordada e presa pela Polícia Federal ao tentar embarcar no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, com 12 kg de cocaína em frascos de perfume guardados em sua mala. Em seu relato, uma amiga havia lhe solicitado uma encomenda e um homem foi lhe entregar as embalagens. Sem ciência e experiência sobre a gravidade do ato, ela foi empregue como “mula”, ou seja, como uma pessoa que serve de transporte de drogas para o tráfico internacional.

O seguimento de tráfico de drogas diz respeito à produção e à distribuição de substâncias que afetam a vida física e psíquica das pessoas, em vários contextos, ocasionando a dependência química e psíquica de drogas consideradas ilícitas pelos governos legislativos da maioria dos países, tais como: metanfetamina, heroína, cocaína, maconha, ecstasy, dietilamida do ácido lisérgico (LSD), dentre muitas outras drogas químicas. Os Estados Unidos é o país à frente da campanha internacional do combate ao comércio ilegal de drogas e regula diversas medidas e políticas interventistas junto às Nações Unidas e seus países-membros. Neste

145 O termo *apartheid* diz respeito a apartação/separação, um sistema racista de segregação que foi legalizado forçosamente pela minoria da população branca que se encontrava no poder da África do Sul no período de 1948 a 1994. Pelo Ato, todas as pessoas eram classificadas por grupos raciais, como consequência, as pessoas não-brancas eram segregadas, impedidas de frequentarem os mesmos lugares ou viverem em uma mesma casa, sendo totalmente usurpadas de seus direitos humanos e de cidadãos. A mistura entre brancos e negros era concebida como prejudicial à sociedade, uma nefasta ideologia pautada na supremacia branca.

caso, em específico, o poder de polícia é supervalorizado em detrimento do direito individual dos cidadãos.

Poucas regras limitam significativamente a polícia na Guerra às Drogas. Isso pode soar como um exagero, mas após algum exame se prova uma afirmação precisa. A ausência de limites significativos ao exercício da discricionariedade policial é uma característica-chave da concepção da Guerra às Drogas. Isso tornou relativamente fácil a perseguição de milhões de estadunidenses por infrações não violentas ligadas a drogas (ALEXANDER, 2017, p. 78).

Essa guerra ao tráfico também se caracteriza como uma ferramenta de controle político e econômico de países marginais, principalmente da América Latina, de modo que atos sociais de insurgência às barbáries do sistema capitalista acabam por ser reprimidos enquanto os grupos de ideais conservadores e ultraliberais alcançam espaços de privilégios e supremacia. Conchavos com mafiosos e narcotraficantes, financiamento de guerrilhas, ditaduras e manipulações para a aquisição de informações sobre países, atrelam-se aos interesses e conveniências da política imperialista estadunidense que não perde a oportunidade de se justificar no tocante ao estabelecimento de bases militares em territórios que lhes são estratégicos para seu manejo geopolítico (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2021). Em razão dessa ingerência, o sistema prisional global se encontra altamente distenso e atroz.

Não há um perfil preciso para o aliciamento de mulas a serviço das organizações criminosas mundiais. No entanto, via de regra, pessoas em condições socioeconômicas de grande vulnerabilidade são as maiores vítimas da monstruosidade do crime organizado. Essas pessoas são alvo certo do tráfico humano¹⁴⁶ não apenas para o transporte de drogas,

146 De acordo com o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças: “A expressão ‘tráfico de pessoas’ significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo a ameaça ou uso da força ou a outras formas

mas também para o mercado de órgãos e de sangue, à exploração e escravidão sexual de mulheres, à negociação de crianças para adoções ilegais e mercado do sexo, trabalhos forçados, experimentos científicos e exploração de cobaias humanas, dentre tantas outras armadilhas que ceifam milhares de vidas na contemporaneidade. Os criminosos agenciam a partir de argumentos enganosos que prometem pagamentos ou benefícios em troca do controle da vida da vítima, aproveitam-se da fragilidade da pessoa e não medem esforços para o uso da fraude, da coerção, da força, da ameaça, do rapto e abuso de poder.

Casos sobre a participação de mulheres no tráfico de drogas são alegados há pelo menos um século, mas somente em 1986 é que esse envolvimento é destacado de maneira explícita pela escritora Rosa Del Olmo, criminóloga e socióloga feminista de origem venezuelana. Em um de seus artigos ela comenta acerca dos prejuízos interpessoais que atingem milhares de latino-americanos, incluindo as mulheres e menores de idade.

A criminologia crítica não fez sequer no plano de um texto programático geral, muito menos se ocupou de áreas que são prioritárias na América Latina, como a mulher e os menores. Ignora, por exemplo, que a mulher tem graus particulares de controle social por ser oprimida independentemente de sua classe e, portanto, não pode ser incluída na criminalização tradicional. Além disso, embora se possa dizer que a criminologia crítica na América Latina leva em consideração a variável de classe ao falar do problema do poder, ela ignora a variável de sexo, assim como fez a criminologia positivista. O mesmo pode ser dito no caso dos menores, que constituem metade ou mais da população da América Latina, mas que nem sequer são nomeados (OLMO, 1987, p. 37-38, tradução minha).

de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos” (BRASIL, 2004, p. 2). O tráfico de pessoas pode ocorrer tanto no contexto internacional quanto dentro do próprio país de origem da vítima.

A natureza sigilosa do comércio ilegal de drogas encobre a dimensão da instrumentalização de pessoas a serviço e exploração pelo narcotráfico. As vítimas do tráfico e da lei têm sua identidade humana aniquilada e passam a serem visualizadas tão somente como instrumentos para o alcance dos objetivos mercadológicos dos criminosos do tráfico. Nos últimos anos o fenômeno global do uso de mulheres para servirem de mulas às práticas contrabandistas têm aumentado substancialmente.

Desesperadas com a situação socioeconômica familiar, oprimidas por violências domésticas e abusos psicológicos, muitas vezes presionadas por motivos de doença com tratamentos de alto custo, ou mesmo ansiosas para fugirem de seus territórios tomados pela pobreza e por conflitos armados, essas mulheres na função de mulas, arriscam suas vidas transportando drogas das mais diferentes maneiras, inclusive, dentro de seus próprios corpos.

Aliviada, ela colocou os peitos de volta, debaixo de seu
vestido maltrapilho.

Um último olhar, a estrada estava livre.

Um último suspiro, pelas crianças, que a fizeram fugir, cuja fome a guiou
pela noite, pelo rio, pelo campo, pela floresta e pela montanha.

Como ela os amava.

E uma gota de sangue fresca assentiu sua decisão mais uma vez.
Seu desgastado passo largo despertou, o corpo se desencurvou do desma-
zelo que o tinha roubado.

E, apesar de seus olhos ainda não cantarem, secaram-se e olharam para
frente. Estava decidida. Não havia volta

(MAGONA, 2009, p. 10, tradução minha).

Entre promessas vãs palavreadas pelas cabeças do tráfico, inúmeras mulheres chegam de outros países nos aeroportos brasileiros e ao serem flagradas com drogas pela polícia federal, surpreendem-se por serem

criminalizadas pelo artigo 33 da Lei de Drogas Nº 11.343/2006 (BRASIL, 2006) e dirigidas à prisão. Além de sofrerem a violência dos aliciadores, elas também experienciam a hostilidade policial. As mulheres são reféns de um brutal descarte social, mas mesmo antes de serem tipificadas como criminosas, são qualificadas como loucas, inseguras e insuficientes, abusadas em um complexo e sutil ciclo de *Gaslighting*¹⁴⁷ *que as maneja psicologicamente e as controla de modo a invalidar sua individualidade.*

Não são raros os casos em que o agenciamento da mulher se deu de forma fraudulenta em acordos de trabalho como cozinheira, faxineira, cuidadora, babá, dentre outros, quando, na verdade, o objetivo era a entrega de uma encomenda do tráfico, sem conhecimento ou consentimento da vítima. Em ocasiões de haver ciência e concordância para carregar a droga, muitas dessas mulheres são coagidas pelo medo aterrorizante de colocar seus filhos, sua família em risco, uma vez que os perversos sabem onde ela mora, onde estudam seus filhos, conhecem seus entes queridos e elas se vêem sem opções seguras para se negarem aos atos ilícitos. Assim, por ocasião de ser surpreendida no momento em que cometia o crime, essa mulher já se encontra condenada no processo, sem visibilidade, sem voz, sem misericórdia, sendo apenas um número a mais e a menos para os dados estatísticos do combate ao tráfico internacional e, não menos importante, na absurda política de encarceramento em massa. O que está vigente no Código Penal Brasileiro é a conjectura de que as pessoas no papel de mulas integram o corpo do crime organizado ou se dedicam à prática de atividades criminosas, esse fato debilita o decurso da defesa e assevera a sentença da pena.

Todavia, em grande parte dos acontecimentos, as pessoas na condição de mulas não fazem parte do corpo organizacional criminoso,

147 O termo *gaslighting* diz respeito a um tipo de violência psicológica e emocional que teve sua origem a partir do filme *Gas Light* (À Meia Luz) com Ingrid Bergman e Charles Boyer como protagonistas. Na trama lançada em 1944, o marido usa de várias estratégias para manipular a esposa e a convencer de que é louca, bem como provar sua presunção a todos ao redor. Seu objetivo é conseguir que ela seja internada como doente mental para que ele herde sua fortuna.

por isso a necessidade de se ter um olhar cauteloso e apaziguador sobre aquilo que ela praticou de fato e não com o peso de um direito penal focado no autor do crime, ou seja, a gravidade do processo condenatório deve se centrar naqueles que ocupam posições de poder no comando do narcotráfico, entendendo que aquelas pessoas na função de mulas são vítimas extremamente vulneráveis de todo um processo abissal de marginalização e exclusão social.

Nduduzo ficou presa na Penitenciária Feminina da Capital, no Carandiru, zona norte de São Paulo, em regime fechado desde setembro de 2013 até março de 2017, quando obteve liberdade condicional e passou a se apresentar a cada três meses no Fórum Criminal da Barra Funda para dar satisfações sobre suas atividades e permanência em solo brasileiro. Em 2018 o Tribunal de Justiça de São Paulo lhe concedeu indulto, o restante de sua pena foi perdoado e cancelado, seus direitos políticos e de cidadania como imigrante lhe foram restituídos.

Contudo, no entendimento do Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF3), a pena cumprida por Nduduzo ainda não é o suficiente, pois a consideram inapta para permanecer em solo brasileiro, insistindo que seja expulsa do país. Em 25 de agosto de 2021, o TRF3 publicou sua decisão de suspender a sentença que revogava o decreto de expulsão da imigrante sul-africana. A conduta do órgão da Justiça Federal fere os princípios presentes na Lei de Migração Nº 13.445 (BRASIL, 2017) redigida com base na Constituição Federal (BRASIL, 1988) e na Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNESCO, 1948), e que institui um novo paradigma sobre o processo migratório no país.

A deliberação do TRF3 se escora no obsoleto Estatuto do Estrangeiro (BRASIL, 1980) projetado durante a ditadura militar brasileira e que se personifica como instrução nacionalista e conservadora, de caráter racista e xenofóbico, acentuando uma concepção de inferioridade dos imigrantes em relação aos nativos do Brasil. Obviamente que a normativa agride os direitos humanos daqueles estrangeiros de países não pertencentes ao grupo dos mais ricos e desenvolvidos, mas, sim, daquelas

pessoas que se encontram em situações de desvantagem social, de modo a discriminá-las e puni-las como sendo indesejáveis no solo nacional.

Neste novo paradigma, a Lei de Migração prevê a regularização migratória como um princípio que prevê: isenção de taxas para emissão de documentos para migrantes sem condições financeiras; estabelecimento do visto humanitário para o ingresso e permanência no Brasil como forma de acolhimento a apátridas ou migrantes em situações de instabilidade e violação dos direitos humanos; a instituição de políticas públicas de acesso equitativo e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social; permissão de sua participação em protestos e organizações sindicais sem discriminação; determinação contrária à extradição por crime político ou de opinião e proibição da extradição de refugiados ou asilados no país (BRASIL, 2017). Não obstante, vale ressaltar que Lei de Migração foi muito prejudicada pelo decreto 9.199/2017 (BRASIL, 2017b) que não acolheu grande parte das recomendações feitas pelas organizações da sociedade civil, especialistas na temática.

Na cadeia, Nduduzo soltou sua voz que ecoou, ecoou, ecoou e veio me encantar em um anoitecer em que meu coração se encontrava tão reservado, apequenado e des-consolado. Caraca, que voz era aquela?! Alegrei-me e naveguei até encontrar seu telefone. De uma cortesia sem-par, aceitou conversar comigo e compartilhar sua história.

Sílvia, obrigada pelo convite! Realmente, eu não estava esperando por isso. Tive sorte de ter oportunidades de espaço para eu conseguir me dar essa voz e fazer entrevistas com jornais e ter matérias divulgadas. Isso me concede ocupar um lugar de muito privilégio porqu culturais, eu pensava: como eu vou me casar com um homem Zulu ou com qualquer homem, se eu mesma não me conheço? E, neste dilema, nós crescemos nesse lugar de não sabermos quem somos como mulheres. Enquanto eu crescia e estudava, via as desigualdades entre meninos e meninas, entre mulheres e homens. O cristianismo ensinava que o homem era a cabeça e, então, era a mulher

que tinha que dar um jeito de se achar nesse corpo. Da mesma forma, a política traz a ideia de que é o homem que tem poder de decisão. E quando vai estudar, você já sabe quais profissões são para os homens. Então, quando você entra em um relacionamento, você também se relaciona com esse pensamento de que o homem está acima da mulher e tudo isso abre espaço para a ocorrência da violência verbal, da violência doméstica, da violência psicológica, da morte de mulheres.

Neste momento é perceptível que está ocorrendo abusos e discriminações em toda parte do mundo. Por isso é necessário conversarmos sobre essa violência contra as mulheres dentro das nossas famílias, das comunidades, dos espaços que ocupamos e sermos objetivos no trato desse assunto. E é preciso compreender que não tem como falarmos de mulher, das injustiças que sofremos, sem tocarmos no homem porque toda essa condição de violência e de injustiças que vivemos hoje, não foram as mulheres que se assentaram à mesa e tomaram essas decisões sociais e políticas. Na verdade, quando a mulher está quase morta lá no quintal, toda roxa de pancada, é resultado do mal feito pelo homem e isso precisa ser falado. Estamos vendo esta cicatriz e ela não irá se curar só porque a estamos enxergando ali. É preciso tocar na cicatriz para trata-la, aprofundarmos no assunto para conhecermos e sabermos a razão pela qual nós vivemos com medo nesse corpo em que vivemos. Por que a gente vive com medo? E digo medo em todos os sentidos porque a mulher sente medo de andar na rua sozinha, medo de morar sozinha. Medo de encontrar uma companheira que irá te amar, proteger, cuidar e entender as coisas que você passa como mulher e que também saberá como lidar com isso. A mulher sente medo nos próprios espaços de trabalho que ela ocupa e até nos espaços de atendimento à saúde. Em todos os lugares é possível ver a mulher sentir medo pois, onde é realmente seguro para mulher estar? Onde? Nossos direitos são violentados em todos os sentidos, todos os dias.

E na África do Sul ainda acontecem coisas de uma imensa brutalidade envolvendo sequestro e mortes cruéis de mulheres. Eu já chorei de ver certas matérias e com tantas coisas que carrego dentro de mim sendo

uma sobrevivente, muitas vezes coloco tudo dentro de uma caixa em minha mente e penso: nessa caixa eu não quero mexer! Mas por que a gente não consegue falar sobre as nossas dores? Porque muitas vezes nós não conseguimos nos amar e há uma competição, uma luta entre nós que é fruto dessa violência contra as mulheres que está posta na sociedade. Mas depois que vi o caso de Mrwetyana¹⁴⁸ em 2019 que foi violentada e espancada até a morte, e teve seu corpo queimado com gasolina por um atendente dos correios, eu tomei uma decisão de me levantar e dizer: chega, acabou! Eu não posso ficar em um lugar de não querer ouvir sobre os horrores que muitas mulheres passam. Há muitas pessoas machucadas que querem ser ouvidas, mas faltam ouvidos para ouvir.

Quando fui me inteirar da história de Uyinene Mrwetyana, fiquei chocada com outros crimes contra mulheres noticiados na África do Sul onde 1 mulher é morta a cada 4 horas, com uma taxa de feminicídio 5 vezes maior que a média global: Pule, 28 anos e grávida de 8 meses, foi assassinada e seu corpo pendurado em uma árvore; Nompumelelo, 45 anos, foi mutilada e seu corpo descartado; outras 2 enfermeiras foram assassinadas pelo ex-namorado de uma das vítimas quando estavam a caminho do hospital em que trabalhavam. Na primeira quinzena de junho de 2020, 21 mulheres foram vítimas de feminicídio por homens de seu país. Há um trauma coletivo para as mulheres sul-africanas e suas famílias que clamam por cuidado e justiça ao governo da nação. Apesar

148 Uyinene Mrwetyana de 19 anos de idade, estudante do primeiro ano da Universidade da Cidade do Cabo, havia sido informada pelo atendente dos correios, Luyanda Botha, que seu pacote ainda não estava pronto para coleta e que deveria voltar no final da tarde, embora o horário oficial de fechamento fosse às 13 horas. Em crime premeditado, ele a esperou regressar aos correios, trancou a porta e começou a violentá-la. Mrwetyana lutou para escapar, mas o bestial, violentamente, a estrangulou e a espancou até à morte com uma balança usada para pesar os pacotes contra sua cabeça. Botha saiu dos correios e se alcoolizou. Depois voltou e cobriu o corpo com almofadas, um cobertor e uma camisa. No dia seguinte encontrou o local cheio de sangue, então, depois de fazer a limpeza, aguardou o entardecer para o remover para um campo próximo onde o jogou em um buraco e o incendiou com gasolina. Mrwetyana ficou desaparecida por 9 dias. O criminoso foi sentenciado à prisão perpétua (NKANJENI, 2020).

dos protestos e denúncias, o governo sul-africano permanece agindo insatisfatoriamente sem políticas realmente eficazes e enérgicas contra o aumento de casos de feminicídio no país. A violência de gênero permanece minimizada e ignorada em seu impacto social na vida de meninas e mulheres da África do Sul.

Nduduzo continua...

Eu tinha 25 anos quando decidi vir ao Brasil. Estava noiva. Meu noivo era de uma família real, eles têm um reino em minha terra. Mas eu não pertencço ao mesmo sangue, ao mesmo reino e por isso a família dele não aceitava o nosso casamento. Ele estava decidido a se casar comigo, a ter uma esposa pertencente a outro reino. Eu era muito jovem, estava estudando e trabalhando, e tinha muitos problemas com a minha família, então, eu também queria fazer parte de uma outra família e mudar meu sobrenome, mas a estrutura familiar Zulu é bem complexa e a família dele não concordou. Nós dois tramamos um plano em que eu ficaria grávida e, assim, seríamos obrigados a nos casar antes da criança nascer porque ele não poderia ter filhos fora do casamento.

E pensei: minha vida não pode ser isso! Não quero me casar com ele apenas por ter um filho dele. Não quero que a família dele me aceite nessa circunstância porque eu vou trazer uma criança para esse mundo que vai crescer sem amor dos próprios avós, da própria família e eu não queria isso. Mas eu o amava! Naquele dia, em uma quinta-feira, eu estava trabalhando em Joanesburgo, telefonei para ele e contei que havia menstruado. Chorei muito porque já estávamos tentando engravidar a quase 9 meses e uma parte de mim se quebrou. Eu disse que queria viajar, conversamos por uns 10 minutos, e depois ele transferiu um dinheiro para minha conta e me disse para fazer a viagem. Minhas opções eram entre Canadá, Tailândia ou Brasil. Decidi vir para o Brasil sem conhecer ninguém, sem saber qual era o idioma do brasileiro, apenas sabendo que havia samba e carnaval e que as pessoas eram lindas e alegres. Eu queria fugir, pois não estava me sentindo em casa passando por tantas situações.

Cheguei no aeroporto do Brasil e me bateu algo muito forte quando fui até o câmbio para trocar o dinheiro e ninguém ali falava inglês. Depois fui para o hotel e eles não falavam inglês. Era isso mesmo que eu queria, algo novo! Vi alguns lugares em São Paulo e postei algumas fotos nas redes sociais. Minha família não sabia que eu havia viajado para cá, somente uma amiga sabia. E quando estava me preparando para regressar a África do Sul, essa amiga me ligou e disse: “– Oi, estou vendo que você já está voltando.... Eu comprei esse perfume no Brasil para começar a trabalhar, mas não tenho dinheiro para transportar para cá. Será que você poderia me ajudar e trazer para mim? Você está trazendo muitas coisas?”. Eu respondi que tinha espaço na bagagem e que poderia levar para ela. Então ela me disse que uma pessoa da loja iria até o aeroporto me entregar a embalagem. Fiz o check in e pouco antes do embarque dois policiais me chamaram para revistar minha mala. Eles olharam minhas roupas e tudo mais, abriram as caixas de perfume e me perguntaram sobre eles. Eu respondi que uma amiga me pediu para levar para a África do Sul. Eles cortaram as embalagens, viram o perfume e encontraram uma embalagem de cocaína embaixo. O policial me olhou e disse: “– A casa caiu, Beyoncé!”. Eles já sabiam que iria chegar uma mulher da África do Sul no aeroporto com drogas e foi aí que eu fui presa.

Eu não falava português e não entendia nada sobre as leis brasileiras e não tive como me comunicar com alguém da África do Sul para tentar me explicar o que estava acontecendo. No Brasil as leis são diferentes. No meu país, você é inocente até que exista uma prova concreta contra você após a investigação. Aqui no Brasil quando você tem essa cor de pele ou quando você vem da África, eles já questionam como você conseguiu viajar. Eles já levantam sua ficha inteira e concluem que sou uma mula e que devo ser tratada como uma mula, não importa a minha história, de onde eu vim, não interessa se há provas ou não. Fui presa e depois de 5 meses eu fui ao fórum e o promotor me falou: “– Você era aeromoça e enquanto você estava trabalhando, você também estava fazendo isso?”. E, assim, ninguém ouviu seu lado da história.

Nduduzo traz denúncias e interrogações agudas para serem encaradas pela sociedade brasileira e planetária sobre o encarceramento em massa em nome da “guerra às drogas”. A discricionariedade policial inclinada à discriminação racista é uma ferida purulenta que deixa em carne viva, principalmente, a vida das mulheres negras, estrangeiras e em condição de pobreza. Não há misericórdia para o corpo feminino negro que é criminalizado pelos estereótipos sociais que o vinculam a crimes, perversidades e depravações. Cor, gênero e pobreza são condições para explícita opressão social pelo Estado que sentencia e penaliza milhares de mulheres pelo mundo como se elas fossem as próprias drogas. Enquanto muitas mulheres são usadas como chamariz para a polícia as capturar com um carregamento menor de drogas, outras cargas avultadas atravessam a fiscalização sem serem reparadas. Não obstante, essas mulheres na condição de mulas são julgadas com igual severidade empregue aos que se encontram em altos postos do crime organizado.

A discricionariedade policial com viés racial é fundamental para entender como a esmagadora maioria das pessoas varridas para o sistema de justiça criminal na Guerra às Drogas pode ser preta ou parda, mesmo que a polícia negue categoricamente que se utilize de perfilamento racial. Na Guerra às Drogas, a polícia tem discricionariedade em relação a quem mirar (quais indivíduos), bem como onde mirar (quais bairros e comunidades). Como mencionado anteriormente, ao menos 10% dos estadunidenses violam a lei de drogas todos os anos, e pessoas de todas as raças se envolvem em atividades ligadas a drogas ilegais em taxas similares. Com uma população tão extraordinariamente grande de criminosos a escolher, é preciso que se tomem decisões a respeito de quem deve ser o alvo e onde a Guerra às Drogas deve ser travada (ALEXANDER, 2017, p. 129).

Nduduzo ficou presa por 3 anos e 6 meses. Aprendeu a falar português e a liberar seu canto em cela. Nas asas de sua voz, a ternura e a esperança abrigavam os corações doloridos à flor da pele, as crianças nascidas no cárcere, as mulheres invisibilizadas e silenciadas pelo tráfico e

pela lei, ambas forças-agente alicerçadas nas profundas raízes patriarcais que coisificam e aniquilam a mulher.

Mas nas águas de piratas de valas traiçoeiras há canoas versáteis que navegam com sutileza, forjando com esmero sua linha de fuga em meio às ciladas que o caos nos diagrama. No período de 2014 a 2017 foi desenvolvida uma ação de extensão universitária nas dependências da Penitenciária Feminina da Capital, o Projeto Voz Própria, coordenado por Carmina Juarez, cantora renomada, psicanalista e professora de canto do CoralUSP da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E foi esta canoa que chegou até Nduduzo e a levou para além das grades, e a trouxe até todas nós. Como professora da universidade pública brasileira, eu jamais poderia me furtar de dizer da importância que os projetos extensionistas têm junto à comunidade local, regional e nacional. Quando o governo energúmeno se estabeleceu no Brasil em 2019, doeu-me profundamente como o ódio foi espalhado contra a universidade pública e como nós, professores universitários, fomos classificados como inimigos da sociedade, balburdiadores, maconheiros e sujeitos. No entanto, apesar da sombriedade desses tempos que não de se findar e mesmo com a tempestividade da pandemia, as universidades permaneceram realizando inúmeras atividades de extensão à comunidade a partir de seu caráter resiliente, diverso e interdisciplinar. Somos canoas!

Alto-mar uma canoa
sozinha navega.

Alto-mar uma canoa
sem remo sem vela

Alto mar uma canoa
com toda coragem.

Alto-mar uma canoa
na primeira viagem.

Alto-mar uma canoa
 procurando estrela.
 Alto-mar uma canoa
 não sabe o que a espera
 (LISBOA, 2008, p. 98)¹⁴⁹.

O Projeto Voz Própria tinha o propósito terapêutico por meio da conexão entre música e psicanálise de acolher mulheres em privação de liberdade. Muitas eram da África do Sul, Bolívia, Estados Unidos, Malásia, Brasil. Aproximadamente 80% eram negras e em condição de pobreza, das que compunham o coral, 60% eram africanas. A maioria se encontrava presa por tráfico de drogas associado aos seus cônjuges (IP USP, 2017). A música e a musicalidade foram o ponto de encontro entre a Profa. Carmina e aquelas mulheres estrangeiras privadas de escuta, de falarem por si mesmas, de terem oportunidades de encontros e re-encontros com o que nos torna gente ao invés de bípedes desapiedados e perversos: o amor que acolhe, respeita o próximo e quebra com as impossibilidades des-humanas de ouvir o que esse próximo tem a dizer. A matéria-prima das drogas é o des-afeto odiento movido pela ganância, controle social e poder econômico, ideológico e político que assola nossa contemporaneidade com uma pseudo sensação de que a justiça social e a democracia estão salvaguardadas.

Em “alto mar uma canoa com toda coragem” e nela as vozes subiram e cantaram, fizeram a travessia de suas próprias dores acompanhadas umas das outras, abraçaram o remo da esperança de que a vida é vida, de que o diálogo e a escuta são possíveis, de que o desejo perdido pode ser recuperado, de que a ferida pode ser tratada e curada, de que o ser mu-

149 Henriqueta Lisboa nasceu em 15 de julho de 1901 na cidade de Lambari, Minas Gerais. Foi uma importante e sensível poetiza brasileira, a primeira a ser eleita membro da Academia Mineira de Letras. Durante sua vida recebeu muitos prêmios e as contribuições de sua obra têm sido estudadas por inúmeros acadêmicos. Faleceu no dia 09 de outubro de 1985 aos 84 anos de idade.

lher pode ser des-colado do discurso decadente do outro para se tornar a mulher de si mesma, protagonista de sua própria história.

Nduduzo descobriu a potência de sua voz e abraçou no cárcere toda a musicalidade de sua cultura Zulu. Os pedidos para que cantasse no pavilhão ou nas reuniões de assistência religiosa, eram sempre frequentes. Nestes momentos, ela fechava os olhos e se reportava à casa de sua mãe, às brincadeiras com seus irmãos, às refeições em família. No coração, uma pergunta afligente: – será que vou morrer aqui? No seguir da vida, depois das 18 horas, quando as detentas eram recolhidas e os demônios da culpa, da solidão, do confinamento, do abandono, do esquecimento social e da separação dos filhos ainda pequenos, assombravam o presídio, Nduduzo abria a boqueta da porta de sua cela e acariciava as almas com as canções de sua terra natal. Nos dias em que o Voz Própria acontecia, ela e as demais mulheres experienciavam instantes de fôlego que lhes oxigenavam o espírito no lidar com a dureza da realidade prisional.

Nduduzo se descobriu e foi descoberta pela ação extensionista do Projeto Voz Própria. Mas para além dessa oportunidade, ela escolheu abraçar seu dom, amparar-se nele e estender suas asas para o acolhimento de muitas outras mulheres. Os dias e as noites se transformaram em anos de convívio com o indizível. Acompanhada pela escolha de cantar mesmo na escuridão da privação de liberdade, ela fez sua travessia, manteve acesa a chama do desejo de desejar a vida e esperar a liberdade sendo livre para enunciar sua própria voz em seu lugar de fala. Tornou-se a cantora Nduduzo Siba.

Este é o verão das coisas que podemos tocar. [...].

É um verão de canções compostas em sangue,
Afinadas com armas e arrançadas em conversas.

É um verão de canções que canto em volumes cada vez maiores.

Este é o verão das coisas que podemos tocar

(XABA, 2017, p. 121, tradução minha)¹⁵⁰.

150 Makhosazana (Xhosi) Xaba nasceu em 10 de julho de 1957 em Greytown, KwaZu-

Em março de 2017 a alegria da conquista de sua liberdade condicional se amalgamou com a hostilidade da discriminação fora das grades nas ruas de São Paulo. Na pele interseccional de mulher, negra, imigrante e com passagem pelo sistema prisional, Nduduzo experimentava o fel do preconceito e da marginalização social da sociedade brasileira. O sistema prisional não é palanque de graves violações de direitos humanos apenas para quem está em seu recôndito marginal, mas também para quem está do lado de fora, pois sua ineficácia na reeducação, reabilitação, ressocialização e nos programas de reintegração social do preso, pulveriza a desconfiança, a intolerância, a aversão, o estigma, o racismo, a xenofobia e todas as formas de exclusão que permanecem cevando a violência no corpo social. A política populista criminal do encarceramento em massa é horrenda e abusadora dos direitos humanos dentro e fora do cárcere, sua máxima “bandido bom é bandido morto” escorraça a Humanidade de proporcionar possibilidades concretas do ex-presidiário re-construir sua vida em sociedade. Quem estende a mão a uma ex-detenta condenada por tráfico de drogas, negra, africana, imigrante? Nduduzo ne conta:

Para mim foi difícil viver na cadeia, mas foi ainda pior aqui fora. O sofrimento que eu passei, não desejo para ninguém. Essa mulher que eu sou hoje não foi a cadeia que criou, mas a força de ser mulher porque nós temos força para superar as dificuldades, para encontrarmos uma forma de nos curarmos, de nos cuidarmos e de nos protegermos, e isso vem de nós mesmas. Eu não poderia sair da cadeia e ficar calada aqui fora. E quando eu ganhei minha liberdade, eu fui procurar a Profa. Carmina Juarez e, mesmo eu estando machucada, quebrada e me sentindo ainda mais perdida

lu-Natal, África do Sul. Ela trabalhou como enfermeira, parteira e especialista em saúde da mulher em organizações não governamentais. É mestre em escrita criativa pela Universidade do Witwatersrand e professora da Universidade de Joanesburgo. Acadêmica, escritora e poetiza, Xaba faz da poesia um instrumento de luta e politização. Sua obra poética e vigorosa expressa a defesa pelos direitos humanos de gênero e LGBTQ, bem como a história de seu país. Em 2004, problematizando sobre os 10 anos de democracia da África do Sul, escreveu o poema “Verão”, cujo pequeno trecho cito acima. Ganhadora de diversos prêmios, a obra de Khosi Xaba é espirituosa e inteligente (POETRY, 2022).

no mundo, ela acreditou na minha história, acreditou na minha música e, acima de tudo, acreditou nos meus sonhos. Ela havia formado um grupo chamado “Mulheres livres” que se constituía de mulheres que haviam estado no Projeto Voz Própria, mas que haviam conquistado sua liberdade e queriam continuar cantando. Foi ela quem me estendeu a mão.

E no dia em que nos apresentamos no Coral da USP, o diretor Rogério Tarifa da peça de teatro “Inútil Canto e Inútil Pranto pelos Anjos Caídos”, escrita por Plínio Marcos e encenada pela turma 66 da EAD-USP, estava lá. Ao término da apresentação ele me chamou e falou: “– Olha, eu e o elenco estávamos chorando durante a apresentação de vocês e sabendo da sua história, nós gostaríamos que você também se apresentasse durante a peça”. Eu fui uma convidada especial. Todos queriam ouvir meu depoimento. Eu era uma realidade dessa peça de teatro e me tornei parte do elenco. Assim nasceu minha carreira artística. E foi assim que eles também me ajudaram no processo de regularização da minha documentação.

Neste período, o Ministério da Justiça publicou o decreto de minha expulsão do Brasil e essa foi outra violência que eu tive que lidar. Eu já estava trabalhando, estava reconstruindo minha vida e não queria sair do Brasil. Quando se sai da prisão, você sai sem documentação, sem identidade, sem absolutamente nada. E quando se é imigrante, a qualquer momento, você pode ser expulso do país. No Brasil há mais de 700 mil pessoas presas, onde elas estão? Não há nenhuma aqui fora que tenha sobrevivido a esse horror, que tenha se formado e se tornado alguém que possa mostrar para a gente que é possível sair dessa situação terrível? Quem representa as pessoas que saem da prisão? Porque o Estado não se importa com elas. O Estado não dá documento, não devolve a liberdade, não dá integração nas comunidades, não dá trabalho. O Estado te deixa em um lugar onde você é pior que um cachorro, porque às vezes até um cachorro consegue ter um dono. Por causa do decreto de expulsão, no dia 08 de março de 2018 foi lançada a campanha #nududuzotemvoz como uma tentativa de revogar o decreto e que teve o apoio de artistas, intelectuais e movimentos sociais.

Eu nunca pensei que um dia teria a oportunidade de subir no palco e de ser conhecida em São Paulo. Nunca imaginei que estaria vivendo o que

vivo hoje, de atuar como ativista dos direitos humanos e no empoderamento de mulheres, de poder falar sobre as injustiças que a gente passa todos os dias. Além de ser mulher, eu sou mulher negra; além de ser mulher negra, eu sou mulher africana negra; além de ser mulher africana negra, eu sou mulher-negra-africana e ex-detenta. Estou dentro dessas caixas e cada uma delas é muito pesada de se carregar. Mas eu não posso tirar isso de mim e todas as dificuldades que você possa pensar que acontece dentro de uma caixa dessas, imagine o que acontece quando se pega todas essas caixas e se coloca em cima da vida de uma mulher que tem 32 anos e que vive no Brasil. Tem sido cruel para nós que somos imigrantes, para nós que somos negras. Aqui no Brasil a mulher é objeto, serve para ser levada para a cama, não é valorizada pelo que ela é. E quando é ex-detenta, ela é invisível, sem voz, vítima dos abusos do Estado. Quando a mulher é presa a punição não é só penal, ela é moral também.

OPORTUNIDADE, é palavra-chave na narrativa de Nduduzo.

Tanto no Brasil como nos demais países da América Latina, África e Ásia, onde a desigualdade social predomina e são incomensuráveis os níveis de pobreza, faltam oportunidades às pessoas menos favorecidas para se elevarem a melhores condições e qualidade de vida. A história de Nduduzo Siba é emocionante e se você a vir cantar, provavelmente, ficará encantada. Mas e se ela não tivesse sido arrebatada por uma oportunidade, quem a veria, que lugar ocuparia? Sem dúvida posso afirmar que Nduduzo seria mais uma mulher, mulher negra, africana, imigrante, ex-detenta por servir de mula ao tráfico de drogas – ela estaria nas ruas, sem um lugar para chamar de seu, indesejada, sozinha como centenas de outras com vidas parecidas com a dela, invisibilizada como ser humano, mas re-lembrada a todo tempo pela sua cor de pele, pelo seu gênero, pela suas origens, por seu crime, como alguém perigosa à sociedade, alguém que fez por merecer todo desprezo social que colhe, alguém que realmente deveria ser expulsa o mais rápido possível do país porque já temos problemas demais por aqui. Esse lugar dos sem-lugares, essas muitas caixas repletas de rótulos opressivos, também é um lugar de pertencimento social, um lugar atulhado por

faltas e por excessos mil, ambos vorazes do corpo e da alma, oprimentes do espírito e depredadores da identidade humana. Reporto-me à fala de Sindiwe Magona¹⁵¹, consagrada escritora sul-africana:

Desde que me lembro, sempre existiu um lugar ao qual pertenci com a certeza de que nada foi capaz de tirar de mim. Quando digo lugar, isso significa menos uma localidade geográfica e mais um grupo de pessoas com quem estou conectada e as quais pertenço. Isso é um dado, uma constante na minha vida (MAGONA, 1990, p. 1-2, tradução minha).

Nossa sociedade é marcada por estigmas que nos acompanham desde os primórdios da humanidade. Nunca faltou espaço para a opressão tirânica do ser humano sobre o próprio ser humano. Todas as formas de supremacias (raça, gênero, colonial, religiosa, política, econômica, classe) e hegemonias pretendidas para o controle social são nocivas à integridade e à dignidade humana, pois dentre seus objetivos está o subjugo daqueles categorizados como inferiores pelos que dominam. Essa forma de sociedade tem se mostrado insustentável, tóxica e devastadora. Ela é sem misericórdia, é insaciável, é corrosiva e altamente violenta. Sagaz, por meio do paradigma da distorção, ela des-realiza as realidades por

151 Sindiwe Magona nasceu em 27 de agosto de 1943 na antiga região de Transkei, na África do Sul. Cresceu próxima à Cidade do Cabo e trabalhou com empregada doméstica enquanto fazia seu ensino médio por correspondência. Ela se graduou na Universidade da África do Sul e fez seu mestrado em Serviço Social na Universidade de Columbia. Em 2021 recebeu o título honorário de doutora em Filosofia em Línguas e Literatura pela Universidade de Fort Hare, o quarto de sua carreira. Magona é uma das escritoras sul-africanas com destaque internacional na luta pelos direitos das mulheres e resistência às brutalidades do patriarcado e racismo. A romancista, poetiza, dramaturga e contadora de histórias do povo Xhosa, também atuou junto à Organização das Nações Unidas (ONU) no período de 1984 a 2003 na seção de Programas de Rádio Anti-Apartheid. Publicou mais de 100 livros infantis e para alfabetização, muitos publicados nos 11 idiomas oficiais sul-africanos. Em sua produção literária ela problematiza o feminismo e traz à tona questões da vida de mulheres negras que são produzidas e filtradas por feministas brancas. Magona recebeu diversos prêmios ao longo de sua vida e nos presenteia com o brilhantismo de sua obra por uma sociedade cada vez menos excludente (SEGALO, 2021).

meio de um conjunto de (in)verdades cristalizadas sobre como devem agir as gentes de bem, o que devem fazer, como devem viver, no que devem crer, o que devem ser, a quem devem repudiar, quem deve ser punido, como devem punir e assim por diante (ORRÚ, 2020).

Na cultura dos povos Xhosa e Zulu há um provérbio que diz *Umuntu Ngumuntu Ngabantu*: uma pessoa é uma pessoa por causa e através de outras pessoas. Noni Jabavu, escritora e jornalista sul-africana, explica que o mundo de *Ubuntu* diz respeito a um povo-mundo onde cada pessoa tem um sentimento sensível e corpóreo de pertencimento comunitário (JABAVU, 1963). Há uma compreensão filosófica de partilha coletiva em toda a complexidade e densidade que esse sentido de partilha comum possa ocupar. Logo, o propósito de vida de uma pessoa não se restringe as suas aspirações individuais, mas se amplia ao propósito de vida de seu povo, de sua família, daqueles com quem convive. *Ubuntu* concentra a ideia de que não temos condições de sermos plenamente humanos se vivermos de forma isolada e que nos constituímos pessoas por causa e por meio de outras pessoas, em um modo de viver onde a reciprocidade e a solidariedade humana são o cerne da convivência social. *Ubuntu* agrega princípios e valores urgentes e necessários à sociedade e à cultura ocidental contemporânea e futura, pois nossas existências estão interconectadas pelas decisões e pelas importâncias que elegemos hoje. É um entendimento de que eu tenho um compromisso colaborativo a favor de mim mesma e do meu próximo, de que estou feliz quando o meu próximo também pode ser feliz tendo uma vida plena e digna.

A profundidade do pensamento *Ubuntu* é provocativa porque diz respeito ao que é comum a todas as pessoas, de modo que eu sou porque nós somos, existo porque nós existimos juntos. Há uma conexão entrelaçada entre toda a humanidade e oportunizar oportunidades às pessoas, faz parte desse pensamento e estilo de vida tão necessário aos que, juntos, habitam a Terra, nossa Casa Comum, que tudo nos dá requerendo tão somente que cuidemos dela, da Mãe Natureza, com respeito e afeto.

Neste sentido me questiono: quando foi que nos perdemos de nossa Humanidade? Em que momento nos dividimos em raças quando o que há entre nós são apenas algumas diferenças populacionais? Ah, sim, claro, ia me esquecendo de Hipócrates, conhecido como “pai da medicina”, que exalta os brancos e louros nascidos nas regiões que constituem a Europa e afirma que aqueles de cabelos escuros, nascidos nas regiões mais baixas, “nem coragem ou resistência são naturalmente parte de seu caráter, mas a imposição da lei talvez as produza artificialmente” (HIPOCRATES *apud* ISAAC, 2004, p. 65). Isso explica muito sobre as des-humanidades da medicina ao longo da história humana sobre as classificações e etiquetas de pessoas por critérios diagnósticos, especialmente, a psiquiatria, suas vaidades corporativistas e ato médico inquestionável, sempre apoiado pelo judiciário que ora usa laudos para garantir direitos humanos, ora para usurpá-los, a depender de quem julga e de quem é julgado.

E na âncora *Ubuntu*, Nduduzo Siba acrescenta:

A educação foi e é uma chave para mim, para eu conseguir me defender. Quando você se educa com valores humanos, você se ama. Você consegue derrubar as estruturas de preconceito com sabedoria. Se você não se educa sobre política, economia, história, sobre a construção desse mundo em que vivemos, se você não souber de onde veio, você não terá armas para se defender e, neste momento, todo mundo precisa se defender de uma forma ou outra contra as opressões. A gente precisa se educar para conseguirmos educar as crianças. E a educação da criança começa quando você está amamentando o seu filho e você está contando as histórias ancestrais, para que ele conheça suas próprias origens. Como você irá educar a menina preta, o menino preto sobre esse mundo que a gente vive se você mesma não conhece sua história, sobre a construção desses sistemas de vida? Como vai educar a menina se você mesma não conhecer seu próprio corpo? Nossos corpos são instrumentos políticos, a gente os está usando numa guerra invisível, muitas vezes, sem saber. Então, qual que é o momento de se começar a educar nossas filhas e nossos filhos sobre isso?

A narrativa de Nduduzo expressa o sentimento de milhares de pessoas pelo planeta, milhares de mulheres na condição de imigrantes, migrantes, refugiadas, exiladas, marginalizadas, excluídas e invisibilizadas. A educação que prima pelas liberdades e pela diferença como valores humanos inegociáveis, é chave para a transformação da sociedade. Uma educação que ensina a menina e o menino a amarem a si mesmos e ao próximo, amar a Mãe Natureza, cuidarem de si, dos outros e de nossa Casa Comum com dignidade e respeito. Uma educação torneada de conhecimentos para o bem comum, em um espírito colaborativo ao invés do ensino perpetuador de dispositivos de marginalização e exclusão do outro, do outro do outro, seja ele quem for e onde esteja, independentemente de qualquer coisa. Uma educação libertadora que questione as tradições culturais de opressão às meninas e às mulheres, sejam elas raciais, religiosas, políticas, econômicas ou sociais. Uma educação sustentadora da paz como direito universal e do respeito às diferenças humanas e culturais como alicerce para uma vida digna em seu sentido pleno. Uma educação que seja escudo e antídoto contra o medo de ser quem se é, que combata a supervalorização das supremacias des-humanizadoras em detrimento do Ser humano. Uma educação que resgate os saberes e os valores ancestrais tão importantes para sabermos quem somos, o que somos, porque somos, para que somos. Uma educação que nos ensine o acolhimento de nós mesmas e das outras pessoas, das nossas dores e de como as transformarmos em forças fortalecedoras de nosso espírito. Uma educação que valorize nossas conquistas sem desprezar nossas lágrimas, nossa travessia singular e coletiva.

Na canoa das que resistem aos arremessos das águas de piratas, Malika Ndlovu¹⁵² enuncia sua voz, seu canto, seu pranto, sua luta e despartar:

152 Malika Lueen Ndlovu é uma escritora, poetiza, dramaturga e artista sul-africana nascida no ano 1971 na cidade de Durban, com formação em Artes Cênicas, Administração de Artes E Pesquisa Avançada em Teatro. Experiente na área de Arte e Gestão de Artes, foi membro fundadora do coletivo de escritoras femininas da Cidade do Cabo e co-editora de uma seleção de escrita de mulheres negras do século XXI do extremo

nascida na África mas
amamentada em outra língua materna
adormecida em canções de ninar estrangeiras
rezando por um céu de Jesus
quando eu morrer

nascida na África mas
em um canteiro cultivado designado
arremessada longe da árvore indígena
estratégia para esculpir meu destino

nascida na África mas
mestiço é igual a inferior
rearrange esse exterior
desprezado para o segredo
exposto em minha pele
em crenças escravizadoras
a criança foi banhada

nascida na África mas
eu morri por
ocultar
dividir
com medo decidir
o que eu sou

sul da África. Desde pequena foi fortemente influenciada pela educação consciente de sua mãe sobre suas origens, sua ancestralidade, sobre a selvageria do *apartheid* e seu impacto nas desigualdades e injustiças sociais em seu país. Para Malika a vida é uma poesia suprema e a criatividade é um meio curativo que faz parte de todos nós e tem a potência de honrar a humanidade (NDLOVU, 2014).

quem eu devo ser

nascida na África mas autoaprisionada eu libero o cativo
eu sou livre para desvendar o mapa
sagrado ninguém vai ditar o meu destino individual

nascida na África mas
vivendo antes e depois
um universo se desperta em mim
(NDLOVU, 2000, p. 38, tradução minha).

Há um provérbio africano que diz: “até que a leoa possa contar sua própria história, a história da caça sempre glorificará o caçador”, por isso a importância de as pessoas ocuparem espaços para contar suas próprias histórias e de nós termos ouvidos para uma escuta sensível. Conversar com a cantora Nduduzo Siba me foi uma oportunidade muito especial de olhar para a implacável dureza do sistema prisional brasileiro e me inteirar sobre a tragédia das políticas de encarceramento em massa, especificamente, sobre os abusos sofridos por milhares de mulheres tragadas pelo tráfico de drogas.

Durante a composição desse capítulo me peguei muitas vezes de olhos fechados me imaginando na escuridão e friagem do cárcere, separada de meu filhinho, abandonada por todos, chantageada, usada e cuspidada pela máfia do crime, condenada antes de um julgamento justo pela via do inquestionável testemunho dos policiais, com medo do peso da lei e da língua de um país desconhecido, mutilada pela humilhação e marginalização social.

Neste imaginar umbroso, ouço a brandura da voz de Nduduzo. É fato que não temos o poder de nos colocar no lugar do outro, é impossível apreender essa percepção de quem vive na pele as barbáries das injustiças sociais, das desigualdades e da exclusão. Mas parar tudo por um minuto, fechar os olhos e se conceber naquela situação, é uma ação que pode nos ajudar a julgarmos menos as pessoas e compreendermos um pouco mais sobre as distorções presentes na sociedade e as possíveis maneiras

de apoiarmos as causas em prol dos direitos humanos, inclusive, daqueles que se encontram encarcerados. Nduduzo consuma:

Uma dor para mim é viver em uma terra sem verdade. Continuamos vivendo em uma escuridão de mais de 400 anos, plantando as mesmas sementes que faltam verdade, produzindo as mesmas narrativas sem verdade, mesmo vendo que essa narrativa está destruindo nossas comunidades, nossas famílias. Isso me dá muita dor.

Antes eu sonhava em voltar para África do Sul, ter minha liberdade e viver uma vida normal. Mas meu sonho mudou. E todos têm esse direito de sonhar e re-sonhar e, neste momento, meu sonho é ver a justiça acontecer no mundo. Porque sem justiça esses sistemas de exclusão irão continuar. Não adianta pedir para perdoar alguém que não está pedindo perdão, que não está nem vendo algum erro. Nossos sonhos precisam mudar porque agora o sonho não é de se levantar, o sonho não é de conseguir trabalho. O sonho é ocupar os lugares, o sonho é eu ter o que é nosso, sendo nosso. O sonho é ver todo corpo que nasce amarelo, vermelho, negro, branco, todos tendo os mesmos direitos. Porque já chega de ver nossos homens e mulheres mortos e sofrendo nas ruas, agora não dá para pensar só sobre o meu sonho, nesse momento, o sonho tem que ser coletivo, tem que ser um sonho nosso. Tem que ser com união de todas para enfrentar e vencer juntos. Precisamos sonhar os nossos sonhos e não aqueles sonhos que nos foram colocados para sonhar e que fazem com que a gente se acostume com o sistema do jeito que é.

Há muitos cárceres no Brasil. Centenas deles poderiam ser desativados e transformados em escolas e universidades acolhedoras por uma educação para a paz, para a vida em colaboração, para a descolonização da sociedade patriarcal em nossa cultura, para o mundo do trabalho ao invés de formarem para o mercado de trabalho, como um mutirão contra a ignorância política-religiosa. As prisões são construídas como materialidade do pensamento que entijolamos e cultivamos: se aramos as vidas das crianças e dos jovens com a erva daninha da des-esperança e da violência, colheremos ainda mais corações desesperados andarilhando pelo mundo, ergueremos um muro de conflitos de difícil transposição. Uma

mente trancada em si mesma, é prisioneira de um paradigma da distorção que sujeita toda uma sociedade à incredulidade na Humanidade, ao fatalismo social e à crença de que políticas como a do encarceramento em massa, guardam a pátria das violências. Ledo engano.

É preciso apostar na potência das canoas mesmo em águas bravias, é urgente sermos canoas para nos desprendermos do cárcere das distorções e das exclusões. É libertador nos esculpirmos como canoas de *Ubuntu*.

Umuntu Ngumuntu Ngabantu: uma pessoa é uma pessoa por causa e através de outras pessoas. Que pessoa queremos ser para nós mesmos e para o mundo? Que legado deixaremos para as meninas e às mulheres que virão depois de nós? Que cadeias queremos romper dentro e fora de nós?

#NduduzoTemVoz e você?

CORPOS INSURGENTES EM ÁGUAS DE PIRATAS



Hoje é 14 de abril de 2022, véspera da Sexta-feira Santa, o dia da Paixão de Cristo para o cristianismo. Em torno de 30 ou 33 anos d.C., os cristãos acreditam que neste dia Jesus celebrou sua última ceia com seus discípulos e também recordam sua humildade ao lhes lavar os pés, ensinando-os a servir e a cuidar uns dos outros. Naquela noite, Jesus foi traído, preso e interrogado, conforme descrito nos Evangelhos (BÍBLIA SAGRADA, 2009).

Na época da Páscoa era tradição que o governador romano libertasse um prisioneiro que o povo desejasse. Barrabás estava preso por ser considerado um rebelde e homicida. Estudiosos suspeitam que ele integrava o partido judeu Zelote que lutava contra o domínio do Império Romano. Seu grupo teria feito ataques a um batalhão de soldados romanos na cidade de Cafarnaum onde um deles teria morrido (ARAÚJO, 2014). Barrabás incomodava as autoridades da época, era um insurgente. Insurgentes foram, continuam e continuarão a ser odiados, criminalizados e eliminados, muitas vezes, sem provas concretas, mas encurralados pela convicção dos que têm poder de julgar e condenar.

Na manhã da sexta-feira, Jesus, o Filho de Deus para muitos e o anátema para outros tantos, foi julgado pelo Sinédrio, constituído por juízes judeus da antiga Israel, condenado à morte de cruz por Pôncio Pilatos que era o governador da província romana da Judeia e que para não se indispor com a elite da prepotente e invejosa liderança política dos judeus, lavou suas mãos deixando a escolha da maioria (democracia?) se materializar: “– Soltem Barrabás” e “crucifica-O”, diziam eles, destinando Barrabás às ruas e Jesus ao Gólgota. Pilatos que não via motivo para condenar Jesus (seria sarcasmo?), mas estava arrepiado com o alvoroço da multidão de fa-

náticos, pegou água e lavou suas mãos dizendo à massa: “– Estou inocente desse sangue” (BIBLIA SAGRADA, 2009, Evangelho de Mateus 27).

Barrabás, o subversivo popular, é solto. Jesus, o revolucionário político, é condenado. Ambos, cada um à sua maneira, com o seu propósito de vida, eram insurgentes em resistência e protesto ao governo romano e suas des-humanidades genocidas. No entanto, Jesus era uma ameaça muito maior ao poder político, religioso, econômico e ideológico empreendido pelos saduceus, os doutores da lei e os fariseus e, por isso, sua pena de morte¹⁵³ era cabal. A mensagem da crucificação aos vivos era de terror. Para além do caso de Jesus que juntava multidões de seguidores oprimidos que o viram ser desfigurado e morto, milhares de outras pessoas foram aterrorizadas pelas crucificações em massa que se estendiam por quilômetros a perder de vista com corpos pendurados por dias em

153 Desde a antiguidade a crucificação ressoou como um método barato, eficaz e extremamente violento de punir escravos, desertores, traidores do governo e rebeldes. Frequentemente, era utilizada para emitir uma mensagem exemplar e demonstração de poder. O ato cruel foi muito praticado pelos persas, cartagineses, romanos e macedônios com destaque entre o século VI a.C até IV d.C. Assustadoramente, a crucificação foi praticada por vários países ainda durante o século XX. A crucificação em massa também aconteceu em algumas ocasiões como no caso de Crasso, em 71 a.C, que ordenou a crucificação de 6 mil seguidores de Spartacus que foram caçados e capturados após sua derrota. O método consistia em primeiro, espancar e açoitar o condenado brutalmente, muitas vezes, colocando pregos na ponta na chibata que arrancavam toda a pele das costas durante o flagelo. Depois eram totalmente despidas como estratégia de mesclar a vergonha, a tortura, o sofrimento e a morte, sendo este ato, também uma forma de violência sexual. Estendiam o corpo nu no madeiro, colocavam os braços abertos e pregavam pregos rombudos de 12 a 17 centímetros nos punhos para que os ossos ali localizados, sustentassem o peso do corpo, igualmente, pregavam os pés, um sobre o outro. O crucificado poderia levar dias para morrer, assim, era habitual, após alguns dias, quebrar-lhe as pernas para que não mais resistisse. Muitas pessoas morriam em razão das consequências da flagelação. Na cruz, eram vítimas da hipotermia e da desidratação, bem como da asfixia em razão da falência dos órgãos respiratórios pela posição em que o corpo ficava. Somente em 337 d.C. é que Constantino decidiu abolir o método penal em razão do fortalecimento do cristianismo no Império Romano. Hoje, em pleno século XXI, a crucificação ainda acontece em alguns locais como atividade terrorista, na maioria das vezes, o corpo é preso à cruz após a pessoa ser decapitada ou torturada até a morte.

suas cruces medonhas. A mensagem era sempre a mesma: revolte-se e morra em uma cruz.

Mas que ser humano nesta vida merece ser condenado à tortura e à morte tão hedionda? Melhor perguntando: que tipo de humano é capaz de se excitar com uma prática descomunal dessas, ainda mais em nome de algum deus? O cuidado com quem defende a tortura, sempre deve ser triplicado, não importa a época.

Para mim, Pilatos marca o discurso da neutralidade que não existe e da omissão conveniente dos covardes, daqueles que não querem se des-arranjar com quem quer que seja, principalmente, consigo mesmos. Ato problemático, pois possibilita que injustiças e tiranias desabem sobre os oprimidos. No caos ganancioso dos conflitos políticos e religiosos e suas consequentes violências, uns lavam as mãos, outros observam calados, sobrantes viajam para alguma cidade iluminada do velho continente.

Hoje há outras maneiras de punir insurgentes e de dar recados intimidadores.

A República de El Salvador é a menor nação da América Central continental e a única que não é acariciada pelas águas do Mar Caribe. O país é conhecido por suas belas praias no Oceano Pacífico que avivam a empolgação dos surfistas, também por suas cadeias de montanhas sinuosas, florestas exuberantes e vulcões imponentes. De forte tradição religiosa cristã, herança do colonialismo espanhol, o nome do país espelha uma menção a Jesus Cristo, aquele que seria O Salvador da nação.

O povo salvadorenho é martirizado por profundas desigualdades sociais, governos autoritários, guerra civil, relativa liberdade de expressão que implicaram em instabilidade política e economia frágil. A movimentação do dólar americano se tornou tão comum no país que no ano de 2001 passou a ser a moeda oficial, uma vez que não fazia sentido ter seu próprio dinheiro nacional. O meio-ambiente com toda sua rica biodiversidade também sofre os impactos da agressividade do desmatamento em razão da ganância para a exploração agrícola da terra. Saúde e educação padecem com a falta de infraestrutura adequada e não se encontram dis-

poníveis para todas as pessoas. Em meio a tantos conflitos abatendo seu desenvolvimento econômico por décadas, El Salvador é um dos países mais violentos do planeta, principalmente para as mulheres. Violento justamente para as mulheres, estas tão iguais à Maria de Magdala, infamada pelo Papa Gregório Magno¹⁵⁴, às Marias tão desprezadas, tão destemidas e tantas outras tão anônimas que acolheram El Salvador.

No país acontecem vários crimes de violência sexual contra meninas e mulheres, geralmente cometidos por homens do próprio grupo familiar da vítima. Em várias ocasiões as meninas, adolescentes ou mulheres abusadas optam pelo silêncio por medo de ameaças de morte a elas mesmas ou a pessoas de seu convívio. O receio de serem des-acreditadas, inclusive pelos seus conhecidos, é eminente, resultado da cultura de opressão machista que enloda mulheres que viveram circunstâncias similares. Os traumas e consequências dos abusos sexuais também impactam na abstenção da fala, uma vez que os recordar e os expressar causa grande sofrimento, bem como a possibilidade de não serem compreendidas pelos ouvintes.

Em 2021 foram registrados 132 casos de feminicídio em El Salvador, 17 deles provocados pelo companheiro ou ex-companheiro das vítimas, sendo que 62% eram mulheres entre 18 a 40 anos de idade. Dos 132 feminicídios, 41% foram provocados por meio de arma de fogo, 23% com o uso de faca, 18% não houve descrição determinada, 7,6% por algum

154 Preocupado com o avanço do protagonismo das mulheres na Igreja Católica do século VI, o Papa Gregório I (pontificado entre 590 a 604), associou Maria de Magdala à imagem de prostitua e adúltera em um sermão pascoal realizado em 599 d.C. na Basílica de São Clemente, em Roma, fato não condizente aos narrados nos evangelhos bíblicos (ANCHIETA, 2014, p. 281). Maria Madalena, assim popularmente conhecida pelos cristãos, é a mesma descrita como a que fora liberta de 7 demônios por Jesus, mas ela não é a mesma citada na história sobre uma mulher pega em flagrante adultério, ameaçada de apedrejamento e salva por Jesus das mãos dos escribas e fariseus. Maria de Magdala também permaneceu presente no momento da crucificação, ao lado de Maria de Nazaré, mãe de Jesus, e de Maria de Betânia que era irmã de Marta e de Lázaro (BÍBLIA SAGRADA, 2009 - Mateus 27:56; Marcos 15:40; Lucas 23:49; João 19:25). Maria de Magdala foi a mulher que preparou o corpo de Jesus com perfumes para ser sepultado no sábado, tal como era de costume entre os judeus, e a primeira que O viu na manhã do domingo da ressurreição.

objeto contundente 23% com faca, 18% não foi determinado, 7,6% objeto contundente e o restante dos casos não foram registrados. Entre janeiro e setembro do mesmo ano, cerca de 400 meninas menores de 12 anos de idade foram vítimas de violência sexual, 30,6% dos casos denunciados eram de estupro (ORMUSA, 2021, 2022).

Os crimes por ódio¹⁵⁵ têm sido comumente registrados na nação majoritariamente cristã. Muitas comunidades são controladas por gangues violentas que se comportam de modo ferozmente intolerante às pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+¹⁵⁶ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais) que sofrem fortes discriminações e se arriscam na luta por seus direitos fundamentais e sociais. Desde 1992 até 2019, mais de 600 assassinatos haviam ocorrido contra a população LGBTQIA+ e entre o período de 2015 a 2020, mais de 500 pessoas da comunidade haviam sido deslocadas à força – El Salvador não é um refúgio, um porto seguro para seus próprios cidadãos (CONCAVIS TRANS, 2020; ACNUR, 2020).

Andrea e Bárbara são duas mulheres brilhantes!

Ambas fazem parte do movimento em prol dos direitos da comunidade LGBTQIA+. Em razão de suas lutas e de seus posicionamentos perante à intolerância pungente em El Salvador, precisaram deixar seu país sob ameaças de morte. Compartilho nossa conversa realizada em junho de 2020, partilho suas vozes.

155 Crimes por ódio são aqueles motivados pelo preconceito. A vítima é elegida por pertencer a um determinado grupo, por exemplo: gênero, sexo, orientação sexual, religião, nacionalidade, etnia, cor da pele, deficiência. As formas mais usuais do crime de ódio têm sido os ataques físicos; ameaças ofensivas por meio das redes sociais, cartas, bilhetes, telefonemas e intimidações diversas; insultos e abusos verbais que incluem bullying nos diversos espaços, bem como a colocação de material impresso ou lixo na frente da casa da vítima.

156 Pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou intersexuais (nascidas com características sexuais, como órgãos genitais, gônadas e cromossomos, que não se encaixam em padrões binários de corpos masculinos ou femininos). Atualmente, a sigla que se constitui mais inclusiva é a LGBTQIA+ (Lésbica, gays, bissexuais, transexuais, *queers*, intersexuais, assexuais, +: representa os outros grupos como pansexuais, familiares e amigos (aliados da comunidade), 2 (two-spirit) e polisssexuais). Optei por utilizar este termo em todo o capítulo.

Sou Andrea Ayala, uma mulher lésbica de El Salvador, tenho 37 anos, sou advogada e ativista militante pelos direitos das pessoas LGBTQIA+I+. Comecei a trabalhar com direitos das pessoas LGBTQIA+I+ em 2009. Certa vez, quando eu estava na universidade, recebi um e-mail informando que na Assembleia Nacional de El Salvador estariam fazendo uma discussão sobre matrimônio igualitário na qual defendiam que o mesmo fosse apenas entre um homem e uma mulher. Nesse dia fiquei tocada, porque eu sempre estive estudando para ser advogada de um banco ou de outro local, porém eu não estava estudando para ser uma advogada pelos direitos humanos, contudo, nesse dia minha vida mudou e eu pensei em seguir a carreira de ser uma advogada das pessoas LGBTQIA+I+, primeiro em El Salvador e depois a nível global. Participei em processos muito importantes para a comunidade, estive em uma equipe que criou a SOGIESC que é uma organização independente que atua na defesa dos direitos de pessoas independentemente de sua orientação sexual real ou percebida, identidade de gênero, expressão de gênero e características sexuais e também junto às Nações Unidas. Então, minha vida é a militância, a militância sempre a favor dos direitos das pessoas LGBTQIA+I+, especificamente no trabalho pelas mulheres lésbicas, bissexuais e queers. Em El Salvador essas mulheres são objeto de ataques e estupros, de ataques físicos e sexuais a todo tempo. E, como advogada, eu acusei policiais nacionais que haviam atentado contra a vida dessas mulheres e foi por isso que em 2018 nós tivemos que sair do país e, agora, vivemos como refugiadas na Europa.

Eu sou a Bárbara, tenho 38 anos, sou psicóloga. Desde em que estava em El Salvador em 2010, eu sempre trabalhei pelos direitos das mulheres. Comecei trabalhando pela saúde reprodutiva sexual das mulheres no mundo e pelos direitos sexuais reprodutivos dos jovens. Penso que este tema não aconteceu por casualidade, não foi por acaso, pois me tocou de uma forma muito pessoal. Eu vivenciei muita violência de meu pai com a minha mãe, então, creio que comecei buscando pela segurança da minha mãe desde que era uma menina, assim, meu interesse pelos direitos das

mulheres começou nesse momento. Em El Salvador trabalhei como psicóloga em uma organização feminista em prol da segurança das mulheres que enfrentavam qualquer forma de violência, também trabalhei junto à política, com municipalidades para criar políticas e assegurar a importância de incluir as mulheres nas decisões políticas de todos os níveis. Trabalhava como consultora, investigando muitos acessos à justiça pelas mulheres, pelas meninas, pela população LGBTQIA+I+. Trabalhei como diretora de diversidade e também percebi que muitas das resistências que eu encontrei no meu trabalho, em diferentes trabalhos, era pelo fato de ser mulher. A única forma de ser ouvida pelos homens mais velhos era sendo uma mulher atraente, uma mulher sexy, mas sendo apenas uma mulher feminista, uma lésbica ou uma mulher lutadora, sempre era muito mais difícil ser ouvida, ter voz. Neste momento também sou uma refugiada eu procuro me dedicar como psicóloga às mulheres que enfrentam violências, principalmente junto às comunidades latinas daqui e de fora.

A condição de refugiada é constituída por muitos desafios, é um estado de complexa vulnerabilidade. A pessoa que solicita refúgio em outro país costuma ser pré-julgada como transgressora, criminosa, rebelde. No caso de ser uma mulher refugiada, além desse estereótipo mencionado, ela também é facilmente concebida como uma perdida, uma prostituta. As dificuldades para se inserir no mundo do trabalho é uma dura realidade, principalmente quando chegam ao país grávidas ou com os filhos ainda pequenos.

No cenário das refugiadas da comunidade LGBTQIA+, o gatilho é a urgência de salvar a própria vida em razão de sua identidade de gênero, orientação sexual e particularidades sexuais. Elas costumam ser vítimas da opressão e perseguição de governos ultraconservadores e autoritários, muitas vezes, sofrem violências e abusos das próprias famílias e comunidade local em razão da ausência de leis e políticas que as protejam em seus direitos e liberdades de serem quem são, elas mareiam em

águas de piratas. De acordo com a Lei Internacional dos Refugiados¹⁵⁷, qualquer pessoa que esteja em situação de fuga por causa de sua identidade de gênero ou características sexuais, tem o direito de ser acolhida em outro território na condição de refugiada, reivindicando proteção. Segundo o “Relatório de Homofobia patrocinada pelo Estado”, 69 Estados membros da ONU continuam a criminalizar a atividade consensual entre pessoas adultas do mesmo sexo ou formas de expressão de gênero. Em determinados casos, essas relações são passíveis de condenação à pena de morte. Há países adotantes de leis para validar a perseguição dessas pessoas pelas autoridades a partir do pretexto das relações homoafetivas se constituírem um ato de indecência pública. Em certos países onde o ódio é explícito em gangues e quadrilhas criminosas, a polícia, muitas vezes, recusa-se a proteger as pessoas LGBTQIA+ (ILGA, 2020).

Andrea e Bárbara me narram seus protagonismos de vida em luta e resistência pelos direitos das pessoas LGBTQIA+:

Bárbara: Quando nós viemos para cá, eu falava com Andrea que vínhamos de uma realidade distinta, porque buscávamos e pesquisávamos alternativas para buscar nossa segurança física, porém, conhecíamos a realidade de nosso país. No entanto, quando chegamos aqui, nós ficamos em um centro com outras 400 pessoas de muitos diferentes contextos culturais, que não entendiam nada sobre os direitos humanos, os direitos das mulheres de existência lésbica. Nos primeiros dias eu acordava as 4 da manhã porque todos os homens estavam dormindo, era quando eu ia ao banheiro, tomava banho, trocava de roupa rapidíssimo, pois eu tinha medo, eu tinha muito medo do que aqueles homens poderiam fazer se me vissem com a Andrea, dando-nos as mãos, comendo juntas, o tempo todo eu sentia medo.

Andrea: É difícil fazer esse exercício que você acabou de fazer, de somar todas as condições que uma mulher pode ter dentro do seu corpo.

157 A Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 são as vias de acesso à solicitação de refúgio em outro país como forma de garantir segurança à própria vida (UNHCR, 2001).

Isso para mim é uma das coisas mais importantes de poder realizar dentro do corpo da mulher, de nossa corporalidade. Vivemos tantas realidades que por isso estamos nesse patriarcado para poder dominá-lo. Porque ao dominarem nosso corpo, dominam todas as nossas realidades. Minha realidade é que sou uma mulher, que sou profissional, que sou refugiada, que não vivo no meu país, que estou casada e vivo com esta mesma mulher (a Bárbara) há 13 anos, que tenho uma voz, que fui perseguida, que acusei o Estado de maneira internacional por violar os direitos humanos das pessoas LGBTQIA+, que acusei os policiais e soldados por terem atacado as pessoas da população LGBTQIA+ em El Salvador. Todas essas realidades e todas essas experiências estão dentro do meu corpo, além das minhas experiências pessoais de vida, como também ter crescido no contexto em que cresci, ter passado pelas coisas que tive que passar. Então, às vezes é complicado para nós mesmas como mulheres sabermos como misturar todas essas realidades que temos dentro de nós mesmas e com isso encarar o patriarcado, desde que ângulo vou fazer. Porque como a Bárbara disse: quanto mais camadas ou categorias de exclusão nós mulheres temos dentro de nosso corpo, menos capacidade temos de ser ouvidas. Bárbara dizia “no meu trabalho profissional eu tinha que ser a mais bonita, a mais sexy, tinha que cair bem aos homens com quem falasse, e assim, sempre...”. Eu digo, bom, pelo menos você entra nessa imagem coletiva de como uma mulher é vista: o cabelo longo, além de branca, em um contexto onde as pessoas não são brancas em El Salvador. Quer dizer, tem algumas coisas que faziam com que a balança baixasse um pouco, só um pouquinho, porém, isso lhe ajudava. Desde a minha experiência como uma mulher lésbica com uma expressão de gênero não-binário, ou se queremos chamar de masculina, onde eu não reconheço o feminino para me vestir, para me expressar, isso se converte em uma experiência ainda bem mais complicada. Então, essa é ainda outra camada de exclusão, ou discriminação, se quisermos dizer desta forma, que vamos tendo e que vamos vivendo. O momento do agora é de muita perspectiva complexa ao olharmos para El

Salvador desde aqui onde estamos, porque lá, também temos como vocês no Brasil, um Bolsonaro que não quer mais sair do poder.

Andrea: Sim, ele quer ficar lá para sempre! E não reconhece nenhuma inclusão democrática, formas diferentes de viver. Nas entrevistas em que Bárbara e eu damos juntas, sempre dizemos que uma das coisas que nos mantêm juntas e que nos fez começar, foi justamente o compromisso pela justiça social que ambas compartilhamos. E é muito frustrante estar a 10.000 km de distância de nosso país e não poder estar nas ruas, não poder protestar enquanto no país em que vivemos hoje, a realidade é tão diferente, é um país que fica no centro da Europa, onde a gente tem garantida a saúde, o alimento, o teto... Isso é muito diferente para quem veio da América Latina para cá, onde a pobreza é uma coisa tão real. Sempre dizemos: eles não sabem o que é ser pobre de verdade, como a pobreza que nós conhecemos. Aqui eles não sabem o que é ter fome. Coisa que nós conhecemos. Então, isso tudo vai nos acumulando um certo nível de frustração, de ter que estar tão longe e não poder fazer quase nada, digamos, de maneira material. E eu sempre digo: bom, o problema é que se chegarmos em El Salvador, será que não terminam por nos matar? Porque caladas não ficaremos nunca. Quer dizer, o tema da justiça social é um tema que nos atravessa profundamente, e sei que posso falar no plural porque é um dos nossos grandes pilares dentro de nossa relação. Porém, ao mesmo tempo, estar fora de nosso país se converte em uma outra realidade, converte-nos em um papagaio, em um alto-falante que repete outras realidades ou que nos faz voltar a vermos um país tão pequeno como El Salvador, com pessoas e organizações que de alguma maneira podem apoiar essa luta. Creio que uma das grandes maravilhas que nós mulheres temos, é isso, de fazermos malabarismos. Somos capazes de fazer tantas coisas ao mesmo tempo e aproveitar cada oportunidade, porque temos tão poucas em nossa vida e que ainda que não seja uma oportunidade como esta que temos de sermos refugiadas, e isso não é um prêmio ou a coisa mais feliz do mundo, ainda assim nós tratamos de aproveitar a situação como uma oportunidade, apesar de ser uma situação bastante complexa.

Bárbara: Porém, nós transformamos essa situação-problema nisso que Andrea disse: na oportunidade de que vejam a realidade de um país que nem sequer sabem onde está localizado. Que escutem as realidades das mulheres. Eu escrevi há pouco tempo um artigo para uma organização e questioneei: “Vocês sabem que El Salvador tem os índices de feminicídio mais altos da América Latina?” E eles não compreendiam como podiam ser tão altos. “Vocês sabem a cada quanto tempo uma menina é violentada em nosso país? Que a idade da primeira relação sexual das meninas do meu país é de 9 anos? Sabem o que significa isso?” Essas realidades também estão presentes na realidade da imigração de refugiados, há camadas de discriminação e de pessoas que são prioritárias. Eu, agora, revisava uma publicação de uma organização com que colaboro, e todos os temas, toda a iconografia, todos os nomes de personagens diziam respeito à população árabe. E eu lhes disse: a realidade também é da América Latina, é da África, estamos nos movendo pelo mundo porque temos realidades que, infelizmente, fazem-nos fugir para outros lugares, e este não é um sonho que foi cumprido, é a realidade que nos fazem fugir. E vou te dizer duas coisas: ou você se torna vítima da situação ou então agarra a situação pelos chifres e a ocupa para fazer o que Andrea estava falando, um papagaio, uma caixa de som e dar voz aos que não tem voz, tem um montão de gente que tem voz, e tentam silenciá-las todos os dias. Por outro lado, ocupar outra voz, outra voz de fora é ser essa vozinha insistente que está fazendo com que as pessoas voltem a ver um continente, a ver o Cone Sul, e que voltem a ver um continente onde estão acontecendo fatos que se tem que prestar muita atenção. Porque seguimos tendo, sem estarmos em um conflito armado aberto, mortos todos os dias, por todas as partes e por diferentes motivos, e não se fala disso o suficiente, não se fala desses acontecimentos o quanto é necessário falar.

ADEUS

Quando meu lenço acenou no ar para lhe dar meu adeus,
vi como a amargura colocou sua mão invisível em seu rosto pálido.

Não sei porque, sempre, toda despedida é triste quando não caminhamos pela vida, juntos, mas por um minuto.

A verdadeira fraternidade, o elo legítimo é a compreensão, e quando isso acaba não há mais um elo possível: a maldita cadeia do dever simplesmente amarrando nossa garganta.

(HERNÁNDEZ, 2019, p. 4-5, tradução minha)¹⁵⁸.

Andrea: Creio que as mulheres e, especialmente, sobre meu tema, minha luta e como mulher lésbica, creio que as mulheres lésbicas, homossexuais e queers, escrevem muito pouco, e quase sempre são outras pessoas que contam nossa história. Tudo bem, nós compartilhamos nossa história, mas creio que conta muito o fato de não nos sentirmos, não posso falar por todas as lésbicas do mundo, mas muitas de nós não se sentem com a capacidade suficiente para poderem contar a sua, a nossa própria história. Pelo menos para mim, o que isso representa é que a minha voz será imediatamente invalidada porque essa narrativa não será objetiva, uma vez que eles podem usar a minha própria história para me atacar, atacarem minha luta. Isso é muito complexo e temos várias companheiras em El Salvador que lutam por questões diversas como os direitos sexuais e reprodutivos, aborto, a questão ambiental, dentre outros temas. Mas como são mulheres lésbicas, elas não podem expressar isso livremente porque, imediatamente, toda a sua luta se torna inválida. Ela está totalmente invalidada, sua voz não conta. Para

158 Josefina Peñate y Hernández, pseudônimo de Josefa Claudina Peñate Hernández, nasceu na cidade de Santa Ana, em 27 de abril de 1901. Não há informações sobre sua formação acadêmica, provavelmente, tenha sido autodidata, de orientação clássica, tal como evidencia sua linguagem utilizada nos textos literários. Em 1928 publicou seu primeiro livro, intitulado Sketches, sem cópia disponível nas bibliotecas de El Salvador. A segunda obra, A Caixa de Pandora, foi publicada em dezembro de 1930, composta por 13 contos dedicados à problematização da complexa situação social e familiar em que as mulheres salvadorenhas se encontravam nas áreas urbanas durante as duas primeiras décadas do século XX. Não se sabe ao certo a data de sua morte, possivelmente ocorrida em 15 de junho de 1935, dando à luz ao seu único filho (HUGUET, 2014).

elas, elas são apenas mulheres ressentidas porque nenhum homem as ama e é por isso que elas estão na rua. Então, sua orientação sexual, em um contexto como o salvadorenho, também se torna uma ferramenta de ataque. Ou seja, quando eu morava em El Salvador, costumava ir a vários meios de comunicação para dar entrevistas sobre diversos temas e a principal ofensa que os homens usavam quando eu estava expondo algo era “cala a boca, você parece um homem”. E eu tipo: “Isso para mim não é uma ofensa, para mim, bem, se você acha, tudo bem, se não, também”. Porém somente o querer apresentar ser alguém, também é motivo de ataque. Por isso creio que o tema dos homens trans que se socializam como mulheres desde muito jovem, é muito complexo. Se vemos os líderes trans na América Latina, em sua maioria, são mulheres trans que tiveram o privilégio de socializar, digamos, privilégio entre aspas, porque elas não queriam que fosse assim, porém, aprenderam a usar suas vozes.

Meu pensamento comunga com o de Andrea e de Bárbara: nós, mulheres, precisamos escrever, registrar a história por meio de nosso próprio protagonismo, com nossa própria voz. E, sem dúvidas, as mulheres lésbicas urgem narrar suas histórias de vida, seus amores, suas causas, seus sonhos e dores, denunciar os inúmeros dispositivos de marginalização e exclusão social abissal a partir das muitas camadas de realidades que as constituem mulheres amando a outras mulheres.

Amar a outra mulher
 Pode ser uma aventura na Amazônia,
 um delírio com ou sem estímulos
 um mapa sem bússola
 um arrebatamento do corpo
 um silício de desejo
 amar a outra mulher
 é a abertura para o infinito
 o mistério do oceano

a delicadeza da rosa
e também é...
ser exposta e frágil.

(MATUS, 2010, p. 11, tradução minha)¹⁵⁹.

Ao ouvi-las, sensivelmente atenta, para compartilhar suas vozes pelas linhas dessas páginas, tonifico que este livro não é de uma pesquisadora escrevendo sobre Elas, sobre tantas outras mulheres com distintas camadas de realidades constitutivas de sua corporalidade cercada para ser dominada e controlada pelo sistema patriarcal. Mas esta obra é de muitas Mulheres COM uma mulher que também traz consigo uma porção de corporalidades subjetivas e coletivas, múltiplas interseccionalidades, mulheres que fazem uso das oportunidades e dos megafones que têm, incluso, o protagonismo feminino por meio da escritura, para juntas, fazermos NOSSAS VOZES serem lavradas e recordadas pelas que virão depois de nós e, assim, ecoarem contra os mais variados tipos de violência misógina produzida e re-produzida pela nefastidão do patriarcado, pelas normativas machistas que violentam e matam meninas e mulheres deste planeta. E, não somente para este fim, mas também para arquitetarmos

159 Silvia Ethel Matus Avelar nasceu em 12 de março de 1950 em Nejapa, um município integrado à região de San Salvador, em El Salvador. A poeta e socióloga marca sua época com a presença do homoerotismo na poesia salvadorenha. Defensora dos direitos das mulheres, especialmente de suas compatriotas, participa de movimentos sociais feministas e publicou livros de poesias e contos em revistas literárias da América Latina. Muitas de suas composições estão publicadas em seu blog intitulado *La Otriedad* (<http://mujerescambio.blogspot.com/>), onde também compartilha diversos temas que envolvem as realidades e lutas das mulheres. A autora discursa sobre o corpo da mulher como instrumento de luta política e se mostra como uma divisora de águas sendo uma das primeiras poetisas lésbicas do país a escrever fora do anonimato e se posicionar acerca dos direitos das mulheres lésbicas e da importância do acesso ao conhecimento de seus direitos sexuais, direitos reprodutivos, direitos sobre decidirem acerca de seus próprios corpos, sexualidade, promoção da educação laica. Seu legado se firma no incessante embate contrário aos paradigmas patriarcais de dominação e exclusão, defendendo o respeito às mulheres lésbicas, a sua diversidade sexual e direito à realização pessoal e coletiva.

problematizações dos problemas sociais e, a partir delas, construirmos outras respostas possíveis para uma outra sociedade planetária possível, mais que possível, urgentemente necessária.

Andrea: Em El Salvador não existe nenhuma legislação que reconheça a existência das pessoas LGBTQIA+ como tal, ou seja, a única, o único corpo legal que nos menciona, na verdade, que não nos menciona, porém, menciona orientações sexuais e identidade de gênero, é o código penal quando fala de crimes por ódio, e diz que a pena se agravará se a pessoa é assassinada por lesões ou ameaças se estão associadas a orientação sexual ou identidade de gênero. Essa reforma aconteceu em 2015 e, de fato, foi usada em apenas dois casos. Ou seja, o sistema jurídico de El Salvador leva isso muito em conta. Do contrário, não temos nenhum direito. O matrimônio igualitário não existe, as adoções de casais homoparentais ou homomaternais não existem. Não podemos adquirir bens de maneira conjunta porque nossa união não está reconhecida pelo Estado, não há uma união civil, quer dizer, nosso matrimônio não está reconhecido sob nenhum ponto de vista. O que implica que para as mulheres que estão dentro do espectro LGBTQIA+ isso foi mais complexo pois se somam várias camadas implicadas à exclusão social. Quer dizer, sim sou lésbica, porém, é que além disso, sou mulher em um contexto tão machista como o el salvadorenho. Eu era diretora de uma organização de mulheres lésbicas e houve muitos casos em que tivemos que litigar e acompanhar o litígio em outros casos de muitas mulheres lésbicas que foram assassinadas por seus ex-parceiros homens, muitos deles, eram membros de gangues. Penso e sempre mantenho esse pensamento e, um dia, vou escrever sobre isso: que o ser lésbica é a última ofensa que se pode fazer ao patriarcado. Porque é desprezar o mais precioso que eles têm, que é desprezar um homem.

Neste sentido, estamos dizendo: “eu não preciso de nada do que os homens constituem, não necessito do seu falo, não preciso da sua força, não preciso da sua segurança, não preciso de nada”. Deste modo, desprezo o objeto mais preciso que o patriarcado tem que é o amor, o cuidado, o falo de um homem. Creio que nós lésbicas ofendemos tanto o patriarcado que

por isso há algumas correntes feministas lésbicas que dizem que ser lésbica é quase uma decisão política. Ou seja, eu me refiro a lésbica como uma postura política, porém, eu não decidi ser desta forma. Mas, para mim, o lésbico representa o último desprezo ao patriarcado, isso é dizer que desprezo o mais belo que eles têm. E me parece maravilhoso porque com minha vivência lésbica eu desconstruo, absolutamente, o patriarcado, é dizer: na minha casa vivemos somente com mulheres e minha casa não cai, não tem goteiras, meus carros (se temos carros) andam, se tenho bicicletas eu as conserto. É dizer que não precisamos dos homens para sobreviver.

DÁ-ME A MÃO

Dá-me sua mão e dançaremos;
Dá-me sua mão e me amarás.
Como uma única flor seremos,
como uma flor, e nada mais...

Cantaremos o mesmo verso,
no mesmo passo dançarás.
Como uma espiga ondularemos,
como uma espiga, e nada mais.

Seu nome é Rosa e eu Esperanza;
Porém seu nome esquecerás
porque seremos uma dança
na colina e nada mais...

(MISTRAL, 2010, p. 197, tradução minha)¹⁶⁰.

160 Gabriela Mistral, pseudônimo de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, nasceu em 07 de abril de 1889 em Vicuña, no Chile. Formada em pedagogia, a poetisa também se tornou uma diplomata de seu país. Conhecida por sua honestidade moral e intelectual, era discreta em sua intimidade. Em sua vida e em sua obra, defendeu os direitos das crianças, a importância da educação e o

Andrea: Para mim as mulheres lésbicas, bissexuais, trans e queers em El Salvador não somente têm que lutar com o tema de serem compreendidas como pessoas da diversidade sexual, mas também pelem com o fato de serem mulheres que desprezam o uso do patriarcado, que não se entregam em situações de ofensa onde as insultam dizendo que merecem a morte, a violação, as terapias de conversão, etc. Neste contexto não há espaço para vitimização, mas sim para o enfrentamento de desafios. E esses desafios estão ligados diretamente com o patriarcado, veja: a quem priorizam mandar à escola? Os meninos. Quem tem acesso a trabalhos melhores? Os homens. A diferença salarial entre homens e mulheres é cerca de 30%, então, pelo mesmo trabalho um homem vai ganhar mais que uma mulher e se houver oportunidades de contratar um homem ou uma mulher, preferem contratar ao homem porque em geral os trabalhos de cuidado e reprodução recaem às mulheres, ou seja, isso quer dizer que se há duas mulheres lésbicas nessa mesma casa, é provável que haja menos renda também entre elas. Ou seja, é uma corrente de desigualdades. É uma corrente em termos do que o patriarcado significa para a vida das mulheres, e mais ainda para a vida das mulheres lésbicas. É um degrau depois do outro em que todos os dias é preciso usar de bom humor, porque todos os dias você irá enfrentar uma luta assim. Então, desafios patriarcais? Muitos. Eu creio que o tema

cuidado com a humanidade. Seus poemas traduzem o amor maternal, a infância, a natureza, a paixão e o erotismo entre mulheres. Após sua morte em 10 de janeiro de 1957, suas cartas, cadernos de anotações, fotografias, vídeos e áudios pessoais se tornaram materiais de estudo da jornalista, diretora e produtora chilena, María Elena Wood, demonstrando que Gabriela era uma mulher bem mais complexa do que parecia ser em sua vida pública, revelando sua relação homoafetiva com a estadunidense Doris Dana, nascida em 1920 e falecida em 28 de novembro de 2006. Nas palavras de Wood: “Foi por causa do fato de ela ter se tornado lésbica que o Chile preferiu engessar sua memória de outro modo. É um país conservador, só hoje o homossexualismo masculino começa a ser assumido, o feminino, nem pensar” (COLOMBO, 2011). Em 2011 houve a estreia mundial do filme-documentário “Locas Mujeres”, dirigido por Wood (<https://cinechile.cl/pelicula/locas-mujeres/>). Gabriela Mistral é considerada uma das principais personagens da literatura chilena e latino-americana, sendo a primeira mulher e primeira pessoa da América Latina a receber o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1945. Em 1951 foi ganhadora do Prêmio Nacional de Literatura do Chile.

dos corpos que falamos no começo, a violência sexual, o que significa que se cresce desde meninas com uma naturalização horrível sobre isso. No corpo das mulheres se fazem guerra, no corpo das mulheres se marcam territórios. Creio que isso é algo gravíssimo que continua instaurado em nosso país.

Até um tempo atrás, se alguém violava uma mulher e depois se casava com ela, nada acontecia com o violador. Felizmente, agora, depois de muita luta, nossa legislação mudou gradativamente. Mas ainda há pessoas com relutância em denunciar esses casos porque ainda se tende a culpar a mulher por sofrer a violência sexual. Culpamos outras mulheres, culpamos a mídia, o resto da família também a culpa, e esse tema continuará necessitando ser abordado, ser discutido, porque é um dos desafios mais importantes que o patriarcado nos representa. Isso te cala, te faz ter medo e te faz ter uma cadeia de circunstâncias que permanece silenciando a mulher.

AS DIABAS

Que o diabo a beijou, diz a vizinhança da garota que não é
garota Uma depravada que se recusa a
ser princesa sedenta de olás e sapos azuis

Chora papoulas até adormecer acorda feliz envolta em
sementes que logo semeia na chuva para
colher ilusões da lua nova

Vestida de cabra, fresca e sorridente corre para se refugiar
no mato Faz um berço com seu aroma
de garota alheia, com pele de guerreira

Garota de seios de sol, a avó lhe chama Pois, embora a
inunde o desejo de escapar do murmúrio e
da dor a cada manhã renasce teimosamente

Que é filha do diabo, o mundo grita porque flutua livre de
crinas e escamas A garota caracol que

sonha em ser garota do mar e ri descalça a caminho de outras iguais a ela.
(OLIVO, 2021, p. 5).

O poema de Marielos Olivo¹⁶¹, as Diabas, traduz o tamanho da violência e do estereótipo colado no corpo das mulheres lésbicas ou percebidas como tal. Como amam a outras mulheres, rechaçam a masculinidade patriarcal e, por uma ilógica sobrenatural, os intolerantes atribuem sua orientação sexual à falta de deus e à entrega ao tentador. Paradoxalmente, em nome de deuses e de suas crenças religiosas, entulham-se de ódio contra essas mulheres e se investem de cruezas para as castigar da injúria que sentem. Dentre as copiosas rudezas está o estupro como hipótese corretiva e curativa do comportamento social e da orientação sexual das mulheres lésbicas. Pergunto-me: em que esquina da vida esses homens se des-humanizaram e se tornaram bestas-feras irascíveis?

Andrea: Um outro exemplo de violência terrível é que em El Salvador ainda há muitas denúncias e muitos casos de estupros em que acreditam serem corretivos. Eles dizem: “vou violar essa mulher lésbica, pois, na realidade, ela é lésbica porque nunca esteve com um homem, mas quando meu pênis a tocar eu a vou curar porque ela está é doente”. Há alguns anos, talvez em 2012 ou 2013, uma instituição do Estado realizou uma investigação sobre o acesso à saúde pública da população LGBTQIA+. Foi dito que havia até um médico ginecologista oferecendo seus serviços para violar uma das pacientes do grupo focal das mulheres lésbicas, um abuso de violência obstétrica, com o propósito de a curar de seu lesbianismo. Ou seja, isso não aconteceu no século passado, mas apenas há 8 anos. Então, Sílvia, quando você nos pergunta que tipos de violências nós já sofremos, posso responder: todos os tipos! Sofri com a violência da cultura patriarcal física,

161 Marielos Olivo nasceu na cidade de San Salvador, capital de El Salvador, em 27 de dezembro de 1977. Mulher lésbica, poetisa feminista e formada em psicologia, Marielos é atuante em movimentos sociais pelos direitos sociais e visibilidade da identidade feminina lésbica. Suas composições literárias abordam temáticas sobre violências exercidas contra as mulheres bem como na desconstrução de estereótipos excludentes das pessoas da comunidade LGBTQIA+.

sexual e psicológica. Inclusive, quando eu tinha 15 anos de idade, passei por um processo de terapia de conversão, pois meu pai e minha mãe pensavam que ser lésbica era uma enfermidade curável, então, estive em uma terapia psicológica para deixar de ser lésbica e, obviamente, não conseguiram.

Creio que nós somos demasiadamente desprezíveis para o patriarcado porque, também, não nos interessa nada do que eles nos ofereçam. E é difícil para mim e para outras lésbicas nos reconhecermos como vítimas porque necessitamos ser o contrário disso, por isso, muitas vezes, ter a responsabilidade de ser uma porta-voz, de ser uma líder que fala sobre o tema LGBTQIA+ e etc é como uma carga pesada. Porém, não me posso dar o luxo de ser uma vítima porque continuarão a questionar a validade de minha voz como mulher lésbica, dizendo: “ah, então, bateram nela por causa disso, pobrezinha, a traumatizaram, como irá querer estar com um homem depois disso?”. Assim, as mulheres lésbicas não podem sequer viver sua realidade como vítimas, pois em tudo somos deslegitimadas naquilo que fazemos. É muito complexo viver neste contexto e, pelo menos para mim, com essa vitimização não desfrutada, não vivida e não experimentada plenamente, implica na impossibilidade daquilo que não pode ser sanado por completo, o que acaba por trazer culpa ao se sentir vítima, uma vez que não se tem nem tempo para se sentir vítima, porque, na verdade, o que você precisa fazer é algo para mudar essa realidade. O patriarcado é um espetáculo para exercer violências contra as mulheres, não só contra mim, mas contra todas.

As ofensas e os crimes de ódio contra as mulheres lésbicas são constantes. Uma dessas manifestações hediondas é o estupro corretivo em que um ou mais homens, muitas vezes da própria família ou conhecidos, estupram mulheres lésbicas como medida corretiva para remodelar sua orientação sexual e controlar seu comportamento social. Atualmente, o termo tem conotação mais ampla e se refere ao estupro de qualquer pessoa integrante a um grupo social distinto das normativas de gênero ou heterossexualidade com o intuito de a corrigir para que se adeque aos padrões héteros.

O termo estupro corretivo se tornou conhecido e utilizado por organizações de defesa e luta pelos direitos humanos após o conhecimento de vários casos ocorridos na África do Sul, especialmente, o de Eudy Simelane, que integrava a Seleção Feminina de Futebol da África do Sul e era ativista dos direitos LGBTQIA+. Ela foi roubada por uma gangue, estuprada, esfaqueada 25 vezes no rosto, peito e pernas, teve as solas dos pés dilaceradas, morta aos 31 anos de idade em abril de 2008. Seu corpo foi arrastado nu e despejado em um córrego. Os criminosos foram presos e condenados, ainda assim, afirmaram que não sentiam remorsos pelo crime cometido (SMITH, 2009).

Mas Eudy Simelane não foi um caso isolado. Um artigo publicado em 2011 relata que, anualmente, pelo menos 500 mulheres são vítimas de ataques e agressões sexuais homofóbicas na África do Sul e que 86% das lésbicas negras da região do Cabo afirmam ter medo de sofrer agressões sexuais homofóbicas direcionadas (SILVIO, 2011). Neste mesmo país, em 2021, foram registrados 16 assassinatos contra pessoas LGBTQIA+, especialmente, contra lésbicas negras e aquelas que se identificavam como transexuais. Debaixo de violências cruéis, muitas das famílias das vítimas mortas ou mesmo das vítimas sobreviventes, não chegam a ver a justiça realizada por falta de recursos financeiros para que os processos tramitem nos tribunais, sendo esta uma falha irreparável do sistema judicial do país (AMATO, 2022).

A África Subsaariana¹⁶², por sua vez, espelha um contexto emergente de alterações no tocante aos direitos das pessoas LGBTQIA+. Mas ao mesmo tempo em que alguns países trabalham para a expansão de políticas públicas e leis de proteção à comunidade, outros países acentuam suas formas repressão aos movimentos sociais de lutas por direitos LGB-

162 Países da África Subsaariana: República Democrática do Congo, República do Congo, Burundi, África Oriental, Quênia, Tanzânia, Uganda, Djibouti, Eritreia, Etiópia, Somália, Sudão, África Ocidental, Benin, Burkina Faso, Camarões, Chade, Costa do Marfim, Guiné Equatorial, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné Bissau, Libéria, Mauritânia, Mali, Níger, Nigéria, República Centro-Africana, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Togo e Zâmbia.

TQIA+ por meio da violência de Estado que atua na regulação criminal (BOND, 2016). As violências são imensas e as lutas são gigantes!

Ao se apropriar do uso do termo estupro corretivo, a comunidade LGBTQIA+ o popularizou e ampliou a disseminação do conhecimento, da informação e da conscientização sobre o preconceito, a discriminação, a violência e o ódio contra mulheres lésbicas pelo planeta. Em meio às inúmeras lutas, foram sendo construídas as leis para proteção das pessoas LGBTQIA+, contudo, a questão do estupro corretivo nem sempre é recordada e discutida, por isso a importância de cada uma, de cada um de nós conhecer um pouco dos números representativos dessa manifestação odiosa que rasteja entre nós: no Brasil se estima que, em média, 6 mulheres lésbicas foram estupradas por dia sendo que 61% dos casos aconteceram dentro de casa e 20% em locais públicos, totalizando 2.379 casos registrados em 2017 (PINTO, 2020); nos Estados Unidos, 44% das lésbicas e 61% das mulheres bissexuais sofreram estupro, violência física ou perseguição (CDC, 2013); de acordo com o relatório da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, diversos casos de estupros corretivos em mulheres lésbicas e bissexuais foram testemunhados e denunciados na Colômbia, na Jamaica, Haiti, Equador, dentre outros países da América Latina e Caribe; na República Dominicana em 2011, 36% das mulheres trans que se dedicavam ao trabalho sexual foram forçadas a realizar “favores sexuais” exigidos por policiais para evitar sua prisão (CIDH, 2015).

Também no ano de 2011, no Equador foram fechadas 30 clínicas que tratavam ilegalmente pessoas LGBTQIA+ com promessas de cura gay. Nessas clínicas de viés religioso fundamentalista e extremista, mulheres lésbicas foram submetidas à torturas, abusos diversos e estupros corretivos para que sentissem o “verdadeiro e genuíno prazer sexual de uma prática abençoada por Deus”. Nesses lugares de horror, elas sofriam todos os tipos de restrições, eram submetidas a medicamentos, espancamentos, privação alimentar, violências psicológicas inarráveis. Na maioria dos casos, elas eram sequestradas e drogadas pela própria família convencida de que precisavam ser curadas ou exorcizadas de demônios que

as faziam se relacionar de maneira homoafetiva. Tenebrosamente, várias dessas clínicas investigadas tanto no Peru como no Equador estavam vinculadas a igrejas cristãs (MAGGIO, 2017; WILKINSON, 2013).

No Peru foram coletados inúmeros testemunhos de mulheres lésbicas submetidas a estupro corretivos como castigo e suposta forma brutal de as converter à heterossexualidade entre os anos de 2014 e 2015, em uma tentativa de cura forçada, muitas foram internadas em clínicas que ofereciam tratamento de conversão de sua orientação sexual (DEFENSO-RÍA DEL PUEBLO, 2016). De acordo com exemplar e minuciosa pesquisa realizada pelo coletivo *No Tengo Miedo* (2016), da população LGBTQIA+ peruana, 87,7% sofreu algum tipo de violência de gênero, inclusive, sexual, no entanto, 87,6% não registrou denúncia, ou seja, apenas 1 em cada 10 pessoas realizou uma denúncia, números que evidenciam o silenciamento da violência generalizada e naturalizada no país. Violências exercidas por pessoas desconhecidas (47,7%), por membros da própria família nuclear (35,7%), companheiros (35,5%), conhecidos da família (30,2%), policiais e agentes da ordem (21,3%), membros da família estendida (21,0%), educadores (20,3%), entre outras bestas-feras des-humanas.

O Relatório da Comissão Interamericana de Direitos Humanos revela que a violência sofrida por mulheres lésbicas ou percebidas como tais, acontecem, principalmente, no reduto privado e de modos interseccionais de violência. Os testemunhos das vítimas são estarrecedores e mostram a que ponto de selvageria, crueldade e atos de humilhação os agressores podem chegar, simplesmente, por ódio misógino e de orientação sexual. A prevalência de violência sexual e estupro corretivo também é brutal contra pessoas intersexo como sendo esta a hipótese imaginária de cura de seus corpos (CIDH, 2015).

Na Índia a história não é diferente e a natureza da violência enfrentada por mulheres lésbicas é tratada por Bina Fernandez e Gomathy em um denso estudo publicado em 2003. A obsessão pela heterossexualidade na Índia move familiares a estuprarem as mulheres de sua própria

família, fato que deu origem ao filme *Satyavati*¹⁶³ (que significa “aquela que fala a verdade”) que conta a história de uma moça em relacionamento lésbico que foi punida por seu pai, tio e outros homens com estupro como forma de retificadora de sua orientação sexual.

Em 2020 o Instituto Asiático do Pacífico sobre Violência Baseada em Gênero (APIGBV, 2020) realizou uma importante discussão e apresentou dados alarmantes sobre as violências e as múltiplas barreiras que as sobreviventes das comunidades LGBTQIA+ enfrentam em países da Ásia e nas ilhas banhadas pelo oceano Pacífico¹⁶⁴. As mulheres, em específico, experimentam uma teia de conflitos homofóbicos estruturais e sistêmicos que sangrados na família e na comunidade em geral. Ao invés de existir um efetivo combate à violência de gênero; a cultura misógina e homofóbica perpetua o silenciamento, a vergonha, a culpa das próprias vítimas e sua rejeição quando escolhem denunciar seus agressores, de modo que estes acabam por desfrutar de impunidade e absolvição pela própria comunidade. Segundo informações da APIGBV, as mulheres japonesas comparam a busca de ajuda contra as violências de gênero a permanecer presa em uma teia de aranha – quanto mais se luta para sair, mais a teia se aperta.

Um estudo realizado pela Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHC) revela a extenuante violência de gênero vivenciada por lésbicas, bissexuais e pessoas trans no Japão, Malásia, Paquistão, Filipinas e Sri Lanka. Cerca de 25% a 50% das pessoas entrevistadas relataram ter sofrido violência sexual cometida, principalmente, por pessoas conhecidas de seus grupos familiares, cônjuges, colegas de trabalho, chefes e parceiros de namoro. Tanto no Japão, Sri Lanka,

163 *Satyavati*, filme dirigido por Deepthi Tadmaki em 2017. Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=8ak9EceDm8o>

164 Ásia Central, Sudeste Asiático, Leste Asiático, Sul da Ásia, Havaí e Ilhas do Pacífico, Ásia Ocidental. As informações produzidas pelas APIs se sobrepõem e se cruzam com outras redes sociais, associações de grupo, incluindo classe social, status de migração, sexo, deficiência e idade.

Paquistão como na Malásia, foram relatados casos de estupro corretivo (IGLHC, 2014, p. 33-34). Ainda sobre este estudo:

Lésbicas, mulheres bissexuais e indivíduos transgêneros (LBT) no Japão, Malásia, Paquistão, Filipinas e Sri Lanka enfrentam violência e exclusão em todas as esferas de suas vidas. Essa violência é alimentada por leis que criminalizam as relações entre pessoas do mesmo sexo e a não conformidade de gênero e incentivada por governos que toleram, endossam ou patrocinam diretamente a repressão violenta daqueles que não seguem as normas vigentes sobre orientação sexual, identidade de gênero e expressão. [...]. Houve uma estreita correlação entre a desigualdade geral de gênero e a opressão adicional de indivíduos LBT. Onde se espera que as mulheres se conformem com normas rigorosas sobre orientação sexual e expressão de gênero, aquelas que não se conformam são punidas violentamente. [...]. O estudo de cinco países confirmou a existência de camadas complexas de discriminação cruzada, onde a violência contra indivíduos LBT não foi motivada apenas pela rejeição da orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero, mas, em muitos casos, também outros marcadores de identidade (por exemplo, raça, etnia, classe, status econômico, religião, status econômico). Desta forma, indivíduos LBT foram punidos por suas famílias e comunidades por “trair” sua herança, religião e cultura. Aqueles sem vantagem financeira para “sair” de situações violentas ou que foram alvo de violência por serem pobres ficaram ainda mais vulneráveis devido ao aumento das oportunidades de violência (OUTRIGHT ACTION, 2016, p. 4).

Para muito além da esfera do bullying: a violência homofóbica e transfóbica se manifesta de distintas maneiras e espectros e é possível a identificar em pelo menos três conjuntos que se correlacionam de modo interseccional: a) violência sexual, b) violência psicológica e violência física (UNESCO, 2017). A imagem abaixo ilustra bem o ciclo e a amplitude da violência de gênero.

A violência homofóbica e transfóbica se manifesta de diferentes formas



Fonte: UNESCO (2017, p. 16).

Eu poderia ficar dias e dias pesquisando e produzindo dados acerca das violências sofridas pelas mulheres da comunidade LGBTQIA+ na América Latina, África e Ásia e, certamente, não conseguiria acompanhar o fluxo dos números das barbaridades cometidas a cada minuto. Igualmente, não me seria possível citar todos os movimentos sociais que nascem e se agigantam na defesa e nas lutas pelos direitos humanos das pessoas LGBTQIA+. Creio que devemos todas e todos problematizarmos pelo menos algumas interrogações para a construção de respostas e medidas solutivas a partir dos próprios problemas: Quais são as barreiras para gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e *queers* viverem em segurança em nossas comunidades? O que limita a possibilidade de sua dignidade e qualidade de vida em nossa comunidade local e planetária? Quais

são os tipos de discriminação existentes, produzidos por nós mesmos, e como podemos remover essas barreiras que impedem essas pessoas de ter acesso à segurança e à vida digna em sociedade? O que é preciso fazer para mudarmos os sistemas e mecanismos de opressão perpetuados em nossos municípios, estados e países? Todos nós, individualmente e coletivamente, somos responsáveis pelos des-dobramentos de vida e de morte em nossa Casa Comum, a Terra.

Barbara: Sim, as mulheres lésbicas sofrem todos os tipos de violências, não há como escolher uma ou outra. Isso é muito triste, mas é real. Em El Salvador a maioria da população não se caracteriza como branca ou ter determinadas características. Eu era uma criança loira, branquinha e tal, e mesmo assim, vivi muitas ocasiões de violência sexual quando era pequena, por parte de familiares e familiares de minhas amigas. Creio que meu mecanismo de defesa para me resolver contra a violência foi subir de peso. Julguei que se eu não fosse atraente, isso não aconteceria mais comigo. Depois, desenvolvi bulimia, e foi muito difícil. Até que compreendi que meu melhor mecanismo de defesa era usar a minha voz, era me preparar com conhecimento, ler, ler e ler um montão e escutar outras vozes para me preparar para enfrentar a situação de uma outra maneira.

Eu sinto que ao longo de diferentes etapas da vida, você vai se preparando para o patriarcado que sempre nos surpreende de maneira distinta: surpreende no acesso ao trabalho, na escola e em toda parte. O patriarcado continua nos surpreendendo de formas super criativas porque ele vai buscando como enfrentar a revolução biológica que as mulheres vão fazendo pelo caminho. E o triste é que muitas dessas revoluções têm séculos e seguem sendo apresentadas todos os dias. E sempre acho interessante quando vejo alguns cartazes levantados pelas mulheres que dizem: “não consigo acreditar que continuo a protestar pela mesma coisa”. Ou seja, porque sua luta foi aquela que é a nossa de agora e, provavelmente, a que será da geração da minha sobrinha e das minhas filhas, se é que algum dia vou ter. E espero que não seja assim, espero que saíamos à rua para ver pássaros e não para continuarmos nos rebelando contra um sistema patriarcal que mata, literalmente.

Atualmente, no Brasil e em tantos outros países cristãos da América Latina, tal como El Salvador, temos um fenômeno assustador que se alimenta do fanatismo político-religioso e que é produtor e re-produtor de todas as formas de violências contra as mulheres, contra os menos favorecidos. De repente, todos os ensinamentos semeados pelo próprio Cristo sobre o amor e o respeito ao próximo, precisam ser re-plantados como se fosse a primeira vez. Os frutos de Humanidade que esperávamos colher pelos séculos sem fim no entendimento que a diferença e as liberdades são valores humanos inegociáveis, a todo tempo são arrancados e acalcanhados por seguidores de tiranos que trazem na testa o cetro fascista à sombra do discurso devoto e moral.

Sem dúvida, Cristo seria recusado novamente, caso retornasse ao mundo dos dias atuais defendendo liberdade, vida digna e justiça aos cativos e oprimidos. Certamente seria enxovalhado pelos fanáticos, insultado nas redes sociais e pelas ruas se defendesse a causa das mulheres, dos excluídos e condenasse a hipocrisia e a ganância dos poderosos, dos religiosos midiáticos, dos governantes que se intitulam cristãos. Suas palavras reverberam há mais de 2 mil anos: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia. [...]. Serpentes, raça de víboras” (BÍBLIA SAGRADA, 2009, Mateus 23: 27, 33).

Perguntei-lhes, então, acerca da importância da educação no combate à violência de gênero:

Andrea: creio que a educação, em termos formais, é fundamental. Porém, também em termos de educação informal, nos sistemas educativos tradicionais, não te ensinam a ter voz própria. Te ensinam a repetir o que outras pessoas disseram. Então, eu creio que é fundamental ter escolas de cidadania, política, ter escolas de análise política, análise feminista, escolas de direitos humanos, considero que são fundamentais. E, acima de tudo, são fundamentais para as meninas e para as mulheres de todas as idades. Creio que nunca se está muito velha para aprender, e que sempre é o mo-

mento de seguir repensando e reavaliando porque por mais que estejamos em luta contra o patriarcado, nós o trazemos nas veias. Poder ter uma voz contra o patriarcado também significa fazer uma análise constante do seu próprio discurso e da sua própria leitura de mundo. Por isso acredito que a educação em todos os níveis e de todas as formas, desde a educação popular, a educação em seminários, em vários formatos, a educação online, creio que se pode fazer muitas coisas a partir dela.

Creio que toda oportunidade que se encontre para fazer mecanismos de educação para meninas e mulheres são fundamentais. Penso que a educação tem que ter uma perspectiva feminista para todo mundo, não somente para beneficiar as meninas que certamente serão as grandes ganhadoras, mas também para os homens e os meninos que sofrem muito com as pressões do patriarcado, uma vez que colocam neles cargas para serem esses machos perfeitos que não podem fazer um montão de coisas, que não podem fazer quase nada desde muito pequenos, ou tem que ser essa pessoa que determinaram que seja. Creio que a educação é importante desde que possa ser uma educação libertaria. Uma educação diversa que te apresente a diversidade como riqueza, e como dentro dessa diversidade podemos encontrar fortalezas e pontes para seguirmos caminhando como humanidade, porque senão, creio que estamos destinados, prontamente, a nos erradicar.

Acredito também que o tema ambiental é prioritário dentro da educação, como conviver e nos relacionar com nosso meio ambiente sem destruí-lo e isso passa por uma educação eco-feminista, ou seja, é repensarmos esse tema da educação desde perspectivas novas. Claro que teremos presidentes e outros que farão de tudo para não permitirem essas existências, mas tal como Bárbara disse, houve mulheres na fogueira há 500 anos e vamos tê-las agora, mas não nos calaremos.

NÃO SE CONECTA O CORAÇÃO

na rede de ruas
onde o simulacro de alegria

exila a certeza
para me conhecer em suas ações
equivocadas ou não
nossas mãos imaginam nós
onde habitam os desacertos
onde o medo fecunda
ao sentimento de vazio no estômago
que a ausência te prega
que a vida te arranha
que enche a lágrima.

Não é o momento certo
não há nenhum em ambos os lados
um fio de esperança
simplesmente a dor
sufocando seu corpo
é o dono do espaço.

(RODRÍGUEZ, 2022, p. 2-3, tradução minha)¹⁶⁵.

Andrea: Creio que a maravilha da globalização, que tem poucas para mim, mas uma das que mais me motiva é ver como as mulheres ressoam e vibram em uma sintonia única ao redor de todas as partes do mundo, porque acredito que sua experiência em nos entrevistar e nos ouvir tem sido muito parecida. Nós, mulheres, imagino eu, contamos muitas vezes quase a mesma história. Onde eu trabalhei pude conhecer mulheres de várias partes do mundo, e percebi que quando fazemos catarse, fazemos

165 Kenny Rodríguez nasceu em 1969 no município de Quezaltepeque em El Salvador. Formada em Direito e com estudos sobre a cultura centro-americana, é ex-presa política, escritora e poetiza lesbofeminista. Por meio da palavra que transmite paz, amor e tranquilidade, ela acredita que a poesia é um instrumento de cura e transformação para a vida das mulheres. Suas composições foram ganhadoras de prêmios e distinções.

catarse pelo mesmo. Então, essa é uma grande oportunidade, ao mesmo tempo que segue sendo um desafio gigantesco.

Não creio que no meu tempo de vida eu possa ver conquistas tão substanciais, porém, como te falo, se tenho que morrer queimada em lenha verde, que a tragam, aliás, eu os ajudo a trazer. E acredito que, justamente, a voz convertida em palavra escrita é uma voz bem poderosa porque a voz desaparece depois que é falada, porém, a que é escrita, penso que é muito mais simbólico e concordo com o que você disse no começo de nossa conversa: “creio que nós mulheres precisamos escrever mais”. Não escrevemos o suficiente e não lemos o suficiente de nossas próprias mulheres. Queremos que os homens nos venham explicar, que nos digam que livros ler, e creio que deveríamos deixar isso de lado e buscarmos entre nós, mulheres, e lermos entre nós para podermos seguir escrevendo.

DO ESTADO DE EXÍLIO

Que todos saibam de uma vez:

o exílio jamais pode ser uma retórica.

O país para onde gostaríamos de regressar

já não existe;

nós perdemos tentando

construir o país

onde queríamos viver.

Cada um vive duas vidas:

a que deixou,

e se prolonga nos gemidos dos cárceres,

nas celas de tortura,

aquela que conseguiu depois,

como um novo traje no elenco.

[...]

Para obter asilo
devemos narrar em
detalhe o que fizemos.
Às vezes nos perdoam
e nos estendem um
papel que nos permite
viver onde
não queríamos.
Tenho uma dor aqui, do lado da pátria.
[...]
Quando dizem: “Deixe o estrangeiro entrar”
às vezes não me dou conta de que sou
eu.
O exílio são os outros.
(PERI ROSSI, 2000, p. 124, tradução minha)¹⁶⁶.

Chegando ao final desse encontro e conversa tão necessária junto a Andrea e Bárbara, perguntei-lhes sobre suas dores e seus sonhos. Andrea compartilhou:

166 Cristina Peri Rossi nasceu em 12 de novembro de 1941 em Montevideu, Uruguai. Formou-se professora pelo Instituto de Profesores Artigas de seu país. Em uma entrevista, declarou que frequentava a Biblioteca Nacional por não ter condições de comprar livros e que foi assim que aos 16 anos leu “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir (1960a, 1960b). Cristina é escritora, tradutora e ativista política e reside desde 1972 em Barcelona, Espanha, onde se exilou durante o regime de ditadura militar no Uruguai. Sua obra é considerada uma das mais importantes de seu país, além de ser a única mulher escritora vinculada ao movimento do Boom latino-americano ocorrido entre das décadas de 60 e 70. Em razão da censura pelo regime ditatorial, toda sua obra foi proibida de ser lida, bem como seu nome de ser mencionado pelos meios de comunicação. Em 2021, aos 80 anos de idade, a poeta lésbica e professora, foi contemplada com o Prêmio Miguel de Cervantes, tornando-se a sexta mulher a ser reconhecida com o maior prêmio da literatura espanhola.

Andrea: Uma dor? – pergunto-me: Só uma? São tantas! Creio que uma dor é deixar meu país. Creio que, agora, esta é a maior dor que eu tenho, não poder estar no meu país quando sinto que meu país precisa de pessoas muito valentes, que estejam dispostas a morrer queimadas pela lenha verde. Creio que essa é a dor maior, estar longe de meu país por seu contexto, dói muito estar longe do meu país quando sei que estamos enfrentando coisas bem difíceis.

E, um sonho..., ai que difícil! Tenho tantos, porém não acredito que nenhum deles, em algum momento, vá se converter em realidade. Mas para dizer um, meu sonho é que as mulheres sejam livres, que façam o que quiserem. Esse é meu sonho, que as mulheres possam ir à lua, viver na rua, fazerem o que desejarem, o que quiserem fazer. Esse é o meu sonho! Eu sonho com que as meninas, com que as mulheres, não precisem estar fazendo essa luta, me entende? Que não precisem porque já não seja mais necessário estar sensibilizando alguém para que te respeite, porque já não é necessário estar dando aulas de Direitos Humanos aos humanos, entende? Ou seja: porque não é necessário reivindicar sua existência, aquilo que queira. Creio que esse é meu sonho mais utópico, mais gigantesco.

Também sonho em me atrever a publicar livros infantis, escrevo muitos contos, todos com enfoque em Direitos Humanos, mas não me atrevi a publicar nenhum. Então, em minha prática clínica e em minha prática de tia, porque sou tia do mundo, ensino através de contos, e compartilho histórias e formas diversas de ver o mundo através de contos. Então, eu sonho em poder chegar até os pequenos para que não cresçam sendo os seres humanos absurdos que a maior parte dos adultos são nesse momento.

Conversar com Andrea e Bárbara foi um presente para mim. Encontrar mulheres cheias de amor e de coragem pela vida de tantas outras meninas e mulheres que sofrem em razão de violência de gênero, é um modo de abraçar a esperança de minutos, horas, dias, meses, anos, séculos melhores, que são construídos pouco a pouco, incessantemente, em um duelo colossal e sistêmico contra o patriarcado e sua amarração misógina.

Tenho trabalhado com as temáticas da educação inclusiva há 25 anos e me vejo levantando os mesmos cartazes (inclusive dentro da própria universidade), como disse Bárbara, com relação às transformações tão necessárias para nossa sociedade no que diz respeito às minorias que, na verdade, ironicamente, são a maioria das pessoas nos continentes americano, africano e asiático. Os mesmos cartazes de protestos contrários às desigualdades sociais e no clamor pelo respeito às diferenças são alçados pelas mulheres de outrora, pelas mulheres de hoje e, certamente, pelas do porvir.

Ainda temos que levantar os mesmos cartazes pela vida e liberdade plena de todas as mulheres. Ainda é preciso levantar o mesmo cartaz que apregoa que o movimento da inclusão é imprescindível para que ninguém seja deixado para trás. Ainda será preciso defendermos uma educação inclusiva, democrática e gratuita para todas as pessoas, sem discriminações de qualquer ordem, para que todos possam alcançar os níveis mais elevados de ensino e terem maiores oportunidades de construir caminhos de vida digna em coletividade e em segurança. Ainda urge insistir que a educação deve ser libertadora de obediências arraigadas em tradições fragmentadas, no conservadorismo hegemônico que despreza as muitas culturas, crenças e saberes que habitam nos territórios de todos os povos e nações. Ainda temos que perseverar em prol da invenção de uma educação des-patriarcalizada, des-intoxicada da masculinidade nociva à humanidade, ou seja, daquela que submete à subordinação, ao utilitarismo e a aniquilação a tudo o que consideram inferior ao macho: a tudo o que existe. Ainda teremos muito que fortalecer nossos braços em grande batalha: no acolhimento coletivo uma das outras.

É inadiável a insurgência de nossos corpos, de nossas mentes, de nossa luta comum: que todas sejamos livres para sermos e estarmos onde quisermos, sendo quem somos.

MULHERES EM MARCHA



Ah, o Chile, Terra do Fogo! O país dos extremos onde a praia, a neve, os vulcões, as altas altitudes, o deserto mais seco do planeta, os belos lagos que se congelam no inverno, as numerosas ilhas intrigantes, a imponente Cordilheira dos Andes se abraçam em um território incomum, estreito e comprido, que se abriga na América do Sul e é banhado pelo Oceano Pacífico. Nação rica em sua cultura, tradição e patrimônio histórico, um museu de vestígios sobre a história de nossos antepassados, um berço primoroso de artistas encantadores.

Mas nem só de belezas vive o povo desse país incrível. No Estado de economia mais liberal do continente Sul Americano há muitas cicatrizes abertas, dentre elas, as profundas desigualdades sociais e um machismo estrutural que abusa das mulheres em todas as camadas da sociedade. O espelho disso é a gigantesca marcha de 2 milhões de mulheres que saíram às ruas no 8 de Março de 2020 em protesto pela transformação política e social do país, bem como contra a violência patriarcal que se mostra tão naturalizada por toda nação. O movimento das mulheres chilenas foi uma das maiores manifestações já vistas em toda a América Latina. Em seu belo livro, “Mulheres de Minha Alma”, Isabel Allende¹⁶⁷ enuncia:

167 Isabel Allende Llonca nasceu em 2 de agosto de 1942, em Lima, no Peru, cidade onde seu pai exercia a função de diplomata. Mas sua nacionalidade é chilena em razão de seus pais serem do Chile. Em 1993 recebeu sua nacionalidade de cidadã estadunidense. Isabel é uma das mais renomadas escritoras da América Latina, conhecida internacionalmente por sua literatura criativa, feminista e defensora dos direitos sociais dos menos favorecidos. Em 1995 criou a Fundação que leva seu nome para apoiar e empoderar a mulheres e crianças. Atuou também como professora em várias universidades onde compartilhou seu conhecimento sobre literatura. Até esse momento Isabel publicou 25 livros já traduzidos para mais de 42 idiomas, com mais de 75 milhões de exemplares vendidos, sendo que 2 se tornaram produções cinematográficas, além de terem sido base de adaptações para o teatro, cinema, ópera, balé, rádio e musicais diversos. Ao longo de sua vida tem recebido dezenas de prêmios, honrarias e títulos como reconhecimen-

Nesse ambiente de guerra e machismo extremo, o patriotismo era uma mescla inseparável de patriarcado, nacionalismo e misoginia. A masculinidade definiu-se como força, poder, violência e conquista. [...]. As mulheres precisam estar conectadas entre si. [...]. Nosso pesadelo é a exclusão e o isolamento, porque sozinhas somos vulneráveis, ao passo que juntas florescemos. [...]. Com qualquer pretexto, nossos direitos – quando os temos – são esmagados: guerra, fundamentalismo, ditadura, crise econômica ou qualquer catástrofe. [...]. Admito envergonhada que o Chile era então e continua sendo um dos países com mais alto índice de violência doméstica do mundo, se bem que isso talvez se deva ao fato de lá os casos serem mais denunciados que em outros lugares e de serem feitas estatísticas. Essa violência ocorre em todos os âmbitos sociais, embora seja escondida nas classes mais altas. Às vezes não há maus-tratos físicos, mas a tortura psicológica e o abuso emocional podem ser igualmente danosos (ALLENDE, p. 59, 138, 141, 148-149).

Segundo os registros da Rede Chilena contra a Violência contra a Mulher, no ano de 2019 foram cometidos 63 feminicídios, 58 em 2020, 55 em 2021 e, até maio de 2022, mês em que escrevo este capítulo, 18 feminicídios foram consumados no Chile (RED CHILENA, 2022). A Rede Chilena publiciza desde 2010 os registros de crimes contra as mulheres, e neles constam as formas mais brutais de ataques mortais realizados por homens na condição de companheiros, familiares, conhecidos, desconhecidos e até pais: mulheres jovens e maduras que foram degoladas, estranguladas, queimadas, esfaqueadas, asfixiadas, baleadas, esquartejadas e espancadas até à morte. No ano de 2020 foram registrados 3.804 casos de violência sexual e 12.277 casos de abusos e outros crimes sexuais em 2021, sendo que 691 casos foram contra meninas menores de 14 anos (RED CHILENA, 2021). Outro dado relevante no período de outubro de 2019 a março de 2020 diz respeito à violência Estatal cometida por policiais, principalmente, no contexto das mobilizações lideradas por estudantes e feministas em que 55,7%

to de sua obra e sua contribuição para a literatura como para os direitos das mulheres (ALLENDE, 2022).

das mulheres vítimas de violência policial denunciou ter sofrido de violência sexual (RED CHILENA, 2021).

A opressão e a repressão contra as mulheres no Chile retratam a violência política e sexual a que são submetidas, desde cedo, como dispositivo patriarcal para as manter à margem de seu exercício político, excluídas da ocupação de seus lugares de fala nas lutas por seus direitos. Esta também é a realidade das mulheres de muitos países da América Latina. A falta de acesso das mulheres à justiça por meio de processos judiciais e a impunidade dos criminosos desvela a dimensão da selvageria que atravessa os corpos das mulheres em regimes neoliberais e austeros em seu conservadorismo político, sócio, cultural.

Quando as mulheres têm condição de acesso à justiça pelos tribunais, são vítimas de uma violência secundária que as consome pelas diversas vezes que precisam repetir seus depoimentos, sendo obrigadas a se recordarem dos acontecimentos hediondos, muitas vezes, sem receberem acompanhamento por um profissional da psicologia, e, concomitante, vivem a longa espera da finalização do processo que pode durar anos, por vezes, sem ação condenatória efetiva do criminoso.

DE UMA REQUERENTE À VÍTIMA INOCENTE DE CRIME SEXUAL

Agora perdoe meu terror de roupas rasgadas

o mato lamacento do meu cabelo

Eu ainda não posso falar.

Sei que não é isso que você quer.

Ele quer hoje um caso para seu arquivo.

[...].

Meu caso.

Outra que vai bancar a inocente.

Isto é o que ele disse.

Isso é o que dizem que o médico me disse enquanto mal costurava a evidência do dano.

A ferida chorou na negra rua lustrosa –
esta cidade
soluçou como uma gigantesca baleia abatida-
um vermelhidão anormal.

[...].

(DÍAZ-DIOCARETZ, 1985, p. 100-101, tradução minha)¹⁶⁸.

A marcha das mulheres chilenas mexeu muito comigo. Era incrível ver o movimento e a força daquelas mulheres tão conscientes de suas batalhas e, principalmente, sobre quem eram seus opressores. Nas ruas por todo o país, estavam elas e suas crias, as futuras mulheres do amanhã que elas, as mães, anelavam construir e conquistar. Na Praça da Dignidade, em Santiago, estavam todas elas em suas diferentes orientações sexuais, com toda sua sexualidade representada, com toda potência de seus corpos, com o feminino em guerra contra o patriarcado.

No desejo de abraçar cada uma delas pela escrita, decidi convidar Pascuala Ilabaca¹⁶⁹, artista de uma sensibilidade belíssima e cativante, para me contar um pouco mais sobre os desafios e as coragens das mulheres do Chile. Mas antes de compartilhar sua voz, vou apresentá-la a você e começo sugerindo que sinta sua música pelo link que cito em nota de rodapé.

Pascuala Ilabaca Argandoña nasceu em 13 de abril de 1985 em Gerona, Espanha. É filha do pintor Gonzalo Ilabaca e da artista de vitrais,

168 Myriam Díaz Diocaretz nasceu em 1951 em Concepción, Chile. Graduiu-se em Letras pela Universidade de Concepción (Chile), na Universidade de Stanford fez seu Mestrado em Literatura Inglesa) e obteve seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade Estadual de Nova York-Stony Brook. É tradutora, poetisa e pesquisadora chilena-holandesa da área da teoria literária e feminista. Atua como secretária geral no *European Writers' Concil* desde 2006 e é conhecida por seus recitais de poesias e suas conferências nos Estados Unidos e Europa.

169 Canal oficial de Pascuala Ilabaca: <https://www.youtube.com/watch?v=-OMrWearaRs>

Pilar Argandoña. Desde 1987 vive na cidade de Valparaíso no Chile, onde se radicou. Quando pequena, sempre viajava com seus pais pelo Chile, mas também por outros países, foram eles que a ensinaram a ler. Aos 12 anos foi viver na Índia, mais tarde, após concluir sua graduação, regressou para estudar com o mestre Pandith Pashupatinath Mishra. Aos 15 anos foi com sua família para o México. Ao retornar para seu país, Pascuala foi estudar no colégio Winterhill, em Viña del Mar. Sua paixão pela música está presente desde muito cedo. Aos 6 anos de idade fez sua primeira aparição no palco junto à banca “Los Parkinson”. Estudou no conservatório musical e no Instituto de Música da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso (PUCV) onde chegou a compor obras para piano e tabla hindu. Acompanhada de sua banda “Fauna”, canta pelo seu país, tendo realizado turnês também pela Argentina, Peru, Colômbia, Brasil, México, Espanha, Portugal, Bélgica, França, Suíça, Itália, Alemanha, Reino Unido, Holanda, Estados Unidos e Índia. Dentre tantos artistas que a tocaram, destaca Janis Joplin como sua primeira influência musical em razão de seu trabalho feminino em um mundo predominantemente masculino. Ouvir Pascuala cantar e tocar é sentir o fogo, a terra, a água, o vento dançarem dentro da gente, é uma intensidade de vida.

Estou feliz de podermos nos conectar e também de nos vincular a outras mulheres da América Latina, pois é importante que nós conversemos mais sobre os acontecimentos que nos envolvem. Eu penso sobre isso quando faço turnês musicais, pois me sinto muito próxima das pessoas, de seu carinho e também me possibilita fazer reflexões sobre as dores pelas causas sociais. Eu me senti assim quando estive no Brasil, no SESC Pompeia em São Paulo.

Eu nasci no período da ditadura de Augusto Pinochet. Então, meus pais, ambos artistas, não viviam no Chile, mais na Espanha. Portanto, nasci na Espanha em condições de imigração muito precárias em Rambla del Raval. Meus pais faziam trabalhos de rua e eu era um bebe, o que foi um pouco difícil para minha família. Também viviam conosco a minha avó e os irmãos da minha mãe em uma pequena casa, todos atuando na resistência de imigração na época da ditadura no Chile. No ano de 88 mais ou menos,

voltamos para o Chile em razão de muitas coisas tristes que nos aconteceram, como o irmão da minha mãe que havia falecido. Era muito difícil ganhar a vida na Europa como artistas, assim, meus pais acabavam somente conseguindo lavar pratos e varrer os locais. Quando regressaram ao Chile, acontecia o plebiscito para votar “sim” ou “não” para a ditadura de Pinochet, e isso foi uma boa motivação para eles. E aí foi quando eu voltei ao Chile para conhecer a minha cultura, a minha família, e essa é uma etapa muito importante para mim, porque ao invés de irmos viver em uma casa na cidade de, fomos viver em um automóvel, dentro de um carro. E isso foi maravilhoso porque meus pais decidiram viajar um ano por todo o Chile, indo às festas tradicionais para cantar e ganhar algum dinheiro, assim, moramos em barracas, camping e em nosso carro. Na Espanha, também havíamos feito a mesma coisa. Então, para mim, foi muito bonito descobrir minha própria identidade latino-americana, meu território, minha cultura nesse contexto de barracas, de festas tradicionais, sincretismo cultural, carnaval, religiosidade mesclada com tradições ancestrais, rituais, vestimenta, tudo isso que vai deixando clara a identidade particular, própria de cada território. Toda a cultura andina está enraizada em nosso território, bem como o sincretismo com o cristianismo.

Quando eu estava com 6 anos viemos para Valparaíso, onde moro até hoje. E Valparaíso também é uma cidade muito diversa, e tem muito sincretismo cultural, pois foi o primeiro porto de Valparaíso, ela é a vanguarda do Chile, onde chegava a música do rock, as outras culturas, as outras línguas, um lugar exposto aos vestígios e ao intercâmbio, como todo porto. Sinto que essas são as bases culturais que me fazem ser uma pessoa que valoriza e defende profundamente a diversidade.

No Chile há uma educação muito eurocêntrica. Quando você estuda na escola, quando você estuda na universidade, ensinam imediatamente que você é ocidental, e que as respostas já foram dadas pela Alemanha, Inglaterra... Eles convencionam o que é música, o que é o tempo, o que é a filosofia e dizem quais são as respostas válidas para tudo isso. Levam as pessoas a pensar dentro da forma do pensamento lógico e é aí que se repete

toda uma estrutura acaba por dar base ao patriarcado por meio do pensamento lógico, um pensamento que também é de oposição, por exemplo: a forma da música, a forma de uma ideia “a” que você se opõe com uma ideia “b”, e assim é o mesmo pensamento lógico. E você vai se acostumando a isso, a se normalizar a partir do pensamento lógico e a pensar no mundo em polos como ocidente/oriente, negro/branco, ou seja, um pensamento binário. E isso tudo nos leva a uma adaptação. Na música, a questão: vai a fazer música clássica ou popular? E todos esses dilemas que vão sendo enfrentados por quem é musicista, mas que é pior quando se é uma compositora mulher, porque foi apenas quando entrei na universidade que me dei conta que não havia nenhuma professora mulher. Só havia as professoras de instrumento, mas não de história, filosofia, composição, análise..., nada que tivesse a ver com o desenvolvimento do pensamento, somente a técnica. Não havia nenhuma mulher, nenhuma! E não me ensinaram na história da música sobre a história de compositoras mulheres, nem em análise da composição de obras compostas por mulheres. Então, nesse momento, eu me dei conta de que a educação como estava sendo contada, não iria caber em mim. Eu aprendia o que eles queriam me ensinar e, depois, dava-me conta que precisava buscar muito mais além e que também havia muitas outras coisas com as quais eu, realmente, jamais concordaria. Por exemplo, a ocidentalização, que é essa distribuição binária da cultura, e que para mim se mostra obsoleta, caduca, hegemônica. Então decidi ir estudar na Índia quando terminei a faculdade. Primeiro fiz o disco “Violeta Parra” com o propósito de buscar uma figura feminina, pois era muito importante para a minha identidade como também a ter em paralelo na universidade, a partir da possibilidade de analisar seu legado por meio de sua obra, ilustrando sua vida. Na Índia descobri outros discursos, outras estruturas musicais como a improvisação, o som pensado como uma onda e não como uma regra (som), mas sim como melodia. E todas essas vivências me constituíram como cantora.

E é importante perceber que em toda a América Latina e terceiro mundo, e também em uma parte da Europa, há essa situação de um pensamento binário. E dentro desse sincretismo há uma cultura territorial que se

contrapõe com a cultura que é a “oficial” exposta pela televisão, pela mídia, pelos atos oficiais. O Dia de la Raza em 12 de outubro; o Dia de Bailar el Baile Nacional em 18 de setembro, é como um oficialismo que tenta mudar uma sociedade ou uma cultura, mas a cultura é outra coisa para além disso. Valparaíso é uma cidade muito forte e tem muita diversidade, você liga a televisão e vê como é uma família em uma casa, mas a cidade não é desta forma, seus vizinhos não são assim como te mostram. Sinto que esse atrito é o que faz com que você tenha certeza de que o mundo não é como contam, porém, ele é muito mais diverso. Sempre me disseram no Chile: “... é que o mundo é assim”. Mas estando na Índia eu via, por exemplo, que as pessoas iam a uma apresentação e escutavam uma música que durava uma hora. No entanto, no Chile, ensinaram-me que não poderia compor uma música que durasse mais que 5 minutos, pois nunca chegaria a ser tocada em uma rádio já que se pressupõe que ninguém ouvirá. No entanto, quando se faz uma viagem, você vê que há outros lugares onde tudo isso é possível. Foi quando comecei a fazer meu show de modo diferente, tipo miscelânea de personagens, carnavais, cosmovisões, línguas de muitas origens e a defender essa diversidade que pode ser dita pela música nos concertos.

Em razão da base machista e conservadora que estrutura a cultura do Chile, as mulheres que buscam sua autonomia e independência, que se colocam com firmeza perante os dispositivos de marginalização e exclusão na sociedade, ainda são estigmatizadas e vistas com espanto pelos chilenos. No país, 40% dos chilenos creem que é o homem que deve dar a última palavra em casa nas tomadas de decisões e mais de 50% afirmam que o principal papel da mulher deve ser o cuidar da casa e dos filhos. E, não apenas isso, mas quase metade dos homens acredita que eles precisam fazer mais sexo do que as mulheres e que há circunstâncias em que as mulheres merecem apanhar. A agressividade do machismo também pode ser compreendida a partir das crenças que pairam sobre os chilenos: 41% dos homens entendem que para ser um homem de verdade é preciso ser rude; 72% alegam que os homens devem estar sempre dispostos a fazer sexo; 41% dizem que os homens não falam sobre sexo, apenas o praticam

e 46% dos homens entendem que é responsabilidade da mulher evitar a gravidez. De maneira geral, a maioria dos homens crê que as tarefas domésticas não lhes dizem respeito, sendo que 87% afirmam que sua responsabilidade é de ser o provedor do sustento da família, enquanto as mulheres cuidam da casa. Não menos importante de se dizer, é grande a presença de homofobia na cultura do país (EME, 2022).

E lhe pergunto: – Pascuala, como a Arte se manifesta e luta contra essa estrutura patriarcal no seu país?

Nós, mulheres, estamos muito felizes com essa quarta onda feminista no Chile que se mostra muito poderosa. Na marcha do 8 de Março senti algo diferente que não havia sentido em toda a minha vida. Caminhar com tantas mulheres pelas ruas, fazendo que elas fossem nossas, fazendo o que queríamos fazer, dizendo todas as mensagens que queríamos dizer, vestidas do jeito que cada uma desejava. Sentia todos os espaços como seguros e gigantes para todas nós. Isso foi incrível! Nossas vozes sendo ouvidas. Teses feministas enunciadas coletivamente como a que diz “Um Violador em seu caminho” e que também foi originada em Valparaíso. Estamos em um momento muito rico de nos sentirmos feministas e nos encontrarmos em luta. Isso é bom porque o feminismo se caracteriza como uma luta que é muito dura e é importante haver esses momentos de celebração.

E com relação à história do Chile, sinto que há algo muito importante partindo desde a base, é que o Chile nunca foi um vice-reino, como o Peru, por exemplo. Sinto que foi uma capitania geral, ou seja, as pessoas que foram enviadas da Espanha para nos colonizar sempre foram militares. Não foi um vice-reinado, não havia um escriba. Era a capitania, somente um exército. Valparaíso, por exemplo, que era um lugar de indígenas chamado “Alimapu”. Quando vieram os soldados, eles queimaram toda a cidade, juntaram todos os indígenas e montaram uma capitania geral com um lugar para colocar pólvora. Esse é o primeiro edifício construído em Valparaíso. Então, minha cidade nunca foi fundada, ela não tem uma data de fundação porque não havia povoados, eram apenas militares. E assim se fez o arsenal, a prisão, o forte, os canhões e essa é a cidade. Consequente-

mente, essa cultura é muito patriarcal, muito masculina e muito violenta. É uma cultura de chegar e destruir, violar, exigir que as mulheres indígenas entreguem tudo de si para o exército: a comida, os filhos, seus corpos, tudo. Por isso que no Chile a miscigenação é tão grande, porque como vieram apenas os homens do exército de espanhol, eles sempre e imediatamente se mesclaram com as mulheres chilenas. Eu me vejo muito espanhola porque desde o início tudo se mesclou, não havia mulheres espanholas no Chile e isso mostra o quanto uma capitania pode ser e tornar um povo extremamente autoritário, patriarcal e violento. E o surgimento do feminismo no Chile tem sua raiz no socialismo e isso foi muito importante, no entanto, também teve uma forte presença aristocrática. Tudo isso ressoa o quanto o Chile é um país com grandes desigualdades sociais.

Assim, o feminismo dessa época alcançou a minoria das mulheres que eram elitistas, de modo que nunca uma mulher do povo esteve em lugares de poder. As mulheres chilenas participam pouco do oficialismo uma vez que sempre as figuras de poder foram masculinas e é muito difícil ocupar esses espaços, por exemplo, na política da música. Existe o Ministério das Culturas e há um conselho chamado “Conselho de Fomento da Música Nacional”, que se supõe que representem os artistas, outra que representa as escolas que ensinam música, a Sociedade dos Compositores do Chile, um conselho de colegiado, enfim, todos os representantes da música. São 13 pessoas que fazem parte dessas representações e dessas, há somente 1 mulher, e essa mulher não representa os interesses das mulheres da música, mas da Sociedade de Compositores do Chile. Essa mulher não está levando um discurso feminista para esse espaço que nos é tão importante. Trata-se de 1 mulher nessa sociedade de direitos autorais, onde 90% dos sócios são homens e apenas 10% são mulheres. Obviamente, quando há eleições, sempre ganham os homens. Isso mostra que estamos em um ciclo lento, porque temos que convencer as mulheres da música que se formalizem para que possam ser parte dessas representações.

Contudo, o ato de se formalizar também implica, de certa maneira, deixar de ser a anarquista para entrar no esquema de uma pessoa ju-

rídica dentro da legalidade. E tudo isso é muito difícil pois as instituições formais são patriarcais, são machistas, são lideradas por homens e as autorizações das mulheres não são formais. Por exemplo, “Tramus”, é uma cooperativa profissional de “Trabalhadoras da Música”, somos 200 mulheres que trabalham juntas, mas não somos formalizadas, não tem nenhum papel, nenhum número ou código, somos independentes. Então, quando a “União Nacional de Artistas” se reúne, nós podemos ir, mas não podemos votar porque não somos profissionais formais. E a informalidade também é encontrada em tudo, como nos casos de estupro, assédio, abusos, onde a maioria não chega a ser denunciada de maneira formal, legalizada na forma de processos judiciais, e isso acontece porque as mulheres não têm acreditado em uma lei que as defenda, que se justa. Temos visto como se defende, quase sempre, no final, os violadores ganham e têm impunidade. Então, esse exemplo de injustiça, faz com que não queiramos fazer parte de um julgamento, porque todos os julgamentos também são caros. Temos visto diversos movimentos feministas de mulheres advogadas como o “Abo-Fem” que prestam ajuda legal para mulheres e insistem para que haja julgamentos formais para que elas recebam ajuda econômica para seus filhos. Entretanto, no Chile, as mulheres permanecem muito na informalidade e, por isso, não têm acesso a essa participação.

E, nesse ciclo, o Chile continua sendo muito machista, mesmo apesar de ser um país moderno onde as mulheres vão à universidade, a maioria dos meus professores, por exemplo, eram todos homens. Como eu era uma boa aluna, cheguei a ser assistente. Éramos duas mulheres alunas assistentes e esses professores eram terríveis, eram abusivos, eram violentos com as outras alunas, então, também nos colocavam em um lugar difícil, porque éramos assistentes de um misógino. E se você quer aprender e quer chegar a ensinar os alunos que são mais jovens, você precisa chegar nesse lugar e ser assistente de um besta. Então, é difícil! Há uns 4 anos julgaram todos esses professores que foram acusados de serem violentos, misóginos e machistas, e tiraram 3 desses professores da escola, eu fui assistente desses professores. E eu ouvia de outras pessoas: “– como você, sendo feminista,

foi assistente desse professor misógino?” E eu respondia: – Porque como mulher estudante, tenho direito de ser professora, tenho direito de ser assistente, e também de entrar em uma classe, receber um pagamento e ensinar os alunos mais jovens. Isso é algo que eu mereço sendo uma boa estudante. Não vou rejeitar esse cargo porque vou estar me relacionando com esses outros homens. De alguma maneira isso tem que ser mudado”. Então, é um debate difícil de se fazer.

De fato, Pascuala tem razão, este é um debate complexo. Infelizmente, muitas mulheres legitimam esse machismo entre as próprias mulheres. Isso se evidencia na maneira como as mulheres educam seus filhos e suas filhas, quando a capacidade das meninas é subestimada e a dos meninos é superestimada. Nós, mulheres, perpetuamos o machismo, na maioria das vezes, de forma inconsciente, quando supervalorizamos e apostamos em candidaturas políticas de homens com expressão facial sisuda e tom de voz autoritário, crendo que esse perfil coronelista e rude inspira confiança e segurança ao país. Ao mesmo tempo, menosprezamos mulheres inteligentes com sensibilidade e empatia social, quando se apresentam serenas, ponderadas e com ênfase no paradigma da cooperação em substituição ao modelo competitivo endossado pela cultura tóxica do machismo.

Educar as meninas para que sejam aquilo que elas quiserem, para que ocupem todos os lugares e espaços da sociedade, para que se amem da maneira como são, para que sejam livres de estereótipos de gênero, é investir e primar pela equidade social na construção de uma sociedade justa e fraterna na universalização do acesso aos direitos fundamentais em prol da vida digna de todos os seres humanos.

Educar os meninos para que sejam aquilo que eles quiserem, mas para que também aceitem as diferenças e a liberdade de cada um ser quem é, para que aprendam a fazer melhor uso da argumentação ao invés da força bruta, para serem cada vez mais colaborativos do que rivalistas, para respeitarem as meninas e as mulheres como protagonistas de suas próprias histórias sem desdém e discriminação, é empregar energia para que a naturalização da violência contra o feminino seja desbancada e o

paradigma colaborativo e do cuidado alcance e abrigue esta e as próximas gerações em um mundo cada vez menos hostil e impiedoso para com as mulheres e todos aqueles que se encontram em desvantagem social.

Educar as jovens meninas para sua autonomia e emancipação, oferecer-lhes formação educacional e profissional de excelência, votar em mulheres que zelem pela erradicação da opressão machista, pelo fim das guerras como dispositivos de manutenção de poder e ganância, pelo combate intolerante ao racismo, à misoginia, à homofobia e à xenofobia, é uma ótima estratégia de resistência e luta por dias melhores na Terra, nossa Casa Comum.

É preciso que nós, mulheres, re-inventemo-nos!

Urge que nos voltemos para nós mesmas, dia a dia, para nosso âmago, às nossas sensibilidades, às histórias daquelas que vieram antes de nós e que lutaram pela existência e resistência dos ideais feministas, voltarmos ao feminino que nos habita e sua capacidade de re-significar os acontecimentos inenarráveis em processos de vida em vida. É vital que ocupemos nossos corpos bem como nossa fala, que falemos mais sobre nós em nós e no mundo, com o mundo, com todas as pessoas, com a natureza e com tudo o que nos rodeia. É indispensável que compreendamos que se re-inventar não significa partir do zero, do nada, do que não existe, do que não se sente ou mesmo daquilo que em algum momento foi considerado como absoluto ou definitivo em nossas vidas. Na verdade, tudo é provisório e impermanente. Re-inventar-se é partir do entendimento que cada mulher é única, é singular, e que nos é exequível em nossa individualidade e em coletividade a criação de outras possibilidades de sermos quem somos para além do que já se encontra posto nesta sociedade obsoleta e engessada pelo sistema patriarcal, que nos atropelou e forceja nos atravessar a todo tempo.

Aproximadas e agarradas à causa pela equidade de direitos e vida digna e segura para todas as meninas e mulheres, é que nos será transitável a des-colonização de nosso ser, historicamente violado pelo patriarcado, e a criação de novas trilhas nos contextos filosóficos, religiosos, políticos e culturais que firmarão a mulher no lugar em que ela deve es-

tar: em todos os lugares onde queira estar. No entanto, são improteláveis a compreensão e a aceitação de que esse processo de re-invenção não é único e completo em si mesmo, mas que o movimento feminista é plural, é múltiplo, é diverso, é democrático, é inclusivo, é dinâmico e horizontal; e que a interseccionalidade nos acompanha nesta travessia sem reservas, fixações e inércia.

Eu me declaro ingovernável
e estabeleço meu próprio governo
início uma greve por um tempo indeterminado
e que o país exploda de lixo
esperando minhas vassouras
Eu sou uma mulher com uma flor no peito
e até que as paredes desta prisão desmoronem
eu me declaro
cupim, abelha assassina e formiga
E segure suas calças
as saias já foram tiradas
(HARRIS, 2010, p. 92, tradução minha)¹⁷⁰.

170 Heddy Navarro Harris nasceu em 18 de outubro de 1944 na cidade de Puerto Montt, no sul do Chile. Sua formação acadêmica se deu na Universidade Austral do Chile, Valdivia, e na Universidade do Chile na cidade de Santiago, onde se formou professora de artes em 1967 e onde, posteriormente, atuou como professora universitária sobre estudos da arte. Em agosto de 1974 a poetisa e artista plástica foi presa pela Diretoria de Inteligência Nacional (DINA) que atuava como uma polícia política durante a ditadura pinochetista em razão de sua militância. Ao ser libertada migrou para a Argentina onde permaneceu por alguns meses e, por vias clandestinas, voltou a viver em seu país. A extensa produção literária de Heddy espelha a condição sócio-política de seu povo, especialmente das mulheres, frente ao silenciamento histórico imposto pelo regime ditatorial no Chile. Sua obra se destaca como revolucionária e vencedora de vários prêmios literários. Várias de suas composições estão publicadas no site <http://heddynavarroharris.blogspot.com/>

Pascuala é uma mulher-artista cativante e com muita presença de si mesma em sua dança, sua música, sua voz, seu corpo. A liberdade com que se expressa em sua Arte também me faz pensar sobre o regime de docilização e dominação dos corpos das mulheres ao longo da história da humanidade pelo ordenamento patriarcal que manteve e insiste em manter os homens no topo dos poderes e das atribuições de cunho moral, político, social, jurídico e patrimonial. A autoridade e a prepotência dos homens sobre as crianças e as mulheres são aniquiladoras e embrutecedoras do ser e da liberdade de ser quem se é, de maneira que a coisificação da mulher a coloca em um lugar de subjuogo, de inferioridade, de acatamento, de tutela, de resignação, de controle, de subestimação de si mesma frente à intimidadora sombra da masculinidade ácida. Sobre isso, Pascuala me diz:

O corpo é uma parte muito importante para as mulheres e o sistema patriarcal sempre soube que há um poder imenso na relação da mulher com o seu próprio corpo. A consciência da mulher de poder ter prazer sozinha ou da força impressionante que possui, é vista como uma ameaça ao patriarcado. Desde o discurso e desde a cultura, reduzir o corpo da mulher a objeto, limitá-lo a certos aspectos ou, por exemplo, cortar a relação entre a pessoa, sua mente e seu corpo, coisas completamente dissociadas e diferentes, tal como faz o sistema neoliberal, faz com que percamos o poder, inclusive, que percamos o poder sobre nós mesmas, progressivamente. Por isso, é muito importante que a mulher encontre outras formas de se conectar com seu corpo e sua mente e é neste contexto que o feminismo faz tão bem as mulheres, porque neles se encontram os círculos de mulheres, onde podem trocar e viver muitas experiências.

Neste sentido, creio que a dança nos serve muito, principalmente se nos voltarmos e nos colocarmos em nossa própria cultura e não nos estereótipos da TV de Hollywood que mostra que a mulher deve sempre ser atraente. Se nos colocarmos em nossa própria cultura veremos muitos exemplos de como um corpo de mulher poderoso pode ser tudo, e não tão restrito ao que os estereótipos nos colocam.

Pascuala toca em uma questão crítica: o apoderamento do corpo da mulher pelo patriarcado com todos os seus tentáculos aniquiladores. Ele se apossa mesmo antes do corpo ser parido e decreta como este corpo e a pessoa que o habita devem ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas. Miseravelmente, os religiosos têm forte ingerência na condução dessa tragédia sobre a vida das meninas e das mulheres. E, re-afirmo: os religiosos com seu fanatismo fundamentalista, extremista e insipiente lesam e matam mulheres no corpo e na alma. Por meio de sua beataria fissurante, ignoram os princípios de amor, de paz, de liberdade e vida plena proclamados pelo Mestre que veneram, pelas religiões que cultuam. É insano o que um fanático é capaz de apadrinhar, acatar, encarnar e operar contra o feminino. E adiante que um ateu fanático pode ser tão nocivo quanto um igrejeiro, pois a selvageria machista e patriarcal não recusa aproximações com ideologias, porém, engole o que se afoga no orgulho de uma masculinidade elevada, tóxica e austera¹⁷¹. Em todas as épocas, por todos os séculos, em todas as civilizações, em todas as guerras, por todos os tapetes doutrinários, crentes ou incrédulos, não faltaram bárbaros contra o feminino.

E nesta barbárie machista também se encontra o silenciamento do corpo feminino quanto ao seu prazer sexual. Na história das sociedades de base hierárquica, patriarcal e de classe, à mulher, principalmente à esposa, foi destinada a responsabilidade pela reprodução e sua sexualidade restrita a esse papel. Às outras mulheres, e seria insuficiente limitar esse consenso às prostitutas, foi fadado o encargo de proporcionar desejo erótico e prazer sexual aos homens.

Neste contexto, a mulher é ultrajada em sua identidade, aniquilada, embrutecida e coisificada para servir de objeto de prazer ao homem. E não é incomum, muito pelo contrário, que os homens não-bárbaros tropecem nessa armadilha machista-patriarcal, de maneira que ao zelar pelo cuidado da filha, por exemplo, a eduque para se manter comporta-

171 Indico o filme *Agnus Dei* (2016), dirigido pela cineasta luxemburguesa Anne Fontaine.

da, recatada, distante da companhia de colegas homens e até das amigas que namoram, um desvelo castrador do corpo feminino que vigia sua virgindade controlada pelo pai que, mediante seu consentir, a entregará a um outro homem que a deverá possuir, penetrá-la, marcá-la como sua esposa, como sua mulher, com seu sobrenome, de modo a reduzi-la a sua posse, como se tudo se resumisse ao mito do rompimento de uma película chamada hímen, que persiste em muitas culturas em pleno século XXI (DAHL; BROCHMANN, 2017).

Talvez você cogite que eu esteja exagerando, que há muitas mulheres felizes em portarem o apelido do marido – e você tem razão! Há casais felizes, mas esta não é a única e nem a suprema verdade. Os sobrenomes agregados às mulheres são e sempre foram a marca dos homens, do patriarca, daquele que é o chefe do clã, o procriador que multiplica seu nome em sua descendência, o que possui o falo. A mulher carrega o nome do pai e não da mãe, porque ainda que ela traga consigo o sobrenome de sua mãe, este último também diz respeito ao seu avô materno, um outro patriarca. Essa não é uma questão para se discutir se você e eu temos ou não orgulho dos sobrenomes de nossos pais, longe disso! Mas, sim, a oportunidade de olharmos para a história e avistarmos o quão profundo é o abismo patriarcal para a constituição das mulheres como reservadas ao orgulho e à satisfação do homem, em todos os sentidos que possamos reunir.

Neste processo de redução da mulher à falta do pênis, também lhe apoucam a capacidade de Ser quem é, subestimam sua individualidade, apequenam seu potencial de fazer escolhas, desconsideram suas vontades e desejos, minguem sua existência, depreciam sua voz, silenciam sua fala e moldam sua cala, tutelam qualquer indício de autonomia, ditam normativas reprodutivas, modelam sua sexualidade, adjetivam e definem sua genitália, desdenham seu prazer, condenam seu auto-prazer, a santificam como mãe e a demonizam como mulher.

E nesta jornada desventurada, o prazer e o gozo feminino ainda são questionados em sua existência tanto por homens como por mulhe-

res: homens que não sabem nada sobre o corpo feminino e seu baluarte de prazeres; mulheres que desconhecem seus próprios corpos e toda força potente que eles são de existência, satisfação pessoal e realizações – ambos, homens e mulheres, doutrinados pelo patriarcado.

Quando uma mulher conhece a força potente de seu corpo e o gozo que nela habita, ela voa por cima dos tentáculos patriarcais que, nesse tempo, ira-se e se ajusta para se perpetuar no controle do corpo feminino por outras ciladas que constrói e por outros precipícios que escava; porque quando ele mantém o corpo sob controle, ele tem mais chances de domínio sobre a mente da mulher.

Depois deixou-se cair sobre o corpo da campesina e ficou imóvel, para morrer ali, para morrer de uma vez por todas no corpo de Albertina. Sentiu os dedos ásperos da garota acariciando sua cabeça. “Você já morreu?” – perguntou - Você morreu gostoso? Isabel se surpreendeu com a forma como Albertina chamava o orgasmo. Lembrou-se de la petite mort com que os camponeses franceses o nominavam.

O prazer é necessário, pensou. Milimétrico, como nem imaginamos que a alma seja. O amanhecer as encontrou nuas em um abraço. Isabel acordou primeiro e se dedicou a contemplar a menina. Lembrou-se então que, uma vez, um professor lhe dissera que contemplar era olhar com os olhos da alma e percebeu que nunca havia contemplado o corpo de ninguém como o de Albertina, um corpo vulnerável, corroído por uma vida dura, mas naquela noite a havia amado como nunca a ninguém. Um orgasmo prolongado, enquanto Albertina sussurrava uma espécie de ladainha rústica, devolvendo-lhe o prazer que ela lhe dera. O prazer é pródigo, pensou Isabel, olhando o corpo adormecido de Albertina (CALDERON, 2018, p. 77, tradução minha)¹⁷².

172 Teresa Calderón nasceu em 30 de março de 1955 na cidade de La Serena, Chile. Graduou-se no ensino de espanhol e se licenciou em estética pela Universidade Católica do Chile, onde se aproximou da escrita literária. Em 1984 publicou sua primeira antologia de poemas. É considerada uma importante escritora e poetiza em seu país, bem como por toda a América Latina, tendo publicado diversas obras e recebido vários prêmios literários.

La Petite Mort é uma expressão utilizada pelos franceses para nomear o clímax do prazer sexual, o período que se permanece após o acontecimento do orgasmo como uma experiência sexual intensa: “morro sem morrer” uma experiência não limitada a dois corpos ou restrita ao prazer que vem pelo outro, mas ilimitada de si para si mesma. Cito Louisy de Limas em sua análise esbelta sobre “a pequena morte” e sua potência transgressora:

Morro sem morrer. Morro e meu corpo continua funcionando. O que realmente morre? Talvez ainda não seja a morte do gozo, que sempre é grande como um sofrimento que sobeja nos beijos partidos, nas despedidas inesperadas, nas perdas irreversíveis. Nesse momento não sou um corpo ocupando um lugar no espaço. Não habito lugar algum. Caio no abismo enquanto num momento de suspensão. Navego numa brecha que se abre diante de mim, é ela que me toma toda, e assim me dissolvo. A ponto de não saber se há outro, e qual a sua função. Mas não é uma questão que faça diferença no momento do gozo. O que está em questão aqui é o regresso de uma morte morrida, mas que não nos matou. Trata-se do retorno da pequena morte, que estende e contrai num só ato, o corpo ainda vivo no qual penetra. Gozar não é morrer, mas repetir uma morte que não nos matou (LIMAS, 2014, p. 78).

Educar as meninas para que conheçam seus corpos, para que se amem como são, para que não restrinjam seu futuro e seus momentos de felicidade, necessariamente, à companhia de um homem, para que se apropriem do feminino como força potente, para que ocupem seus lugares de fala e de realizações, para que não se submetam a subjugos, tampouco reproduzam vertentes machistas e patriarcais ao longo de suas vidas com as filhas e filhos que possam acolher, é um ato de coragem e de amor à humanidade tão ferida pelo patriarcalismo bestial.

Ter ou não ter um companheiro para construir um relacionamento amoroso deve ser uma escolha da própria mulher, sem intermediários, e acima de tudo, cônica que o ser e o estar feliz, bem como a alegria de gozar a vida e a coragem de enfrentar as lutas diárias, não de-

pendem de um homem para lhe tutelar, ademais, tudo o que uma mulher precisa, ela encontrará em si mesma. Não menos importante, a educação conectada a Arte também é força de empoderamento feminino, tal como nos apresenta Pascuala.

A educação é o mais importante! Nossa banda de músicos fez uma cooperativa de trabalho para que pudéssemos conectar a Arte à educação. Nós queríamos nos formalizar como músicos, mas não queríamos ser uma empresa, não queríamos a economia neoliberal e nem o sistema tirânico dominando nossa banda. Assim, fizemos uma cooperativa de trabalho e somos os trabalhadores dessa cooperativa em uma relação horizontal que atuam formalizados, mas que também desenvolvem projetos para apresentações da música chilena por meio das mulheres nas escolas. E é muito bonito o que acontece!

Eu tenho essa vivência de ir a uma escola pública e encontrar todas as meninas ali, e chego a elas com um discurso acompanhado de música e dança, algumas se aproximam para cantar comigo. É maravilhoso porque você vê essa necessidade das meninas e dos meninos de conhecerem outros referenciais femininos daqueles que estão acostumados a ter. E é muito importante vincular esse momento à história de outras mulheres, por exemplo, quando um professor ensina quem foi Violeta Parra. De modo geral, a educação tradicional na forma como está regulamentada, ensina que Violeta Parra foi uma mulher que compilou a música camponesa e que compôs a canção “Gracias a la Vida”, mas que depois, suicidou-se. Desta forma, as meninas e os meninos não entendem essa história e perguntam: “– Como assim: escreveu “Gracias a la Vida” e depois se suicidou?”. Sempre que vou a uma escola e falo de Violeta Parra, as meninas me perguntam sobre isso e lhes respondo: Sim, porque Violeta Parra compôs “Gracias a la Vida”, mas, também, a canção “amaldiçoo toda a vida”. E assim conseguem compreender que ela que ama a vida, também se decide por tirar a vida.

Essa compreensão só é possível quando se tem em mãos sua obra completa, sem fragmentos, sem cortá-la e decidirem até onde vai a história que uma criança pode saber. E esta forma de ensinar faz parte de um plano

de educação. O mesmo acontece com a história de Gabriela Mistral. Eles ensinam que Gabriela Mistral era professora, que trabalhava na zona rural com crianças e lhes fazia roupinhas. Mas a escola não ensina mais nada sobre ela, tampouco que ela era lésbica, também não mostram seus poemas indigenistas, muito menos seus poemas eróticos. Neste contexto, é muito difícil se sentir atraída pela figura de Gabriela Mistral quando a apresentam como uma mulher tão reduzida: a professora rural, só isso é Gabriela. E o mesmo ocorreu com a história de muitas artistas latino-americanas, por exemplo, Frida Kahlo, a qual a ocupam muito, a comercializaram para tirar sua profundidade de forma definitiva, ou seja: é tão potente sua resistência que é melhor fazermos uma carteira com sua imagem.

GRATIDÃO À VIDA

Gratidão à vida que tanto tem me dado
 Deu-me dois brilhantes olhos, que quando os abro
 Perfeitamente distingo o preto do branco
 E no alto céu seu fundo estrelado
 E nas multidões, o homem que amo.

Gratidão à vida que tanto tem me dado
 Deu-me o ouvido que em toda sua amplitude
 Grava noite e dia, grilos e canários
 Martelos, turbinas, latidos e temporais
 E a tão terna voz do meu bem-amado.

Gratidão à vida que tanto tem me dado
 Deu-me o som e o abecedário
 E com ele as palavras que penso e declaro
 Mãe, amigo, irmão e luz que ilumina
 A rota da alma daquele que estou amando.

Gratidão à vida que tanto tem me dado
Deu-me a marcha de meus pés cansados
Com eles andei por cidades e alagados
Praias e desertos, montanhas e planícies
E por sua casa, sua rua e seu quintal.

Gratidão à vida que tanto tem me dado
Deu-me o coração que agita seu marco
Quando olho o fruto do cérebro humano
Quando olho o bom tão longe do mau
Quando olho no fundo dos teus olhos claros.

Gratidão à vida que tanto tem me dado
Deu-me o riso e deu-me o pranto
Assim distingo a felicidade do quebrantamento
Os dois materiais que formam meu canto
E o canto de vocês que é meu próprio canto
E o canto de todos que é meu próprio canto
Gratidão à vida que tanto tem me dado
(PARRA, 1964, tradução minha)¹⁷³.

173 Violeta del Carmen Parra Sandoval nasceu em 4 de outubro de 1917, em San Carlos, Chile. É considerada a mais importante artista de folclore, da música popular chilena e do movimento Nova Canção. Além de cantora, era compositora, artista plástica, ceramista e violinista desde os 9 anos de idade. No ano de 1953, Violeta se destacava com seus álbuns de sua carreira solo, sempre valorizando e resgatando a música, os ritmos e as danças de seu país, chegando a reunir cerca de 3 mil canções tradicionais. Em razão de seu êxito como artista, realizou excursões pela Europa e foi a primeira artista latino-americana a ter uma exposição individual no Museu do Louvre. Desde 1964, após se encontrar muito deprimida em razão do falecimento de sua filha, ainda bebê, e desiludida com o término de seu relacionamento com Gilbert Favre, em 5 de fevereiro de 1967, Violeta se suicidou aos 49 anos. Em 2011, sob direção de Andrés Wood, foi lançado o filme “*Violeta foi para o Céu*” sobre a história de sua vida (<https://www.youtube.com/watch?v=5uoLcuWGx2U>).

Sinto que isso aconteceu com muitas mulheres artistas na América Latina que, desde o início, foram escondidas debaixo do tapete da história da arte. Não há muitos livros ou estudos que tratem sobre essa questão. Na universidade, pouco nos ensinam sobre elas e, quando falam nas escolas, é de forma fragmentada, não apresentam suas histórias de maneira completa. Por isso, é muito bom quando nós, as outras mulheres vivas, entramos nas escolas como artistas que se põe a falar sobre essas outras artistas que já se foram, porque nós também as amamos e ensinamos sobre elas de uma maneira diferente.

No Chile há um classicismo dos artistas por quererem fazer uma carreira musical e crescer. Depois do manifesto social de outubro de 2020, fui cantar em muitas escolas de educação secundária, onde os estudantes estão prestes a saírem para a universidade ou para o trabalho, e eles são muitos! Em uma escola pública na hora do intervalo você encontra cerca de 1200 alunos que estão ali em um campo de futebol durante uns 20 minutos, descansando. Isso é igual a ter um teatro cheio de pessoas. Há artistas que sonham em pelo menos uma vez na sua vida se apresentarem em um teatro cheio de 1200 pessoas, mas não vão cantar em uma escola onde também há 1200 pessoas, entende? 1200 pessoas interessadas em cultura e que vão ao teatro, não é o mesmo que 1200 jovens estudantes na escola? Eles são jovens que também podem escutar e se interessar pela cultura. Isso é um classicismo, porque o músico também quer crescer e não permanecer para sempre apenas entre os seus pares. Isso também tem que ser mudado! É o individualismo que temos que tirar, porque se os músicos fossem tocar mais vezes nas escolas, com mais frequência, essas crianças valorizariam ainda mais a música chilena. E essa ação de base tem que ser feita com muita paciência, contudo, o capitalismo é muito ansioso.

DECÁLOGO DO ARTISTA

- I. Amarás a beleza, que é a sombra de Deus sobre o Universo.
- II. Não há Arte ateia. Embora não ames ao Criador, o afirmarás criando a sua semelhança.
- III. Não darás a beleza como isca para os sentidos, mas como o alimento natural da alma.

- IV. Não te será pretexto para a luxúria nem para a vaidade, mas um
exercício divino.
- V. Não buscarás nas feiras nem levarás tua obra a elas, porque a
Beleza é virgem, e a que está nas feiras não é Ela.
- VI. Subirá de teu coração a teu canto e te haverá purificado a ti
o primeiro.
- VII. Tua beleza se chamará também misericórdia e consolará o
coração dos homens.
- VIII. Darás tua obra como se dá um filho: tirando sangue de teu
coração.
- IX. A beleza não te será ópio entorpecente, mas vinho generoso que te
incita a ação, pois se deixas de ser
homem ou mulher, deixarás de ser
artista.
- X. De toda a criação sairás com vergonha, porque foi inferior a teu
sonho e inferior àquele sonho maravilhoso Deus, que é Natureza.
- (MISTRAL, 2010, p. 535, tradução minha).

Lamentavelmente, não é apenas no Chile que a Arte pouco adentra às escolas. No Brasil, a des-valorização da Arte tem sido uma constante junto aos aprendizes, por décadas seu ensino era contestado de ser oferecido na educação básica. Somente em dezembro de 1996, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394 (BRASIL, 1996), é que o ensino da Arte se tornou um componente curricular obrigatório na educação básica, ainda assim, ter acesso a Arte e à cultura no país, continuou sendo um privilégio minoritário, uma vez que grande parte da população não tem acesso a cinemas, a museus, a teatros, a conservatórios públicos, a cursos focados em Arte e acesso à cultura de maneira geral (IBGE, 2019). Não é demais lembrar que a periferia nunca foi o centro das atenções para o investimento cultural, quando muito, apenas

para gerar mão de obra para o trabalho. Mais recentemente, depois do Golpe de 2016 e as reformas educacionais implementadas pelo governo atual de extrema-direita, a Arte foi enfraquecida no país como estratégia de também hostilizar as conquistas advindas da democracia.

Neste processo de abatimento, o sucateamento da cultura, o preconceito de gênero, a des-valorização da Arte feminina e os casos de censura, permanecem em alta a 4 meses das eleições presidenciais. Grande tem sido o movimento cultural dos artistas brasileiros para salvaguardar a democracia e protestar contra a reeleição do atual presidente que exalta o fundamentalismo religioso sob sua perspectiva desastrosa, o machismo, o autoritarismo, a violência misógina, o armamentismo, o obscurantismo contra a ciência, a incultura e a selvageria capitalista e tudo mais que circunda esse moinho de vidas.

Sobre dores e sonhos, Pascuala me diz:

Eu creio que a maior dor das artistas é a de serem tão julgadas pela aparência física. Há muitas cantoras e intérpretes que se encontram renegadas a serem boas artistas, porém, não têm a chance de subirem ao palco ou de gravarem, elas permanecem muito escondidas. Sinto que isso prejudicou o empoderamento das mulheres na música e na dança, sobretudo com respeito aos corpos heteronormados que são aqueles produzidos para a dança. Apesar de estarmos evoluindo em algumas coisas, esse é um processo lento e muito dolorido, essas questões geram dores.

Um sonho! Temos falado hoje de muitos sonhos. Eu tenho esse sonho de que a Arte volte às escolas públicas, isso é muito importante! Meu sonho sempre é com os espaços públicos, onde a Arte possa acontecer nas ruas, nas áreas públicas, pois este é o espaço onde a Arte mais se enriquece. E na via pública está a diversidade. Por isso também enalteço tanto na minha música a figura da mulher indígena, porque a mulher dos Andes, a mulher andina, e a mulher mapuche, são mulheres com uma força tremenda e esse também é um motivo que tentaram as tornar tão invisíveis e escondidas na cultura chilena. Essas mulheres estão sempre colocadas em um lugar como sendo velhas e inadequadas. Não são concebidas como algo

bonito, atrativo e que pode ser enaltecido. Ao contrário, o que há é um deslumbramento por esse modelo de mulher que se promove, a mulher muito magra com um determinado look, e que acaba sendo seguido por muitas adolescentes que se encontram magérrimas, que parecem não possuir energia vital no corpo que promovem.

Ao longo da minha vida me dei conta de que a imagem da mulher andina, da mapuche, são imagens tão fortes que nos alimentam para que sejamos, também, muito fortes, e isso é o que não nos ensinam através da publicidade. Eles te ensinam a ser fraca, mas não forte. Essa imagem da mulher indígena é a representação da fortaleza, da mulher sul-americana que não é fraca, que não é submissa, que não é tímida, que não aceita que coloquem o pé em cima dela, não! Ela é forte! Então, quando sai essa força aí, eu sempre me agarro as minhas ancestrais, às mulheres sul-americanas que tenho dentro de mim.

As dores e sonhos de Pascuala são semelhantes às de inúmeras mulheres latino-americanas que são des-afiadas a combater o patriarcado ignorante e controlador que não mede escrúpulos de empenho para a dominação dos corpos e das mentes das mulheres, desde sua tenra idade. A educação não-violenta e inclusiva, como sempre, é uma chave mestra para fecharmos um ciclo de incultura e abrirmos as portas para uma outra sociedade possível e necessária. A educação libertária e des-patriarcalizada é o recurso tenaz para quebrarmos paredes e muralhas embrutecedoras do feminino e do masculino. É a peça fundamental para a constituição de pessoas mais cômicas e humanizadas que, juntas, reunir-se-ão para o afastamento de bestas-feras de lugares de controle e de poder.

Por toda história da humanidade, a Arte tem sido compreendida como uma potência de criação. Sem dúvida, por toda história das mulheres na luta por seus direitos, a resistência é a energia que persevera e fulgura por toda Arte feminina de modo que a vida, a Arte e a política se entrelaçam como recursos de transformação sociocultural.

Viva a Arte Feminina!

MASCULINIDADE ÁCIDA



Após 3 semanas retomo a escrita desta obra que me corta, que me atravessa. Talvez eu já esteja bem cansada de a tecer. Ao longo dos capítulos há uma toada incessante de dores e de violências que parecem consumir a minha energia. O frio tem sido intenso e anseio pela primavera com seus dias mais amenos e suas floradas incrivelmente coloridas que me acolhem os olhos e a alma.

Tal como na maioria das famílias, a pandemia também me trouxe desgastes e tensões que foram ainda mais acentuadas com a indiferença crua do governo federal brasileiro para com a situação do país. Chegamos em julho de 2022 com 673 mil óbitos. Felizmente, a imunização tem contribuído para que menos pessoas necessitem de internações e venham a ter suas vidas ceifadas precocemente.

Com a necessidade de zelar pela nossa saúde em pleno isolamento social, a cozinha se tornou um lugar de abrigo, de desabafo, de criação, de acolhimento, de elaboração e (re)significação de novas possibilidades de ser e existir para mim. Sabores da culinária mexicana me acompanharam nesta jornada e a curiosidade de conhecer um pouco mais sobre como vivem as mulheres desse lindo país que é banhado pelos oceanos Pacífico e Atlântico com sua paisagem diversa, gastronomia marcante, imensa riqueza histórico-cultural, além de ser uma das principais economias da América Latina.

Luisa Cortés nasceu no ano de 1983 no município de Puebla. Filha caçula nascida no interior, Luisa experimentou a força da cultura patriarcal desde cedo, quando desejava partir para estudar na Cidade do México e não teve aceitação de seus pais para seguir este caminho. Ao conhecer um jovem que se tornou seu namorado, sua mãe se mostrou mais tranquila por compreender que ela, então, teria um homem para a orientar e a ajudar no que fosse preciso. Quando foi aprovada para fazer

seu mestrado, ela revelou ao seu pai que estava namorando e que iriam morar juntos na Cidade do México. Sua mãe não aprovou a ideia antes de se casarem formalmente. Mas Luisa e Rodrigo conseguiram fazer seu próprio caminho e permanecem juntos há mais de 15 anos, ambos são antropólogos e, alguns anos depois, Luisa realizou seu doutorado em Estudos Comparados Sobre as Américas na Universidade de Brasília, Brasil.

Em sua gentileza de conversar comigo sobre a violência patriarcal contra as mulheres de seu país, Luisa se pronuncia:

Sílvia, vou ser bem sincera: não sei o que seria ser uma mulher mexicana diante da heterogeneidade que há no México. No país temos as mulheres indígenas e as mulheres migrantes das regiões rurais para as áreas urbanas, e que vivem em situação de pobreza e marginalidade na periferia das cidades. Temos mulheres de classe média, mas que receberam uma educação conservadora tal como foi a minha e que são de cidades bem conservadoras. Já na Cidade do México, vejo que existe alguma vanguarda no sentido da luta por direitos, das lutas feministas. Portanto, há uma grande heterogeneidade no México.

Conversando com outras colegas que são minhas contemporâneas e que tiveram uma educação semelhante à minha, penso que a mulher mexicana tem sofrido muito a cultura do machismo em relação ao Ser mulher. Há exemplo, temos muitas frases típicas como esta: “a mulher tem que ser como uma escopeta”, carregada, carregada de filhos e ficar atrás da porta. Crescemos nesse tipo de cultura. Inclusive, todo mundo fala que “ah, a cozinha mexicana, é uma cozinha tão linda, tão saborosa”, mas desconhecem a realidade dessa mulher na cozinha. Vou explicar: a tortilha é a base de nossa alimentação e precisa estar quente para ser servida. As mulheres quase não se sentam à mesa porque a tortilha tem que estar quente para ser servida ao marido e, depois que o serviu, servir a todos os demais, só então ela consegue se sentar e, na maioria das vezes, comer sua comida já fria, porque antes dela, a tortilha precisa ser servida quente para sua família. Ou seja: você, mulher, não importa! E esse tipo de coisa segue permeando nossas vidas, nossas crianças.

A cultura da mídia tem sido uma influência muito forte projetada para o estrangeiro sobre a cultura mexicana. Eles fazem uso da imagem da mulher mexicana com um vestido enorme, toda bonita e que apenas serve para estar aí como uma escultura para ser isso e para não fazer mais nada. Essa é uma projeção típica para as classes mais altas, tendo a mulher idealizada como um adorno, uma mulher que consegue ordenar e fazer tudo apenas ordenando. Só que a mulher real é uma mulher que para os homens tem serventia para ser santa, enfermeira, esposa, mãe, sem terem nenhum interesse em perguntar sobre o que essa mulher gostaria de fazer de sua vida, e assim foi para a geração das minhas avós. Certa vez minha mãe estava conversando comigo questões íntimas e me contou que minha avó lhe disse que nunca havia tido um orgasmo e que nem sabia o que era isso, todavia, ela teve 8 filhos. Percebo, então, que essa cultura do machismo ainda é muito forte e também se estende em um sentido romântico quando se dá asas a essa ideia de que a mulher precisa encontrar o macho mexicano. Que ela precisa se esforçar para ter um homem, aquele macho fortemente sensualizado e que deve ser farrista, bêbado e jogador.

E toda essa cultura televisiva presente no cinema mexicano influenciou na construção de nossa cultura popular, sobre esse padrão da figura feminina da mulher submissa, mulher feita para ser dona de casa, mulher feita para servir aos homens, mulher que se põe bonita apenas para ser como um adorno, e, inclusive dentro de um padrão moral da mulher que por ser mãe, é como se fosse santa. No entanto, tudo isso é uma grande hipocrisia porque para eles, todas as demais mulheres, inclusive suas esposas, são putas.

Esse tipo de cultura e contradição que vemos pelo país, também têm contribuído para que o México alcance níveis muito altos de feminicídio, de violência contra as mulheres, uma violência muito forte. Para mim, por exemplo, um elemento que é muito importante, um elemento paradigmático, é quando o narcotráfico começa a abalar o país. O narcotráfico tem influenciado muito na cultura do homem, na cultura mexicana, de maneiras que são, muitas vezes, sutis, como na música, por exemplo, nessa expectativa do ideal, de se conseguir sair da pobreza pelo narcotráfico, mesmo

que não se torne muito poderoso, ele terá algum poder em seu contexto social. E o narcotráfico brinca muito com essas questões ideológicas do poder, não apenas econômico, mas também de um poder para fazer o que eles quiserem, incluindo, o abuso de mulheres como mercadorias para questões de negócios, para o tráfico de escravizadas brancas, da mulher como um objeto descartável. E em cidades em que o narcotráfico está fortemente envolvido, a mulher precisa ter muito cuidado porque se eles olham e gostam de uma determinada mulher, ela será deles, e não importa se você quer ou não quer isso para sua vida. E essa é uma expectativa de vida para as mulheres de alguns lugares, a de ficar arrumadinha, bonitinha, fazer cirurgia plástica para ser chamativa aos narcotraficantes e assim conseguirem ter uma vida melhor.

E essa narcocultura não diz respeito apenas a conflitos armados e não tem a ver somente com o poder econômico, mas também com o poder de exercer a vontade deles como eles quiserem, inclusive com músicas que expressam literalmente a violência, o estupro de mulheres. E essa violência toda está normalizada não apenas nos espaços do narcotráfico, mas em nossa cultura de maneira geral. Há jornais que trazem em sua manchete de capa um assassinato e, logo em seguida, estampam uma moça com pouca roupa. E esse tipo de mídia é superperigosa e está se espalhando entre as crianças, no meio dos adolescentes e dos jovens como se fosse uma coisa normal. E essa cultura machista acaba sendo reproduzida pelas próprias mulheres, como se os homens tivessem mais importância, não permitindo, por exemplo, que exista a colaboração doméstica entre o casal, não considerando a voz de uma mulher quando ela está no meio de uma conversa, não permitindo que o homem faça tarefas domésticas, reservando o espaço do homem para ser servido e o da mulher para o servir. E é desse modo que os homens vêm se considerando cada vez mais poderosos para usar de violências e poder sobre as mulheres.

A violência contra as mulheres no México permanece sendo um grave problema social e cultural que impacta, inclusive, na saúde pública do país. A violência masculina está naturalizada a tal ponto que parece se apresentar invisível aos olhos do cotidiano das próprias mulheres que são

maltratadas, abusadas e violentadas. A normalização da violência afeta de maneira incomensurável a vida coletiva de um povo: por um lado, os meninos mexicanos crescem des-agregados aos valores de respeito às mulheres e acabam por se tornar homens violentos e misóginos; de outro lado, as meninas mexicanas crescem com pouco respeito ou valoração de si mesmas, acostumam-se às brutalidades da opressão machista e às subalternidades patriarcais. O resultado dessa cristalização da masculinidade altamente tóxica no âmbito sociocultural do país é o risco que as mulheres sofrem de conviver diariamente e permanecer em situações de violência doméstica, laboral, sexual, psicológica, emocional, econômica, patrimonial e jurídica.

De acordo com o Relatório da ONU Mulheres e do PNUD, o México e a América Central são as regiões mais violentas da América Latina e do Caribe para uma mulher viver sem se encontrar em um contexto de guerra. Para compreender melhor o que isso significa, cito alguns dados sucintos do “Panorama nacional sobre a situação da violência contra a mulher” (INEGI, 2020) que está longe de representar todas as atrocidades que se repetem dia a dia:

- 64,5% das mulheres relataram terem sido amarradas pelo parceiro como um ato de violência e que isso aconteceu em mais de uma ocasião;
- 4,5 milhões de mulheres afirmaram terem sido empurradas ou puxadas pelo cabelo pelo parceiro em mais de uma ocasião;
- Do número total de mulheres que declararam terem sido chutadas pelo parceiro, 35,2% relatam que a situação aconteceu muitas vezes;
- 49,2% das mulheres relataram que seus parceiros tentaram as enforcar ou as sufocar em mais de uma ocasião;
- Cerca de 1 em cada 2 mulheres sofreram agressões com faca ou navalha por parte do parceiro em mais de uma ocasião;
- Cerca de 1,7 milhão de mulheres sofrem ameaças e chantagens do parceiro no momento da relação sexual;

- Cerca de 8 em cada 10 mulheres declararam que o parceiro usou de força física para as obrigar a fazer sexo;
- 50,3% das mulheres sofreram graves violências durante todo o relacionamento com seu parceiro;
- 18,2% das mulheres residentes em localidade urbana declararam terem sofrido violência no ambiente escolar, sendo que 11,6% relataram agressão sexual, 8,1% sofreram violência emocional e 6,1% relataram violência física;
- 22 em cada 100 mulheres que trabalharam nos últimos 5 anos foram discriminados por razões de gênero;
- Em todo o país, 13 em cada 100 mulheres viveram discriminação por motivos de gravidez nos últimos 5 anos;
- 4,5 milhões de mulheres assalariadas (22,5%) relataram terem sofrido pelo menos um incidente de violência, 3,5 milhões de mulheres (21,9%) sofreu discriminação com base no gênero em seu ambiente de trabalho, 1,4 milhão de mulheres (6,9%) sofreram violência física ou sexual, 1,3 milhão de mulheres (6,5%) relataram violência emocional.

Em 2021 houve no país 3.750 assassinatos de mulheres, cerca de 1.000 deles foram considerados feminicídios. Dentre as vítimas estão as mulheres que sobreviveram a ataques com ácido por homens de seu círculo familiar. De acordo com a Fundação Carmen Sánchez (2021) que leva o nome de uma das sobreviventes atacadas por ácido no ano de 2014 por um ex-parceiro, pelo menos 31 vítimas foram registradas nas últimas duas décadas, embora o país não tenha cifras oficiais, o que, possivelmente, faz deste um número muito maior pelo crime ser subnotificado. Importante dizer que atacar uma mulher com ácido significa ter o intento de marcar para sempre sua vida, desfigurá-la, mutilá-la, uma vez que essas cicatrizes nunca desaparecerão de seu corpo. O crime revela também o tamanho da impunidade que existe no Estado por não conter o avanço da brutal cultura machista. Não me custa dizer que apesar do assombro feminicida proeminente no México, o país ainda fica atrás do Brasil que

só em 2021 registrou 1.319 feminicídios (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022).

No país onde a maior parte da população de 126 milhões de mexicanos é de mulheres (52%), o que mais me assusta é que 77,7% se declara católico e 11,2% se diz protestante, ou seja, 88,9% dos cidadãos afirmam ser cristãos (INEGI, 2020). Como isso é possível? O tamanho dessa violência toda contra as mulheres não combina com o perfil de um país que toma para si, seriamente, os princípios e valores do Evangelho do Cristo. E sigo me questionando: qual tem sido a responsabilidade das igrejas, dos sacerdotes, da hipocrisia dentro da fé e tradição cristã na violência contra as mulheres? Que homens são estes que fazem o sinal da cruz sobre si com o sangue do corpo de uma mulher em suas mãos?

Recordo-me também da história conflituosa da artista mexicana Frida Kahlo¹⁷⁴ com seu marido Diego Rivera. Uma relação conjugal tumultuada na qual ela o colocava, apaixonadamente, como o centro de sua vida. Centro este que era circundado pelo núcleo da dor e de suas repetidas experiências de esfolar suas feridas em sua permanência sob esse relacionamento tóxico, sem cuidá-las, sem limpá-las, sem tratá-las, sem curá-las. Para ela, Diego representava algo maior que si mesma. E entre tantas feridas emocionais e cicatrizes abertas, o que se mantinha era o fracasso de estar colada em uma relação de dependência emocional e abusos.

A questão que levanto não é sobre a falta ou o excesso de amor entre Frida e Diego, muito menos acerca de qualquer possibilidade de questionar se havia de fato amor naquela relação. Quem nunca sofreu em

174 Madalena Carmen Frida Kahlo Calderón nasceu em 6 de julho de 1907 na Cidade do México. Em 1929 se casou com Diego Rivera, ela com 20 e ele com 42 anos. Vítima de poliomielite quando criança, Frida também sofreu um grave acidente que trouxe várias complicações a sua saúde por toda vida. As perfurações e sequelas em seu útero não lhe permitiram sustentar uma gravidez, de modo que sofreu 3 abortos espontâneos. Após contrair uma forte pneumonia, em 13 de julho de 1954, Frida foi encontrada morta. Supõe-se que sua morte tenha sido em decorrência de uma overdose acidental pelo excesso de medicamentos que utilizava, todavia, não se descarta a hipótese de suicídio. Seu corpo foi cremado e suas cinzas colocadas em uma urna que se encontra no Museu Frida Kahlo, sua antiga residência.

meio a uma paixão avassaladora? No entanto, há uma linha limite que se distancia do que pode ser considerado razoável em uma relação e daquilo que passa a ser insalubre e danoso. Mesmo Diego a traindo por diversas vezes, incluindo com sua própria irmã com quem teve 6 filhos, Frida o queria mais que tudo, e sempre o recebia de volta ao mesmo tempo que retornava para ele. Mesmo tendo ficado sozinha para lidar com seus abortos, sendo desrespeitada e desamparada em tantas situações, Frida se mantinha colada em seu amor doentio, sua dependência emocional, por melhor dizer, àquele homem.

Diego Rivera era um renomado artista plástico de sua época e deixou relevantes contribuições ao pensamento e crítica política a partir de sua arte. No entanto, seu caráter era a expressão ególatra de um machismo exacerbadamente abusivo, sempre em busca de seus próprios interesses e prazeres, e sem nenhum compromisso com o bem-estar de sua companheira. Rechaço e mágoa por parte dele, eram as bofetadas toleradas e aceitas por ela. Frida sofreu imensamente por tudo isso, mas, principalmente, por não ter tido condições (seja elas quais forem) de escolher dar um basta nos des-caminhos dessa relação, ao contrário, submeteu-se por anos a todo tipo de violência e seu modelo de amor por Diego jamais deve ser romantizado ou reproduzido. Em uma de suas cartas-poema, Frida des-água:

[...]
Na saliva,
no papel,
no eclipse,
em todas as linhas,
em todas as cores,
em todos os jarros,
em meu peito,
fora, dentro.

No tinteiro – nas dificuldades de escrever,

no assombro de meus olhos,
 nas últimas linhas do Sol (o Sol não tem nenhuma linha)
 em tudo.

Dizer “em tudo” é idiota e magnífico
 DIEGO em minha urina DIEGO em minha boca – em meu coração e
 minha loucura.

Em meu sono – no papel mata-borrão – na ponta da caneta nos lápis
 – nas paisagens – na comida – no
 metal – na imaginação.

Nas doenças – nas vitrines – em suas lapelas – em seus olhos –
 em sua boca,
 em sua mentira

(ZAMORA, 2006, p. 158).

E, sobre Frida, Luisa comenta comigo:

No México a gente cresce sabendo que Frida amou muito o Diego e que também permitiu que ele fosse abusivo. Para mim isso representa muito a mulher mexicana. Representa essa ideia de que a mulher, mesmo com desejos, mesmo com vontades, mesmo com outras perspectivas de vida, existe para um papel que é apenas o de ser a mãe e cuidar da família, de ser a mulher do homem. Para mim tem sido muito interessante ver como está sendo ressignificada essa parte da vida da Frida que antes não se falava, pois, a Frida era apenas a mulher do Diego, mas nunca a Frida em si mesma. No México pouco se ia aos museus para aprender sobre arte e cultura, não se falava sobre as mulheres pintoras, apenas dos homens artistas, dos muralistas, sobre as mulheres a cultura popular e da mídia sempre se limitam à fetichização. Essa ressignificação sobre a vida da Frida como da María Félix, por exemplo, que antes aparecia apenas uma mulher bonita como atriz, mas que agora estão levantando e procurando compreender outros contextos e questões da história, sobre quando se acreditava que as

mulheres ocupavam um papel importante por serem apenas companheiras dos homens. E o mundo exterior ao México engoliu e ressignificou tudo isso e está nos dando, agora, também a oportunidade de uma nova ressignificação que veio de fora e não de dentro do México, a possibilidade de termos mais espaço para falarmos sobre isso.

A cultura do machismo em um sistema social estruturado no patriarcado tem uma bocarra com dentes enormes e afiados que, facilmente, abocanham o feminino com o objetivo de devorar e esmagar toda potência de vida das mulheres. Nesse processo de aniquilação de um feminino potente, autônomo e empoderado, o silenciamento é um mecanismo de fácil manipulação e de forte impacto, e que atravessa a vida da mulher desde sua meninice até sua velhice, em todos os grupos e espaços sociais, nas mais diversas condições e situações. Muitas vezes esse silenciamento machista é sutil, por exemplo, quando o utilitarismo capta a imagem e a arte de Frida e as imprime em carteiras, bolsas, canecas e tantos outros objetos inanimados como forma de exploração e especulação turística, como se essa representação imagética fosse um reconhecimento sobre quem ela era. Só que não! Essa colagem de sua imagem em objetos é apenas um chamarisco para que turistas levem para casa uma lembrança do México, ou para que alguém simpatizante do feminismo grude em si uma imagem que também lhe represente, muitas vezes, sem a problematizar.

Essas distorções servem como distrações à problemática que realmente deve ser elegida em pauta e não fazem nenhuma diferença para uma transformação social profunda na sociedade contrária à perpetuação do patriarcado. Embora estampem sua imagem por toda parte, eles permanecem emudecidos quanto a grandeza de sua obra e sobre as relações de poder que são materializadas como forma de discursos brilhantes em sua arte-política: discursos de resistência política, de um nacionalismo contrário ao imperialismo, de questionamento religioso, de condição humana, de enfrentamento ao machismo, de desafio às normativas sociais, de sua liberdade sexual, de impacto frente aos padrões estéticos de sua época, de modos de vida e de morte, de sua recusa de ser

esmagada pelo padrão artístico de seu tempo, de sua coragem de olhar para si mesma em toda sua subjetividade, de sua maneira de lidar com a dor e transformá-la em arte, mas também de seu modo de (re)produzir e repetir várias dessas relações de poder abusivo ao longo de sua vida. Aliás, quem de nós, por mais lúcida que seja sobre as questões sociais das mulheres e o brutalismo do patriarcado, por vezes, não escorrega e não o (re)produz em toda sua violência?

É preciso olhar para a Frida “objeto” e para a Frida protagonista para compreendermos a dinâmica do machismo sobre nós e as linhas de fuga que precisamos forjar para escaparmos dele, bem como não o repetirmos conosco, com as meninas, com os meninos, com as mulheres, com os homens que nos cercam – esse é um exercício para toda a vida.

Hoje, 13 de julho de 2022, faz 68 anos que Frida Kahlo partiu com apenas 47 anos de idade. Há 2 dias, um médico brasileiro anestesista de 32 anos, cujo nome me recuso aqui registrar, sedou uma parturiente na mesa de cirurgia a qual seria submetida a uma cesárea. O procedimento da anestesia foi realizado sem nenhuma necessidade e, enquanto seus colegas a operavam pelo lado de lá do pano divisor, ele enfiava seu pênis em sua boca, e assim o fez por 10 minutos e, depois, limpou seu rosto com papel. O homem só foi descoberto porque algumas enfermeiras desconfiaram dessa sua prática e, daquela vez, decidiram gravar por meio de um celular colocado em um local estratégico. O criminoso foi preso sob a denúncia de estupro e se suspeita haver pelo menos cerca de 20 outras vítimas.

“– É um monstro”, dizem muitos. Não, não é um monstro, não é um ser sobrenatural, não é uma coisa contrária à natureza ou uma criatura mitológica. Ele é um homem misógino, um violador, um esturador, um médico que praticou violência obstétrica e, iguais a ele, há outros exercendo a medicina e precisam ser duramente criminalizados e punidos. De acordo com dados compilados do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP, 2021), entre o período de 2015 a 2021 foram registrados 177 casos de estupro em hospitais, clínicas ou similares, sendo que 86% dos

casos os abusos foram contra mulheres. O que realmente mudou em nosso padrão de sociedade desde a morte de Frida para os tempos atuais?

Estou sozinha e cheia de inquietudes;
cada dia me interno mais adentro;
meus defeitos atraem as virtudes;
de um misterioso círculo sou o centro.

O cansaço que tenho é infinito;
toda a dor do mundo tenho provado;
um labirinto de ansiedade habito
e tateando me revolvo no intrincado

(PITA DE AMOR, 1948, tradução minha)¹⁷⁵.

Tijuana é uma grande cidade do estado de Baixa Califórnia, no México, que faz fronteira com o município de San Diego, localizado no estado da Califórnia que fica nos Estados Unidos. Desde 2007 a cidade vem crescendo consideravelmente em razão do processo de migração da região Sul do México para o território estadunidense de modo a tornar difícil a separação entre as cidades fronteiriças.

Em Tijuana há um bairro chamado Colônia Zona Norte, também conhecido como um distrito da luz vermelha (termo utilizado internacionalmente) em razão de estar altamente associado à prostituição de rua, negócios relacionados a sexo, bordéis, bares e clubes de *strip*, venda de drogas ilícitas, tráfico de mulheres, pedofilia, pornografia infantil. No local a prostituição é permitida, bem como é legalizada a existência de bordéis, desde que atendam às solicitações de saúde sanitária para seu

175 Guadalupe Teresa Amor Schmidlein, pseudônimo, Pita Amor, nasceu na Cidade do México em 30 de maio de 1918. Foi uma poetisa e escritora mexicana da década de 50. Singular, era conhecida por sua personalidade forte e seu modo de vida livre, não se deixando dominar por ninguém e desafiando todos os costumes de sua época. De grande talento poético, é considerada como pioneira da liberação sexual feminina. Faleceu em 08 de maio de 2000 (EL PAÍS, 2015).

funcionamento. Não é incomum que em bares e nos cibercafés, crianças sejam oferecidas à prostituição por uma noite inteira por menos de U\$ 50 dólares, bem como usadas como mulas por cafetões e traficantes para esconder e transportar drogas (CACHO, 2006)¹⁷⁶.

A cidade é destino de turismo sexual e visitada por inúmeros estadunidenses que atravessam a fronteira em busca de prazeres e perversões. Muitos entram em contato pela internet para alugar meninas e, inclusive, bebês com pouco mais de 1 ano, para suas práticas abomináveis. Inúmeras mulheres jovens que foram escravizadas pelo mercado do sexo, dependentes do uso de drogas, além de se prostituírem para pagarem pelo vício, acabam por alugar seus próprios filhos para conseguirem mais dinheiro para se manter. Em 2015 foi estimado que pelo menos 50 mil crianças viviam como escravas sexuais entre a fronteira México-Estados Unidos e outras 20 mil espalhadas pelo resto do país (LAW, 2016). E, embora Tijuana seja o ponto de destaque, Acapulco e Cancun também se encontram neste contexto.

Não escrevo essas linhas sob o propósito de julgar essas mulheres, mas de provocar a problematização sobre a existência da prostituição que existe para a satisfação dos homens. Não é uma questão de se colocar a favor ou não da legalização da prostituição, mas, sim, de me posicionar contrária à sua manutenção e existência porque tudo que ela produz e que é tolerado pelos políticos do planeta, diz respeito à dor, humilhação, tráfico, violência, des-humanização e morte. A prostituição é a materialização do submundo patriarcal.

Tristemente, milhares de crianças e mulheres se tornam alvo da violência, tráfico e exploração sexual por se encontrarem na condição de

176 Lydia María Cacho Ribeiro, nascida na Cidade do México em 1963, é uma jornalista feminista e ativista dos direitos humanos. Em 2003 ela escreveu vários artigos jornalísticos sobre abuso e tráfico de menores no México e em 2006 publicou o livro “Los Demonios del Edén” com a denúncia de várias conversas entre empresários e políticos envolvidos em uma rede de pornografia infantil e exploração sexual. Após o lançamento do livro, Lydia foi presa, torturada e ameaçada de ser espancada e estuprada para que se mantivesse calada e se retratasse. É extenso o caso de uma das mais conhecidas jornalistas do México, país marcado por sua agressividade contra a liberdade de imprensa.

migrantes. Em situação de extrema pobreza ou fugindo de guerras e conflitos armados, essas pessoas se arriscam em busca do “sonho americano”, muitos são adolescentes sozinhos. Na fronteira internacional mais cruzada do planeta, milhares se deslocam do próprio México, Guatemala, Honduras, El Salvador, também chegam do Brasil, da Rússia, da Ucrânia e de tantos outros países. Anualmente, são registrados mais de 1 milhão de pessoas que tentam atravessar a fronteira ilegalmente (CBP, 2022).

Apesar da pandemia, em março deste ano, os Estados Unidos prenderam cerca de 210 mil migrantes que tentavam cruzar a fronteira. Na cruzada por uma vida melhor, os migrantes entregam o pouco que têm nas mãos de coiotos (cerca de U\$ 6 mil a 25 mil dólares) que prometem os guiar para o lado de lá do muro, onde o território é estadunidense. Durante todo percurso os migrantes ficam presos em abrigos e casas privadas para não levantarem suspeitas, atravessam rios em balsas improvisadas, caminham a pé por desertos em condições subumanas entre fome e sede, suportam o extremo calor e frio, vivem sob ameaça de bichos peçonhentos, ladrões, sequestradores e estupradores. Para conseguirem chegar até alguma cidade estadunidense onde possam se estruturar, muitos pagam uma quantia a mais para os coiotos que se esquematizam com policiais corruptos. Mas nenhuma garantia lhes é dada que chegarão ao destino. Inúmeros ficam retidos por dias e até meses em assentamentos, centenas e centenas deles, após passado todo desgaste e sofrimento, são deportados.

Para muitos que não morreram abandonados pelo caminho, o que era um sonho se torna um interminável pesadelo, pois já tendo avançado com os coiotos, não sabem como seguir em frente sozinhos ao mesmo tempo que já não têm condições físicas e financeiras de desistir e regressar ao seu país de origem. Estima-se que 1 em cada 3 mulheres migrantes é estuprada ao longo da jornada, aquelas sem documentos, são abusadas sistematicamente pelos próprios companheiros de viagem, traficantes e por autoridades policiais (MURRAY, 2020). Em meio as ciladas da morte pelo sonho de alcançar o solo estadunidense, crianças e adoles-

centes se tornam órfãos e reféns do mercado de tráfico de pessoas para toda espécie de crime.

O perfil dos migrantes tem mudado ao longo dos anos, se antes eram apenas de homens, hoje são famílias inteiras. Para cruzarem a América Central até a fronteira, inúmeros viajam clandestinamente em um trem de carga apelidado de La Bestia. Amontoados e pendurados, com fé e um pouco de sorte, encontram pelo caminho mães e voluntários solidários que lhes lançam com o trem em movimento, uma sacola com água e marmitta. Em meio a tanta ganância dos que governam e dos que exploram os oprimidos, um grupo de mulheres mexicanas conhecidas como Las Patronas doam seu amor e misericórdia na missão de oferecer algum alívio e conforto aos peregrinos já há quase 30 anos.

Las Patronas são um grupo de mulheres voluntárias da comunidade La Patrona, na localidade de Guadalupe (La Patrona), município de Amatlán de los Reyes, Veracruz, que desde 1995 dão alimentos e assistência a migrantes em sua passagem por Veracruz; principalmente nas vias do trem La Bestia. As mulheres preparam diariamente entre 15 e 20 quilos de feijão e arroz, cerca de 300 refeições diárias. Quando passa La Bestia, elas se aproximam dos trilhos dispondo de aproximadamente 15 minutos para lançar as sacolas com as marmittas, além de garrafas de água, para que os migrantes as peguem com o trem em movimento. Infelizmente, muitos maquinistas não têm coração e não desaceleram a máquina, de modo que muitas sacolas acabam por cair no chão, sem serem alcançadas pelos viajantes que se encontram exaustos. A trajetória do grupo na assistência e defesa de direitos dos migrantes recebeu diversos reconhecimentos, como o Prêmio Nacional de Direitos Humanos em 2013, Prêmio Nacional de Direitos Humanos Sergio Méndez Arceo em 2013. Em agosto de 2015 foram nomeadas ao Prêmio Princesa de Astúrias da Concórdia (SÁNCHEZ, 2020). Eu me emociono ao ver a cena¹⁷⁷, verdadeiramente, um ato de amor ao próximo, uma “inclusão menor”:

177 Las Patronas e sua ajuda aos migrantes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PMJ1JLWbbPk>

O que chamamos de Inclusão Menor é aquela que coexiste nas fronteiras, na linha divisória do enlace binário, excluídos/incluídos. É a que se constitui como micropolítica de resistência a partir de um *belief system* cujos pressupostos são indícios de um amor revolucionário que não desapega da condição humana fundamentada na liberdade de Ser e estar no mundo, com o mundo e com os outros. [...]. A Inclusão Menor se distingue, nitidamente, das políticas maiores de inclusão, somente acatadas por medo do braço da lei. Seus protagonistas se diferenciam destes que não enxotam o preterido invisível apenas por causa da lei, não obstante, não produzem uma escuta sensível, não querem saber quais são suas perguntas e, sendo rudes, constroem pela força moral sem darem ouvidos às preferências do reprimido. Estes, silenciadores de vozes, distanciam-se do ato revolucionário consciente de fazer a diferença para transformar o mundo em um lugar melhor para todos viverem. [...]. A Inclusão Menor se faz na conexão Humanidade-Amor e ecoa no coração dos oprimidos que, somente JUNTOS, é que nós podemos seguir em frente! Juntos, porque o núcleo duro da inclusão que fulgura a Inclusão Menor, demanda o Ser, o ir e o fazer-acontecer COM os outros. Envolve não apenas o sentido e o significado de promover o acesso do outro ao grupo social. Mas a re-significação social do que significa o pertencimento a partir do movimento mútuo de abraçamento da inclusão que se dá quando: incluir o outro é, ao mesmo tempo, eu me incluir a ele. E nesta mesclagem muito peculiar da inclusão, não podem haver espaços e consentimentos para justificativas roçadas pelo paradigma da distorção para o favorecimento de des-responsabilizações histórico-sociais. E é nesse movimento consciente onde o respeito ao outro deve se mostrar soberano às macropolíticas ambivalentes (ORRÚ, 2020, p. 128, 129, 239-240).

A realidade da rota da migração ilegal na fronteira México-Estados Unidos escancara a selvageria do Imperialismo Estadunidense que barra a entrada de cidadãos mexicanos no país ao mesmo tempo que se beneficia de várias empresas e multinacionais nas regiões fronteiriças que empregam a população local com salários irrisórios e em situações precárias.

O muro da separação simboliza não apenas uma divisão territorial entre 2 países, mas, sim, o *apartheid* entre o Norte economicamente desenvolvido de um universo Sul subdesenvolvido. Diversas dessas regiões cresceram sem nenhum tipo de planejamento urbano e são antros do narcotráfico, da exploração sexual, do desvio de interesses políticos e incomensurável desigualdade social. Por outro lado, revela a incapacidade e a indiferença dos países de origem dos migrantes clandestinos em conter a crise humanitária por meio de políticas públicas para uma vida digna de seus cidadãos des-esperançados de sobreviverem abaixo da linha da miséria, da violência e do medo do amanhã. Quanto sofre a *Nuestra America!*

NÃO MORREREI

Minha voz não ficará deserta,
 será ouvida na voz do vento,
 será repetida no timbre dos pássaros,
 no sussurro dos meus filhos.

A morte me verá o rosto
 e seguirá o seu caminho,
 Os cachorros soltarão latidos de medo,
 Porque vencerei a morte
 e o esquecimento.

Mesmo que meu corpo esteja desaparecido
 e tentem apagar meu nome,

Eu não morrerei.

Você disse como eu rezo, pai.

E aqui estou eu,
 repetindo sua voz,
 esperando que nunca morras,

que nossa palavra se torne ninho
e nunca se cale
(GARCÍA, 2019, p. 1, tradução minha)¹⁷⁸.

Pergunto à Luisa sobre a importância da educação contra uma moldagem machista na vida das meninas e das mulheres, ela me responde:

Eu recebi uma educação em que a mulher não era valorizada em nada com relação a sua capacidade de fazer o que quisesse de sua vida. As mulheres de modo geral, não eram bem vistas e significavam um problema para suas mães que se preocupavam com o destino de suas vidas. A mulher servia para se casar e se não conseguisse ou não quisesse, deveria ficar em casa quietinha para não dar trabalho. Hoje está mais evidente a luta das mulheres pelos seus direitos. No entanto, as mulheres indígenas, geralmente, não têm direitos. As mulheres Zapotecas, por exemplo, não têm direitos da terra, apenas quem tem direito da terra são os homens, mesmo que ficassem solteiras ou fossem filhas de alguém que tivesse uma propriedade comunal, ainda assim, não tinham esse direito. Hoje em dia as mulheres estão se unindo e se organizando mais em busca de seus direitos e contrárias a esse machismo que sempre coloca a mulher em um lugar de amante ou daquela que chegou a um determinado cargo pela via de um homem.

As novas gerações de mulheres têm se revelado muito atuantes, como na Marcha das Mulheres que foi maravilhosa tal qual a que ocorreu na Cidade do México e que eu nunca pensei que fosse ver isso acontecer. Esse movimento de união ajuda a diminuir o medo que as mulheres têm

178 Nadia López García também conhecida como Nadia Ñuu Savi, nasceu em 1992 na cidade de Oaxaca, México. É uma poetisa bilingue tu'un savi-espanhol. Tu'un savi diz respeito ao grupo de dialetos mixtecos que são falados por alguns povos do México. Nadia participa de recitais de poesias promovidos em diversos países e seus poemas têm sido traduzidos para vários idiomas. Sua obra se destaca na luta contra o preconceito e a discriminação de pessoas indígenas. Em colaboração com a organização do Primeiro Encontro Mundial de Poesia dos Povos Indígenas (CIESAS), dirigiu oficinas de criação poética para crianças e migrantes em diferentes estados do México. Vencedora de diversos prêmios literários, Nadia foi considerada como parte dos "Mexicanos mais criativos de 2018" pela Revista Forbes (FORBES, 2019).

de andar na rua sozinhas, de serem roubadas, sequestradas, assediadas, estupradas ou mortas. Minha mãe, por exemplo, não confiava em ninguém e me dizia que eu deveria ser cuidadosa com todos os homens para não lhes provocar, incluindo meu irmão, meu pai, meus tios, meus primos que fazem parte de minha própria família. É difícil crescer assim, é uma violência psicológica enorme que nos acompanha por toda uma vida e, em diversas ocasiões, sem a oportunidade de denunciar o homem que é potencial estuprador e assassino, por outras vezes, denunciar acaba sendo pior para a vida dessa mulher. Portanto, a educação contrária ao machismo tem a ver não apenas com a que é oferecida nas escolas, mas também dentro de casa, uma educação conjunta contra o patriarcado.

HOMENS NÉSCIOS

Argui como inconsequentes o gosto
e a censura dos homens que
nas mulheres acusam o que causam.

Homens néscios que acusais
à mulher sem ter razão,
sem ver que sois a ocasião
do mesmo que vós culpais:

se com ânsia sem igual
solicitais seu desdém,
por que quereis que obrem bem
se as incitais sempre ao mal?

Combateis sua resistência
e logo com gravidade
dizeis que foi leviandade
o que fez a diligência.

Quereis com presunção néscia
achar a que perseguis,
para pretendida, Taís,
e para a posse, Lucrecia.

Que humor pode ser mais raro
que o que falta de conselho
o mesmo que embaça o espelho
e sente que não está claro?

Com o favor e o desdém
tendes a condição igual,
queixar, se vos tratam mal,
zombar, se vos tratam bem.

Opinião nenhuma vence
pois a que mais se recata
se não vos admite, é ingrata
se vos admite, é leviana.

Sempre tão néscios andais
que com nível desigual
a uma culpais por cruel
e a outra por fácil culpais.

Pois como há de ser temperada
a que vosso amor pretende
se a que é ingrata ofende
e a fácil vos enfada?

Mas entre o enfado e o pesar
que vosso gosto insinua
bem haja a que não vos prefere
e a que em boa hora reclama.

Dão as amantes tristezas
asas a suas liberdades
e depois de fazê-las mal
as quereis encontrá-las bem.

Qual culpa maior há tido
em uma paixão equivocada:
a que cai por rogar
ou a que roga por ter caído?

Ou quem é mais culpada,
Ainda que tenha feito algo errado:
a que peca pelo pagamento
ou o que paga para pecar?

Pois para que vos espantais
da culpa que tens?
Querei-as qual as fazeis
ou fazei-as qual as buscais.

Deixai de solicitar
e depois com mais razão
acusareis a aflição
da que os fora a suplicar.

Bom, com muitas armas de fundo
que lida vossa arrogância
pois em promessa e instância
juntais diabo, carne e mundo
(CRUZ, 1994, p. 106-107, tradução minha)¹⁷⁹.

Em despedida, indago Luisa sobre um sonho e uma dor:

Meu sonho é viajar sozinha para vários países, fazer uma viagem sozinha de recolhimento e reflexão, conhecer toda a América do Sul. E minha dor é não ter a coragem de fazê-la porque tenho medo do que é capaz de acontecer com uma mulher.

A conversa com Luisa me foi um grande presente e me fez pensar sobre várias questões e circunstâncias difíceis em que as mulheres

179 Juana Inés de Asbaje y Ramírez de Santillana, conhecida por seu nome religioso, Sor Juana Inés de la Cruz, nasceu em 12 de novembro de 1651 em San Miguel Nepantla, atualmente, a cidade de Tepetlixpa, no México. Era filha considerada ilegítima do capitão espanhol Pedro Manuel Asbaje com a crioula Isabel Ramirez, tendo ele sido ausente em toda sua vida. Juana se escondia na capela que ficava na propriedade de seu avô para poder ir à biblioteca e ler às escondidas, pois a leitura era proibida às meninas. Aprendeu a ler e a escrever em latim aos 3 anos de idade. Foi muito precoce em todo o seu aprendizado em uma época de pouco acesso ao conhecimento, principalmente, para as mulheres. Aos 16 anos foi morar na Cidade do México e pediu a sua mãe que lhe deixasse se disfarçar de homem para poder ingressar na universidade. Com a recusa de sua mãe, Juana continuou a estudar sozinha. Foi dama de companhia na corte do vice-rei da Nova Espanha, onde seus conhecimentos e inteligência foram destacados de tal maneira que seus escritos ficaram conhecidos pelo reino e, admirada por muitos, recebeu diversas propostas de casamento, as quais ela recusou. No ano de 1667, entrou para o monastério de São José, mas em 1669 entrou para a Ordem das Jerônimas por terem regras mais flexíveis. Sua decisão de se tornar freira foi para poder se dedicar livremente aos estudos. É considerada a maior poetisa da segunda metade do século XVII pelo brilhantismo de sua obra lírica e dramática, bem como a precursora da crítica feminista. Em 17 de abril de 1695, após cuidar de várias freiras doentes em razão de uma praga que atingiu seu convento, Juana faleceu aos 43 anos de idade, deixando um legado gigantesco para a humanidade (PAZ, 1982).

mexicanas estão colocadas, simplesmente, por serem mulheres. A masculinidade exacerbada não é somente tóxica, mas ácida, pois primeiro ela corrói o espírito de inúmeros homens para depois, através deles, mutilar e matar a vida de incontáveis mulheres, quer seja no corpo, quer seja na alma. Esse comportamento destrutivo é construído ao longo da vida dos meninos e dos homens como materialização de um machismo e patriarcado mantidos e perpetuados no corpo social que subjuga as mulheres.

Uma das maneiras dessa realidade ser transformada, é por meio de uma educação para a vida, com respeito às diferenças, contrária à comunicação violenta, a favor da paz e da dignidade humana, de combate aos mecanismos de (re)produção da miséria e da ignorância, de valoração dos seres humanos, quer sejam mulheres ou homens, crianças ou idosos. Uma educação para a justiça e equidade social, convicta dos direitos e das liberdades de todas as pessoas serem quem são, independentemente de gênero, sexo, sexualidade, etnia, cor, religião ou qualquer outra particularidade.

Esta outra educação possível e urgentemente necessária, depende de cada uma, de cada um de nós. Ela pode e deve ser oferecida nas escolas, mas, principalmente, dentro de casa, por todas e todos nós.

NAKBA



Soa-me óbvio afirmar que nos anos 20 do século XXI temos como graves problemas globais a questão ambiental e os impactos sociais e econômicos causados pela pandemia Covid19; a escassez hídrica que afeta diretamente a segurança alimentar da população em vários territórios; a extrema pobreza que atinge mais de 263 milhões de pessoas em razão da pandemia e do abuso dos preços dos alimentos desde o início da crise na Ucrânia; a violência econômica que aflige a área da saúde gerando ainda mais sofrimento às pessoas; a violência de gênero enquanto flagelo ignorado principalmente contra meninas e mulheres; a fome que agoniza mais de 828 milhões de pessoas; a crise migratória mundial em decorrência de conflitos, violência generalizada, perseguições e desastres naturais que forçam as pessoas a se deslocarem de seu país de origem tendo este número já ultrapassado a 84 milhões de refugiados (UNHCR, 2021; OXFAM, 2022; ONU, 2022).

Estes incontestáveis problemas de ordem mundial são extremamente complexos de se resolver, principalmente porque quem os causa, os mantém e os perpetua são exatamente aqueles que poderiam os cessar. A crise política que se expande pelo planeta é uma ameaça constante à democracia em seu sentido mais pleno e íntegro, pois tem (re)animado a (re)vinda de regimes autoritários. E essa crise política não é fundada sob o compromisso de luta pelos direitos e necessidades dos cidadãos menos favorecidos das pátrias, mas pela aliança com os mais ricos para a manutenção e extrapolação de suas riquezas, custe o que custar. A ganância tem movido o mundo muito mais do que o amor.

Durante a Covid19 a riqueza de bilionários teve o maior aumento já registrado na história e, desde o início da pandemia, um novo bilionário é fabricado a cada 26 horas. Enquanto a pandemia se dispersava, os bancos centrais aplicavam trilhões nas economias para inibir o naufrágio

da economia mundial de modo que grande parte desse investimento foi destinado ao mercado financeiro que passou a compor o patrimônio líquido dos bilionários. O resultado do investimento de cerca de US\$ 16 trilhões de dólares na economia global foi o aumento da riqueza dos bilionários em US\$ 5 trilhões galgando de US\$ 8,6 trilhões para US\$ 13,8 trilhões desde março de 2021 em razão do aumento do valor das ações a partir da intervenção governamental. A exemplo, a concentração de riqueza nos Estados Unidos supera, neste momento, a da chamada Era Dourada do final do século XIX. E, enquanto milhares e milhares de pessoas choravam seus mortos em razão da calamidade pandêmica e agonizavam em razão da ausência de vacinas, falta de leitos nos hospitais e miséria, bilionários investiram no setor de viagens espaciais já lucrando com clientes que gastaram cerca de US\$ 250 mil dólares para contemplarem o Planeta Azul lá de cima, do lugar inalcançável para todos, menos para eles, os bilionários (OXFAM, 2022, p. 15).

A ganância é o elo que (re)úne líderes políticos com a elite suprema, aqueles mais ricos. Esse elo maldito é o que não protege os mais pobres do aumento geral nos preços de bens e serviços na economia refletindo na redução do poder de compra do dinheiro. É pela rendição à ganância que os governos deixam de oferecer apoio substancial por meio de outras formas de transferência de renda àqueles que se encontram em grandes desvantagens sociais. É pela obsessão à usura que esses perversos se esquivam de acabar com a miséria e de até mesmo construírem mecanismos decentes para o financiamento internacional da proteção social dos mais pobres que se encontram em países em grave situação de crise. Em sua cupidez, não se importam em proteger o poder de compra dos mais vulneráveis na mesma proporção em que não se dispõem a taxar as grandes fortunas e a tributar os lucros dos mais ricos. A avareza que envolve o anel de aliança entre os líderes políticos e os mais ricos se congratula com a exploração de crises e de conflitos armados como forma de lucrar excessivamente e, para isso, a indiferença quanto aos ideais para a defesa e consolidação de um mundo mais justo, mais sustentável e com

equidade social se sobrepõe aos reais pilares da Humanidade que diz respeito à benevolência, solidariedade, compaixão, fraternidade, empatia e espírito de coletividade em prol da vida digna e da paz como direito universal (ORRÚ, 2020).

O *apartheid* é o ato legalizado e institucionalizado da separação e segregação de pessoas em um esquema de castas por motivo de raça, gênero ou por ambas condições. É um regime de segregação racista de mecanismo colonial ofensivo e violento que aparta raças em grande escala por meio da separação de pessoas em lugares restritos. Ao longo da história não são poucos os registros de *apartheids* bem como da implementação de leis racistas e legitimadoras desse ataque cruel aos direitos humanos. Para além da África do Sul que torna o termo e o conceito do *apartheid* mundialmente conhecido, há diversos outros países que, descaradamente, promovem esse movimento tirânico de uma arquitetura de afastamentos a partir da (in)justificativa nacionalista de preservação da segurança de seu povo.

Os desdobramentos da violência colonial e de suas formas de *apartheid* recebem diferentes tinturas conforme o contexto geopolítico, cultural e social em que são produzidos, não obstante, o genocídio e as violências contra a diferença e as liberdades de ser e estar no mundo, com o mundo e com os outros, sendo diferente, são crimes assíduos. A exemplo, o regime hediondo que o povo Rohingya sofre na atualidade em Myanmar tendo sua população assassinada e suas aldeias incendiadas, de modo a forçar milhares de pessoas desse grupo étnico a fugirem para outras localidades.

No Sul da Ásia mais de 240 milhões de pessoas sobrevivem em condições de alta vulnerabilidade por serem discriminadas como intocáveis (*dalits*) na estrutura social de castas. Essas pessoas são forçadas a trabalhar em condições comparadas à escravidão, não têm direito à terra ou acesso a direitos fundamentais previstos no acervo de leis e políticas de direitos humanos, são frequentemente escoraçadas, maltratadas e até mortas por grupos de castas superiores e pela polícia, ambos com proteção do Estado. Na Índia, por exemplo, os *dalits* não podem cruzar a fronteira que os separa das castas superiores, nem usar os mesmos poços de água, frequentar os mesmos templos ou usar os mesmos utensílios domésticos.

As crianças são restringidas a permanecer no fundo da sala de aula nas escolas, rotineiramente, sendo vítimas de afrontas enquanto as mulheres *dalits* sofrem constantes abusos sexuais. Vilarejos inteiros ainda se encontram marginalizados e completamente segregados pelo sistema de castas que prevalece tanto na Índia como em regiões do Nepal, Sri Lanka, Bangladesh, Paquistão, dentre outros. São povos invisibilizados e esquecidos em um abissal e cruel *apartheid* desconhecido e ocultado pela mídia (ADHIKARI, 2015; SATTAR, 2015; ZAMAN, 2019; SAMARAKOON, 2022).

O *apartheid* nunca se encerrou tal qual o colonialismo só se trajou com outras vestimentas. Alemanha, Áustria, Bélgica, Croácia, Eslovênia, França, Grécia, Macedônia e Sérvia são países em que as mais profundas des-igualdades sociais são materializadas na forma de campos de refugiados onde tomar um banho frio de 6 minutos e ficar por mais de 3 horas em uma fila para receber um prato de comida, é rotina de quem não é concebido como gente merecedora de condições de vida digna, simplesmente, por ser humano.

Os campos para refugiados não têm sido um refúgio para seres humanos que se arriscam em busca e pelo desejo de terem uma vida digna e em paz. A revés, os campos têm se mostrado uma prisão ao ar livre, tal qual um campo de concentração, cujos carcereiros são os países mais ricos que, outrora, invadiram e colonizaram territórios cobiçados como sendo altamente potentes para a geração de riquezas e exploraram duramente seus nativos. Não tem preço a dívida histórica dos países colonizadores para com os povos barbaramente oprimidos, no entanto, há que se lutar por reparações na forma de financiamento de projetos de educação, saúde, cultura, qualificação profissional a serem criados e ofertados aos herdeiros desse ciclo de violências de toda espécie.

Na ilha grega de Lesbos, ao nordeste do mar Egeu, é explícito o *apartheid* que separa migrantes de europeus no campo de refugiados Moria¹⁸⁰. As condições des-humanas de sobrevivência são tão brutais que é

180 Reportagem em vídeo sobre o campo de refugiados Moria, na ilha grega de Lesbos: <https://www.arte.tv/es/videos/094793-000-A/arte-reportaje/>

imensurável a crise de saúde mental entre adultos e crianças. Relatos de automutilação, pensamentos de autoextermínio e suicídios entre crianças de até 12 anos, vítimas de traumas e violências extremas, têm sido cada vez mais frequentes. Mais de 70% das mulheres sofre com grave depressão e cerca de 1 milhão de crianças vivem desacompanhadas (BARRY, 2018; UNGER, 2020).

Já ao Norte da França, encontrava-se um campo improvisado de refugiados na cidade de Calais, apelidado de “Selva” e considerado como sendo um local de condições de existência piores que a própria selva. O campo perdurou durante mais de uma década e foi derribado no ano de 2016 sendo o retrato da incapacidade do governo francês de resolver a pior crise migratória de sua história pós-guerra. Além de ter sido o maior acampamento temporário de migrantes e refugiados, tornou-se a maior favela da Europa Ocidental. Mesmo embora o campo tenha sido destruído, ainda hoje, na floresta próxima a Dunquerque, há cerca de 2 mil migrantes e de 300 crianças desacompanhadas a espera de alguma solução para suas vidas. Muitos sonham em serem aceitos no Reino Unido, França e Alemanha (TAYLOR, 2021).

Segundo a Agência dos Direitos Fundamentais (FRA) da União Europeia, os ciganos são a minoria mais perseguida na Europa. Na República Tcheca as crianças ciganas são avaliadas como deficientes intelectuais e segregadas em escolas especiais. Eles costumam viver em bairros separados do restante da população e sem acesso aos mesmos direitos fundamentais. Na Hungria cerca de 90% dos ciganos se encontram sem empregos. Em 2018 foram registrados 5 ataques a acampamentos ciganos na Ucrânia com o objetivo de os afugentar, ferindo mulheres e crianças e destruindo todos os seus pertences. Na Holanda, Áustria, França, Bélgica e Reino Unido há tentativas do poder político de usar as minorias ciganas como culpados pela crise econômica ou pela forma que eles, os líderes, lidam com a gestão da crise. O que ocorre nesses e em outros países são

manifestações de um *apartheid* anti-ciganismo e Romafobia¹⁸¹ (ROMEIA. CZ, 2020; MIRGA-WÓJTOWICZ & FIAŁKOWSKA, 2022).

No Afeganistão, novas restrições às mulheres foram implementadas por líderes conservadores e intolerantes do Talibã neste ano de 2022 por ocasião da retomada do poder pelo grupo extremista que eleva sua ideologia austera e inflexível acima do bem-estar dos cidadãos. A ordem impetrada em maio obriga o retorno do uso da burca que cobre o corpo inteiro da mulher. A imposição é para evitar que homens que não sejam parentes próximos se sintam provocados ao se encontrarem com mulheres nas ruas e em outros espaços. Acrescentam que é melhor que a mulher fique em casa do que saia para trabalhar. Se a mulher des-obedecer e não cobrir seu rosto fora de casa com o uso da burca, seu parente homem mais próximo poderá ser preso ou demitido de cargos vinculados ao governo. Esta ordem restritiva afeta diretamente a mobilidade e a empregabilidade das mulheres afegãs. Igualmente, institui o retrocesso nas conquistas de direitos arduamente conquistados após o ano 2001, entre eles, o da escolha de como se vestir, além do acesso à educação e ao trabalho. Para Nahid Farid, ex-membro do parlamento afegão e ativista dos direitos das mulheres, a ordem representa um símbolo do *apartheid* de gênero, um plano e regime a ser executado pelos homens para o controle do corpo e da mente das mulheres, sendo estas, mais da metade da população afegã. Entre outras regras, as mulheres só podem embarcar em um avião acompanhadas de um homem, e meninas com mais de 12 anos não estão autorizadas a frequentar a escola enquanto os códigos de vestimenta apropriados não forem acordados (SHAMS; HEIN, 2022). Enquanto o planeta divaga e se esquece da crise no Afeganistão, o Talibã avança em suas políticas rígidas de afronta aos direitos humanos, especialmente, aos direitos das meninas e das mulheres. Eliminar as mulheres de seu caminho, é o propósito maior do Talibã.

Em Karachi, cidade mais populosa do Paquistão, país em que as mulheres, literalmente, são propriedades dos homens, há uma forma de

181 Romafobia: antipatia, medo, desprezo, ódio, desgosto em relação aos Roma e Sinti, pessoas coloquialmente chamadas de ciganos.

apartheid de gênero doloridíssima às mulheres: a internação, o abandono e o esquecimento por detrás dos muros de Bilquis Edhi¹⁸², o maior hospital psiquiátrico de toda a Ásia para mulheres. No hospital são tratadas, gratuitamente, mulheres com doenças ou transtornos mentais. Grande parte delas são vítimas de violência de gênero. A maioria dessas mulheres sofreu maus-tratos pela família e foi rechaçada pelo marido, conseqüentemente, é vítima do estigma social de ser uma má esposa e um peso para sua família. Neste ciclo de dores profundamente entranhadas, muitas dessas mulheres se sentem humilhadas, sozinhas e sem perspectivas futuras, sendo tomadas, lentamente, pela depressão e insanidade. Meninas e jovens mulheres com transtornos mentais que se perderam de casa ou que foram abandonadas pelas famílias, também são acolhidas no hospital e passam a ser residentes do mesmo. No Paquistão não é seguro a uma menina ou mulher se encontrar sozinha nas ruas, por isso a iniciativa de acolhê-las nesse espaço que se assemelha em sua infraestrutura física a um enorme presídio. Inúmeras mulheres são internadas pelos seus pais ou seus maridos que nunca mais regressam para as levar para casa. Como a mulher não tem o direito de decidir coisa alguma sobre a sua vida, ela depende que o seu responsável homem assine sua autorização de saída do hospital e, mesmo quando essas mulheres recebem alta médica, seus responsáveis se manifestam aos médicos e administradores que não querem suas filhas ou esposas de volta. Sem a permissão dos homens, estas jovens envelhecem e morrem segregadas no hospital e são chamadas de Fantasmas de Karachi (MUNTANER, 2020). No Paquistão, os homens podem tudo.

No Brasil é possível dizer que vivemos em um mecanismo de *apartheid* institucional onde “homens brancos gerem políticas para mulheres e homens negros”, sendo a população negra a principal a ser atingida pelas ações do Estado no contexto da saúde, educação e segurança (CAM-

182 O hospital leva o nome da enfermeira que dirigiu a Fundação Bilquis Edhi e que se dedicou por mais de 60 anos a servir a comunidade pobre de seu país, salvando milhares de bebês indesejados e os abrigando em centros de apoio. Ela também trabalhava no hospital no apoio às mulheres que nele se encontravam internadas e esquecidas. Bilquis recebeu vários prêmios nacionais e internacionais por seus serviços humanitários. Disponível em: <https://www.arte.tv/es/videos/093391-000-A/arte-reportaje/>

POS, 2022, p. 1). E esse *apartheid* tem sido constantemente negado pelos brasileiros, principalmente pela elite e, não surpreendente, pelo governo federal de extrema direita que maltrata o país com sua selvática política neoliberal. O *apartheid* étnico-racial e social se encontra impregnado em nossos muitos “brasis” desde a colonização e segue visguento em nossa cultura e em todos os espaços, inclusive, no espaço acadêmico onde a ciência é produzida contra a ignorância. O racismo é uma realidade no Brasil! E esse racismo estrutural é produtor de *apartheids* explícitos como velados aos menos atentos e descuidados. Darei alguns exemplos: configura-se *apartheid* a falta de oportunidades de educação e qualificação profissional para jovens mulheres e rapazes negros em universidades de modo a os separar da equidade de oportunidades e os lançar para lá da periferia das desigualdades abissais. É *apartheid* quando uma mulher ou homem branco afasta uma mulher ou homem negro de participar de ações diretas contra o racismo por entender que sua fala não é suficiente para combater a cultura criminosa do preconceito e da discriminação racial, desqualificando sua fala como dispositivo de silenciamento. O fato se agrava principalmente no caso do afastamento da mulher negra de ocupar tais espaços pois ela é vitimada duplamente por discriminação interseccional: primeiro pela raça, seguida de sua condição de ser mulher. É inegável o *apartheid* territorial que compõe a sociedade brasileira no qual os mais abastados frequentam espaços e vivem em bairros nobres onde prevalece a branquitude na mesma medida em que os espaços e bairros mais populares são frequentados e ocupados por uma grande maioria de pessoas negras. Esse *apartheid* pela diferença racial e de gênero é perverso, mantém e perpetua a (re)produção do racismo no país que também se sustenta do discurso meritocrático e do negacionismo do privilégio branco. Somente compreendendo a dinâmica do racismo estrutural é que podemos o combater.

O Holocausto, termo em hebraico para sacrifício animal em oferta a Deus, que diz respeito ao genocídio nazista contra os judeus que residiam na Europa, fundamentado no racismo e no antissemitismo, também representa um desenho do movimento do *apartheid* acontecido durante a Segunda Guerra Mundial. E, ainda nos dias de hoje, é fato que

não faltam justificativas neonazistas ou supremacistas que querem banir Israel da Terra e que se colocam no bojo negacionista do extermínio de cerca de 6 milhões de judeus, embora os números jamais se mostrem exatos. Negar ou relativizar o Holocausto é um modo de repelir o direito de existência do Estado de Israel. O massacre dos judeus está presente nos relatos de testemunhas que sobreviveram a esse horror, bem como registrado por meio de imagens, publicações e documentos que têm sido examinados por pesquisadores dos mais diversos países.

Durante o Holocausto as mulheres foram submetidas a práticas médicas hediondas. A ideologia nazista foi altamente misógina contra mulheres judias, polonesas, soviéticas, ciganas e com deficiência. Foram presas como cobaias para testes sobre os efeitos da sulfonamida para a cura dos soldados feridos nas batalhas, de modo que elas tinham suas pernas infectadas, seus ossos quebrados ou mesmo eram baleadas, para o desenvolvimento de gangrena e tétano. Com o mesmo objetivo, as mulheres também foram submetidas a doenças como sífilis e gonorreia. Eram hostilizadas, obrigadas a ficarem nuas diante dos soldados e terem sexo com eles para averiguar se eles se sentiriam melhor após os combates. Elas também eram obrigadas a entregar seus filhos para serem levados a outros campos de concentração que, depois de um tempo, eram enviados de volta só para que suas mães os vissem morrendo. O nazismo construiu mais de 40 mil campos de aprisionamento e extermínio, dentre outros centros prisionais. O trabalho forçado sob condições des-humanas e estarrecedoras era rotina das mulheres presas e segregadas nos campos de concentração. Mulheres grávidas e mães de crianças de colo eram classificadas como incapacitadas para o trabalho, conseqüentemente, eram enviadas para os campos de extermínio e conduzidas às primeiras fileiras enviadas às câmaras de gás. As judias ortodoxas eram as vítimas favoritas de atos de sadismo durante os massacres. Tanto as mulheres judias quanto as ciganas eram sadicamente usadas pelos médicos e pesquisadores alemães como cobaias em experimentos de esterilização, dentre outras pesquisas cruéis e antiéticas. Nos campos e nos guetos as mulheres eram frequentemente abusadas, espancadas e estupradas enquanto as grávidas

eram forçadas ao aborto. Aquelas que vinham deportadas da Polônia e da União Soviética para trabalhos forçados eram sistematicamente espancadas, estupradas e forçadas ao sexo com alemães em troca de comida e outras necessidades básicas. Mulheres que trabalhavam na cozinha roubavam pedaços de pão para que seus filhos não morressem de fome e, quando as crianças ficavam órfãs, as mulheres que estavam em melhor condição de saúde, adotavam essas crianças (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, 2022; HELM, 2017).

O *apartheid* de raça e gênero é uma questão a ser considerada e analisada no contexto ideológico nazista, materializado pelas atrocidades contra as mulheres dentro dos campos de extermínio e de trabalho. As mulheres tiveram importante participação na resistência ao nazismo. Muitas se arriscavam como mensageiras para levarem informações aos guetos, outras lideraram grupos de resistência dentro dos guetos e nos próprios campos de concentração onde eram enviadas para trabalhar. Outras participaram ativamente nas operações de resgate e socorro aos judeus. Milhões de mulheres sofreram perseguições, foram torturadas e assassinadas durante o Holocausto.

Sempre que o negacionismo político-religioso toma corpo, a incitação ao ódio e ao fascismo vem à tona com toda sua potência destrutiva e esse movimento costuma ser nutrido tanto pela extrema direita como pela extrema esquerda, pois a intolerância é o veneno que corre nas veias de ambos. Neste sentido é importante compreender que o negacionismo e o relativismo são alicerces para o fortalecimento do fascismo que, assim como o colonialismo, apenas muda de fardagem, mas permanece acompanhado do racismo, da xenofobia e dos extremismos intolerantes em seu desdobramento social, cultural, religioso e político. Negar o Holocausto não deve ser um fio condutor para se combater atos contraditórios e violentos de Israel contra os direitos humanos que devem ser resguardados como valores humanos inegociáveis. Levantar-se contra os negacionismos é salvaguardar a história em busca do conhecimento que nos permite analisar e compreender os caminhos, aparentemente, despreziosos das barbáries contra as liberdades e a dignidade humana.

Após as atrocidades ocorridas contra os judeus pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial, o movimento sionista¹⁸³ reivindicou a criação de um Estado judeu. Liderado pelos Estados Unidos e pela União Soviética, o Comitê Especial das Nações Unidas para a Palestina apresentou um projeto para o desmembramento da região da Palestina para a formação de um Estado judeu com 55% do território e de um Estado palestino com 45% do território. A proposta era semelhante a outras já realizadas de partição de territórios/povos, como foi o caso da Índia e do Paquistão em 1947. Assim foi criado o Estado de Israel em 14 de maio de 1948. Em meio a conflitos armados com as forças Palestinas e Estados árabes, Israel foi vitorioso e seguiu ocupando e ampliando o território para 75% da Palestina. A Jordânia ocupou e anexou a Cisjordânia enquanto o Egito ocupou a Faixa de Gaza. Os eventos conflagrados, decorrentes da criação do Estado de Israel, aumentaram e forçaram o deslocamento de cerca de 1 milhão de palestinos (civis) para fora das áreas anexadas por Israel. O desdobramento foi a dispersão de refugiados palestinos para campos que foram sendo estabelecidos no Oriente Médio e por todo o planeta (SANTOS, 2021). O êxodo de cerca de 750 mil a 1 milhão de palestinos que foram expulsos de suas casas ou que decidiram fugir em razão da guerra civil (1947-1948) e da guerra árabe-israelense (1948) foi nominado de *Nakba*, palavra árabe que significa “catástrofe”.

Cerca de 21% dos palestinos que vivem, hoje, no Estado de Israel, têm como seus ancestrais os palestinos que ficaram vivendo no país, sendo esta uma pequena minoria com relação ao número de palestinos que foram forçados brutalmente a deixarem suas terras por ocasião do proje-

183 O sionismo (derivado da palavra *Sion*, nome de uma das colinas da Terra Santa e que se tornou um sinônimo de Jerusalém ou da Terra de Israel), é um movimento político que defende o direito à soberania do povo judeu (os filhos de *Sion*) e à existência de um Estado nacional judaico no território onde historicamente existiu o antigo Reino de Israel. Propõe a supressão da diáspora judaica pelo retorno de todos os judeus ao Estado de Israel, criado em 1948. É um movimento fortemente nacionalista e identitário. Os judeus defendem o movimento sionista como sendo uma forma de combater o antissemitismo. Já os críticos do sionismo o consideram como um movimento colonialista e racista.

to colonial implantado no século XX para a criação do Estado judeu. Os palestinos acusam os israelenses de demolirem suas casas, invadirem suas terras, desapropriarem suas propriedades e restringirem sua liberdade de ir e vir. Cerca de 6,4 milhões de palestinos estão registrados como refugiados, 28,4% vivem espalhados entre os 58 campos da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA), entretanto, estes números não representam aqueles que foram des-localizados entre o período de 1949 a 1967, bem como após a guerra de 1967. Os dados estatísticos apontam que os palestinos representam 49,9% da população residente na Palestina histórica, enquanto os israelenses representam 50,1% da população, ocupando mais de 85% da região da Palestina histórica (MEMO, 2022).

No movimento contínuo de ocupar e colonizar as terras Palestinas, O Estado de Israel discrimina os cidadãos palestinos e nega aos refugiados o direito de retornar às suas casas dentre os demais direitos humanos fundamentais, recusando-se a cumprir o que foi estabelecido no Direito Internacional por decisão da Organização das Nações Unidas (OCHA, 2022). O confronto entre as duas nações não se trata de uma guerra entre Estados em condições de igualdade de recursos de luta, ele é totalmente desproporcional¹⁸⁴. Na realidade, o conflito se configura como sendo de base colonial por parte de Israel que é uma grande potência militar enquanto os palestinos possuem um armamento rudimentar. Neste contexto, a Palestina sofre um doloroso e catastrófico processo de limpeza étnica em virtude de uma necropolítica (poder social e político de decidir quem vive e quem morre) a favor do Estado de Israel.

A ocupação colonial tardia difere em muitos aspectos da primeira ocupação moderna, particularmente em sua combinação disciplinar, biopolítica e necropolítica. A forma mais bem-sucedida de necropoder é a ocupação colonial contemporânea da Palestina.

184 De 2008 até maio de 2022 foram mortos 6.036 palestinos e 273 israelenses. Durante os conflitos foram feridos 138.144 palestinos e 5.913 israelenses. Mais de 2 milhões de palestinos que residem em Gaza têm seu direito de mobilidade restringido, bem como de energia elétrica, água e assistência médica. Cerca de 80% da população de Gaza depende de ajuda humanitária (OCHA, 2022; HRW, 2022).

Aqui, o Estado colonial deriva sua reivindicação fundamental de soberania e legitimidade da autoridade de seu próprio relato de história e identidade. Essa narrativa é sustentada pela ideia de que o Estado tem o direito divino de existir; e então entra em conflito com outra narrativa pelo mesmo espaço sagrado. Como ambas são incompatíveis e suas populações estão entrelaçadas, qualquer demarcação de território com base na identidade pura é quase impossível. Violência e soberania, nesse caso, reivindicam um fundamento divino: o povo é forjado pela adoração de uma divindade, e a identidade nacional é concebida em oposição a outras divindades. História, geografia, cartografia e arqueologia supostamente apoiam essas reivindicações, relacionando estreitamente identidade e topografia. Como consequência, a violência colonial e a ocupação são profundamente subscritas pelo sagrado terror da verdade e da exclusividade (expulsões em massa, reassentamento de pessoas “apátridas” em campos de refugiados, estabelecimento de novas colônias) (MBEMBE, 2016, p. 135-136).

É lamentável o ódio que nutre os embates de ambas nações desde sempre e nos joga na cara como em nome de deus, guerras santas e profanas, fome, miséria, violências mil contra civis, podem ser levemente justificadas e legitimadas a qualquer custo. A questão entre palestinos e judeus é múltipla, plural, diversa e complexa. Não é meu propósito me alongar neste texto sobre os atritos políticos-religiosos milenares entre os descendentes de Abraão provindos de seus filhos, Ismael e Isaque. Porém, discutir como esse colonialismo patriarcal tem hostilizado as mulheres Palestinas, vítimas da masculinidade ácida que não se cansa de produzir conflitos e guerras abomináveis e sem fim, sempre em um espírito antagonista e ganancioso, ao invés de um espírito colaborativo, próprio de um paradigma do cuidado, tal como é o apreendido pelas mulheres.

Interessada nas questões da mulher Palestina, escrevi à Soraya Misleh, jornalista palestino-brasileira, membro da diretoria do Instituto da Cultura Árabe (ICArabe), da Ciranda Internacional da Informação Independente e da Frente em Defesa do Povo Palestino, mestre e doutora em Estudos Árabes pela Universidade de São Paulo, autora do livro

Al Nakba – um estudo sobre a catástrofe Palestina (MISLEH, 2017) que, generosamente, conversou comigo sobre o tema.

Sou de uma família palestina, de origem palestina, nasci em São Paulo, como a maioria dos palestinos que nasceu fora da sua Terra, mais da metade da população palestina vive fora da sua Terra, em um campo de refugiados ou na diáspora. O meu pai é um sobrevivente da Nakba, a catástrofe árabe a partir da criação do Estado de Israel. Meu pai tinha 13 anos de idade naquela época e vivia em uma aldeia chamada Qaqun que foi inteiramente destruída e a população foi expulsa violentamente. Essa é a origem da minha família paterna. A minha família materna é de uma outra aldeia palestina chamada Aqabah que ainda existe, mas que se encontra na área da ocupação. Portanto, a minha relação com a Palestina vem desde a infância. Durante toda a minha infância eu ouvia meu pai me contar as histórias do paraíso em que ele vivia e do qual ele foi arrancado violentamente. Ele nos contava que vivia em uma aldeia de 2 mil habitantes, cuja maioria da população palestina era camponesa e que vivia nas áreas rurais. Contava-nos que brincava livremente. E que havia uma minoria de judeus, os judeus muçulmanos, e que eles brincavam juntos, sem rótulo, porque isso não existia naquele momento. Dizia que tudo o que precisavam, a terra provia, pois eles eram camponeses e viviam da agricultura de subsistência, que eles não precisavam comprar nada, que ele teve uma infância simples, mas muito feliz. E, de repente, vem a tragédia, a catástrofe, e eles são arrancados dessa vida. Ele nos contava também sobre essa parte da vida que foi muito trágica para eles. E durante toda a minha infância, meu pai dizia que retornaria para sua terra, ele nunca deixou de dizer que voltaria para sua terra.

Meu pai nunca conseguiu voltar, assim como os refugiados palestinos não conseguem retornar a sua terra. Hoje ele tem 85 anos e vive no interior de São Paulo. E até pouco tempo, há uns 5 anos, dizia que queria ser enterrado na terra dele, e que se ele pisasse em sua terra e morresse, ele morreria feliz. Então ele sempre alimentou essa esta relação com a terra de um modo muito forte.

JUNTO AO SEIO DELA

Para mim basta morrer nesta terra
 sepultarem-me nela
 em seu solo úmido dissolver e sumir
 e renascer como erva sobre a terra
 renascer em flor
 machucada por mão de criança
 crescida na terra que é minha mãe
 para mim basta estar junto ao seio
 da terra que é minha mátria
 como solo
 como erva
 como flor

(TUQAN, 1985 *apud* COSTA, 2020, p. 54).

Penso que essa identidade Palestina, esse pertencimento, vem disso, da forma como os nossos pais nos passaram de geração a geração. Eu nasci no Brasil, mas me afirmo Palestina-Brasileira por conta disso, e vejo muitos palestinos manterem essa identidade, inclusive, porque na região, lá do Oriente Médio, se você é filho ou filha de um pai palestino, não importa onde você nasceu, você é considerado palestino. Assim, nós temos essa relação em termos de comunidade também vinculada a essa relação de identidade e de resistência. Eles quiseram nos apagar do mapa, mas pela nossa identidade e resistência nós matemos a memória para continuarmos contando a história dos nossos pais.

Então, essa minha relação com a Palestina vem desde criança, depois, fui criando consciência, estudando, lendo e percebi que era uma questão de justiça, uma questão dos direitos humanos. E quando eu tinha 40 anos, finalmente pude realizar o sonho de ir à Palestina. Foi muito emocionante! Pude encontrar a maioria dos meus familiares que ainda vive

na Palestina, tanto por parte de mãe como de pai, familiares que eu não conhecia. O meu pai é o caçula de 12 irmãos e todos já faleceram, o último faleceu em 2015, mas, na época, em 2010, havia um irmão do meu pai que ainda era vivo. E foi muito emocionante o conhecer porque ele se parece muito com o meu pai, tem o jeitinho dele. E como é uma família muito grande, eles estavam muito felizes e fizeram um jantar para mim junto com 70 primos e foi muito emocionante para mim.

Fui também para a aldeia da minha família materna e conheci os familiares que ainda não conhecia. Por conta da fragmentação da sociedade em razão da Nakba de 1948, é comum que as famílias palestinas se encontrarem espalhadas pelo mundo. Tenho familiares nos Estados Unidos, na Europa e em outros lugares, como também espalhados pela própria Palestina sob ocupação. E quando fui para esta aldeia que ainda é rural, tive muito daquele sentimento que tem a ver com aquela lembrança do meu pai. Tudo isso foi muito marcante para mim e, ao mesmo tempo, pude ver com meus próprios olhos o que é a ocupação e o apartheid. E como sou jornalista e também me dedico ao estudo desse tema, escrevo muitos artigos, faço palestras, participo de debates, faço denúncias, e quando voltei à Palestina por mais 2 vezes, Israel me negou a entrada.

E foi muito triste porque nas 2 vezes que fui, meu tio ainda estava vivo e não consegui o abraçar novamente. Isso foi muito triste! É uma situação que você tem um racismo desde a fronteira, um apartheid desde a fronteira. A primeira pergunta que Israel faz para quem é descendente de palestinos, para quem é de origem palestina, é: “qual o nome do seu pai e onde ele nasceu?”. Você já vê que não é uma situação comum em que eles tratam qualquer pessoa, um turista de qualquer lugar, mas, sim, é uma discriminação de racismo, que tem a ver com a recusa ao direito de retorno. Há uma chantagem para toda uma comunidade de que se você denunciar a existência desse apartheid, se denunciar a ocupação e a colonização, você não poderá rever seus familiares. Isso não é uma coisa individual, mas é um modo de chantagear toda uma comunidade, chantagear uma pessoa que está denunciando a situação.

E foi muito triste, especialmente na segunda vez, porque nós organizamos uma missão humanitária e a metade era de jornalistas, e eu estava com 15 pessoas. Havíamos feito todo o contato com o governo brasileiro, inclusive, explicando sobre essa dificuldade de entrarmos na Palestina para que eles pudessem fazer essa diplomacia para nós. Existia em nós uma esperança muito grande de podermos entrar. E apenas eu e mais uma pessoa que também tinha nome árabe, não fomos autorizados a entrar. Fiquei muito chateada, arrasada, muito triste com aquele impacto da discriminação e, também, por ver meu tio chorar do lado de lá e o meu pai chorar aqui. Foi terrível este sentimento. [Lágrimas]

Desculpa, fico até emocionada. E percebi que a melhor maneira de responder a isso era continuar, era não silenciar, era não deixar que eles nos chantageassem, pois, na realidade, eu posso fazer e faço muito mais pela Palestina estando aqui fora, na minha situação de jornalista, do que simplesmente estando lá por 10 ou 15 dias. É claro que eu adoraria fazer isso porque sinto que lá é minha casa também, mas continuo fazendo o que eu posso, e que é muito pouco perto do que um palestino resiste todos os dias, porque lá a resistência é tudo, é quando se vai à escola ou ao trabalho e se resiste passando por um monte de checkpoints¹⁸⁵. Ter uma filha ou um filho no hospital é resistência, pois muitas mães não conseguem e acabam tendo seus filhos em postos de controle. Essa resistência dos palestinos é admirável e já dura mais de 72 anos.

Então, a forma que eu posso contribuir e me manter vinculada com essas raízes vivas, é continuar a denunciar e não aceitar essa chantagem. Eu me inspiro muito nessa resistência daqueles que dedicaram a sua vida a essa causa e sempre penso que estou fazendo muito pouco com relação ao que a Palestina merece, bem como pelo meu pai, uma homenagem ao meu pai por manter viva essa história que ele me contou desde criança.

Eu espero um dia pisar na Palestina, eu tenho esse sonho que agora é meu, não é apenas do meu pai, mas é meu também, e poder abraçar meus familiares, mesmo embora eu não tenha essas ilusões de achar que isso vai acontecer mediante a ocupação. Penso que, hoje, o sionismo está em seu pior momento em termos de imagem para o mundo e o imperialismo

185 Postos oficiais de fronteira para controle e verificação.

também vive uma crise como vemos nos Estados Unidos. Isso alimenta a minha esperança, mas também sei que isto que estou falando hoje, não é para mim, mas poderá ser para os meus filhos, para os meus netos, para os meus bisnetos, é uma semente para mantermos viva a Palestina e a ideia de que a Palestina sempre existirá, porque ela existe, ela existe para esse povo, e existência é resistência, e esse é o caminho para a libertação da Palestina. Nos últimos anos tivemos ações que só expandiram a colonização e, para mim, a única saída e solução para uma Palestina livre, é o retorno dos refugiados, que é uma questão inegociável e inalienável.

Quem apaga a guerra dentro de mim
e me empresta um pouco de esquecimento?
Quem redefine minha noite
e a dos rebeldes mais eminentes embaixo dos destroços?
Quem devolve nossos passos às calçadas
e devolve a elas seus nomes?
Há alguém que se atreva a beliscar minha bochecha
diante da falta de sono e da fúria do bombardeio?
Alguém aqui corajoso o bastante
para amaldiçoar a guerra escondida em nosso pão?
Alguma janela onde eu reúna as nuvens do fim do dia
e impeça a noite de dar os primeiros passos?
É possível comprar uma língua
um coração tranquilo?
Quem sabe assim eu possa falar da carnificina
ou apagar, talvez,
o fogo da guerra dentro de mim
(ALMASSDAR, 2022)¹⁸⁶.

186 Muna Almassdar é graduada em Literatura de Língua Inglesa pela Universidade de Alaqa, em Gaza. Poeta e escritora de artigos em árabe e inglês. Seu poema foi tra-

O sonho da libertação e independência da Palestina tem movido muitas mulheres palestinas a se posicionarem com tenacidade diante da barbárie machista que se bifurca pelos trilhos da tradição patriarcal como pelos trilhos da colonização e ocupação israelense. Este afinco de coragem se destaca ainda mais quando levamos em conta a militarização enquanto fenômeno masculino que submete as mulheres à subalternidade. Apesar de toda a opressão, as mulheres se fazem presentes nas lutas, nas lideranças, nas organizações e ações de resistência palestina, quer seja nas pejejas pacíficas, quer seja nos enfrentamentos de massa e protestos, na resistência cultural e civilizacional ou nos espaços de luta política e militar, dentro e fora dos territórios em ocupação (OMAR, 2022).

As mulheres Palestinas têm um protagonismo na luta contra a colonização que vem desde o fim do século XIX e começo do século XX. É óbvio que tem um peso da tradição e elas enfrentam uma dupla luta, que é a luta contra a opressão machista e contra a colonização. É por isso que falo sempre sobre o feminismo anticolonial. Essa opressão não é por uma questão cultural ou geográfica, mas uma questão que tem um vínculo direto com a colonização, tal como tem um vínculo direto com a classe e o capitalismo. Existe opressão lá e existe opressão aqui, e esta não é uma questão por ser ou não ser árabe, na realidade, é um tipo diferente de opressão que demanda um olhar distinto. Porque se você lança um olhar ocidental sobre aquelas mulheres é como se elas precisassem ser salvas, e isso não é verdade. Elas têm organizações feministas, têm movimentos de mulheres, elas têm lutado contra a opressão machista e contra o feminicídio.

Em 2020 foram cerca de 30 casos de feminicídio, em outubro aconteceu o caso “Larissa” que foi muito divulgado e foi quando as mulheres foram às ruas e deram um exemplo para o mundo exigindo a revogação de uma lei que era permissiva com o crime de honra. Os chamados “crimes de honra” não são crimes de honra e, sim, feminicídios. E essas mulheres conseguiram

duzido por Alexandre Facuri Chareti e publicado no livro “Gaza, Terra da poesia”, coletânea organizada por Muhammad Taysir.

uma vitória em relação a isso, que era reformar essa lei. Elas também formaram um novo movimento feminista de mulheres jovens na Palestina.

O lugar de fala delas depende muito, pois há uma grande diversidade na Palestina, assim como em toda a região, não é algo uniforme, homogêneo, não há um Oriente todo igualzinho como se todas as mulheres enfrentassem as mesmas coisas, como se todas usassem véu ou todas fossem muçulmanas. Não é isso, há mulheres palestinas que são cristãs e tudo depende muito da tradição da família, da região, e isso acontece em todo o mundo árabe e na Palestina não é diferente.

No âmbito doméstico, é o homem quem domina, como em toda casa. A mulher deve esquecer que a palavra “não” existe na língua, exceto quando ela afirma o “não há deus senão Deus” durante as abluções e orações. Quanto ao “sim”, termo a ser repetido por ela como um papagaio, é-lhe ensinado desde o momento em que está sendo amamentada, a fim de que a palavra cole e se fixe em seus lábios pelo resto da vida (TUQAN, 1985, p. 16 *apud* GONÇALVES; SLEIMAN, 2021, p. 161)¹⁸⁷.

Há mulheres que estão nas ruas, aliás, hoje, a vanguarda é muito feminina, na vanguarda da resistência há muitas jovens mulheres. As jovens mulheres estão nas ruas e elas têm um lugar de fala, elas têm seu lugar de fala na luta contra a colonização e isso é uma conquista delas. Conquista onde elas denunciam a opressão machista, a colonização e entendem que a colonização favorece essa opressão machista, o que é uma situação de você existir, inclusive, mantendo certas questões e certos hábitos que já pode-

187 Fadwa Tuqan nasceu em Nablus, Palestina, no ano de 1917. Filha de uma família abastada, estudou até os 13 anos, mas em razão de uma doença, precisou deixar a escola. Seu irmão, o poeta Ibraim Tuqan, oportunizou que Fadwa tivesse acesso à educação por meio de livros, além de lhe ensinar o inglês e lhe apresentar a poesia. Posteriormente, estudou inglês e literatura na Universidade de Oxford. A poesia de Fadwa é conhecida por seu espírito feminista e revolucionário, existindo em uma sociedade tradicionalmente conservadora e patriarcal. Moshe Dayan, ex-ministro da guerra israelense, afirmou, aludindo à ousadia e à coragem da poetisa em seus poemas: “cada um dos poemas de Fadwa Tuqan cria 10 combatentes da resistência” (NOFAL, 2018). Ela faleceu em 12 de dezembro de 2003 em sua cidade de origem.

riam ter sido derrubados ou mudados se não houvesse a colonização. Nawal El Saadawi, autora que também foi uma ministra egípcia, diz em um de seus livros que é a resistência das mulheres palestinas daria para encher um capítulo só com o nome dessas mulheres e, como em todas as situações, não sendo essa uma exclusividade só da Palestina, os nomes das mulheres da resistência não costumam aparecer ou serem registrados.

Nos anos 20 elas começam, já havia a associação de mulheres na Palestina desde o começo do século XX, mas no início eram associações ligadas às questões humanitárias e assistenciais. Os anos 20, depois da Declaração de Balfour¹⁸⁸ e pós primeira guerra mundial, em que a mandata, a Grã-Bretanha, fica com o mandato sobre a Palestina e começam a colonização sionista mais agressiva, as mulheres já começam a se organizar para mudar isso. Há uma ruptura com a tradição porque não era de costume a mulher ir para a luta, e em outubro de 1929, acontece o primeiro Congresso de Mulheres Árabes em Jerusalém, a partir daí elas vão se organizando.

Durante os anos 30 elas fortalecem esse movimento e participam ativamente da Revolta Árabe (1936-1939) na Palestina, o movimento que chegou mais próximo da libertação da Palestina e que era uma revolta contra a Declaração Balfour¹⁸⁹ e o mandato britânico que favorecia essa colonização. Em 1936 havia as brigadas que eram mistas e, depois de 1948, havia as brigadas de mulheres para resistir, então, as mulheres sempre estiveram na linha de frente.

Nos anos 60 e 70, já tínhamos mulheres participando de ações diretas, e isso segue até hoje, tanto é que temos cerca de 40 mulheres Palestinas que são presas políticas. Inclusive, há também jovens meninas de 16, 15 anos participando do movimento.

Você vê, hoje, as mulheres, as meninas, na rua, é uma vanguarda muito feminina de jovens mulheres que estão na resistência e estão enfrentando tanto a opressão machista quanto a colonização por meio dos novos

188 Declaração de Balfour de 1917: carta escrita por Lord Balfour ao chefe da Organização Mundial Sionista que dá a aprovação britânica para a criação de um estado nacional judaico na Palestina.

189 Para maiores informações a respeito da Declaração de Balfour de 02 de novembro de 1917, conferir a referência Tahhan (2018).

meios feministas anticoloniais. Elas lutam o tempo todo pelo seu lugar, esse lugar de fala que é uma luta que elas mesmas travam e buscam por si mesmas e estão conquistando as suas conquistas.

Então, é uma realidade que existe a opressão machista, mas elas, as próprias mulheres palestinas, estão lutando contra isso e por suas conquistas. As mulheres palestinas não precisam ser salvas pelo Ocidente. Não precisam dessa ideia de levar uma civilização para lá, elas não estão em uma sociedade bárbara, não são oprimidas por natureza ou por terem nascido lá, ou pela questão geográfica, ou por uma questão cultural. Por isso nós sempre estamos dizendo: apoiem essas organizações feministas porque as próprias mulheres palestinas sabem muito bem o que fazer e estão lutando por isso.

Ela estava, na verdade, enfrentando uma forte luta pessoal contra a tradição, primeiramente por meio do lamento feminino, e depois, quando sua consciência se aguçou com o passar dos anos, por meio do protesto e, finalmente, pela autoafirmação, que foi seu grande triunfo. Foi depois que ela ganhou sua luta contra seu status rebaixado como mulher que ela foi capaz de participar livremente na luta política nacional contra o inimigo externo [...]. Foi somente sua conquista de liberdade pessoal que abriu espaço para o envolvimento público com a vida política, em um momento em que seu país estava mergulhado em desastres consecutivos (JAYYUSI, 1987, p. 10-11 *apud* GONÇALVES; SLEIMAN, 2021, p. 172)¹⁹⁰.

Além da luta da mulher palestina contra a opressão machista, ela também se encontra em um duelo de resistência contra um feminismo ocidentalizado que não a contempla e tende a não reconhecer seu enfrentamento e suas distintas maneiras de resistir à cultura machista estabelecida em seu território e fronteiras. Os modos de resistência feminista não

190 Salma Khadra Jayyusi, filha de pai palestino e mãe libanesa, nasceu em Safed em 16 de abril de 1925. Estudou literatura árabe e inglesa pela Universidade Americana de Beirute. Casou-se com um diplomata jordaniano e teve três filhos. Em 1970 obteve seu doutorado em Literatura Árabe pela Universidade de Londres. Foi professora na Universidade de Cartum, Argel e Constantine. Realizou diversas conferências no Canadá e Estados Unidos. Em 1980 fundou o Projeto de Tradução do Árabe cujo objetivo é oferecer tradução da literatura árabe para o inglês. Disponível em: <https://www.palquest.org/en/biography/9861/salma-khadra-jayyusi>

são únicos, muito menos podem ser fixados ou reputados em padrões determinados por uma cultura majoritária, no caso, a Ocidental.

Na realidade, o feminismo é uma questão emergente que se diferencia em sua própria diferença a partir das demandas das mulheres e de toda a multiplicidade, a pluralidade, a diversidade e a singularidade que as constitui. O núcleo duro do feminismo se opõe a toda e qualquer forma de opressão machista-patriarcal, controle e subalternização da mulher, no entanto, o processo de sua materialização na vida das mulheres tem seu próprio tempo e particularidades.

A questão do feminismo não deve ser o uso do véu pelas mulheres muçulmanas, por exemplo, mas, sim, o direito e o poder delas decidirem se querem ou não usar o véu, ou seja, a problemática é a imposição machista do uso do véu e não a livre escolha da mulher que decide o usar. Se no Brasil parir filhos no hospital é algo tão comum que nem reconhecemos como uma conquista das mulheres brasileiras, na Palestina é ato de resistência e celebração por uma conquista negada a inúmeras mulheres. Se ter filhos no Ocidente é algo natural e, muitas vezes, indesejado, para as mulheres palestinas é uma questão de luta e resistência pela causa Palestina para garantir a existência, a descendência e a resistência do povo palestino.

Sem dúvida, releva-se a importância dos corpos das mulheres na luta e na resistência contra a colonização e a ocupação, corpos enigmáticos e potentes que eles tencionam controlar e assujeitar. Sob a lente do respeito as diferenças e as liberdades de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo diferentes, é que precisamos desenvolver um entendimento sobre as emergências dos distintos e diversos feminismos basilares às muitas mulheres.

Sobre a brutalidade da ocupação israelense contra as mulheres palestinas, Soraya elucidou:

Já passaram pelas prisões israelenses mais de 10 mil mulheres desde 1967, atualmente, há cerca de 40 mulheres que se encontram na condição de presas políticas e a tortura está institucionalizada. Cerca de 95% dos

presos políticos palestinos, que hoje são 5 mil, incluindo 240 crianças, ou seja, menores de 18 anos de idade, são condenados até 20 anos de prisão até por jogarem pedra em tanques israelenses, por exemplo. E é lógico que no caso das mulheres, em uma questão de tortura institucionalizada como esta em que 95% sofrem tortura nos cárceres israelense. E é possível de se imaginar o que é a tortura em relação à mulher, e há relatos sobre isso, há estupros e há ameaças de estupro. Em uma sociedade tradicional, assim como é o caso da Palestina, as ameaças de estupro são terríveis, ameaçar ou estuprar uma mulher é terrível em qualquer situação ou lugar, e isso é algo que acaba por se estender em toda comunidade. A violência, a humilhação sexual e também as ameaças e os estupros também são utilizados nas prisões políticas israelenses. A violência contra mulher também acontece a partir de falas obscenas para uma mulher Palestina que está passando, ou quando um soldado israelense a humilha, quando aquelas mulheres muçulmanas que usam véu os têm arrancado pelos soldados, e isso é uma coisa muito agressiva e muito ofensiva. É violência quando a mulher acaba tendo seu filho no posto de controle por não conseguir chegar no hospital. Tudo isso são situações muito presentes na vida daquelas mulheres Palestinas.

Há uma frase muito conhecida de Paulo Freire que diz: “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”. Para você, qual é a importância de uma educação libertária para as meninas e mulheres palestinas?

É fundamental! Uma educação para a libertação é fundamental em qualquer parte do mundo. E, inclusive, tal como eu estava lhe falando daquelas mulheres que começaram lá atrás, nos anos 20, elas tinham uma preocupação muito grande com a educação das meninas. Elas abriam escolas e as organizavam, mulheres que naquela época eram da classe média e alta. Foram elas que começaram, porque nos campos a luta era diferente, a maioria da população era camponesa, mas nas regiões urbanas, elas eram mulheres de elite, ou mais ou menos de elite, e foram elas que começaram a lutar pela criação de centros de escolas femininas para meninas. Sempre existiu uma preocupação muito grande com a educação feminina por parte

dessas mulheres, pela abertura de escolas para mulheres e meninas, inclusive, é impressionante esse dado porque as Palestinas têm um alto nível de educação, apesar de toda a situação que vivenciam. Muitas são educadas, escolarizadas e chegam até a faculdades, apesar da ocupação israelense. E isso mostra a importância que se dá na resistência à essa educação e, além disso, por uma educação pela libertação. Por isso os pais fazem questão de contar para suas filhas e filhos as histórias que não estão presentes nos livros didáticos, aquelas histórias que em casa são passadas de geração em geração, histórias que não puderam ser destruídas pela colonização, pela Nakba e pela ocupação, histórias que ainda se mantêm vivas porque elas nos são contadas em casa, os pais as contam para seus filhos, eles educam os seus filhos para essa libertação.

Uma educação para libertação é muito importante. Ao mesmo tempo, é importante também se dizer que às vezes, a própria mãe reproduz a opressão machista, e isso não é uma exclusividade da Palestina. A mãe sofre com o machismo e acaba por trazer essas questões para a filha e incute na cabeça da filha que ela deve se portar de um jeito ou de outro, tal como acontece nas famílias mais tradicionais, mais conservadoras. Essa questão é uma luta que precisa muito de conscientização e de educação, educação no sentido amplo, tal como Paulo Freire nos dizia.

Os campos para refugiados não têm sido um refúgio para seres humanos que se arriscam em busca e pelo desejo de terem uma vida digna e em paz. A revés, os campos têm se mostrado uma prisão ao ar livre, tal qual um campo de concentração, cujos carcereiros são os países mais ricos que, outrora, invadiram e colonizaram territórios cobiçados como sendo altamente potentes para a geração de riquezas e exploraram duramente seus nativos. Não tem preço a dívida histórica dos países colonizadores para com os povos barbaramente oprimidos, no entanto, há que se lutar por reparações na forma de financiamento de projetos de educação, saúde, cultura, qualificação profissional a serem criados e ofertados aos herdeiros desse ciclo de violências de toda espécie.

As mulheres palestinas representam 3,9 milhões da população presente nos territórios palestinos que foram ocupados militarmente em 1967 (1.8 milhão) e se encontram vinculadas em organizações em prol da luta por educação saúde, contra o sexismo e a ocupação militar por parte do Estado de Israel. Inúmeras mulheres palestinas também se encontram em luta nos campos de refugiados (MISLEH, 2019). Os palestinos, em razão da ocupação israelense, encontram-se em condição de refugiados dentro de sua própria terra, tendo sido forçados a ser deslocarem internamente.

Existem campos de refugiados dentro e fora da Palestina, os campos de dentro são dos deslocados internamente, são aquelas pessoas que viviam na área de 1948, ou em uma área ocupada em 1967, uma aldeia que foi destruída, arrasada e tiveram que sair dali para outra cidade ou para um outro lugar e, ali, construíram um campo de refugiados. Mais tarde, esses lugares se tornaram campos oficiais da UNRWA, Agência das Nações Unidas para Refugiados Palestinos, criada em 1949 em razão da dramaticidade da situação dos refugiados naquele momento, criada para cuidar especialmente dos refugiados palestinos. A mais longa situação de refúgio da era contemporânea é a dos palestinos. Para você ter uma ideia, Gaza é formada de quase 80% por uma população de refugiados da Nakba, pessoas que foram forçadas a se deslocarem internamente. Os campos de refugiados, hoje, têm uma aparência similar a uma comunidade do Rio de Janeiro, uma favela, digamos assim. Antigamente eram tendas montadas pela ONU, hoje são como favelas, com a diferença que, muitas vezes, não é permitido construir em cima, mas é a mesma situação, você vê ruas estreitas, às vezes a céu aberto, em uma situação de controle muito grande em que as pessoas têm cerceadas a sua liberdade de ir e vir, onde há muita situação de pobreza, de carência, de vulnerabilidade, de aglomeração. Imagina tudo isso em um contexto de pandemia, com 8, 10 pessoas morando em um lugar muito pequeno, em uma casa muito pequena, mal ventiladas, assim são os campos de refugiados dentro da Palestina. Eu visitei um campo de refugiados quando estive lá e, quando você conversa com as pessoas que estão nesses campos, você percebe esse sentimento dolorido, mas também,

ao mesmo tempo, percebe resistência, a consciência de que é preciso resistir porque resistir é sobreviver, é existir. E essa é a situação em que o palestino vive, a de ser estrangeiro em sua própria terra.

A ideia simplista do Ocidente se limita a fixar o povo palestino em um enquadramento de ausência de civilização, como se tivesse estagnado em sua cultura a ponto de não se desenvolver economicamente ou culturalmente. Todavia, essa não é a realidade, sem dúvida, a ideia pulverizada subsiste ancorada no paradigma da distorção, uma vez que o *apartheid* provido pela colonização e ocupação israelense se desdobra em brutal segregação, subjugo e marginalização. Em outras palavras, não é que os palestinos são um povo atrasado e que não foram capazes de criar tecnologias para se desenvolverem e se auto-sustentarem, porém, são vítimas brutais de um projeto colonial, de um processo selvagem de colonização e ocupação genocida. Um regime trágico, como a própria expressão *Nakba* conota, uma catástrofe que impediu o que a Palestina poderia ser no amanhã. E, como desdobramento desse paradigma da distorção, os palestinos também precisam lidar com os estereótipos sociais que lhes foram imputados.

Eu gostaria de convidar as pessoas para buscarem conhecer melhor os palestinos e saberem o que é a Palestina e sua questão para desmontarem os muitos estereótipos que foram construídos ideologicamente para justificar a manutenção da ocupação. É muito importante destruir esses estereótipos porque nós não somos terroristas. Em muitas ocasiões em que eu estava trabalhando, havia pessoas brincando comigo e dizendo, mesmo sem intensão: “ô, mulher bomba”. Nós não somos terroristas, terrorista é o Estado, nós não somos terroristas, nós resistimos sobre todas as formas de opressão: na poesia, nas letras, com palavras, da forma que nos é possível em uma situação como essa.

É preciso conhecer mais sobre o tema e conhecer os palestinos, saber que existe uma diversidade, para desconstruir essa ideia homogênea de que todo mundo é igualzinho, como se tudo fosse uma novidade, inclusive as mulheres. Não é uma novidade, as mulheres também estão lutando, elas

fazem parte desta luta faz muito tempo. Eu gostaria que as pessoas buscassem conhecer os palestinos e também ouvir o que eles têm a dizer, há muitos vídeos no Youtube sobre isso, e que também fossem solidários com a causa Palestina, que abraçassem a campanha de solidariedade internacional “Boicote, Desinvestimento, Sanções (BDS)”¹⁹¹ que é baseada na campanha que ajudou a pôr um fim no Apartheid da África do Sul dos anos 90. É uma campanha de justiça para que possamos, finalmente, vermos a Palestina livre e compreender que a causa Palestina também é uma causa internacional. Sanções (BDS)

À sombra das oliveiras
Na folhagem do limoeiro
Nos olhos dos pássaros
Nas lágrimas das crianças
Procu-ro-te
No cume do vulcão vermelho
Sobre a terra plantada de tomilho
Ó minha grande alegria
Ó minha imensa alegria
Ó pátria da tristeza, irrompe em erupção!
Se prestarmos culto a outros deuses
À sombra das tuas cinzas
Seremos pendurados na forca!
Poderemos esquecer
Que pertencemos à terra em gestação?
Poderemos esquecer
Que provimos de uma raiz mais profunda?
Ó pátria da tristeza, irrompe em erupção!

191 Boicote, Desinvestimento, Sanções (BDS). Disponível em: <https://bdsmovement.net/pt>

Ó pátria da tristeza, irrompe em erupção!
 [...]. (AWWAD, 2010, p. 16)¹⁹².

Emotiva, Soraya compartilha comigo sua dor e sonho:

Uma dor é continuar a ver essa injustiça histórica em relação aos palestinos, ver que essa injustiça histórica continua acontecendo em várias partes do mundo também, porque a comunidade internacional é cúmplice disso. Uma injustiça histórica na qual os palestinos não podem pisar na Palestina até hoje. A dor é saber que meu pai vai morrer sem voltar a ver a sua terra, e essa é uma dor terrível. O sonho é ver a Palestina livre, é o sonho de poder voltar para a essa terra.

Conversar com Soraya Misleh, perceber suas emoções ao falar de seu povo, de sua Terra, aprender com ela sobre a questão Palestina, foi para mim uma oportunidade singular de, mais uma vez, não me acomodar à zona de conforto das (des)informações massivas que tendem a silenciar e invisibilizar o outro do outro que tem tudo a dizer sobre a história de si, para si e para os outros.

Dores são incomensuráveis, não pode haver comparações entre elas, dor é dor. As dores descomuns do Holocausto e toda a luta dos judeus para permanecerem existindo como povo e nação não deveriam ser justificativas ou linhas de fuga perversas para a ceifa Palestina. A realidade em que vive os palestinos é cruel e revela o quanto o ser humano, com ou sem deuses, pode ser inclemente e feroz.

Quando seremos capazes de dizer a nós mesmos: chega de guerra, chega de fome, chega de miséria, chega de terror, chega de *apartheids* e

192 Hanan Awwad nasceu em Jerusalém no ano 1951. Escritora e poeta, é licenciada pela MacGill University e coordena o Departamento de Estudos Culturais e o Departamento de Humanidades do Colégio de Ciência e Tecnologia de Jerusalém. Sua poesia reflete a contínua ameaça que paira sobre os palestinos e tudo o que lhes pertence. Em 1988 fundou a Liga Internacional das Mulheres para a Paz e a Liberdade com o propósito de enfatizar o papel da mulher no mundo árabe. Em 1992 fundou o Pen Club dos Escritores Palestinos (MPPM, 2010).

genocídios, chega de racismo, chega de xenofobia, chega de Lgbtfobia, chega de misoginia, chega de sexismo, chega de antissemitismo e islamofobia, chega de intolerância religiosa, chega de proselitismo, chega de politicagem e relações adoecedoras nas universidades, chega de nos des-humanizarmos? Quando as conveniências político-religiosas e a sede por poder e ganância serão exorcizadas de nós mesmos, para sempre? A propósito, retorno em revisão desse texto para registrar que no dia 30 de outubro de 2022, mais de 60 milhões de cidadãs e cidadãos brasileiros foram às urnas para a eleição presidencial e decidiram que a esperança venceria o medo, novamente! Chega de ódio! Esta foi a resposta que demos ao neofascismo e a todas as formas de violência contra a diferença, a democracia e as liberdades de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo diferente.

Quando des-cortinaremos o paradigma da distorção como *modus operandi* para oprimir e subalternizar o outro, manter e perpetuar a maquinaria perversa da exclusão e aniquilação de seres de nossa própria espécie como de toda vida na Terra em busca do controle e do poder? Quando elegeremos a paz e a vida digna para todas as pessoas como direitos universais inegociáveis, acima de quaisquer rivalidades de um passado hostil?

Se sua resposta for “nunca conseguiremos isto”, cuidado, *Nakba!* Mova-se para um outro ângulo e olhe a partir de outras possibilidades, de outras perspectivas, de outros lugares, talvez, ainda não desbravados, aqueles que neste tempo presente precisamos inventar para transformarmos o mundo em um lugar melhor e possível para todas as pessoas viverem com dignidade. Não precisamos repetir os mesmos erros, os mesmos medos, as mesmas respostas, os mesmos atos. Rejeite e saia do domínio do medo, do fatalismo social, do fanatismo político-religioso, do negacionismo, da ignorância, da omissão e da indiferença à dor alheia. Retorne aos valores do respeito e da fraternidade ao próximo que são densos e acolhedores, fundamentos *sui-gêneris* para não apenas desejarmos que o mundo seja melhor, mas para escolhermos mudar a nós mesmos para sermos melhores em buscarmos e realizarmos a paz conosco mesmos e com aqueles que nos divergem.

Se você ainda tem esse “nunca” engasgado como um nó utópico, lembre-se: se você muda a si mesmo, o mundo muda; se você educa crianças para serem protagonistas da paz, do respeito, do perdão e do amor fraterno, independentemente de qualquer condição humana, você não apenas transforma o mundo, mas constrói seus alicerces para um futuro que pode ser diferente, pode ser melhor do que este que temos hoje. O futuro começa agora, quando fazemos nossas escolhas e decisões, sem procrastinação.

Paz e liberdade à Palestina, assim como para todos os povos da Terra, nossa Casa Comum.

BOM VOO!



Ontem, meu filho de 13 anos, perguntou-me se a vida antes da internet era um tédio. Para ele é difícil imaginar como viver sem esse recurso. Ele é de uma geração bem diferente da minha e o compreendo, tendo em vista a forma como nossa sociedade foi se organizando, desenvolvendo-se e se tornando cada vez mais introspectiva para o investimento nas relações sociais, cada vez mais dependente da tecnologia e das redes virtuais de comunicação, e isso se acentuou muito durante a pandemia.

Se antes era um luxo ter um telefone fixo para fazer uma chamada a uma pessoa querida ou para resolver alguns problemas sem sair de casa, hoje é um estorvo declinado pela maioria das pessoas. Ninguém gosta mais de telefone tocando. Os *smartphones* ultrapassaram o propósito da comunicação afetiva e de urgência, eles se tornaram dispositivos de dependência emocional e laboral.

Com o advento das plataformas de jogos, dos aplicativos de mensagens instantâneas e de redes sociais como o WhatsApp, Facebook, Instagram e similares, nossas relações foram se modificando para algo cada vez mais impessoal e, des-colar um tempinho para tomar um café com prosa, também se tornou quase que uma suntuosidade. Sininhos e notificações são gatilhos para todos os tipos imaginários de ansiedade e manipulação comportamental e do pensamento humano. Ai daquele que se demora em responder uma mensagem que o remetente, hipoteticamente, tem certeza que foi vista por quem estava do lado de lá da tela.

Se não bastassem esses mecanismos sutilmente abruptos de controle das relações entre as pessoas, ainda produziram o recurso de acelerar em até 2x a velocidade dos áudios das mensagens de voz, o que eu teimo resistir ao uso por uma questão de sanidade mental. Na justificativa de que todos esses recursos economizam tempo de trabalho, a realidade é que cada

vez temos menos tempo para nós mesmos e para as pessoas que amamos, que queremos bem. A vida tem passado tão rápida quanto um sopro!

A aceleração frenética da vida impulsionada pela obsessão do controle imediato no acesso de informações e atos, evidencia o quanto nossa sociedade está adoecida e altamente ansiosa. O processo dialógico com o outro requer a dinâmica da passagem da escuta, do tempo de escuta, do processamento das informações e elaboração de uma resposta. Esse tempo processual tem sido mutilado pelos novos hábitos que temos incorporado no cotidiano, conseqüentemente, os relacionamentos têm se tornado mais frágeis diante das adversidades que todo ser humano precisa lidar. Estruturadas em poeira, as relações não se fortalecem, os vínculos não se sustentam, e a solidão se alastra no íntimo das pessoas e se faz um imenso território des-campado de paz, alegria e amor.

De repente, a sutilidade desse impacto se revela monstruosa em sua capacidade de causar danos profundos à qualidade de vida física e emocional das pessoas. Se olhar para o outro com atenção e empatia é um desperdício de energia, olhar para dentro de si mesmo e de suas mazelas, beira o insuportável. Neste ciclo de violências originadas em um sistema maquiavélico de manutenção de riquezas e poderes, oportunismos e abusos relacionais, a busca por paliativos que entorpeçam a dor superabunda e acelera o embrutecimento de nossa sociedade altamente insóbria e medicalizada.

Não é muito difícil de se imaginar ou tentar compreender porque o aumento gigantesco de pessoas com transtornos de ansiedade, síndrome do pânico e depressão¹⁹³, incluindo crianças, adolescentes e jovens. Mais do que consumidores de produtos e tecnologias, somos todos mercadorias e tijolos consumidos por aqueles que decidem os rumos das civilizações por

193 Em 2019, 301 milhões de pessoas viviam com algum transtorno de ansiedade, incluindo 58 milhões de crianças e adolescentes. No mesmo ano, 280 milhões de pessoas viviam com depressão, incluindo 23 milhões de crianças e adolescentes. Em 2020, o número de pessoas vivendo com transtornos de ansiedade e depressão aumentou significativamente por causa da pandemia de COVID-19, um aumento de 26% e 28%, respectivamente, para ansiedade e transtornos depressivos maiores em apenas um ano. O Brasil lidera o ranking com o maior número de casos de ansiedade do planeta (WHO, 2022).

meio da concentração estrutural do poder econômico e do poço sem fundo de suas ganâncias. O produtivismo é supervalorizado não somente no meio empresarial, mas, inclusive, nas universidades onde o intelectualismo prepondera em sacrifício das subjetividades, dos sentimentos e das emoções; onde 1 código de vaga para concurso/redistribuição é uma espécie de monetarismo e capital político que escancara os microfascismos departamentais e o tamanho da insalubridade das relações humanas. O cada um por si e ninguém com ninguém parece ser a normativa mais elegida nesses tempos em que ignorar e se manter em silêncio berrante, é a cancela mais expressiva das redes sociais e que, não obstante, adentram em nossa maneira de nos relacionar e des-conviver com as outras pessoas.

No “salve-se quem puder”, quem tem uma família amorosa, bons amigos, condições de buscar apoio emocional junto a profissionais da saúde mental, tem melhores oportunidades de construir outros caminhos possíveis para driblar essa conjuntura de des-humanização social. Sem dúvida que é muito importante olharmos para nós mesmos e fazermos escolhas conscientes que nos façam bem, não obstante, sem abandonarmos o olhar para o outro e contribuirmos, da maneira que nos é possível, para que o mundo no qual habitamos, seja melhor para todas as pessoas.

Em resposta à pergunta de meu filho, contei-lhe que nos anos 80, eu era uma menininha arteira e aventureira, apaixonada pela natureza. Gostava de andar descalça na grama, subir nas árvores para pegar frutas e sonhar com o horizonte, brincar com vaga-lumes à noitinha, pular corda, correr na rua e jogar bets com os amigos do bairro, ir comprar pão de bicicleta, descer ladeiras em carrinho de rolimã e em caixas de papelão, jogar fubeca, trocar figurinhas que vinham em chicletes, colecionar selos, piramidar cartas de baralho, nadar, soltar pipa e bolinhas de sabão, ler e inventar histórias na máquina de escrever do meu pai, ficar horas com um ioiô e me sentir acompanhada pelos Bem-te-vis. Eu vivia bem sem internet!

Nesta mesma época dourada em que eu ajeitava um pano na gola da roupa imaginando ser a capa mágica que me faria voar dos barrancos e árvores das quais pulava, vi um dia na TV alguém voando de asa delta.

Achei o máximo e pensei: um dia vou voar também! As décadas de 70 e 80 principiaram o voo livre no Brasil¹⁹⁴. Em 1988 chegaram os parapentes no céu brasileiro e, hoje, o voo livre tem sido acolhido cada vez mais por muitas pessoas que se permitem descobrir a alegria de voar em asas grandes e coloridas.

Os anos se passaram e minhas escolhas profissionais me levaram para outros propósitos e lugares. Acertei muito, errei bastante. Investi no contato com a natureza, na alimentação mais saudável e na atividade física como meio de contornar as pedreiras da vida. No início de 2021, lesionei o joelho e, sem sucesso na recuperação, decidi parar com as corridas matinais, conseqüentemente, sentia muita falta do bem-estar físico e emocional que a corrida me trazia.

Certa manhã me levantei com saudade do meu filhinho que não chegou a nascer para o mundo, mas em mim, vive até hoje. É duro demais como não há acolhimento às mulheres enlutadas por seus bebês que nasceram apenas dentro delas. Todos esperam e cobram que ela se recupere com brevidade, uma vez que, na cabeça deles, era só uma semente ou nem isso. O que posso dizer é que dói, dói demais a perda de um filho muito desejado, mesmo que ele só tenha algumas semanas dentro do ventre. Seja benevolente, acolha com paciência a esta mãe. Se não tiver nada de bom para dizer a ela, cale-se, apenas a abrace.

Naquele dia eu estava sobrecarregada pelo estresse do trabalho e do acúmulo de sentimentos que precisavam ser escoados no acolhimento de mim mesma, peguei um livro para ler e fui até a rampa de voo livre daqui de Poços de Caldas para relaxar em meio à natureza. Entre uma folheada e outra, observava aquelas asas multicores pintarem o céu e me sentia fascinada por elas. Cansada do mesmo no mesmo, venci o receio de tirar os pés do chão e fiz um voo duplo de parapente que mudou minha vida antes mesmo de pousarmos novamente na rampa. Tudo mexeu comigo: voar como se fosse um passarinho, sentir o cheiro do vento e seu toque em meu rosto, olhar para o horizonte sem fim e ver tudo pequenininho

194 Primeiro voo de asa delta no Brasil em 1974: <https://www.youtube.com/watch?v=eYDsaITyR7E>

lá embaixo (inclusive meus problemas), deixar o azul do céu me abraçar. Senti todo aquele estresse acumulado em meus ombros se dissolver no voo e uma nova e incomensurável alegria me entrelaçar. Cheguei em casa radiante, contando para meu companheiro que eu iria aprender a voar.

Naquela mesma semana entrei em contato com o instrutor Walter Moraes de Oliveira Filho e logo iniciei as aulas de voo. Paciência e generosidade no ensino têm sido suas maiores qualidades para comigo e a ele serei eternamente grata por me oportunizar tantas alegrias com um cuidado e segurança ímpar, sempre respeitando o ritmo de meu aprendizado e desenvolvimento no voo. Vencer meus medos, reconhecer meus limites, dar tempo ao meu próprio tempo, cultivar a perseverança, acolher as frustrações, celebrar intensamente cada novo aprendizado por menor que possa parecer, respeitar a Mãe Natureza, ser grata ao Criador por tanta beleza, são aprendizados que o voo livre concebeu em meu coração. Sempre que olho para minha linda vela colorida e a vejo bem em cima da minha cabeça, pronta para me levar às nuvens, meu coração exulta e me sinto fortalecida e feliz. A cada decolagem, mais uma experiência de alegria, em cada pouso mais uma conquista, em cada voo mais uma oportunidade de viver o AGORA com gratidão. ALEGRIA: sentimento e palavra que define o que o voo livre tem significado para mim.

E foi neste caminho que conheci a atleta Marcella Uchoa, de 34 anos, natural de Poços de Caldas, campeã em diversos campeonatos nacionais e internacionais de parapente. Mestre em Biologia Marinha e especialista em tubarões, Marcella é piloto profissional e instrutora de parapente. Foi a primeira mulher da história do parapente brasileiro a conquistar diversos títulos na modalidade, incluindo: vice-campeã no geral (entre os homens) na Copa Brasil Sport 2020, campeã do *Paragliding World Cup* (Andradas, 2019 e Sérvia 2021) e vice-campeã na Argentina em 2019, além de ter conquistado o 7º lugar geral (entre os homens) no ranking Brasileiro de 2019, sendo esta a melhor posição de uma mulher na história do esporte. É tricampeã brasileira e 10º lugar no geral no ranking do Campeonato Brasileiro de Parapente de 2021, conquistou o 4º

lugar feminino do Campeonato Mundial de Parapente FAI na Macedônia em 2019 e na Argentina em 2021. Em 2022 conquistou o 5º lugar geral na primeira etapa do Campeonato Brasileiro em Governador Valadares e o 4º lugar geral na segunda etapa em Santo Antônio da Alegria, ficando no 4º lugar geral no ranking brasileiro deste ano e conquistando o título de tetracampeã consecutivo na modalidade feminina, além do 3º lugar feminino no *Paragliding World Cup Clopotiva*, Romênia 2022. Acumula 3 recordes mundiais femininos (2018) em um voo que durou 10 horas (distância em linha reta: 410,72 km, Gol Declarado de 377 km, distância com 3 pontos – 412,3 km). Em 14 de outubro de 2022 Marcella conquistou novo recorde mundial feminino e sul-americano de distância declarada de 457km com quase 11 horas de voo, decolando às 6h56 da manhã de Caicó, no Rio Grande do Norte, atravessando o estado do Ceará e pousando na divisa com o Piauí às 17h39.

A princípio, o voo livre foi visto como um esporte radical dos homens, assim como a maioria dos esportes até que as mulheres foram ocupando esses espaços e quebrando todas as formas de paradigmas ancorados em uma concepção machista sobre o lugar, a capacidade e o potencial das mulheres de serem aquilo que elas quiserem. Compartilho com você minha conversa com a Marcella:

Desde criança eu sempre gostei muito de estar junto à natureza. E, meu pai que é geólogo, sempre me incentivou a fazer aquilo que eu mais gostasse. Ele não me falava: “ – Ah, faça o que dá dinheiro!”, mas sempre me aconselhava a fazer o que meu coração me dizia. E só tenho a agradecer a meus pais por eles serem sensacionais comigo e sempre me apoiarem a ser o que eu desejava ser. E foi assim que escolhi fazer biologia, mesmo sabendo que não seria uma área para ganhar muito dinheiro, porém, escolhi seguindo o conselho do meu pai, fazendo o que eu amava e não me arrependo por isso. Sou apaixonada pela biologia, pela natureza.

Depois, aos 25 anos, tive a oportunidade de fazer o mestrado em Biologia Marinha na Europa entre os anos de 2013 e 2015 pelo “Programa Erasmus Mundus”, pois o mar é minha segunda paixão. Fiquei 6 meses

na Universidade de Bordeaux (França), depois fui à Universidade do País Basco (Espanha) e também para a Universidade de Liège (Bélgica). Os últimos 6 meses foram dedicados à dissertação e fui para Bahamas e tive como orientador o Dr. Craig O'Connell que é uma grande referência na área, e fiz sobre tubarões por me sentir fascinada por eles.

Quando decidi desenvolver a pesquisa com tubarões, meu orientador me mostrou a realidade de como seria e me perguntou: “– Você tem noção de como que será o seu dia a dia? Vamos nos levantar às 4 horas da manhã, por 5 horas vamos estar pescando, cortando peixe em mil pedaços para fazermos as iscas para os tubarões, e mergulhar com eles. Você quer mesmo fazer isso?”. E eu disse que sim. É engraçado porque sempre me coloco em umas situações que depois eu fico pensando: “Nossa, porque que eu me coloquei nessa situação? Será que vou ter coragem? Será que vou conseguir?”. Mas depois entendo que me coloco nessas situações, porque são nelas que me sinto mais viva. A adrenalina, o sentimento de estar vivendo aquilo é algo muito bom. Eu também tinha o sonho de um dia fazer parte de um documentário sobre a natureza, assistia Discovery Animal Planet e pensava: “Um dia quero estar lá vendo essa cena ao vivo, um tubarão caçando”. Eu queria estar naquele lugar vendo com meus próprios olhos, e ter essa chance me fez dizer a mim mesma: “Vou agarrar essa oportunidade e enfrentar o medo lá, na hora”.

Bahamas é um paraíso maravilhoso de água transparente que, quando do barco eu olhava para baixo, via aquele monte de sombra, eram os tubarões. E pensei: “ai meu Deus, o que que vim fazer aqui?”. Então, dizia a mim mesma: “calma, respira fundo, vamos lá, vai dar certo”, e foi incrível desde o primeiro momento em que entrei na água e que vi que eles nem ligaram para mim, eu era só mais uma ali no meio deles. Fiquei encantada! O meu tubarão preferido é o Tubarão Martelo e naquele lugar tem o Grande Tubarão Martelo e foi demais o ver com 6 metros de comprimento, nadando em cima da minha cabeça, é uma cena que nunca me esquecerei. E fiquei tão confortável que fui chamada para ser safety diver, que é quem protege uma outra pessoa durante o mergulho com tubarões. Porque

o grande lance do mergulho com o tubarão é fazer o contato olho no olho, você precisa ficar olhando no olho do tubarão, sempre o acompanhando enquanto ele nada, sem nunca lhe dar as costas. O safety diver fica atrás ou a frente da pessoa, sempre ajudando atentamente, às vezes até empurrando os tubarões quando chegam muito perto. E pude viver isso e foi muito legal, tive a oportunidade de participar de três documentários: dois da Discovery, da Shark Week, e um da Nat Geo (National Geographic). Realizei meu super sonho! E ainda tive a oportunidade de ver um Tubarão Martelo caçando uma arraia e foi uma experiência incrível estar ali na água com eles. Por muitas vezes pensei que nem seria capaz disso tudo, mas consegui realizar esse grande sonho. Só que nessa época eu já voava de parapente.

E como que você se envolveu com o voo livre, perguntei?

O voo já estava no meu sangue, na minha cabeça desde 2010, quando eu tinha 21 anos. Você sabe, na hora que a gente tira os pés do chão é uma emoção indescritível e, para mim, não existe sensação de maior liberdade. E sendo apaixonada pelo voo, eu pensava: “puxa, não dá para viver do voo?”. Em 2009 fiz um intercâmbio de 3 meses no Havaí para aprender inglês e foi quando iniciei o curso de Biologia Marinha. Como eu trabalhava, eu havia conseguido juntar U\$ 100,00 e decidi fazer um salto de paraquedas. Quando estávamos no avião, em um momento eu comentei “nossa, está alto!” e o rapaz me disse que era apenas a metade do caminho. Quando chegamos lá em cima das nuvens ele disse para eu não me esquecer de respirar. E pensei “como assim, será que entendi direito? Vou me esquecer de respirar?”. E assim é a queda livre, ela é intensa e tão rápida que você tem dificuldade de soltar o ar e respirar. Consegui respirar somente quando o instrutor jogou o paraquedas menor que diminuiu um pouco da velocidade. Foi incrível!

Quando cheguei ao Brasil fui buscar os preços de cursos de paraquedismo, mas eram muito caros e eu não teria condições de arcar com todos os gastos. Eu já conhecia a galera do voo livre de Poços de Caldas e como não havia nenhuma mulher que voava aqui, eles disseram que seu quisesse, poderiam me ensinar. Foi amor ao primeiro voo! E eu ficava dizendo para mim

mesma: “eu voei, eu voei, saí daquela montanha com um pedaço de pano e linha, voei e pousei aqui!”. Eu chorava e ria ao mesmo tempo de felicidade.

Durante o mestrado na Europa, sempre que podia, eu ia voar. Mesmo sem ter muita experiência. Em situações de medo eu me lembrava da frase: “Está com medo? Vai com medo mesmo”, porque depois compensa, e seguia em frente. Desde o começo eu também tinha o sonho do recorde mundial e queria ser a mulher que mais tivesse voado no planeta. Assim, decidi me dedicar somente ao voo livre, porque eu queria voar bem e não queria que fosse só um lazer. Então, mesmo regressando ao Brasil com um diploma europeu, ganhando bem, participando de um documentário do Discovery e estando prestes a iniciar um doutorado, escolhi deixar tudo para me dedicar ao voo. Meu pai, sempre muito compreensivo, apoiou-me novamente para que eu conseguisse me preparar, pois minha meta era bater o recorde e, então, buscar viver do voo a partir de patrocínios para atletas. Sou muito grata aos meus pais que sempre foram muito carinhosos comigo e com meus irmãos e nos criaram para o mundo, sempre me incentivaram e me disseram que eu era capaz de fazer as coisas sozinha, de viajar sozinha, de seguir meus sonhos.

Abri curiosa

o céu.

Assim, afastando de leve as cortinas.

Eu queria entrar,

coração ante coração,

inteiriça

ou pelo menos mover-me um pouco,

com aquela parcimônia que caracterizava

as agitações me chamando

Eu queria até mesmo

saber ver,

e num movimento redondo
como as ondas
que me circundavam, invisíveis,
abraçar com as retinas
cada pedacinho de matéria viva.

Eu queria
(só)
perceber o invislumbrável
no levíssimo que sobrevoava.

Eu queria
apanhar uma braçada
do infinito em luz que a mim se misturava.

Eu queria
captar o impercebido
nos momentos mínimos do espaço
nu e cheio

Eu queria
ao menos manter descerradas as cortinas
na impossibilidade de tangê-las

Eu não sabia
que virar pelo avesso
era uma experiência mortal
(CESAR, 1984, p. 12-13)¹⁹⁵.

195 Ana Cristina César nasceu no dia 02 de junho de 1952 na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Bissexual, poeta, tradutora, professora e jornalista, Ana era filha de uma família culta de classe média e de origem protestante. Formou-se em Letras atuando como professora de português e inglês, realizando vários trabalhos de tradução. Na década

Marcella traz uma questão crucial que tenho abordado em todos os capítulos desse livro: a importância da educação das meninas para se constituírem mulheres autônomas, emancipadas, conscientes de suas capacidades, habilidades e potencial para serem aquilo que elas quiserem ser, sendo quem são. Seus pais não somente a amaram como filha, mas acolheram sua maneira de ser e de existir no mundo, dedicaram apoio para que buscasse seus sonhos. Isto não diz respeito em apenas ter condições financeiras para investir na educação da filha, porque não é qualquer educação que nos serve para sermos potencialmente livres dos tentáculos patriarcais. Mas, principalmente, em oferecer em casa uma educação libertária, contrária ao machismo que inferioriza as mulheres e as subjuga a lugares fixos e estáticos na sociedade, em lugares onde a tutela e a restrição de oportunidades amordaçam e silenciam sua fala, moldam sua cala.

A presença do machismo no esporte tem sido fortemente denunciada por várias atletas no Brasil e por todos os continentes. A exemplo, o uso de roupas justíssimas que coisificam o corpo das mulheres e as sobressaem muito mais como se fossem modelos em exposição do que atletas talentosas. Enquanto os homens usam roupas mais confortáveis, as esportistas são obrigadas a vestirem shorts apertados, saias, biquínis e collants cavados em esportes como o vôlei de praia, o tênis, a ginástica olímpica, dentre outros. Esta tem sido uma imposição cultural de uma estética feminina retrógada e que precisa ser revista, pois não permite que a mulher escolha como se sente melhor trajada no esporte que pratica, além de promover a sexualização de seus corpos.

A desigualdade salarial também é uma realidade machista na vida das atletas, uma vez que jogando até melhor que muitos homens, conquistando premiações nacionais e internacionais diversas, ainda recebem muito menos do que eles, como é o caso da jogadora brasileira de futebol,

de 1970 deu início às publicações de seus poemas e textos, além de ter escrito para vários jornais do país. Seu estilo de escrita se caracteriza como ficcional e autobiográfico. Começou a ditar seus poemas aos 5 anos de idade, sentada no sofá, enquanto sua mãe os anotava. A poetisa faleceu no dia 29 de outubro de 1983, aos 31 anos de idade sendo destacada como poeta da geração marginal (ALBUQUERQUE, [S.d]).

Marta Vieira da Silva, que por 6 vezes quebrou o recorde entre homens e mulheres, mas cujo salário era 269 vezes menor que o de Neymar, diferença semelhante que também acontece entre os salários de Ada Hegerberg (futebolista norueguesa), Amandine Henry (futebolista francesa), Christine Sinclair (futebolista canadense), Carli Lloyd e Alex Morgan (futebolistas estadunidenses) com relação aos ganhos de Lionel Messi, Cristiano Ronaldo, dentre outros (SPORTMOB, 2021). Por que? Porque são mulheres.

Apesar das Olimpíadas evidenciarem a presença e a popularidade das esportistas femininas, ainda pouco se divulgam os muitos jogos na modalidade, a falta de oportunidades, de apoio e de patrocínios inviabiliza a construção de uma carreira sólida no esporte, enterrando talentos por preconceito e discriminação nutridos pelo machismo estrutural que organiza a sociedade, a política, a religião e, não menos importante, o esporte.

No esporte as mulheres também têm sido sujeitas a violências físicas, psicológicas e sexuais. Em 2018 o caso do técnico John Geddert e do médico Larry Nassar, ambos do Clube de Ginástica *Twistar*, em Michigan, Estados Unidos, veio à tona como o maior escândalo mundial de abusos físicos, verbais, psicológicos e sexuais contra atletas da ginástica artística, a maioria, meninas e adolescentes. O ex-médico da seleção estadunidense foi acusado por abusos sexuais em mais de 300 atletas enquanto o técnico foi denunciado por agressões sexuais e, inclusive, por tráfico humano e trabalhos forçados, além de outros 24 crimes ao longo de 3 décadas (MACUR, 2021). Simone Biles, ginasta profissional do país nomeado como o mais democrático do planeta, apresentou-se ao comitê do Senado estadunidense dizendo: “Ganhei 25 medalhas em mundiais, sete em Olimpíadas, e sou uma sobrevivente de abuso sexual”. A mais condecorada ginasta de seu país em eventos mundiais precisou, junto com outras atletas de elite, batalhar para que as autoridades do FBI respondessem por qual razão nada havia sido feito para impedir que o predador sexual, Larry Nassar, mesmo após várias denúncias, continuasse com seus abusos junto a outras 70 ginastas (LABORDE, 2021).

Mulheres negras, além de sofrerem com o machismo no meio esportivo, ainda precisam lidar com o racismo. Daiane dos Santos, a primeira ginasta brasileira a conquistar uma medalha de ouro em Campeonato Mundial (entre homens e mulheres), revelou ter sofrido muito mais racismo no Brasil do que em outros países. Situações inaceitáveis na própria Seleção Brasileira em que pessoas brancas não queriam usar o mesmo vestiário ou banheiro que ela usava (ONU MULHERES, 2019). Felizmente, hoje, várias atletas negras têm se destacado cada vez mais e atuando no incentivo para que outras meninas negras não desistam de seus sonhos e acreditem no potencial que têm, como é o caso: da ginasta Rebeca Andrade que saiu da periferia de Guarulhos, tornou-se medalhista e campeã olímpica em 2020 superando 3 graves lesões no joelho; de Wanda dos Santos que foi a segunda mulher negra a representar o Brasil em uma Olimpíada e ao longo de sua carreira conquistou várias medalhas; Aída dos Santos que enfrentou o racismo e a repressão familiar para se destacar nas Olimpíadas de Tóquio em 1964, conseguindo o 4º lugar no salto em altura mesmo com o pé fraturado; Hélia Pinto, a única jogadora de vôlei com três medalhas olímpicas; Janeth Arcain, medalhista do basquete brasileiro; a judoca Ketleyn Quadros, a primeira brasileira a conquistar uma medalha olímpica em esporte individual; Adriana Araújo, medalhista olímpica do boxe feminino; a judoca Rafaela Silva que conquistou medalha de ouro nos jogos olímpicos de 2016 (BEATRIX e RODRIGUES, 2020).

A noite não adormece
 nos olhos das mulheres
 a lua fêmea, semelhante nossa,
 em vigília atenta vigia
 a nossa memória.

A noite não adormece
 nos olhos das mulheres
 há mais olhos que sono

onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede

Do fogo que em mim arde
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bivo de teu pincel
incendiando até às cinzas

O desejo-desenho que fazes de mim.

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho do auto-retrato meu
(EVARISTO, 1996, p. 26)¹⁹⁶.

Na Grécia Antiga, berço dos Jogos Olímpicos, a sociedade marginalizava as mulheres e as excluía da possibilidade de serem protagonistas de suas próprias histórias, de serem ativas nos papéis sociais e, inclusive, proibia que participassem nos esportes. Ainda hoje, pleno século XXI, muitas meninas e mulheres enfrentam uma fronteira de gênero ao decidirem participar de esportes considerados como sendo dos homens. Aos poucos este tabu tem sido vencido e as mulheres têm ocupado espaços e mostrado que todos os lugares lhes pertencem. Marcella também está fazendo história, ela é uma referência do voo feminino no Brasil e em outros países, uma inspiração para outras mulheres aderirem ao esporte. Peço a ela que me conte sobre o dia de seu recorde em 2018.

196 Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte no dia 29 de novembro de 1946. De classe social menos favorecida, migrou para o Rio de Janeiro na década 70. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada. É reconhecida como renomada escritora do movimento pós-modernista no Brasil em razão da amplitude e potência de sua obra composta por poesias, romances, contos e ensaios. Em 2015 recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura na categoria prosa (LITERAFRO, 2022).

Eu também tive minhas inspirações com mulheres que voam e que já voavam antes de mim. Meu sonho do recorde veio quando eu conheci a Kamira Rodrigues Pereira, uma brasileira que possui 3 recordes mundiais e que já havia voado 320 km. Tive o prazer de a conhecer aqui em Poços de Caldas em uma etapa do campeonato mundial, fiquei encantada com aquilo que ela me contou e pensei, “um dia quero bater esse recorde”, e esse era meu primeiro ano de voo. Assim, fui me dedicando exclusivamente ao voo, fazendo minhas metas, voando em diferentes lugares, participando de campeonatos e em 2018 consegui alcançar o sonho do recorde e ser campeã brasileira.

Decolei rebocada do aeroporto da cidade de Açú, no Rio Grande do Norte às 6 horas da manhã, ou seja, decolei conectada a uma corda que vai presa nos mosquetões do parapente e a outra ponta no carro que ao andar, é como se estivesse soltando uma pipa, e você é a pipa, e no momento certo você se desconecta e segue para o voo. E como no sertão a condição do vento é muito forte, a gente precisa voar mais pesado, então, além do equipamento, levo mais 18 litros de lastro com água, no total são 40 quilos nas costas no momento da decolagem. Foram mais de 10 horas em um voo extremamente difícil, turbulento, no qual eu mal conseguia tirar a mão do batoque¹⁹⁷. Era a minha primeira vez voando no sertão com uma vela CCC¹⁹⁸ de competição. Eram mais ou menos às 14 horas quando consegui comer e já estava muito cansada e pensava que não iria aguentar, pois ainda faltavam umas 4 ou 5 horas de voo.

Nesse dia voei junto com o Rafael Saladini e com o Samuel Nascimento que além de terem sido meus ídolos, também são meus grandes amigos, e eles me diziam pelo rádio: “– Calma, relaxa, toma água e vamos lá!”. Era eu quem estava pilotando, mas ter o incentivo deles foi muito impor-

197 São alças na forma triangular ligadas à linha dos freios e que possibilitam comandar a direção do parapente durante o voo.

198 Há diversos tipos de parapente de acordo com os objetivos e nível do piloto: para voos duplos, de lazer, de esporte e acrobacias, cada qual com sua certificação. A vela de certificação CCC demanda grande experiência no voo, pois costuma ter reações mais agressivas diante do vento forte e turbulência, sendo de alto risco quando submetidas a erros de pilotagem.

tante para chegar ao meu objetivo, porque estar junto com outras pessoas é completamente diferente de se voar sozinha. Antes de decolar eu havia feito a declaração para bater o recorde mundial de distância, ou seja, eu disse onde iria pousar dentro de um raio de 400 metros em volta dessa coordenada. E quando consegui chegar até aquele lugar, declarei 377 km e fiquei super feliz e não conseguia conter a emoção de comemorar esse recorde, foi a segunda vez que chorei de felicidade no voo¹⁹⁹.

Saí do Rio Grande do Norte, atravessei o Ceará e pousei quase no Piauí. E naquele dia eu comemorei ser a mulher que mais havia voado no planeta em um parapente. Esta conquista não veio da noite para o dia, mas foi algo que fui construindo degrauzinho por degrauzinho durante 2 anos, acreditando em mim mesma quando muitas pessoas tentavam me desanimar. E voar no sertão é uma verdadeira experiência de vida, porque a gente também acaba conhecendo as pessoas e um pouco da vida delas, pessoas que com toda aquela humildade e dificuldades com as quais vivem, oferecem tudo o que têm para nós com muita generosidade.

O voo livre é um esporte majoritariamente de prática masculina onde a presença feminina é de 1% ou até menos do que isto, muito embora as mulheres estejam ocupando cada vez mais esse espaço. A exemplo: na Austrália apenas 8% dos pilotos de parapente são mulheres, 11% nos Estados Unidos, 10% na Suíça, nas competições internacionais de parapente somente 10% dos competidores são mulheres enquanto nos campeonatos nacionais brasileiros a média é de 5 mulheres por competição (SOMERVILLE, 2019; MCCLANAHAN, 2022; VALADARES, 2019). No Nepal, país de cultura extremamente desfavorável às mulheres, Trisha Shrestha, além de atleta do voo livre, atua como profissional dupleira, uma conquista que abriu as fronteiras para outras mulheres se inserirem no esporte e tirarem seu sustento dele. Dos 375 parapentistas licenciados como pilotos profissionais, apenas 14 são mulheres e trabalham como dupleiras (STHAPIT, 2022). Assim como Trisha, outras mulheres de di-

199 Vídeo com o momento do recorde de Marcella Uchoa em 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-MeChGehet0>

versos países vêm desbravando esse território e mostrando que o lugar delas é onde Elas quiserem.

Segundo dados que me foram fornecidos pela presidência da Confederação Brasileira de Voo Livre (CBVL, 2022), atualmente, em agosto de 2022, há 2.765 pilotos de parapente ativos na associação, sendo que 139 são mulheres, cerca de 5% do total, 393 são pilotos de asa delta, sendo 4 mulheres, ou seja, 1% dos pilotos. Esses números dizem respeito aos pilotos associados, excluem-se aqueles que praticam o esporte sem estarem filiados aos clubes locais, às federações regionais e à CBVL. Diante da expressiva minoria de mulheres no esporte, pergunto à Marcella qual tem sido sua vivência nos bastidores dos campeonatos de parapente com relação ao machismo.

No voo livre é sempre possível perceber a presença do machismo e isso acontece muito a partir de comentários que surgem. Aqui no Clube de Poços de Caldas os rapazes aprenderam muitas coisas a partir de conversas comigo, por exemplo, é muito comum esse tipo de frase: “você está voando que nem um homem”, e eu dizia: “não, amigo, eu estou voando como uma mulher”. Essa forma deles dizerem é um jeito de me elogiar porque eu estou voando igual ou até melhor que eles, contudo, é uma expressão machista, é o machismo estrutural que a pessoa nem se dá conta o quanto está tomada por essa cultura. Sempre me posicionei para desconstruir essa cultura, mas também fui compreendendo que precisava ter paciência e que não dava para ser tudo de uma vez. Então, pouco a pouco, para aquelas pessoas que me eram mais próximas, eu perguntava: “mas você parou para pensar no seu comentário? Por que você diz que estou voando que nem homem?”. A medida que eu fui me colocando nas conversas e fazendo esses questionamentos, eles foram percebendo a presença do machismo e me dizendo: “nossa, verdade, por que é que a gente fala assim?”. E, deste modo, muitos deles aprenderam sobre isso e, hoje em dia, não ouço mais nenhum comentário desse tipo nos meus círculos de amizade. Às vezes, quando eles querem me provocar, falam algo de propósito, mas porque sabem que vou ficar injuriada. Mas tenho ótimos

amigos que também torcem por mim e compartilham suas experiências e conhecimentos durante os voos que fazemos juntos nos campeonatos.

E é importante dizer que tanto eu quanto outras mulheres fizemos uma revolução no voo livre brasileiro. A Priscila Fevereiro e eu fomos as primeiras mulheres brasileiras a pegarem uma vela de competição. E isso foi impressionante porque logo no primeiro campeonato brasileiro o número de pilotos com velas de competição foi triplicado. E eles falavam: “ah, se elas voam, a gente consegue também”. Um dia um piloto daqui que voava há muito tempo com uma vela D perguntou para outro piloto: “o que você acha de eu pegar a vela de competição que a Marcella está usando? Porque se ela dá conta, eu também dou”. Ele não viu que eu estava bem atrás e ouvi a conversa. Para ele e outros, se eu dou conta sendo mulher, por que que eles sendo homens não darão? Só que eu me preparei 2 anos para conseguir voar bem com a melhor vela de competição que temos hoje no âmbito mundial.

E é diferente você voar em rampas de outros lugares e estando em campeonatos. Primeiro eu voei 100 horas em uma vela D, depois voei mais umas 150 horas em lugares de condições mais fortes e também fui para o Sertão com um outro tipo de vela D de 2 linhas (com apenas 2 tirantes), só então fiz a transição para a vela de competição (CCC) que eu tenho usado desde então, que é o Enzo da marca Ozone. Ou seja, não foi da noite para o dia. Eu realmente estava preparada e era até engraçado eles cogitarem que simplesmente por eu ser uma mulher, eles naturalmente dariam conta de voar em uma vela de competição pelo simples fato de serem homens. Então, parece ser difícil para eles reconhecerem que os resultados (o recorde e as vitórias em campeonatos) eram frutos de muita dedicação e esforço. E foi a partir disso, desse marco, que a maioria dos pilotos passou a voar com vela CCC.

Outra frase machista que eu sempre ouço diz respeito a quem voa no Sertão: “é aqui onde se separa os homens dos meninos”. Mas foi no Sertão que eu bati o recorde e, além disso, depois da Kamira, fui a segunda mulher a voar lá. Então, não é uma coisa apenas possível para os homens, mas para as mulheres também.

Fora do Brasil o comportamento dos homens é um pouco diferente porque há mais mulheres que voam e, também, porque o homem brasileiro é muito machista, ele objetifica e sexualiza muito a mulher. A mulher não pode estar com um decote na blusa ou um shortinho mais curto que já é uma puta na boca deles. Houve um campeonato em que uma moça estava vestida com um shortinho bem curto e com um decote e eles começaram a falar dela e me perguntaram: “Nossa, que puta, né! Vir com essa roupa..., você não acha, Marcella?”. E eles estão tão acostumados comigo que me tratam como seu eu fosse o brother deles, conversam sem filtro comigo. E eu respondi: “Mas gente, por que? Por que ela é puta? Só porque ela está com um shortinho e com um decote? Qual que é o problema? É um corpo igual a outro corpo qualquer, vocês é que não têm que ficar olhando e reclamando do que ela decide usar”. Aí eles percebem e aqueles já estão mais influenciados por mim, dizem: “verdade, a gente fala esse tipo de coisa machista”, mas aqueles que são extremamente machistas e cabeças-duras insistem até à morte em dizer “é puta sim...”.

Então, fora do Brasil essa questão do corpo é tratada de modo diferente daqui no Brasil. Desde criança muitos já estão acostumados, por exemplo, a ir à praia sem roupa, e nem precisa ser uma praia de nudismo para isso acontecer. Meninos e meninas brincam naturalmente estando nus e aprendem a ver um corpo como um corpo, e não uma coisa sexualizada. Eu fiz muitos amigos na galera do voo, principalmente na Espanha. E eles me levavam para voar em vários lugares e, certa vez, depois do voo, fomos à praia e quando chegamos lá, todos foram tirando a roupa e entrando no mar, tanto os homens quanto as mulheres que eram a minoria. E eu pensei: “que loucura!”. Não é fácil desconstruir as questões que nos estão enraizadas pela cultura, mas fiquei pensando: “poxa, como a gente pode sexualizar tanto o corpo?” – e isso não parte só dos homens, mas de mulheres também. Esse contato com toda essa diversidade cultural com pessoas de diferentes nacionalidades foi incrível e me fez perceber quais dos meus valores eram realmente valores que eu não abriria mão, como a honestidade e o respeito a todas as pessoas.

A subestimação de muitos homens afivelados na cultura machista quanto ao potencial das mulheres se faz presente em todos os tipos de situações e contextos, em todas as classes sociais e por todo o planeta, inclusive, no esporte. Não foi a sorte ou o acaso que levou Marcella ao pódio de tantos campeonatos de parapente, mas, sem dúvida, suas escolhas, sua dedicação e seu esforço em inúmeros treinos, seu conhecimento teórico e técnico, sua inteligência para ler o céu, sua disposição de aprender a lidar com situações de altíssimo estresse em lugares de condições climáticas extremas para voar, sua coragem de enfrentar as doloridas frustrações e não desistir de tentar novamente, sua humildade (mesmo sendo a campeã Marcella Uchoa) em sempre reconhecer que há algo que precisa melhorar e aprender para voar cada dia melhor.

A cultura da opressão machista coisifica a mulher, a reduz a fragilidades pela régua com a qual exacerba a masculinidade do homem. Nessa usança, tudo o que o homem decide dominar ou tomar posse, é estabelecido como coisa de homem, e tudo o que despreza fazer ou rechaça se apropriar, é coisa de mulher. Logo, nesta masculinidade ácida, o feminino existe e se resume apenas ao prazer e à serventia do macho, não sendo concebido e (re)conhecido como potência dinâmica na constituição e no protagonismo da mulher. Nos des-caminhos de uma educação com ideais feministas, a cultura insalubre do machismo assoalha as sociedades cavadas no patriarcado e se move no sepultamento da autonomia e emancipação da mulher desde sua mais tenra idade, muitas vezes, desde o mínimo sinal que no ventre de uma gestante não há um corpo com pênis a ser parido. Sob este complexo de inferioridade e toxidade masculina, muitos homens se des-humanizam ao longo de suas vidas de modo a subvalorizarem que nasceram de uma mulher, uma vez que se alimentam da rudeza machista e se tornam seres abusivos, muitas vezes, extremamente violentos quando se sentem diminuídos, rejeitados ou ofendidos por uma mulher.

Nesta esteira, o abusivo extrapola sua masculinidade e só se reafirma ou se reassegura mediante a depreciação, a indiferença, o ódio e todas as mais diversas formas de violência contra aquela mulher por quem

se sente insultado, ou por todas as mulheres pelo simples fato delas serem mulheres. Por certo que não é deste tipo de macho que o mundo necessita, mas, sim, do homem íntegro e digno que conhece o seu próprio valor tanto quanto (re)conhece o valor de uma mulher e a trata com respeito, bem como respeita seu direito de ser quem ela é, e de fazer suas próprias escolhas, compreendendo que ela não é uma “coisa” ou uma propriedade do macho, porém, uma pessoa, um ser humano como qualquer outro, independentemente do sexo, do gênero ou de sua sexualidade.

Peço a Marcella que me conte mais sobre seus enfrentamentos e suas conquistas como mulher e atleta do voo livre e ela me surpreende com sua narrativa intensa, corajosa e resiliente:

Por 6 anos eu estive em um relacionamento abusivo com meu ex-namorado. Ele era extremamente machista e não perdia a oportunidade de me colocar para baixo. Quando o conheci eu já voava e fui percebendo que ele tinha medo que eu voasse mais, que voasse melhor do que ele. Ele sempre me colocava medo na hora de decolar e me falava algumas coisas que me faziam mal. Essa foi uma fase muito complicada para mim porque eu gostava dele e não tinha consciência do mal que ele me fazia sentir. Neste relacionamento eu fui me transformando em uma outra pessoa, diferente dessa que você conhece e que antes dele, eu já era, pois recebi uma educação livre de machismo por parte de meus pais. No entanto, neste relacionamento, ele era tão machista que implicava com a roupa que eu queria usar, não queria que eu cumprimentasse os amigos que estavam na rampa de voo com um beijinho no rosto, sempre achava ruim e brigava comigo por estas coisas. Isso tudo sem falar no abuso verbal que foi muito, mesmo! E fui me tornando uma pessoa introspectiva e deixando de conversar com as pessoas. Só que eu estava tão envolvida neste relacionamento abusivo que só percebi todo esse mal depois que eu terminei o namoro. Porque antes dele, eu era assim, como sou hoje, eu conversava muito com todo mundo. Muitas coisas aconteceram, inclusive, ele me traiu várias vezes e eu sempre perdoava porque gostava dele. Ele fez muitas coisas que foram péssimas para mim e que até hoje eu ainda preciso lidar com um pouco desse trauma que ficou.

Então, às vezes a gente acha que deve mudar uma coisinha ali, outra coisinha pequena lá para evitar uma briga e pensa assim: “ah, não vou pôr essa blusa porque ele não gosta e está tudo bem”. Só que não está tudo bem! Na realidade, precisamos pensar assim: se eu gosto de pôr aquela blusa, se eu me sinto bonita com aquela blusa, tenho mais do que o direito de pôr a blusa que eu quiser. Hoje, vejo todo esse abuso com muita clareza, porque fui mudando de pouquinho em pouquinho, pensando que não seria nada demais para o agradar e não percebia onde isto tudo estava me levando, o quanto estava me transformando e me fazendo mal, deixando de ser a pessoa que eu realmente era.

E o impacto foi tão grande que eu estava até desacreditando dos meus sonhos. Quando eu disse a ele que queria lagar tudo só para me dedicar ao voo, ele foi o primeiro a rir da minha cara e dizer: “Você nunca vai conseguir um patrocínio, ninguém consegue patrocínio. Quem você conhece que tem patrocínio?”. E respondi: “mas eu posso tentar conseguir, não é porque eu não conheço ninguém que tenha patrocínio que eu também não possa ter”. Tudo o que meu pai fazia para que eu acreditasse em meus sonhos, ele botava para baixo e desconstruía. E hoje fica muito claro para mim todo esse machismo, inclusive, pelo jeito como ele e o pai tratavam a mãe dele. Então, infelizmente, o machismo é assim, é estrutural e está presente em tudo e tem muito a ver com o tipo de educação que a pessoa recebe em casa.

Na minha família isso sempre foi completamente diferente. Tenho 2 irmãos e 1 irmã e nos relacionamos muito bem e eles sempre me apoiaram em tudo, assim como meus pais. Tive muita sorte de receber uma educação aberta e de poder brincar e fazer aquilo que eu quisesse, sem diferença entre meus irmãos homens e eu.

E com relação ao voo com parapente, também se tem essa ideia machista de que é um esporte de homem por ser radical. Mas o parapente não exige força ou ser bruto. Na realidade, penso que as mulheres têm uma vantagem por causa dessa sensibilidade que talvez tenhamos um pouco mais desenvolvida e isso ajuda no voo na hora de controlar o parapente. Claro que há momentos que você tem que dar um comando mais rápido, mais forte naquela hora para segurar o parapente. Mas não tem nada a ver com a mulher

não ser capaz de fazer isso. O grande problema do machismo com relação aos esportes, principalmente com relação aos esportes extremos, é que faz com que as mulheres pensem que não são capazes de os praticar. E isso começa desde criança quando dizem para uma menina: isso é coisa de menino!

E essas mesmas pessoas também criticam o feminismo e dizem que tem princípios exagerados, que isso tem que acabar. Mas não há exageros no feminismo e ele só pode deixar de existir quando homens e mulheres conseguirem igualdade de direitos. Antes disso, precisamos falar e falar sobre o feminismo porque o machismo está presente em tudo, está nos brinquedos das crianças, na forma como as famílias educam seus filhos dizendo “isso é coisa de menino, isso é coisa de menina”, e isso influencia ao longo da vida da criança de modo que a menina cresce acreditando que ela é capaz ou não de fazer algo só porque as outras mulheres não fazem ou porque poucas mulheres fazem aquilo.

Creio que ainda temos um longo caminho pela frente, pois infelizmente muitas pessoas ainda veem o feminismo de uma forma distorcida, elas acham que nós estamos querendo ser superiores aos homens, mas na realidade nós apenas queremos a igualdade de direitos, queremos ser tratadas com o respeito. Nós estamos conseguindo, há mulheres se destacando em todas as áreas e nos esportes também.

Sou forte, sou guerreira,
Tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
Mesmo que haja versos assimétricos,
Mesmo que rabisquem, às vezes,
A poesia do meu ser,
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”
(RIBEIRO, 2004, p. 63)²⁰⁰.

200 Esmeralda Ribeiro, de ascendência africana brasileira, nasceu em São Paulo no ano de 1958. É uma jornalista e escritora da Geração Quilombhoje e que atua nos movi-

Marcella, você acredita que o incentivo ao esporte nas escolas e nas universidades faz alguma diferença para a educação de meninas e mulheres mais empoderadas?

Infelizmente, o Brasil não investe no incentivo ao esporte na educação escolar e universitária. O esporte é algo único, singular, e é tão importante quanto incentivar uma pessoa a seguir uma carreira acadêmica. São coisas diferentes e eu vivi ambas, e ambas valem muito a pena. Ter incentivo e condições de fazer o que realmente queremos, aquilo que gostamos, o que amamos, é algo que não tem preço. Muitas pessoas ficam muito focadas em ganhar dinheiro, fazer dinheiro, e acabam se esquecendo que também estamos aqui neste mundo para vivermos a vida, para fazermos o que queremos e amamos. O esporte no Brasil é muito desvalorizado, e isso acontece desde a entrada nas escolas que não oferecem oportunidades esportivas para os alunos conhecerem e se desenvolverem. Porque se houvesse programas de incentivo como há em outros países, onde desde pequenas as crianças são iniciadas nos esportes, com certeza muitos talentos seriam descobertos, aliás, muitas pessoas iriam descobrir que são talentosas. Muitas vezes uma pessoa passa a vida infeliz, presa em um trabalho comum que não gosta, quando, na realidade, poderia ter vivido uma vida épica em um esporte a partir de seu talento, muitas dessas pessoas sequer têm conhecimento de que são talentosas em razão da falta de oportunidades.

Quando eu estava na escola havia uma divisão naquilo que as meninas podiam ou não fazer e diziam que futebol não era para meninas. E havia uma colega que sempre queria jogar futebol e os outros a insultavam dizendo que ela era “sapatão”, dentre outras coisas. Tudo isso só porque ela queria jogar bola. Assim, é muito importante que o esporte seja incentivado para todas as crianças na escola, sem esse tipo de divisão por gênero, mas de forma mesclada e comum para meninas e meninos aprenderem a jogar juntos. E isso deveria também alcançar a mulher e o homem para que também pudesse participar de esportes e jogarem juntos. Apesar de alguns esportes

mentos de combate ao racismo e na construção de uma ‘Literatura Negra’, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras (LITERAFRO, 2021).

apresentarem essa diferença do homem pela força, nada justifica tratarem as mulheres dessa forma discriminada e dizendo que por ser mulher, você não pode fazer isso ou não é capaz de praticar tal esporte. E essa discriminação pela pessoa ser uma mulher tem sido um grande problema e eu sempre questiono: Por que não? Por que a mulher não pode fazer aquilo que ela quer? Penso que se você acredita que é uma coisa que gostaria de fazer, que irá lhe fazer bem, você deve fazer porque a gente pode tudo. Podemos fazer tudo o que queremos e acreditamos ser possível! O principal é acreditar em você mesma, independentemente do que as outras pessoas pensem. Só é muito difícil se você não acredita em si mesma.

E no esporte, acontece muito disso: inúmeras mulheres pensam que não são capazes porque foi isso que elas aprenderam desde criança. Isso precisa mudar! Uma mudança que precisa acontecer tanto em casa a partir da educação que os pais oferecem à menina como dentro da escola para termos no presente e no futuro uma geração de mulheres que acreditem em si mesmas e em tudo aquilo que elas podem fazer.

– Pai, o que mulher pode estudar?

– Pode ser costureira, professora...

– Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto.

– Deixemos de sonho.

– É, pai. Eu vou ser professora.

Queria que ele se esquecesse das durezas da vida

(GUIMARÃES, 1990, p. 72)²⁰¹.

Enquanto Marcella se posicionava com relação a uma outra educação possível para o empoderamento feminino das meninas por meio

201 Geni Mariano Guimarães nasceu no dia 08 de setembro de 1947 no município de São Manoel, São Paulo. É poeta, escritora e ativista brasileira em prol de direitos sociais, especialmente no que se refere a afirmação da afrodescendência. Sua obra se constitui de poemas e contos publicados em livros, jornais e revistas. Sua novela “A cor da ternura” foi vencedora do Prêmio Adolfo Aizen (LITERAFRO, 2022).

do esporte, eu me recordava de um vídeo em que ela decolava do *Castillo de Segura de la Sierra*²⁰², na província de Jaén, Espanha, que foi edificado sobre as ruínas de construções muçulmanas durante o século XIII e XIV, e que resistiu a muitos acontecimentos históricos de desarrimo e descaso, vindo a ser restaurado na segunda metade do século XX, tornando-se um espaço público de visita cultural. Conta-se que no século IX, Abbas Ibn Firnas²⁰³, a primeira pessoa a voar a partir da criação de suas próprias asas, teria deixado seu espírito aventureiro e sonhador pelos arredores da região onde está o castelo, inspirando outros voadores a perseguirem seus sonhos com todo o coração. Sugiro, cheia de entusiasmo, que você assista ao vídeo e vibre com esta aventura de Marcella que nos convida a nos lan-

202 Marcella Uchoa decolando do *Castillo de Segura de la Sierra*: <https://skywalk.es/the-castle-of-dreams/>

203 Abbas Ibn Firnas, da etnia Berberes, nasceu em Izn-Rand Onda, califado da Andaluzia de Córdoba (810–887 d.C.) e foi um renomado inventor, engenheiro, aviador, médico, poeta árabe e músico de sua época. Ele se tornou conhecido por ser a primeira pessoa a voar a partir de sua máquina voadora feita de uma armação de bambu e coberta com tecido de seda e penas de pássaros, com a qual pulou de um penhasco, planou por cerca de 10 minutos e, em razão de um pouso forçado, machucou suas costas. Determinado, aprendeu com suas experiências e escreveu um livro, também fundamentado em seus estudos sobre aves, explanando sobre a necessidade de se estabilizar o voo por meio de uma calda. Acredita-se que Firnas tenha sido inspirado pela lenda de Dédalo, personagem da mitologia grega que para fugir com seu filho Ícaro do labirinto da Ilha de Creta onde haviam sido aprisionados, construiu asas para ambos a partir de penas de pássaros juntadas com cera do mel de abelhas e dizia ao filho: “Mínos pode vigiar a terra e o mar, mas não o ar. Tentarei esse caminho” (BULFINCH, 2022, p. 191). Eles conseguiram voar até uma ilha próxima, no entanto, arrebatado com o triunfo, Ícaro continuou a voar, não atendendo ao aviso de seu pai para não ir alto demais por causa do sol que poderia derreter a cera e nem tão perto do mar que poderia deixar suas asas mais pesadas. Movido pelo desejo de voar o mais próximo do sol, Ícaro teve suas asas derretidas e caiu no mar Egeu, onde se afogou. Abbas Ibn Firnas também teria sido influenciado por Armen Firman, um acrobata atento à natureza e que com seu rudimentar conhecimento sobre mecânica do voo, no ano de 852 d.C., saltou da torre da mesquita de Qurtuba usando um tipo de asa produzida com moldura de madeira e seda. Ele não conseguiu voar e despencou ao chão, porém, teve apenas ferimentos leves graças a sustentação de sua asa. Dele é o primeiro salto de paraquedas da história. Abbas Ibn Firnas, com seus 70 anos, teria voado 23 anos após a tentativa de Firman. Em razão da escassez de informações, alguns sugerem que Firnas e Firman sejam a mesma pessoa (WHITE, 1961).

çarmos de corpo e alma em busca de nossos desejos de modo que o medo e a incerteza, mesmo existindo, não nos privem da alegria da conquista, do gozo, do regozijo de viver a vida, este presente que caminha tão rápido para um destino incerto e misterioso. Sim, as Mulheres podem tudo e é nossa própria energia que nos fará voar, quer seja em dias de vento forte ou fraco, para muito além da violência misógina das águas de piratas.

A alegria de Marcella é contagiante, bem como sua intensidade no voo e no seu jeito peculiar de celebrar suas vitórias, mas também de sentir profundamente suas derrotas. E essa sua característica me chama muito a atenção, pois vivemos em dias que as pessoas parecem sepultar cada vez mais suas emoções mais marcantes. Infelizmente, no meio acadêmico, isso é mais do que comum: a racionalidade enquanto trincheira tão necessária para combater o negacionismo e extremismo fascista, também parece ofuscar a necessidade tão linda de nos emocionarmos, transbordantemente, diante da beleza da vida. E não é só na academia, mas também nos templos religiosos onde se fomenta que o sofrimento e a abstinência de prazeres são a fórmula para alcançar o divino e a eternidade, como se a vida não fosse uma dádiva do Criador para ser vivida HOJE, no agora potente, com toda sua intensidade e possibilidade de ser feliz, apesar das dores e dificuldades que todos somos convidados a enfrentar. Esses que tomam o lugar de seus deuses, são os mesmos que ferem e julgam o próximo sem misericórdia, principalmente as mulheres, eles nos julgam por toda sorte de preconceitos, discriminações e tabus: por nosso gênero, por nosso corpo, por nossa sexualidade e sensualidade, por nossa vestimenta, por nossas escolhas pessoais e profissionais, por nossas lágrimas de alegria e de tristeza, por nossa gargalhada e ausência dela, por nossa coragem e pelos medos que nos atravessam, por nossa lamúria e pelo gozo (des)prendido, pelo anseio à maternidade ou pela vida sem filhos, por nosso estado civil, pela nossa credulidade e incredulidade, pelo comprimento e cor dos nossos cabelos, pelos (in)desejos de nossa juventude, maturidade e velhice, pelo tamanho de nossa vaidade e pela audácia que temos ou não de enfrentarmos o machismo patriarcal – absolutamente, por tudo, somos incomodadas e julgadas a todo tempo.

Neste sentido, o silenciamento de nossas emoções nos amordaça de vez se não dissermos BASTA à cultura predominantemente misógina e machista que paira sobre as sociedades e suas tradições, dentro de nossas próprias famílias, em nossos relacionamentos amorosos ou grupos sociais. Aceitarmos quem somos, do jeito que somos, respeitando nossos limites, mas, acima de tudo, acreditando em tudo aquilo que podemos ainda ser e fazer como mulheres, como pessoas que somos, é uma das escolhas estratégicas mais importantes para o autoempoderamento feminino. Educarmos as meninas para serem o que elas quiserem, é fundamental; educarmos os meninos para respeitarem as meninas e suas escolhas, é uma necessidade emergente e urgente.

No compasso das aventuras de Marcella no voo livre, pergunto-lhe sobre seus sentimentos no dia em que voou do Castelo, daquele lugar único e tão simbólico na escalada da vida de uma mulher para chegar onde ela deseja chegar e, dali, voar ainda mais alto, acima de tudo, fazer seu próprio voo.

O voo me proporcionou momentos inesquecíveis e passagens por lugares lindos e exclusivos. Esse voo do Castelo foi incrível porque também me proporcionou um momento da minha vida em que falei: “nossa, por que que eu topei fazer isso?”. Foi tão intenso quanto a minha experiência com o tubarão em que pensei a mesma coisa. Naquele momento me passou pela cabeça que eu poderia não ser capaz de fazer aquele voo. Havia toda uma equipe ali me esperando para filmar este acontecimento, e eu pensei comigo mesma: “Por que inventei de fazer isso? Agora terei que fazer!!”. É muito ruim quando a gente mesmo se coloca para baixo em uma situação, como se não fôssemos capazes de fazer aquilo que sonhamos. Aquele foi um dia difícil em que tivemos que esperar o dia inteiro para que fosse possível voar, pois a condição climática não era favorável, o vento estava muito forte em torno de 25 a 30 km por hora. E ali, naquela espera, a esperança é a última que morre, e como atleta, ainda mais com relação a esses sonhos mais loucos que temos, penso que precisamos acreditar até o fim que seja possível os alcançar. Mesmo quando pensamos que não conseguiremos, tal como foi na

época do meu recorde em que muitos não acreditavam em mim, eu tentei até conseguir, não desisti até que o sonho se tornou possível. Muitas vezes não conseguimos algo de primeira vez e será preciso tentar muitas outras vezes, precisamos batalhar pelo que queremos, persistir e não desistir! E nesse dia do Castelo, ficamos lá até anoitecer e eu só consegui decolar na última chance que tive que foi às 21h30 da noite, quando o vento diminuiu. Decolei de alpina, bem no pôr do sol.

E naquele momento em que pus o pé na ameia do Castelo e decolei, pensei: “caramba, não acredito que eu decolei de um castelo medieval”! Foi uma adrenalina total e fui gritando de felicidade. Acho que a cidade inteira me ouviu gritando quando saí voando do castelo. E assim é o universo do voo livre que está mudando aos poucos, há muitos machistas, mas também há várias mulheres fortemente se destacando, como é o caso da Méryl Delferrière a quem eu admiro muito e que ficou por diversas vezes entre os 10 melhores pilotos de parapente no ranking mundial, mostrando que as mulheres são capazes de serem ótimas atletas e que podem voar igual e até melhor do que os homens. E isso vale não só para o voo livre, mas para tudo, e se alguém disse o contrário disso, essa pessoa estava mentindo.

O machismo carrega em si um acervo de atos e efeitos cujo propósito é aniquilar a multiplicidade dinâmica da identidade das mulheres, de modo as fixar em uma única identidade que é marcada pela docilidade e submissão aos homens. Neste sentido, a doutrina do patriarcado indigita para um posto de supremacia dos homens em relação às mulheres, do macho em relação às fêmeas de sua espécie e, nesta hegemonia rija e ácida é que as violências de gênero são engendradas, fundamentadas, justificadas e legitimadas na história e perpetuadas na cultura.

Em meio à banalização da opressão machista, sua naturalização e cristalização cultural, é que as meninas e as mulheres são covardemente brutalizadas por todas as mais diversas formas de violência, desde as agressões verbais e morais que afetam seu estado psicológico; os espancamentos e mutilações para marcar e demarcar seu corpo; o (des)ordenamento jurídico que atravessa sua moral, seu corpo, seu psicológico e

seu patrimônio; as religiões e o Estado que as vitimizam em um *modus operandi* sempiterno por se manterem nas extremidades decisórias enquanto propulsores de convicções que se materializam em atos violentos bem como pela omissão no combate permanente e controle incessante da violência de gênero, causas frequentes de feminicídios.

No circuito do machismo, a subestimação da capacidade e do potencial das meninas e das mulheres é um espectro facultado aos homens que de tanto ser alimentado na cultura social se agiganta na vida delas como um fantasma torvo, cuja sombra parece ser mortificadora. E este vulto que até então existia apenas no imaginário dos machos torpes afivelados ao machismo, toma forma e se materializa na vida das meninas e das mulheres quando elas passam a duvidar de si mesmas e a (re)produzirem a autossabotagem. E nesse processo tóxico de se autossabotar as meninas e as mulheres colocam em risco seu futuro de tanto se maltrataram no presente com: uma autocrítica exacerbada que ignora todas as evidências de suas qualidades; com um perfeccionismo altamente danoso onde o padrão de cobrança é inalcançável; com o ato de sempre se comparar às outras pessoas ofuscando de si e dos outros sua própria subjetividade; com um medo extremo e paralisante de se arriscar em busca do que deseja por não se considerar capaz de fazer o que é preciso; com atos de procrastinação que ofuscam oportunidades únicas que só se achegam quando se avança no que precisa ser realizado; com um flagelo constante de assumir para si a responsabilidade dos outros e pelos outros; com uma ansiedade excessiva e obcecada pelo controle das situações cotidianas; com o ato de se sobrecarregar em demasia e se tornar refém do produtivismo, deixando de investir tempo em sua qualidade de vida e bem-estar ao ponto de se adoecer; não ter a coragem de se posicionar e dizer “não” diante de situações que trazem sofrimento e desconfortos; com o foco naquilo que os outros pensam sobre você ao invés de focar em si mesma e reconhecer sua própria trajetória e valor; pela cala diante de falas machistas e capacitistas que lhe ferem; por se deixar sentir menos do que é em razão das subestimações dos outros; pela acomodação em zonas de conforto que, na realidade, não trazem

nenhum conforto, mas, sim, frustrações amargas quando se olha para trás e se depara que a vida passou sem gosto, sem cor, sem calor. A subestimação misógina tem sua raiz no imaginário machista e somente se materializa quando nós, mulheres, praticamos a autossabotagem, ou seja, quando damos lugar àquela subestimação do machista e passamos a nos boicotar. Minha pergunta é: você já se autossabotou?

Dar-se conta de que a autossabotagem já nos acompanhou é um passo importante para aprender a reconhecê-la quando se aproxima e a dissolvê-la com consciência, entendendo que esta arapuca é armada por nós e para nós mesmas. Às vezes, ao longo da vida, ficamos tão machucadas em meio a ciclos abusivos que nos perdemos em labirintos de autossabotagem. No entanto, com paciência, é possível aprender a arte de se acolher e, neste processo de (re)descoberta e (re)encontro consigo mesma, também reparar que há asas grudadas no dorso feminino, à espera do ponto de mutação da Mulher para se des-grudar, abrir-se de forma magnífica e lhe propiciar alçar voo. Encanta-me há anos as palavras de Edgar Morin sobre o processo de transformação da lagarta em borboleta:

Para que a lagarta se converta em borboleta, deve encerrar-se numa crisálida. O que ocorre no interior da lagarta é muito interessante; seu sistema imunológico começa a destruir tudo o que corresponde à lagarta, incluindo seu sistema digestivo, já que a borboleta não comerá os mesmos alimentos que a lagarta. A única coisa que se mantém é o sistema nervoso. Assim é que a lagarta se destrói como tal para poder construir-se como borboleta. E quando esta consegue romper a crisálida, a vemos aparecer, quase imóvel, com as asas grudadas, incapaz de desgrudá-las. E quando começamos a nos inquietar por ela, a perguntar-nos se poderá abrir as asas, de repente a borboleta alça voo (MORIN, 1996, p. 286).

Vencer as ciladas da autossabotagem e permanecer atenta as suas investidas pode ser um processo lento e dolorido até a descoberta das potentes asas femininas. Redes de apoio junto a familiares, grupos de mulheres, amigas e suporte psicoterapêutico, com certeza, serão primordiais para

se lidar com a dor, compreendê-la, não a ignorar, mas seguir apesar dela, até que a ferida seja completamente curada, cicatrizada e pare de latejar.

Das inúmeras fotografias e vídeos que vi de Marcella voando em seu parapente, é difícil dizer qual não tenha mexido comigo, seja pela beleza de seu voo junto à majestosa Mãe Natureza, quer seja pelo tamanho do desafio frente a imensidão da mesma Mãe que nos abriga em nossa Casa Comum, a Terra. Em uma de suas postagens ela aparece tão pequenina voando em meio àqueles picos enormes nos Alpes, ao lado de imponentes montanhas. Pedi-lhe que me contasse um pouco mais a respeito dessa proeza.

Esta foi outra vez que o voo me fez chorar e rir. Foi a minha primeira vez nas Dolomitas que formam uma cadeia de montanhas nos Alpes orientais que ficam ao norte da Itália. Eu nem sabia voar direito naquela época, mas fui para a rampa com dois dupleiros que havia conhecido no dia anterior. Era tanta neve que afundávamos quase até à coxa. Os dupleiros foram na frente e algumas meninas que iriam voar com eles ficaram atrás, caminhando comigo, para me darem uma ajuda, pois eu estava com meu equipamento muito pesado nas costas. Quando consegui chegar, eles já haviam se conectado ao equipamento e decolaram. Fiquei ali sozinha e, de novo, falei para mim mesma: “Puxa vida, o que você está fazendo aqui? Você está sozinha em um pico das Dolomitas, com vento lateral, por que?”. Eu precisava passar por umas árvores para conseguir decolar, mas cada vez que tentava, eu afundava na neve e não conseguia decolar. Assim foram por algumas vezes e eu já estava exausta por causa do peso do equipamento e da condição difícil. Então, passou um homem que estava esquiando e perguntei quantos quilômetros eram daquele lugar para chegar até lá embaixo e ele respondeu que se tratava de 12 km. Então eu disse para mim mesma: “12km? Vou ter que decolar porque é impossível caminhar com meu paramente nas costas e afundando na neve até à coxa por 12 km”. Fiquei desesperada! Um homem que imagino que era do resgate e estava em uma casinha longe dali, ficou me vendo passar todo aquele perrengue e resolveu vir falar comigo. E ele me disse: “aqueles rapazes estavam junto com você,

decolaram antes e nem te ajudaram?”. Expliquei a ele que eu não era dali e que não pedi para que me ajudassem ou me esperassem. E ele me perguntou como poderia me ajudar. Respondi que ele poderia segurar bem no meio da vela, “fazer o varal” e jogar para cima quando eu dissesse. Ele fez o que pedi e, nesta hora, eu consegui correr como nunca havia corrido antes na minha vida e consegui decolar gritando “Grazie, grazie, grazie!”. Depois, em 2019, voltei aos Alpes e fui voar na Suíça, que era um dos meus maiores sonhos e que, foi quando tirei esta foto que você menciona.

Também participei de campeonatos pela Europa. Primeiro fui para Portugal, depois para a Espanha, Bulgária, Suíça e depois fui participar do Mundial na Macedônia. Na Suíça foram voos muito desafiadores porque lá é totalmente diferente em relação ao sistema de ventos dos vales que podem aumentar e, então, ficar bem perigoso. O vento já estava forte e, no primeiro dia, voei 80 km e decidi pousar porque fiquei com medo daquele vento. Pousei em um lugar que eu não conhecia, estava sozinha e fui perguntando por onde ir até conseguir chegar na estação de trem. E foi muito engraçado o que aconteceu enquanto eu estava aguardando para pegar o trem, pois chegou um homem e perguntou: “Marcella Uchoa?” – e eu olhei e ele disse: “world record!”, e continuou: “minha esposa é sua fã, ela sempre fala de você...”, e me pediu para tirar uma foto com ele para enviar à esposa. Naquele momento me senti reconhecida e feliz por estar inspirando outras mulheres. E foi muito legal porque eu estava com meu parapente em uma estação de trem na Suíça e este homem me reconheceu. Naquele instante pensei sobre as escolhas que eu havia feito, sobre ir atrás de meu sonho de bater o recorde mundial, de conseguir patrocínios para viver do voo e que isso tudo havia acontecido, eu havia conseguido. Naquela hora tive essa noção e pensei: “nossa, as pessoas me conhecem!”.

No segundo dia foi ainda mais desafiador porque foi um dos voos mais turbulentos da minha vida. O vento estava norte, do lado de cá da cordilheira, e nós voávamos no rotor dos Alpes, ou seja, em térmicas muito turbulentas, e meu parapente não parava em cima da minha cabeça. Já havia voado 90 km quando chegou uma hora que eu estava tão cansada que

falei para meu amigo que voava comigo: “não aguento mais, estou muito cansada, vou voltar”. E ele também resolveu voltar. Pousamos onde havíamos parado o carro, às 3 horas da tarde, com cento e oitenta quilômetros. Aí, hoje, fico me martirizando, porque eu poderia ter batido o recorde de lá, que era de ida e de volta de triângulo livre, cerca de 200 e poucos km, só que na hora eu nem pensei nisso porque estava extremamente cansada. Naquela ocasião eu cheguei a 4.500 metros de altitude e voava de Enzo. Eu estava nos Alpes e vendo a imensidade daquela montanha e, naquele instante, também chorei de felicidade e pensei: “caraca, não acredito que estou aqui”. E a 4.500 metros eu olhava para aquela pedra gigantesca e pontuda e pensava: “Oh, meu Deus, vou ter mesmo que passar por ali?”. E, realmente, aquelas montanhas são assustadoras e muito desafiadoras!

O voo livre com parapente é um esporte que, quer seja no âmbito das competições ou no contexto recreativo, fomenta muitas possibilidades de aprendizado que podemos trazer para nosso dia a dia. Não apenas o voo em si mesmo e todo conhecimento teórico, técnico e prático que ele demanda, mas, também, o não-voos que é quando você mais deseja voar e não pode ou não deve decolar. Quando me senti atraída para o voo livre, acreditava, ingenuamente, que poderia voar todos os dias e quando eu decidisse que iria voar. Mas não é assim, não é um esporte parecido com a corrida ou com o vôlei, por exemplo, que você se programa e coloca na agenda que irá correr ou jogar quando e onde quiser. No voo livre está presente a impossibilidade de o ser humano controlar a Mãe Natureza e todas as suas formas de se manifestar soberanamente em nossas vidas. Há dias em que a condição climática não está favorável para ninguém e a conformidade com a situação é algo mais fácil de se aceitar. Mas há dias que todos os seus amigos mais experientes estão voando e você precisa aprender a se alegrar com as alegrias deles, com o brilho de seus olhos e a estampa de sorrisos nos seus rostos que não escondem as mais vibrantes emoções de felicidade.

Este esporte maravilhoso que nos envolve de adrenalina e prazer inexplicável, também demanda humildade e disponibilidade para apren-

der a lidar e a contornar as frustrações em dias que o voo não é para você, bem como ter um espírito coletivo de acolhimento e incentivo àqueles com mais e com menos experiência que você. Na realidade, o voo livre a gente traz para vida com toda a sabedoria com a qual nos ensina e nos prepara para encararmos, primeiramente, a nós mesmos com as nossas limitações e potenciais, tanto quanto as muitas circunstâncias de imprevisibilidade que nos rodeiam. E, sobre isso, Marcella me diz:

O voo é assim: se você não está preparado para lidar com alto estresse e, principalmente, frustrações, não voe! Se você não quer se frustrar, não voe porque o voo é feito de altos e baixos o tempo todo. Houve um campeonato em que eu estava superpreparada para participar e já estava voando muito bem, e foi quando peguei meu primeiro Enzo. Fiquei tão estressada e frustrada que pousei chorando e dizendo que nunca mais iria voar. Passei a semana sofrendo sem conversar com ninguém sobre isso até que resolvi falar com o Cristiano Ricci, o Vermelho, e contei que não estava conseguindo voar com o Enzo e que não me sentia capaz de o fazer, consequentemente, que o mundo das competições não era para mim. E o Vermelho me ouviu e me perguntou se estava tudo bem com o meu ventral que diz respeito à distância dos dois mosquetões. Eu verifiquei, ajustei e tudo ficou mais tranquilo e consegui voar e me superar. E agradeço muito ao Vermelho por tudo que ele também me ensinou nas competições. Eu tenho muita sorte com vários dos meus amigos homens por sempre me ajudarem quando possível, por desejarem que eu vá bem e compartilharem seus conhecimentos comigo. E depois de ter feito os ajustes necessários, fui voar na Turquia, onde o teto era de 4 mil metros e com térmicas de 8 ou 10 metros por segundo com ventos fortíssimos e consegui me sair bem.

No voo livre sempre haverá frustrações, mas isso não nos torna menos capazes de voar. A questão é como lidamos com as frustrações, é falarmos sobre elas e vermos como poderemos aprender com elas. E como sou realmente muito chorona, eu choro mesmo nessas ocasiões. E não choro porque sou mulher, pois conheço vários homens que também choram, mas é porque a emoção é muito intensa, ela sempre está à flor da pele. Sim, a

gente se emociona muito no voo livre e persistir é muito necessário para não sermos vencidas pela frustração.

Lá em cima, é só você e seu parapente, é um lugar solitário. Se seu parapente fechar, ninguém irá o reabrir para você. Se algo acontecer que ele não reabra, será você mesma que terá que se concentrar, dominar o medo e jogar o paraquedas reserva para evitar um acidente grave. Penso que voar de parapente também tem a ver com o empoderamento de você acreditar no que deseja fazer e provar para si mesma que é capaz de o fazer.

Um dos dias em que eu estava competindo na Sérvia, a condição estava muito turbulenta, eu estava voando baixo e subindo em uma térmica quando, de repente, a minha vela se fechou e quando reabriu ela estava engravatada bem no meio das linhas. Eu estava a 300 metros das árvores e pensei: “o que que eu faço agora?”. Se não fizesse o comando perfeito eu teria que jogar o paraquedas reserva. E disse a mim mesma: “vou tentar, vou fazer perfeito!”. E, assim, negativei a vela, ou seja, um lado da vela se fechou. Eu precisava conter o giro para que não caísse em “fly back” porque eu estava voando muito baixo e acabaria nas árvores. Então decidi fazer uma derrapagem que é quase uma negativa e exige precisão e força, e consegui sair voando de novo. Neste momento eu estava no rotor da montanha e já havia perdido o meu pelotão porque a galera subiu na termal e fiquei sozinha. Era a prova de 100 km e eu disse para mim mesma e com as pernas tremendo igual vara verde: “não vou desistir!”. E tudo parecia acontecer em câmera lenta em uma adrenalina impressionante. E tudo isso que pensei, planejei e decidi fazer dentre milhões de outras coisas que me passaram pela cabeça, foi em um segundo, porque você não tem muito tempo para pensar quando está nesta situação. E nesta descarga enorme de adrenalina e com as pernas trêmulas, decidi continuar voando e peguei uma térmica turbulenta e segui em frente. Claro que fiquei muito desgastada e que foi difícil permanecer voando neste dia. Mas depois fiquei me lembrando e pensando que eu nem sabia se seria capaz de fazer aquela manobra de forma tão perfeita naquela condição extrema, mas eu estava preparada para viver aquilo, pois já havia feito em um curso de SIV (Simulação de Inciden-

tes em Voo), contudo, não imaginava ser possível em uma altura tão baixa e naquela circunstância, pois o SIV é realizado quando estamos bem alto e sobre uma represa ou lago e com toda a infraestrutura de segurança que é necessária para o piloto em treinamento.

E a cada vez que supero essa subestimação da minha capacidade de fazer algo que eu desejo, algo para o qual me preparei para voar cada vez melhor, fico muito feliz e a minha confiança aumenta cada vez mais para dizer: “eu realmente sei voar!”. E penso que muitas vezes subestimo minha capacidade como um reflexo do trauma que tive naquele relacionamento amoroso que foi abusivo e péssimo para mim. No entanto, o que realmente importa é o apoio que recebo da minha família e dos meus amigos que confiam em mim e sempre me motivam dizendo que eu sou a Marcella Uchoa e que sou capaz de superar todos esses desafios. Então, sem dúvida, o voo livre é um esporte de empoderamento para as mulheres e que todas, se quiserem, podem voar e voar bem.

Na mitologia grega, a deusa Nice (chamada pelos romanos de Vitória), representava o triunfo e a glória. Ela era uma mulher alada que tinha o poder de correr e voar com grande velocidade e era fonte de sorte e vitória de modo que deuses, atletas e guerreiros, sempre a desejavam por perto. Nice, a deusa com asas, sempre era encontrada ao lado de Atena, a deusa da sabedoria e das estratégias, de modo que ambas simbolizam até os dias de hoje que a Vitória e a Sabedoria caminham lado a lado. Nice sobrevoava os campos de batalha para premiar os vencedores, nem sempre os mais esplêndidos, porém, galardoava os que sabiam fazer uso da melhor estratégia para vencer. Estige, sua mãe, era a deusa dos juramentos inquebráveis e, dentre eles, para ser vitorioso, é preciso fazer um juramento consigo mesmo para conquistar o objetivo proposto e não desistir. Não menos importante, o vencedor também deveria saber lidar com Zelus, a divindade que simboliza a rivalidade, a inveja, o ciúme e que sempre sombreia os exitosos (BERENS, 2009).

Marcella é uma mulher alada, referência para o universo do voo livre como uma grande atleta que nos orgulha a todas e todos. O Clube Poçoscaldense de Voo Livre (CPVL), assim como o Brasil, tem a sorte de

serem representados por ela nos campeonatos nacionais e internacionais desse esporte que vem cativando cada vez mais pessoas. Hoje, a atleta se dedica de tempo integral ao voo livre e é patrocinada por importantes marcas de equipamentos vinculadas à prática esportiva. Marcella não voa como um homem. Ela voa como uma mulher tão capaz e tão potente como qualquer ser humano, independentemente de gênero ou qualquer outro atributo relacionado à nossa espécie. Intensa e repleta de sonhos, compartilha-os comigo:

Meu maior sonho neste momento é o de bater o recorde mundial geral que é de Sebastien Kayrouz, em um total de 611 km percorridos no Texas. Quero ser campeã brasileira no geral, ou seja, entre mulheres e homens. Em 2021 fiquei em quinto lugar no geral no Campeonato Brasileiro que foi em Governador Valadares, Minas Gerais. Penso ser importante termos a categoria feminina dentro do voo livre para incentivar outras mulheres a participar, a competir. Mas eu estou na competição de igual para igual com eles, com os homens. Na Copa do Mundo de Parapente que houve na Sérvia, fiquei em 19º no geral entre 120 pilotos e isso me deixou muito feliz, pois estou conseguindo chegar ao meu objetivo que é voar em um mesmo patamar com os melhores pilotos do mundo. E tenho esse sonho em ser vencedora aqui no Brasil e ser também ser campeã mundial.

Conversar com Marcella e trazer um pouco de sua história para esse livro, foi uma grande alegria para mim. Sua fala intensa, sempre contornada ora por risos, ora por lágrimas, expressa para mim sua potência de viver a vida e a beber por inteira para se fortalecer diante das adversidades que ela e cada um de nós têm, especialmente, as mulheres frente ao escárnio machista e patriarcal. Sua coragem se agarra às suas asas e alça altos e longos voos em busca do desejo mais profundo de voar à sua maneira, sendo mulher, vencendo o paradigma da distorção que não se cansa de menosprezar e subestimar o feminino pela cultura da subserviência e inferioridade, a qual, juntas, repudiamos!

Não é um pênis que define tudo aquilo que uma pessoa pode ser, tampouco o que dita o que ela não pode ser. Para muito além das águas de piratas onde as ferozes tsunamis patriarcais são gigantescas e possuem ardilosos tentáculos, há uma imensidão incomensurável de vida potente onde se é possível voar por cima dos oceanos abissais quanto dos territórios hostis, onde outros caminhos podem ser trilhados e linhas de fuga criadas para que a natureza do medo e os grilhões do silenciamento sejam desmantelados, e outras possibilidades de existência e de vida sejam construídas.

O Feminino é essa potência que nos constitui e, se valorado, abre suas vigorosas asas em nós que nos levam às altitudes inimagináveis de vida, conquistas e liberdades de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo quem somos.

Esta potência é temida pelos piratas do patriarcado contemporâneo tal qual Zeus, o deus mor da mitologia grega, que temeu a criança que nasceria mais forte do que ele depois de devorar sua esposa que estava grávida: Atena, deusa da sabedoria e da guerra, marcada pela inteligência, pela criação, pela arte e sede de justiça – mulher forte e majestosa, de olhar penetrante e corajoso, avessa às ilusões e arrebatamentos comotivos, movia-se pela prudência e sua capacidade de raciocinar sobre o que acontecia a sua volta.

Tal qual Atena, essas virtudes velam por brotar em você dia a dia, a cada duelo inesperado, nas fronteiras da dor e do sofrimento, também nas celebrações do que se faz mais simples e doce tanto quanto nas conquistas mais complexas. O Feminino é intenso e soberano de si e em si, não precisa de tutela ou aprovação patriarcal para coisa alguma.

Acredite: há asas (re)colhidas em você, aguardando seu desejo de voar para se abrirem e se estamparem em um universo de possibilidades que (re)nascem a cada manhã. O medo, a baixa autoestima e a autossabotagem são processos e comportamentos que não têm o poder de nos controlar e nos dominar. Eles podem nos trazer sentimentos desconfortáveis, inseguranças e tristezas, mas também podem ser diluídos e derrotados,

dia a dia, continuamente, pelo plantio de sementes de acolhimento, respeito e amor genuíno por nós mesmas.

Ocupe seu lugar de uma escuta sensível de si mesma e das outras mulheres para que unidas, acolhamos a nós mesmas e as que virão depois de nós na luta contra todas as formas, explícitas e veladas, de violência machista e patriarcal. Empodere-se em seu lugar de fala e lembre-se: você não está só!

Creia, você pode voar muito além das águas de piratas!

Bom voo!

REFERÊNCIAS



ABRELPE. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2020**. São Paulo: ABRELPE, 2020.

ACNUR. “Hay muchos riesgos y limitantes para las personas LGBTI en estos momentos”. **Acnur**, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/noticias/historia/2020/6/5ef6b7c34/hay-muchos-riesgos-y-limitantes-para-las-personas-lgbti-en-estos-momentos.html#_ga=2.235517889.1573057082.1650502052-82979655.1650502052>.

ACNUR. Interiorização beneficia mais de 50 mil refugiados e migrantes da Venezuela no Brasil. **Acnur**, 20 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2021/04/20/interiorizacao-beneficia-mais-de-50-mil-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-brasil/>>.

ADHIKARI, D. Nepal caste system leaves Dalits with secret suffering. **Aa**, 04 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.aa.com.tr/en/world/nepal-caste-system-leaves-dalits-with-secret-suffering/19852#>>.

ADICHIE, C. N. **Meio sol amarelo**. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ADICHIE, C. N. **Americanah**. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AFRICAN UNION COMMISSION (AUC). **Agenda 2063**: The Africa we want. Ethiopia: African Union Commission, 2021. Disponível em: <https://au.int/sites/default/files/documents/33126-doc-01_background_note.pdf>.

AGÊNCIA BRASIL. Covid-19: Brasil passa das 210 mil mortes causadas pela pandemia. **Agencia Brasil**, 18 jan. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/covid-19-brasil-passa-das-210-mil-mortes-causadas-pela-pandemia>>.

AHMAD, K. “**Mirror**” de **Handful of Salt**. Tradução de Alana Marie Levinson-LaBrosse. USA: Word Works, 2016.

AIGILO, M. Poems: Moral Intent. **Kunapipi**, Australia, 27, n. 2, 2005. 175.

ALAYWAN, S. Antologia. **Suzanne-Alaywan**, 2007. Disponível em: <<http://www.suzanne-alaywan.com/2007.html>>.

ALBUQUERQUE, N. A verbal volúpia de Ana C. **Revista Cásper**, São Paulo, n. 19, [s.d.]. 1. Disponível em: <<https://revistacasper.casperlibero.edu.br/edicao-19/a-verbal-volupia-de-ana-c/>>.

ALCORÃO. **Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a Língua Portuguesa**. Tradução de Helmi Nasr. 2. ed. [S.l.]: Independently Published , 2019. 726 p.

ALEXANDER, M. **A nova segregação: Racismo e encarceramento em massa**. Tradução de Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2017.

ALIA. I Prepare to Die as the Taliban Attacks AUAF. **Awwproject.org/**, 23 set. 2016. Disponível em: <<http://awwproject.org/2016/09/i-prepare-to-die-as-the-taliban-attacks-auaf/>>.

ALLENDE, I. **Mulheres de Minha Alma**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

ALLENDE, I. Isabel Allende - biografia. **Isabel Allende**, 20 jun. 2022. Disponível em: <<http://www.isabelallende.com/es/bio>>.

ALMASSDAR, M. Joguinho. In: TAYSIR, M. **Gaza, terra da poesia**. Rio de Janeiro: Tabla, 2022.

AMARANTE, M. I. **Guerrilheiras da Palavra**: Rádio, oralidade e mulheres em resistência no Timor-Leste. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

AMATO, B. An illegal failure of our criminal justice system. **Wits Communications**, 17 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.wits.ac.za/news/latest-news/research-news/2022/2022-03/an-illegal-failure-of-our-criminal-justice-system.html>>.

AMNESTY INTERNATIONAL. Philippines: President Duterte gives “shoot to kill” order amid pandemic. **Amnesty**, 02 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2020/04/philippines-president-duterte-shoot-to-kill-order-pandemic/>>.

ANAND, A.; SANDEFUR, J.; SUBRAMANIAN, A. Three New Estimates of India’s All-Cause Excess Mortality during the COVID-19 Pandemic. **Center for Global Development**, Washington, USA, July 2021. 1-30. Disponível em: <<https://cgdev.org/sites/default/files/three-new-estimates-indias-all-cause-excess-mortality-during-covid-19-pandemic.pdf>>.

ANCHIETA, I. D. M. **Imagens da Mulher no Ocidente Moderno**. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, 2014.

ÁNGEL, A. **Misiá Señora**. España: Argos Vergara, 1982.

ANJUMAN, N. Nadia Anjuman: Light Blue Memories. **Universe of Poetry**, 2001. Disponível em: <<https://www.universeofpoetry.org/afghanistan.shtml>>.

ANSA. “O Brasil não pode ser o país do turismo gay”, defende Bolsonaro. **Último Segundo**, 25 abr. 2019. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-04-25/brasil-nao-pode-ser-o-pais-do-turismo-gay-defende-bolsonaro.html>>.

APIGBV - ASIAN PACIFIC INSTITUTE ON GENDER-BASED VIOLENCE. From a Spiral of Violence to a Whirlwind of Healing: Strengthening Advocacy for API LGBTQ. **Api-gbv.org**, 30 set. 2020. Disponível em: <<https://www.api-gbv.org/resources/spiral-to-whirlwind-webinar/>>.

ARAÚJO, G. L. D. “Esse não, mas Barrabás!” (Jo 18,40). **Revista de Cultura Teológica**, 84, n. Ano XXII, jul/dez 2014. p. 66-81.

ARAÚJO, M. Massacre de Batepá: o genocídio colonial português que foi silenciado. **Conexão Lusófona**, 11 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.conexao-lusofona.org/o-genocidio-colonial-portugues-que-foi-silenciado/>>.

ARCARO, T. Refugee/humanitarian, Shahida. **Blogs.elon.edu**, 19 jul. 2019. Disponível em: <<https://blogs.elon.edu/aidworkervoices/?p=1430>>.

ARENAS, I. V. **Mujeres en tiempos de cambio: reflexiones en torno a los derechos sociales, políticos, económicos y culturales de las mujeres venezolanas**. Caracas: Archivo General de la Nación; Centro Nacional de Historia, 2010.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARIFA. One Floor from My Sister, Waiting to Die. **Awwproject.org/**, 23 set. 2016. Disponível em: <<http://awwproject.org/2016/09/one-floor-from-my-sister-waiting-to-die/>>.

ASHBURN-NARDO, L. Parenthood as a Moral Imperative? Moral Outrage and the Stigmatization of Voluntarily Childfree Women and Men. **Sex Roles**, 76, 2017. 393-401. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s11199-016-0606-1>>.

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

AUTORIA COLETIVA. O futuro é primitivo. In: VÁRIOS **Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários**. São Paulo: Centro de Referência da Diversidade (CRD), 2017. p. 18.

ÁVILA, A. Na Fox News, Bolsonaro defende muro e diz que maioria dos imigrantes “não tem boas intenções”. **Sur21**, 19 mar. 2019. Disponível em: <<https://sul21.com.br/ultimas-noticiaspolitica/2019/03/na-fox-news-bolsonaro-defende-muro-e-diz-que-maioria-dos-imigrantes-nao-tem-boas-intencoes/>>.

AYIS, D. “She Lives”, a Poem by Debra Ayis. **Valiantscribe**, 16 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.valiantscribe.com/post/she-lives-a-poem-about-human-trafficking>>.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, 11, maio - agosto 2013. p. 89-117. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/?format=pdf&lang=pt>>.

BARRY, D. Self-harm and attempted suicides increasing for child refugees in Lesbos. **Médecins Sans Frontières (MSF)**, 17 set. 2018. Disponível em: <<https://www.msf.org/child-refugees-lesbos-are-increasingly-self-harming-and-attempting-suicide>>.

BATHA, E. What will happen to girls’ education in Afghanistan under Taliban rule? **News.trust.org**, 11 out. 2021. Disponível em: <<https://news.trust.org/item/20210831110425-cvykj/>>.

BBC. Kurdish PKK co-founder Sakine Cansiz shot dead in Paris. **BBC News**, England, 13 jan. 2013. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-20968375>>.

BBC. Papua Nova-Guiné, o país onde 2 de cada 3 mulheres são estupradas. **BBC News**, 8 novembro 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e_FLGDaexjo>.

BBC. ‘Casamento do prazer’: clérigos usam prática religiosa polêmica para prostituir meninas no Iraque. **BBC**, 05 out. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-49929885>>.

BBC. Afghan mothers’ names to be included on children’s ID cards. **BBC News**, 18 set. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-54018913>>.

BBC. Nos EUA, Bolsonaro diz que coronavírus é ‘superdimensionado’ e fala em fraude na eleição de 2018 sem mostrar provas. **BBC**, 09 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51810489>>.

BBC. Afghanistan conflict: Kabul falls to Taliban as president flees. **BBC News**, 16 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-58223231>>.

BEATRIX, A.; RODRIGUES, B. No Dia da Mulher Negra, conheça 10 atletas pioneiras no esporte e na luta contra o racismo. **Ge.globo**, 25 jul. 2020. Disponível em: <<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/no-dia-da-mulher-negra-conheca-10-atletas-pioneiras-no-esporte-e-na-luta-contra-o-racismo.ghtml>>.

BEAUVOIR, S. D. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 1, 1960a.

BEAUVOIR, S. D. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 2, 1960b.

BERENS, E. M. **The Myths and Legends of Ancient Greece and Rome**. Amsterdam: Metalibri, 2009.

BERTOTTI, U. **O mundo de Aisha: A revolução silenciosa das mulheres no Iêmen**. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Nemo, 2015.

BIA NEWS DESK. Court of Cassation Upholds Prison Sentence of Former HDP Deputy Co-Chair Tuğluk. **Bianet.Org**, 25 fev. 2020. Disponível em: <<https://bianet.org/english/politics/220564-court-of-cassation-upholds-prison-sentence-of-former-hdp-deputy-co-chair-tugluk>>.

BIA NEWS DESK. Former HDP Co-Chair Figen Yüksekdağ acquitted of ‘insulting President’. **Bianet.Org**, 11 fev. 2021. Disponível em: <<https://m.bianet.org/english/human-rights/239125-former-hdp-co-chair-figen-yuksekdag-acquitted-of-insulting-president>>.

BIA NEWS DESK. Jailed politician Gültan Kışanak granted ‘Clara Zetkin Honorary Award’. **Bianet.Org**, 31 maio 2021. Disponível em: <<https://m.bianet.org/english/women/244908-jailed-politician-gultan-kisanak-granted-clara-zetkin-honorary-award>>.

BIBI, I. The Art Garden Rohingya Interview. **Theartgardenrohingya**, 11 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.theartgardenrohingya.com/interview-with-the-artist-ishrat-bibi/>>.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Corrigida. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia Ave Maria**. São Paulo: Ave Maria, 2020. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria>>.

BOFF, L. Prefácio. In: ORRÚ, S. E. **A Inclusão Menor e o Paradigma da Distorção**. Rio de Janeiro: Vozes, 2020. p. 254.

BOND, J. Gender and Non-Normative Sex in Sub-Saharan Africa. **Michigan Journal of Gender & Law**, 23, n. 1, 2016. p. 64-145. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/232695484.pdf>>.

BONNETT, P. **En caso de emergencia**: antología. Bogotá : Ministerio de Cultura, Biblioteca Nacional de Colombia, 2018.

BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: UEM, 2005. p. 223-239.

BORGO, K. S. **Noite em Caracas**. Tradução de Livia Deorsola. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

BRANCA, V. **Ritmos de Inquieta alegria**. 3. ed. Manaus: Valer, 2014.

BRASIL. Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916 - Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 01 jan. 1916.

BRASIL. Lei Nº 6.815 de 19 de agosto de 1980. Estatuto do Estrangeiro. **Diário Oficial da União**, Brasília, 19 ago. 1980.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990: Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 jul. 1990.

BRASIL. Decreto Nº 1.973, de 1º de agosto de 1996. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1 agosto 1996.

BRASIL. Decreto Nº 5.017 de 12 de março de 2004. Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 mar. 2004.

BRASIL. Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005 - Garante às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. **Diário Oficial da União**, Brasília, 7 abril 2005.

BRASIL. Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União - Seção 1**, Brasília, 08 ago. 2006.

BRASIL. Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 ago. 2006.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 maio 2017.

BRASIL. Decreto nº 9.199, de 20 de novembro de 2017. Regulamenta a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 nov. 2017b.

BROCHMANN, N.; DAHL, E. S. **Viva a Vagina**: tudo que você sempre quis saber. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BUDDHARAKKHITA, A. **Dhammapada**: “O Caminho da Sabedoria do Buddha”. Tradução de Dhammiko Bhikkhu. Portugal: Mosteiro Budista Theravada, 2013.

BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da Mitologia**. Tradução de David Jardim Júnior. 26. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

BUSTAMANTE, A. **But Wait, There's More: On the Additions to Esther**. Arizona: University of Arizona / Department of classics and religious studies, 2019.

CABRAL, A. **Ante-sala**. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2007.

CACHO, L. **Los Demonios Del Edén: El Poder Que Protege A La Pornografía Infantil**. Mexico: Debolsillo, 2006.

CALCAÑO, M. **Antología poética**. Maracaibo: Luz, 1993.

CALDERÓN, T. **Amiga mía**. Santiago, Chile: Forja, 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Câmara analisa propostas para ampliar atendimento à mulher vítima de violência. **Camara.leg.**, 28 maio 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/765894-camara-analisa-propostas-para-ampliar-atendimento-a-mulher-vitima-de-violencia/>>.

CAMPOS, L. A. Brasil vive espécie de apartheid institucional. **Folha**, 19 jun. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/brasil-vive-especie-de-apartheid-institucional-diz-pesquisador.shtml>>.

CARRANZA, M. M. **Antología**. Bogotá, Colombia: Universidad Externado de Colombia, 2004.

CASTRO, J. **Ribeirinhos do Asfalto**. Belém, Pará, Brasil: Cabocla Filmes, 2011. Produção: Luis Laguna / Danielle Santos. Elenco principal: Dira Paes, Ana Letícia Cardoso e Adriano Barroso.

CDC - CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey: 2010 Findings on Victimization by Sexual Orientation**. Atlanta, Georgia: Division of Violence Prevention, 2013. Disponível em: <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/nisvs_so-findings.pdf>.

CECODAP. Descubrir un abuso sexual en la familia es un proceso duro de asimilar. **Cecodap.Org**, Venezuela, 20 out. 2021. Disponível em: <<https://cecodap.org/descubrir-un-abuso-sexual-en-la-familia-es-un-proceso-duro-de-asimilar/>>.

CECODAP. Violencia sexual contra niños, niñas y adolescentes se incrementó entre 2019 y 2021. **Cecodap.Org**, Venezuela, 02 jan. 2022. Disponível em: <<https://cecodap.org/violencia-sexual-contra-ninos-ninas-y-adolescentes-se-incremento-entre-2019-y-2021/>>.

CÉSAR, A. C. **A teus pés**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHÁVEZ, M. Madre Rebeldía. In: MÁRQUEZ, I. **Versos Insurgentes**. Caracas: sn, 2007. p. 153-154.

CHEETI, A.; BRENT, L. H.; PANGINIKKOD, S. Autoimmune Myopathies. **StatPearls. Treasure Island (FL)**, 22 nov. 2021. p. 1-6. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK532860/>>.

CHOCRÓN, S. Orden. **Confluencia**, University of Northern Colorado, 23, n. 2, 2008. p. 221-222.

CHRISTIANITY TODAY. The 50 Hardest Countries in Being a Christian in 2021. **Christianity Today**, 13 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.christianitytoday.com/news/2021/january/perseguiacao-aos-cristaos-perseguidos-2021-paises-lista-pt.html>>.

CICEK, M. Somos la flor de esta montaña. **Catarsis**, 2, 2020. 67. Disponível em: <<https://catarsisrevistaargentina.files.wordpress.com/2020/04/revista-catarsis-digital.pdf>>.

CIDH - COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Violência contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo nas Américas**. EUA: Organização dos Estados Americanos, 2015.

CNN BRASIL. Mais de 30% dos bebês mortos por Covid no Brasil não tiveram acesso a UTI. **Cnn Brasil**, 15 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mais-de-30-dos-bebes-mortos-por-covid-no-brasil-nao-tiveram-acesso-a-uti/>>.

sil.com.br/saude/mais-de-30-dos-bebes-mortos-por-covid-no-brasil-nao-tiverem-acesso-a-uti/>.

COLOMBO, S. Filme expõe a Mistral que o Chile escondeu. **Folha**, 01 abr. 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0104201112.htm>>.

COMCAVIS TRANS. **Huir y sobrevivir**. El Salvador: Comcavis Trans, 2020.

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E MINORIAS (CDHM). **Audiência Pública Extraordinária: Proteção a defensoras e defensores de direitos**. Brasília: Câmara dos Deputados/Comissão de Direitos Humanos e Minorias, 15 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://escriba.camara.leg.br/escriba-servicosweb/pdf/62924>>.

CONASS. Painel Nacional: Covid-19. **Conass**, Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 31 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>>.

CONE, D. Afghan Women and Girls Under Immediate Threat: The Responsibility to Protect and Assist Is Just Beginning. **Refugeesinternational.org**, 7 out. 2021. Disponível em: <<https://www.refugeesinternational.org/reports/2021/10/5/afghan-women-and-girls-under-immediate-threat-the-responsibility-to-protect-and-assist-is-just-beginning>>.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOO LIVRE (CBVL). **Número de pilotos de parapente por gênero associados à CBVL**. Confederação Brasileira de Voo Livre (CBVL). Rio de Janeiro. 02/08/2022. (informação fornecida por email).

CONSULTORÍA PARA LOS DERECHOS HUMANOS Y EL DESPLAZAMIENTO (CODHES). 2021, el año con mayor número de víctimas de desplazamiento en 5 años. **Codhes**, Colombia, 22 dez. 2021. Disponível em: <<https://codhes.wordpress.com/2021/12/22/2021-el-ano-con-mayor-numero-de-victimas-de-desplazamiento-en-5-anos/>>.

CORREIO BRASILIENSE. Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido. **Correio Brasiliense**, 24 setembro 2019. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/09/24/interna->

-brasil,789307/bispo-edir-macedo-diz-que-mulher-nao-pode-ter-mais-estudo-que-o-marido.shtml>.

CORTEZÃO, M. **Banheiro manso**. Gramado, RS: Porto de Lenha, 2018.

COSTA, R. P. A poesia de resistência das mulheres palestinas: Da poesia de Fadwa Tuqan e Salma Jayyusi. **Criação & Crítica**, Spe., 04 set. 2020. 51-68. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/162131/163282>>.

COSTA, S. D. C. et al. Prevalence of Child Sexual Violence in Brazil in the Period 2010-2018: an Ecological Study. **J Health Sci**, Londrina, 23, n. 4, 2021. p. 334-338.

CRUZ, S. J. I. D. L. **Obra Selecta**. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1994.

CUNHA, T. Timor-Leste, a guerra e as memórias delas. **Plural Pluriel**, France, 19, 26 mar. 2019. p. 123-137. Disponível em: <<https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/183>>.

DAGNINO, M. **20 mujeres venezolanas del siglo XX que cambiaron nuestra historia**. Venezuela: Asamblea Nacional, 2019.

DAUGHTERS of Destiny. Direção: Vanessa Roth. Produção:.. Intérpretes: Shilpa Raj. [S.l.]: Netflix. 2017.

DEFENSORÍA DEL PUEBLO. **Derechos humanos de las personas LGBTI: Necesidad de una política pública para la igualdad en el Perú**. Lima-Perú: Defensoría del Pueblo, 2016. Disponível em: <<https://www.defensoria.gob.pe/wp-content/uploads/2018/05/Informe-175--Derechos-humanos-de-personas-LGBTI.pdf>>.

DELIMBEUF, K. O novo rosto da Alemanha é afegão. **Expresso.pt**, 27 mar. 2017. Disponível em: <<https://expresso.pt/sociedade/2017-03-27-O-novo-rosto-da-Alemanha-e-afegao>>.

DEPEN - DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Relatório temático sobre mulheres privadas de liberdade**: junho de 2017. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2019. Consultor: Marcos Vinícius Moura Silva.

DEUTSCHLAND – LAND DER IDEEN. Flagge zeigen für gute Ideen. **Landderideen.de**, 2016. Disponível em: <<https://land-der-ideen.de/dialoge/flagge-zeigen-fuer-gute-ideen>>.

DEVORA, N. People Of Color With Albinism Ask: Where Do I Belong? **NPR**, 7 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.npr.org/sections/codeswitch/2015/12/07/457147952/people-of-color-with-albinism-ask-where-do-i-belong>>.

DÍAZ-DIOCARETZ, M. De una postulante a víctima inocente de delito sexual. In: VILLEGAS, J. **Antología de la nueva poesía femenina chilena**. Chile: La Noria, 1985. p. 100-103.

DOMÍNGUEZ, I.; GÁLVEZ, J. J. Mudança nas leis revela 5.600 casos de escravidão na Espanha. **El País**, Madri, 17 abril 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/14/internacional/1492152357_266303.html>.

EL PAÍS. “Já disse que não estupro porque você não merece”. **El País**, 10 dez. 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/10/politica/1418170279_872754.html>.

EL PAÍS. La ostentosa desnudez de Pita Amor. **El País**, 13 ago. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2015/08/11/actualidad/1439259131_199233.html>.

EL PAÍS. América Latina é a região mais letal para as mulheres. **El País**, 27 nov. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/actualidad/1543075049_751281.html>.

EL PAÍS. Artistas e intelectuais lançam manifesto internacional contra censura no Governo Bolsonaro. **El País**, 07 fev. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/politica/2020-02-07/artistas-e-intelectuais-lancam-manifesto-internacional-contra-censura-no-governo-bolsonaro.html>>.

EL-DAMANHOURY, I. The Jewish and Christian view on female genital mutilation. **African Journal of Urology**, 19, n. 3, September 2013. 127-120.

EME - MASCULINIDADES Y EQUIDAD DE GÉNERO. Emol: 40% de los chilenos cree que el hombre debe tener la última palabra en el hogar. **EME**, Chile,

2022. Disponível em: <<https://www.eme.cl/un-40-de-los-chilenos-cree-que-el-hombre-debe-tener-la-ultima-palabra-en-el-hogar/>>.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. Tradução de Álvaro Lorenzini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Unesp, 2002.

ESCOBAR, D. R. M. **Ley de Origen y Legislación en Colombia**: Contraposición, intereses y contradicciones entre los pueblos indígenas y el Estado, en materia de explotación de recursos naturales en la Sierra Nevada de Santa Marta. Bogotá: Facultad de Derecho y Ciencias Políticas y Sociales de la Universidad Nacional de Colombia, 2013.

ESMAELI, Z. **Meine neue Freiheit**: Von Kabul über den Laufsteg zu mir selbst. Köln, Deutschland: Lübbe, 2014.

ESTRADA, A. Pela liberdade de decidir sobre minha vida e meu corpo. **Anabuscalamuertedigna**, 2019. Disponível em: <<https://anabuscalamuertedigna.wordpress.com/page/2/>>.

ESTRADA, A. Confinamento. **Anabuscalamuertedigna**, 15 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/anabuscalamuertedigna/photos/905958459880176>>.

ESTRADA, A. Caso Ana Estrada: Realizan audiencia a favor del acceso a una muerte digna para la psicóloga. **Peru21TV**, 07 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gEiKkvZRpUU&t=6s>>.

EVARI, C. Sucesso. **Poesia na alma**, 23 fev. 2022. Disponível em: <<http://www.poesianaalma.com.br/2022/02/sucesso-caroline-evari-poesiarotamundo.html>>.

EVARISTO, C. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In: QUILOMBOHOJE (ORG.) **Cadernos negros 19**. São Paulo: Quilombhoje, 1996. p. 26.

FAIR, H.; WALMSLEY, R. **World Prison Population List (thirteenth edition)**. Institute for Crime & Justice Policy Research (ICPR). London, p. 18. 2021.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FARIDA. Hope. **Awwproject.org**, 31 jan. 2018. Disponível em: <<http://awwproject.org/2018/01/hope-2/>>.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERNANDEZ, ; N.B, G. **The nature of violence faced by lesbian women in India**. Mumbai: Research Centre on Violence Against Women / Tata Institute of Social Sciences , 2003. Disponível em: <https://www.tiss.edu/uploads/files/8The_Nature_of_violence_faced_by_Lesbian_women_in_India.pdf>.

FISCALIA. **Ley de Justicia y Paz, Compilación Normativa y Jurisprudencia**. Colombia: Imprenta Nacional de Colombia, 2010.

FOLHA DE S. PAULO. Democracia e Ditadura. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, junho 2020. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/06/29/ae4ce42b1f209589158cb991d1123b8cdd.pdf>>.

FORBES. Los mexicanos más creativos de 2018 / Literatura. **Forbes**, 15 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.forbes.com.mx/los-mexicanos-mas-creativos-de-2018-literatura/>>.

FRANCIS, E. Fawzia Koofi: an Afghan politician spent her life working for women's rights. **Washingtonpost.com**, London, 31 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/world/2021/08/31/afghanistan-female-politicians-evacuation/>>.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FUNDACIÓN CARMEN SÁNCHEZ. Femicídio: ataque con ácido. **Fundacioncarmensanchez.org**, 2021. Disponível em: <<https://fundacioncarmensanchez.org/2021/11/10/hagamos-que-suceda-femicidio-ataque-con-acido/>>.

FUNDACIÓN HABLAR. **Abuso Sexual Infantil y Adolescente en Venezuela**. Caracas: Fundación Hablar, 2019.

G1. Brasil passa de 92 mil mortes por Covid-19; média de óbitos na última semana é de 1.026. **G1**, 31 jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>>.

G1. Brasil tem 1.366 mortes por Covid-19 em 24 horas e total de óbitos passa de 553 mil. **G1**, 28 jul. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/28/brasil-tem-1366-mortes-por-covid-19-em-24-horas-e-total-de-obitos-passa-de-553-mil.ghtml>>.

GALEANO, E. **Las palabras andantes**. 5. ed. Argentina: Catálogos S.R.L. , 2001.

GALEANO, L. E. Poesía por la verdad. Lo que escriben las mujeres sobre la desaparición forzada en Colombia. **Diario de paz**, 17 jul. 2019. Disponível em: <<https://diariodepaz.com/2019/07/17/poesia-por-la-verdad/>>.

GANATRA, et al. Global, regional, and subregional classification of abortions by safety, 2010–14: estimates from a Bayesian hierarchical model. **The Lancet**, New York, 390, n. 10110, 25 November 2017. 2372-2381.

GARCÍA, J. P. M. La Maestra Argelia Mercedes Laya López. Aportes al imaginario afrodescendiente venezolano (1926 - 1997). **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**, Colombia, 18, n. 27, julio - diciembre 2016. p. 13-34.

GARCÍA, N. L. No moriré. **Milenio**, 19 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.milenio.com/cultura/laberinto/no-morire-un-poema-de-nadia-lopez-garcia#:~:text=Mi%20voz%20no%20quedar%C3%A1%20desierta,el%20susurro%20de%20mis%20hijos.>>>.

GAZETE DUVAR. Sebahat Tuncel: Cezaevinde baskılar arttı, şiddete maruz kalıyoruz. **Gazeteduvar**, 12 agosto 2021. Disponível em: <<https://www.gazeteduvar.com.tr/sebahat-tuncel-cezaevinde-baskilar-artti-siddete-maruz-kaliyoruz-haber-1531435>>.

GAZETE KARINCA. Açlık grevinin başladığı Kandıra Cezaevi'nde koşullara baskın. **Gazete karınca**, 29 nov. 2020. Disponível em: <<https://gazetekarinca.com/2020/11/aclik-grevinin-basladi-gi-kandira-cezaevinde-koguslara-baskin/>>.

GEBARA, I. Toda nossa solidariedade e força às irmãs presbiterianas. **Carta Capital**, 24 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/toda-nossa-solidariedade-e-forca-as-irmas-presbiterianas/>>.

GHAFARI, Z. Zarifa Ghafari. **Zarifaghafari.com**, Paris, 2021. Disponível em: <<https://zarifaghafari.com/>>.

GIRI, B. Woman (Aimai). In: HUTT, M. J. **Himalayan Voices: An Introduction to Modern Nepali Literature**. Tradução de Michael James Hutt. Berkeley: University of California, 1991. p. 139-140.

GLOBAL FINANCE MAGAZINE (GFM). Poorest Countries in the World 2021. **Gfmag.com**, 12 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.gfmag.com/global-data/economic-data/the-poorest-countries-in-the-world>>.

GLOBAL WITNESS. **Last line of defence**. England: Global Witness, september/2021.

GONÇALVES, M. C.; SLEIMAN,. Libertações na poesia da palestina Fadwa Tuqan. **Exilium**, São Paulo, 2, n. 3, 29 nov. 2021. 159-180. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/exilium/article/view/11699/9063>>.

GONZÁLEZ, A. I. Á. **As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres**. Tradução de Participantes do grupo de estudos Em Tempo de Feminismo. São Paulo: Expressão Popular / SOF – Sempreviva Organização Feminista, 2010.

GRANDA, C. Canción al árbol del canto. **Asociación Cultural Chabuca Granda**, Peru, 06 jan. 1977. Disponível em: <<http://chabucagranda.com.pe/>>.

GRAÚNA, G. Programa convida: Graça Graúna. **Instituto Moreira Salles**, 24 ago. 2020. Disponível em: <<https://ims.com.br/convida/graca-grauna/>>.

GUIMARÃES, G. **A cor da ternura**. São Paulo: FTD, 1990.

HADDAD, J. **Eu matei Sherazade**: confissões de uma árabe enfurecida. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HALLAL, P. Dos 300 mil óbitos por covid, 75% poderiam ter sido evitados. **Sinfaerj**, 31 mar. 2021. Disponível em: <<https://sinfaerj.org.br/pedro-hallal-mostra-ao-cns-o-tamanho-do-crime-dos-300-mil-obitos-por-covid-75-poderiam-ter-sido-evitados/>>.

HARDT, K. Zohre Esmaeli: I was 13-years-old when I risked everything to flee Afghanistan and escape the Taliban. This is my story. **Glamourmagazine**, 03 out. 2021. Disponível em: <<https://www.glamourmagazine.co.uk/article/this-woman-fled-the-taliban>>.

HARRIS, H. N. **Palabra de mujer**: obra reunida. Chile: Cuarto Propio, 2010.

HASSANI, Z.; HUANG, R. The Untold Story of How Afghanistan's Fighting Female Governor Salima Mazari Escaped the Taliban. **Time**, 14 set. 2021. Disponível em: <<https://time.com/6097198/salima-mazari/>>.

HEALTHLINE. Euthanasia: Understanding the Facts. **Healthline**, 31 maio 2019. Disponível em: <<https://www.healthline.com/health/what-is-euthanasia>>.

HEJAR. Esa flor. **Catarsis**, 2, 2020. 67. Disponível em: <<https://catarsisrevistaargentina.files.wordpress.com/2020/04/revista-catarsis-digital.pdf>>.

HELM, S. **Ravensbrück**: A história do campo de concentração nazista para mulheres. Rio de Janeiro: Record, 2017.

HERNÁNDEZ, J. P. Y. Josefina Peñate y Hernández: “Pasión” (poesía). **Lazebra.net**, 01 jul. 2019. Disponível em: <<https://lazebra.net/2019/07/01/josefina-penate-y-hernandez-pasion-poesia/>>.

HITLER, A. **Minha Luta (Mein Kampf)**. Munique: Eher-Verlag, 1925.

HRW. Africa: Rights Progress for Pregnant Students. **HRW**, 29 set. 2021. Disponível em: <<https://www.hrw.org/news/2021/09/29/africa-rights-progress-pregnant-students>>.

HRW. Israel and Palestine: events of 2021. **Hrw.org**, 11 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.hrw.org/world-report/2022/country-chapters/israel/palestine>>.

HUCAL, S. Afghanistan: Who are the Hazaras? **Aljazeera**, Doha, Qatar: 27 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/features/2016/6/27/afghanistan-who-are-the-hazaras>>.

HUGUET, C. G. Primeras Narradoras Salvadoreñas. **Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana 2014**, Antiguo Cuscatlán, 29 jul. 2014. p. 1-16. Disponível em: <https://www.ujmd.edu.sv/wp-content/uploads/2018/10/JALLA_CGH_20140725.pdf>.

HUMAN RIGHTS WATCH (HRW). Article for the Committee for the Elimination of All Forms of Discrimination against Women in Iraq - 74th Session, September 2019. **HRW**, 07 out. 2019. Disponível em: <<https://www.hrw.org/news/2019/10/07/submission-committee-elimination-all-forms-discrimination-against-women-iraq>>.

HUMAN RIGHTS WATCH (HRW). Lebanon: Broken Promises On Women's Rights. **HRW**, 04 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.hrw.org/news/2020/11/04/lebanon-broken-promises-womens-rights>>.

IBGE. **Estatísticas de gênero - indicadores sociais das mulheres no Brasil: estudos e pesquisas - informação demográfica e socioeconômica nº 38**. Rio de Janeiro: Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>.

IBGE. **Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica número 42**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101687.pdf>>.

IBRAHIM FOUNDATION. **COVID-19 in Africa one year on: Impact and Prospects.** Dakar: Fundação Mo Ibrahim, 2021.

IGLHRC - INTERNATIONAL GAY AND LESBIAN HUMAN RIGHTS COMMISSION. **Violence: Through the Lens of Lesbians, Bisexual Women and Trans People in Asia.** New York: IGLHRC, 2014. Disponível em: <https://outrightinternational.org/sites/default/files/LBT_ForUpload0614.pdf>.

ILGA WORLD. **Homofobia De Estado: actualización del panorama global de la legislación.** Ginebra: ILGA, Dezembro, 2020. Disponível em: <https://ilga.org/downloads/ILGA_Mundo_Homofobia_de_Estado_Actualizacion_Panorama_global_Legislacion_diciembre_2020.pdf>.

INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA (ISP). **Dossiê Mulher 2021.** 16. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Segurança Pública, 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA (INEGI). **Panorama nacional sobre la situación de la violencia contra las mujeres.** México: INEGI, 2020.

IP USP. Voz Própria. **Ip.Usp**, 09 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.ip.usp.br/site/evento/xli-coloquio-do-lefe-voz-propria/>>.

ISAAC, B. **The Invention of Racism in Classical Antiquity.** New Jersey: Princeton University Press, 2004.

IVÁNOVA, A. **O martelo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Garupa, 2017.

JABAVU, N. **The Ochre People.** London: Murray, 1963.

JAYYUSI, S. K. **Modern Arabic Poetry: An Anthology.** Nova York: Columbia University Press, 1987.

JESUS, C. M. D. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KAMBEBA, M. W. **Poemas e crônicas**: Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade. Manaus: Grafisa, 2013.

KAUR, R. **O que o sol faz com as flores**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017.

KAUR, R. **Meu corpo minha casa**. São Paulo: Planeta, 2020.

KHAMBATA, Z. Female genital cutting: A poem. **Sahiyo**, 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://sahiyo.com/2021/06/18/female-genital-cutting-a-poem/>>.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOSHIN, S. A. I wish - A Poem About FGM, For The Girl Generation. **Thegirl-generation**, 25 out. 2018. Disponível em: <<https://www.thegirlgeneration.org/blog/i-wish-poem-about-fgm>>.

KRAEMER, H.; SPRENGER, J. **Malleus Maleficarum**: O Martelo das Bruxas. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: BestBolso, 1487/2015.

LABORDE, A. Simone Biles, em depoimento sobre o que sofreu: “Culpo Nassar e todo o sistema que permitiu o abuso sexual”. **El País**, 15 set. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2021-09-15/simone-biles-em-depoimento-sobre-o-que-sofreu-culpo-nassar-e-todo-o-sistema-que-permitiu-o-abuso-sexual.html>>.

LAMB, C. Woman poet? Slain for her verse? **The Times**, 13 nov. 2005. Disponível em: <<https://www.thetimes.co.uk/article/woman-poet-slain-for-her-verse-70ng7rrqsk9>>.

LANOT, M. P. **Witch’s Dance at Iba Pang Tula Sa Filipino at Español**. Manila: Anvil, 2000.

LARRIVA, E. A. **Antología Poética**. Caracas: Monte Avila, 1976.

LAW, L. S. Prostitución: El infierno en Tijuana. **El Universal**, 28 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.eluniversal.com.mx/articulo/estados/2016/02/28/prostitucion-el-infierno-infantil-en-tijuana>>.

LAYA, A. **Nuestra Causa**. 2. ed. Caracas, Venezuela: Centro de Estudios de la Mujer de la Universidad Central de Venezuela; Ministerio del Poder Popular para la Mujer y la Igualdad de Género, 2014.

LIMAS, L. D. **La petite mort**: transgressão e gozo erótico. Florianópolis: UFSC, 2014. (Dissertação).

LISBOA, H. **O menino poeta**: obra completa. São Paulo: Peirópolis, 2008.

LISPECTOR, C. Panorama com Clarice Lispector. **Tv Cultura**, São Paulo, 01 fev. 1977. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/videos/5101_panorama-com-clarice-lispector.html>.

LITERAFRO. Esmeralda Ribeiro. **Literafro**, 17 nov. 2021. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/244-esmeralda-ribeiro>>.

LITERAFRO. Conceição Evaristo. **Literafro**, 07 jan. 2022. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>.

LITERAFRO. Geni Guimarães. **Literafro**, 23 fev. 2022. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/267-geni-guimaraes>>.

LITTLE SISTERS FUND (LSF). Facts About Girls Education In Nepal. **Little-sistersfund.org/**, 04 mar. 2020. Disponível em: <<https://littlesistersfund.org/2020/03/04/6-facts-about-girls-education-in-nepal/>>.

LOGAN, H. **Mulheres de Cabul**. Tradução de Celeste Marcondes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MACUR, J. Gymnasts' Abusers 'Were Buds and Protected Each Other'. **New York Times**, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes-com.translate.goog/2021/02/26/sports/olympics/geddert-nassar-gymnastics-abuse.html?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=op,sc>.

MAGGIO, S. Estupro corretivo em lésbicas é usado em clínicas da América do Sul. **Agencia Patricia Galvão**, 21 set. 2017. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/lgbt/estupro-corretivo-em-lesbicas-e-usado-em-clinicas-da-america-sul/>>.

MAGONA, S. **To My Children's Children**. South Africa: D. Philip, Africasouth New Writing, 1990.

MAGONA, S. **Living, Loving, and Lying Awake at Night**. 2. ed. USA: Interlink Publishing, 2009.

MALUM NALU. Melissa Aigilo is Papua New Guinea's leading woman writer. **Malum Nalu**, 24 jul. 2008. Disponível em: <<https://malumnalu.blogspot.com/2008/07/melissa-aigilo-is-papua-new-guineas.html>>.

MANNELL, J. et al. A Qualitative Study of Women's Lived Experiences of Conflict and Domestic Violence in Afghanistan. **Violence Against Women**, University of Kentucky, 27, n. 11, 01 set. 2021. 1862-1878. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177%2F1077801220935191>>.

MANUAL DE BÊNÇÃOS DO JUDAÍSMO. 6. ed. São Paulo: Beit Chabad Central, 1998.

MARGARIDO, M. M. Vós que ocupais a nossa Terra. In: MARGARIDO, A. **Poetas de São tomé e Príncipe**. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1963.

MÁRQUEZ, G. G. **Cem anos de solidão**. Tradução de Eliane Zagury. 48. ed. São Paulo: Record, 1967.

MATUS AVELAR, S. E. Amar a otra mujer. **La Otredad**, 30 jun. 2010. Disponível em: <<https://mujeresycambio.blogspot.com/search?q=amar+otra+mujer>>.

MAYNIAL, P. **Madeleine Pauliac - L'insoumise**. Paris : XO Éditions, 2017.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 122-151, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>.

MCCLANAHAN, P. Soaring Through the Swiss Alps With a Champion Paraglider. **Afar**, 31 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.afar.com/magazine/paragliding-in-switzerland-with-yael-margelisch>>.

MCKAY, H. Tanzania to allow students to attend school after giving birth. **Aljazeera**, 24 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2021/11/24/tanzania-allow-students-attend-school-after-giving-birth>>.

MELO, M. E. I. **Transformaciones identitarias de las mujeres como resultado de su participación política en las guerrillas y en las acciones colectivas por la paz en Colombia**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2007. Disponível em: <<https://eprints.ucm.es/id/eprint/7522/1/T29667.pdf>>.

MELO, R. L. A. D. **Ykamiabas – filhas da lua, mulheres da terra**. São Paulo: Nelpa, 2012.

MEMO - MIDDLE EAST MONITOR. Report: 6.4m Palestinians are refugees. **middleeastmonitor**, 20 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220620-report-6-4m-palestinians-are-refugees/>>.

MIRGA-WÓJTOWICZ, E.; FIAKOWSKA, K. “Be careful out there, in that Gypsy district” – anti-gypsyism in a war situation. **Pl.boell.org**, 24 maio 2022. Disponível em: <<https://pl.boell.org/en/2022/05/16/uwazajcie-tam-w-tej-cyganskiej-dzielnicy-antycyganizm-w-warunkach-wojny>>.

MISLEH, S. **Al Nakba**: um estudo sobre a catástrofe palestina. São Paulo: Sundermann, 2017.

MISLEH, S. Devemos nos inspirar na resistência da mulher palestina. **Carta Capital**, 12 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/mundo/devemos-nos-inspirar-na-resistencia-da-mulher-palestina/>>.

MISTRAL, G. Dame la mano. In: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Gabriela Mistral en verso y prosa. Antología**. Lima: Santillana Ediciones Generales, 2010. p. 197-197.

MISTRAL, G. Decálogo del artista. In: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Gabriela Mistral en verso y prosa. Antología**. Lima: Santillana Ediciones Generales, 2010. p. 535.

MNCR. Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis. **Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)**, 21 mar. 2014. Disponível em: <<http://beta.mncr.org.br:8080/site/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>>.

MORIN, E. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN (ORG.), D. F. **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 274-287.

MORRIS, H.; LOZANO, J. J. Impunity: Qué clase de guerra tiene Colombia? **Contravia TV**, Colombia, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cHMSzpaZ2iI>>.

MOURA, V. S. Spirit Me Away: The women and girls lost to trafficking in Nepal. **Al Jazeera**, 08 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/gallery/2020/3/8/spirit-me-away-the-women-and-girls-lost-to-trafficking-in-nepal>>.

MPPM - MOVIMENTO PELOS DIREITOS DO POVO PALESTINO E PELA PAZ NO MÉDIO ORIENTE. **A poesia palestina do século XX**. Lisboa: MPPM, 2010.

MUNTANER, D. Pakistán: los fantasmas de Karachi. **Arte TV**, 05 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.arte.tv/es/videos/093391-000-A/arte-reportaje/>>.

MURAD, N. **Eu serei a última**: a história do meu cativo e a minha luta contra o Estado Islâmico. Tradução de Ester Cortegano. Lisboa: Penguin Random House, 2017.

MURRAY, C. Migrants raped and trafficked as U.S. and Mexico tighten borders, charity says. **Reuters**, 11 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-mexico-migrants-trafficking-idUSKBN2052B1>>.

MWANGI, M. Africa: Rights Progress for Pregnant Students. **Hrw.org**, 2021. Disponível em: <<https://www.hrw.org/news/2021/09/29/africa-rights-progress-pregnant-students>>. Acesso em: 26 set. 2022.

NDLOVU, M. Born Still by Malika Ndlovu. **Cape Town Midwifery and Birth Conference**, 22 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GydZEXGwDfE>>.

NDLOVU, M. L. **Born in Africa but**. Cape Town: Educall, Harrington House, 2000.

NEPALI, D. Deepa's Poem. **Blinknow.org**, 11 out. 2016. Disponível em: <<https://blinknow.org/journal/entry/deepas-poem>>.

NETO, D. Spôjmai Zariâb, escritora afegã, cansada da guerra. **Publico**, 17 dez. 2001. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2001/12/17/jornal/spojmai-zariab-escritora-afega-cansada-da-guerra-165474>>.

NKANJENI, U. Lest we forget: Uyinene Mrwetyana's murder remembered a year on. **Timeslive**, 24 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.timeslive.co.za/news/south-africa/2020-08-24-lest-we-forget-uyinene-mrwetyanas-murder-remembered-a-year-on/>>.

NO TENGO MIEDO. **Nuestra Voz Persiste**: Diagnóstico de la situación de personas lesbianas, gays, bisexuales, transgénero, intersexuales y queer en el Perú. Lima: Tránsito - Vías de Comunicación Escénica, 2016. Disponível em: <<https://www.idea.int/sites/default/files/publications/nuestra-vos-persiste.pdf>>.

NOFAL, A. Palestinians pay homage to poet Fadwa Tuqan. **Al-monitor**, 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.al-monitor.com/originals/2018/01/palestinians-pay-homageto-fatwa-tuqan.html>>.

NYAKI, E. J. The Power of Healing: By Sister Euphrasia Nyaki. **Maryknollsisters**, 01 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.maryknollsisters.org/2016/01/07/the-power-of-healing-by-sister-euphrasia-nyaki/>>.

ÖCALAN, A. **Democratic Confederalism**. London: International Initiative “Freedom for Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan”, 2011. Disponível em: <<http://www.freedom-for-ocalan.com/>>.

ÖCALAN, A. **Libertando a vida: a revolução das mulheres**. Tradução de Sérgio Granja. São Paulo: Fundação Lauro Campos, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/fundacaolaurocampos/docs/__libertando-a-vida>.

OCHA - UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS. Protection of Civilians Report: 31 May-13 June 2022. **Ochaopt.org**, 17 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.ochaopt.org/poc/31may-13june-2022>>.

OCHA. Data on casualties. **Ochaopt.org**, 2022. Disponível em: <<https://www.ochaopt.org/data/casualties#>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

OHCHR. Nepal must now deliver on promise of social justice - UN human rights expert. **Ohchr.org**, 09 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=27936&LangID=E>>.

OLIVEIRA, M. I. D. C. Lembrança assim, é tanta coisa! In: COELHO (ORG), E. **Quarentena da resistência: na voz de 21 catadoras**. Santo André: Coopacesso, 2021. p. 21-24.

OLIVO, M. As Diabas. **Revista Acrobata**, 29 out. 2021. Disponível em: <<https://revistaacrobata.com.br/florianomartin/atlas-lirico-da-america-hispanica/4-poemas-de-marielos-olivo-el-salvador-1977/#more-8793>>. Atlas Lírico da América Hispânica, El Salvador. Tradução de Floriano Martins.

OLMO, R. D. Criminología y Derecho Penal: Aspectos Gnoseológicos de una Relación Necesaria en América Latina. **Revista Doctrina Penal**, Ano 10, n. 37, enero-marzo 1987. p. 23-43.

OMAR, A. **Mulheres que fizeram e fazem a história palestina**. São Paulo: MEMO, 2022.

ONU. Timor-Leste incluirá 340 mil pessoas na luta contra a violência a mulheres. **News Un**, 09 mar. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706621>>.

ONU MULHERES. Em entrevista à ONU Mulheres, ginasta Daiane dos Santos fala sobre enfrentamento ao racismo. **Brasil.un.org**, 05 ago. 2019. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/83895-em-entrevista-onu-mulheres-ginasta-daiane-dos-santos-fala-sobre-enfrentamento-ao-racismo>>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Eliminação da Mutilação Genital Feminina: Declaração Conjunta** - OHCHR, UNAIDS, UNDP, UNECA, UNESCO, UNFPA, ACNUR, UNICEF, UNIFEM, OMS. Tradução de João Conceição e Silvia. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2009.

ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (ONU). **The State of Food Security and Nutrition in the World 2022**. Rome: Organization of the United Nations, 2022.

ORMUSA. Alrededor de 400 niñas menores de 12 años fueron víctimas de violencia sexual en el período de enero a septiembre de 2021. **Observatorio de Violencia Ormusa**, 30 nov. 2021. Disponível em: <<https://observatoriodeviolenciaormusa.org/wp-content/uploads/2021/11/Violencia-sexual-enero-a-sept.pdf>>.

ORMUSA. El año 2021, cerró con 132 feminicidios, al menos 17 fueron cometidos por parejas o exparejas de las víctimas. **Observatorio de Violencia Ormusa**, 11 fev. 2022. Disponível em: <<https://observatoriodeviolenciaormusa.org/violencia-femicida/el-ano-2021-cerro-con-132-femicidios-al-menos-17-fueron-cometidos-por-parejas-o-exparejas-de-las-victimas/>>.

ORRÚ, S. E. **O Re-Inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

ORRÚ, S. E. **A Inclusão Menor e o Paradigma da Distorção**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

ORRÚ, S. E. Fiz as malas. In: ORRÚ, S. E. **Arquivo pessoal**. [S.l.]: [s.n.], 2022.

ORRÚ, S. E. Indizível. In: ORRÚ, S. E. **Arquivo pessoal**. [S.l.]: [s.n.], 2022.

ORRÚ, S. E. Quando nada mais couber. In: ORRÚ, S. E. **Arquivo pessoal**. [S.l.]: [s.n.], 2022.

OUTRIGHT ACTION INTERNATIONAL. Violence: Through The Lens of Lesbians, Bisexual Women And Trans People In Asia (Executive Summary). **OutRight Action International**, 06 maio 2016. Disponível em: <<https://outrightinternational.org/print/content/violence-through-lens-lbt-people-asia>>.

OXFAM. Três anos após início da crise, como estão os refugiados Rohingya? **Oxfam**, 15 set. 2020. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/blog/tres-anos-apos-inicio-da-crise-como-estao-os-refugiados-rohingya/>>.

OXFAM. **Relatório Oxfam**: Primeiro a crise, depois a catástrofe. Kenya: Oxfam Internacional, 2022.

PARI. The Blood of Afghans Cry and Mourn. **Awwproject.org/**, 20 abr. 2018. Disponível em: <<http://awwproject.org/>>.

PARIJAT. In the Arms of Death (Mrityuka Angalama). In: HUTT, M. J. **Himalayan Voices: An Introduction to Modern Nepali Literature**. Tradução de Michael James Hutt. Berkeley: University of California, 1991. p. 117-119.

PARRA, V. Violeta Parra – ‘Gracias a la vida’, um verdadeiro hino à vida! **Revista Prosa Verso e Arte**, p. 1-6, 04 out. 1964/2017. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/violeta-parra-gracias-a-la-vida-um-verdadeiro-hino-a-vida/>>.

PAZ, O. **Sor Juana Inés de la Cruz: o las trampas de la fe**. Barcelona: Seix Barral, 1982.

PERI ROSSI, C. De estado de exílio. **Revista de Estudios Sociales**, Colombia, 7, 01 set. 2000. p. 124. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/revestud-soc/29180>>.

PINTO, I. V. et al. Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. **Revista Brasileira de Epidemiologia [online]**, 23, n. Suppl 01, 2020. p. 1-13. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1>>.

PITA AMOR. Círculo de angustia (fragmento). **El Poder de la Palabra**, 1948. Disponível em: <<https://www.epdlp.com/texto.php?id2=2486>>.

PLAN INTERNACIONAL. **Tirando o véu: Estudo sobre casamento infantil no Brasil**. São Paulo: Plan Brasil, 2019.

POETRY ARCHIVE. Makhosazana Xaba. **Poetry Archive**, 2022. Disponível em: <<https://poetryarchive.org/poet/makhosazana-xaba/>>.

POTIGUARA, E. **Metade cara, metade máscara**. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.

PRI - PENAL REFORM INTERNATIONAL. **Global Prison Trends 2021**. Thailand: Penal Reform International and Thailand Institute of Justice, may 2021.

RAJ, S. **The elephant chaser's daughter**. New Jersey: George Foundation Inc., 2017.

RED CHILENA CONTRA LA VIOLENCIA HACIA LAS MUJERES. **Dossier Informativo: 2020-2021: Violencia contra mujeres en Chile**. Chile: Coordinación Nacional Red Chilena contra la Violencia hacia las Mujeres / Fundación Heinrich Böll, 2021. Disponível em: <<http://www.nomasviolenciacontramujeres.cl/wp-content/uploads/2021/08/Dossier-Informativo-Violencia-contra-Mujeres-2020-2021-Red-Chilena.pdf>>.

RED CHILENA CONTRA LA VIOLENCIA HACIA LAS MUJERES. Registros de femicídios. **No mas violencia contra mujeres**, Chile, 25 maio 2022. Disponível em: <<http://www.nomasviolenciacontramujeres.cl/registro-de-femicidios/>>.

REPORTERS WITHOUT BORDERS (RSF). Human rights groups warns European leaders before Turkey summit. **RSF.Org**, 02 abr. 2021. Disponível em:

<<https://rsf.org/en/news/human-rights-groups-warns-european-leaders-turkey-summit>>.

RESSA, M. Alumna and journalist Maria Ressa on freedom of the press and combating disinformation. **Princeton.edu**, 10 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.princeton.edu/news/2019/04/10/alumna-and-journalist-maria-ressa-freedom-press-and-combating-disinformation>>.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, E. Ressurgir das cinzas. In: BARBOSA (ORG.), M. **Cadernos Negros 27**. São Paulo: Quilombhoje, 2004. p. 63.

RODRIGUES, P. D. O.; OLIVEIRA, E. A. D. A política antidrogas dos EUA como estratégia de controle econômico e político da América Latina. **Mundo Livre: Revista Multidisciplinar**, Rio de Janeiro, 7, n. 2, 15 dez. 2021. p. 254-270.

RODRÍGUEZ, K. 381. Poesía Salvadoreña. Kenny Rodríguez. **Nueva York Poetry Review**, 19 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.nuevayorkpoetryreview.com/Nueva-york-Poetry-Review-3478-381-poesia-salvadorea-kenny-rodriguez>>.

ROMEA.CZ. Romani children in the Czech Republic still frequently assessed as mentally disabled and educated separately. **Romea.cz**, 17 jan. 2020. Disponível em: <<http://www.romea.cz/en/news/czech/romani-children-in-the-czech-republic-still-frequently-assessed-as-mentally-disabled-and-educated-separately>>.

RUDDY PINHO. **Nem tão bela, nem tão louca**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2007.

SAADAWI, N. E. **A face oculta de Eva: as mulheres do mundo árabe**. São Paulo: Global, 2002.

SAADAWI, N. E. **La hija de Isis**. Barcelona: Bronce, 2006.

SAFFIOTI, I. B.; ALMEIDA, S. S. D. **Violência de Gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SAFFIOTI, H. I. B. Violência e assédio sexual: Violência de Gênero no Brasil Atual. **Revista de Estudos Feministas**, Volume Especial, n. Número Especial, 1994. 443-461.

SAFFIOTI, H. I. B. Ontogênese e filogênese do gênero. **Contag.org.br**, 2006. Disponível em: <<http://www.contag.org.br/imagens/f759ontogenesedogeneroHELEIETHSAFFIOTI.pdf>>.

SAFI, T. N. An Afghan writer and her pen, caught between blurred lines. **Geneva Solutions.News**, 07 out. 2021. Disponível em: <<https://genevasolutions.news/explorations/dispatches-from-women-in-afghanistan/an-afghan-writer-and-her-pen-caught-between-blurred-lines>>.

SAINT-CLAIR, C. **Bolsonaro: o homem que peitou o Exército e desafia a democracia**. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2018.

SALÚSTIO, D. **Mornas eram as noites**. 3. ed. Cabo Verde: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002.

SAMARAKOON, H. Caste system in Sri Lanka. **Mondointernazionale**, 05 mar. 2022. Disponível em: <<https://mondointernazionale.com/en/caste-system-in-sri-lanka>>.

SÁNCHEZ, Q. D. Las Patronas: 25 años de alimentar migrantes en México. **Revista Amazonas**, 08 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.revistaamazonas.com/2020/07/08/las-patronas-25-anos-de-alimentar-migrantes-en-mexico/>>.

SANTOS, B. Poem for a Child About to Grow. **Philippine Studies**, Manila, 33, n. 3, 1985. 367-368.

SATTAR, M. Bangladesh indigenous ban ‘worse than apartheid’. **Aljazeera**, 24 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/features/2015/6/24/bangladesh-indigenous-ban-worse-than-apartheid>>.

SAULOY, M. Kurdistan, la guerre des filles. **Figra.fr**, France, 2016. Disponível em: <<https://www.figra.fr/archives-figra-2/selection-officielle-2017/competition-internationale-plus-de-40-min-2017/kurdistan-la-guerre-des-filles/>>.

SEGALO, P. Learning from the story of pioneering South African writer Sindiwe Magona. **The Conversation**, 05 mar. 2021.

SEREM-ESINAPWAKA, D. A new dawn: Poetry against FGM. **Blogs.unicef**, 06 fev. 2018. Disponível em: <<https://blogs.unicef.org/blog/poetry-fgm-kenya/>>.

SHAMS, ; HEIN, S. V. How the Taliban are ‘eliminating women’ in Afghanistan. **Dw**, 09 maio 2022. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/how-the-taliban-a-re-eliminating-women-in-afghanistan/a-61736998>>.

SHEILA, C. Sou albino. **Por dentro da africa**, 30 set. 2015. Disponível em: <<https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/africa-em-verso-sou-albino-por-ceilina-sheila>>.

SILVIO, L. D. Correcting Corrective Rape: Carmichele and Developing South Africa’s Affirmative Obligations To Prevent Violence Against Women. **Georgetown Law Journal**, 99, n. 5, jun. 2011. p. 1469-1515. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=1709629>>.

SINGH, R. et al. The relationship between pelvic organ prolapse and short birth intervals in a rural area of Nepal. **Tropical Medicine and Health**, 49, n. 5, 15 jan. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s41182-021-00298-z>>.

SINGH, U. **A History of Ancient and Early Medieval India**. Índia: Pearson Education India, 2009.

SMITH, D. Life for man in rape and killing of lesbian South African footballer. **The Guardian**, 22 set. 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2009/sep/22/eudy-simelane-gangrape-and-murder>>.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). SBP defende vacina contra Covid-19 para crianças e pede urgência na decisão do Ministério da Saúde. **Sbp**, 24 dez. 2021. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Manifesto_sobre_vacinac__a__o_Covid_em_crianças.pdf>.

SOMERVILLE, E. Women’s paragliding event Altitude With Attitude aims to tackle casual sexism in sport. **ABC**, 27 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.>>

abc.net.au/news/2019-11-27/womens-paragliding-event-altitude-with-attitude-tackles-sexism/11741934>.

SPIVAK, G. C. Feminismo e desconstrução, de novo: negociando com o masculinismo inconfesso. In: BRENNAN, T. **Para Além do Falo**: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Tradução de Alice Xavier. Rio de Janeiro: Record. Rosa dos Tempos, 1997. p. 277-297.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPORTMOB. Highest paid female soccer players in 2020. **Sportmob**, 17 jul. 2021. Disponível em: <<https://sportmob.com/en/article/877735-Highest-paid-female-soccer-players-in-2020>>.

SPUTNIK NEWS. Sputnik caught up with the leader of the Syrian Kurdish women's brigade, Nesrin Abdalla, to ask her about the group's goals and its struggle against Daesh. **Sputnik News**, 04 fev. 2016. Disponível em: <<https://sputniknews.com/20160204/kurdish-ypj-leader-interview-1034243327.html>>.

STHAPIT, D. Master of the sky, master of her destiny. **Kathmandupost**, 02 jul. 2022. Disponível em: <<https://kathmandupost.com/videos/2022/07/02/master-of-the-sky-master-of-her-destiny>>.

STRINGFIXER. Crucified. **Stringfixer**, 2022. Disponível em: <<https://stringfixer.com/pt/Crucified>>.

STROCHLIC, N. A viagem ousada para chegar aos famosos budas do Afeganistão – antes de desaparecerem. **Natgeo.pt**, 30 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.natgeo.pt/historia/2021/03/a-viagem-ousada-para-chegar-aos-famosos-budas-do-afeganistao>>.

TAHHAN, Z. A. More than a century on: The Balfour Declaration explained. **Aljazeera**, 02 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/features/2018/11/2/more-than-a-century-on-the-balfour-declaration-explained>>.

TAYLOR, D. Life, death and limbo in the Calais ‘Jungle’ – five years after its demolition. **The Guardian**, 02 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2021/nov/02/life-death-and-limbo-in-the-calais-jungle-five-years-after-its-demolition>>.

TERRA DE DIREITOS E JUSTIÇA GLOBAL. **Começo do Fim?** Rio de Janeiro: Terra de Direitos e Justiça Global, dezembro de 2021.

THE LAWS OF MANU. Tradução de George Bühler. Oxford: Clarendon Press, v. 25 of The Sacred Books of the East, 1886.

TN. El poema de Nadia Anjuman, asesinada por su marido, que se viralizó con la toma del poder de los talibanes en Afganistán. **TN**, 18 ago. 2021. Disponível em: <<https://tn.com.ar/internacional/2021/08/18/el-poema-de-nadia-anjuman-asesinada-por-su-marido-que-se-viralizo-con-la-toma-del-poder-de-los-talibanes-en-afganistan/>>.

TUÉNI, N. **Liban**: poèmes d’amour et de guerre. Lebanon: Dar An-Nahar, 2006.

TUNCEL, S. Erdoğan Will Never Defeat the Fight for Democracy in Turkey. **Jacobin**, 21 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.jacobinmag.com/2021/06/erdogan-sebahat-tuncel-peoples-democratic-party-hdp-political-repression-prisoners-kobane-kurds>>.

TUQAN, F. **Rihla jabaliya, riħla řa^cba**. Amã: řurũq, 1985.

U.S. CUSTOMS AND BORDER PROTECTION (CBP). Southwest Land Border Encounters. **CBP**, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://www.cbp.gov/newsroom/stats/southwest-land-border-encounters?language_content_entity=en>.

ULLAH, Y. I am a Rohingya: Poetry from the World’s Largest Refugee Camp and Beyond. **kenyonreview**, 11 maio 2019. Disponível em: <<https://kenyonreview.org/kr-online-issue/literary-activism/selections/james-byrne-763879/>>.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Brasília: Unesco. 1948.

UNESCO. **Jogo Aberto**: Respostas do setor de educação à violência com base na orientação sexual e na identidade/ expressão de gênero (Relatório Conciso). Brasil: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244652_por>.

UNESCO. How UNESCO is reaching marginalized communities in Nepal with literacy. **En.unesco.org/**, 07 set. 2021. Disponível em: <<https://en.unesco.org/news/how-unesco-reaching-marginalized-communities-nepal-literacy#:~:text=One%20of%20the%20key%20aspects,all%20seven%20of%20Nepal's%20provinces.>>.

UNGER, M. Grecia: Solidaridad en el campo de refugiados de Lesbos. **Arte TV**, 05 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.arte.tv/es/videos/094793-000-A/arte-reportaje/>>.

UNHCR. **Refugee Protection**: A Guide to International Refugee Law. USA: Inter-Parliamentary Union, 2001.

UNHCR. **Witchcraft allegations, refugee protection and human rights**: a review of the evidence. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees, v. Research Paper No. 169 , 2009.

UNHCR. **Coming together for refugee education**. New York: ONU, 2020.

UNHCR. Operational Data Portal - Afghanistan. **Unhcr.org**, 2021.

UNICEF BANGLADESH. **Drinking water quality in bangladesh**. Bangladesh: Government of Bangladesh, Bangladesh Bureau of Statistics, and UNICEF, 2018.

UNICEF PHILIPPINES. **National Baseline Study on Violence against Children**: Philippines. Philippines: Council for the Welfare of Children and UNICEF Philippines, 2016.

UNIDAD PARA LA ATENCIÓN Y LA REPARACIÓN INTEGRAL A LAS VÍCTIMAS (UARIV). Con historias tejidas, víctimas en Medellín se unieron al rechazo mundial a la violencia de género.

Unidadvictimas, Colombia, 26 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.unidadvictimas.gov.co/es/enfoques-diferenciales/con-historias-tejidas-victimas-en-medellin-se-unieron-al-rechazo-mundial-la>>.

UNITED NATIONS. **Global Report on Trafficking in Persons 2018**. New York: UNODC, 2018.

Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/glotip/2018/GLOTiP_2018_BOOK_web_small.pdf>.

UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND (UNICEF). **Female Genital Mutilation/Cutting**: A statistical overview and exploration of the dynamics of change. New York: UNICEF, 2013.

UNITED NATIONS POPULATION FUND (UNFPA). **Project embera-wera**: an experience of cultural change to eradicate female genital. First Edition. ed. Colombia: UNFPA, December, 2011.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Women during the Holocaust. **Holocaust Encyclopedia**, 2022. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/women-during-the-holocaust>>.

UNODC - UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **Nearly twelve million people imprisoned globally**. Austria: United Nations Office on Drugs and Crime, 2021a.

UNODC - UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **Killings of women and girls by their intimate partner or other family members**: Global estimates 2020. Viena: United Nations Office on Drugs and Crime, 2021b.

VALADARES. Mulheres ainda são minoria nas competições de voo livre. **Prefeitura de Valadares**, 08 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/mulheres-ainda-sao-minoria-nas-competicoes-de-vo-livre/86316>>.

VANNUCHI, C. A pandemia de Covid-19 segundo Bolsonaro: da “gripezinha” ao “e daí?” **Uol**, 30 abr. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com>>.

br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm>.

VARALLI, J. T. D. **A morte digna, direito fundamental**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Tese de Doutorado.

VARELA, B. **Blanca Varela**. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2012. Selección y nota introductoria de Perla Schwartz y Jose Luis Sierra.

VERIC, C. S. The Formal is Political: Revaluating Edith L. Tiempo. **Philippine Studies**, Philippines, 51, n. 2, 2003. 256-283. Disponível em: <<http://www.philippinestudies.net/files/journals/1/articles/8390/public/8390-8744-1-PB.pdf>>.

VIENNOT, É. **La France, les femmes et le pouvoir: L'invention de la loi salique (V e - XVIe siècle)**. France: Perrin, v. 1, 2006.

VISUAL CAPITALIST. Mapped: The World's Major Religions. **Visualcapitalist**, 11 fev. 2022.

Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/wp-content/uploads/2022/02/Worlds-Major-Religions.html>>.

WALKFREE. Country data: Philippines. **Global Slavery Index**, 2018. Disponível em: <<https://www.globalslaveryindex.org/2018/data/country-data/philippines/>>.

WASHINGTON POST. Full text: Donald Trump announces a presidential bid. **Washington Post**, 16 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2015/06/16/full-text-donald-trump-announces-a-presidential-bid/>>.

WASHINGTON POST. Leading Philippine presidential contender: Gang rape victim 'so beautiful' he wishes he had 'been first'. **Washington Post**, 08 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2016/04/18/leading-philippines-presidential-contender-gang-rape-victim-so-beautiful-he-wishes-he-had-been-first/>>.

WHITE, L. Eilmer of Malmesbury, an Eleventh Century Aviator: A Case Study of Technological Innovation, Its Context and Tradition. **Technology and Culture**, 2, n. 2, 1961. 97-111. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/3101411>>.

WILKINSON, A. K. “**Sin sanidad, no hay sanidad**”: las prácticas reparativas en Ecuador. Quito: FLACSO, Sede Ecuador, 2013. Disponível em: <<https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/54210.pdf>>.

WORLD ECONOMIC FORUM (WEF). **The Global Gender Gap Report**. Geneva/Switzerland: World Economic Forum, 2016.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The Global Gender Gap Report 2017**. Switzerland: World Economic Forum, 2017. Disponível em: <https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2017.pdf>.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2020**. Switzerland: World Economic Forum, 2020. Disponível em: <https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2020.pdf>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Suicide worldwide in 2019: global health estimates**. Geneva: World Health Organization, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Mental disorders. **Who**, 08 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-disorders>>.

WORLD HOPE INTERNATIONAL. **OSEC: A Modern Face of Human Trafficking**. Alexandria, VA: World Hope International, October, 2020.

XABA, M. Summer. In: ALFRED, M. **Twelve + one: Some Jo'burg poets: their artistic lives and poetry**. South Africa: Botsotso Publishing, 2017. p. 113-126.

YURANI. Mujer guerrillera. **Farc.narod.ru**, julio - octubre 2003. Disponível em: <<http://farc.narod.ru/magazine/31/14s.html>>.

ZAHRA. To Stay or to Go: Which Is More Dangerous? **Awwproject.org**/, 13 jul. 2016. Disponível em: <<http://awwproject.org/2016/07/to-stay-or-to-go-which-is-more-dangerous/>>.

ZAMAN, M. Apartheid no Paquistão. **Dailytimes**, 21 dez. 2019. Disponível em: <<https://dailytimes.com.pk/524019/apartheid-in-pakistan/>>.

ZAMBRANO, A. Diciembre de 2021: Son 20 casos de femicidios para un total de 239 femicidios este año. Utopix, 18 jan. 2022. Disponível em: <<https://utopix.cc/pix/diciembre-de-2021-son-20-casos-de-femicidios-para-un-total-de-239-femicidios-este-ano/>>.

ZARIÂB, S. Spôjmaï Zariâb: the man from Kabu. **The Unesco Courier**, Paris, France, n. 2, p. 8-9, 2008. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000158590/PDF/158580eng.pdf.multi.nameddest=158590>>.

ZOLA, M. LINGUAE: La lingua curda, all'origine di un popolo. **East Journal**, Italia, 09 out. 2019. Disponível em: <<https://www.eastjournal.net/archives/67057>>.



DIALÉTICA
EDITORA

Este livro foi impresso sob demanda, sem estoques. A tecnologia
POD (Print on Demand) utiliza os recursos naturais de forma
racional e inteligente, contribuindo para a preservação da natureza.

"Rico é aquele que sabe ter o suficiente"
(Lao Tze)

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

A Inclusão Menor e o Paradigma da Distorção

O Re-Inventar da Inclusão

Aprendizes com Autismo

O Autismo em Meninas e Mulheres

Autismo, Linguagem e Educação

Autismo: o que os pais devem saber

Esta obra de Sílvia Ester Orrú é um tesouro de informação, análise e reflexão sobre o patriarcado e a luta das mulheres nele. É uma obra única que destaca a importância de entender o contexto histórico e cultural em que o patriarcado se desenvolveu, bem como o papel que as mulheres desempenharam na luta contra ele. O livro aborda questões importantes, como a violência de gênero, a desigualdade de direitos, a discriminação racial e as formas de resistência e organização das mulheres. O livro é abrangente, abordando questões que vão desde a América Latina até a África e a Ásia, ao mesmo tempo é profundamente pessoal, pois a autora compartilha suas próprias experiências e observações. É uma obra que tem forte apelo para leitores de todas as idades e de diferentes backgrounds. É uma leitura importante para aqueles que desejam compreender melhor o patriarcado e as lutas das mulheres nele.

Prof. Dr. Rafael Ferreira

Editor-chefe da Dialética Editora

